COMENTÁRIOS
EXPOSITIVOS
HAGNOS

Hernandes Dias Lopes

SALMOS

1—72
O livro das canções e
orações do povo de Deus

VOL. 1

hagnos

COMENTÁRIOS
EXPOSITIVOS
HAGNOS

SALMOS não é apenas o livro mais lido da Bíblia, é também o mais extenso. É o livro das canções e orações do povo de Deus.

Salmos é um livro para ser lido, cantado e pregado. Inspirado pelo Espírito Santo, esse livro é um reservatório inesgotável de refrigério para o povo de Deus ao longo dos séculos. Os salmos ensinam, exortam, confrontam e consolam. A eles recorremos nas noites sombrias da alma e no alvorecer das celebrações mais festivas. Eles não apenas falam a nós, mas falam por nós, e no espelho deles vemos a nós mesmos, em nossa jornada rumo à glória.

Que esta obra ilumine sua mente e aqueça seu coração. Que estas exposições do Livro de Salmos sejam lidas com profunda reflexão e sejam praticadas com zelo ardente, a fim de que, por meio delas, a igreja seja fortalecida, e a glória de Deus, manifestada.

HERNANDES DIAS LOPES é casado com Udemilta, pai de Thiago e Mariana e avô de Bento. É bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas, SP) e doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary (Jackson, Mississippi, EUA). Compõe a equipe pastoral da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória (ES), desde 1985, e é pastor colaborador da Igreja Presbiteriana de Pinheiros (São Paulo, SP). É conferencista, escritor com mais de 150 títulos publicados e diretor executivo de Luz Para o Caminho. É membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil.

ISBN 978-85-7742-330-9
9 788577 423309
Categoria: Liderança

hagnos.com.br
hagnoseditora
hagnoseditora
editorahagnos

SALMOS

Hernandes Dias Lopes

SALMOS

1–72

O livro das canções e
orações do povo de Deus

VOL. 1

hagnos

© 2022 Hernandes Dias Lopes

1ª edição: março de 2022

Revisão
Jean Charles Xavier
Josemar de Souza Pinto
Nilda Nunes

Diagramação
Catia Soderi

Capa
Claudio Souto (layout)
Wesley Mendonça (adaptação)

Editor
Aldo Menezes

Coordenador de produção
Mauro Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

As opiniões, as interpretações e os conceitos emitidos nesta obra são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente o ponto de vista da Hagnos.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Hagnos Ltda.
Av. Jacinto Júlio, 27
04815-160 — São Paulo, SP
Tel.: (11) 5668-5668

E-mail: hagnos@hagnos.com.br
Home page: www.hagnos.com.br

Editora associada à:

abdr
Associação Brasileira de Direitos Reprográficos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lopes, Hernandes Dias

Salmos: O livro das canções e orações do povo de Deus / Hernandes Dias Lopes. — São Paulo: Hagnos, 2022.

ISBN: 978-85-7742-330-9

1. Bíblia AT - Salmos 2. Igreja cristã – Comentários I. Título

22-10297 CDD 223.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Bíblia AT - Salmos

Dedicatória

Dedico este livro ao querido amigo e irmão Luís Olavo Sabino dos Santos e a sua digníssima esposa, Janete Colla Sabino dos Santos. Casal comprometido com Deus e com a obra missionária. Eles são preciosos cooperadores do nosso ministério.

Sumário

Prefácio 17
Introdução 19

Volume 1 (Salmos 1—72)

1. **A felicidade plena do justo e a ruína total do ímpio**
(*Sl 1:1-6*) 31
2. **O trono de Deus não está abalado**
(*Sl 2:1-12*) 43
3. **Quando a crise vem da própria família**
(*Sl 3:1-8*) 55
4. **Deus, forte refúgio na angústia**
(*Sl 4:1-8*) 67
5. **O destino do justo e do ímpio**
(*Sl 5:1-12*) 77
6. **Um clamor por livramento**
(*Sl 6:1-10*) 87
7. **Um grande livramento**
(*Sl 7:1-17*) 95
8. **A glória de Deus e a dignidade do homem**
(*Sl 8:1-9*) 103

9. **O triunfo de Deus sobre seus inimigos**
(*Sl 9:1-20*) 115
10. **A crueldade do perverso e o livramento do justo**
(*Sl 10:1-18*) 125
11. **O que fazer quando os fundamentos são destruídos**
(*Sl 11:1-7*) 135
12. **Socorro!**
(*Sl 12:1-8*) 149
13. **Da tristeza profunda à alegria exultante**
(*Sl 13:1-6*) 157
14. **O ateísmo e seus frutos amargos**
(*Sl 14:1-7*) 165
15. **Os atributos do verdadeiro adorador**
(*Sl 15:1-5*) 175
16. **O Senhor, nosso melhor tesouro no tempo e na eternidade**
(*Sl 16:1-11*) 187
17. **Um clamor pela proteção divina**
(*Sl 17:1-15*) 195
18. **O retrospecto do agradecido**
(*Sl 18:1-50*) 203
19. **A eloquência de Deus**
(*Sl 19:1-14*) 215
20. **A preparação para a batalha**
(*Sl 20:1-9*) 229
21. **A celebração da vitória**
(*Sl 21:1-13*) 239
22. **A humilhação e a exaltação do Messias**
(*Sl 22:1-31*) 249
23. **O bom pastor e os privilégios de suas ovelhas**
(*Sl 23:1-6*) 261
24. **O triunfo do Rei da Glória**
(*Sl 24:1-10*) 275

25. Um alfabeto de súplica
(*Sl 25:1-22*) 285
26. O que fazer quando somos injustiçados?
(*Sl 26:1-12*) 295
27. A vitória sobre o medo
(*Sl 27:1-12*) 307
28. Quando o clamor e o louvor dão as mãos
(*Sl 28:1-9*) 317
29. A glória de Deus reconhecida no céu e manifestada na terra
(*Sl 29:1-11*) 327
30. Quando o Senhor liberta os seus filhos
(*Sl 30:1-12*) 339
31. As quatro estações da alma
(*Sl 31:1-24*) 349
32. A felicidade daquele que é perdoado por Deus
(*Sl 32:1-11*) 359
33. Adoração, a missão mais nobre dos salvos
(*Sl 33:1-22*) 371
34. O louvor pelo livramento divino
(*Sl 34:1-22*) 385
35. Enfrentando inimigos perigosos
(*Sl 35:1-28*) 397
36. A maldade humana e a benignidade divina
(*Sl 36:1-12*) 407
37. A salvação do justo e a condenação do ímpio
(*Sl 37:1-40*) 417
38. Quando o pecador se arrepende
(*Sl 38:1-22*) 429
39. O fardo insuportável do pecado
(*Sl 39:1-13*) 439
40. Louvor e súplicas
(*Sl 40:1-17*) 449

41. **As grandes experiências da vida**
(*Sl 41:1-13*) 461
42. **O anelo profundo da alma**
(*Sl 42:1-11; 43:1-5*) 473
43. **Quando a fé conflita com os fatos**
(*Sl 44:1-26*) 485
44. **O casamento do noivo celestial com sua noiva amada**
(*Sl 45:1-17*) 495
45. **Deus, o refúgio verdadeiro**
(*Sl 46:1-11*) 505
46. **Aclame ao Rei**
(*Sl 47:1-9*) 517
47. **Igreja, a cidade de Deus**
(*Sl 48:1-14*) 525
48. **A brevidade da vida, a instabilidade da riqueza e a inevitabilidade da morte**
(*Sl 49:1-20*) 535
49. **O culto que agrada a Deus**
(*Sl 50:1-23*) 547
50. **Arrependimento, a porta de entrada da restauração**
(*Sl 51:1-19*) 557
51. **O juízo de Deus sobre o ímpio**
(*Sl 52:1-9*) 573
52. **A insensatez do ateísmo**
(*Sl 53:1-6*) 581
53. **Do desespero à libertação**
(*Sl 54:1-7*) 585
54. **A dor da traição**
(*Sl 55:1-23*) 593
55. **A vitória sobre o medo**
(*Sl 56:1-13*) 605

56. Como cantar na tempestade
(*Sl 57:1-11*) 615
57. Homens maduros para o juízo
(*Sl 58:1-11*) 625
58. Cães uivantes e raivosos
(*Sl 59:1-17*) 635
59. Orando a Deus em tempo de guerra
(*Sl 60:1-12*) 643
60. O clamor do exilado
(*Sl 61:1-8*) 653
61. O poder da argumentação
(*Sl 62:1-12*) 663
62. Deus, o centro de nossos anseios
(*Sl 63:1-11*) 673
63. Lidando com o inimigo camuflado
(*Sl 64:1-10*) 683
64. A excelsa generosidade de Deus
(*Sl 65:1-13*) 691
65. Que todos os povos louvem ao Senhor
(*Sl 66:1-20*) 701
66. Abençoados e abençoadores
(*Sl 67:1-7*) 711
67. A marcha vitoriosa de Deus
(*Sl 68:1-35*) 721
68. Os lamentos do Messias
(*Sl 69:1-36*) 733
69. Oração em tempos de angústia
(*Sl 70:1-5*) 749
70. Deus, verdadeiro refúgio na velhice
(*Sl 71:1-24*) 755
71. O reinado do Messias
(*Sl 72:1-20*) 769

Volume 2 (Salmos 73—150)

72. A prosperidade do ímpio
(*Sl 73:1-28*) 789
73. A destruição do templo de Jerusalém
(*Sl 74:1-23*) 803
74. O justo Juiz
(*Sl 75:1-10*) 813
75. A majestade indisputável de Deus
(*Sl 76:1-12*) 821
76. Quando as crises da vida nos assaltam
(*Sl 77:1-20*) 829
77. A história de um povo amado, porém rebelde
(*Sl 78:1-72*) 837
78. Quando Deus disciplina o seu povo
(*Sl 79:1-13*) 853
79. Um clamor por restauração
(*Sl 80:1-19*) 863
80. Uma solene mensagem de Deus ao seu povo
(*Sl 81:1-16*) 873
81. Os juízes sob o julgamento de Deus
(*Sl 82:1-8*) 883
82. Quando o povo de Deus é cercado por inimigos
(*Sl 83:1-18*) 893
83. A felicidade dos verdadeiros adoradores
(*Sl 84:1-12*) 903
84. Um clamor por avivamento
(*Sl 85:1-13*) 917
85. O dia da angústia
(*Sl 86:1-17*) 927
86. Jerusalém, a cidade de Deus
(*Sl 87:1-7*) 935

87. A noite escura da alma
(*Sl 88:1-18*) 943
88. A soberania de Deus na história
(*Sl 89:1-52*) 955
89. A eternidade de Deus e a efemeridade do homem
(*Sl 90:1-17*) 969
90. O poderoso livramento de Deus
(*Sl 91:1-16*) 981
91. Deus, o motivo do louvor do seu povo
(*Sl 92:1-15*) 993
92. O majestoso reinado do Senhor
(*Sl 93:1-5*) 1003
93. Um clamor por justiça
(*Sl 94:1-23*) 1011
94. Deus é digno de ser adorado
(*Sl 95:1-11*) 1023
95. O Senhor é digno de receber adoração
(*Sl 96:1-13*) 1035
96. A majestade incomparável do Senhor
(*Sl 97:1-12*) 1043
97. Celebrem o Rei!
(*Sl 98:1-9*) 1053
98. A santidade do Senhor
(*Sl 99:1-9*) 1061
99. Como devemos adorar a Deus
(*Sl 100:1-5*) 1069
100. O código de conduta de um líder
(*Sl 101:1-8*) 1079
101. O clamor do aflito
(*Sl 102:1-28*) 1089
102. Um tributo de louvor ao Senhor
(*Sl 103:1-22*) 1101

103. O oratório da criação
(*Sl 104:1-35*) 1113
104. Uma revisão da história do povo de Deus
(*Sl 105:1-45*) 1125
105. A rebeldia de Israel
(*Sl 106:1-48*) 1139
106. O clamor dos angustiados
(*Sl 107:1-43*) 1155
107. Um coração firme
(*Sl 108:1-13*) 1169
108. Assassinato de reputações
(*Sl 109:1-31*) 1177
109. O retrato do Messias
(*Sl 110:1-7*) 1189
110. Deus e suas obras
(*Sl 111:1-10*) 1201
111. O Justo e suas bênçãos
(*Sl 112:1-10*) 1209
112. A grandeza do poder de Deus
(*Sl 113:1-9*) 1217
113. A história do Êxodo
(*Sl 114:1-8*) 1223
114. Glória ao Deus soberano
(*Sl 115:1-18*) 1231
115. Um testemunho de libertação
(*Sl 116:1-19*) 1241
116. Um grande apelo missionário
(*Sl 117:1,2*) 1255
117. Um cântico de triunfo
(*Sl 118:1-29*) 1261
118. A excelência singular da Palavra de Deus
(*Sl 119:1-176*) 1273

119. A aflição do forasteiro
(*Sl 120:1-7*) 1317
120. A jornada do peregrino
(*Sl 121:1-8*) 1327
121. A chegada do peregrino à Casa de Deus
(*Sl 122:1-9*) 1335
122. Ponha seus olhos no Senhor
(*Sl 123:1-4*) 1343
123. O libertador onipotente
(*Sl 124:1-8*) 1351
124. Firmeza inabalável
(*Sl 125:1-5*) 1357
125. Restauração, obra divina
(*Sl 126:1-6*) 1365
126. Deus, o edificador da família
(*Sl 127:1-5*) 1375
127. Feliz, muito feliz!
(*Sl 128:1-6*) 1383
128. A perseguição ao povo de Deus
(*Sl 129*) 1391
129. O clamor das profundezas
(*Sl 130:1-8*) 1401
130. Plena satisfação em Deus
(*Sl 131:1-3*) 1411
131. A Casa do Senhor
(*Sl 132:1-18*) 1423
132. A união dos irmãos
(*Sl 133:1-3*) 1431
133. Voltando para casa
(*Sl 134:1-3*) 1441
134. O Senhor é digno de louvor
(*Sl 135:1-21*) 1451

135. Misericórdias eternas
(*Sl 136:1-26*) 1459
136. O lamento de um exilado
(*Sl 137:1-9*) 1469
137. Um tributo de louvor ao Senhor
(*Sl 138*) 1479
138. Encurralado por Deus
(*Sl 139:1-24*) 1489
139. Deus, o protetor do seu povo
(*Sl 140:1-13*) 1505
140. Tome a decisão de orar
(*Sl 141:1-10*) 1515
141. Do desespero ao triunfo
(*Sl 142:1-7*) 1525
142. O clamor do aflito
(*Sl 143:1-12*) 1533
143. A majestade de Deus e a felicidade do seu povo
(*Sl 144:1-15*) 1545
144. Uma canção de louvor
(*Sl 145:1-21*) 1557
145. Louve ao Deus de Jacó
(*Sl 146:1-10*) 1569
146. Louve ao Deus todo-poderoso
(*Sl 147:1-20*) 1579
147. O louvor universal
(*Sl 148:1-14*) 1589
148. O poder através do louvor
(*Sl 149:1-9*) 1599
149. Louve ao Senhor
(*Sl 150:1-6*) 1609

Prefácio

Salmos é o livro mais lido da Bíblia, e a Bíblia é o livro mais lido do mundo. O livro de Salmos foi escrito durante um longo tempo que vai de Moisés ao período pós-cativeiro babilônico, compreendendo um período longo de mais de dez séculos. Neste primeiro volume, abordaremos dois dos cinco primeiros livros do Saltério, ou seja, examinaremos os salmos 1 a 72.

A vasta maioria dos salmos que vamos aqui expor são da autoria de Davi, o maravilhoso compositor e músico de Israel. Ele não os escreveu em dias ensolarados, no conforto de seu palácio, sob os auspícios de circunstâncias benfazejas. Ao contrário, esses salmos foram

compostos nos dias tenebrosos de sua jornada, sob o calor das circunstâncias mais adversas, enfrentando as providências mais carrancudas.

Os sofrimentos de Davi tornaram-se poesia, e a poesia inspirada pelo Espírito Santo tornou-se fonte de consolo para o povo de Deus ao longo dos séculos. Se as perseguições e as traições que Davi enfrentou não tivessem acontecido, não teríamos a maioria de seus salmos. Se não existisse as prisões do apóstolo Paulo, não teríamos as suas cartas da prisão. Se não existisse o exílio do apóstolo João na ilha de Patmos, não teríamos o livro de Apocalipse. Se não existisse a prisão de John Bunyan na Inglaterra, no século 17, não teríamos o livro *O peregrino*. Em outras palavras, Deus nos permite passar pelo vale, nos assiste no sofrimento, nos livra dos perigos e transforma nossas experiências dolorosas em instrumentos de consolo para aqueles que estão passando pelas mesmas angústias.

Salmos é um livro lido, cantado e pregado. Os salmos são um reservatório inesgotável de refrigério para o povo de Deus e ensinam, exortam, confrontam e consolam. A eles recorremos nas noites escuras e tristes do luto e no alvorecer das celebrações mais festivas. Eles falam a nós e por nós, e no espelho deles vemos a nós mesmos, em nossa jornada rumo à glória.

Minha ardente expectativa é que esta obra ilumine sua mente e aqueça seu coração. Que estas exposições sejam lidas com profunda reflexão e que sejam praticadas com humilde observância, a fim de que, por meio delas, a igreja seja fortalecida e a glória de Deus, manifestada.

Boa leitura!

Introdução

O livro de Salmos é o mais longo da Bíblia. Classificado como um livro poético, faz parte do mesmo grupo de Jó, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Benjamin Galan diz que o livro de Salmos é uma compilação de muitas canções, escritas por muitos autores, num período de muito tempo — em outras palavras, é o livro das canções e orações do povo de Deus. Esse livro nos provisiona com o vocabulário do povo de Deus na adoração. Como aproximar-nos do Deus santo, majestoso e revestido de glória? Com que palavras podemos expressar a Ele nosso amor, nossa alegria, nosso louvor, nossa tristeza, nossa ira, nossa frustração, nossas

dúvidas, nossa solidão e nossa necessidade de perdão? O livro de Salmos oferece-nos esses preciosos recursos.[1]

O livro de Salmos é também um livro de instruções. Assim como o Pentateuco, o livro de Salmos também possui cinco livros. É conhecida a expressão de Atanásio, ilustre pai da igreja do século quarto: "A maioria das Escrituras fala a nós; os Salmos, porém, falam por nós".[2]

Woodrow Michael Kroll diz que é impossível exagerar a importância do livro de Salmos. Na igreja primitiva, não se admitia um indivíduo às ordens superiores do clero, a não ser que soubesse de cor os salmos de Davi. Orígenes, Eusébio, Basílio, Crisóstomo, Atanásio, Ambrósio, Agostinho e Jerônimo escreveram comentários sobre o livro de Salmos.[3] Bruce Waltke diz que dois terços das citações do Novo Testamento são de Salmos. Jesus viveu e recitou Salmos. Os apóstolos, além disso, interpretaram os salmos como profecias sobre Cristo e como os ensinos distintos resultantes da Encarnação, Ressurreição, Ascensão e Pentecostes.[4] Dada essa tão grande importância do livro, e tendo em vista sua melhor compreensão dele, destacaremos a seguir alguns aspectos desse precioso livro.

O nome do livro

A palavra "salmos" vem do grego *psalmos*, que quer dizer um cântico ou um hino para ser cantado com o acompanhamento de algum instrumento de cordas, como a harpa. O verbo grego *psallein* significa "tanger".[5] A palavra hebraica para o livro é *tehillim* e significa "louvores". O livro contém uma coletânea de 150 cânticos e poemas sagrados dos hebreus. Nas palavras de Bill Arnold, "pode-se dizer que os Salmos representam o antigo hinário do povo de Deus".[6]

Champlin diz que, posteriormente, o livro de Salmos veio a ser o livro do Antigo Testamento mais constantemente citado no Novo Testamento, ou seja, cerca de oitenta vezes. Os primeiros hinários cristãos, em vários idiomas, incorporaram muitos dos salmos, que então foram musicados.[7]

Palmer Robertson, citando Joseph Addison Alexander, diz que o livro de Salmos é o mais heterogêneo dos livros sagrados, contendo 150 composições, cada uma completa em si mesma, e variando em comprimento, tema, estilo e tom, resultado do trabalho de muitos autores e de diferentes idades; de modo que um leitor superficial poderia ser tentado a considerá-lo uma coletânea aleatória ou fortuita de materiais desconexos e incongruentes.[8]

A autoria do livro

O livro de Salmos tem vários autores, e esses salmos foram compilados em um só volume depois do cativeiro babilônico. Temos salmo de Moisés, o salmo 90, escrito 1.500 anos antes de Cristo, e salmos pós-cativeiro babilônico, como o salmo 126; ou seja, o livro levou cerca de mil anos para ser composto.

O autor que mais escreveu salmos foi Davi (73 começam com a expressão "Salmo de Davi"). Bill Arnold diz que Davi escreveu diversos tipos diferentes de salmos — de louvor, de de lamento, de penitência, imprecatórios, salmos reais e também salmos messiânicos.[9]

Asafe, um homem que teve um papel importante na adoração pública estabelecida por Davi em Jerusalém (1Cr 15—16), foi outro autor importante do livro de Salmos. Aliás, Davi nomeou Asafe para ser o mestre de canto (1Cr 15:17), e

a ele são atribuídos os salmos 50 e 73—83. Como Davi, ele escreveu vários tipos de salmos.[10]

Os filhos de Coré aparecem, com destaque, como autores de vários salmos. Mui provavelmente, esse Coré não é aquele que morreu por causa de sua contenda com Arão sobre o sacerdócio (Nm 16—17), tendo em vista que esse nome aparece também em 2Crônicas 20:19 em referência a uma ordem de cantores do templo.

Há vários outros autores de salmos. O salmo 90 leva o nome de Moisés. Os salmos 72 e 127 são atribuídos a Salomão. O salmo 88 é atribuído a um sábio de nome Hemã. O salmo 89 é creditado a Etã. Aproximadamente cinquenta salmos não têm título ou cabeçalho e sua autoria continua sendo um mistério.[11]

Carlos Osvaldo Cardoso Pinto resume, dizendo:

> Setenta e três Salmos reivindicam autoria Davídica, doze vieram da pena de Asafe, nove foram compostos pelos descendentes de Corá, dois foram escritos por Salomão, um Hemã e Etã, e um (o mais antigo dos preservados no Saltério) por Moisés. A simples existência dos chamados salmos "órfãos" (1, 2, 10, 33, 43, 46, 66, 67, 71, 91-100, 102, 104-107, 111-121, 123, 125, 126, 128, 130, 132-137, 146-150) sugere que os títulos preservados no texto hebraico deveriam ser levados a sério.[12]

A divisão do livro

Em imitação ao Pentateuco, o livro de Salmos é dividido em cinco livros, cada qual com a sua própria doxologia.[13] Palmer Robertson diz que, em termos mais amplos possíveis, esses cinco livros podem ser categorizados da seguinte forma:[14]

- Livro I: Salmos 1—41 - Confrontação.
- Livro II: Salmos 42—72 - Comunicação.
- Livro III: Salmos 73—89 - Devastação.
- Livro IV: Salmos 90—106 - Amadurecimento.
- Livro V: Salmos 107—150 - Consumação.

O versículo de encerramento do último salmo de cada coleção tipicamente contém algum tipo de doxologia ou atribuição de louvor ao Senhor que serve para "amarrar" aquela parte do livro. A única exceção é o salmo 150, um grande salmo de louvor que, de maneira muito apropriada, conclui a coleção.[15]

Palmer Robertson diz que de importância vital na estrutura do Saltério são os salmos 1 e 2, os dois pilares poéticos que escoltam o leitor para o templo do livro e que, tomados em conjunto, esses dois salmos muito breves antecipam grandes temas que permeiam todos os cinco livros.[16] Eles apresentam a mensagem abrangente de todo o Saltério — a leide Deus e o Messias de Deus — e se unem em uma relação simbiótica, uma vez que ambos, Torá e Messias, Lei e Evangelho, são essenciais para o cumprimento das alianças e para o avanço do reino do Senhor.[17]

A classificação dos salmos

Gleason Archer diz que os salmos incluem, com frequência, um registro dos próprios sentimentos íntimos do salmista, a saber, de desencorajamento, ansiedade ou gratidão jubilosa por causa da oposição dos inimigos de Deus ou em vista da variada providência do Senhor. No entanto, quer o

salmista trate de um tema triste em sua canção quer de um tema alegre, sempre se exprime como quem se sente na presença do Deus vivo.[18]

Os salmos podem ser classificados de várias formas diferentes:

1. *Salmos de hinos:* alguns salmos são hinos de louvor, como o 8, o 136 e o 150.
2. *Salmos de penitência:* os salmos de penitência — como o 38 e o 51 — expressam arrependimento do pecado.
3. *Salmos de sabedoria:* os salmos de sabedoria — como o 1, o 14 e o 73 — relatam observações gerais sobre a vida.
4. *Salmos de realeza:* os salmos de realeza — como o 2, o 45 e o 110 — concentram-se no rei de Israel e o descrevem como um representante de Deus para governar a nação.
5. *Salmos messiânicos:* os salmos messiânicos — como o 2, o 16 e o 22 — descrevem o Messias, o ungido de Deus, e são citados no Novo Testamento em referência a Cristo.
6. *Salmos imprecatórios:* os salmos imprecatórios — por exemplo, 35, 69 e 137 — pedem o julgamento de Deus sobre os inimigos do salmista e podem ser tanto individuais como congregacionais.
7. *Salmos de lamento:* os salmos de lamento — por exemplo, 3, 4 e 6 — são o último tipo de salmos e lamentam um determinado estado ou uma condição

do salmista; por exemplo, Jerusalém retornando do exílio nacional.[19]

8. *Salmos de romagem:* os salmos 120—134 contêm o título "Salmo de romagem". Esse grupo de quinze salmos está unido como canções adequadas para peregrinos, quer subindo a Jerusalém para adorar quer descendo de Jerusalém para servir.

As ênfases do livro de Salmos

Gordon Fee diz que as grandes ênfases do livro de Salmos são a confiança em Javé e a adoração a Ele pela sua bondade; lamentos pela perversidade e pelas injustiças; Javé como rei do universo e das nações; o rei de Israel como o representante de Javé em Israel; Israel (e os israelitas individualmente) como o povo da aliança de Deus; e Sião (e o seu templo) como o lugar especial da presença de Javé na terra.[20]

John MacArthur diz que os salmos estão situados em dois cenários: 1) Os atos de Deus na criação e na história; 2) a história de Israel. Historicamente, eles abrangem o período da origem da vida até a alegria pós-exílica dos judeus libertados na Babilônia, ao passo que tematicamente eles cobrem uma grande variedade de assuntos, desde a adoração celestial até a batalha terrena. Ao longo dos tempos, o livro de Salmos tem mantido seu principal propósito, isto é, promover a adoração e o louvor apropriados a Deus.[21]

Jesus no livro de Salmos

Quando Jesus disse para os caminhantes de Emaús que todas as Escrituras falavam a seu respeito, citou especificamente o livro de Salmos (Lc 24:44). Os escritores do Novo

Testamento citaram muitos textos de Salmos em conexão com Jesus, o Messias prometido. Em Atos 4:11, o apóstolo Pedro citou Salmos 118:22 para se referir a Cristo: "a pedra que os construtores rejeitaram, veio a se tornar a pedra angular". Os salmos 2, 16, 22, 69, 110 são os mais citados no Novo Testamento com respeito a Cristo, e todos eles antecipam e explanam a identidade do Rei prometido.[22]

John MacArthur lista vinte profecias messiânicas em Salmos:[23]

- Deus anuncia que Cristo é seu Filho (Sl 2:7) — Mateus 3:17; Atos 13:33; Hebreus 1:5.
- Todas as coisas serão postas sob os pés de Jesus (Sl 8:6) — 1Coríntios 15:25; Hebreus 2:8.
- Cristo ressuscitará do túmulo (Sl 16:10) — Marcos 16:6,7; Atos 13:35.
- Deus desamparará Cristo em seu momento de agonia (Sl 22:1) — Mateus 27:46; Marcos 15:34.
- Cristo será ridicularizado e insultado (Sl 22:7,8) — Mateus 27:39-43; Lucas 23:35.
- As mãos e os pés de Cristo serão transpassados (Sl 22:16) — João 20:25,27; Atos 2:23.
- Pessoas lançarão sortes sobre as vestes de Cristo (Sl 22:18) — Mateus 27:35,36.
- Nenhum dos ossos de Cristo será quebrado (Sl 34:20) — João 19:32,33,36.
- Cristo será odiado injustamente (Sl 35:19) — João 15:25.

- Cristo virá para cumprir a vontade de Deus (Sl 40:7,8) — Hb 10:7.
- Cristo será traído por um amigo (Sl 41:9) — João 13:18.
- O trono de Cristo será eterno (Sl 45:6) — Hebreus 1:8.
- Cristo ascenderá ao céu (Sl 68:18) — Efésios 4:8.
- O zelo pela casa de Deus consumirá Cristo (Sl 69:9) — João 2:17.
- Vinagre e fel serão oferecidos a Cristo (Sl 69:21) — Mateus 27:34; João 19:28-30.
- O traidor de Cristo será substituído (Sl 109:8) — Atos 1:20.
- Os inimigos de Cristo se curvarão diante dele (Sl 110:1) — Atos 2:34,35.
- Cristo será um sacerdote como Melquisedeque (Sl 110:4) — Hebreus 5:6; 6:20; 7:17.
- Cristo será a pedra angular (Sl 118:22) — Mateus 21:42; Atos 4:11.
- Cristo virá em nome do Senhor (Sl 118:26) — Mateus 2:19.

Notas

[1] Galan, Benjamin et. al. *Bible Overwiew.* Torrance: Rose Publishing, 2012, p. 87.

[2] Ibidem, p. 88.

[3] Kroll, Woodrow M. "The Psalms". In: *The Complete Bible Commentary.* Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999, p. 511.

[4] Waltke, Bruce K.; Houston, James M. *Os Salmos como adoração cristã.* São Paulo: Shedd Publicações, 2019, p. 45.
[5] Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.* Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 2051, 2058.
[6] Arnold, Bill T.; Beyer, Bryan E. *Descobrindo o Antigo Testamento.* São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 304.
[7] Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 2051.
[8] Robertson, Palmer. *A estrutura e teologia dos Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 24.
[9] Arnold, Bill T.; Beyer,Bryan E. *Descobrindo o Antigo Testamento*, p. 304.
[10] Ibidem.
[11] Ibidem, p. 305.
[12] Pinto, Carlos Osvaldo. *Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento.* São Paulo: Hagnos, 2014, p. 450-451.
[13] Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 2060.
[14] Robertson, Palmer. *A estrutura e teologia dos Salmos*, p. 69.
[15] Arnold, Bill T.; Beyer, Bryan E. *Descobrindo o Antigo Testamento*, p. 306.
[16] Robertson, Palmer. *A estrutura e teologia dos Salmos*, p. 33.
[17] Ibidem, p. 72.
[18] Archer Jr., Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 553.
[19] Robertson, Palmer. *A estrutura e teologia dos Salmos*, p. 37.
[20] Fee, Douglas; Stuart, Douglas. *Como ler a Bíblia livro por livro.* São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 155.
[21] MacArthur, John. *Manual bíblico MacArthur.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015, p. 194.
[22] Galan, Benjamin et al. *Bible Overwiew*, p. 91.
[23] MacArthur, John. *Manual bíblico MacArthur*, p. 198.

LIVRO 1
(Salmos 1—41)

Capítulo 1

A felicidade plena do justo e a ruína total do ímpio

(Sl 1:1-6)

Esse salmo é o prefácio do Saltério, a porta de entrada e ao mesmo tempo o resumo do maior livro da Bíblia. Ele não tem um título porque é como se fosse o título de todo o livro.[1] Derek Kidner, nessa mesma linha de pensamento, diz que é provável que esse salmo tenha sido especialmente composto como introdução ao Saltério inteiro.[2]

O salmo 1 destaca o profundo contraste entre a vida feliz do justo e a infelicidade do ímpio, demonstrando que, se o justo é firme como uma árvore plantada junto a correntes de águas, o ímpio é instável como uma palha levada pelo vento; se o justo é frutífero e mantém

sua beleza mesmo nos tempos de sequidão, o ímpio é seco como uma palha destinada para o fogo; e, se o caminho do justo é conhecido por Deus, o caminho do ímpio perecerá.

Warren Wiersbe diz que a história bíblica parece desenvolver-se em torno do conceito de "dois homens": o primeiro Adão e o último Adão, Caim e Abel, Ismael e Isaque, Esaú e Jacó, Saul e Davi, o Anticristo e Cristo. Dois homens, dois caminhos, dois destinos.[3] Vejamos este profundo contraste.

A felicidade plena do justo (1:1-3)

O salmo 1, à semelhança do conhecido Sermão do Monte, traz a felicidade no seu frontispício, mas não uma felicidade terrena, mundana e passageira, e sim uma felicidade plena, espiritual e eterna. O problema do homem não é a busca da felicidade, mas contentar-se com uma felicidade pequena demais. Deus nos criou e nos salvou para a maior das felicidades, a felicidade de conhecê-lo, amá-lo e fruí-lo.

Nesse salmo, a felicidade do justo decorre de três razões eloquentes.

Em primeiro lugar, *o justo é feliz por aquilo que evita* (1:1): "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores". Woodrow Kroll diz que aqui o salmista lista três tipos de pecadores, três expressões de pecado e três lugares de pecado disponíveis, que não são frequentados pelo homem justo.[4]

Esse versículo ensina o justo a precaver-se das opiniões dos ímpios, do estilo de vida dos pecadores e da associação com os escarnecedores.[5] Segundo Allan Harman, os justos não olham para os ímpios como fonte de sabedoria; sua

vereda não é aquela transitada por pecadores; e sua companhia não é com aqueles que escarnecem de Deus.[6]

Charles Swindoll está correto ao escrever: "Nós seremos felizes, muitas e muitas vezes felizes, se mantivermos um andar puro, livre até mesmo do menor flerte com o mal".[7] William MacDonald diz que diariamente o mundo está fazendo uma lavagem cerebral nas pessoas, falando para elas que a verdadeira satisfação é encontrada nos prazeres da carne. Televisão, rádio, filmes e revistas sugerem que a permissividade é a estrada da plenitude e que a vida de pureza não passa de um puritanismo retrógrado.[8] Ledo engano! O pecado oferece primeiro o prazer, mas depois produz uma dor permanente e incurável, ao passo que a virtude oferece primeiro a dor da renúncia, mas depois proporciona uma alegria maiúscula e perene.

Tudo neste versículo está em progressão. Primeiro, vejamos os verbos de ação em ordem decrescente: andar — deter — assentar. Segundo, vejamos a escravidão do mundo em ordem crescente: conselho — caminho — roda. Terceiro, vejamos os homens na sua ruína decadente: ímpios — pecadores — escarnecedores. Um abismo chama outro abismo. A senda do pecado é uma estrada rumo à condenação, por isso a Palavra de Deus nos exorta a não nos conformamos com o mundo (Rm 12:2), a não sermos amigos do mundo (Tg 4:4) e a não amarmos o mundo (1Jo 2:15), para não sermos condenados com o mundo (1Co 11:32). Ló arruinou sua vida porque levou sua família para Sodoma, ao passo que Pedro negou a Jesus porque assentou-se na roda dos escarnecedores. Concordo com W. T. Purkiser quando escreve: "Não pode existir vida santa sem renúncia do mal".[9] Destacaremos estes três pontos:

Primeiro, *o justo é feliz ao evitar o conselho dos ímpios* (1:1). Mas quem é o ímpio? É aquele que não leva Deus em conta, que toca a vida como se Deus não existisse. O ímpio tem sua cosmovisão, e seu sistema de valores governa sua vida, suas decisões, suas palavras, seus negócios. Esses conselhos são tidos em alta conta pela sociedade (73:10), mas, se seguidos, levam o homem para o abismo da infelicidade e da ruína eterna. Isso porque a verdadeira alegria só existe na presença de Deus (16:11).

Segundo, *o justo é feliz ao evitar o caminho dos pecadores* (1:1). O pecador é aquele que, deliberadamente, aparta-se de Deus e rebela-se contra sua vontade; ele erra o alvo e transgride os preceitos divinos. Os pecadores têm um caminho e andam e agem de acordo com essa oposição hostil a Deus. Por isso, andar nesse caminho largo é entrar numa rota de prazeres imediatos, porém efêmeros, pois esse caminho largo conduz à perdição, à infelicidade irremediável.

Terceiro, *o justo é feliz ao evitar a roda dos escarnecedores* (1:1). O escarnecedor é aquele que colou grau em maldade e atingiu o último estágio da decadência espiritual. Ele não apenas desconsidera Deus e se opõe a ele, como também zomba de Deus e escarnece dele e de sua lei. Ele faz troça das coisas sagradas, desanda a boca para vilipendiar o sagrado e ergue os punhos contra os céus. Sendo assim, assentar-se à roda desses blasfemos, tornando-se um deles, como eles, é alimentar-se do absinto da mais mortífera infelicidade. Concordo com Charles Spurgeon quando escreve: "A roda dos escarnecedores pode ser muito imponente, mas está muito perto das portas do inferno. Fujamos, pois em breve essa roda estará vazia, e a destruição engolirá o homem que se assentar nela".[10]

W. T. Purkiser resume o que o justo deve evitar:

> *Anda* significa uma associação casual ou passageira com aqueles que vivem fora da sintonia com Deus. *Detém* é uma comunhão contínua com pessoas que são continuamente pecaminosas em atitudes e atos. *Assenta* implica que a pessoa está à vontade no meio daqueles que zombam de Deus e da religião. A pessoa justa recusa-se a dar um passo sequer em direção a esse caminho inferior.[11]

Derek Kidner tem razão em dizer que as três frases completas mostram três aspectos ou três graus de separação de Deus, uma vez que retratam a conformidade a este mundo em três níveis diferentes: a aceitação dos seus conselhos, a participação dos seus costumes e a adoção da sua atitude mais fatal.[12]

Em segundo lugar, *o justo é feliz por aquilo que faz* (1:2). "Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite." A vida cristã tem um aspecto negativo e outro positivo. Negativamente, devemos evitar o que Deus reprova e, positivamente, devemos fazer o que Deus ordena. O justo não apenas se aparta do conselho dos ímpios, do caminho dos pecadores e da roda dos escarnecedores, mas também dedica-se ao estudo prazeroso e à meditação diária da lei do Senhor. Concordo com Woodrow Kroll quando diz que a palavra hebraica *Torah,* "a lei do Senhor", deve ser entendida como mais do que a lei de Moisés, pois ela é um sinônimo de toda a Palavra de Deus.[13] Nessa mesma linha de pensamento, Purkiser diz que o termo hebraico *Torah* tem um significado muito mais amplo do que é sugerido por "lei". Ela representa todo o caminho revelado de vida contido nos ensinos de Moisés

e nos profetas e é usada paralelamente com a expressão "a palavra do Senhor", termos que são praticamente sinônimos.[14] Willem VanGemeren diz que a "lei", *Torah,* significa primariamente instrução que vem de Deus com o propósito de ajudar-nos a viver em harmonia com a vontade do Senhor. Sendo assim, podemos dizer que o deleite do crente não é apenas conhecer, estudar e memorizar a Palavra de Deus, mas especialmente fazer a vontade do Mestre.[15]

Para o salmista, essa lei é mais preciosa do que muito ouro depurado e mais doce do que o mel e o destilar dos favos (19:10). Na lei de Deus, ele encontra instrução, direção, proteção e deleite. Derek Kidner está certo quando diz que a mente é o primeiro baluarte a ser defendido, conforme o versículo 1, e ela é tratada como chave para o homem inteiro. A lei do Senhor se coloca em oposição ao conselho dos ímpios.[16]

Charles Spurgeon diz que "a meditação rumina e coloca a doçura e a virtude nutritiva da Palavra no coração e na vida".[17] Allan Harman diz que o termo hebraico traduzido por "medita" implica algo mais que reflexão silenciosa: significa sussurrar ou murmurar.[18] Arival Dias Casemiro diz que a ideia é ruminar e mastigar a Palavra de Deus,[19] enquanto Warren Wiersbe diz que a meditação é para o homem interior o que a digestão é para o corpo, isto é, pela meditação a Palavra torna-se parte de sua vida e por ela você cresce.[20]

Warren Wiersbe alerta para o fato de que, como povo de Deus, devemos preferir a Palavra de Deus aos alimentos (119:103; Mt 4:4), ao sono (119:147,148), às riquezas (19:10; 119:72) e aos amigos (119:23,51,95,119).[21]

Em terceiro lugar, *o justo é feliz por aquilo que é* (1:3). "Ele é como árvore plantada junto a correntes de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido." O justo não é uma árvore nativa ou silvestre, mas uma árvore plantada, cultivada e cuidada. Não é uma árvore plantada nos terrenos baldios e secos, mas junto a correntes de águas. Se um ribeiro secar, tem outro. O rio da graça é fonte de provisão que jamais seca.[22] Não nutrimos a nós mesmos. Estamos plantados em Cristo, enxertados nele, e dele procede todo o poder. O justo não é inconstante em sua frutificação, pois no devido tempo dá o seu fruto: paciência na aflição, gratidão na prosperidade, zelo na oportunidade.[23] Concordo com William MacDonald quando diz que o homem que é separado do pecado e separado para as Escrituras tem todas as qualidades de uma árvore forte, saudável e frutífera.[24]

Na vida do justo, o fruto vem antes da folhagem, e ele não vive de aparência. O justo é governado pelo céu, por isso é próspero em tudo o que faz. Charles Spurgeon é oportuno quando escreve:

> O salmista descreve o fruto antes das folhas. O próprio Espírito Santo sempre ensina o pregador fiel na igreja para que saiba que o reino de Deus não consiste em palavra, mas em poder (1Co 4:20). "Jesus começou não só a fazer, mas a ensinar" (At 1:1). "Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras" (Lc 24:19). Assim, aquele que professa a palavra da doutrina, primeiro dá os frutos da vida, pois, caso não dê, ele murcha, pois Cristo amaldiçoou a figueira que não deu frutos.[25]

Arival Dias Casemiro destaca cinco características do justo que é comparado a uma árvore: 1) sua permanência — está firmemente plantada; 2) sua posição — está plantada junto a corrente de águas; 3) sua produtividade — no devido tempo dá o seu fruto; 4) sua perpetuidade — a folhagem não murcha; 5) sua prosperidade — tudo quanto faz será bem-sucedido.[26]

A ruína total do ímpio (1:4-6)

Os ímpios são o oposto dos justos, assim como uma árvore frutífera é o oposto de uma palha seca. O justo recebe bênçãos, enquanto o ímpio recebe julgamento; os justos têm segurança por terem suas raízes profundas, junto a correntes de águas, ao passo que os ímpios são levados pelo vento, porque são como palha seca. Charles Swindoll alerta: "Nunca duvide dos perigos provocados pela erosão espiritual e moral".[27] Três verdades solenes são destacadas aqui:

Em primeiro lugar, *os ímpios não têm estabilidade* (1:4). "Os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa." Os ímpios são como a palha que não têm raiz nem fruto, pois a palha é seca, morta e sem valor. Ela não nutre ninguém nem encanta aos olhos. Além disso, a palha não tem estabilidade; então, quando o vento sopra, é dispersa. Ela também não tem valor algum e está destinada ao fogo. Derek Kidner diz que a figura é tirada do joeirar, ato mediante o qual o trigo debulhado é jogado para cima, para o vento soprar para longe a palha, deixando somente o grão para trás.[28] Tanto os homens de palha como suas obras de palha serão levados pelo vento.

Concordo com Warren Wiersbe quando diz que a palha fica muito próxima dos grãos, mas, no final, os dois são separados. Em outras palavras, quando o dia do julgamento chegar, o Senhor, o Justo Juiz, separará o trigo do joio, as ovelhas dos bodes e os grãos da palha, e nenhum incrédulo poderá reunir-se com os justos. No dia do julgamento final, Jesus dirá aos perversos: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mt 7:23).[29]

Em segundo lugar, *os perversos serão condenados no juízo* (1:5a). "Por isso, os perversos não prevalecerão no juízo..." Os perversos, tão loquazes na terra, ficarão emudecidos no dia do juízo, e aqueles que viveram vestidos de soberba e ostentaram arrogância entre os homens estarão terrificados diante do tribunal de Deus. Aqueles que subornaram juízes, compraram sentenças e oprimiram os justos serão condenados inexoravelmente no dia do juízo. Nas palavras de Charles Spurgeon, "os ímpios estarão no juízo para serem julgados, mas não para serem absolvidos".[30]

Em terceiro lugar, *os pecadores serão banidos da congregação dos justos* (1:5b). "[...] nem os pecadores, na congregação dos justos." Charles Spurgeon está correto quando diz que todas as nossas congregações na terra estão misturadas. Em toda igreja há demônios, pois o joio cresce nos mesmos sulcos que o trigo, e não há terra que já esteja completamente purgada do joio. Do mesmo modo, os pecadores se misturam com os santos, como a escória se mistura com o ouro.[31] Na igreja militante há bodes e ovelhas, filhos do Maligno e filhos de Deus; mas as máscaras dos ímpios cairão, e os lobos não entrarão travestidos de ovelhas na congregação dos justos. Nessa assembleia dos santos, na igreja dos primogênitos, os pecadores não terão acesso; em vez disso, eles serão banidos para sempre da presença do Senhor (2Ts 1:9).

Conclusão

"Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá" (1:6). Temos aqui dois homens, dois caminhos, dois destinos. Um é conduzido à vida e à bem-aventurança, ao passo que o outro é conduzido à morte.[32] Allan Harman diz que o versículo final do salmo sumaria o contraste, pois nos ensina que o caminho dos justos está constantemente vigiado pelo Senhor, enquanto o caminho dos ímpios não tem futuro.[33] Matthew Henry diz que Deus deve ter toda a glória pela prosperidade e felicidade dos justos, enquanto os pecadores devem sofrer toda a culpa da sua própria destruição.[34]

O Senhor conhece o caminho dos justos, e esse é o conhecimento da observação e da aprovação, o conhecimento que vem da onisciência e pelo amor infinito, e também que provê sustento, livramento, aceitação e, por fim, glória.[35] O caminho dos justos são veredas de justiça, é uma estrada estreita, mas que conduz à glória. Contudo, o caminho dos ímpios, embora largo e percorrido por multidões sedentas de prazeres mundanos, desembocará no inferno. Em suma, o destino de todos aqueles que percorrem essa estrada larga é a condenação certa e a ruína total. Purkiser interpreta corretamente quando escreve:

> A primeira parte do versículo 6, "porque o Senhor conhece o caminho dos justos", resume os versículos 1-3. A segunda parte resume os versículos 4-5. O Senhor conhece não no sentido abstrato de estar ciente ou informado, mas no sentido concreto e pessoal de cuidar, aprovar, guiar e estar atento. De modo inverso, o caminho dos ímpios perecerá, terminará em ruína. As primeiras e últimas palavras do salmo resumem o contraste que é traçado entre os justos e os ímpios: *bem-aventurado perecerá.*[36]

Notas

[1] Waltke, Bruce K.; Houston, James M. *Os Salmos como adoração cristã.* São Paulo: Shedd, 2019, p. 131.
[2] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 62.
[3] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 87.
[4] Kroll, Woodrow M. "The Psalms". In: *The Complete Bible Commentary.* Califórnia: Thomas Nelson, 1999, p. 516,517.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 25.
[6] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 77.
[7] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 17.
[8] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 548.
[9] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon,* vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 114.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 16.
[11] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 114.
[12] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 63.
[13] Kroll, Woodrow M. "The Psalms", p. 517.
[14] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 114.
[15] VanGemeren, Willem A. "Psalms". In: *Zondervan NIV Bible Commentary,* vol. 1. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994, p. 793.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 63.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 22.
[18] Harman, Allan. *Salmos,* p. 77.
[19] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores.* Santa Bárbara d'Oeste: Z3, 2018, p. 5.
[20] Wiersbe, Warren W. *With the Word.* Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1991, p. 308.
[21] Wiersbe, *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 88.
[22] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 17.
[23] Spurgeon, Charles H. *Esboços bíblicos de Salmos.* São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 12.
[24] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary,* p. 549.
[25] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 23.
[26] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores,* p. 5,6.

[27] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 23.
[28] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 64.
[29] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 89.
[30] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 18.
[31] Ibidem.
[32] Kroll, Woodrow M. "The Psalms", p. 517.
[33] Harman, Allan. *Salmos*, p. 78.
[34] Henry, Matthew. *Comentário bíblico Antigo Testamento – Jó a Cantares de Salomão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 217.
[35] Spurgeon, Charles H. *Esboços bíblicos de Salmos*, p. 12.
[36] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 115.

Capítulo 2

O trono de Deus não está abalado

(Sl 2:1-12)

Esse é um salmo messiânico, ou seja, trata-se de um salmo que é citado no Novo Testamento com referência a Jesus, como os salmos 8,16, 22, 23, 40, 41, 45, 68, 69, 102, 110, 118. Apesar de o salmo 2 historicamente fazer referência ao reinado de Davi, profeticamente ele aponta para Jesus, o Messias. Nas palavras de Willem VanGemeren, "na perspectiva da tipologia, Jesus é o cumprimento desse salmo",[1] que é o mais citado no Novo Testamento — há dezoito referências a ele no Novo Testamento.[2]

Três fatos são destacados nesse salmo: a conspiração da terra (2:1-3), o riso do céu (2:4-9) e o conselho de Deus

(2:10-12). A autoria dele não aparece na introdução, mas, conforme Atos 4:25,26, Davi é o autor. Jesus é o Filho de Deus, o Filho de Davi, em quem as promessas dadas a Davi se cumpriram. Allan Harman destaca que, assim como o salmo 1 começa com a palavra "bem-aventurado", o salmo 2 termina com essa mesma palavra.[3]

Três oradores estão representados: o próprio salmista, o Senhor e o rei. Nos versículos 1-3, o salmista vê a revolta das nações contra o Senhor e o seu ungido, ou seja, os reis contra o Rei, ao passo que, nos versículos 4-6, ele vê o menosprezo divino, a futilidade da revolta à luz do poder soberano de Deus e o ouve declarar que Ele colocou o seu Rei sobre o seu santo monte Sião. Nos versículos 7-9, o rei declara o decreto divino que estabeleceu sua autoridade e recebe a garantia de Deus de que sairá vitorioso, ao passo que, nos versículos 10-12, o salmista extrai as lições que os povos rebeldes deviam aprender e exorta-os a fazerem as pazes com Deus.[4]

A conspiração da terra (2:1-3)

Enquanto os piedosos estão meditando na Palavra de Deus, a terra está rebelada contra o céu e os homens estão conspirando contra Deus. Matthew Henry diz que essa oposição é rancorosa, deliberada, obstinada e confederada.[5] W. L. Watkinson fala da extensão dessa revolta contra Deus: gentios, povos, reis e príncipes (2:1,2), e essa oposição procede de todas as nações (judeus, gregos e romanos); de todos os níveis (povos, reis e príncipes); e de todas as gerações (At 4:27).[6]

Quatro fatos são destacados aqui.

Em primeiro lugar, *a fúria* (2:1a). "Por que se enfurecem os gentios..." As nações gentílicas estão furiosas e se amotinam não umas contra as outras; elas estão furiosas com Deus, com o propósito de organizar uma insurreição, e os gentios estão tão agitados como um mar tempestuoso. Arival Dias Casemiro diz que a imagem é de um mar enfurecido batendo numa rocha. A massa da humanidade está conspirando para atirar em Deus, e as nações organizadas e pessoas individuais estão tentando descobrir como Deus pode ser destronado e até mesmo destruído.[7] Purkiser diz que essa rebelião universal contra o governo divino expõe a natureza essencial do pecado [...], que é uma rebelião moral, uma revolta contra as leis de Deus. Em suma, pecar é colocar a vontade do homem no centro da vida em vez da vontade de Deus.[8]

Em segundo lugar, *as imaginações vãs* (2:1b). "[...] e os povos imaginam coisas vãs?". Os povos têm se esmerado em cogitar coisas vãs. A expressão "coisas vãs" significa que o plano deles é destituído de proveito e completamente inútil; nesse sentido, podemos dizer que a rebelião do homem contra Deus é irracional e sem esperança. Querem ser grandes e sábios, querem viver sem Deus e construir altares para si mesmos; em outras palavras, as loucuras dos homens transbordam nesses devaneios. Charles Spurgeon escreveu:

> O imperador Diocleciano cunhou uma medalha na qual consta a inscrição: "O nome dos cristãos está sendo extinto". Na Espanha, foram erigidas duas colunas monumentais nas quais estava escrito: "Diocleciano Joviano Maximiano Hércules César Augusto, por ter ampliado o império romano para o Oriente e para o Ocidente, e por ter extinguido o nome dos cristãos que levaram a República à ruína". Diocleciano Joviano Maximiano

> Hércules César Augusto, por ter adotado Galério no Oriente, por ter abolido a superstição de Cristo em todos os lugares, por ter estendido a adoração dos deuses. Longe, porém, de estar morto, o cristianismo estava na véspera do triunfo final e permanente, e a pedra fechava um sepulcro vazio como a urna que Electra lavou com lágrimas. Nem na Espanha, nem em outro lugar, podemos identificar o lugar do sepultamento do cristianismo. Não existe, pois aquele que vive não tem sepultura.[9]

Em terceiro lugar, *a oposição aberta contra Deus e seu Messias* (2:2). "Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido..." Os apóstolos Pedro e João aplicaram esse versículo à perseguição que sofreram em Jerusalém (At 4:26,27). O povo se juntou com as autoridades contra Jesus e depois contra sua igreja.

O verbo "levantar" significa "preparar-se para a guerra".[10] Ao longo da história, os reis e os príncipes, os grandes líderes, os grandes pensadores, os grandes filósofos e cientistas, os poderosos deste mundo se mancomunam para declarar guerra a Deus, para se insurgirem contra o Senhor e seu Ungido. Todos eles, conjuntamente, se põem em formação opositora contra Deus. Como diz Charles Spurgeon, "não se trata de amotinação temporária, mas de ódio entranhado, porque eles se levantam resolutamente para resistir ao Príncipe da Paz".[11]

Em quarto lugar, *a motivação da conspiração* (2:3). "Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas." Os homens, por quererem viver açodadamente no pecado, empenham-se em se livrarem de Deus, pois querem ser livres para cometer toda sorte de abominações, querem ser seus próprios deuses para se livrarem de toda restrição.[12]

Nas palavras de Arival Casemiro, "as autoridades e o povo não querem se submeter à soberania de Deus nem aos limites impostos pela sua Palavra".[13] Segundo Allan Harman, "os homens pecaminosos nunca se dispõem a andar dentro das fronteiras que Deus impõe às suas criaturas".[14] Para eles, o jugo de Cristo não é suave nem seu fardo é leve. Por isso, Warren Wiersbe tem razão em dizer que a única coisa sobre a qual essas nações concordam entre si é: "Não queremos que este reine sobre nós" (Lc 19:14).[15] O ateísmo não é uma questão intelectual, mas moral (Rm 1:18), uma vez que o homem, quando não muda sua conduta, automaticamente procura mudar sua teologia.

O riso do céu (2:4,5)

A terra não consegue abalar o céu; a fúria dos homens só consegue produzir o riso do desprezo de Deus. Ninguém pode lutar contra o Todo-poderoso e prevalecer. Sobre isso, destacaremos dois fatos aqui.

Em primeiro lugar, *o riso de Deus* (2:4). "Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles." Deus reage com humor e desdém à conspiração enfurecida na terra. Ele não está nem um pouco ameaçado pelos líderes e pelas pessoas que fingem que Ele não existe, e não há conselho nem trama que prevalece contra o Senhor.[16] O braço da carne não pode desafiar o braço onipotente de Deus e abalar seu trono, tanto que Ele olha do céu e ri, zombando desses insolentes. Deus envia um vento, e os ímpios se tornam como palha que o vento dispersa, e a alegria do ímpio se desfaz na terra, quando Deus se ri no céu. Nas palavras de Derek Kidner, "Deus confunde os sábios (1Co 1:20), e os céus triunfam sobre os principados arrogantes (Cl 2:15; Ap 11:18; 18:20)".[17]

Em segundo lugar, *a ira de Deus* (2:5). "Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá." Depois de rir-se, Deus fala. Não precisa atacar, pois o sopro de sua boca é suficiente. No momento em que o poder desses povos está no ápice e a fúria no ponto mais forte, sai a palavra divina contra eles.[18] Isso nos ensina que nem sempre Deus retribui a rebelião do homem no ato de sua loucura. Ele dá corda, e o homem chega até a pensar que escapará do juízo, mas, no tempo oportuno de Deus, Ele fala, e os tronos da terra se abalam; Ele demonstra seu furor, e os homens ficam confundidos.

A vitória do Messias (2:6-9)

Longe de Deus ficar em apuros com a conspiração dos homens, Ele constitui seu Filho como o Rei dos reis. Jesus é o Rei entronizado na cidade celestial de Sião (Hb 12:22-24) e está exaltado à destra do Pai, tendo recebido todo o poder e toda a autoridade nos céus e na terra (Mt 28:18). Ele é o cabeça de todas as coisas, incluindo sua igreja (Ef 1:20-23; Cl 1:15-19). Sobre isso, destacamos quatro verdades sublimes a seguir.

Em primeiro lugar, *o reinado do Messias* (2:6). "Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião." O Deus que está no trono é quem governa a história. Ele levanta reis e derruba de seus tronos os poderosos; levanta reinos e os derruba. Contudo, assim como Deus levantou Davi, Ele também levantou o Messias, o Rei dos reis, e seu trono jamais será abalado, e seu reino jamais terá fim. Ele é o rei de seus inimigos, o rei do seu povo e o rei do seu Pai.

Em segundo lugar, *a filiação do Messias* (2:7). "Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu,

hoje, te gerei." Deus não discute nem faz consulta: Ele decreta. Em outras palavras, o reinado do Messias é constituído mediante um decreto eterno de Deus.

Está posto nesse versículo o que também é um dos maiores mistérios do cristianismo, a saber, como Deus, o Filho, é eternamente gerado do Pai; como homem, é gerado por obra do Espírito Santo. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um e ao mesmo uma triunidade. Embora Deus seja um só, subsiste em três pessoas distintas, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo são da mesma essência e substância; são coiguais, coeternos e consubstanciais.

Esta expressão "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei" nos obriga a entender que nem Davi nem os anjos podem se candidatar a essa honrosa posição, a qual ecoa no batismo de Jesus (Mt 3:17) e na transfiguração (Mt 17:5). Essas palavras são aplicadas também à ressurreição de Jesus pelo apóstolo Paulo em seu sermão em Antioquia da Pisídia (At 13:33) e também pelo escritor aos Hebreus, tanto em relação à filiação de Jesus como sendo superior aos anjos (Hb 1:5) como em Cristo ter sido feito sumo sacerdote pela própria ação de Deus (Hb 5:5).

Em terceiro lugar, *a herança do Messias* (2:8). "Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão." O Filho, o Verbo divino, foi o agente da criação (Jo 1:3). Tudo é dele, portanto essa promessa está relacionada com a redenção, uma vez que Ele morreu para comprar com o seu sangue os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9). O Messias viu o penoso trabalho de sua alma e ficou satisfeito (Is 53:11), e Deus lhe deu muitos como sua parte (Is 53:12), de modo

que a igreja é um presente de Deus Pai ao Deus Filho (Jo 6:37,44). Charles Spurgeon interpreta esse versículo assim:

> Era costume entre os grandes reis dar a favorecidos o que eles pedissem (Et 5:6; Mt 14:7). Assim, basta Jesus pedir para ter. Aqui, ele declara que os seus inimigos são a sua herança. Diante deles ele declara este decreto: "Olhem aqui", brada o Ungido, segurando no alto com a mão perfurada, o cetro do seu poder. "Ele me deu isto, não apenas o direito de ser rei, mas o poder de conquistar".[19]

William MacDonald corrobora dizendo que Deus, o Pai, prometeu domínio universal ao seu Filho, de modo que toda a terra se submeterá à sua autoridade, e seu reino se estenderá de mar a mar.[20]

Em quarto lugar, *o governo do Messias* (2:9). "Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro." A vara tinha as funções de um cajado de pastor em dividir o rebanho (Lv 27:32; Ez 20:37) e também a de ser usada como uma arma contra assaltantes (23:4). Veio, assim, a ser um símbolo de governo, com a tradução "cetro" (Gn 49:10), e parece mais apropriado a esse papel construtivo num contexto de um rei.[21]

Spurgeon diz que Deus deu ao seu Ungido a vara de ferro com a qual Ele fará em pedaços as nações rebeldes, e, apesar da força imperial, eles não passarão de vasos de oleiro facilmente despedaçados com a vara de ferro que está na mão do onipotente Filho de Deus. Aqueles que não se dobram serão quebrados. A ruína dos pecadores será incorrigível se Deus os golpear.[22] A ruína dos ímpios é certa, irresistível, terrível, completa e irrecuperável. O apóstolo Paulo escreve: "Porque convém que ele [Cristo] reine até

que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés" (1Co 15:25). Charles Spurgeon ainda escreve:

> É fácil Deus destruir os inimigos. Lembremo-nos de Faraó, seus sábios, seus exércitos e seus cavalos afogando-se e afundando-se como chumbo no mar Vermelho. Esse foi o fim de uma das maiores tramas formadas contra o escolhido de Deus. De trinta imperadores romanos, governadores de províncias e outros altos oficiais no poder que se distinguiram pelo zelo e crueldade na perseguição aos primitivos cristãos, um logo ficou louco depois de ter cometido certa atrocidade cruel, outro foi assassinado pelo próprio filho, outro ficou cego, tendo os olhos saltados das órbitas, outro foi afogado, outro foi estrangulado, outro morreu em deprimente cativeiro, outro caiu morto de modo insuportável de contar, outro morreu de doença tão repugnante que muitos médicos que o atenderam morreram por não aguentar o fedor que enchia o quarto, dois cometeram suicídio, um terceiro tentou, mas teve de pedir ajuda para terminar o ato, cinco foram assassinados pelos próprios súditos ou criados, cinco outros tiveram as mortes mais desgraçadas e torturantes, muitos tiveram uma complicação inédita de doenças e oito morreram na batalha ou depois de serem levados prisioneiros. Entre estes estava o apóstata Juliano. Dizem que, nos dias em que gozava de prosperidade, ele apontou o punhal aos céus desafiando o Filho de Deus, a quem chamou comumente de Galileu. Mas, quando estava ferido na batalha e viu que tudo estava acabado, ele recolheu seu próprio sangue coagulado e o lançou ao ar, exclamando: "Tu venceste, ó Galileu".[23]

O conselho de Deus (2:10-12)

Depois de Deus apresentar às nações o Rei Messias, dá conselho às nações a se submeterem a Ele. Nesse sentido, destacamos quatro fatos importantes.

Em primeiro lugar, *abra seus ouvidos* (2:10). "Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra." Em vez de conspirar contra o Messias de Deus, os reis e os juízes da terra devem se submeter a Ele e obedecer-lhe, pois a guerra do homem contra Deus não terá sucesso e, sendo assim, é melhor que se renda alegremente. Em suma, os reis e juízes da terra devem ser prudentes e ensináveis.

Em segundo lugar, *abra suas mãos* (2:11a). "Servi ao SENHOR com temor..." Os reis e os juízes da terra devem servir ao Senhor, colocando suas mãos para fazer o bem, e não o mal, e esse serviço não pode ser com arrogância, mas uma expressão do santo temor.

Em terceiro lugar, *abra seu coração* (2:11b). "[...] e alegrai-vos nele com tremor." O Messias deve ser o centro dos nossos afetos, o motivo da nossa alegria, a razão da nossa mais profunda devoção. Spurgeon tem razão em dizer que "o temor sem alegria é tormento; e a alegria sem o santo temor é presunção".[24]

Em quarto lugar, *abra seus lábios* (2:12). "Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam." Os homens devem beijar o Filho, demonstrando a Ele seu amor, em vez de rebelarem-se contra Ele. Nas palavras de Purkiser, "Beijar o Filho" é visto como uma homenagem submissa a Ele ou inclinar-se até o chão diante dele.[25] Derek Kidner diz que às nações amotinadas é oferecida a única esperança, que é

a submissão, o que é mais um convite do que um ultimato. Assim, a graça irrompe completamente na linha final.[26]

Aqueles que se levantarem contra o Filho enfrentarão a sua ira (Ap 6:12-17). Spurgeon é oportuno quando diz que a ira do Filho não precisa ser aquecida sete vezes mais; basta se inflamar um pouco, e os pecadores serão consumidos.[27] Concordo com Derek Kidner quando escreve que "A paciência de Deus não é placidez, assim como sua ira inflamada não é falta de controle, nem seu riso é crueldade, nem sua compaixão é sentimentalismo".[28] Na verdade, só os que se refugiam em Deus são verdadeiramente felizes, pois não há refúgio contra Deus, mas apenas nele.

Allan Harman diz, acertadamente, que os cristãos veem no salmo 2 o quadro do rei messiânico que ora governa o mundo e que se destina a governar até que subjugue os demais governantes e liberte o reino para o Pai (1Co 15:24). O livro de Apocalipse nos mostra o quadro final de Cristo governando com um cetro de ferro e portando o título "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19:15,16).[29]

Concluo este capítulo com estas palavras de Spurgeon:

> O Salmo 1 apresentou um contraste entre os justos e os ímpios; o Salmo 2 é um contraste entre a desobediência tumultuosa do mundo ímpio e a exaltação certa do justo Filho de Deus. No Salmo 1, vimos os ímpios serem afugentados como a palha; no Salmo 2, os vemos feitos em pedaços como o vaso do oleiro. No Salmo 1, vimos os justos como as árvores que crescem à beira dos rios; no Salmo 2, contemplamos Cristo, o cabeça da aliança dos justos, em situação melhor do que as árvores que crescem à beira dos rios, porque ele foi feito Rei de todas as nações, e diante de quem todos os gentios se curvam e beijam o pó; enquanto ele mesmo dá uma bênção a todos os que põem a confiança nele.[30]

Notas

[1] VanGemeren, Willem A. "Psalms". In: *Zondervan NIV Bible Commentary*, vol. 1. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994, p. 794.
[2] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2015, p. 89.
[3] Harman, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 78.
[4] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 116.
[5] Henry, Matthew. *Comentário bíblico Antigo Testamento —Jó a Cantares de Salomão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 219.
[6] Watkinson, W. L. *The Preacher's Homiletic Commentary*, vol. 11. Grand Rapids: Baker Books, 1996, p. 6.
[7] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores*. Santa Bárbara d'Oeste: Z3, 2018, p. 7.
[8] Purkiser, W. T. "O livro dos Salmos", vol. 3, p. 115-116.
[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 31.
[10] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores*, p. 8.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 27.
[12] Ibidem, p. 27.
[13] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores*, p. 8.
[14] Harman, Allan. *Salmos*, p. 79.
[15] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 90.
[16] Casemiro, Arival D. *O livro dos louvores*, p. 8.
[17] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 66.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 28.
[19] Ibidem, p. 29.
[20] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary*. Westmont: IVP Academic,1995, p. 550.
[21] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 67.
[22] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 29.
[23] Ibidem, p. 33-34.
[24] Ibidem, p. 30.
[25] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 117-118.
[26] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 67.
[27] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 30.
[28] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 68.
[29] Harman, Allan. *Salmos*, p. 81.
[30] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi, vol.* 1, p. 30.

Capítulo 3

Quando a crise vem da própria família

(Sl 3:1-8)

Esse é um salmo de lamento, escrito por Davi,[1] que retrata uma crise medonha enfrentada por ele, não da parte de seus inimigos de fora, mas engendrada pelo seu próprio filho Absalão. Desde que Davi adulterou com Bate-Seba, mandando assassinar Urias, marido dela, e casando-se com a viúva, a disciplina de Deus trouxe dias tormentosos para o rei, de modo que a espada nunca se apartou de sua casa. Deus o perdoou, mas Davi não conseguiu livrar-se das consequências de seu pecado. Amnom, o filho mais velho de Davi, violentou sua irmã Tamar. Absalão matou seu irmão Amnom e conspirou

contra Davi, seu pai. Mais tarde, Salomão mandou matar seu irmão Adonias.

Antes de entrarmos na exposição desse salmo, é necessário descrever o seu contexto, deixando claro que a relação de Davi com Absalão estava estremecida havia vários anos. Entre o estupro de Tamar e a morte de Amnom decorreram dois anos, e Davi, mesmo sabendo dos perigos que Amnom enfrentaria na festa promovida por Absalão, enviou-o para lá. Não deu outra: Amnom foi vítima de uma conspiração e morreu. Davi passou a perseguir Absalão, e este fugiu de Israel, buscando abrigo com seu avô materno, onde passou três anos. Por insistência de Joabe, Absalão volta para Jerusalém, mas é proibido de ver a face do rei. Depois de dois anos, Absalão mandou um recado para o pai, que preferia a morte a ficar sem vê-lo. Davi o recebe no palácio, dá-lhe um beijo na face, mas não fala sequer uma palavra com ele. Absalão então sai do palácio e, durante quatro anos, monta um esquema de conspiração contra o pai.

Absalão consegue aliciar uma multidão ao seu redor, furtando o coração do povo com mentiras e falsas promessas (2Sm 15:1-6). Monta um exército rebelde e marcha com forte aparato militar contra Jerusalém para matar o pai e tomar o trono, promovendo, assim, uma insurreição, uma conspiração, uma revolta armada. Quando Davi toma pé da situação, precisa sair às pressas, na calada da noite, descalço, chorando, com o rosto coberto (2Sm 15:30); ele cruza o vale do Cedrom, sobe o monte das Oliveiras e ruma para o deserto. Nessa fuga vergonhosa, o rei é amaldiçoado por Simei, mas abençoado por Deus, e nesse momento ele já não tem mais unanimidade no reino nem pleno apoio militar, mas tem seus aliados fiéis e, sobretudo, a presença de Deus como sua proteção.

É provável que esta tenha sido a noite mais tenebrosa vivida por Davi, uma vez que ele travava uma batalha inglória e seu inimigo é o seu filho. Sendo assim, ganhar a guerra significa matar o filho; em contrapartida, perder a guerra significa ser morto pelo filho. Isso nos mostra que certamente as crises mais profundas que enfrentamos são aquelas que vêm de dentro da nossa casa, por isso precisamos agir preventivamente para que nosso lar seja lugar de refúgio e paz, e não de guerra e conflito.

Uma conspiração desumana (3:1,2)

O salmo destaca dois fatos solenes.

Em primeiro lugar, *uma oposição numerosa na terra* (3:1). "SENHOR, como tem crescido o número dos meus adversários! São numerosos os que se levantam contra mim." Davi sente na pele a dor da traição (2Sm 15:1-6), e não só seu filho Absalão se opõe a ele, mas seu povo deserda de suas fileiras para se unir ao filho rebelde — em outras palavras, os aliados de Davi vão perdendo força, os rebelados contra ele vão aumentando e o rei vai se desidratando política e militarmente diante da insurreição promovida por Absalão. Está escrito: "[...] tornou-se poderosa a conspirata, e crescia em número o povo que tomava o partido de Absalão. Então, veio um mensageiro a Davi, dizendo: Todo o povo de Israel segue decididamente a Absalão" (2Sm 15:12,13). Derek Kidner diz que estar na minoria já é um teste dos nervos; mais ainda, quando esta minoria está se reduzindo e a oposição está ativa e acusadora.[2]

Além da traição do filho, da deslealdade de líderes estratégicos e do abandono do povo, Davi também é amaldiçoado por Simei. Leiamos o registro desse fato:

> Tendo chegado o rei Davi a Baurim, eis que dali saiu um homem da família de Saul, cujo nome era Simei, filho de Gera; saiu e ia amaldiçoando. Atirava pedras contra Davi e contra todos os seus servos, ainda que todo o povo e todos os valentes estavam à direita e à esquerda do rei. Amaldiçoando-o, dizia Simei: Fora daqui, fora, homem de sangue, homem de Belial; o SENHOR te deu, agora, a paga de todo o sangue da casa de Saul, cujo reino usurpaste; o SENHOR já o entregou nas mãos de teu filho Absalão; eis-te, agora, na tua desgraça, porque és homem de sangue (2Sm 16:5-8).

Charles Spurgeon tem razão em dizer que as dificuldades sempre vêm em pencas e que os problemas têm uma família numerosa.[3] O mesmo autor direciona-nos para os sofrimentos de Jesus, o Filho de Davi, ao escrever:

> Recordemos os exércitos incontáveis que atacaram o nosso Redentor divino. As legiões de nossos pecados, as hostes de demônios, as multidões de dores físicas, os exércitos das desgraças espirituais e todos os aliados da morte e do inferno colocaram-se em batalha contra o Filho de Deus.[4]

Em segundo lugar, *uma acusação de abandono do céu* (3:2). "São muitos os que dizem de mim: Não há em Deus salvação para ele." Não apenas o número de inimigos de Davi aumentou, como também as notícias pioraram.[5] Além dos inimigos de Davi crescerem e serem numerosos, o rei ainda enfrenta os comentários insolentes, a acusação leviana de que Deus o havia desamparado e que nem mesmo Deus poderia livrá-lo da deposição e da morte. Purkiser vê aqui uma rebelião com implicações religiosas, uma vez que a mãe pagã de Absalão (2Sm 3:3) e o exílio de três anos do jovem príncipe com seu avô em Gesur

(2Sm 13:37,38) podem ter dado a ele um desejo de substituir a adoração do Deus verdadeiro por um dos deuses dos cananeus.[6] Oh, não há poço mais profundo do que este! Ser abandonado por Deus é a crise mais medonha, a derrota mais amarga, o sofrimento mais atroz. Charles Spurgeon chega a dizer que, se todas as provações que vêm do céu, todas as tentações que sobem do inferno e todas as cruzes que surgem da terra pudessem ser misturadas e comprimidas, não constituiriam prova tão terrível quanto a que está contida nesse versículo. A mais amarga de todas as tribulações é ser levado a temer que não há ajuda para nós em Deus. Ser abandonado por Deus é pior do que ser menosprezado pelos homens.[7]

Um socorro providencial (3:3,4)

Davi é um homem governado não por sentimentos ou circunstâncias, mas pela fé. O versículo 3 começa com uma conjunção adversativa: "Porém". Os pés dele estão no vale, mas seu coração está no plano. Seus adversários são muitos e insolentes, mas Deus é o seu socorro. As vozes da terra berram em seus ouvidos para assustá-lo, mas a fé firma sua âncora no céu para fortalecê-lo. Charles Spurgeon chega a dizer: "Que trinca divina de misericórdia há nesse versículo: defesa para os indefesos, glória para os menosprezados e alegria para os desconsolados".[8]

Destacamos quatro verdades importantes aqui.

Em primeiro lugar, *Deus é o nosso protetor* (3:3a). "Porém tu, SENHOR, és o meu escudo..." Essa expressão aparece pela primeira vez quando Deus revelou-se a Abrão e lhe disse: "Eu sou o teu escudo" (Gn 15:1). Deus é o nosso protetor, e assim os dardos inflamados do maligno serão

apagados nesse escudo, e a espada do inimigo não atingirá o nosso peito, pois Deus é o nosso defensor.

Em segundo lugar, *Deus é a nossa glória* (3:3b). "[...] és a minha glória..." Deus é não apenas o nosso escudo, mas também a nossa glória. A glória de Davi não era o trono, nem mesmo a coroa ou suas riquezas, mas o próprio Deus. Portanto, ele poderia perder o palácio, mas Deus continuaria sendo a sua glória; ele poderia perder a coroa, mas Deus continuaria sendo sua glória; poderia perder até mesmo a vida, mas Deus jamais deixaria de ser a sua glória, a sua maior riqueza. Aprecio o que diz Spurgeon: "Que grande graça é vermos a nossa glória futura entre a vergonha do presente. Ele se gloria nas próprias tribulações".[9]

Em terceiro lugar, *Deus é o nosso restaurador* (3:3c). "[...] e o que exaltas a minha cabeça." Deus é aquele que nos põe de pé quando caímos. Ele nos levanta quando somos nocauteados pelas circunstâncias adversas. Quando o inimigo insolentemente nos ataca, é Deus quem nos dá livramento e nos faz hastear a bandeira da vitória. Nas palavras de Spurgeon: "Há a exaltação em honra depois da vergonha, em saúde depois da doença, em alegria depois da tristeza, em restauração depois da queda, em vitória depois da derrota temporária. Em todos esses aspectos, o Senhor é que exalta a nossa cabeça."[10]

Em quarto lugar, *Deus é o nosso defensor* (3:4). "Com a minha voz clamo ao SENHOR, e ele do seu santo monte me responde." Respostas de oração no passado fomentam a fé no presente, diz Purkiser.[11] Não há exército tão poderoso quanto um homem de Deus prostrado sobre seus joelhos, ou seja, é pela oração que enfrentamos exércitos, triunfamos na batalha e conquistamos vitória — em outras palavras, a

oração é a arma mais poderosa do mundo, uma vez que, por ela, unimos a fraqueza humana à onipotência divina e também por ela o altar da terra é conectado com o trono do céu. Davi eleva sua voz ao Senhor, e o Senhor lhe responde; sendo assim, quando oramos, temos a consciência de que aquele que está assentado no trono é quem governa a nossa vida. Resta, portanto, afirmar que está mais do que claro que uma pessoa com Deus é maioria.

Uma confiança inabalável (3:5,6)

Davi não está no palácio, mas em tenda improvisada no deserto, e mesmo cercado de inimigos, com maioria de seu povo rebelado contra ele, ainda consegue deitar e dormir em paz. Warren Wiersbe é oportuno quando escreve: "Se você não consegue dormir, não conte as ovelhas, converse com o pastor".[12]

Destacamos aqui três pontos importantes.

Em primeiro lugar, *paz para dormir* (3:5a). "Deito-me e pego no sono..." Somente embalado nos braços da fé alguém pode se deitar e pegar no sono em circunstâncias tão medonhas. Muitos não conseguiriam sequer se deitar; outros deitam, mas não dormem; outros só dormem na base de calmantes e, assim, têm um sono artificial; outros, ainda, deitam e dormem sem nenhuma vontade de acordar; e há também os que deitam e nem sequer acordam. Davi se deitou numa cama improvisada, numa tenda improvisada, tendo as estrelas como seu teto, e dormiu, porque a mão de Deus era o seu travesseiro. Tudo ao seu redor estava em crise, mas havia paz em seu coração. Nas palavras de Spurgeon: "A boa consciência pode dormir na boca do canhão".[13]

Em segundo lugar, *confiança para acordar* (3:5b). "[...] acordo, porque o SENHOR me sustenta." Davi dorme, pega no sono e acorda. O novo dia traz novas perspectivas e novas esperanças. O choro pode durar toda a noite, mas a alegria vem pela manhã (30:5). Não é o sono que sustenta Davi, mas o Senhor. Warren Wiersbe destaca que era pela manhã que Davi se encontrava com o Senhor e que o adorava. Esse era o seu horário de orar (5:3), de cantar (57:7,8; 59:16) e de se satisfazer com a misericórdia de Deus (90:14). Abraão se levantava cedo (Gn 19:27; 21:14; 22:3), como também o fazia Moisés (Êx 24:4; 34:4), Josué (Js 3:1; 6:12; 7:16; 8:10), Samuel (1Sm 15:12), Jó (Jó 1:5) e Jesus (Mc 1:35).[14]

Em terceiro lugar, *coragem para enfrentar o inimigo* (3:6). "Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados." Davi era um guerreiro experiente, pois já tinha lutado contra um urso e um leão, e também já tinha derrubado o gigante Golias, bem como liderado o exército de Israel e conquistado vitória nas batalhas. Sua coragem não decorria, entretanto, de sua força nem de suas estratégias, mas do próprio Deus, e ele não tinha medo dos milhares que tomavam posição contra ele de todos os lados, porque Deus era com ele. Davi sabia que a maioria das pessoas tinha seguido Absalão (2Sm 15:13; 17:11; 18:7), mas sabia também que Deus é o maior antídoto contra o medo!

Uma súplica confiante (3:7,8)

Esse salmo encerra-se com uma oração cheia de ousadia, com uma declaração solene e com uma súplica generosa. Vejamos!

Em primeiro lugar, *uma súplica por libertação* (3:7a). "Levanta-te, SENHOR..." Oh, quando Deus se levanta, os inimigos caem por terra, seus planos são frustrados e sua derrota é certa. Quando Deus se levanta, a terra treme, o mar se agita e os poderosos ficam perturbados. Quando Deus se levanta, nossas orações são respondidas e nosso socorro se apressa.

Em segundo lugar, *uma súplica por salvação* (3:7b). "[...] Salva-me, Deus meu, pois feres nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios quebras os dentes." Os inimigos que atacam como feras selvagens têm suas mandíbulas feridas e seus dentes quebrados — ou seja, eles perdem sua força e se tornam como leões desdentados. Quando o inimigo parece mais perigoso e quando se sente mais forte, é justamente nesse momento que Deus se levanta e nos salva, impondo aos inimigos acachapante derrota. Os nossos inimigos são inimigos derrotados. Absalão e seu exército impostor foram derrotados, e Davi retornou a Jerusalém e reassumiu o trono, e, assim, a história da redenção marchou resoluta até que o filho de Davi nasceu em Belém, a casa do pão, para ser o nosso Redentor.

Em terceiro lugar, *uma declaração solene* (3:8a). "Do SENHOR é a salvação..." Aqui está a doutrina mais solene acerca da salvação tanto no Antigo como no Novo Testamentos: a salvação pertence ao Senhor (Jn 2:9). Ele é quem planeja, executa e consuma a salvação; em outras palavras, a salvação não é obra do esforço humano, mas da graça divina, pois é Deus quem escolhe, chama, justifica e glorifica (Rm 8:30). A salvação não é resultado do mérito humano nem mesmo da conquista das obras, mas sim uma oferta imerecida da graça. Nas palavras de Charles Spurgeon: "É Deus quem escolhe o seu povo. Chama-o

pela graça, motiva-o pelo seu Espírito e sustenta-o pelo seu poder".[15]

Em quarto lugar, *uma intercessão generosa* (3:8b). "[...] e sobre o teu povo, a tua bênção." Davi não ora apenas pelos poucos que lhe foram leais à sua causa, mas, em vez disso, invoca a bênção divina sobre toda a nação, o que inclui os rebeldes.[16] Davi, à semelhança de Jesus, não retribuiu o mal com o mal; ou seja, ele foi vítima da conspiração de parte do seu povo, mas, ao interceder, roga por todo o povo. Ele não nutre mágoa, mas ministra perdão. A oração de Davi não é imprecatória, pedindo a destruição dos que haviam se rebelado contra ele, e ele tampouco reassume o trono para esmagar os rebeldes, mas ora por eles. Nas palavras de Allan Harman, "os problemas pessoais não turvavam sua visão espiritual de todo o povo".[17] A postura de Davi nos lembra a oração de Jesus na cruz (Lc 23:34) e a oração de Estêvão quando estava sendo apedrejado (At 7:60), o que nos mostra que não é possível orar e sentir mágoa ao mesmo tempo (Mc 11:25). Warren Wiersbe destaca que Deus restaurou Davi a seu trono e permitiu que preparasse Salomão para sucedê-lo. Davi também conseguiu juntar sua riqueza de modo que Salomão tivesse todos os recursos necessários para construir o templo.[18]

Concluo este capítulo trazendo um alerta: precisamos resolver os conflitos familiares no seu nascedouro, a fim de que não criem raízes nem produzam frutos amargos para nós, para nossa família e para o povo de Deus.

Notas

[1] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 118.

[2] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 69.
[3] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi, v*ol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 41.
[4] Ibidem.
[5] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 92.
[6] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 118-119.
[7] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 41.
[8] Ibidem, p. 42.
[9] Ibidem.
[10] Ibidem, p. 46.
[11] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 119.
[12] Wiersbe, Warren W. *With the Word.* Nashville: Thomas Nelson Publishers,1991, p. 310.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 47.
[14] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 93.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 44.
[16] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 120.
[17] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 82.
[18] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 94.

Capítulo 4

Deus, forte refúgio na angústia

(Sl 4:1-8)

Os salmos 3 e 4 estão profundamente conectados. O primeiro trata de uma oração matutina, e o segundo, de uma oração vespertina.[1] Devemos começar e encerrar o dia orando. O salmo 3 fala da adversidade, e o salmo 4, da angústia. Warren Wiersbe diz, ainda, que ambos os salmos tratam da mesma situação na vida de Davi: adversários/angústia (v. 1), muitos (v. 6,2), glória (v. 2,3), voz/clamor (v. 1,4), deitar-se/dormir (v. 8,5).[2] Concordo com Derek Kidner quando diz que a revolta de Absalão, que deu ensejo ao salmo 3, pode ainda ser o pano de fundo deste, porque Davi ainda está humilhado (v.

2a) e cercado por mentiras (v. 2b), provocação (v. 4) e melancolia (v. 6).[3]

O salmo 4 trata de três assuntos: uma oração (4:1), um confronto (4:2-5) e um contraste (4:6-8). Vejamos a seguir.

Uma oração (4:1)

Davi começa esse salmo com uma oração. Primeiro, ele fala com Deus e, depois, com os homens. Aquele que ousa estar na presença do Criador não terá medo de estar na presença dos filhos dos homens.[4] Três verdades são destacadas nessa oração.

Em primeiro lugar, *a quem ele dirige sua oração* (4:1). "Responde-me quando clamo, ó Deus da minha justiça..." Davi se dirige ao Deus da sua justiça, aquele que tudo vê, tudo conhece e a todos sonda. Ele é o Deus que justifica o seu povo e faz justiça aos seus escolhidos, aquele que vê a trama dos adversários e desfaz suas armadilhas de morte.

Purkiser diz que o Deus da justiça é aquele que vindica e justifica a causa de seu servo.[5] Nas palavras de Allan Harman, "o Deus da justiça é aquele que faz o que é certo e guarda sua palavra pactual".[6] Warren Wiersbe ainda destaca que a justiça do rei é proveniente de Deus e, portanto, Deus deve justificá-lo.[7] Spurgeon acrescenta, dizendo que essa expressão significa: "Tu és o autor, a testemunha, o mantenedor, o juiz e o recompensador da minha justiça".[8]

Em segundo lugar, *como ele dirige sua oração* (4:1). "Responde-me quando clamo..." Ele tem um profundo senso de urgência em sua súplica, tem pressa em receber a resposta de Deus, pois precisa de socorro e roga ao Senhor para pleitear sua causa com celeridade.

Em terceiro lugar, *porque ele confia que sua oração será respondida* (4:1). "[...] na angústia, me tens aliviado; tem misericórdia de mim e ouve a minha oração." As vitórias na oração do passado são o tônico das orações do presente. O Deus que tirou o rei do aperto, do beco sem saída e o levou para lugares espaçosos e lhe deu livramento dos inimigos é o mesmo que, agora, pode responder à sua oração e tirá-lo da angústia, porque Deus é imutável, e o que ele fez, pode fazer novamente.

O termo "angústia" refere-se a uma situação sem saída, estar encurralado, num lugar apertado.[9] Já a expressão "me tens aliviado" significa "criaste espaço para mim", "abriste caminho para mim". Depois de estar confinado ou limitado por circunstâncias, o salmista foi levado a um espaço amplo.[10] Spurgeon diz que essas duas expressões juntas ilustram um exército enclausurado em uma passagem estreita por entre montanhas, sendo duramente pressionado pelo inimigo que o cerca, que recebe livramento e é colocado num lugar espaçoso.[11]

Um confronto (4:2)

Primeiro, Davi fala com Deus e, depois, com os homens. Ele aproxima-se de Deus humildemente, mas confronta os homens corajosamente. Vemos aqui uma conspiração insolente: "Ó homens, até quando tornareis a minha glória em vexame, e amareis a vaidade, e buscareis a mentira?" (4:2). O contexto histórico é o mesmo do salmo 3. Davi estava sendo vítima de uma conspiração, pois havia um levante de seu filho Absalão contra ele. A maioria do povo queria ver Davi morto e seu filho reinando em seu lugar, ou seja, essa rebelião visava destronar Davi e pôr um ponto final em seu reinado. Três coisas devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *uma intenção maldosa* (4:2). "Ó homens, até quando tornareis a minha glória em vexame..." O termo "homens" refere-se aos líderes corrompidos por Absalão e que, com ele, fizeram o povo se desviar.[12] A intenção dos revoltosos era humilhar Davi, depô-lo, matá-lo e tornar a sua glória em vexame.

Em segundo lugar, *uma causa fracassada* (4:2). "[...] e amareis a vaidade..." Davi avalia a intenção de seus adversários como vaidade, algo vazio, uma completa desilusão. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que o povo não está apenas depondo um rei, mas também lutando contra o Senhor Deus, que colocou Davi no trono.[13]

Em terceiro lugar, *um método falso* (4:2). "[...] e buscareis a mentira?" O reinado de Absalão estava sendo construído sobre a mentira, pois ele não era um escolhido de Deus. Fez acordo com os rebeldes em bases falsas e mentirosas, fez promessas para furtar o coração do povo, e o seu reino era um reino de mentiras, de enganos e de trevas.

Uma convicção (4:3)

Mesmo sofrendo os ataques furiosos dos rebeldes, Davi tem convicções inabaláveis em seu coração. Duas convicções são aqui postas:

Em primeiro lugar, *Deus conhece os que lhe pertencem* (4:3a). "Sabei, porém, que o SENHOR distingue para si o piedoso..." Deus conhece os que são seus (2Tm 2:19). Aqui está a eleição da graça, uma doutrina que os não regenerados não podem suportar, mas uma verdade gloriosa que traz segurança para o salvo no dia do aperto. O Deus que nos escolheu para si mesmo ouvirá o nosso clamor. O piedoso é aquele que tem um relacionamento certo com Deus e

que demonstra um compromisso pactual. Deus distingue o crente do incrédulo, o piedoso do profano, o justo do escarnecedor. Sua escolha é soberana, e sua graça, irresistível.

Em segundo lugar, *Deus responde às orações dos piedosos* (4:3b). "[...] o SENHOR me ouve quando eu clamo por ele." Davi era um homem de oração. Ele não é tão tolo a ponto de entrar numa guerra sem oração. Em meio à adversidade e encurralado pela angústia, ele recorre à oração, na certeza de que Deus ouve e atende ao seu clamor.

Um conselho (4:4,5)

Davi passa de sua convicção pessoal para uma ordem expressa a seus amigos, e essa ordem ou conselho tem quatro aspectos, como veremos a seguir.

Em primeiro, *cuidado com seus sentimentos* (4:4a). "Irai-vos e não pequeis..." Alguns dos amigos e aliados de Deus, sobrepujados por suas emoções, estavam prestes a perder o controle. Davi então alerta-os acerca da ira pecaminosa, a qual produz inveja, ódio e até homicídio (Mt 5:21-26; 15:19; Ef 4:26). Há uma ira santa que repudia o mal, mas também uma ira pecaminosa que deve ser expurgada do nosso coração.

Em segundo lugar, *seja um conselheiro de si mesmo* (4:4b). "[...] consultai no travesseiro o coração e sossegai." Davi fala aqui de um solilóquio, uma conversa diante do espelho. Uma conversa no divã de Deus, com a cabeça recostada no travesseiro, dialogando com o próprio coração. Concordo com Arival Dias Casemiro quando diz que decisões precipitadas, em meio aos problemas, podem gerar mais problemas; então, é melhor esfriar a cabeça e consultar a consciência.[14] Talvez a pessoa mais difícil de se conviver no

mundo é aquela que vemos diante do espelho, pois é mais fácil exortar os outros do que a nós mesmos, é mais fácil ver os pecados dos outros do que os enxergar em nós mesmos, e é mais fácil confrontar os erros dos outros do que os nossos próprios. Precisamos fazer essa introspeção não para nos autoflagelarmos, mas para aquietarmos nossa alma (Sl 116:7), lembrando que a voz da consciência, negligenciada no tumulto e agitação do dia ou silenciada pelo medo dos homens e exemplos do mal, pode se fazer ouvir na solidão calma da noite e o convencer da verdade.[15]

Em terceiro lugar, *adore a Deus* (4:5a). "Oferecei sacrifícios de justiça..." Absalão ofereceu sacrifícios falsos para enganar o povo (2Sm 15:12), mas Deus não os aceitou (50:14,15). Davi é um grande líder político e militar, mas é também um pastor do seu povo, e, mesmo em desvantagem militar e tendo a maioria do povo contra ele, ordena aos seus súditos a cultuarem a Deus.

Em quarto lugar, *confie no Senhor* (4:5b). "[...] e confiai no SENHOR." Absalão depositava sua confiança em sua liderança, em seu exército, em suas astutas estratégias e em sua popularidade, mas não confiava no Senhor, portanto seu plano estava condenado ao fracasso. Davi, porém, como líder espiritual do seu povo, ordena-lhe a confiar no Senhor.[16]

Um contraste (4:6-8)

Três contrastes são aqui destacados.

Em primeiro lugar, *a incerteza dos interrogadores céticos e a bênção do crente confiante* (4:6). "Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem? SENHOR, levanta sobre nós a luz do teu rosto." Davi está enfrentando a carranca do

inimigo, mas espera o sorriso de Deus. As trevas o cercam por todos os lados, mas ele invoca a luz da face de Deus. Em outras palavras, Davi sabe que tipo de "bem" deseja: o resplendor do sorriso de Deus sobre ele e seu povo — essa é a mesma expressão da bênção sacerdotal (Nm 6:24-26). O rei quer ver o Senhor transformar as trevas em luz.[17]

Em segundo lugar, *a alegria da abundância material e a alegria dada por Deus* (4:7). "Mais alegria me puseste no coração do que a alegria deles, quando lhes há fartura de cereal e de vinho." O salmista encontra uma alegria no seu coração maior que a dos incrédulos em tempos de colheita abundante, lembrando que tempos de colheitas para os hebreus e outros povos antigos eram tempos de grande celebração e regozijo, mas a alegria do Senhor é maior.[18] Os cristãos são chamados a se regozijarem nos sofrimentos (1Pe 4:13), a experimentarem alegria indizível e cheia de glória (1Pe 1:8). Arival Casemiro destaca que, nesse versículo, temos três verdades sublimes: Deus é a fonte da nossa alegria, o coração é a sede dessa alegria e essa alegria é excelente e abundante.[19] Spurgeon está coberto de razão quando diz que é melhor sentir o favor de Deus uma hora em nossa alma arrependida do que se sentar longos séculos debaixo do sol mais quente que este mundo dê. Jesus no coração é melhor do que trigo no celeiro ou vinho no barril, pois trigo e vinho são frutos do mundo, mas a luz do semblante de Deus é o fruto maduro do céu.[20] O máximo que o mundo pode fazer é colocar alegria em nosso rosto, mas só Deus pode colocar alegria em nosso coração.

Em terceiro lugar, *a inquietação do ímpio e o sono seguro do justo* (4:8). "Em paz me deito e logo pego no sono, porque, SENHOR, só tu me fazes repousar seguro." Davi está sendo perseguido pelo filho, mas está em paz. Uma

conspiração foi armada contra ele para lhe tirar a vida e tomar-lhe o trono, mas ele está em paz. Ele precisou fugir para o deserto, de noite, descalço, com o rosto molhado de lágrimas e coberto com um manto, mas está em paz. Líderes que o acompanharam por longos anos se voltaram contra ele, assim como a maioria do povo, desejando que seu filho reinasse em seu lugar, mas ele está em paz. Essa é a paz que excede todo o entendimento, e Davi sabe o que significa paz no vale.

Spurgeon diz que aquele que tem sobre si as asas de Deus não precisa de outra proteção, visto que a proteção do Senhor é melhor do que trancas e ferrolhos. A consciência tranquila é boa companheira de cama, e não há travesseiro tão macio como uma promessa, nem cobertor tão quente como um interesse garantido em Cristo.[21] A ênfase neste versículo é posta somente no Senhor, pois só Ele pode nos dar sono restaurador e repouso seguro em circunstâncias tão adversas.

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 83.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 94.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 71.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 56.
5 Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon,* vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 121.
6 Harman, Allan. *Salmos*, p. 83.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 94.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 56.
9 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 94.

[10] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 121.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 56.
[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 95.
[13] Ibidem.
[14] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores.* Santa Bárbara d'Oeste: Z3, 2018, p. 19.
[15] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 121.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 95.
[17] Ibidem, p. 96.
[18] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 121.
[19] Casemiro, Arival Dias. *O livro dos louvores*, p. 20-21.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 59.
[21] Ibidem.

Capítulo 5

O destino do justo e do ímpio

(Sl 5:1-12)

O SALMO 5 CONTINUA na mesma toada dos salmos 3 e 4 e apresenta um contraste entre a posição, o caráter e o destino dos justos e dos ímpios.[1] Esse salmo é um eloquente apelo de Davi ao Senhor em face da crescente iniquidade, maldade, mentiras, violência, maledicência e crimes dos ímpios que se insurgem não apenas contra ele, mas sobretudo contra o Senhor. Allan Harman destaca que o salmo começa com o discurso dirigido a Deus e termina com a aclamação dele.[2]

Uma súplica ao Senhor (5:1-3)

Davi é um homem de oração e enfrenta os grandes embates da vida como

um guerreiro de oração. Vamos destacar aqui alguns aspectos de sua oração.

Em primeiro lugar, *como orar* (5:1). "Dá ouvidos, SENHOR, às minhas palavras e acode ao meu gemido." Há dois tipos de oração: aquela que é articulada em palavras e aquela que é solfejada em gemidos, pois há momentos em que os gemidos inexprimíveis tomam o lugar das palavras. Allan Harman diz que, em todo o Saltério, o termo hebraico para "gemer" (*hagig*) só aparece aqui e em Salmos 39:3 e está relacionado com o termo *"murmurar"* ou "meditar" (1:2; 2:1). Há oração inaudível a Deus, mas também apelo direto e em voz audível.[3] Concordo com Spurgeon quando diz que as palavras não são a essência, mas a roupagem da oração [...]. A meditação é o melhor começo da oração, e a oração é a melhor conclusão da meditação.[4] Ana balbuciava sua oração, mas, aos olhos de Deus, ela estava derramando a sua alma perante o Senhor (1Sm 1:12-15).

Em segundo lugar, *a quem orar* (5:1,2). "Escuta, Rei meu e Deus meu, a minha voz que clama, pois a ti é que imploro." Davi é rei em Israel, mas ora ao Deus todo-poderoso, a quem ele chama de Rei. Não se trata apenas de um dirigir sua voz ao ser supremo, mas conversar com o seu Deus e seu Rei. Davi tem intimidade com Deus, isto é, tem um relacionamento pessoal com o Senhor. Spurgeon está certo quando diz que esse é um forte apelo para Deus responder à oração, porque ele é o nosso Rei e o nosso Deus. Não somos estranhos a ele, visto que ele é o Rei de nossa vida.[5]

Em terceiro lugar, *quando orar* (5:3a). "De manhã, SENHOR, ouves a minha voz; de manhã te apresento a minha oração..." O Senhor ocupava o trono do coração de Davi e o topo de sua agenda. Ele tinha tanta coisa para

fazer que não podia iniciar o dia sem falar com Deus, pois não trabalha bem quem não ora bem, ou seja, não está preparado para os desafios do dia quem o inicia sem oração. Nas palavras de Spurgeon, "a oração deve ser a chave do dia e a fechadura da noite. A devoção tem de ser a estrela da manhã e a estrada da noite".[6] A expressão "de manhã te apresento a minha oração" é um termo militar que revela a postura de Davi em relação à oração. Davi não só ora, mas ordena as orações, pondo-as em ordem de batalha; isto é, ele coloca as orações em boa ordem, classificando-as por pasta e subpasta. Nas palavras de Warren Wiersbe, "Davi não apenas era fiel em suas orações matutinas, como também era organizado e sistemático".[7]

Em quarto lugar, *qual a atitude depois de orar* (5:3b). "[...] e fico esperando." Depois de orar, Davi, à semelhança do profeta Habacuque (Hc 2:1), sobe como espião à sua torre de vigia para ver se havia prevalecido. Ele esperava para ver que porta Deus lhe abriria em resposta à sua oração. Davi ora e espera a resposta de sua oração, pois quem ora sem aguardar a resposta não ora de fato. Concordo com Spurgeon quando ele diz: "Ao orar, você mostra que depende de Deus; ao não esperar, você renuncia a confiança".[8] Deus, sendo soberano, escolheu agir por meio da oração de seu povo, uma vez que a oração conecta a fraqueza humana à onipotência divina, liga o altar da terra ao trono do céu.

Uma vindicação da justiça divina (5:4-6)

Depois de apresentar sua causa a Deus, Davi vindica a santidade do nome de Deus e declara o caráter justo do Senhor. Sobre isso, destacamos aqui seis fatos.

Em primeiro lugar, *Deus não tem prazer no iníquo* (5:4a). "Pois tu não és Deus que se agrade com a iniquidade..." Deus é santo e justo, e não pode contemplar o mal. Ele é luz, e não há nele treva nenhuma, e, sendo ele puro, não pode se agradar da iniquidade nem se deleitar nos iníquos. Concordo com Allan Harman quando escreve: "Deus não se deleita na perversidade, e com ele não há nenhum ancoradouro para os perversos, porque sua santidade é para eles um fogo consumidor (Is 33:14)".[9]

Em segundo lugar, *Deus não habita com o mal* (5:4b). "[...] e contigo não subsiste o mal." O mal não pode coabitar com aquele que é o supremo Bem, pois não tem acesso à presença de Deus, e os pecadores rebeldes não podem entrar em sua presença (15:1-5; 24:3-6). Concordo com Warren Wiersbe quando diz que o mal não é uma abstração; é uma força terrível operando no mundo, destruindo vidas e capturando pessoas para o inferno. A abominação de Deus contra o mal não é emocional, mas sim judicial, constituindo, assim, uma expressão de sua santidade.[10]

Em terceiro lugar, *Deus lança fora o arrogante* (5:5a). "Os arrogantes não permanecerão à tua vista..." Deus lança fora todo soberbo e resiste e declara guerra aos arrogantes. Deus expulsou o anjo de luz do céu por causa da soberba, bem como expulsou Adão e Eva do jardim do Éden por esse mesmo motivo; sendo assim, ele não permitirá que os soberbos entrem pelos portais celestiais.

Em quarto lugar, *Deus aborrece o que vive na prática da iniquidade* (5:5b). "[...] aborreces a todos os que praticam a iniquidade." Deus não aborrece apenas a iniquidade, mas também todo aquele que a pratica, pois não tem prazer na vida do ímpio. Spurgeon alerta: "Se a ira de Deus é contra

os que praticam a iniquidade, como é grande a ira contra a própria iniquidade. A força da ira de Deus é contra o pecado. Portanto, odiemos o pecado e o odiemos com força".[11] Aqueles que praticam a iniquidade estão sob todas as maldições da lei e sob todas as ameaças do evangelho. Estou de pleno acordo com o que escreveu Warren Wiersbe: "O Senhor espera que aqueles que o amam também amem e aborreçam as mesmas coisas que ele (Sl 97:10; 119:113; 139:21; Pv 6:16,17; Am 5:15; Rm 12:9)".[12]

Em quinto lugar, *Deus destrói o mentiroso* (5:6a). "Tu destróis os que proferem mentira..." Deus abomina a mentira, pois sua procedência é maligna; além disso, os mentirosos serão lançados no lago de fogo (Ap 21:8). Citando William Cowper, compositor inglês, Spurgeon diz que, no mesmo campo em que Absalão fez guerra contra o seu pai, estava o carvalho que lhe serviu de forca; a jumenta na qual ele montava lhe serviu de carrasco, pois ela o levou à árvore; e, por fim, os cabelos de que ele se gloriava lhe fizeram a vez de corda de forca. Os ímpios nem imaginam que tudo que hoje possuem lhes servirá de armadilha para prendê-los quando Deus começar a castigá-los.[13]

Em sexto lugar, *Deus abomina o sanguinário e o fraudulento* (5:6b). "[...] o SENHOR abomina ao sanguinário e ao fraudulento." Isso quer dizer que Deus abomina o que atenta contra a vida do próximo e o que usa de meios ilícitos para saquear os bens do próximo.

Uma sujeição ao Senhor (5:7-12)

Davi contrasta a sua própria vida com a vida dos ímpios, demonstrando o rico amor pactual de Deus para com ele

e sua sujeição ao Senhor. Sobre isso, cinco verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *um pedido de orientação* (5:7,8). Davi não estufa o peito, com arrogante jactância, tampouco drapeja a bandeira de sua virtude pessoal, como que ostentando medalhas de honra ao mérito. Ele está fiado na misericórdia de Deus e, nesse sentido, duas coisas nos chamam a atenção:

Primeira, *ele é um adorador que busca a casa de Deus* (5:7). "Porém eu, pela riqueza da tua misericórdia, entrarei na tua casa e me prostrarei diante do teu santo templo, no teu temor." Davi busca o abrigo da casa de Deus, o tabernáculo, pois aspira à presença de Deus. Ele é um adorador que se prostra em santo temor e reverência diante da Majestade.

Segunda, *ele é um peregrino que busca direção de Deus* (5:8). "SENHOR, guia-me na tua justiça, por causa dos meus adversários." Os seus passos são vigiados não apenas por Deus, mas também pelos seus adversários, por isso ele pede direção a Deus, pois precisa ser guiado na justiça divina e não quer ter uma vida inconsistente nem ser causa de tropeço.

Em segundo lugar, *um diagnóstico com precisão* (5:9). "Pois não têm eles sinceridade nos seus lábios; o seu íntimo é todo crimes; a sua garganta é sepulcro aberto, e com a língua lisonjeiam." Ao fazer um diagnóstico da vida do ímpio, Davi destaca a vida íntima e o que dela procede, os pecados da língua. Porque o coração, o laboratório de todos os crimes, é todo crimes, a língua despeja o que está no coração: insinceridade, sujeira e lisonja. Oh, como é suja a boca dos ímpios! O sepulcro emite odores nauseantes e imundos, e essa é a condição do pecador não regenerado (Rm 3:13).

Derek Kidner diz que os sanguinários e fraudulentos do versículo 6 agora são desmascarados, e uma oração é proferida contra eles. Com tais pessoas, todos os recursos da fala — lábios, garganta e língua — se combinam para alcançar (e para esconder) os desígnios do coração. Os métodos são os da serpente do Éden e dos seus filhotes menores: o lisonjeador e o difamador. "Sepulcro aberto" esperando seus ocupantes é o quadro sinistro empregado por Jeremias para descrever a eficácia assassina na batalha. Aqui, como em Romanos 3:13, também há uma indicação da corrupção do sepulcro.[14]

Em terceiro lugar, *um pedido de retribuição* (5:10). "Declara-os culpados, ó Deus; caiam por seus próprios planos. Rejeita-os por causa de suas muitas transgressões, pois se rebelaram contra ti." Davi não faz aqui um pedido de vingança pessoal, mas sim uma oração imprecatória, vindicando a santidade de Deus. Sendo assim, aqueles que conspiraram contra ele para lhe tirar a vida e usurpar-lhe o trono estavam lutando, em última instância, contra o próprio Deus que havia colocado Davi no trono e firmado uma aliança com ele.

Nas palavras de Allan Harman, "Davi, como um servo pactual leal, pede que Deus exerça seu juízo contra os súditos rebeldes".[15] Warren Wiersbe está certo quando diz que Davi não ordena que seus oficiais saiam e exterminem seus inimigos; antes, entrega seus adversários nas mãos de Deus. Durante a trágica batalha em que Absalão foi morto, "o bosque, naquele dia, consumiu mais gente do que a espada" (2Sm 18:8). A oração de Davi é respondida: "caiam por seus próprios planos" (5:10). Mas a derrota desses inimigos não se deve à sua rebelião contra Davi; seu grande pecado foi terem se rebelado contra Deus.[16]

Em quarto lugar, *uma alegria com robusta motivação* (5:11). "Mas regozijem-se todos os que confiam em ti; folguem de júbilo para sempre, porque tu os defendes; e em ti se gloriem os que amam o teu nome." A alegria do povo de Deus não é carnal nem mundana. Ela procede da fé, e são os que confiam em Deus que podem se regozijar, tendo em vista que essa alegria não é passageira nem perfunctória, mas eterna. Trata-se de um júbilo eterno, e Deus é o manancial de nossa alegria. O povo de Deus não é poupado de ataques insolentes nem de inimigos cruéis, mas Deus é o seu defensor. Portanto, quem ama o nome do Senhor pode gloriar-se nele agora e para sempre.

Em quinto lugar, *uma bênção com poderosa proteção* (5:12). "Pois tu, SENHOR, abençoas o justo e, como escudo, o cercas da tua benevolência." Purkiser afirma que "a justiça requer não apenas o castigo da maldade, mas também a recompensa da retidão".[17] O justo é abençoado e protegido. O próprio Deus é o seu escudo e o manancial de suas bênçãos, e a benevolência do Senhor o cerca do alto da cabeça à planta dos pés. Spurgeon diz que o escudo não é para a defesa de uma parte particular do corpo, como quase todas as outras peças da armadura são: o capacete se ajusta à cabeça; o peitoral foi projetado para o peito. Resumindo, as outras peças têm as suas respectivas partes do corpo para proteger, mas o escudo é a peça projetada para a defesa do corpo inteiro, e, assim, a fé é a armadura sobre armadura, a graça que guarda todas as outras graças.[18]

NOTAS

[1] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 69.

[2] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 84.
[3] Ibidem, p. 85.
[4] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 70, 75.
[5] Ibidem, p. 70.
[6] Ibidem, p. 71.
[7] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 97.
[8] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 77.
[9] Harman, Allan. *Salmos,* p. 85.
[10] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 98.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 79.
[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 98.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 79.
[14] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 75.
[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 86.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 98.
[17] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 122.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 82.

Capítulo 6

Um clamor por livramento

(Sl 6:1-10)

Esse salmo de Davi é o primeiro dos sete salmos de lamento. Os outros são os salmos 32, 38, 51, 102, 130 e 143. Mui provavelmente foi escrito no tempo da rebelião de Absalão, quando Davi era idoso, estava enfermo e não era mais capaz de lidar com todas as responsabilidades complexas do reino. O fracasso gradativo dele como líder destacado foi parte da "campanha publicitária" de Absalão para conquistar o coração dos israelitas (2Sm 15:1-6). Davi está encurralado, com inimigos espreitando-o por fora e temores corroendo-o por dentro; ele está cercado de adversários (6:7),

malfeitores (6:8) e inimigos (6:10); seu corpo está fraco e dolorido, e sua alma, perturbada.[1]

Purkiser diz que o clamor de Davi é um clamor por libertação da dor, da tristeza e da correção, e o pano de fundo desse salmo é aparentemente uma enfermidade prolongada e perigosa.[2] Derek Kidner diz que o salmo traz palavras para aqueles que quase não têm ânimo para orar e leva-os para dentro do alcance da vitória.[3]

Matthew Henry tem razão em dizer que o salmo começa com reclamações pesarosas, mas termina com louvores alegres, assim como Ana fez, isto é, ela começou a orar com um espírito triste, mas, ao terminar sua oração, seguiu o seu caminho, e o seu semblante já não era mais triste.[4]

Um clamor profundo ao Deus gracioso (6:1-5)

Davi havia pecado contra Deus e estava sob disciplina. Estava cercado de perigos ao redor, com o corpo surrado pela doença e com a alma inquieta. Sobre isso, destacamos quatro fatos.

Em primeiro lugar, *um pedido veemente* (6:1). "SENHOR, não me repreendas na tua ira, nem me castigues no teu furor." Davi tem plena consciência de que merece ser disciplinado e não foge da disciplina como Adão fugiu para o meio das árvores, Saul fugiu para a feiticeira e Jonas fugiu para Társis, tampouco pede que a repreensão seja totalmente retida, porque, assim, poderia perder uma bênção disfarçada;[5] em vez disso, Davi teme que Deus fale com ele em sua ira e o castigue em seu furor. Nas palavras de Spurgeon, "Davi apelou de uma virtude, a justiça, para outra virtude, a misericórdia".[6] O confronto verbal da Palavra é sucedido pela vara do castigo. Warren Wiersbe

diz que, quando Deus trata de seus filhos, normalmente ele os repreende e, em seguida, os disciplina (Hb 12:5,6; Pv 3:11,12).[7]

Em segundo lugar, *uma enfermidade dolorosa* (6:2). "Tem compaixão de mim, SENHOR, porque eu me sinto debilitado; sara-me, SENHOR, porque os meus ossos estão abalados." Davi, fragilizado pela enfermidade, pede cura a Deus. Emprega três vezes o termo hebraico *bahal,* que significa "desfalecido, fraco, perturbado". Essa palavra foi vertida para o grego como *tarasso,* a palavra usada em João 12:27: "Agora está angustiada a minha alma".[8] Charles Spurgeon diz que não era somente a carne que tremia, mas os ossos, as sólidas colunas da casa da hombridade, tremiam.[9] Até a parte mais forte do seu corpo, os seus ossos, está abalada.

Em terceiro lugar, *uma alma perturbada* (6:3). "Também a minha alma está profundamente perturbada; mas tu, SENHOR, até quando?" Davi estava doente do corpo e da alma, de modo que seu corpo e suas emoções estavam debilitados. A profunda perturbação de sua alma era a causa, e a enfermidade física, a consequência. Allan Harman diz que Davi está profundamente atribulado no corpo e no espírito. A interminável indagação "até quando?" aparece cerca de trinta vezes na Bíblia, e, destas, dezesseis estão em Salmos.[10] "Até quando?" É a pergunta que os servos de Deus fizeram ao longo dos séculos. Calvino nunca murmurou acerca de suas muitas enfermidades, mas sempre levantou aos céus esta pergunta: "Até quando, Senhor?". Essa foi a mesma pergunta das almas que estavam debaixo do altar (Ap 6:10). Concordo com Charles Spurgeon quando diz que o problema da alma é a própria alma do problema. Não tem importância que os ossos tremam quando a alma está firme.[11] Derek Kidner tem razão em dizer que todas as

demoras de Deus são para o amadurecimento do tempo ou da pessoa.[12]

Em quarto lugar, *um grande temor da morte* (6:4,5). "Volta-te, SENHOR, e livra a minha alma; salva-me por tua graça. Pois, na morte, não há recordação de ti; no sepulcro, quem te dará louvor?" Davi sente que Deus tem estado ausente dele, e seu desejo é que ele volte. Davi está nos portais da morte e sabe que seus pecados merecem a morte, seus pés caminham para a morte, seu corpo dá sinais de morte e sua alma está prisioneira da morte. Ele argumenta com Deus, dizendo que, se morrer, seus lábios cessarão de louvá-lo na terra.

Uma queixa amarga ao Deus misericordioso (6:6,7)

Saímos de um salmo matutino (3:5) e passamos para um salmo vespertino (4:8), voltando em seguida para outro salmo matutino (5:3). Temos agora mais um salmo vespertino (6:6).[13] Davi espreme todo o pus emocional de sua alma e lança sobre Deus sua amarga queixa. Sobre isso, destacamos três fatos.

Em primeiro lugar, *o cansaço do sofrimento* (6:6). "Estou cansado de tanto gemer..." O gemido é a expressão mais profunda do sofrimento, por isso gememos quando nos faltam palavras para expressar a nossa dor. Os gemidos de Davi são tantos e tão profundos que ele se sente exausto de tanto gemer.

Em segundo lugar, *o copioso choro noturno* (6:6b). "[...] todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago." Usando uma linguagem hiperbólica, Davi mostra que sua dor se agrava à noite, pois seu leito, em vez de ser o lugar de seu descanso, torna-se o território da expressão

de seu mais atroz sofrimento. Sua cama está alagada pelas torrentes caudalosas de suas lágrimas. Spurgeon destaca que a cama, o lugar do pecado de Davi, é o lugar do seu arrependimento; em outras palavras, Davi santificou pelas lágrimas o lugar que ele poluiu pelo pecado.[14]

Em terceiro lugar, *o visível abatimento emocional* (6:7). "Meus olhos de mágoa se acham amortecidos, envelhecem por causa de todos os meus adversários." O semblante de Davi está desfigurado, e seu rosto, abatido por olheiras. Parece até que a velhice foi antecipada, pois seus olhos estão sem brilho, sem viço, envelhecidos por causa de todos os seus adversários. Allan Harman destaca que os olhos de Moisés não se enfraqueceram mesmo quando a morte se avizinhava (Dt 34:7), mas os olhos de Davi se ofuscavam por causa de sua tristeza, bem como por causa de seus inimigos.[15]

Uma confiança inabalável no Deus pactual (6:8-10)

Uma mudança radical acontece. O rei emerge das cinzas do abatimento, levanta-se de seus joelhos completamente remoçado e sente cura em seu corpo e paz em sua mente, triunfando, assim, sobre seus inimigos na oração. Sobre isso, destacamos dois pontos.

Em primeiro lugar, *porque triunfa na oração diante de Deus, vence os seus inimigos* (6:8,9). "Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade, porque o SENHOR ouviu a voz do meu lamento; o SENHOR ouviu a minha súplica; o SENHOR acolhe a minha oração." Davi está fortalecido para pôr em retirada seus inimigos. Porque prostrou-se diante de Deus, levanta-se diante dos homens; porque triunfou no quarto secreto da oração, vence no campo aberto da batalha.

Spurgeon pergunta: "O lamento tem voz? O lamento fala? Em que idioma declara o que quer dizer? Ora, na língua universal, que é conhecida e compreendida em toda a terra e até mesmo no céu. O lamento é a eloquente voz da tristeza, é um orador que não gagueja, que não precisa de intérprete, pois compreende tudo".[16] Uma lágrima penitente é a evidência da restauração do pecador. Contudo, não é tanto os olhos que choram que logram êxito no trono da graça, mas o coração contrito. As lágrimas de Davi, a voz do seu lamento, eram música aos ouvidos de Deus; eram pérolas escorrendo pelos seus olhos penitentes.[17]

Em segundo lugar, *porque foi liberto de sua perturbação por Deus, deixa seus inimigos perturbados* (6:10). "Envergonhem-se e sejam sobremodo perturbados todos os meus inimigos; retirem-se, de súbito, cobertos de vexame." Concordo com Purkiser quando diz que aqueles que aprendem a orar encontram, em todas as circunstâncias da vida, motivos para louvar pela esperança no auxílio de Deus.[18] Agora não é Davi que está perturbado, mas seus inimigos. Os andrajos da vergonha foram retirados pelo triunfo na oração penitente, e agora Davi veste-se como um guerreiro vitorioso e coloca para correr seus inimigos.

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 99.

2 Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon,* vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, p. 123.

3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 76.

4 Henry, Matthew. *Comentário bíblico Antigo Testamento – Jó a Cantares de Salomão.* Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 233.

[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 85.
[6] Ibidem, p. 90.
[7] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 99.
[8] Ibidem.
[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 86.
[10] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 87.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 86.
[12] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 77.
[13] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 100.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 93.
[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 87.
[16] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 88.
[17] Ibidem, p. 95.
[18] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 124.

Capítulo 7

Um grande livramento

(Sl 7:1-17)

O SALMO 7 É mais um salmo de lamentação. Não temos informações precisas acerca de "Cuxe, benjamita" que aparece no título, mas é possível que tenha sido um colaborador próximo do rei Saul que apresentou acusações falsas de deslealdade contra Davi.

Warren Wiersbe é enfático em dizer que Cuxe, o benjamita, era um dos bajuladores do rei Saul e fazia parte de um grupo de homens perversos da tribo benjamita, que relatavam tudo o que ouviam sobre Davi durante os anos em que Saul estava determinado a capturar e destruir seu rival. Saul aproveitou-se da simpatia de seus líderes e os

subornou para que trabalhassem como espias (1Sm 22:6-19; 23:21; 24:8-22; 26:18,19). A fim de obter a aprovação e as recompensas do rei, esses homens mentiram sobre Davi, e Saul acreditou neles.[1]

A maioria dos estudiosos acredita, portanto, que esse salmo tem como pano de fundo as perseguições insanas do rei Saul ao seu genro Davi. O rei louco, tomado por uma inveja avassaladora, movido por uma ira incessante, tem como projeto de vida matar Davi e afastá-lo do seu caminho. E o genro perseguido, mesmo tendo oportunidade de vingar-se do sogro, não o faz, pois seu caráter é nobre, suas ações são justas e suas motivações são puras. Purkiser diz que esse é o primeiro de oito salmos tradicionalmente associados à fuga de Davi diante de Saul — os outros são os salmos 34, 52, 54, 56, 57, 59 e 142.[2]

Warren Wiersbe diz que o salmo 7 descreve quatro julgamentos: outras pessoas nos julgam incorretamente (7:1,2); julgamos a nós mesmos honestamente (7:3-5); Deus julga os pecadores com justiça (7:6-13); o próprio pecado julga os pecadores (7:14-17).[3] O texto apresentado enseja-nos várias preciosas lições, como veremos a seguir.

Deus, o refúgio seguro (7:1,2)

Quando Davi sentiu-se encurralado por todos os lados pelos inimigos que queriam devorá-lo como um leão faminto que salta sobre sua presa, recorre ao Senhor em oração. Duas coisas devem ser aqui observadas.

Em primeiro lugar, *uma oração com senso de urgência* (7:1). "SENHOR, Deus meu, em ti me refugio; salva-me de todos os que me perseguem e livra-me." Esse salmo precede cronologicamente os três anteriores, e quem persegue Davi

aqui é Saul e seus soldados. Davi tinha sido ungido para ser rei no lugar de Saul, mas ainda não havia assumido o trono. Assim, precisou fugir de Saul pelas cidades, pelas cavernas, pelos desertos e até mesmo para fora do território de Israel. Por todos os lados, a fúria de Saul vai no seu encalço, e é nesse contexto que Davi recorre ao Senhor, como o seu Deus, para pedir livramento.

Em segundo lugar, *uma ameaça de morte iminente* (7:2). "Para que ninguém, como leão, me arrebate, despedaçando-me, não havendo quem me livre." Allan Harman diz que, ainda que o problema de Davi pareça ter sido a difamação, ele sente como que rasgado ao meio como uma vítima de um leão.[4] Quando um leão arrebata uma presa, não tem escapatória. A morte dela é iminente. Ela é despedaçada. Concordo com Spurgeon quando diz: "A difamação deixa uma mácula indistinta na reputação, mesmo que seja total e devidamente contestada".[5] É como subir no alto de uma montanha e soltar um saco de penas, ou seja, não se consegue recolhê-las todas.

Deus, o justo defensor (7:3-9)

Davi não apenas fala para Deus sobre a fúria dos inimigos que querem matá-lo, mas pleiteia diante do Senhor a sua inocência ante as falsas acusações. Vejamos.

Em primeiro lugar, *uma defesa de sua inculpabilidade* (7:3,4). O inimigo é acusador e transforma virtude em defeito, boa ação em malfeito, retidão em traição. Contudo, o melhor escudo de um homem é sua consciência em paz, visto que o carrasco mais atormentador é uma consciência culpada. Davi é inocente, e as acusações, como libelos acusatórios assacados contra ele, são falsas. Davi não pagou

com mal aos que estavam em paz com ele; ao contrário, mesmo tendo oportunidade de matar Saul, que o oprimia sem causa, poupou sua vida em duas ocasiões (1Sm 24:1-22; 26:1-25). Concordo com Warren Wiersbe quando diz que Davi não afirma ser impecável, mas sim inculpável em suas motivações e ações.[6]

Em segundo lugar, *uma disposição de sofrer o castigo caso sua inocência não seja comprovada* (7:5). "Persiga o inimigo a minha alma e alcance-a, espezinhe no chão a minha vida e arraste no pó a minha glória." A defesa que Davi faz de si mesmo não é um discurso hipócrita. Seus lábios não são mentirosos como os lábios de seus acusadores, e ele está disposto a sofrer toda a violenta maldade de seus inimigos caso sua conduta não seja avalista de suas palavras.

Em terceiro lugar, *um veemente pedido pela intervenção divina* (7:6-8). Davi não faz justiça com as próprias mãos, mas coloca Saul e suas intrigas nas mãos do Senhor. Ele faz um apelo para Deus se levantar em sua indignação contra a injustiça e também para mostrar sua grandeza e vindicar sua glória. Roga que Deus rompa o silêncio e saia em seu favor, uma vez que ele julga os povos com justiça e julgará o seu servo com retidão. Allan Harman diz que, seguindo o exemplo de Moisés (Nm 10:35), Davi roga a Deus que aja contra seus adversários, lançando mão de três expressões sinônimas: "levantar", "erguer" e "despertar", termos que se relacionam à ação militar e judicial.[7]

Em quarto lugar, *um caloroso pedido pelo justo julgamento divino* (7:9). Davi apela para o justo julgamento divino porque, em seu tribunal, não apenas palavras e ações são escrutinadas e julgadas, mas também os intentos do coração. Deus julga foro íntimo, sonda mente e coração, e seu

tribunal é o trono da justiça, por isso Davi põe sua integridade diante do Senhor, que tudo vê, tudo conhece e a todos sonda (17:3; Jr 11:20; 17:10; 20:12; Ap 2:23). Concordo com Spurgeon quando escreve: "Quando Deus julga a nossa causa, nosso sol se levanta e o sol dos ímpios se põe para sempre".[8]

Deus, o poderoso Juiz (7:10-16)

Diante do trono justo de Deus, só há dois tipos de pessoas: os que são justificados e os que são condenados; aqueles que são convertidos e aqueles que permanecem em seus pecados. Sendo assim, o justo não será condenado nem o ímpio justificado. Vejamos.

Em primeiro lugar, *Deus é o escudo salvador dos justos* (7:10). "Deus é o meu escudo; ele salva os retos de coração." Diante dos dardos inflamados do maligno e das flechas envenenadas dos inimigos, Deus é o nosso escudo salvador. Ele justifica seu povo, cobre-o debaixo de suas asas, de modo que a fúria do inimigo não pode alcançar aqueles que estão sob a proteção do seu escudo.

Em segundo lugar, *Deus é o reto juiz para os injustos* (7:11). "Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias." A Escritura diz que a ira de Deus se revela dos céus contra a impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça (Rm 1:18). Por Deus ser santo, ele não pode aprovar o pecado nem se deleitar nele. Por ser justo, sua ira santa se acende toda vez que o pecado desafia sua santidade, de modo que os perversos não prevalecerão no juízo. Spurgeon escreveu: "Os pecadores podem ter muitos dias festeiros, mas nenhum dia seguro. Do começo ao fim do ano, não há uma hora na qual a fornalha de Deus

não esteja quente, ardendo em prontidão para os ímpios, que serão como restolho".[9]

Em terceiro lugar, *Deus sentenciará os inconversos à morte* (7:12,13). "Se o homem não se converter, afiará Deus a sua espada; já armou o arco, tem-no pronto; para ele preparou já instrumentos de morte, preparou suas setas inflamadas." Aqueles que vivem desatentamente no pecado e caminham pela vida na prática da impiedade, sem arrependimento, enfrentarão a ira de Deus e do Cordeiro no dia do juízo e dela não poderão escapar (Ap 6:12-17). A ordem que perpassa em toda a Escritura é: arrepender-se e viver, ou não se arrepender e morrer.

Em quarto lugar, *Deus dará aos ímpios o justo pagamento de seus pecados* (7:14-16). Davi usa três metáforas para explicar como os ímpios colherão o que semearam e como o seu malfeito cairá sobre sua própria cabeça. Vejamos.

Primeiro, *a figura da mulher grávida* (7:14). "Eis que o ímpio está com dores de iniquidade; concebeu a malícia e dá à luz a mentira." O ímpio é como uma mulher grávida, ou seja, o pecador está prenhe, carregando em seu ventre o monstro da iniquidade. Ele concebeu a malícia, está com as dores de parto da iniquidade e, quando nasce esse filho maldito, recebe o nome de mentira.

Segundo, *a figura do coveiro* (7:15). "Abre, e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz." O ímpio, como Hamã, levanta uma forca para matar o seu desafeto Mardoqueu (ou Mordecai), mas ele mesmo é enforcado nesse instrumento de morte. O ímpio, como um coveiro macabro, abre uma cova funda para o seu inimigo, mas ele mesmo é quem é enterrado nessa cova. Nas palavras de Allan Harman, "o ímpio é como um caçador que cava uma

armadilha para um animal, mas ele mesmo cai nela" (Pv 26:27).[10]

Terceiro, *a figura do flecheiro* (7:16). "A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência." O ímpio joga uma flecha cheia de malícia contra o justo, mas essa flecha cai sobre sua própria cabeça, isto é, o mal que ele intentou contra o justo vem sobre ele. Ele ateou fogo à própria casa com a tocha que acendeu para queimar o vizinho. Nas palavras de Spurgeon, "as cinzas sempre voam no rosto de quem as lança".[11] Qualquer ação que lance mão contra o justo descobre que ela se volta contra si mesmo (37:14,15).

Deus, o Senhor Altíssimo digno de louvor (7:17)

Esse salmo conclui com um contraste alegre. Enquanto o ímpio perece, o justo celebra, e o caluniado agora é um adorador que celebra com alegria. Purkiser diz, acertadamente, que o versículo 17 é uma doxologia, uma atribuição de louvor a Deus.[12] Davi começa, aflito, esse salmo e termina cantando; começa encurralado pelos inimigos e termina protegido pelo Deus Altíssimo, *El Elyon* (Gn 14:18-22). Ele sai do cerco do inimigo para o lugar espaçoso da adoração, sai da carranca do Diabo para a sorriso de Deus. É como diz Spurgeon: "a joia brilhante reluz mais em um fundo preto";[13] em outras palavras, Deus inspira canções de louvor nas noites escuras (Jó 35:10).

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 101.

2 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 124.

[3] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 101-102.
[4] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 89.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 100.
[6] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 101.
[7] Harman, Allan. *Salmos*, p. 89.
[8] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 102.
[9] Ibidem.
[10] Harman, Allan. *Salmos*, p. 90.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 103.
[12] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 125.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 104.

Capítulo 8

A glória de Deus e a dignidade do homem

(Sl 8:1-9)

Esse é um salmo de Davi, um salmo de louvor e celebração que exalta o Deus da aliança, o Grande Eu Sou. O salmista destaca a obra da criação, da providência e da redenção, mas, para Allan Harman, a criação é o foco desse hino de louvor.[1]

Esse salmo começa e termina reconhecendo, com entusiasmo arrebatador, a grandeza do nome de Deus em toda a terra (8:1,9). Concordo com as palavras de Derek Kidner quando diz que esse salmo é um exemplo insuperável daquilo que um hino deve ser: celebra a glória e a graça de Deus, narra aquilo que Ele é e o que tem feito, e coloca a nós e o nosso mundo em relacionamento com

Ele — tudo com perfeita economia de palavras e um espírito de alegria misturada com reverência.[2]

Charles Spurgeon diz que o salmo 8 pode ser chamado de a canção do astrônomo.[3] O salmista fica extasiado diante da grandeza insondável dos céus, da variedade das estrelas e do brilho da lua, obra da mão de Deus. Nas palavras de Bruce Waltke, "esse salmo celebra, paradoxalmente, a majestade do *Eu Sou* ao celebrar a eminência do *humilde,* não o orgulhoso ser humano, a quem ele concedeu o mandato cultural para dominar a terra".[4] Purkiser diz que esse salmo tem sido chamado de Gênesis 1 em forma de música ou o melhor comentário de Gênesis 1.[5]

Esse salmo é também um salmo messiânico, e tanto Mateus 21 como Hebreus 2 vinculam esse salmo a Jesus, o Messias. Cinco verdades sublimes podem ser observadas nessa exuberante passagem.

A majestade magnífica do Criador (8:1)

O escritor sagrado está extasiado diante da grandeza do nome de Deus em toda a terra. Três fatos são dignos de destaque aqui.

Em primeiro lugar, *a realidade da grandeza do nome de Deus* (8:1a). "Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico..." Davi não apenas reconhece a grandeza de Deus, mas também a realidade de uma relação pessoal com ele, pois é o Senhor nosso, o Deus da aliança, o grande EU SOU, que vê, ouve e socorre o seu povo. Allan Harman destaca que o salmo é aberto com uma declaração da majestade do nome de Deus, o qual é abordado pelo uso do nome pactual, Senhor, Yahweh (Javé), no qual se adiciona "nosso

SENHOR".[6] Apropriar-se pessoalmente do Senhor como nosso é um inaudito privilégio.

Em segundo lugar, *a extensão da grandeza do nome de Deus* (8:1b). "[...] em toda a terra é o teu nome!..." O nome de Deus é magnífico em toda a terra, e não há um recanto sequer da terra onde o nome de Deus não seja magnífico. Charles Spurgeon, citando Adam Clarke, escreve:

> Como é ilustre o nome de Jesus por todo o mundo! A sua encarnação, nascimento, vida, pregação, milagres, paixão, morte, ressurreição e ascensão são célebres pelo mundo inteiro. A sua religião, os dons e graças do seu Espírito, o seu povo — os cristãos —, o seu evangelho e pregadores do evangelho são falados em todos os lugares. Nenhum nome é tão universal, não há poder e influência que sejam tão geralmente sentidos como os do Salvador da humanidade.[7]

Spurgeon diz que os milagres de Deus nos esperam por todos os lados.[8] Podemos ver as digitais do Criador em toda a terra: nos montes alcantilados e nos vales profundos, nos rios serpenteantes e nas profundezas do mar, nos fortes rochedos e no verdor das florestas. Na verdade, toda a terra está cheia da sua glória (Jó 9:8,9; Ne 9:6).

Em terceiro lugar, *a razão da grandeza do nome de Deus* (8:1c). "[...] Pois expuseste nos céus a tua majestade." O nome de Deus é magnífico na terra porque ele expôs sua majestade no céu, tanto que ainda hoje ficamos extasiados com a grandeza insondável do universo. São bilhões de mundos estelares distantes de nós bilhões de anos-luz. Mesmo o mais afamado astrônomo é incapaz de compreender a vastidão indecifrável deste universo.

A vitória retumbante de Deus sobre seus inimigos (8:2)

Warren Wiersbe diz que Davi passa da transcendência de Deus para sua imanência. Deus é tão grandioso que pode colocar seu louvor nos lábios de bebês e de crianças e, ainda assim, não ser privado de sua glória.[9] A devoção infantil revela aqui sua potência e influência. A grandeza de Deus pode ser vista pelo fato de usar o que é pequeno e frágil para derrotar e emudecer os inimigos e vingadores. Grandes resultados são procedentes de causas tão pequenas. Sobre isso, duas verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *Deus usa as coisas fracas para derrotar as coisas fortes* (8:2a). "Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários..." As crianças lactantes são o símbolo mais eloquente da fragilidade humana, pois são dependentes e indefesas; Deus, porém, derrota os arrogantes e emudece os inimigos pela força das crianças. Nas palavras de Purkiser, "Deus ordenou que mesmo os representantes mais frágeis da humanidade deveriam ser seus vencedores para confundir e silenciar aqueles que se opõem ao seu Reino e negam sua bondade e providência".[10] Allan Harman diz que mesmo as crianças mais tenras podem entoar seu louvor, e esse louvor é capaz de acalmar o íntimo de seus inimigos. Deus pode usar as coisas fracas deste mundo para confundir as poderosas (1Co 1:27). Jesus citou o versículo 2 (Mt 21:16) ao repreender as autoridades que queriam que Ele fizesse calar as crianças que entoavam seu louvor quando entrava em Jerusalém.[11] Enquanto muitos eruditos se calaram e tentaram calar as crianças, elas deram testemunho da glória do Redentor.

Em segundo lugar, *Deus usa os indefesos para emudecer o inimigo e vingador* (8:2b). "[...] para fazeres emudecer o inimigo e o vingador." As crianças não usam armas, mas louvor; elas não lançam mão de astúcia, mas têm uma confiança pura e simples. Os filhos de Deus, embora frágeis aos olhos dos poderosos deste mundo, têm emudecido os inimigos e tapado a boca dos vingadores.

A grandeza insondável da criação (8:3)

Davi era um pastor de ovelhas, e muitas noites permanecia de vigília, protegendo suas frágeis ovelhas nas campinas de Belém. O céu estrelado e o luar cor de prata eram o cenário que encantava seus olhos e fazia o seu coração meditar acercada grandeza do Criador. Duas verdades merecem destaque aqui:

Em primeiro lugar, *os céus com sua vastidão insondável são uma magnífica obra de Deus* (8:3a). "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos..." Os céus existem não por geração espontânea nem por uma explosão cósmica, tampouco vieram a existir por uma evolução de bilhões e bilhões de anos. Eles nem sempre existirão como os vemos, mas foram criados por Deus. Este universo vastíssimo e insondável com mais de 93 bilhões de anos-luz de diâmetro é obra de Deus.

Em segundo lugar, *a lua e as estrelas são estabelecidas por Deus* (8:3b). "[...] e a lua e as estrelas que estabeleceste." Davi está contemplando da perspectiva da Terra, por isso cita a Lua antes da falar das estrelas, mas sabemos que há mais estrelas no firmamento do que todos os grãos de areia de todas as praias e desertos do nosso planeta. Deus não só cria cada estrela, mas conhece cada

uma delas pelo nome (Is 40:26) e estabeleceu cada uma delas no seu devido lugar.

Adauto Loureço faz uma lista básica de corpos celestes:[12]

- **Estrelas**: são corpos celestes massivos que produzem a sua própria luz. A composição química de uma estrela normal é de aproximadamente 71% de hidrogênio, 27% de hélio, e o restante 2% de elementos químicos pesados. O Sol é a estrela mais próxima da Terra.
- **Galáxias**: são sistemas celestes massivos contendo entre algumas dezenas de milhares de estrelas até centenas de trilhões. A Via Láctea é uma galáxia na qual o Sol é apenas uma dentre outras 200 a 400 bilhões de estrelas. Existem mais de 170 bilhões de galáxias no universo.
- **Planetas**: são corpos celestes que orbitam uma estrela e possuem massa suficiente para ter um formato esférico. A Terra é um dos oito planetas do sistema solar.
- **Asteroide**: são pequenos corpos celestes orbitando o Sol.
- **Meteoroides**: são objetos sólidos que se movem no espaço interplanetário.
- **Cometas:** são pequenos corpos celestes formados de gelo que orbitam o Sol.
- **Luas**: são satélites naturais que orbitam um planeta.

A fragilidade indescritível do homem (8:4)

Depois de destacar a grandeza de Deus e de sua obra criadora, Davi volta os olhos para a fragilidade humana e

faz duas perguntas retóricas: "Que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?" (8:4). A resposta esperada à indagação do salmista tem de ser "Nada!". Concordo com Bruce Waltke quando diz: "Quando o homem contempla a expansão ilimitada dos céus crivado de estrelas, a diferença entre Deus e o homem é revelada em toda a sua magnitude, e a qualidade integral dessa diferença é manifesta".[13] Em comparação com a extensão dos céus e dos corpos celestes, só resta ao homem confessar sua insignificância, tendo em vista que ele não passa de um grão de areia diante da vastidão da criação. Purkiser destaca que o pensamento duplo da insignificância dos homens aos olhos de Deus e, ao mesmo tempo, sua dignidade como a criação mais elevada de Deus está repleto de beleza instrutiva.[14]

Destacamos aqui três verdades.

Em primeiro lugar, *uma definição necessária* (8:4a). "Que é o homem?" O homem é a obra prima e a coroa da criação, uma vez que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. Mas essa intrigante pergunta ainda reverbera nos ouvidos da história: que é o homem? Platão disse que o homem é um bípede depenado. Aristóteles definiu o homem como um animal político. Edmund Burke o definiu como um animal religioso. Benjamin Franklin, como um animal produtivo. Thomas Carlyle como um animal utilitário. O sofista grego Protágoras disse que o homem é a medida de todas as coisas. O profeta Isaías disse que o homem é erva (Is 40:6). Alex Carrel escreveu um livro com o título: "O homem, este desconhecido". À luz das Escrituras, homem é a imagem de Deus criada, deformada e restaurada. Spurgeon, citando Blaise Pascal, ao responder à pergunta sobre o que é o homem, escreve: "Oh, a

grandeza e a pequenez, a excelência e a corrupção, a majestade e a maldade do homem!"[15]

Em segundo lugar, *uma insignificância notória* (8:4b). "[...] que dele te lembres?..." Diante da majestade de Deus e da grandeza insondável da criação, o homem é um ser diminuto, pequeno e frágil. Inobstante sua insignificância, Deus se lembra do homem e se importa com ele, dando-lhe honra na criação, revelando sua providência em sua preservação e demonstrando sua graça em sua redenção. Bruce Waltke diz que a astronomia nos revela que o ser humano parece insignificante em meio à imensidão da criação. Embora ele seja um objeto do cuidado paternal e da misericórdia do Altíssimo, ainda é um grão de areia em relação a toda a terra, quando comparado com as miríades de seres que povoam as amplitudes da criação. Que é a totalidade deste globo em comparação com as centenas de milhões de sóis e mundos, bilhões de estrelas e bilhões de galáxias que existem?[16]

Em terceiro lugar, *uma gratidão profunda* (8:4c). "[...] E o filho do homem, que o visites?" O homem não só foi criado por Deus à sua imagem e semelhança, mas, quando caiu em pecado e desfigurou essa imagem, Deus não desistiu dele; em vez disso, visitou-o com graça e misericórdia, providenciando-lhe redenção, a fim de que sua imagem fosse restaurada no homem. Spurgeon diz que "visitar" significa aqui mostrar misericórdia, abençoar (Rt 1:6; Gn 21:1,2). Misericórdias são visitações, e, quando Deus vem em bondade e amor para nos fazer o bem, ele nos visita.[17]

A honra singular conferida ao homem (8:5-8)

A honra especial concedida ao homem pelo Criador decorre de dois fatores eloquentes.

Em primeiro lugar, *da forma singular de sua criação* (8:5). "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste." O homem ocupa uma posição especial na criação pelo fato de que somente ele, dentre todas as criaturas, foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26,27). Em virtude de sua criação, ele tem de refletir a glória de Deus de uma forma especial por governar como vice-regente de Deus.[18] O homem é um ser moral e espiritual, capaz de corresponder ao amor de Deus e de relacionar-se com Ele; além disso, também foi coroado de glória e honra.

Em segundo lugar, *do mandato cultural de vice-regente da criação* (8:6-8). Deus não só criou o homem de forma singular, mas lhe deu poder sobre toda a criação (Gn 1:28-30; 9:1-3). Concordo com Bruce Waltke quando diz que os homens não conquistam poder sobre a criação por um processo mecânico de sorte, mas por intermédio do mandato do Criador para estabelecer uma cultura que expressa o caráter de Deus.[19] O mesmo autor prossegue dizendo que, em contraste com o pensamento de Charles Darwin de que os seres humanos conquistaram domínio sobre o meio ambiente pela própria força, o salmo ensina que esse domínio é um dom de Deus. A visão de Darwin abre a possibilidade de os seres humanos se comportarem como tiranos arrogantes sobre a terra, mas o salmo ensina que, em louvor ao Criador e por meio da dependência dele, o homem domina com mansidão sob o Criador, de modo que a lei do Criador para a humanidade protege os animais (Êx 23:12) e as aves (Dt 22:6-8).[20] Sobre isso, destacamos aqui alguns pontos.

Primeiro, *Deus nomeia o homem como regente da criação* (8:6). "Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão

e sob seus pés tudo lhe puseste." O homem manda, e as outras criaturas se submetem ao seu governo. Concordo com Allan Harman quando diz que as palavras "tudo lhe puseste debaixo de seus pés" acham seu mais pleno significado no domínio que Jesus exerce por meio de sua ressurreição e exaltação (1Co 15:27; Ef 1:22; Hb 2:6-8). O que é retratado aqui acerca do homem com respeito à criação terá ainda sua significação mais plena na grande recriação.[21] Nessa mesma linha de pensamento, Warren Wiersbe diz que, quando Jesus ministrou aqui na terra, exerceu o domínio que Adão havia perdido, pois governou sobre os animais (Mc 1:13; 11:1-7), as aves (Lc 22:34) e os peixes (Lc 5:4-7; Mt 17:24-27; Jo 21:1-6). Hoje, Cristo está assentado em seu trono no céu, e todas as coisas estão "debaixo dos seus pés" (1Co 15:27; Ef 1:22; Hb 2:8).[22]

Segundo, *Deus nomeia o homem como dominador dos animais terrestres* (8:7). "Ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo." Todos os animais terrestres, criados no sexto dia da criação, estão debaixo do governo do homem.

Terceiro, *Deus nomeia o homem como dominador dos animais voláteis e aquáti*cos (8:8). "As aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares." Aves e peixes foram colocados sob a autoridade do homem e servem aos interesses e necessidades do homem.

Resumindo, o domínio da terra dado à humanidade na criação original foi glorioso, mas muito mais glorioso, apesar da Queda, será nosso destino redimido.

Conclusão (8:9)

O salmo termina com as mesmas sete palavras hebraicas com que iniciou. Entre a introdução e a conclusão, há

duas seções desiguais. Os primeiros dois versículos falam da majestade de Deus, ao passo que os versículos 3 a 8 descrevem o homem. Este é um dos importantes recursos da oratória.

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 90.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 82.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 113.
4 Waltke, Bruce K.; Houston, James M. *Os Salmos como adoração cristã.* São Paulo: Shedd Publicações, 2019, p. 272.
5 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 126.
6 Harman, Allan. *Salmos,* p. 91.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 120.
8 Ibidem, p. 114.
9 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 103.
10 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 126.
11 Harman, Allan. *Salmos,* p. 91.
12 Lourenço, Adauto. *Gênesis 1 & 2.* São Paulo: Fiel, 2011, p. 140-141.
13 Waltke, Bruce K.; Houston, James M. *Os salmos como adoração cristã,* p. 281.
14 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 126.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 127.
16 Waltke, Bruce K.; Houston, James M. *Os Salmos como adoração cristã,* p. 269.
17 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 127.
18 Harman, Allan. *Salmos,* p. 92.
19 Waltke, Bruce K.; Houston, James M. *Os Salmos como adoração cristã,* p. 286.
20 Ibidem, p. 288.
21 Harman, Allan. *Salmos,* p. 92.
22 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 104.

Capítulo 9

O triunfo de Deus sobre seus inimigos

(Sl 9:1-20)

O SALMO 9 FOI escrito por Davi e destaca sua gratidão a Deus pelo livramento de seus inimigos e perseguidores. Exalta a Deus por quem Ele é e dá graças pelo que Ele faz. Os inimigos são muitos e perigosos, mas não oferecem nenhum perigo àquele que está no trono e reina soberano, pois não passam de homens mortais, ao passo que o Senhor reina eternamente!

Purkiser faz coro com aqueles que dizem que os salmos 9 e 10 originalmente formavam uma única obra literária. Não existe um título no início do salmo 10, como é o caso em todos os outros do Livro 1, exceto 1, 2 e 33; além

disso, os salmos 9 e 10 são considerados um único salmo na Septuaginta e na Vulgata Latina. O salmo 9 exalta a soberania de Deus, particularmente em relação aos inimigos pagãos da nação de Israel, ao passo que o salmo 10 trata do problema da infidelidade e da impiedade dentro da própria nação. Esses dois problemas são constantes e urgentes para as nações cristãs do Ocidente, e existe o inimigo feroz do lado de fora e o crescimento maligno do secularismo e da descrença dentro do cristianismo.[1] Sobre isso, vamos destacar as lições desse rico poema.

Um cântico de gratidão a Deus (9:1,2)

Davi abre esse cântico de gratidão fazendo declarações mui preciosas, que passamos a destacar.

Em primeiro lugar, *o louvor precisa ser ao Senhor* (9:1a). "Louvar-te-ei, SENHOR..."O salmista canta louvores ao Deus da aliança, Javé, pois só o Senhor é digno de ser louvado, e nenhum outro pode ser objeto do nosso louvor e da nossa adoração. Concordo com Purkiser quando diz que a fé enfrenta o futuro sem medo porque se baseia em um passado que testifica da fidelidade e do poder do Senhor.[2]

Em segundo lugar, *o louvor precisa ser de todo o coração* (9:1b). "[...] de todo o meu coração..." O coração no Antigo Testamento significa o "eu" essencial, a personalidade, o pensamento, o sentimento, a parte do ser que escolhe, e nada menos que um louvor sincero é devido a ele por todas as suas maravilhas.[3] Meio coração não é coração, e coração dividido também não é coração; em outras palavras, Deus nos quer por inteiro e exige um louvor integral somente a Ele.

Em terceiro lugar, *o louvor passa pela narrativa dos grandes feitos de Deus* (9:1c). "[...] contarei todas as tuas

maravilhas." O louvor a Deus é adornado quando abrimos nossos lábios para contar os grandes feitos de Deus, seus atos de misericórdia e sua justiça.

Em quarto lugar, *o louvor exige nos alegremos mais em Deus do que nos favores que dele recebemos* (9:2). "Alegrar-me-ei e exultarei em ti; ao teu nome, ó Altíssimo, eu cantarei louvores."Oh, Deus não é apenas o objeto do nosso louvor, mas também o conteúdo da nossa alegria e melhor do que suas dádivas mais excelentes.

Um reconhecimento do socorro pessoal de Deus (9:3-6)

Davi se alegra em Deus não porque está numa colônia de férias, num parque de diversões; na realidade, ele está cercado de inimigos e sendo atacado por eles, porém Deus sempre intervém, e os inimigos perecem diante dele. Deus executa o juízo em seu favor lá de seu trono de justiça, de modo que nações foram eliminadas de diante dele e não existem mais.[4] Spurgeon está correto em dizer que, por vezes, é necessária toda a nossa determinação para enfrentarmos o inimigo e bendizermos o Senhor na cara dos inimigos, prometendo que, independentemente de quem fique em silêncio, nós bendiremos o seu nome.[5]

Veremos aqui o socorro divino em seu favor.

Em primeiro lugar, *os inimigos tropeçam e não podem permanecer na presença de Deus* (9:3). Ao perseguir os servos de Deus, os inimigos estão lutando contra o próprio Deus, pois quem toca nos filhos de Deus toca na menina dos seus olhos, e estes tropeçam e são banidos da presença do Altíssimo. Nas palavras de Purkiser, "a própria presença de Deus é suficiente para derrotar os inimigos".[6] Spurgeon corrobora, dizendo: "A presença de Deus

é eternamente suficiente para operar a derrota de nossos inimigos mais furiosos".[7]

Em segundo lugar, *Deus sustenta o direito e a causa de seus servos* (9:4). Porque Deus está no trono e julga retamente; ele sustenta o direito e a causa de seus servos.

Em terceiro lugar, *Deus apaga o nome e a memória dos inimigos* (9:5,6). Deus repreende antes de destruir. Apagar o nome é despojar o inimigo de toda honra, impondo a ele uma grande calamidade; fazer perecer sua memória é deletar seu significado na história. O destino dos inimigos do povo de Deus é assaz sombrio, tendo em vista que sua derrota é irremediável, que eles são destruídos para sempre e que sua condenação é eterna. Nas palavras de Spurgeon, "o destruidor foi destruído, e aquele que fez cativos é levado em cativeiro".[8]

O soberano governo de Deus (9:7-12)

Davi está confiante na vitória sobre seus inimigos não porque confia na força de seu braço, mas porque sabe que Deus está no trono, que ele tudo vê e a todos sonda, por isso o perverso não prevalecerá no juízo. Destacamos quatro verdades importantes aqui.

Em primeiro lugar, *o trono de Deus é eterno* (9:7). "Mas o SENHOR permanece no seu trono eternamente, trono que erigiu para julgar." Sob a luz do passado, o futuro não é duvidoso, e, considerando que o mesmo Deus todo-poderoso ocupa o trono de poder, podemos com confiança e sem hesitação exultar em nossa segurança por todo o tempo futuro.[9] Os tronos da terra levantam-se e caem, tornam-se opulentos e fragilizam-se, porém o trono de Deus é eterno, de modo que Ele reina, e seu domínio jamais será abalado.

Nas palavras de Allan Harman, "em contraste com os inimigos, o Senhor está entronizado para sempre".[10]

Em segundo lugar, *o julgamento de Deus é justo* (9:8). "Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão." Os tronos da terra, muitas vezes, amordaçam a justiça, tapam a boca da verdade e torcem o direito. Nos tribunais dos homens, é frequente ver o inocente sendo culpado, e o culpado sendo inocente, porém o trono de Deus julga retamente, pois seu trono é trono de justiça. Nas palavras de Spurgeon, "parcialidade e acepção de pessoas são coisas desconhecidas nos procedimentos do Santo de Israel".[11] Spurgeon, citando Thomas Tymme, escreve:

> Nesse julgamento, as lágrimas não prevalecerão, as orações não serão ouvidas, as promessas não serão aceitas, o arrependimento será tarde demais. Quanto às riquezas, os títulos de honra, os cetros e os diademas, estes lucrarão muito menos. A inquisição será tão cuidadosa e diligente que não será esquecido o menor pensamento ou a menor palavra frívola (Mt 12:36). Os que pecam hoje com prazer, ficarão surpresos, envergonhados e silenciados. Então, terão fim os dias de alegria e serão engolfados por trevas perpétuas. Em vez de prazeres, terão tormentos eternos.[12]

Em terceiro lugar, *o refúgio de Deus para o oprimido é seguro* (9:9,10). Aquele que não mostra clemência aos ímpios no dia do julgamento é a defesa e o refúgio dos santos em tempos de angústia.[13] Quando os perversos encurralam os piedosos, para destruí-los, Deus se lhes apresenta como alto refúgio. No Antigo Testamento, havia as cidades de refúgio, mas agora temos nosso grande Sumo Sacerdote como a nossa cidade de refúgio. Estamos nas mãos de Cristo, e

dali ninguém pode nos arrebatar (Jo 10:28-30). Aqueles que conhecem o nome de Deus e têm intimidade com ele confiam nele e estão seguros nele. Concordo com Purkiser quando diz que conhecimento no Antigo Testamento sempre é mais do que informações acerca de algo ou alguém: é familiaridade com.[14]

Em quarto lugar, *o louvor a Deus é devido* (9:11,12). Nos versículos 11 e 12, o salmista volta ao tema do louvor que se encontra no início do salmo (v. 1,2). Aquele que está entronizado em Sião deve ser louvado, e seus feitos devem ser declarados às nações gentílicas.[15] Estando cheio da própria gratidão, o autor inspirado está ansioso para incentivar os outros a unirem-se na melodia para louvar a Deus da mesma maneira que ele prometeu fazer nos versículos 1 e 2.[16] Deus é digno de louvor não apenas pelo seu livramento (9:11), mas também pela aplicação de sua justiça (9:12).

O livramento das portas da morte (9:13,14)

Davi ergue a Deus o seu clamor por livramento. Os sofrimentos impostos pelos inimigos que o odeiam são variados e medonhos, e ele está nas portas da morte, com o pé na sepultura, porém "as portas da morte não poderão impedi-lo de atravessar as portas de Sião".[17] Duas verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *Deus nos livra das portas da morte; quando a nossa causa parece perdida, Deus reverte a situação* (9:13). Deus é poderoso para nos levantar das portas da morte, bem como para curar, libertar, perdoar e salvar. No exato momento em que o inimigo pensava em nos impor a mais pesada derrota, Deus se compadece de nós e estende-nos a mão para nos livrar das portas da morte.

Allan Harman diz que a morte é visualizada como se fosse um território ou uma cidade com portões;[18] já Spurgeon, comentando esse contraste entre as portas da morte e as portas da nova Jerusalém, exclama:

> Que glorioso levantamento! Na doença, no pecado, no desespero, na tentação fomos levados para muito baixo, e as portas tenebrosas parecem que estavam prestes a se abrir para nos prender. Mas sob nós estavam os braços eternos, sendo, então, enaltecidos até às portas do céu.[19]

Em segundo lugar, *Deus nos livra das portas da morte para cantarmos nas portas da cidade santa* (9:14). Deus nos faz subir das profundezas do abismo às alturas excelsas dos portais da nova Jerusalém a fim de proclamarmos todos os seus louvores e nos regozijarmos em sua salvação. Deus nos tira das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade, do sofrimento atroz para o gozo inefável, da morte para a vida.

A prisão tenebrosa dos perversos (9:15-17)

A atenção agora se volta para as nações, e o resultado para os perversos é descrito em termos de que são apanhados em suas próprias armadilhas. O que queriam fazer a Israel se converte em sua própria porção, e eles teriam que experimentar a sua própria trama; não em outros, mas em si próprios (5:10). A obra de suas próprias mãos se volta contra eles.[20] A lei da semeadura e colheita é posta aqui de forma vívida, visto que as nações que se esqueceram de Deus e viraram as costas para Ele acabam caindo nas covas que elas mesmas abriram para os justos. Assim, a impiedade e destruição das nações são contrastadas com a esperança e a perspectiva dos justos necessitados, e, enquanto os ímpios

são destruídos pelos seus próprios esquemas malignos, os justos são resgatados e salvos.[21]

Vejamos alguns pontos interessantes.

Em primeiro lugar, *o ímpio cai na própria cova que cavou* (9:15a). "Afundam-se as nações na cova que fizeram..." Enquanto intentam o mal contra o justo, os ímpios colhem o que semearam. Como Hamã, preparam uma forca para Mardoqueu, mas é o próprio Hamã que é dependurado nessa forca, e Mardoqueu é honrado.

Em segundo lugar, *o ímpio cai no laço que armou* (9:15b). "[...] no laço que esconderam, prendeu-se-lhes o pé." O ímpio monta uma armadilha para apanhar sorrateiramente o justo, mas ele mesmo é quem cai nesse laço de morte.

Em terceiro lugar, *o ímpio é enredado pelas suas próprias obras* (9:16). "Faz-se conhecido o SENHOR, pelo juízo que executa; enlaçado está o ímpio nas obras de suas próprias mãos."As mãos do ímpio são céleres para obrar o mal, os quais arquitetam e urdem contra o justo, porém suas obras são como algemas invisíveis que prendem suas mãos e suas obras, um cipoal que lhes enreda, e caem nos seus próprios ardis.

Em quarto lugar, *o ímpio é lançado no inferno* (9:17). "Os perversos serão lançados no inferno, e todas as nações que se esquecem de Deus." A condenação dos perversos é certa: eles serão lançados no inferno para sempre, um veredito irremediável, em que não há uma instância superior a apelar, tampouco uma corte internacional a recorrer. O reto juiz julgará as nações, e aqueles que se esquecem de Deus serão banidos para sempre da face de Deus. No inferno, que foi preparado para o Diabo e seus anjos, os ímpios não terão nenhuma esperança, pois ali haverá choro e ranger de

dentes, mas não haverá alívio, nem seus rogos serão ouvidos; ali viverão mergulhados em trevas exteriores, banidos para sempre da presença de Deus, no lago de fogo sulfuroso e inextinguível (Ap 20:10).

A esperança segura dos aflitos (9:18)

Na mesma medida que os perversos serão condenados, o necessitado e o aflito serão lembrados por Deus. Sua esperança não se frustrará eternamente, e sua salvação é certa e segura. Estou de pleno acordo com o que diz Purkiser quando diz: "O necessitado e os pobres não são justificados por causa da sua pobreza, mas por sua piedade e fidelidade".[22]

O triunfo retumbante do Rei conquistador (9:19,20)

O salmo termina com um clamor de Davi para Deus se levantar e agir, a fim de que o mortal não prevaleça, mas para que as nações sejam julgadas em sua presença. Davi roga a Deus para infundir aos ímpios medo, a fim de que as nações saibam que os homens não passam de mortais. Concordo com Purkiser quando diz que o alcance da oração do salmista testifica a sua fé quanto ao triunfo da retidão. A impiedade humana não prevalecerá.[23] Spurgeon, nessa mesma linha de pensamento, diz que as orações são as armas de guerra do cristão. Quando a batalha está muito dura para nós, apelamos para o nosso grande aliado, que, por assim dizer, põe-se em emboscada até que a fé dê o sinal, clamando: "Levanta-te, SENHOR!" Ainda que a nossa causa esteja perdida, logo será ganha se o Todo-poderoso se mover.[24]

Notas

[1] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 127.
[2] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 127-128.
[3] Ibidem, p. 128.
[4] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 93.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 136.
[6] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 128.
[7] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 137.
[8] Ibidem, p. 138.
[9] Ibidem.
[10] Harman, Allan. *Salmos*, p. 93.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 138.
[12] Ibidem, p. 144.
[13] Ibidem, p. 138.
[14] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 128.
[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 94.
[16] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 139.
[17] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 86.
[18] Harman, Allan. *Salmos*, p. 94.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 140.
[20] Harman, Allan. *Salmos*, p. 95.
[21] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 128.
[22] Ibidem, p. 129.
[23] Ibidem.
[24] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 142.

Capítulo 10

A crueldade do perverso e o livramento do justo

(Sl 10:1-18)

Esse salmo trata do clamor dos oprimidos.[1] Alguns estudiosos dizem que esse salmo pertence ao período do cativeiro babilônico ou ao período do retorno do cativeiro, quando o povo estava cercado de muitos inimigos.[2] Concordo, entretanto, com a maioria dos eruditos que afirmam ser esse um salmo de Davi, portanto escrito quase 500 anos antes do retorno do cativeiro babilônico. H. C. Leupold diz que Lutero via nesse salmo a ferrenha oposição do ímpio ao reino de Deus, e Agostinho de Hipona chegou a interpretar esse salmo como retratando a oposição do próprio Anticristo.[3]

Derek Kidner diz que, no salmo 9, o centro de gravidade era o juízo vindouro; aqui, no salmo 10, é a era presente, onde a iniquidade anda solta.[4] Warren Wiersbe diz que o problema do salmo 9 é o inimigo invasor, uma ameaça externa, enquanto no salmo 10 o inimigo corrompe e destrói internamente. Havia nações perversas ao redor de Israel (9:5), mas também havia pessoas perversas dentro da comunidade da aliança (10:4), que diziam conhecer Deus, mas cuja vida mostrava que não sabiam quem era o Senhor (Tt 1:16). Esses perversos não eram ateus teóricos, mas ateus práticos.[5]

Concordo com Allan Harman quando diz que o fato de esse salmo estar sem título é outra indicação de que ele deve ser considerado em conjunção com o salmo 9, cujo título também cobre esse salmo. A nota de apelo a Deus é muito mais proeminente aqui, ainda que no final do salmo haja uma afirmação de que Deus, o Rei, é também o Deus que ouve as orações.[6]

O clamor sincero do necessitado (10:1,2)

O perverso, com a armadura da soberba, trajando as vestes da arrogância, blasonando palavras de blasfêmia, cerca o justo, o pobre, o inocente, para o oprimir e atacá-lo, na certeza de que sairá incólume de qualquer julgamento. Charles Spurgeon, citando Martinho Lutero, diz que não há um salmo que descreva a mente, os modos, as obras, as palavras, os sentimentos e o destino dos ímpios com tanta propriedade, completude e luz como esse.[7] A passagem enseja-nos três lições importantes.

Em primeiro lugar, *um sentimento doloroso* (10:1). O salmista ergue a Deus o seu lamento quando se vê encurralado

pelo opressor, e sua queixa é que Deus está longe e escondido. Ele não se manifesta para desbaratar o inimigo nem aparece para libertá-lo de seus opressores. É como se Deus estivesse completamente passivo e indiferente ao sofrimento do justo nas mãos do perverso. Nas palavras de Purkiser, é "como se Deus fosse um espectador indiferente ou um observador desinteressado".[8]

Essa questão é discutida também em outros textos da Bíblia (Sl 13:1-3; 27:9; 30:7; 44:23,24; 73:1-28; 88:13-15; Jó 13:24; Jr 14). A maior angústia não é decorrente da opressão do inimigo, mas, pelo sentimento da ausência, da demora e do silêncio de Deus. Spurgeon, porém, diz que a resposta à pergunta: "Por que te escondes nos tempos de angústia?" não está longe, pois, se o Senhor não se escondesse, não haveria tempos de angústia. Seria a mesma coisa que perguntar por que o sol não brilha à noite? Porque, se o sol brilhasse, não haveria noite.[9]

Em segundo lugar, *uma constatação inequívoca* (10:2a). Os ímpios perseguem o pobre com arrogância, se sentem inatingíveis e estão protegidos pelos poderosos, por isso oprimem sem piedade o pobre, sabendo que nada lhes acontecerá. Warren Wiersbe diz que os ímpios fazem quatro declarações: 1) Não há Deus (10:2-4); 2) jamais serei abalado (10:5-7); 3) Deus não está me vendo (10:8-11); 4) Deus não me julgará (10:8-11).[10]

Em terceiro lugar, *um pedido urgente* (10:2b). O salmista, tomado por um senso de justiça, roga a Deus que o perverso caia na armadilha que armou para o pobre. Que o mal que o perverso arquitetou contra o justo caia sobre sua própria cabeça e que ele colha o mal que semeou. Charles Spurgeon diz que não haverá ninguém que disputará a

justiça de Deus, quando ele enforcar todos os "Hamãs", cada um na forca que fez, e lançar todos os inimigos dos "Daniéis" na cova dos leões.[11]

A soberba arrogante do perverso (10:3-6)

Faz parte da rotina dos pecadores vangloriar-se. O ímpio, deliberadamente, empenha-se para suprimir o conhecimento que ele tem da verdade com o propósito de não glorificar a Deus nem dar graças a Ele (Rm 1:18-21). Vamos então destacar quais são as marcas dos pecadores aqui descritas.

Em primeiro lugar, *a jactância do perverso* (10:3). O perverso não apenas demonstra a cobiça de sua alma, mas vangloria-se disso. O avarento maldiz o Senhor e blasfema contra Ele. O deus do perverso é o dinheiro, e sua avareza é idolatria (Cl 3:5), trocando Deus por Mamom. Para alimentar sua cobiça insaciável e acumular mais e mais de forma avarenta, ele está pronto a tomar com violência o que é do pobre e a blasfemar do Senhor, que é o defensor do pobre. O perverso gloria-se na sua corrupção e louva os desejos malignos de seu coração, idolatrando a si mesmo e gabando-se do que deveria ter vergonha.

Em segundo lugar, *o ateísmo prático do perverso* (10:4). O perverso vive desatentamente, sem reflexão. Embora, saiba que Deus existe (10:11), vive orgulhosamente como se Ele não existisse. Seu coração é soberbo, seus olhos são altivos, seus joelhos são duros. Seu ateísmo não é filosófico, mas moral, e ele oprime o pobre e esmaga o inocente, ignorando que terá de prestar contas a Deus. Quando o homem não quer mudar sua conduta, ele muda sua teologia. Quando a verdade alfineta sua consciência, o perverso cauteriza-a,

entregando-se mais açodadamente ainda ao pecado. Toda conduta, todo propósito e todos os esquemas do perverso acontecem como se Deus não existisse. Nas palavras de Watkinson, "o ateísmo aqui falado exclui Deus do sistema de pensamento".[12]

Em terceiro lugar, *a falsa prosperidade do perverso* (10:5). O perverso tem uma falsa sensação de sua prosperidade. Ele acumula riquezas, ganha notoriedade, aumenta seu poder, torna-se forte e invulnerável, parecendo até que ninguém pode apanhá-lo em seus crimes. Sente-se onipotente em suas ações, porém essa riqueza é apenas combustível para sua própria destruição.

Em quarto lugar, *a falsa confiança do perverso* (10:6). O perverso é presunçoso e sente-se como uma cidadela inexpugnável, com a certeza de que jamais será abalado. Pensa que ninguém pode destroná-lo e está convencido de que sua riqueza e seu poder se perpetuarão. O perverso não apenas se empenha para destronar Deus, mas tenta assentar-se no trono, no lugar de Deus.

O caráter opressor do perverso (10:7-11)

Segue, agora, uma descrição do homem pecador, com ênfase em seu papel de opressor. Vejamos.

Em primeiro lugar, *a maledicência arrogante do perverso* (10:7). Os pecados medonhos do perverso, como torrentes nauseantes, esguicham-se de seus lábios. Sua boca é uma fonte poluída de maldição e engano, e ele oprime o fraco com suas palavras venenosas. Debaixo de sua língua, ele esconde insultos, e tudo que emana de sua boca é iniquidade, que afronta Deus e oprime o justo.

Em segundo lugar, *a crueldade do perverso* (10:8-10). A crueldade do perverso pode ser claramente observada em dois aspectos:

Primeiro, *suas ações traiçoeiras* (10:8), pois o perverso não age na luz; em vez disso, ele gosta das regiões lôbregas. Como filho do príncipe das trevas, ele se esconde na escuridão, armando tocaias para eliminar os inocentes e espreitar o desamparado.

Segundo, *seu ataque destruidor* (10:9,10). O perverso é comparado ao leão que está de emboscada para atacar fatalmente sua presa. É comparado também a um caçador, que arma sua rede para apanhar o pobre em sua armadilha. Ambas as imagens usadas descrevem o ataque destruidor do perverso. Charles Spurgeon diz que com observação, perversão, calúnia, sussurro e falso juramento os perversos arruínam o caráter dos justos e assassinam os inocentes. Ou, com notificações legais, hipotecas, contratos, retenção de mercadorias até o pagamento de taxas e outros recursos assemelhados eles apanham os pobres e os puxam na rede.[13]

Em terceiro lugar, *a falsa expectativa do perverso* (10:11). O perverso sabe que Deus existe, mas age na expectativa de que Ele nunca vai se lembrar de seus pecados; em outros termos, ele vive na falsa esperança de nunca ser apanhado no seu pecado. Nas palavras de Spurgeon, "esse homem cruel se consola com a ideia de que Deus é cego ou, pelo menos, desmemoriado. É fantasia quimérica e tola, sem dúvida".[14] Na realidade, não há maior proteção contra o pecado do que o pensamento constante de que "Tu és Deus que vê" (Gn 16:13).

Um apelo veemente à urgente intervenção de Deus (10:12,13)

O salmista faz uma transição do ataque do perverso ao justo para a intervenção de Deus em favor do justo. Warren Wiersbe destaca que, nesse parágrafo, Deus responde às quatro declarações dos perversos citadas nos versículos 3-11: 1) Deus vê o que está acontecendo (10:14); 2) Deus julga o pecado (10:15); 3) Deus é Rei (10:16); 4) Deus defende o seu povo (10:17,18).[15] Sobre isso, destacamos aqui dois pontos importantes.

Em primeiro lugar, *um clamor veemente* (10:12). O salmista ergue a Deus seu veemente e urgente clamor e pede a Ele para levantar e estender sua mão contra o perverso opressor e lembrar-se do pobre. Deus julgará o ímpio e o deixará completamente desamparado. As esperanças do perverso são falsas, e sua ruína será total quando Deus se levantar (73:18-20).

Em segundo lugar, *uma vindicação da justiça de Deus* (10:13). O autor desse salmo de lamento demonstra que tem zelo pelo nome de Deus e não suporta ver o perverso agindo cruelmente, amparado pelo pensamento de que Deus não se importa. Está certo de que Deus tudo vê, tudo sabe e a todos sonda, e também sabe que Deus é o defensor do órfão.

Uma confiança inabalável no Deus que intervém (10:14-18)

Davi afirma, peremptoriamente, que Deus, como vigia que não dorme nem toscaneja, tem seus olhos atentos tanto para julgar os perversos como para defender os justos. Spurgeon está certo ao dizer que o salmo termina com um cântico de ação de graças ao grande e eterno Rei, porque

Ele atendeu ao desejo do seu povo humilde e oprimido, defendeu o órfão e castigou o incrédulo que pisoteava os seus pobres e aflitos filhos.[16] Sobre isso, destacamos alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *uma afirmação da onisciência de Deus* (10:14). O perverso imaginava que Deus não estava atento aos desejos malignos de seu coração, às palavras blasfemas de seus lábios e às ações injustas de suas mãos, mas Deus a tudo observava, o que significa que o desamparado e o órfão, os quais pareciam presas indefesas nas mãos de perversos, eram cuidados por Deus.

Em segundo lugar, *um reconhecimento do poder de Deus* (10:15). O salmista está convicto de que Deus quebrará o braço do perverso e do malvado, pois sabe que Ele será exaustivo e meticuloso em sua investigação a ponto de toda a vida e as ações do ímpio serem devassadas e julgadas. Isso significa que o ímpio arrogante e autoconfiante será completamente desamparado quando Deus se levantar para julgá-lo.

Em terceiro lugar, *uma afirmação da majestade de Deus* (10:16). Os poderosos ascendem ao poder e são depostos. Quando imaginam que seu trono é inabalável, são sacudidos como cana verde e derrubados e aniquilados, pois só o trono de Deus é eterno, só o Senhor é rei eterno, e ninguém pode resistir a Ele e prevalecer.

Em quarto lugar, *uma declaração do cuidado de Deus* (10:17). O salmista está seguro de que Deus ouve as orações dos humildes, mesmo quando estas não são deferidas imediatamente, e sabe que Deus fortalecerá o coração do seu povo e o acudirá na sua angústia. Davi chama aqueles que são alvo de suas orações de pobres (v. 2,12), inocentes

(v. 8), órfãos (v. 14,18), desamparados (v. 14), humildes (v. 17) e oprimidos (v. 18).

Em quinto lugar, *um reconhecimento da justiça de Deus* (10:18). O salmo começa com um lamento e termina com um tom de confiança, pois Deus faz justiça ao órfão e ao oprimido, tira a força dos poderosos e infunde terror a eles. Os ímpios tornam-se como leões desdentados, e suas redes são fiapos podres. Todavia, para aqueles que esperam no Senhor, há libertação e copiosa redenção.

Concluo com as palavras de Allan Harman, quando diz que esse salmo nos lembra de que, sob perseguição e opressão, devemos recorrer a Deus em busca de alívio. Nosso modelo é Jesus, de quem está escrito: "Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça" (1Pe 2:23). A mesma epístola nos aconselha a, se sofrermos, entregarmo-nos ao nosso fiel Criador e prosseguirmos na prática do bem.[17]

Notas

1 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 154.

2 Watkinson, W. L. *The Preacher's Homiletic Commentary,* vol. 11. Grand Rapids: Baker Books, 1996, p. 39.

3 Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 118.

4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 87.

5 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 106.

6 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 96.

7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 161.

8 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 129.

[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 161.
[10] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 106-107.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 156.
[12] Watkinson, W. L. *The Preacher's Homiletic Commentary*, vol. 11, p. 41.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 158.
[14] Ibidem, p. 159.
[15] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 107.
[16] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 160.
[17] Harman, Allan. *Salmos*, p. 99.

Capítulo 11

O que fazer quando os fundamentos são destruídos

(Sl 11:1-7)

Um terremoto de larga escala faz tremer a nossa civilização, e esse abalo sísmico está desconstruindo os valores da nossa sociedade, de modo que os fundamentos da nossa civilização estão sendo minados e solapados. Essa afirmação contundente pode ser comprovada ao examinarmos alguns fatos que nos cercam.

Em primeiro lugar, *estamos vivendo uma brutal inversão de valores.* Há uma profunda, extensa e deliberada inversão de valores na sociedade contemporânea, tanto que não apenas os homens abandonam o caminho da verdade, mas tentam transformar a mentira em verdade;

eles não apenas caminham resolutamente na direção dos descalabros morais, como também tentam transformar esses desvios de conduta em expressão da honra. Nas palavras do profeta Isaías, chamam o mal de bem, e o bem de mal; chamam luz de trevas, e trevas de luz; chamam o doce de amargo, e o amargo de doce (Is 5:20). A profecia de Rui Barbosa, o grande tribuno brasileiro, está se cumprindo: as pessoas parecem que têm vergonha de ser honestas.

O maior temor dos brasileiros é o da violência: temos medo de assalto e de sequestros, de arrombamentos e de bala perdida. Nossas cidades estão se transformando em campos de guerra, a terra está bêbada do sangue das vítimas da violência e o narcotráfico é um poder paralelo que desafia o Estado. Os bandidos estão mais bem equipados com armas de grosso calibre do que a própria polícia, e nossos jovens estão sendo seduzidos pelo lucro fácil e depois são esmagados pelos traficantes.

As nações poderosas falam de paz, mas gastam a maior parte de suas riquezas com armas de destruição. O mundo fala de paz, mas gasta mais com a guerra. As nações poderosas se fortalecem explorando as pobres, e a injustiça clamorosa é estampada todos os dias diante dos nossos olhos. Em pleno século 21, há países como Etiópia e Somália onde milhões de pessoas estão morrendo de fome, caquéticas e macérrimas, sob a indiferença criminosa dos países ricos. No mundo globalizado, assistimos à universalização da exploração, mas não à universalidade da solidariedade.

Em segundo lugar, *estamos vivendo uma infidelidade generalizada nos relacionamentos.* Vivemos numa sociedade em que a fidelidade parece ser uma virtude pré-histórica e jurássica e, por outro lado, a infidelidade conjugal está

na moda. A prática do sexo antes do casamento e fora do casamento tornou-se comum, ao passo que os casamentos estão se tornando cada vez mais frágeis, e os divórcios, cada vez mais fáceis. Enquanto os véus das noivas estão se tornando cada vez mais longos, os casamentos estão se tornando cada vez mais curtos; além disso, é comum vermos pessoas falando com entusiasmo do seu segundo, terceiro e até do quarto casamentos. Essa vetusta instituição está se transformando num contrato de risco, ao passo que a infidelidade parecer ser o apanágio da nossa geração.

Em terceiro lugar, *estamos vivendo a realidade sombria de uma deslavada corrupção moral.* Vivemos num país onde a corrupção é endêmica e sistêmica, tanto que as três classes que deveriam ser o principal referencial de ética são as três classes mais desacreditadas da nação: os políticos, a polícia e os pastores. O fermento da corrupção está presente nos poderes legislativo, executivo e judiciário, de tal modo que as Comissões Parlamentares de Inquérito destampam o fosso da corrupção e mostram esse esgoto nauseante a céu aberto. Esses crimes de colarinho branco, não raro, ficam impunes, e a nação fica mais vulnerável ao relativismo moral. Embora sejamos uma das maiores economias do mundo, temos uma vasta maioria da população amargando severa pobreza. Políticas populistas mantêm líderes inescrupulosos no poder e o povo acomodado à sua miséria. Embora estejamos arrochados por impostos abusivos, assistimos com passividade nostálgica ao erário público sendo assaltado criminosamente por políticos imorais. Não raro, aqueles recursos que deveriam ser destinados à educação, saúde e segurança caem no ralo da corrupção para engordar contas de políticos e empresários inescrupulosos nos paraísos fiscais. Essas ratazanas esfaimadas, mesmo

quando apanhadas com a boca na botija, escapam ilesas ou com poucos arranhões por causa da complacência nada republicana das cortes revestidas de poder. A impunidade é o combustível que alimenta esse sistema corrupto, e, por isso, somos privados de esperança, tanto pela ação dos maus como pelo silêncio dos bons.

Em quarto lugar, *estamos assistindo a uma avassaladora decadência espiritual das igrejas.* As igrejas evangélicas, que até alguns anos eram guardiãs dos valores morais absolutos, hoje foram fermentadas também pelo levedo da corrupção. Algumas igrejas chamadas evangélicas tornaram-se covil de salteadores e estão sendo mais conhecidas nas páginas policiais do que pela sua vida piedosa. Há também igrejas que se transformaram em empresas particulares, pois muitos marqueteiros da fé descobriram que a religião é uma grande fonte de lucro e, assim, mudaram a mensagem da cruz pela mensagem do lucro e fizeram dos templos um mercado, dos púlpitos um balcão de negócio e dos crentes consumidores vorazes. O pragmatismo, e não a verdade, é o vetor que governa esses camelôs da religião. Esses pregadores avarentos, em nome da piedade, não pregam mais o evangelho, mas outro evangelho, o evangelho da prosperidade; não pregam mais a salvação eterna, mas o lucro fácil; e também não pregam mais o que o povo precisa ouvir, e sim o que o povo quer ouvir; resumindo, esses pregadores não estão comprometidos com Deus, mas com sua avareza idolátrica.

O salmo 11 é um mapa que nos mostra essa sombria realidade, pois, quando os fundamentos são destruídos, a população se desespera. Davi estava sendo perseguido por Saul, o rei insano que queria matá-lo e o procurava pelas cidades, campos, desertos e cavernas. Ele era o rei, a lei e

a força e, por isso, não tinha a quem prestar contas — em suma, ele era absoluto e, assim, oprimiu, perseguiu e matou, pois estava acima da lei. Quando reina a opressão, o povo geme; quando faltam critérios de justiça, o povo é esmagado; e, quando os valores estão invertidos, a população se desespera. No Brasil, alguns políticos, que foram acusados de corrupção com provas fartas de seu envolvimento em esquemas criminosos de assalto aos cofres públicos, foram reconduzidos ao poder, alguns inclusive com uma votação majestosa, ao passo que outros foram inocentados sob os auspícios das mais altas cortes. Com isso, estamos ensinando às novas gerações que o crime compensa, tendo em vista que a impunidade é a escola superior da corrupção.

Como tem sido esse processo da destruição dos fundamentos? Toda a era moderna foi uma tentativa de destruir os fundamentos antigos e erigir em seu lugar novos fundamentos. Jesus, porém, alertou: "Todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína" (Mt 7:26,27).

A história do pensamento moderno consiste na sucessão de fundamentos:

1. Do Racionalismo ao Iluminismo.
2. Do Emocionalismo ao Existencialismo.
3. Do Existencialismo ao Experiencialismo. Mas, quando a chuva cai, o vento sopra e os rios batem nesses alicerces, eles entram em colapso.

A era moderna durou apenas duzentos anos: Da queda da Bastilha, em 1789, a 1989, com a queda do Muro de Berlim. Desde 1989, nós vivemos o tempo da pós-modernidade, a qual está edificada sobre o tripé da pluralização, privatização e secularização. Vivemos num mundo plural, no qual há muitas ideias e conceitos, mas nenhuma verdade absoluta, e no qual a ética é pessoal e particular, ou seja, cada um faz aquilo que acha que é certo, e ninguém tem o direito de interferir nessas escolhas — resumindo, cada um tem sua própria verdade. A secularização diz que a vida se desenrola sem a intervenção de Deus, pois Ele não importa mais, e fazemos nossas escolhas sem levar em conta sua existência ou suas exigências. A proposta da pós-modernidade, dessa forma, é construir sem fundamentos, construir sobre o caos.

Nossa sociedade não suporta verdade absoluta. Acabaram-se os limites e também os princípios. Os marcos antigos foram removidos, e, assim, voltamos ao período dos Juízes de Israel, onde cada um fazia o que achava que devia fazer (Jz 17:5; 21:25). A própria igreja evangélica está confusa. Na década de 1990, crescemos cerca de 50% no Brasil, mas o país não mudou, pois as pessoas entram para a igreja, mas não são transformadas. No passado, as pessoas argumentavam em torno do que é certo e errado, do que é verdadeiro e falso, mas hoje elas negam o conceito de moralidade e verdade e colocam seus sentimentos acima da verdade de Deus.

O pragmatismo domina a ação do governo, das instituições de ensino e também das igrejas, e o importante é levar vantagem, é o sucesso. O que importa não é a verdade, mas o que funciona. O pragmatismo está prevalecendo até mesmo dentro das igrejas, tanto que estamos vendo hoje o

crescimento do evangelho de consumo, no qual as pessoas pregam o que o povo quer ouvir. Não há mais pregação poderosa; o povo quer testemunhos. As pessoas não querem mais a exposição das Escrituras, mas a revelação profética das últimas novidades; elas não anseiam pela verdade, mas apenas por experiências.

Uma tendência antiga (11:3)

Essa questão da destruição dos fundamentos não é nova; pelo contrário, ela remonta aos tempos antigos. Na época de Davi, os fundamentos estavam sendo destruídos, uma vez que Saul era a lei e agia ao arrepio da lei. Na época do Império Romano, a sociedade era pluralista, ou seja, os romanos eram tolerantes com todas as religiões, e os cristãos só foram perseguidos porque criam numa verdade absoluta.

Durante o período do Iluminismo, o mundo passou a desprezar a Bíblia, e muitas igrejas deixaram de crer no sobrenatural. No século 19, o liberalismo teológico devastou os fundamentos e desprezou a infalibilidade, a inerrância e a suficiência das Escrituras; já no século 20, o misticismo tomou conta de muitas igrejas. As pessoas correm atrás de experiências, milagres e sinais e querem prosperidade e cura. Elas andam atrás das últimas novidades do mercado da fé e buscam sentir-se bem, e não a Deus; estão atrás de emoções fortes, e não da verdade; e estão centradas no homem, e não em Cristo — resumindo, os fundamentos estão sendo destruídos. No século 21, temos assistido a um esforço concentrado de pseudocientistas e escritores cheios de empáfia lançar seu veneno contra a fidedignidade dos relatos bíblicos, sobretudo acerca de Jesus. Além disso,

há um esforço concentrado de forças hostis para desconstruir os valores judaico-cristãos que sustentam a sociedade.

O conselho insensato dos medrosos (Sl 11:1)

Davi está enfrentando uma crise medonha. Ele está sitiado pelos seus inimigos, e seus amigos o aconselham: Fuja! Escape! Não enfrente o inimigo, pois essa é uma causa perdida, não há chance de sair vitorioso. Muitas vezes, somos tentados a desistir, a desanimar, a entregar os pontos, a parar de lutar, mas, nesse salmo, Davi dá a resposta da fé ao conselho do medo: "No SENHOR me refugio. Como dizeis, pois, à minha alma: Foge, como pássaro, para o teu monte?" (11:1). O medo somente vê as coisas que estão próximas, mas a fé enxerga mais longe.[1]

Somos tentados a fugir como os soldados de Saul fugiram de Golias; somos tentados a fugir da escola, do trabalho, da empresa, da igreja, do casamento, da cidade, do país. A rota da fuga anda congestionada de muitos trânsfugas, que, acuados pelo medo, batem em retirada. Fugir, porém, não é a solução. O profeta Jeremias queria fugir do ministério: "já não falarei no seu nome" (Jr 20:9). O profeta Elias queria fugir da perseguição de Jezabel (1Rs 19:10). Jonas tentou fugir de Deus indo para Társis. Pedro tentou induzir Jesus a fugir da cruz. A solução não está na fuga, mas no enfrentamento. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que é certo fugir da tentação (2Tm 2:22), como fez José (Gn 39:11-13), mas é errado fugir das responsabilidades, como Neemias foi convidado a fazer (Ne 6:10,11).[2]

O salmo 11 fala de duas teologias. A primeira delas diz: a segurança só pode ser encontrada na fuga (11:1b). Se você está ameaçado, abandone as causas justas e fuja. Salve a sua

pele. Proteja-se. Concordo, entretanto, com Derek Kidner quando diz que Davi dá aqui uma resposta corajosa a um conselho desmoralizador.[3]

A segunda diz: a segurança é encontrada pela confiança no cuidado protetor de Deus (Sl 11:1a). Fugir, nessas circunstâncias, é covardia, é negar nossa confiança em Deus. Davi encontrou quatro razões para triunfar sobre o medo, de modo que a cena sombria dos versículos 1 a 3 se desfaz diante do Senhor. Isso nos ensina que esse Rei está ocupando o seu lugar, e não refugiado, e também que sua cidade tem alicerces (Hb 11:10).

Os argumentos insensatos dos medrosos (11:2,3)

Derek Kidner, tratando dos argumentos usados pelos medrosos para levar Davi a fugir e se esconder nos montes, escreve:

> Parece que houve boas intenções no conselho como aquele que Pedro deu ao nosso Senhor (Mt 16:22), embora possa também ter sido insincero como os inimigos deram a Neemias (Ne 6:10-13). Não deixa de ser persuasivo, pois não é fácil se defender contra o assassino ou o caluniador (11:2); enquanto o argumento do versículo 3 é desanimador, seja como for interpretado; que, na anarquia dominante, nenhum esforço vale a pena, ou, menos provavelmente Davi, como sustentáculo básico do seu povo (Is 19:10,13), deve salvar a sua vida de qualquer maneira. Para buscar uma reposta, porém, Davi olhará para cima e verá as realidades imensas que sobrepujam estes eventos.[4]

Os conselheiros de Davi argumentam com fatos.

Em primeiro lugar, *a violência do inimigo é implacável* (11:2a). "Porque eis aí os ímpios, armam o arco, dispõem a sua flecha na corda..." (Sl 11:2a). Allan Harman diz que a ideia aqui é de uma ave fugindo de um caçador que já está com seu arco armado e com sua flecha apontada.[5] Os ímpios já armaram o arco e estão com a flecha pronta para atirar, o ataque do inimigo já foi decretado. Os ímpios já estão prontos para atacar, o arco já foi armado e a flecha já está disposta na corda. O perigo é iminente, a ameaça é concreta e a realidade é sombria!

Em segundo lugar, *a política do inimigo é astuciosa* (11:2b). "[...] para, às ocultas, dispararem contra os retos de coração." Os inimigos agem traiçoeiramente, na escuridão. É uma conspiração velada, uma trama invisível, uma armadilha fatal. Os perigos não são apenas reais, mas também invisíveis, uma vez que os ímpios agem na surdina, nas trevas e sob o manto da escuridão. Eles tramam o mal e o executam sob o disfarce do engano, atacam não aqueles que praticam o mal, mas os retos de coração, e ferem o povo de Deus não por seus erros, mas pelos seus acertos; não pelos seus crimes, mas pelas suas virtudes.

Em terceiro lugar, *a ação do inimigo é demolidora* (11:3). "Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?" Purkiser, citando Delitzsch, diz que esse versículo é uma continuação do conselho dos medrosos, visto que justificam seu conselho à fuga por causa do triste estado em que a administração da justiça havia se transformado.[6] Os ímpios destruíram os fundamentos, jogaram por terra os valores absolutos, arrancaram os marcos antigos, viraram os valores de ponta-cabeça e dinamitaram os alicerces. Houve uma desconstrução dos princípios que regiam a sociedade, tendo em vista que o fundamento civil de uma

nação são suas leis e sua constituição; e, uma vez que esses fundamentos são destruídos, o justo não tem, na terra, refúgio seguro.

O que fazer quando os fundamentos estão sendo destruídos (Sl 11:4-7)

Concordo com Derek Kidner quando diz que a cena febril dos versículos 1-3 fica reduzida a nada diante do Senhor, que é Rei e está ocupando seu trono, e não refugiado.[7] Os conselheiros de Davi só estavam olhando para os fatos na perspectiva humana (2Rs 6:8-23). É bom saber dos fatos, mas é melhor ainda olhar para esses fatos à luz da presença e das promessas de Deus.[8] Nesse sentido, a grande questão de Davi era: por que fugir, se podemos confiar em Deus?

Quais são as razões que a fé encontra para triunfar sobre o medo?

Em primeiro lugar, *a soberania de Deus* (Sl 11:4). "O SENHOR está no seu santo templo; nos céus tem o SENHOR seu trono; os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens." Warren Wiersbe diz que, quando olhamos ao redor, vemos os problemas, mas, quando olhamos para o Senhor pela fé, vemos a solução para os problemas.[9] A resposta da fé ao medo é a confiança de que o Senhor está no seu santo templo; o trono do Senhor está nos céus. A resposta de Davi diante do conselho dos amigos para fugir e se esconder é que Deus reina. Ele está no trono. Ele não apenas reina no céu e a partir do céu, mas também reina na terra, uma vez que está no seu santo templo, a igreja, e habita com e na igreja. Ainda que a cultura destrua os fundamentos da sociedade, o povo de Deus

está seguro, pois Ele está presente, e não fugindo. Ele está no trono. Ele governa. Ele reina. A história não é uma nave espacial sem rumo; pelo contrário, Deus está no controle de todas as coisas e, do céu, Ele vê tudo o que acontece. Deus conhece nossos inimigos, conhece suas estratégias, e nos guarda e nos dá a vitória, de modo que o mal jamais triunfará e os ímpios jamais prevalecerão. O salmista olha os fundamentos destruídos debaixo dos seus pés, mas vê o trono inabalável de Deus acima da sua cabeça. A terra pode estar em crise, mas não o céu; o mundo pode estar transtornado, mas não o trono do Deus todo-poderoso.

Em segundo lugar, *o conhecimento de Deus* (Sl 11:5). "O SENHOR põe à prova ao justo e ao ímpio; mas, ao que ama a violência, a sua alma o abomina." Os justos são preciosos para Deus, que os refina por meio das tribulações.[10] O Senhor prova o coração dos homens, como o fogo prova o metal, e conhece suas intenções, seus projetos. Nas palavras de Allan Harman, "mesmo as ações feitas em meio às trevas (11:2) eram públicas a seus olhos".[11] Ninguém escapará do escrutínio de Deus e do seu julgamento, pois o conhecimento de Deus é direcionado ao justo e ao ímpio, e Ele põe à prova o justo para abençoá-lo. Deus fez isso com Abraão, com os amigos de Daniel e também com Jó. O Senhor nos prova para nos fortalecer e nos colocar mais perto dele e para nos fazer mais dependentes dele. O Senhor põe à prova o ímpio, e sua alma o abomina, visto que as intenções do ímpio são arrogantes, e Deus resiste ao soberbo.

Em terceiro lugar, *o juízo de Deus* (Sl 11:6). "Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice." Os ímpios que tramam, corrompem e destroem os fundamentos não escaparão do juízo de Deus. Podem escapar do juízo dos homens, mas jamais

do juízo divino. Eles serão banidos para sempre da face de Deus para o fogo eterno. Fogo e enxofre é uma alusão à destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19:24). Sodoma consta na Bíblia como perpétua lembrança de um juízo repentino e final (Lc 17:28-32; 2Pe 3:6-9). Enquanto o Senhor distingue os justos e lhes dá morada eterna e comunhão, os ímpios recebem a chuva do juízo. Deus mandou o seu juízo no dilúvio, em Sodoma, na Torre de Babel, no desalojamento das nações cananeias, na queda de Jerusalém, na queda da Babilônia e de outros grandes impérios. Ah, mas o maior juízo de Deus será derramado no dia do juízo final, e todos vão ter que comparecer perante o tribunal de Deus para ser julgados segundo as suas obras.

Em quarto lugar, *a recompensa de Deus* (Sl 11:7). "Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face." O salmo termina como começou, com o Senhor, cuja natureza justa é a resposta ao medo do versículo 3a e à frustração do versículo 3b.[12] Sua soberania, sua intervenção e suas recompensas são uma resposta ao medo do versículo 3 e à frustração do versículo 3b. Davi olhou não para a sociedade sem fundamentos, mas para Deus, e ele viu não o poder do inimigo, mas a majestade de Deus. Em vez de buscar falsos refúgios, buscou a Deus.

A maior recompensa do salvo é contemplar a face daquele que nos contempla todos os dias e nos sonda. Veremos o Senhor face a face e reinaremos com ele. Ah! O seu trono jamais será abalado e, nessa cidade onde vamos morar, os fundamentos jamais serão destruídos!

Notas

[1] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 131.
[2] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 108.
[3] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 89.
[4] Ibidem.
[5] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 100.
[6] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 131.
[7] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 89.
[8] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 108.
[9] Ibidem, p. 109.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 181.
[11] Harman, Allan. *Salmos*, p. 100.
[12] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 90.

Capítulo 12

Socorro!

(Sl 12:1-8)

O SALMO 12 FOI escrito no contexto da perseguição de Saul a Davi, muito particularmente no período em que Saul, sugestionado pelas mentiras de Doegue, o fofoqueiro edomita, mandou matar os 85 sacerdotes de Nobe, bem como todos os homens, mulheres, crianças e animais da cidade (1Sm 22:6-19).

Nesse salmo sapiencial, Davi continua o contraste entre o justo e o ímpio. O justo está alarmado com a falta de piedade na terra, enquanto o ímpio, cheio de empáfia, destila veneno entre os dentes, com palavras mentirosas e cheias de engano. Nas palavras de Purkiser, "o clamor por auxílio divino (12:1,2), a

condenação do mal (12:3,4) e a confiança no poder protetor de Deus (12:5-7) expressam uma fé que vê além das circunstâncias e se direciona para o Ajudador celestial".[1]

Um clamor profundo (12:1,2)

Neste ponto, quatro verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o clamor é necessário quando o justo é encurralado* (12:1). "Socorro, SENHOR! Porque já não há homens piedosos; desaparecem os fiéis entre os filhos dos homens." Davi sente-se encurralado pelos ímpios e infiéis, os quais estão por todo lado. Purkiser diz que esse clamor de Davi é por causa da condição deplorável da religião e da moralidade que ele observa ao seu redor.[2] Warren Wiersbe diz que, no salmo 11, os alicerces da sociedade são abalados (11:3), mas aqui Davi pede socorro, pois o remanescente piedoso está cada vez menor.[3] Derek Kidner diz que esse salmo, com respeito ao uso e abuso de palavras, quase poderia ser uma expansão do clamor ouvido em 11:3, pois a situação é ameaçadora.[4] Charles Spurgeon diz que "Socorro, SENHOR" é um brado utilíssimo que podemos arremessar ao céu em ocasião de emergência, quer estejamos labutando, aprendendo, sofrendo, quer estejamos vivendo ou morrendo.[5]

Em segundo lugar, *o clamor é necessário quando a necessidade é urgente* (12:1a). O salmista solta um grito de socorro, como um homem que está se afogando ou como uma pessoa que precisa ser arrebatada do fogo. É com esse senso de urgência que ele grita por socorro e com esse senso de perigo e de ameaça que ele apela à ajuda do Senhor. Allan Harman diz que o verbo hebraico usado aqui é aquele do qual se originam os nomes Josué e Jesus.[6]

Em terceiro lugar, *o clamor é necessário quando a piedade é uma raridade* (12:1b). Davi olha ao redor e não consegue mais ver homens piedosos; para ele, os fiéis inexistem entre os filhos dos homens. Como Elias, imagina que só ele ficou no meio de uma geração apóstata (1Rs 18:22; 19:10,18) — os profetas Isaías (Is 57:1) e Miqueias (Mq 7:1-7) expressaram sua preocupação com a falta de líderes tementes a Deus. O cenário é cinzento, e a impiedade parece prevalecer enquanto os piedosos escasseiam. Spurgeon tem razão em dizer que, quando a piedade vai embora, a fidelidade inevitavelmente a acompanha. Sem o temor de Deus, os homens não têm o amor da verdade. A honestidade comum já não é comum quando a irreligião comum leva à irreligiosidade universal.[7]

Em quarto lugar, *o clamor é necessário quando a confiança nas relações humanas é inexistente* (12:2). "Falam com falsidade uns aos outros, falam com lábios bajuladores e coração fingido." Onde a verdade e a sinceridade estão ausentes, prevalece a falsidade e a hipocrisia nos relacionamentos, e o coração fingido alimenta os lábios bajuladores. À luz de Salmos 11:3, os fundamentos da sociedade ficam completamente colapsados onde a comunicação não é estribada na verdade. Concordo com Purkiser quando ele escreve: "Qualquer sociedade marcada pela quebra da confiança na honestidade está fadada ao fracasso. Suspeita e cinismo destroem a base dos relacionamentos humanos — na verdade, essa é a antítese da santidade e da verdade que Deus requer".[8]

Uma condenação inevitável (12:3,4)

Diante desse quadro assombroso, Davi clama pela justiça divina, e, neste ponto, destacamos três verdades solenes no texto.

Em primeiro lugar, *a vindicação da justiça divina* (12:3a). "Corte o SENHOR todos os lábios bajuladores..." Davi, cheio de zelo pelo caráter justo de Deus, roga que o Senhor elimine aqueles que escamoteiam a verdade e escondem suas perversas motivações atrás das palavras de lisonja. O bajulador tem palavras doces e coração amargo; elogia com a boca, mas maquina o mal no coração; e esconde a perversidade do coração atrás das palavras bajuladoras. A bajulação é o sibilo da serpente, é o veneno que esguicha da boca daquele que se apresenta como anjo, mas não passa de um demônio. Derek Kidner diz que a Bíblia não subestima o poder da conversa arrogante. O Antigo Testamento, do começo ao fim, ilustra o poder dessa arma: desde a serpente no Éden até o perseguidor profetizado, cuja "boca [...] falava com insolência" (Dn 7:20,25). O Novo Testamento retoma o tema (2Pe 2; Ap 13). Não é sem razão que o aliado da besta apocalíptica é o falso profeta (Ap 20:10).[9]

Em segundo lugar, *a arrogância humana desmedida* (12:3b,4a). "[...] a língua que fala soberbamente, pois dizem: Com a língua prevaleceremos..." Oh, quão tola é a arrogância humana, que não apenas alimenta desejos jactanciosos, mas também altivamente proclama que prevalecerá com suas palavras. Concordo com Purkiser quando diz que o mundo tem uma confiança desmedida no poder das palavras.[10] O perverso pensa que prevalecerá com a língua. Allan Harman destaca que mais tarde os profetas tiveram que repreender o povo pelos pecados da língua (Os 4:1,2; Jr 12:6), ao passo que o Novo Testamento reafirma quanto a língua é um fogo que corrompe totalmente as pessoas (Tg 3:6; Ef 4:29).[11]

Em terceiro lugar, *a afronta à soberania divina* (12:4b). "[...] os lábios são nossos; quem é senhor sobre nós?" A

arrogância humana atinge as raias da loucura, pois chega a ponto de afrontar Deus e desafiar sua soberania. Nas palavras de Purkiser, "o seu orgulho arrogante é visto como uma rejeição irônica da soberania de Deus".[12]

Uma confiança inabalável (12:5-7)

Diante desse festival de arrogância humana, Davi coloca sua confiança em Deus, e a oração foi feita e imediatamente respondida. O grito por socorro no versículo 1 é seguido agora da certeza de que o Senhor lhe está providenciando a salvação.[13] Davi faz três afirmações importantes.

Em primeiro lugar, *Deus é o libertador do seu povo* (12:5). "Por causa da opressão dos pobres e do gemido dos necessitados, eu me levantarei agora, diz o SENHOR; e porei a salvo a quem por isso suspira." Deus toma em suas mãos a defesa dos pobres e escuta o gemido dos necessitados e também se levanta e põe a salvo os que o buscam. Deus desarticula os planos do opressor, arranca de suas garras o oprimido e livra de sua língua venenosa os desamparados. Nas palavras de Spurgeon:

> No exato momento em que tudo parecer perdido e o pobre, oprimido e aflito povo de Deus nada pode fazer senão gemer e chorar, então o Senhor se levantará e os porá a salvo das opressões. Ele faz do dia de necessidade extrema uma oportunidade gloriosa para o benefício de sua glória e o bem de seu povo.[14]

Um gemido pode ser um som indecifrável na terra, mas tem uma mensagem eloquente no céu; do mesmo modo, uma lágrima pode não fazer barulho na terra, mas tem uma voz altissonante aos ouvidos de Deus!

Em segundo lugar, *Deus é digno de confiança quando profere suas palavras* (12:6). "As palavras do SENHOR são palavras puras, prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes." Está posto aqui um profundo contraste entre as palavras mentirosas e enganadoras dos perversos com as palavras verdadeiras e provadas de Deus. As palavras do Senhor são puras, isto é, foram purificadas como a prata na fornalha e, assim, duram para sempre. Não têm nenhuma escória, por isso merecem toda a confiança. A implicação é que todas as palavras dos enganadores são escória.[15] Nas palavras de Derek Kidner, "aqui há riquezas sólidas, em contraste com promessas vazias (12:2a), e verdade exata contra a bajulação, ambiguidade e conversa bombástica dos versículos 2b-4".[16] Spurgeon diz que as palavras dos homens são sim e não, mas as promessas do Senhor são sim e amém.[17] O perverso é como palha que o vento dispersa, e suas palavras, longe de prevalecerem, serão testemunhas contra ele no dia do juízo. A Palavra de Deus, porém, permanece para sempre. Spurgeon é oportuno quando escreve:

> A Bíblia, a Palavra de Deus, passou pelo forno da perseguição, crítica literária, dúvida filosófica e descoberta científica, não perdendo nada mais que essas interpretações humanas que se grudam a ela como liga ao minério precioso. A experiência dos santos a provou de toda maneira concebível, mas nem uma única doutrina ou promessa foi consumida pelo calor mais excessivo.[18]

Em terceiro lugar, *Deus é o protetor do seu povo* (12:7). "Sim, SENHOR, tu nos guardarás; desta geração nos livrarás para sempre." Deus é o protetor do seu povo, de modo que o inimigo pode até nos cercar e nos oprimir por um tempo,

mas a seu tempo Deus nos livra para sempre, como fez com seu povo no Egito.

Uma ação inequívoca (12:8)

Davi escreve: "Por todos os lugares andam os perversos, quando entre os filhos dos homens a vileza é exaltada" (12:8). Aqui retornamos à fonte da amargura — a prevalência da maldade — que fez o salmista correr ao poço da salvação. Quando os que estão em posição de poder forem vis, os subalternos não serão melhores.[19]

Warren Wiersbe diz que esse versículo é um chamado para entrar em ação, pois a vileza é promovida e exaltada na mídia: imoralidade, brutalidade, homicídios, mentiras, embriaguez, nudez, ganância, abuso de autoridade. Aquilo que Deus condena é considerado uma forma universal de diversão, e a indústria do entretenimento oferece prêmios para aqueles que produzem essas coisas. Assim, as pessoas orgulham-se daquilo que deveriam envergonhar-se.[20]

A vileza não é exaltada apenas na mídia, mas também nas cortes, nos parlamentos, nos palácios, no comércio, na indústria, nas transações internacionais, no teatro, no cinema, na imprensa, na literatura, nas igrejas, nas famílias. O mal não é apenas tolerado, mas, sobretudo exaltado. Isso nos mostra que há uma clara inversão de valores em nossa sociedade.

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 132.

2 Ibidem.

[3] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 109.
[4] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 91.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 196.
[6] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 101.
[7] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 196.
[8] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 132.
[9] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 91-92.
[10] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 132.
[11] Harman, Allan. *Salmos*, p. 102.
[12] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 132.
[13] Harman, Allan. *Salmos*, p. 102.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 203.
[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 102.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 92.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 198.
[18] Ibidem.
[19] Ibidem, p. 199.
[20] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 111.

Capítulo 13

Da tristeza profunda à alegria exultante

(Sl 13:1-6)

O SALMO 13 é breve, útil e instrutivo.[1] Esse salmo de Davi começa nas regiões mais profundas da tristeza e alça voo às alturas mais excelsas da alegria exultante. Começa com um desânimo crônico e termina com uma confiança inabalável. Nas palavras de Charles Swindoll, "ele começa no fosso do desânimo e termina nos picos da montanha do êxtase".[2] Ele vai da desolação ao deleite.[3]

Muito provavelmente, o contexto é entre o período da unção de Davi para ser o futuro rei de Israel e a ocupação do trono. Davi foi ungido por Samuel, mas não foi entronizado por ele, e, ao ser ungido, Davi foi matriculado na escola

do quebrantamento, para não se transformar num segundo Saul. Deus usou o Saul externo para arrancar de Davi o Saul interno, tendo em vista que só um homem quebrantado, segundo o coração de Deus, poderia assumir o trono e governar com justiça. Nas suas fugas de Saul, houve ocasiões em que Davi confessou: "apenas há um passo entre mim e a morte" (1Sm 20:3). Warren Wiersbe, porém, destaca que, pela graça de Deus, Davi transformou seu sofrimento em cânticos e os deixou para nos encorajar em nossas tribulações (2Co 1:2-11).[4]

As tribulações de Davi não laboraram contra ele, mas a seu favor, uma vez que Deus estava trabalhando em Davi para depois trabalhar por intermédio dele. As tribulações não vieram para destruí-lo, mas para tonificarem as musculaturas da sua alma. Davi foi forjado na fornalha da aflição, ou seja, Deus o provou para aprová-lo. Sobre isso, três verdades centrais podem ser observadas na passagem.

Os temores que vêm de dentro — seus sentimentos (13:1,2)

Davi está sendo perseguido pelo seu próprio sogro. O ciúme doentio de Saul rouba-lhe sua razão. No mundo estreito do egoísmo de Saul, não havia espaço para Davi, e este tem de fugir do sogro por cidades e vilas, desertos e cavernas. Davi está cansado de fugir, de se esconder, de ser humilhado e não ver uma luz no fim do túnel, e esse Salmo é uma expressão do seu lamento, uma voz altissonante de sua dor, um recado ao céu de sua profunda tristeza. Nas palavras de Purkiser, "o salmo expressa a noite escura da alma".[5] Quatro queixas são despejadas aqui por Davi, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *Davi sente que Deus se esqueceu dele* (13:1a). "Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre?" Nos sentimentos turbulentos de sua alma, Davi tem a sensação de que Deus não se lembra mais dele. Charles Swindoll diz que foi a duração da provação que começou a cansar Davi. A expressão "até quando" ocorre quatro vezes em dois breves versículos, porém devemos nos lembrar de que Deus não apenas cria a profundidade das nossas provações, mas também a sua duração.[6] Nas palavras de Leupold, "essas quatro repetições da expressão *até quando* indicam a extrema miséria desse pobre homem".[7]

Para Davi, o esquecimento de Deus era definitivo e eterno, porém esse sentimento é enganoso, pois Deus não tem amnésia. E como a própria palavra afirma, mesmo que uma mãe venha a esquecer do filho que amamenta, Deus jamais se esquece de seus filhos. Nas palavras de Warren Wiersbe, "o céu pode estar repleto de nuvens de tempestade que escondem o sol, mas o sol continua brilhando do outro lado das nuvens".[8]

Em segundo lugar, *Davi sente que Deus não se importa mais com ele* (13:1b). "[...] Até quando ocultarás de mim o rosto?" Davi tem a sensação de que Deus o abandonou e ocultou o rosto dele. Pior do que enfrentar a carranca do inimigo é não poder contemplar a face de Deus, é sentir-se abandonado por Deus.

Em terceiro lugar, *Davi sente que está só, e seu único cálice é a tristeza* (13:2a). "Até quando estarei eu relutando dentro em minha alma, com tristeza no coração cada dia?" Davi se sente sozinho, curtindo sua tristeza dia após dia, e Deus parece indiferente e distante, parece ter virado o rosto para ele, num abandono definitivo. Sendo assim, só lhe resta

lutar com suas próprias forças e beber todo o dia o cálice amargo de sua própria tristeza. Leupold diz que esses longos períodos de espera foram preenchidos com planos de autolibertação. Sempre novos planos precisavam ser projetados a cada noite, pois a noite era o tempo para os planos de fuga e livramento e, durante o dia, esses planos eram colocados em ação. Davi já estava cansado de lutar com suas próprias forças.[9]

Em quarto lugar, *Davi sente que o inimigo não lhe dá trégua* (13:2b). "[...] Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo? Enquanto Davi mergulha nos seus queixumes e lamentos, o inimigo não lhe dá trégua, e, quanto mais ele viaja para as profundezas da sua tristeza, mais o inimigo faz uma caminhada rumo ao topo de sua opressão.

Os perigos que vêm de fora — seus adversários (13:3,4)

Davi sai da caverna de sua tristeza para entrar na brecha da oração, abandonando os andrajos da autopiedade para se trajar com a armadura do guerreiro espiritual e compreendendo que, de joelhos, é mais forte que um exército. Charles Swindoll diz que finalmente encontramos Davi de joelhos, o lugar da vitória, pois o santo que avança de joelhos jamais recua.[10]

Destacamos aqui algumas verdades importantes.

Em primeiro lugar, *orar é buscar socorro no Deus da aliança* (13:3a). "Atenta para mim, responde-me, SENHOR, Deus meu!" Se outrora Davi sentia que Deus havia ocultado o rosto dele, agora pede para Deus atentar para ele; se antes tinha o sentimento de que Deus havia se esquecido dele, demorando a socorrê-lo, agora pede a Deus para responder-lhe; se antes tinha o sentimento de que estava

sozinho para remoer sua tristeza, agora recorre ao Deus da aliança, o seu Deus. Nas palavras de Derek Kidner, "por maior que seja a pressão do inimigo, a aliança com Deus permanece".[11] Davi muda sua perspectiva, e agora passa a olhar para Deus e as circunstâncias com outros olhos.

Em segundo lugar, *orar é pedir discernimento para olhar para a vida com os olhos de Deus* (13:3b). "[...] Ilumina-me os olhos, para que eu não durma o sono da morte". Aquele que se capitula à autopiedade e passa a queixar-se de Deus começa a ver a vida com as lentes escuras do pessimismo e da incredulidade. Davi agora quer luz em seus olhos, precisa do colírio espiritual para ver (Ap 3:18), pois não pode mais viver num torpor espiritual, num sono letárgico da morte. Ele quer olhar para a vida com os olhos de Deus, compreendendo as coisas da perspectiva do Senhor. Concordo com Charles Swindoll quando diz que essa mudança acentuada em Davi ocorreu quando ele decidiu colocar tudo diante de Deus em oração. A nossa petição fervorosa é o óleo mais eficaz para reduzir o atrito da opressão diária do desânimo.[12]

Em terceiro lugar, *orar é manter-se vigilante contra as investidas do inimigo* (13:4). "Para que não diga o meu inimigo: Prevaleci contra ele; e não se regozijem os meus adversários, vindo eu a vacilar." Vivemos cercados de inimigos. O terreno está minado, e os perigos são muitos. Os inimigos são cruéis; por isso, nesse campo de batalha, precisamos orar e vigiar. O inimigo nos espreita e procura uma brecha em nossa armadura, por isso precisamos ficar atentos às astutas ciladas dele. Pela oração, Davi, em vez de ver o inimigo prevalecendo, vê Deus agindo em seu favor, e, assim, ora para que os seus adversários não tenham a oportunidade de se alegrar na sua queda e destruição.[13]

A confiança que vem do alto — sua fé (13:5,6)

As circunstâncias não haviam mudado, mas Davi sim. Os inimigos ainda estavam apertando Davi, mas seus olhos já não estavam mais postos nos perigos, e sim em Deus. Em contraste com suas queixas e seus medos prévios, agora Davi demonstra uma diferença encantadora ao dizer: confio na tua graça — regozije-se o meu coração — cantarei ao Senhor. O mesmo aconteceu com Jó, que, antes de ter sua sorte restaurada por Deus, teve sua visão espiritual restaurada por Ele (Jó 42:1-10).

Vamos destacar aqui alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *a fé confia, sem vacilar, na graça de Deus* (13:5a). "No tocante a mim, confio na tua graça..." A expressão "no tocante a mim" indica uma transição do medo para a fé, do questionamento para a convicção das promessas de Deus.[14] Não vivemos pelo que vemos nem pelo que sentimos, mas pela fé; não vivemos de explicações, mas de promessas; e, mesmo que haja muitos inimigos contra nós, mais são os que estão conosco do que os que estão com eles (2Rs 6:16,17). Em outras palavras, a graça de Deus é melhor do que a vida e ela nos basta (2Co 12:9).

Em segundo lugar, *a fé se alegra na salvação apesar das lutas* (13:5b). "[...] regozije-se o meu coração na tua salvação." Oh, quantas vezes nosso coração é assolado pela tristeza, a ponto de perdermos a alegria da salvação. Mesmo que os inimigos nos ataquem com fúria pertinaz, nada nem ninguém pode arrancar de nós a salvação, a oferta da graça, e nessa salvação devemos exultar com alegria indizível e cheia de glória (1Pe 1:8).

Em terceiro lugar, *a fé celebra exultante ao rememorar os feitos de Deus* (13:6). "Cantarei ao SENHOR, porquanto me

tem feito muito bem." Davi começa esse salmo cheio de tristeza e termina cantando; inicia-o afirmando que Deus havia se esquecido dele e termina dando testemunho de que Deus lhe havia feito muito bem. Davi compreende que até as tribulações pelas quais estava passando faziam parte do tratamento de Deus em sua vida (Rm 5:3-5), tanto que mais tarde ele escreve: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos" (Sl 119:71).

Notas

1 Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms*. Grand Rapids: Baker Book House,1979, p. 134.
2 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 50.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 93.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 111.
5 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 133.
6 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 53.
7 Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms*, p. 135.
8 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 112.
9 Leupold, *Exposition of the Psalms*, p. 135.
10 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 54.
11 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 94.
12 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 55.
13 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 133.
14 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 112.

Capítulo 14

O ateísmo e seus frutos amargos

(Sl 14:1-7)

Há dois tipos de ateísmo: o teórico e o prático. O teórico é seguido por aqueles que negam conceitualmente a existência de Deus; o prático é aquele que, embora acredite que Deus existe, vive como se ele não existisse. O apóstolo Paulo escreveu: "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra" (Tt 1:16). O ateísmo cresce espantosamente em nossos dias, em ambas as modalidades, contudo, mais são os ateus práticos do que os ateus teóricos. Allan Harman é categórico em afirmar que o salmo 14 não se preocupa

com o ateísmo intelectual; seu enfoque é, antes, a pessoa que é ateia prática, visto que ela renunciou sua aliança e, consequentemente, o Deus da aliança.[1]

Desde o Iluminismo, o homem se empenha para apagar Deus de sua vida, e, na esteira desse pensamento humanista, vieram várias correntes de pensamento que tentam apagar Deus da criação, da história e da vida. O ateísmo, porém, não é inofensivo; pelo contrário, ele tem sido o berço das ideologias mais perversas, das políticas mais truculentas e da perseguição mais atroz aos cristãos. Derek Kidner diz que aqui o espírito da impiedade se revela de duas maneiras: como desrespeito aberto à lei de Deus (14:1-3) e como opressão ao povo de Deus (14:4-6); trata-se de um desprezo direto e indireto do céu, de uma estultice desenfreada.[2] Nessa mesma esteira de pensamento, Myer Pearlman diz que o ateísmo é um crime contra a sociedade, porque destrói a única base adequada da moralidade e da justiça — a crença no Deus pessoal que exige dos homens a fidelidade às suas leis. Também é um crime contra cada pessoa, pois é a tentativa de arrancar do coração humano seu desejo das coisas espirituais, sua fome e sede pelo infinito.[3] Vamos examinar o salmo em questão e extrair três fatos solenes.

Insensatez deliberada — os ímpios ignoram Deus (14:1-3)

O ateísmo não é gerado no laboratório da razão; é filho da insensatez. Warren Wiersbe tem razão em dizer que, ao deixarem Deus de fora de sua vida, os ímpios corrompem cada vez mais seu ser interior — o coração (v. 1), a mente (v. 2,4) e a vontade (v. 3). O verbo "corromper" (v. 1) refere-se a "decompor, apodrecer, deteriorar".[4] Destacamos alguns pontos importantes aqui.

Em primeiro lugar, *o credo do insensato* (14:1a). "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus..." Na língua hebraica, há três palavras básicas para definir o "insensato": *kesyl,* o insensato lerdo e estúpido; *ewiyl,* o insensato irracional e pervertido; e *nabal,* a pessoa bruta semelhante a um animal teimoso. *Nabal* é o termo usado aqui nesse versículo e também era o nome de um homem grosseiro que se recusou a ajudar Davi (1Sm 25:25).[5] Allan Harman diz que *Nabal* é o tolo que carece da sabedoria, que é o princípio do temor do Senhor, e ele não apenas diz, mas também vive como se Deus não existisse.[6] Purkiser está certo ao afirmar que a insensatez na Bíblia não é uma questão de limitação intelectual, mas de transgressão moral.[7]

O insensato é aquele que mantém os olhos do seu coração fechado às evidências notórias à sua volta. As digitais do Criador estão estampadas nos céus e na terra, nas estrelas elevadas e nas profundezas dos oceanos, na vastidão do mar e na singularidade da gota de orvalho, nos rochedos empinados aos céus e na pétala aveludada de uma flor.

Esse insensato não é privado de inteligência, mas está desprovido de sabedoria, e pode até ser um intelectual, mas está cego para a verdade, visto que nega a existência de Deus, a despeito das evidências, apenas para viver como se Deus não existisse. Seu problema não é intelectual, mas moral. Nas palavras de Warren Wiersbe, "não se trata de um problema de falta de inteligência, mas sim de uma questão de ignorância intencional (2Pe 3:5; Rm 1:18-28)".[8]

O apóstolo Paulo traça bem o perfil desses ateus práticos. Essas pessoas detêm a verdade pela injustiça (Rm 1:18), pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre elas (Rm 1:19). Assim, tendo conhecimento de Deus, não

o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato (Rm 1:21). Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos (Rm 1:22), uma vez que desprezaram o conhecimento de Deus (Rm 1:28). Nas palavras de Myer Pearlman, "os ímpios negam que Deus interfere nos assuntos da vida diária e preferem viver contando com sua ausência".[9]

Em segundo lugar, *a corrupção do insensato* (14:1b). "[...] Corrompem-se..." Ao negar a existência de Deus, o homem se corrompe e perde a referência da vida. Como disse Dostoiévski, "se Deus não existe, tudo é permitido". A corrupção é aquilo que perdeu seu estado original e está azedo, estragado.

Em terceiro lugar, *as obras do insensato* (14:1c). "[...] e praticam abominação; já não há quem faça o bem." Ao se corromper, o homem se rende a toda sorte de abominação, estando certamente incapacitado de fazer o bem. Ele é ágil para fazer o que é errado e absolutamente impotente para fazer o que é certo. Spurgeon diz que os pecados de omissão têm de transbordar onde predominam as transgressões. Aqueles que fazem coisas que não deveriam ter feito seguramente deixarão sem fazer coisas que deveriam ter feito, pois, exceto onde a graça reina, não há ninguém que faça o bem. A humanidade, caída e humilhada, é um deserto sem oásis, uma noite sem estrelas, um monturo sem joias, um inferno sem fundo.[10]

Em quarto lugar, *a investigação divina* (14:2). "Do céu olha o SENHOR para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus." Uma descrição antropomórfica das ações de Deus é dada para enfatizar

como ele visualiza a todos (14:2,3). Os olhos de Deus passam por toda a terra numa investigação geral e meticulosa, de modo que Ele vê tudo e todos, isto é, nada escapa ao seu escrutínio onisciente. Nessa pesquisa desde os céus, Deus procura alguém com sensatez para entender ou alguém cujo coração se incline a Ele para buscá-lo em oração.

Em quinto lugar, *a constatação divina* (14:3). "Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer." Está posto aqui aquilo que os teólogos do Sínodo de Dort (1618-1619) chamaram de "Depravação Total". Isso não significa que todas as pessoas estão corrompidas no grau máximo de perversidade ou que não são capazes de praticar coisas boas (Lc 11:13), mas sim que todas têm uma natureza decaída e que são incapazes de mudar a si mesmas. O profeta Isaías é enfático: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho..." (Is 53:6). À luz deste versículo, constamos três fatos solenes.

Primeiro, *a depravação é total.* O pecado entrou no mundo por um homem e passou por todos os homens, e todos se extraviaram. Não há nenhum membro da raça que não tenha sido infectado mortalmente pelo pecado. Nosso corpo e nossa alma foram contaminados pelo pecado; nossa razão, emoção e vontade foram corrompidas. Derek Kidner está certo quando diz que cada pecado subentende a afronta de imaginar saber melhor do que Deus e a corrupção de amar o mal mais do que o bem.[11]

Segundo, *a depravação é proposital.* Todos juntamente se corromperam. Os homens não apenas praticam o mal, mas aprovam aqueles que também o praticam — trata-se de uma parceria deliberada para fazer aquilo que é mal aos olhos do Senhor.

Terceiro, *a depravação é global.* Não há quem faça o bem, não há nenhum sequer. O apóstolo Paulo usou esse salmo para provar que tanto os gentios como os judeus estão rendidos ao pecado e não podem salvar a si mesmos (Rm 3:9-26).

Medo súbito — os ímpios são confrontados por Deus (14:4-6)

Os ímpios arrogantes que ousam negar a existência de Deus para viverem na prática de suas abominações e não se intimidam em oprimir os justos ficarão cobertos de terror quando Deus se manifestar. Nas palavras de Warren Wiersbe, "chega um momento em que Deus e o pecador se encontram de súbito, como nos casos de Belsazar (Dn 5), do fazendeiro rico (Lc 12:13-21) e das pessoas no juízo final (Ap 6:12-17)".[12]

Derek Kidner diz que a insensatez da iniquidade, já ressaltada nos versículos 1-3, agora se vê também como falta de discriminar (v. 4) e falta de prever (v. 5,6).[13] Spurgeon é enfático quando escreve: "Como negar a existência do fogo não previne que o homem se queime, duvidar da existência de Deus também não impedirá que o Juiz de toda a terra destrua os rebeldes que lhe quebram a leis".[14] Sobre isso, destacamos quatro fatos.

Em primeiro lugar, *os ímpios são desprovidos de entendimento ao oprimirem o povo de Deus* (14:4a). "Acaso, não entendem todos os obreiros da iniquidade, que devoram o meu povo, como quem come pão..." Os ímpios são culpados de oprimir o povo de Deus, de esmagar o fraco, de triturar o inocente, de praticar injustiça contra quem não pode fazer-lhe nenhuma resistência. Essa é uma metáfora bíblica para expressar a exploração dos desamparados (27:2; 35:25;

53:4; Mq 2:2; 3:1-3; 7:3; Lm 2:16; Is 3:12; Jr 10:25; Am 2:6-8). Concordo com Warren Wiersbe quando diz que as pessoas jamais devem ser usadas como meio para alcançar um fim nem ser tratadas como bens de consumo.[15]

Em segundo lugar, *os ímpios são desprovidos de entendimento ao se recusarem invocar o nome do Senhor* (14:4b). "[...] que não invocam o SENHOR?" Os ímpios não apenas têm um relacionamento errado com o próximo, mas também com Deus, e praticam a perversão e a impiedade — na verdade, a perversão é filha da impiedade. E, porque o homem não invoca Deus, ele oprime o próximo.

Em terceiro lugar, *os ímpios serão tomados de grande pavor ao constatarem que Deus está a favor daqueles a quem oprimem* (14:5). "Tomar-se-ão de grande pavor, porque Deus está com a linhagem do justo." Perseguir o povo de Deus é o mesmo que perseguir Deus (At 22:7,8). Quem toca no povo de Deustoca na menina dos seus olhos (Zc 2:8).

Em quarto lugar, *os ímpios que envergonham o povo de Deus descobrirão que o Senhor é o seu refúgio* (14:6). "Meteis a ridículo o conselho dos humildes, mas o SENHOR é o seu refúgio." Os ímpios não podem prevalecer contra aqueles que têm Deus como seu refúgio, pois o braço da carne não pode prevalecer sobre o braço do Onipotente. Somos fracos, mas temos um refúgio inexpugnável. Myer Pearlman diz que, em contraste com os pecadores em pânico, há o pequeno rebanho da linhagem do justo que tem paz no meio das aflições imposta pelos inimigos, porque anda com Deus.[16]

Restauração suplicada — os justos se alegram em Deus (14:7)

Mais uma vez, a fé canta o seu cântico de triunfo.[17] O salmo termina com uma oração pedindo que Deus tire os

seus fiéis das suas aflições, restaurando a sua prosperidade. Davi expressa seu desejo ardente e sua expectativa cheia de esperança da salvação vindoura do Senhor. Sião, onde está a Arca da Aliança, símbolo da presença de Deus, é de onde virá a salvação de Israel: "Tomara de Sião viesse já a salvação de Israel! Quando o SENHOR restaurar a sorte do seu povo, então, exultará Jacó, e Israel se alegrará". É Deus quem restaura a sorte do seu povo, como restaurou a sorte de Jó, e é Ele também quem vira a mesa e honra os oprimidos e quem desbarata os planos perversos dos inimigos e exalta seu povo. Deus é a fonte e o conteúdo da alegria do seu povo — a alegria do Senhor é a nossa força. Allan Harman diz, corretamente, que o salmo termina com uma nota de alegria, pois a salvação fornece um cântico ao povo de Deus. Quando a redenção final se consumar, uma grande multidão cantará: "A salvação pertence ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro" (Ap 7:10).[18]

NOTAS

1 HARMAN, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 105.
2 KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 95.
3 PEARLMAN, Myer. *Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 1977, p. 25.
4 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 113.
5 Ibidem.
6 HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 105.
7 PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 134.
8 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 113.
9 PEARLMAN, Myer. *Salmos*, p. 23.
10 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 223.

[11] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 96.
[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 114.
[13] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 96.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 221.
[15] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 114.
[16] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 24.
[17] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 135.
[18] Harman, Allan. *Salmos*, p. 106.

Capítulo 15

Os atributos do verdadeiro adorador

(Sl 15:1-5)

O SALMO 14 É uma descrição típica do ímpio, ao passo que esse salmo é uma descrição clássica do homem de Deus, do piedoso adorador. Allan Harman diz que o salmo 15 e o salmo 24 têm muito em comum, uma vez que ambos pedem para chegar-se à presença do Senhor em seu santo monte e ambos respondem de uma forma semelhante. O caráter do adorador piedoso é salientado claramente.[1] Purkiser está correto quando diz que o salmo 15 é uma perfeita pepita de devoção e, da mesma forma que uma pedra preciosa, dificilmente pode ser dividida sem ser danificada.[2]

Deus havia ordenado a Moisés que construísse um santuário para que pudesse habitar no meio do seu povo (Êx 25:8), e esse tabernáculo móvel acompanhou o povo em sua peregrinação pelo deserto e também na posse da terra prometida. Era um símbolo da presença de Deus entre o povo. Os séculos se passaram, e, agora, Davi traz a arca da aliança para o monte Sião (2Sm 6:12-19), onde foi colocada numa tenda. A tenda deixou de peregrinar para fixar-se no monte do Senhor. Este é o pano de fundo deste memorável salmo que trata das características do verdadeiro adorador. Derek Kidner diz que o adorador é como um hóspede ansioso que faz sua peregrinação rumo ao lar (Sl 23:6; 27:4; 84:1-4).[3]

H. C. Leupold diz que todo homem que tem vivido perto de Deus reconhece as armadilhas do formalismo e do ritualismo que continuamente tendem a corromper a verdadeira adoração. A nação de Israel não deveria ser enganada com os aspectos externos da adoração, pois, antes de Deus aceitar a adoração, ele precisa aceitar o adorador, e é sobre isso que Davi vai tratar nesse salmo.[4]

Certamente esse salmo não está tratando das condições para o homem ser salvo, mas das marcas de uma pessoa salva pela graça que vive para agradar a Deus e ter comunhão com ele. Nenhum homem é salvo pelos seus méritos pessoais, mas pela graça mediante a fé. A fé salvadora, entretanto, é evidenciada pelas obras. Nesse belíssimo salmo, Davi elenca onze virtudes do adorador, sendo seis positivas e cinco negativas. Charles Spurgeon entende que esse salmo trata primariamente de Jesus, o Homem perfeito, e nele todos os que pela graça são conformados à sua imagem.[5]

A estrutura do salmo é simples, e ele pode ser dividido em três partes: 1) uma pergunta (15:1); 2) uma resposta (15:2-5a); 3) uma promessa (15:5b).[6]

Uma pergunta solene (15:1)

Quem pode desfrutar de comunhão com Deus e adorá-lo no seu tabernáculo e morar no seu santo monte? Quem pode comparecer perante aquele cujos serafins cobrem o rosto? Quem pode morar no santo monte do Senhor? Charles Swindoll diz que as referências a "tabernáculo" e "santo monte" são, ambas, símbolos da presença de Deus — expressões descritivas de íntima comunhão.[7] Essa dupla pergunta enseja-nos duas lições sublimes.

Em primeiro lugar, *quem pode habitar no tabernáculo de Deus?* (15:1a). "Quem, SENHOR, habitará no teu tabernáculo?". A ideia de "habitar" aqui é estar na presença de Deus, no tabernáculo de Deus, para adorar a Deus e ter comunhão com ele. "Habitará" sugere permanência, e foi assim que Jesus falou acerca do Consolador que viria para permanecer para sempre com a igreja: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja [habite] para sempre convosco" (Jo 14:16). Habitar no tabernáculo do Senhor significa firmar nossa vida em Deus.[8]

Em segundo lugar, *quem pode morar no santo monte de Deus?* (15:1b). "[...] Quem há de morar no teu santo monte?" A ideia de "morar" é uma ação permanente, que remete ao céu, à bem-aventurança eterna. No hebraico, o termo "morar" é *shakan* e dá origem à palavra *shekinah,* que se refere à presença (habitação) da glória de Deus no santuário. O maior desejo de Davi é estar com Deus no céu e habitar em sua casa para sempre (23:6; 61:4), pois Deus

é nosso eterno lar (90:1).[9] "Morar" acrescenta a ideia de estar em casa, ser um membro da família. Quem está apto para entrar nos páramos celestes e morar com o Senhor para sempre?

Uma resposta magnífica (15:2-5a)

Enfatizamos que Davi não lista aqui as virtudes exigidas para que alguém seja salvo, mas elenca os atributos de uma pessoa salva. Ele menciona seis virtudes positivas e cinco negativas, ou seja, o que o salvo faz e o que ele não faz. Nas palavras de Leupold, "uma vida aceitável a Deus tem tanto o elemento que é feito como o elemento que é evitado".[10]

As virtudes positivas (15:2,4)

Seis virtudes são aqui elencadas para descrever o adorador. Vejamos.

Em primeiro lugar, *vive com integridade* (15:2a). "O que vive com integridade..." A palavra hebraica *tamin,* "integridade", cobre uma área abrangente e significa a completude da conduta moral.[11] É a mesma palavra que Deus usou para Abraão em Gênesis 17:1: "[...] anda na minha presença e sê perfeito". A palavra traz a ideia de completo, inteiro, sincero, sadio, sem culpa.[12] A integridade fala do caráter: aquilo que somos longe dos holofotes, ou seja, é aquilo que você é em secreto (Mt 5:48). Concordo com Myer Pearlman quando diz que não se trata de perfeição infalível, mas de um sincero desejo de fazer a vontade de Deus.[13]

Em segundo lugar, *pratica a justiça* (15:2b). "[...] e pratica a justiça." Isso tem a ver com a maneira como nós fazemos. Não se trata daquele que conhece a justiça, fala sobre

a justiça ou mesmo ama e aprova a justiça, mas daquele que pratica a justiça. A conduta externa deve ser justa e correta, ou seja, de acordo com a lei. Assim como uma boa árvore produz bons frutos, assim também o adorador não apenas fala de justiça, mas também a pratica. Nas palavras de Spurgeon, "a casa de Deus é uma colmeia para os obreiros, e não um ninho para os zangões".[14]

Em terceiro lugar, *de coração fala a verdade* (15:2c). "[...] e, de coração, fala a verdade." Isso tem a ver com a maneira como nós pensamos. Mesmo seus pensamentos não falados, lá no secreto de seu coração são sinceros e verdadeiros.[15] A verdade, antes de fluir dos lábios, habita no coração, e não apenas ela é proferida pela boca, como também é apreciada e cultivada no coração. Derek Kidner diz que significa aquilo que é seguro e digno de confiança, e não meramente correto, e o que este homem diz está de acordo com aquilo que é.[16] Purkiser diz que falar a verdade de coração significa viver em absoluta sinceridade. Se a verdade nos lábios é importante, muito mais importante ainda é a verdade no coração.[17] Spurgeon corrobora dizendo que "Os santos não mentem nem sequer no recesso do coração, pois Deus está ali e ouve. Desprezam significados dúbios, subterfúgios, ambiguidades, mentiras brancas, bajulações e logros".[18]

Em quarto lugar, *a seus olhos tem por desprezível ao réprobo* (15:4). "O que, a seus olhos, tem por desprezível ao réprobo..." O adorador não bajula o ímpio (Sl 73:8-10; Pv 24:24), como Eliseu não enalteceu o ímpio rei Jeú nem Mardoqueu prostrou-se diante do perverso Hamã. Se um homem verdadeiramente honra a Deus, não pode ao mesmo tempo honrar aqueles que vivem na contramão da vontade de Deus (1:1). O adorador não vai agradando aos mundanos, fechando seus olhos às suas maldades, achando

certas as praxes deles, quando o que realmente precisam é de uma repreensão franca e aberta (2Rs 3:14).[19]

Em quinto lugar, *honra aos que temem ao Senhor* (15:4b). "[...] mas honra aos que temem ao SENHOR..." O adorador não apenas rejeita exaltar o perverso, mas deliberadamente honra aos que temem ao Senhor.

Em sexto lugar, *jura com dano próprio e não se retrata* (15:4c). "[...] o que jura com dano próprio e não se retrata." Promessas feitas devem ser cumpridas. Como diz Swindoll, "devemos fazer o que prometemos, mesmo quando manter a nossa palavra for algo difícil de cumprir".[20] O adorador tem palavra, e seu discurso é sim, sim e não, não. Suas ações são avalistas de suas palavras. Nas palavras de Purkiser, "sua palavra vale tanto quanto o seu pacto".[21]

As virtudes negativas (15:3,5)

Depois de elencar seis virtudes positivas, ou seja, aquilo que o adorador faz, agora Davi menciona cinco virtudes negativas, isto é, aquilo que o adorador não faz. Vejamos.

Em primeiro lugar, *não difama com sua língua* (15:3a). "O que não difama com sua língua..." Isso tem a ver com o que nós falamos. Qualquer pessoa que fala mal do seu próximo, mormente na sua ausência, é um difamador. Derek Kidner diz que a palavra "difama" tem um pano de fundo de "ir em derredor" para espionar as coisas ou divulgá-las. Parece mais perto de maledicência do que de calúnia.[22] O difamador tem veneno em sua língua, fogo em seus lábios e o Diabo como seu patrono. Spurgeon corrobora dizendo que "A língua de alguns homens morde mais que os dentes. A língua não é de aço, mas corta, e as feridas são muito mais difíceis de sarar".[23] Purkiser diz que não difamar é

não inventar ou passar adiante histórias que são injuriosas e denigrem a reputação de outra pessoa.[24] Warren Wiersbe tem razão em dizer que o falso testemunho transforma um julgamento numa farsa e provoca o sofrimento dos inocentes.[25] É interessante notar que, na lista das sete coisas que Deus abomina, três têm a ver com os pecados da língua (Pv 6:16-19). Um crente antigo deixou sobre sua mesa de refeições um quadro escrito: "Aquele que gosta de difamar com palavras amargas aqueles que não estão presentes não têm lugar nesta mesa".

Swindoll diz que, antes de passar adiante informações ou comentários sobre outra pessoa, primeiramente devemos passar essas informações por quatro portões para ter a devida aprovação:[26]

- **Portão 1**: É confidente? Se sim, nunca a mencione.
- **Portão 2**: É verdade? A questão pode precisar de alguma investigação.
- **Portão 3**: É necessária? Palavras demais são inúteis.
- **Portão 4**: É bondosa? Ela serve a um propósito saudável?

Em segundo lugar, *não faz mal ao próximo* (15:3b). "[...] não faz mal ao próximo..." Não somente sua língua é disciplinada, mas suas mãos se recusam a fazer o mal contra o próximo. Nas palavras de Spurgeon, "aqueles que refreiam a língua não darão licença para as mãos".[27] Esse pecado inclui todo tipo de dano e maldade. Concordo com Myer Pearlman quando diz que há maldade especial em fazer danos até contra aqueles que mais confiam em nós e dos quais mais gostamos.[28]

Em terceiro lugar, *não lança injúria contra o seu vizinho* (15:3c). A ideia aqui é de ofender com palavras, pegar algo desonroso para remexer nele de modo desnecessário.[29] Ele não comete qualquer dano a seu vizinho, nem faz troça com as faltas ou situações de seus amigos.[30] Provérbios 10:12 traz uma advertência sobre o assunto: "O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões". Purkiser diz que não injuriar é não dar origem a uma calúnia e a um escárnio ou passar adiante o que de outra forma ficaria oculto. Ou pode significar adicionar difamação à desgraça do próximo.[31] Myer Pearlman orienta: "Não leve as conversas sobre a vida alheia pela vizinhança afora, para envergonhar o seu vizinho".[32] Na difamação, assim como no roubo, o receptor é tão culpado quanto o ladrão. Se não houvesse pessoas que gostam de ouvir fofocas, haveria um fim do comércio de espalhá-las; além disso, o fofoqueiro carrega o Diabo na língua, e o ouvinte de fofocas leva o Diabo nos ouvidos.[33]

O apóstolo Paulo nos orienta a como usar proveitosamente nossas palavras para edificação, e não para ruína (Ef 4:29), uma vez que as más conversações corrompem os bons costumes (1Co 15:33). O adorador é uma bênção onde mora, e seu convívio com seus vizinhos é pautado no amor e na verdade.

Em quarto lugar, *não empresta o seu dinheiro com usura* (15:5a). "O que não empresta o seu dinheiro com usura..." O adorador não pode se aproveitar da crise medonha do pobre para explorá-lo, uma vez que a riqueza amealhada com usura torna-se combustível para destruição do usurário. Nas palavras de Leupold, "a verdadeira piedade repudia a ideia de ganho pessoal como um resultado da usura".[34] Derek Kidner está correto quando diz que dinheiro com

usura é condenado na Bíblia, não no sentido geral de "juros" (Dt 23:20; Mt 25:27), mas no contexto de tirar proveito das desgraças do próximo (Dt 23:19; Lv 25:35-38).[35]

Concordo com Myer Pearlman quando diz que o sistema comercial moderno permite que alguém ponha seus bens a "trabalhar", recebendo da parte de quem os explora comercialmente um tipo de "aluguel". Em tal situação, a palavra "usura" é aplicada a métodos ilegais de submeter o devedor a taxas ou prestações além do acordado no contrato.[36] Spurgeon é oportuno quando exorta: "O homem de bens dilapidar o pobre infeliz que por desventura obteve um empréstimo é abominável. Aqueles que oprimem os pobres, as viúvas necessitadas e outros em situação semelhante, cobrando juros a taxas intoleráveis, descobrirão que o ouro e a prata que obtêm estão corrompidos".[37]

Em quinto lugar, *não aceita suborno contra o inocente* (15:5b). "[...] nem aceita suborno contra o inocente..." O adorador não vende sua consciência por dinheiro. O suborno é grave pecado tanto para quem dá como para quem recebe (Êx 23:7,8; Dt 16:19; 27:25), por isso devemos repudiar qualquer forma de tráfico de influência e também recusar qualquer suborno, como testemunha ou como juiz, para acusar um inocente ou inocentar um culpado (Is 1:23; 5:23; Jr 22:17; Êx 22:12; Os 4:18).

Os profetas Isaías (33:14-16) e Miqueias reforçam essas condições, destacadas em Salmos 15:2-5. Essas onze virtudes descritas no salmo 15 revelam que nossa relação com Deus está estreitamente ligada à nossa relação com o próximo, o que significa que não podemos amar a Deus, a quem não vemos, se não amamos o nosso irmão a quem

vemos. A relação vertical está estreitamente ligada à relação horizontal.

Uma promessa bendita (15:5c)

O texto é enfático: "[...] quem deste modo procede não será jamais abalado". Não é aquele que lê sobre esse modo de vida, nem o que ouve falar sobre o assunto, mas o que vive à altura. As tempestades da vida não podem arrancar seu alicerce, que está posto na rocha (Mt 7:24,25). O apóstolo João escreve: "Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1Jo 2:17).

Derek Kidner diz que a ameaça da insegurança, que muitas vezes se expressa em Salmos pela palavra "abalado" (10:6; 13:4), é enfrentada não por aliar-se aos fortes, mas sim por firme confiança em Deus (16:8; 46:5; 62:2-6).[38]

Spurgeon, interpretando a passagem citada anteriormente, diz que não há tempestade que o demova das fundações, arraste-o do ancoradouro ou desarraigue-o do lugar. Ele não só estará em Sião, mas será como Sião, inabalável e firme. Ele habitará no Tabernáculo do Altíssimo, e nem a morte nem o julgamento o removerão do lugar de privilégio e bem-aventurança.

Spurgeon, citando Adam Littleton, escreve:

> Quem deste modo procede não será jamais abalado. O texto não diz que é quem confessa isto ou aquilo, ou quem crê de determinada maneira, ou quem é desta ou daquela opinião, ou quem cultua assim ou assado, ou quem define novas ideias e finge que é o Espírito que o guia prontamente. Não é quem ouve muito ou fala muito sobre religião, nem é quem ora e prega muito, nem quem pensa muito nessas coisas e tem boas intenções. É quem

faz essas coisas, ou seja, quem se dedica mesmo a essas coisas que é o verdadeiramente crente e temente a Deus. Não é, afirmo, o confessor formal, o crente confidente, o opiniático fogoso, o perfeccionista de alto fluxo. Não é o ouvinte constante, ou o falador veemente, ou o professor laborioso, ou o irmão talentoso, ou o simples simpatizante. Mas é o fazedor honesto e sincero dessas coisas que suportará o teste e permanecerá firme nas provações, quando todos os outros pretextos forem, nessas chamadas minuciosas, queimados e consumidos como "madeira, feno e palha", segundo expressa o apóstolo Paulo (1Co 3:12). Usar a vestimenta característica de Cristo e não lhe prestar nenhum serviço é escarnecer do Mestre amável. Aceitá-lo com a nossa confissão e negá-lo em nossa prática é, com Judas, traí-lo com um beijo de respeito; é, com os soldados rudes de joelhos dobrados diante dele e, enquanto isso, bater na cabeça sagrada com o cetro de junco; e é, com Pilatos, coroá-lo com espinhos, crucificar o Senhor e escrever acima da sua cabeça: "O Rei dos Judeus" (Mc 15:26). Em uma palavra, é afligi-lo com as nossas honras e feri-lo com os nossos agradecimentos. A confissão cristã sem a vida condizente está tão longe de salvar alguém quanto agrava a condenação seriamente. A mera formalidade exterior da adoração é uma fraude religiosa.[39]

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 106-107.

2 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 135.

3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 97.

4 Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 142.

[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 241.
[6] Pearlman, Myer. *Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 1977, p. 28.
[7] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 62.
[8] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 135.
[9] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 115.
[10] Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms*, p. 144.
[11] Ibidem.
[12] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 98.
[13] Pearlman, Myer. *Salmos,* p. 29.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 243.
[15] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 29.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 98.
[17] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 136.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 243.
[19] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 29.
[20] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 67.
[21] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 136.
[22] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 98.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 243.
[24] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 136.
[25] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 116.
[26] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 65.
[27] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 243.
[28] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 29.
[29] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 98.
[30] Harman, Allan. *Salmos*, p. 108.
[31] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 136.
[32] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 29.
[33] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 243.
[34] Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms,* p. 145.
[35] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 99.
[36] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 30.
[37] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 244.
[38] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 99.
[39] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 258-259.

Capítulo 16

O Senhor, nosso melhor tesouro no tempo e na eternidade

(Sl 16:1-11)

Esse salmo de Davi é um dos mais belos poemas do Saltério. Alguns estudiosos sugerem que foi escrito por Ezequias, por retratar circunstâncias semelhantes às que aquele piedoso rei viveu quando foi curado de sua enfermidade.[1] Entretanto, entendemos que o salmo foi escrito por Davi no período em que Deus firmou com ele uma aliança, de que o templo seria construído e que a sua casa e o seu reino seriam firmados para sempre (2Sm 7:12-17). A autoria davídica é confirmada tanto pelo apóstolo Pedro (At 2:22-36) quanto pelo apóstolo Paulo (At 13:35-37).

Esse salmo é messiânico. Os versículos 10 e 11 foram citados pelo apóstolo Pedro no seu sermão em Jerusalém no dia do Pentecostes (At 2:22-36) e também pelo apóstolo Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13:35-37). É claro que as palavras escritas por Davi nos versículos 10 e 11 não podem se referir a ele, mas se aplicam apenas a Jesus, o Filho de Davi.

Derek Kidner chega a dizer que as afeições centralizadas em Deus é que dão a esse salmo unidade e fervor.[2] Warren Wiersbe diz que Davi apresenta, nesse salmo, três características do Senhor, e todas elas podem ser aplicadas a Cristo: o Senhor da vida, o conquistador da morte e a alegria da eternidade.[3] Vamos seguir essa mesma trilha.

O Senhor da vida (16:1-8)

Destacamos quatro pontos importantes aqui.

Em primeiro lugar, *uma oração cheia de confiança* (16:1,2). "Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio. Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente." Davi, nessa oração, está demonstrando sua fé em Deus. Ele faz um pedido e dá uma justificativa. Também pede proteção a Deus e demonstra sua confiança nele. Trata-se de uma fé pessoal, pois não vê Deus apenas como Senhor, mas como o seu Senhor. Ele tem intimidade com Deus, deleita-se nele e vê Deus não apenas como o seu refúgio, mas também como o seu maior e melhor bem. Nas palavras de Derek Kidner, "o refugiado se vê herdeiro, e sua herança é além de tudo quanto se poderia imaginar e grande demais para explorar".[4]

Em segundo lugar, *uma companhia cheia de prazer* (16:3,4). "Quanto aos santos que há na terra, são eles os

notáveis nos quais tenho todo o meu prazer. Muitas serão as penas dos que trocam o SENHOR por outros deuses; não oferecerei as suas libações de sangue, e os meus lábios não pronunciarão o seu nome." Para se ter um relacionamento certo com Deus, é mister também ter um relacionamento certo com os homens. Davi tem prazer não apenas em relacionar-se com Deus, mas também em relacionar-se com os piedosos, os quais podem ser rejeitados pelos homens ímpios, mas são notáveis aos olhos de Deus — é com esses que Davi comunga. Contudo, os réprobos, que trocaram o Deus vivo por outros deuses e apostataram da fé, com esses Davi não tem prazer em relacionar-se. Esses sofrerão as amargas consequências de suas tresloucadas escolhas e também as penalidades de sua abominável idolatria. Desses, Davi quer distância, e eles não fazem parte de sua agenda. Ele nem mesmo os tem em seus lábios, para não correr o risco de tê-los em seu coração. Concordo com Russell Norman Champlin quando diz que o homem piedoso não participará das libações nem de outros aspectos do culto idólatra. Entre os pagãos, essas libações incluíam até sacrifícios humanos, como o culto prestado a Moloque.[5]

Em terceiro lugar, *uma herança cheia de privilégios* (16:5,6). "O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice; tu és o arrimo da minha sorte. Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança." Embora Davi fosse um homem de muitas posses, seus olhos não se encantavam com as riquezas da terra. O Senhor era a porção de sua herança. Deus era sua maior riqueza. Deus não apenas era sua herança, mas também sua segurança, e sua confiança não estava na sua riqueza, mas no Senhor. E, assim como a tribo de Levi, que não recebeu sua herança em terras, mas o Senhor foi sua herança, Davi está afirmando

que sua herança é mui linda, pois a sua herança é o próprio Senhor.

A expressão "caem-me as divisas em lugares amenos" é uma alusão à divisão do território conquistado entre as tribos e as famílias de Israel. Nem sempre o território destinado era o que se desejava, mas aqui Davi está dizendo que a herança que lhe cabe é amena e linda, pois não é apenas uma porção da terra fértil, mas também e sobretudo a riqueza espiritual, a herança de Cristo. Warren Wiersbe corrobora dizendo que as linhas de demarcação determinavam as heranças das tribos, dos clãs e das famílias de Israel, e cada lote individual era definido por "divisas" que não deviam ser movidas (Dt 19:14; 27:17; Pv 15:25; 22:28; 23:10,11). Davi regozijava-se, pois Deus fez as divisas de sua herança abrangerem lugares agradáveis, de modo que pode declarar "é mui linda a minha herança".[6]

Champlin diz que, em contraste com os idólatras, que corriam atrás de deuses estrangeiros, o salmista achava o seu prazer e sua esperança exclusivamente no Senhor, e era ali que ele encontrava sua porção escolhida e seu cálice de abundância. A sorte de Davi não podia ser perdida nem diminuída, porque é Deus quem a garante.[7]

Em quarto lugar, *uma comunhão cheia de aprendizado* (16:7,8). "Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina. O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado." Davi bendiz a Deus porque o tem como seu conselheiro, e este lhe concede iluminação e sabedoria. Nas noites da vida, o Senhor era o conteúdo de suas meditações, por isso seu coração, cheio da contemplação divina, era um mestre por excelência. À noite,

seu coração comungava com Deus. A noite sempre foi um tempo oportuno para nos entregarmos à meditação e para recebermos a visitação de Deus (1Rs 3:5; 2Cr 1:7; Dn 7:2; At 27:23). Davi anda na presença de Deus e não abre mão de viver com Ele e nele, pois sabe que nenhum poder pode mantê-lo firme e inabalável, exceto o Senhor.

A presença de Deus é o seu maior anseio, e Deus era seu instrutor e protetor. Champlin, citando Lutero, escreve: "Aquele que tem Deus sempre diante dos olhos recebe um coração tão destemido que até a cruz e os sofrimentos são aceitos com bom ânimo".[8]

O conquistador da morte (16:9,10)

Davi começa a tratar da ressurreição, a vitória sobre a morte, e é claro que não está falando de si mesmo, mas do Messias. O apóstolo Pedro levantou-se, no dia de Pentecostes, e aplicou este texto de Davi para fundamentar a gloriosa ressurreição de Cristo. Davi morreu, e seu corpo ainda aguarda a ressurreição do último dia, porém Jesus, o Filho de Davi, abriu o seu túmulo de dentro para fora. Ele entrou nas entranhas da morte, matou a morte e ressurgiu gloriosamente, inaugurando a imortalidade. Duas verdades são destacadas aqui.

Em primeiro lugar, *a alegria do repouso seguro* (16:9). "Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro." O salmista não está falando dele mesmo, e sim do Messias, para quem a morte foi um repouso. Afligido pela humilhação sofrida no Sinédrio, no Pretório e na cruz; castigado severamente pelos açoites e pelas dores indescritíveis da cruz, a morte não lhe foi uma

tortura a agravar seu atroz sofrimento, mas um repouso de sua fadiga. Champlin, sobre esse magno assunto, escreve:

> Para Jesus, a morte não representava ameaça, porquanto havia uma intervenção divina que anularia toda a possibilidade de dano. Por semelhante modo, Deus não permitirá que a morte destrua aquela plenitude de comunhão de que os crentes desfrutam com o Senhor (2Co 5:8; Fp 1:23). Jesus ressuscitou para tornar-se o primogênito de todos os que dormem (1Co 15:20).[9]

Em segundo lugar, *a convicção da ressurreição certa* (16:10). "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção." A morte de Jesus não foi um acidente, nem a sua ressurreição foi acidente. Ele mesmo profetizou tanto sua morte como sua ressurreição, e esta deu início à sua glorificação. Ele venceu a morte, o rei dos terrores, e colocou debaixo dos seus pés o último inimigo a ser vencido. Ao ressuscitar com um corpo de glória, abriu o caminho da imortalidade e ressurgiu dentre os mortos como primícias de todos os que dormem.

A alegria da eternidade (16:11)

E. R. Conder diz que Jesus viveu para morrer, morreu para viver novamente e viveu novamente para fazer-nos portadores de sua vida. Sua morte foi o plano do Pai, o propósito de sua vinda ao mundo e o resultado de profecias. Sua ressurreição mudou completamente nossa visão acerca da morte, portanto da vida.[10]

À ressurreição de Jesus seguiu-se sua ascensão, quando Ele retornou à glória que tinha com o Pai antes da fundação do mundo. Ele foi assunto ao céu e assentou-se no

Trono, à destra da Majestade, de onde reina e governa o universo, a história, a igreja e a nossa vida.

Davi, referindo-se ao Messias, diz: "Tu me farás ver os caminhos da vida, na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (16:11). Em lugar da morte, foi conferida vida abundante, porquanto os efeitos da morte foram anulados, como escreveu o apóstolo Paulo: "[...] Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (1Co 15:54,55). Os caminhos da vida são aqueles marcados por plenitude de alegria, e esses caminhos só existem na presença de Deus. Só ali flui aos borbotões, de forma inexaurível, delícias perpetuamente. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que os prazeres do céu vão muito além de qualquer prazer que possamos experimentar aqui na terra e, ao desfrutarmos deles e servirmos ao Senhor, não sofreremos as restrições ou obstruções do tempo, das fraquezas físicas ou das consequências do pecado.[11]

A alegria deve ser por nós desejada. O problema não é a busca da alegria, mas um contentamento com uma alegria rasa demais, terrena demais, temporal demais. Deus nos salvou para a maior de todas as alegrias, a alegria de frui-lo para sempre, e só na sua presença há plenitude de alegria!

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 137.

2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 99.

3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 117-118.

[4] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 103.
[5] Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 2099.
[6] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 118.
[7] Champlin, Russell N.. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 2100.
[8] Ibidem.
[9] Ibidem.
[10] Conder, E. R. "Psalms". In: *The Pulpit Commentary*, vol. 8. Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p. 99.
[11] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 119.

Capítulo 17

Um clamor pela proteção divina

(Sl 17:1-15)

Esse é um dos salmos identificados como "oração" (17, 86, 90, 102 e 142). Com exceção do salmo 90, escrito por Moisés, eles descrevem o escritor numa situação perigosa, clamando a Deus por livramento.[1] O contexto desse salmo é mais uma vez a perseguição insana e truculenta de Saul ao seu genro Davi (1Sm 23:25,26). Aquele persegue este sem pausa, alimentado pela mentira, com fúria indomável, e Davi, mesmo podendo vingar-se do sogro, não o faz, mas clama a Deus por livramento em vez de tomar a vingança em suas mãos.

Charles Spurgeon diz, com razão, que Davi não teria sido um homem segundo

o coração de Deus se ele não tivesse sido um homem de oração. Ele corria para a oração em todos os tempos de necessidade, como o capitão do navio que, na iminência da tempestade, navegava a toda velocidade ao porto. O cheiro da fornalha recende desse salmo, mas há evidência, no último versículo, de que Davi saiu incólume das chamas.[2]

Destacamos cinco verdades solenes no texto que passaremos a expor.

O clamor de um inocente pelo restabelecimento da verdade (17:1-5)

Saul está perseguindo Davi, alimentado por mentiras desairosas. Davi está sendo atacado pelo sogro, mesmo sendo inocente. Disso, podemos extrair cinco lições.

Em primeiro lugar, *o salmista pleiteia uma causa justa* (17:1). A súplica que Davi faz se apresenta em três formas: "ouve", "atende" e "dá ouvidos". De igual modo, a descrição de sua súplica é tríplice: "minha justa causa", "meu clamor" e "minha oração".[3] Davi apela a Deus e roga a Ele para ouvir sua causa, pois é justa, e sua oração não procede de lábios fraudulentos. O rei Saul e seus líderes espalham uma série de mentiras sobre Davi e acreditam nelas, mas o Senhor e Davi sabem a verdade. Davi pede a Deus que ouça sua súplica, examine sua vida e declare sua integridade, dando-lhe vitória sobre o exército de Saul.[4] Ao afirmar que seus lábios não são fraudulentos, Davi está mostrando que a sinceridade é uma condição indispensável na oração — até porque devoção hipócrita é iniquidade em dobro.[5]

Em segundo lugar, *o salmista se estriba na justiça divina* (17:2). Davi está disposto a passar pelo escrutínio do julgamento divino, pois sabe que os olhos de Deus veem com

equidade. Sua oração está fundamentada no justo julgamento divino, pois Ele sonda os corações. Nas palavras de Purkiser, "Davi não encontrou justiça nas mãos de Saul, mas está confiante de que os olhos do Senhor veem com equidade".[6]

Em terceiro lugar, *o salmista afirma sua inocência* (17:3). Davi está consciente de que ninguém o conhece como Deus. Sabe que tem sido sondado e provado e, em face desse escrutínio divino, pleiteia sua inocência, certo de que não há iniquidade em seu coração nem transgressão em seus lábios, pois, mesmo sendo tão injustamente perseguido, não falou mal do rei Saul. É óbvio que Davi não está pleiteando sua impecabilidade; ele está afirmando sua inocência e inculpabilidade diante da atroz perseguição sofrida. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que, ao declarar sua retidão, Davi não está demonstrando orgulho ou hipocrisia, mas sim dando prova da fidelidade de Deus em meio a situações difíceis.[7] Nessa mesma linha de pensamento, Allan Harman diz que Davi não está aqui fazendo reivindicações de justiça pessoal e perfeição impecável, mas demonstrando sua inocência diante das acusações caluniosas de seus inimigos.[8]

Em quarto lugar, *o salmista tem se afastado de más companhias* (17:4). Davi, sendo um homem piedoso, pauta sua vida pela Palavra de Deus, por isso tem se afastado de más companhias e se guardado dos caminhos do violento (Sl 1:1,2).

Em quinto lugar, *o salmista tem andado nos caminhos de Deus* (17:5). Mesmo sob uma saraivada de injusta perseguição, Davi mantém seus passos firmes nas veredas de Deus, e foi esse compromisso que o manteve de pé, sem resvalar os pés.

O clamor de um fiel pela proteção divina (17:6-9)

Davi passa a invocar o nome do Senhor Deus, rogando por proteção. Destacamos aqui três lições oportunas.

Em primeiro lugar, *a certeza de que Deus ouve a sua oração* (17:6). Davi não está orando a um ídolo pagão, mas ao Deus *vivo, que tudo vê, tudo conhece e a todos sonda. Ele busca refúgio em Deus*, porque sabe que Ele responde às suas orações, e, assim, nos ensina que conhecimento de Deus é o alicerce da vida de oração.

Em segundo lugar, *a convicção acerca da bondade de Deus para com os que nele se refugiam* (17:7). Deus é o Salvador dos que nele buscam refúgio; é a fortaleza dos que, pelo zelo do seu nome, resistem aos homens maus. A esses, Deus mostra a sua bondade, como demonstrou sua bondade no êxodo, abrindo-lhe o mar Vermelho.

Em terceiro lugar, *o apelo à plena proteção divina* (17:8,9). Davi usa duas figuras de linguagem para pedir proteção. A primeira delas é "guarda-me como a menina dos olhos", que é uma expressão frequente no Antigo Testamento (Dt 32:10; Pv 7:2; Zc 2:8). A menina dos olhos corresponde à pupila, a parte mais delicada do olho. Assim como nós somos apressados em defendê-la, do mesmo modo Davi ora para Deus protegê-lo. A segunda figura de linguagem é "esconde-me à sombra das tuas asas", uma figura que aponta para a galinha que ajunta seus pintinhos debaixo de suas asas sempre que vê o perigo se aproximando (Rt 2:12; Mt 23:37). Davi pede a Deus para protegê-lo e colocá-lo em posição de segurança por causa da opressão dos perversos e do assédio de morte dos inimigos.

A descrição da crueldade dos inimigos opressores (17:10-12)

Davi faz uma descrição de quão terríveis são seus inimigos, e vale a pena destacar três características aqui.

Em primeiro lugar, *os inimigos são insensíveis de coração e insolentes de palavras* (17:10). Os inimigos não conhecem compaixão e fecham o coração para qualquer ato de bondade ou justiça. Eles têm o coração de pedra e nutrem apenas sentimentos hostis. O coração deles é o laboratório de todos os seus males, e ali se processa toda a sua maldade. Seus lábios são insolentes porque seu coração é impiedoso. Nas palavras de Purkiser, "eles prosperam e engordam em sua iniquidade. Cerram o coração contra todas as influências para o bem ou qualquer compaixão por aqueles a quem perseguem. Eles vangloriam-se do seu sucesso na prática da iniquidade".[9]

Em segundo lugar, *os inimigos são espreitadores que buscam uma oportunidade para atacar* (17:11). Os inimigos não descansam, mas vivem rodeando os justos e sempre procuram uma oportunidade para atacá-los, pois seu alvo é atacar os justos e derrubá-los. Davi vivia cercado de espiões prontos a denunciá-lo ao rei, assim como a presa fica em um cerco do qual as vítimas não conseguem escapar. A alusão aqui é ao caçador que localiza as pegadas do animal procurado.[10]

Em terceiro lugar, *os inimigos são semelhantes aos mais poderosos predadores* (17:12). Davi compara seus inimigos a leões, os mais temidos predadores e que são ávidos para devorar sua presa; para isso, eles espreitam e fazem emboscada. Sendo assim, os inimigos se assemelham a um leão agachado que se prepara para saltar de seu esconderijo secreto sobre sua presa.

O clamor do justo pela punição dos homens mundanos (17:13,14)

Sobre isso, destacamos aqui dois pontos importantes.

Em primeiro lugar, *um clamor pela derrota dos homens mundanos* (17:13). Davi é enfático em seu clamor e pede a Deus para se levantar, defrontar e arrasar os seus inimigos com a sua espada, aqueles que espreitam a sua alma. O Diabo e seus instrumentos são os instrumentos de Deus, por isso o "ímpio" é chamado de espada, o machado de Deus (Is 10:15), pois só Deus brande uma e controla o outro. Deus usou a Assíria como vara para punir e disciplinar Israel, mas também usa até mesmo os ímpios para promover a felicidade atual e a salvação final dos santos.[11]

Em segundo lugar, *uma descrição dos homens mundanos* (17:14). Davi pede que Deus livre a sua alma das mãos dos homens mundanos, os quais só reconhecem a recompensa nesta vida e não querem saber de ter o Senhor como sua porção. O Novo Testamento fala do mesmo tipo de pessoas que pertencem ao mundo (Jo 15:19), que são pessoas do mundo (Lc 16:8) e cuja mente é posta nas coisas terrenas (Fp 3:19).[12]

Três coisas nos chamam a atenção acerca dos homens mundanos.

Primeiro, *a porção dos homens mundanos* (17:14), que é apenas desta vida. Em outras palavras, toda a satisfação deles ocorre nessa era presente (Lc 16:25), de modo que eles semeiam apenas para esta vida, mas não levam Deus em conta nesta vida nem se preparam para a eternidade.

Segundo, *a prosperidade dos homens mundanos* (17:14). Davi diz que Deus enche o ventre deles com os tesouros

desta vida; ou seja, eles são ricos, poderosos e opulentos e têm nas mãos o poder, as leis e os tribunais. Assim, manipulam juízes, controlam as cortes, praticam seus crimes e escapam. Nas palavras de Purkiser, "eles têm uma família numerosa conforme o seu desejo, a quem eles podem deixar as fortunas acumuladas pela injustiça e desonestidade. Esse é um quadro impressionante de vidas centralizadas nesta terra, de pessoas que vivem sem Deus".[13]

Terceiro, *as desvantagens dos homens mundanos* (17:14). Os homens mundanos têm duas desvantagens terríveis: a primeira delas é que a mão de Deus está contra eles, e a segunda é que eles acumulam e ajuntam muitas coisas, mas nada disso lhes satisfaz. Resumindo, eles deixam sua herança para seus filhos, mas partem sem conhecer a verdadeira felicidade para entrarem na eterna infelicidade.

A herança e a recompensa do justo (17:15)

Davi faz aqui um contraste entre ele e os homens mundanos. Eles viveram na prosperidade do mundo e partiram sem esperança; mas ele tem sua plena satisfação em Deus no tempo e sua herança gloriosa na eternidade. Davi tem uma esperança que vai além da sepultura, tanto que ele nos oferece aqui um vislumbre da eternidade. Nas palavras de Derek Kidner, "este versículo sublime levanta voo diretamente das baixadas prósperas do versículo 14, onde tudo fica preso à terra, para as alturas excelsas da glorificação no céu".[14] Destacamos aqui duas verdades.

Em primeiro lugar, *a natureza da recompensa do justo* (17:15). A recompensa do justo, daquele que foi justificado pela graça (32:1), é espiritual, completa e eterna. Mesmo

privado das riquezas da terra, o justo é rico das bênçãos espirituais (Ef 1:3).

Em segundo lugar, *a fonte da recompensa do justo* (17:15). A recompensa do justo não é apenas para esta vida. Ele tem paz em relação ao passado, graça em relação ao presente e glória em relação ao futuro (Rm 5:1-3), e sua maior recompensa no céu é contemplar a face do Senhor. Ele terá uma visão beatífica do Redentor. Veremos Jesus face a face (Ap 22:4) e ainda seremos semelhantes a Ele (1Jo 3:1-3). A visão de Deus e a semelhança com Deus são a melhor e a mais linda herança dos salvos. Purkiser diz que o salmista está aqui imaginando o acordar do sono da morte e, dessa maneira, expressa sua fé na vida futura.[15]

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 119.
2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 289.
3 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 111.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 119.
5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 290.
6 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 139.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 119.
8 Harman, Allan. *Salmos*, p. 111.
9 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 139.
10 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 302.
11 Ibidem, p. 303.
12 Harman, Allan. *Salmos*, p. 113.
13 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 140.
14 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 107.
15 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 140.

Capítulo 18

O retrospecto do agradecido

(Sl 18:1-50)

Esse é um salmo de Davi, no qual ele faz uma retrospectiva dos vários livramentos de Deus, engrandecendo ao Senhor por seus feitos gloriosos e declarando seu acendrado amor a Ele. O salmo começa e termina com uma doxologia, e o cântico mistura louvor e testemunho. Esse salmo é tão importante que está registrado quase na íntegra em 2Samuel 22:1-51. Spurgeon diz que esse salmo é a canção de um coração grato e impressionado com o retrospecto das múltiplas e maravilhosas misericórdias de Deus.[1] Já Derek Kidner entende que o salmo marca o período da primeira fase do reinado de

Davi, quando seu poder estava no auge (2Sm 8:14b), antes de seu pecado ter deixado marcas indeléveis sobre sua vida (18:20-23) e sobre seu reino (2Sm 12).[2]

Uma declaração de amor por tão grande salvação (18:1-3)

Davi faz três coisas no prefácio desse salmo, o maior salmo do primeiro livro. Declara a Deus seu amor, exalta a Deus como seu libertador e invoca-o como aquele digno de ser louvado. Davi expressa a Deus seu amor (18:1), sua fé (18:2) e sua esperança (18:3).[3] Vejamos:

Em primeiro lugar, *um amor cheio de ternura* (18:1). O objeto desse amor está certo, porque Davi não declara amor à natureza, nem à humanidade, nem a si mesmo, nem ao mundo, nem mesmo às dádivas de Deus. Seu amor é centralizado na pessoa de Deus. A palavra incomum usada por Davi para declarar seu amor a Deus, *racham,* revela a medida máxima de seu amor. Esse é o amor de uma mãe pelo seu bebê (Is 49:15), de um pai por seu filho (103:13) e do Senhor pelo seu povo escolhido (Os 1:7; Dt 13:17), e a inspiração desse amor é que Deus é sua força. Watkinson tem razão em dizer que o verdadeiro amor a Deus é alguma coisa maior do que admiração intelectual e apreciação moral; é o derramar de um consciente, impagável e profundo sentimento que brota do coração.[4]

Em segundo lugar, *uma confissão cheia de fé* (18:2). Davi usa este jorro de sete metáforas impressionantes para descrever o significado de Deus em sua vida: Deus é sua rocha, sua cidadela, seu libertador, seu refúgio, seu escudo, sua força e seu baluarte — todas essas metáforas apontavam para o pleno livramento de Deus diante do ataque de seus inimigos.

Em terceiro lugar, *uma resolução cheia de esperança* (18:3). Davi busca a Deus em oração, invoca o Senhor, que é digno de ser louvado, e tem plena confiança de que será salvo de seus inimigos. Isso nos mostra que o conhecimento que ele tem de Deus é o alicerce de sua fé.

Uma oração urgente no meio dos perigos (18:4-6)

Davi passa a descrever com cores vívidas os perigos que o encurralaram e as armadilhas dos inimigos que o cercaram e também reflete acerca do passado e do extremo perigo do qual o Senhor o libertou. Aqui duas coisas nos chamam a atenção.

Em primeiro lugar, *as armas perigosas usadas contra ele* (18:4,5). Laços de morte, torrentes de iniquidade, cadeias infernais e tramas de morte foram os estratagemas usados contra ele pelos seus inimigos. Era como uma caça cercada por cães violentos, em que seus inimigos eram como caçadores que haviam armado suas redes para apanhá-lo — em outras palavras, Davi pisava em terreno minado. Spurgeon diz que, de todos os lados, os cães do inferno latiram furiosamente, um cordão de demônios cercou o caçado homem de Deus, e toda rota de escape estava fechada.[5]

Em segundo lugar, *o pedido urgente de socorro a quem podia livrá-lo* (18:6). Quando Davi se viu entrincheirado pelo inimigo, num lugar apertado, ele não buscou livramento em suas estratégias de guerra nem confiou em suas próprias armas carnais; em vez disso, ele buscou ao Senhor, gritou por socorro, e o Senhor prontamente o ouviu, pois seu clamor lhe penetrou os ouvidos. Spurgeon diz que a oração é a portinhola oculta que fica aberta mesmo quando

a cidade está rigorosamente sitiada pelo inimigo, é o caminho de saída da cova do desespero.[6]

Um poderoso livramento pelo poder sobrenatural do Senhor (18:7-19)

Não houve grande espaço entre o clamor e a resposta. Davi passa a escrever a forma majestática como Deus saiu em sua defesa para libertá-lo das mãos de seus inimigos. Nas palavras de Purkiser, "a intervenção do Senhor para ajudar o salmista é descrita em termos de terremoto e tempestade, os aspectos severos e horrendos da natureza simbolizando a ira de Deus".[7] Destacamos aqui cinco fatos.

Em primeiro lugar, *o poder extraordinário do libertador* (18:7,8). Quando Deus se manifesta, a terra treme e os fundamentos dos montes estremecem. Na sua ira contra os inimigos, de suas narinas saem fumaça; de sua boca, fogo consumidor. Do próprio Deus procedem brasas ardentes, e nenhum poder é capaz de resistir a Deus quando Ele se levanta para defender o seu povo. Spurgeon diz que não há nada que deixe Deus tão irado quanto o dano causado aos seus filhos.[8] Derek Kidner diz que a teofania, isto é, a manifestação de Deus, relembra o livramento no mar Vermelho, por meio do fogo, da nuvem e da separação das águas, bem como os fenômenos do monte Sinai, que "tremia grandemente", "fumegava" quando Deus desceu sobre ele em fogo (Êx 19:18).[9]

Em segundo lugar, *a rapidez incomparável do libertador* (18:9,10). Ele baixa os céus e desce. Debaixo de seus pés há densa escuridão, a qual não é impedimento para Deus agir, pois Ele cavalga um querubim e voa nas asas do vento; e é com essa rapidez que vem para livrar aqueles que nele

se refugiam. Spurgeon destaca que as coisas estavam ruins para Davi antes de ele orar, mas ficaram muito piores para os inimigos tão logo sua petição subiu aos céus.[10]

Em terceiro lugar, *o método misterioso usado pelo libertador* (18:11,12). Deus faz das trevas o seu manto para se ocultar; faz da escuridão das águas e das espessas nuvens do céu o seu pavilhão. Quando o libertador se levanta, ninguém pode resistir ao seu poder nem compreender os seus métodos. Todavia, quando ele se manifesta, as densas nuvens se desfazem em granizo e brasas chamejantes.

Em quarto lugar, *a eficácia da ajuda do libertador* (18:13-19a). Quem pode resistir àquele que troveja nos céus? Quem pode prevalecer contra o Altíssimo quando ele levanta a sua voz? Quem pode proteger-se quando Ele despede suas flechas? Quem pode enfrentá-lo quando Ele dispersa seus inimigos. Ao espalhar os seus raios, Ele desbarata os seus inimigos e, quando se manifesta em sua ira, até os rios se secam e os fundamentos do mundo são descobertos. Davi sentia-se como um náufrago quando do alto Deus lhe estendeu a mão e reconhece que seus inimigos eram mais fortes do que ele quando Deus o livrou. Os inimigos de Davi o assaltaram no dia da sua calamidade, mas o Senhor saiu em sua defesa e foi o seu amparo. Davi estava num beco sem saída, mas Deus o tirou para um lugar espaçoso. Nas palavras de Purkiser, "da experiência de estar cercado pelo perigo, Davi é trazido para um lugar espaçoso".[11] Spurgeon, analisando esse versículo, diz que, depois de por certo tempo anelar por libertação na prisão, José alcançou o palácio, e Davi, da caverna de Adulão, subiu ao trono. É doce o prazer depois da dor, e o espaço amplo é mais delicioso depois de tempos de pobreza apertada e prisão estreita. Almas sitiadas se deleitam nos campos amplos da

promessa quando Deus expulsa o inimigo e escancara as portas da cidade cercada.[12]

Em quinto lugar, *a razão do socorro do libertador* (18:19b). "[...] livrou-me, porque ele se agradou de mim." Davi reconhece que Deus trata com graça aos que o amam e exerce seu juízo sobre aqueles que zombam de sua graça e oprimem os seus escolhidos. Nossa vitória não procede dos nossos esforços, mas de Deus se agradar de nós. Derek Kidner corrobora dizendo que Davi é abençoado porque Deus se agradou dele, e não só porque representa seu povo. Seus súditos serão abençoados por amor a Davi, assim como a igreja é abençoada por amor a Cristo.[13]

Uma declaração de integridade diante de Deus e dos homens (18:20-27)

Por que Deus se agradou de Davi? A resposta está nos versículos em apreço.

Em primeiro lugar, *integridade diante de Deus* (18:20-24). Davi não está pleiteando aqui sua impecabilidade, mas acentuando sua integridade, visto que ele vive de forma justa e há pureza em suas mãos. Além disso, ele tem guardado os caminhos do Senhor e não tem se apartado perversamente deles e também guarda os juízos e não se afasta dos preceitos divinos. Ele foi íntegro com Deus, guardando-se da iniquidade, por isso reconhece que o Senhor lhe retribuiu segundo a sua justiça e conforme a pureza de suas mãos. Concordo com Purkiser quando diz que isso não é uma espécie de evangelho da salvação por obras, pois, nesse mesmo salmo, a misericórdia do Senhor, a causa da salvação, é descrita.[14]

Em segundo lugar, *integridade diante dos homens* (18:25-27). Deus lida conosco como lidamos com Ele e também como lidamos com os homens. Ou seja, aqueles que são benignos com o próximo recebem de Deus benignidade (Mt 5:7; 6:14,15; 18:23-25), e aqueles que são íntegros em suas relações horizontais recebem de Deus o mesmo tratamento. Deus se mostra puro com os puros, mas inflexível com o perverso, salva os humildes, mas abate os de olhos altivos.

Uma perfeita libertação (18:28-45)

Davi volta ao tema de sua libertação e ensina-nos algumas preciosas lições.

Em primeiro lugar, *Deus nos liberta quando lança luz nas nossas trevas* (18:28). Há momentos tenebrosos na vida, nos quais a escuridão vem como um manto sobre nós. Nessas horas o inimigo parece prevalecer, mas, então, Deus faz resplandecer nossa lâmpada e lança luz em nossas trevas.

Em segundo lugar, *Deus nos liberta quando nos dá destreza para a batalha* (18:29). Quando Deus é por nós, ninguém pode nos deter nem resistir a nós. Com Deus, Davi desbarata exércitos e salta muralhas. Você e Deus são maioria, portanto nunca se esqueça de que, quando Deus luta as nossas guerras, somos imbatíveis.

Em terceiro lugar, *Deus nos liberta quando Ele mesmo é o nosso escudo* (18:30). O caminho do Senhor é perfeito, e sua palavra, provada. Quando andamos com Deus, Ele anda conosco; quando nos refugiamos nele, ele é nosso escudo; e, sendo Ele o nosso escudo, nenhuma seta do inimigo pode nos atingir.

Em quarto lugar, *Deus nos liberta por causa de sua singularidade* (18:31). Davi confessa que o seu Deus é o único Senhor e professa um monoteísmo confiante, afirmando que só Deus é rochedo, que só Ele socorre e ampara e que só dele vem a vitória. Os povos têm muitos deuses, muitos ídolos, mas todos são vãos, pois eles não podem ouvir nem salvar.

Em quinto lugar, *Deus nos liberta ao dar-nos capacitação especial* (28:32-34). É Deus quem nos reveste de força e quem aperfeiçoa os nossos caminhos. É ele ainda quem faz nossos pés velozes como os de uma corça e nos firma em lugares altos. Também é quem adestra nossas mãos para o combate, a ponto de envergarmos até arcos de bronze.

Em sexto lugar, *Deus nos liberta quando nos oferece sua graciosa salvação* (18:35,36). Davi recebe de Deus o escudo da salvação e confessa que foi a mão direita de Deus que o susteve, que foi a clemência de Deus que o engrandeceu e que foi o próprio Deus quem alargou sob seus passos o caminho para que seus pés não vacilassem. Warren Wiersbe diz que foi a bondade de Deus que moldou o caráter de Davi. Deus achou por bem olhar para Davi e chamá-lo (1Sm 16), voltar-se para ele e moldá-lo (18:35), estender sua mão e salvá-lo (18:16) e, a seu tempo, exaltá-lo e colocá-lo em seu trono (18:39-45).[15] Estou de pleno acordo com Allan Harman quando diz que todos os misericordiosos atos de Deus para com seus filhos e expressões de sua condescendência alcançaram sua mais plena expressão na vinda de Jesus em carne humana.[16]

Em sétimo lugar, *Deus nos liberta quando nos faz triunfar sobre os inimigos* (18:37-42). Davi descreve sua vitória retumbante sobre os inimigos. Ele persegue e alcança os

inimigos, e dá cabo deles, esmagando-os a tal ponto de não poderem se levantar. Seus inimigos caíram aos seus pés porque Deus o cingiu de forças para o combate, de modo que aqueles que se levantaram contra ele precisaram capitular-se e submeter-se a ele. Davi, entretanto, reconhece que essa façanha não procede dele mesmo, uma vez que foi Deus quem pôs em fuga os seus inimigos (18:40). Porque esses inimigos viveram na contramão da vontade de Deus, quando clamaram não foram ouvidos (Pv 1:24-33; Is 65:12-14; 66:4). Porque faltou-lhes o socorro divino, Davi os reduziu a pó e lançou-os fora como lama das ruas.

Em oitavo lugar, *Deus nos liberta quando Ele mesmo nos exalta sobre as nações* (18:43-45). Deus livrou Davi das contendas do povo e o fez cabeça das nações, de tal modo que nações estrangeiras passaram a servi-lo. Ao poder de sua voz, essas nações passaram a servi-lo e a lhe obedecer, e nenhuma nação ousou mais resistir a Ele. Purkiser diz, com razão, que a reputação de Davi era tão grande que os inimigos em potencial foram intimidados a se submeterem.[17] Esse texto é claramente messiânico e aponta para o Messias, o Filho de Davi, e é também uma clara descrição do reino messiânico, que abarcará todas as nações.

Uma doxologia ao Deus vivo (18:46-50)

Na última parte desse rico poema, Davi volta a sua atenção para o Deus vivo, numa expressão doxológica. Destacamos aqui alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *ele exalta o Deus da sua salvação* (18:46). O Senhor vive e é a nossa rocha; o Deus da nossa salvação é digno de ser exaltado. Essa verdade foi vista como um grande contraste entre o Senhor, que "tudo faz

como lhe agrada", e os ídolos, que "têm boca e não falam" (115:3,5).[18]

Em segundo lugar, *ele exalta o Deus da sua libertação* (18:47,48). Davi não exerceu vingança com as suas próprias mãos. Ele entregou seus inimigos nas mãos de Deus, o qual tomou vingança e fez dos inimigos seus súditos. Deus livrou Davi de seus inimigos e do homem violento e o exaltou diante deles.

Em terceiro lugar, *ele glorifica a Deus entre os povos* (18:49). Davi exalta a Deus entre os gentios e canta louvores ao seu nome. Esse texto é usado pelo apóstolo Paulo para mostrar que os gentios se unem aos judeus para glorificar a Deus — o apóstolo cita o versículo 49 em Romanos 15:9 e aplica essas palavras aos judeus louvando a Deus no meio dos gentios. Em Romanos 15:10,11, judeus e gentios regozijam-se juntos — como resultado do ministério de Paulo aos gentios —, ao passo que Romanos 15:12 anuncia o reinado de Jesus Cristo sobre judeus e gentios (Is 11:10).[19]

Em quarto lugar, *ele exalta a Deus por sua benignidade para com ele e sua descendência para sempre* (18:50). O salmo chega ao seu auge quando Davi exalta o Senhor por sua aliança com ele e com seus descendentes (2Sm 7). Davi usa as palavras "para sempre", de modo que devia ter consciência de que as promessas do reino se cumpririam por intermédio do Messias — "E ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11:15).[20] Allan Harman corrobora dizendo que "Davi era o rei ungido a quem grandes promessas foram feitas concernentes à sua semente (Lc 1:30-33; Rm 1:2-4)". Davi, em suas variadas experiências expressas nesse cântico de ação de graças, é um indicador de Jesus que exibe o título "Cristo", "o Ungido".[21]

Notas

[1] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 315.
[2] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 108.
[3] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 121.
[4] Watkinson, W. L. *The Preacher's Homiletic Commentary,* vol. 11. Grand Rapids: Baker Books, 1996, p. 71.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 318.
[6] Ibidem, p. 319.
[7] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 141.
[8] Spurgeon, *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 319.
[9] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 109.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 321.
[11] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 142.
[12] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 322.
[13] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 109.
[14] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 142.
[15] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 123.
[16] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 119.
[17] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3,p. 143.
[18] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 114.
[19] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 123.
[20] Ibidem.
[21] Harman, Allan. *Salmos,* p. 121.

Capítulo 19

A eloquência de Deus

(Sl 19:1-14)

O MUNDO CONHECEU GRANDES oradores, como Demóstenes, Cícero, João Crisóstomo, Antônio Vieira e Rui Barbosa, mas ninguém pode igualar-se a Deus em sua eloquência. Deus fala e com tal eloquência que só os insensatos deixam de reconhecer sua existência e de se render à sua voz.

As obras do Senhor Deus proclamam o seu poder, e a Palavra de Deus é uma evidência de sua graça. No salmo 19, vemos Deus se revelando nas obras de sua criação e em sua Palavra escrita. A primeira revelação é endereçada aos olhos; a segunda é dirigida aos ouvidos.

De onde veio o universo tão vasto e complexo? Uns dizem que a matéria é eterna; outros dizem que o universo surgiu espontaneamente; há também aqueles que dizem que o universo é resultado de uma grande explosão; e outros ainda dizem que ele é produto de uma evolução de milhões e milhões de anos. Mas será que o acaso pode dar à luz a vida em sua múltipla variedade? Assim como um rato correndo sobre as teclas de um piano não poderia tocar *Sonata ao luar*, assim também este complexo universo não poderia ser resultado do acaso cego.

O universo não surgiu sozinho nem independente: ele foi criado com leis, com um curso, com um propósito, até porque a matéria não é eterna nem autoexistente. A Bíblia começa lançando o fundamento dessa verdade: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1:1). A eloquência de Deus pode ser notada nesse salmo na revelação natural, a criação, e na revelação especial, as Escrituras. Nas palavras de Leupold, "temos, nesse salmo, duas testemunhas de Deus — a natureza e a Palavra".[1] Warren Wiersbe diz que podemos ver nesse salmo o mundo ao nosso redor — Deus, o Criador (19:1-6); a Palavra diante de nós — Deus, o instrutor (19:7-11); e o testemunho dentro de nós — Deus, o Redentor (19:12-14).[2] Charles H. Spurgeon, por sua vez, entende que esse salmo se divide em três partes: a criação mostra a glória de Deus (v. 1-6); a Palavra mostra a graça de Deus (v. 7-11); e Davi ora para receber a graça de Deus (v. 12-14).[3]

A eloquência que emana da revelação natural (19:1-6)

O rei Davi afirma: "Os céus proclamam a glória de Deus" (19:1). A palavra "proclamar" é cheia de um rico

significado e traz a ideia de prorromper de uma fonte, de uma cascata que desabotoa em catadupas, jorrando suas águas abundantes. Quando olhamos para o céu, há uma comunicação que jorra das alturas com singular beleza e esplêndida exuberância. Mas como é essa revelação natural?

Em primeiro lugar, *é uma revelação clara* (19:1). Você foi criado com a capacidade de olhar para cima, e erguer os olhos significa ver a mão de Deus nas estrelas, o seu fulgor no esplendor do sol, a sua bondade na variedade dos campos marchetados de flores e prenhes de abundantes frutos. Deus pôs suas impressões digitais na obra da sua criação: os montes alcantilados, os prados verdejantes, as aves do céu, os peixes do mar, os animais que percorrem os campos. A terra está cheia da bondade de Deus, e os céus resplandecem sua glória. Spurgeon diz que a palavra "céus" está no plural por causa da sua variedade, abrangendo os céus aquosos, com nuvens de incontáveis formas; os céus aéreos, com as calmarias e as tempestades; os céus solares, com todas as glórias do dia; e os céus estrelados, com todas as maravilhas da noite.[4]

Em segundo lugar, *é uma revelação constante* (19:2). Cada dia é um tempo singular da ação e das oportunidades de Deus na história. Deus não apenas colocou o seu nome nas estrelas e revelou-se na opulência do universo, como também fala conosco todos os dias e todas as noites. O discurso de Deus não é monótono. Derek Kidner diz que a palavra "discursa" sugere o borbulhar irreprimível de uma fonte, a infinita variedade com a qual os dias refletem a mente do Criador.[5] Sua linguagem é rica, sua variedade é abundante, seus métodos são variados, suas oportunidades são do seu mais profundo amor. Cada gota de orvalho é diferente, cada amanhecer traz um novo colorido e uma

nova esperança, e em cada entardecer Deus pinta um quadro novo e majestoso.

Em terceiro lugar, *é uma revelação sem linguagem* (19:3). A voz da natureza não é articulada em palavras, e o discurso não é dirigido aos ouvidos, mas aos olhos. Deus é visto antes de ser ouvido e é Criador antes de ser redentor.

Em quarto lugar, *é uma revelação universal* (19:4). Nenhum homem pode ficar fora do alcance dessa revelação, pois ela ultrapassa todas as barreiras, invade todos os recantos do universo e penetra em todas as nações, em todos os povos e em todas as etnias, desde os grandes centros urbanos até aqueles que vivem embrenhados nas selvas mais espessas. Todos, sem exceção e sem distinção, são alcançados pela eloquência da revelação divina.

Em quinto lugar, *é uma revelação majestosa* (19:5,6). Deus não apenas se revelou, mas o fez com exuberância. Sua comunicação é bela e pomposa. Quem pode criar do nada bilhões de mundos estelares? Quem pode criar o romantismo do entardecer, o mistério da noite estrelada e o encanto do romper da alva? Quem pode desvendar os mistérios de uma obra tão fantástica? É impossível não perceber as digitais do Criador nos contornos multiformes das nuvens policromáticas que dançam nas fímbrias do horizonte ao balouçar do vento. É impossível não perceber a extravagante criatividade do Criador na beleza multicolorida dos campos marchetados de flores, das pradarias engrinaldadas de luxuriantes arvoredos e dos pássaros que gorjeiam alegremente no entardecer.

É impossível não ficar extasiado diante do mistério dos mares prenhes de cardumes e das ondas gigantescas que se desfazem num abraço fraterno à terra, beijando as brancas

areias da praia. É impossível não ver a voz de Deus na brisa refrescante que balsamiza os campos, na chuva que cai fertilizando a semente no ventre da terra. É impossível não ver a face de Deus no canto do sabiá, no rosto do próximo e no sorriso de uma criança. Davi olha para o sol majestoso e o vê como um noivo garboso que sai dos seus aposentos a percorrer a passarela dos céus de uma extremidade a outra.

A eloquência que emana da revelação escrita (19:7-14)

Davi, agora, tira seus olhos do céu e os coloca na Palavra escrita de Deus. Deixa a revelação natural e exalta a revelação especial. A primeira exalta a existência e a majestade de Deus, ao passo que a segunda exalta sua graça. A primeira nos convence do seu poder; a segunda nos convence do seu amor. A primeira nos faz crer que Deus é sábio e poderoso; a segunda nos faz crer que ele é misericordioso. Há quatro verdades solenes nos versículos em apreço, que destaco a seguir.

Em primeiro lugar, *as qualidades excelentes da Palavra de Deus* (19:7-9). Davi elenca cinco virtudes da Palavra de Deus.

Primeiro, *a Palavra de Deus é perfeita* (19:7), ou seja, nela não há erro, equívoco ou engano — ela é inerrante, infalível e suficiente. Nada pode ser acrescentado, tirado nem alterado, pois ela está completa e tem uma capa ulterior. As obras humanas e as teorias dos cientistas sofrem alterações, mas a Palavra de Deus é perfeita e, portanto, não carece de atualização nem jamais fica obsoleta. John Wesley disse o seguinte: A Palavra de Deus foi escrita por homens bons e anjos bons, ou por homens maus e anjos maus, ou, então, foi escrita por Deus. Homens e anjos bons não mentiriam

em cada página. Homens e anjos maus não escreveriam algo tão esplêndido. Então, a Bíblia foi escrita por Deus.

Segundo, *a Palavra de Deus é fiel* (19:7). O que Deus fala, Ele cumpre, e nenhuma de suas promessas cai por terra. Deus vela pela sua Palavra em cumpri-la, pois ela é a verdade absoluta, completa, cabal, libertadora, e aquele que nela põe sua confiança jamais será abalado.

Terceiro, *a Palavra de Deus é justa* (19:8). A Palavra de Deus é justa quando revela Deus na sua majestade, sua soberania, seu poder, e também ao enfatizar sua misericórdia. É justa quando fala que o homem é barro, mas também alvo do imensurável amor de Deus; é justa quando narra a vida dos santos de Deus sem omitir seus fracassos.

Quarto, *a Palavra de Deus é pura* (19:9). A Palavra de Deus é pura e santa porque o seu autor é santo, e tudo que procede de Deus é santo e puro. Ela não é somente pura, mas também purifica, e é por meio dela que o jovem pode guardar puro o seu caminho. Ela é a água que nos lava e nela não há nenhuma contaminação. Ela é a luz, e, onde ela chega, as trevas do engano e do pecado precisam bater em retirada.

Quinto, *a Palavra de Deus é eterna* (19:9). Os conceitos, os postulados, os dogmas e as filosofias humanas passam, mas a Palavra é eterna, isto é, não sofre revisão, pois não se desatualiza nem se seniliza e jamais fica caduca ou ultrapassada. A Palavra de Deus é sempre atual, jamais fica obsoleta, e ainda que os críticos se levantem contra ela, destilando todo o seu veneno, a Palavra prevalece incólume sobre todas as conspirações. Ela tem resistido a toda sorte de perseguição: triunfou sobre as fogueiras, foi trancada nas bibliotecas, foi proibida, caçada como um livro perigoso. A

fúria dos homens maus e a sanha do inferno têm maquinado contra a Bíblia. Homens blasonando arrogantemente suas teorias têm se levantado com empáfia, em nome da ciência, tentando ultrajar e desacreditar as Escrituras, mas seus argumentos enganosos caem na vala do esquecimento, e a Palavra de Deus, impávida e sobranceira, segue sua trajetória vitoriosa como Palavra inspirada, infalível, inerrante e eterna. Resumindo, o fogo não destrói a verdade.

Em segundo lugar, *os efeitos da Palavra de Deus* (19:7,8). Davi enumera quatro efeitos da Palavra de Deus.

Primeiro, *ela restaura a alma* (19:7). As filosofias humanas, por mais profundas, não podem arrancar a alma do poço escuro da escravidão, do mesmo modo que as religiões concebidas no tubo de ensaio da lucubração humana jamais puderam trazer o homem de volta para Deus. Os esforços, as obras, os méritos, a religiosidade e a penitência são insuficientes para reconciliar o homem com Deus. Mas a Palavra de Deus é luz para quem está nas trevas, é remédio para quem está doente, é fogo que purifica, martelo que quebra o coração duro, espada do Espírito. O propósito da Palavra é trazer-nos de volta para Deus e restaurar nossa alma. A fé vem pelo ouvir a Palavra, e por ela somos santificados. A Palavra é espírito e vida, e o conhecimento dela nos liberta. Quando ela é proclamada para um vale de ossos secos, daí pode levantar-se um exército. Quando a Palavra foi pregada por Jesus, o coração dos caminhantes de Emaús começou a arder. Quando Pedro pregou a Palavra no Pentecostes, quase três mil pessoas foram salvas. A Palavra arrancou os tessalonicenses da idolatria e os efésios da feitiçaria.

Segundo, *ela dá sabedoria aos simples* (19:7). A sabedoria do mundo é loucura para Deus. Ela torna o homem arrogante, e o conhecimento ensoberbece. A sabedoria do mundo é terrena, carnal e demoníaca. Ela insulta Deus e exalta o homem como ser independente. Ela diviniza o homem e humaniza Deus, por isso essa sabedoria gera escravidão, infelicidade e deságua na morte. Auguste Comte, pai do positivismo, disse que, se déssemos educação aos homens, construiríamos a sociedade perfeita, mas, sem Deus, o conhecimento não transforma. As filosofias humanistas (racionalismo, empirismo, iluminismo, utilitarismo, pragmatismo, positivismo, evolucionismo) levaram a humanidade para o fundo de um abismo espiritual, porém aqueles que se colocam debaixo da autoridade da Palavra de Deus tornam-se sábios. A sabedoria não é dada aos arrogantes, mas aos simples, e é para aqueles que se despojam da vaidade, até porque onde reina o orgulho impera a loucura. Assim, o analfabeto pode discernir o sentido da vida, o jovem pode ser mais sábio que o velho e o fraco pode ser mais forte que um gigante.

Terceiro, *ela alegra o coração* (19:8). Este mundo está marcado e dominado pela tristeza — é um vale de lágrimas —, e as pessoas estão vivendo com a esperança morta. A tristeza, a ansiedade, o medo e a depressão são as marcas da sociedade contemporânea: são os sonhos que não se realizaram; é o noivado que não aconteceu; é o casamento que acabou; são os filhos que não foram aquilo que se esperou que fossem; é a vida financeira que nunca deslanchou; é a dor de um amor não correspondido; e é, por fim, a angústia de não encontrar uma resposta para a vida na filosofia, na religião, no trabalho, no dinheiro, no prazer e no sucesso. Nesse mar de tristezas, a Palavra de Deus alegra o coração,

trazendo uma fonte que dessedenta a alma, e a alegria que ela dá independe das circunstâncias.

Quarto, *ela ilumina os olhos* (19:8). O Diabo é o príncipe das trevas, e o pecado gera cegueira; por isso, sem Jesus, o homem anda em trevas, não sabe para onde vai e cai no abismo eterno, onde reina trevas. A escuridão é símbolo de ignorância, torpeza, insalubridade e morte, e é sob o manto das trevas que os facínoras engendram e praticam suas abominações mais execráveis. É na escuridão que os homens sem Deus vivem na prática imunda de seus pecados, e, nesse cenário de trevas, irrompe a luz da Palavra de Deus. Quando a Palavra chega, irrompe a luz, nossos olhos são abertos, nossa alma é liberta e somos transportados do reino das trevas para o reino da luz. A luz traz conhecimento, pureza, vida. Deus é luz. Sua Palavra é luz!

Em terceiro lugar, *o valor da Palavra de Deus* (19:10). Davi destaca duas verdades sublimes sobre o valor da Palavra de Deus:

Primeiro, *ela é melhor do que riqueza* (19:10). O ouro é símbolo do que há de mais nobre e, depurado, é sem escória, puro, valiosíssimo. Mas a Palavra é melhor do que muito ouro depurado, portanto conhecer a Palavra é melhor do que amealhar riquezas, pois estas não restauram a alma, não dão sabedoria, nem iluminam os olhos. A riqueza não produz em nós dependência de Deus nem vivifica a nossa alma. Embora dê conforto, não oferece paz; embora ofereça poder, não dá descanso para a alma. A riqueza, embora afaste determinadas agruras na terra, não afasta os horrores do inferno. Todavia, aquele que descobre a mina da verdade das Escrituras, este encontra um tesouro inesgotável,

tendo em vista que essa é a verdadeira riqueza que o ladrão não rouba e que a ferrugem e a traça não corroem.

A riqueza do ouro pode lhe dar um pouco mais de conforto entre o berço e a sepultura, mas não lhe garante herança eterna e incorruptível. Jesus perguntou: "O que adianta o homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" A vida de um homem não consiste na abundância de bens que ele possui, tanto que Jesus chamou de louco o homem que pensou que a riqueza pudesse dar garantia à sua alma. Ele falou do rico que vivia no luxo sem se aperceber do pobre Lázaro chagado à sua porta, e esse rico descobriu que, atrás da cortina do tempo, na eternidade, sua herança era tormento e fogo inextinguível. Oh! Riqueza enganadora! Oh! Conforto miserável que desvia o homem de Deus. Oh! Refúgio falaz que embalou o homem nas asas do engano e lançou sua alma no inferno!

Sim, conhecer a Palavra é melhor do que ser rico. Por isso, devemos ter fome da Palavra, e não de ouro; por isso, devemos buscar conhecimento da Palavra, e não afadigar a nossa alma em busca de riqueza. Ser pobre de ouro e rico da Palavra é melhor do que ser rico de ouro e pobre da Palavra, pois o ouro é um tesouro fugaz que não permanece para sempre.

Segundo, *ela é melhor do que alimento* (19:10). O mel é considerado o alimento mais completo, mais delicioso, mais terapêutico. É a síntese do alimento animal e vegetal. Comer é uma necessidade física básica — nosso corpo precisa ser alimentado. Só um corpo surrado pela doença perde o apetite. Comer é também um deleite, dá prazer, e Deus é tão criativo que, além de criar uma infinidade de gêneros alimentícios, colocou sabores diferentes neles e nos

deu capacidade de distingui-los. Mas a Palavra é mais saborosa e nutritiva do que o alimento mais excelente e também é mais necessária que o pão. Jesus disse: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus". Sendo assim, se temos fome de pão todos os dias, mais fome deveríamos ter ainda do pão do céu.

Em quarto lugar, *o poder da Palavra de Deus* (19:11-14). Davi destaca três fatos preciosos acerca do poder da Palavra de Deus.

Primeiro, *ela desvenda os pecados ocultos* (19:11,12). Onde a luz chega, as trevas precisam bater em retirada, pois elas não prevalecem contra a luz. Isso nos ensina que é impossível ser invadido pelo poder da Palavra sem abrir as cavernas e os corredores escuros da alma, pois, onde a Palavra chega, as máscaras caem, a mentira é exposta e as desculpas se diluem.

A Palavra gera convencimento de pecado. Quando lemos a Palavra, ela nos lê; quando a esquadrinhamos, ela nos penetra como espada de dois gumes; e, quando viajamos pelas suas páginas, ela vai abrindo as portas do nosso coração e nos revelando tudo aquilo que estava escondido, sedimentado no porão da nossa vida.

Ela, como pá, vai jogando fora a podridão do nosso coração; como bisturi, vai cortando os tumores infectos da nossa alma; como luz, vai clareando os cantos escuros da nossa vida; e, como martelo, vai quebrando as pedreiras do nosso coração. A Palavra é viva. Dwight Moody dizia que "A Bíblia afastará você do pecado ou o pecado afastará você da Bíblia".

Há muitas pessoas que cauterizaram a consciência: elas estão na igreja, mas vivendo no pecado; carregam a Bíblia e

até a leem, mas não obedecem a ela; têm aparência de piedade, mas por dentro estão cheias de podridão; têm palavras de poder, mas atos de fraqueza; têm rótulo, mas não conteúdo; e têm nome de que vivem, mas estão mortos. Esses precisam ser feridos pela espada da Palavra, a fim de não caírem sob a condenação da Palavra.

Segundo, *ela revela o nosso orgulho* (19:13). A Palavra nos torna humildes e nos coloca no nosso devido lugar. Só quem é confrontado pela Palavra reconhece a necessidade de ser liberto da soberba, tanto que o maior santo é aquele que tem maior convicção de pecado. A Palavra, como *raios-X*, revela nosso orgulho; como *prumo*, mostra a sinuosidade do nosso caráter; como *luz*, aponta nossos erros; como *martelo*, esmiúça nossa dureza de coração; e, como *espada*, perfura os abscessos da nossa alma. Sim, é a Palavra que gera em nós sede de santidade e horror ao pecado; e ela também gera em nós o desejo de sermos santos como Deus é santo.

Terceiro, *ela gera em nós desejos elevados* (19:14). Davi, agora, quer que seus desejos, suas motivações, seus sentimentos e sua vida íntima sejam bonitos aos olhos de Deus. Ele quer coerência e transparência, quer viver na luz, quer tirar as máscaras. Concordo com Charles Spurgeon quando diz que, mesmo sendo agradáveis para o homem, todas as nossas palavras são vaidade se não forem agradáveis perante a face de Deus.[6]

Davi quer que seus sentimentos e suas palavras sejam não apenas aprovados pelos homens, mas agradáveis a Deus. Ele não busca aprovação popular nem aplausos humanos, tampouco ele quer popularidade; ele quer mesmo é agradar a Deus. Allan Harman diz que o salmo começa com a nota

de glória de toda a criação divina e termina com a nota de uma relação pessoal com o Salvador.[7]

Davi termina dizendo que a Palavra o levou a conhecer Deus como seu "refúgio" (rocha) e "salvador" (redentor). Ele não buscou a Palavra por mera curiosidade, mas viu além da mera letra. Ele conheceu o Senhor da Palavra e encontrou não apenas conhecimento e luz para a sua mente, mas, sobretudo, salvação para a sua alma.

Notas

1 Leupold, H. C. *Exposition of the Psalms.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 176.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 123-126.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 355.
4 Ibidem, p. 356.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 115.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 363.
7 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 124.

Capítulo 20

A preparação para a batalha

(Sl 20:1-9)

O SALMO 20 FOI escrito por Davi e é um salmo real, cantado pelo povo nas vésperas de uma batalha, quando o rei liderava seu exército em campanhas militares. Charles Spurgeon diz que temos diante de nós um hino nacional adequado para ser cantado na declaração de guerra, quando o monarca cinge a espada para a batalha.[1]

Warren Wiersbe está certo quando diz que a lei de Moisés determinava que, antes de um exército sair para a batalha, os oficiais e os soldados deveriam consagrar-se ao Senhor (Dt 20:1-4), e esse salmo refere-se a um desses cultos de consagração.[2] O povo orava pelo rei e

cantava as vitórias dele. Por sua vez, o próprio rei demonstra a sua plena confiança no livramento de Deus, mesmo quando enfrentava inimigos que tinham um aparato militar mais forte do que o dele. O salmo conclui num clamor ao Senhor para dar vitória ao rei. Na verdade, nessas batalhas o que estava em jogo não era apenas o rei e o seu povo, mas, sobretudo, a glória do Senhor (20:5,7).

O salmo 20 está estreitamente conectado com o salmo 21 — este é resultado daquele. No salmo 20, há o clamor pela vitória e, no 21, há as ações de graças pela vitória alcançada. Warren Wiersbe diz que este salmo é uma oração pela batalha, e o salmo 21, o louvor depois da vitória.[3] Purkiser diz que ambos são salmos reais, preocupados com o rei como representante do povo, e podem ser classificados como litúrgicos, isto é, relacionados à adoração.[4]

Quatro verdades centrais devem ser destacadas no salmo 20, como veremos a seguir.

Um povo que ora com fervor (20:1-4)

Israel, o povo da aliança, não ora a uma divindade pagã nem aos ídolos fabricados pelo homem, mas sim ao Senhor, o Deus da aliança. Nesse sentido, o elemento mais importante da oração é a quem oramos. Destacamos aqui algumas verdades importantes.

Em primeiro lugar, *devemos recorrer à oração na hora da tribulação* (20:1). "O SENHOR te responda no dia da tribulação..." A quem o salmista se refere ao escrever: "O SENHOR te responda"? Esse é o ungido do Senhor. Nesse homem único, o povo inteiro se vê personificado, e sua vitória nacional, sustentada: ele é o "fôlego da nossa vida", "a sombra protetora" (Lm 4:20), "a lâmpada de Israel"

(2Sm 21:17). Concordo com Derek Kidner quando diz que, na prática, esse papel acaba sendo grandioso demais para qualquer pessoa senão o Messias, tratando, portanto, de um prenúncio dele.[5]

Somos um povo especial, mas não com imunidade especial. O dia da angústia é a herança de todos os filhos de Adão, ou seja, não somos poupados do dia da tribulação, mas podemos recorrer a Deus nesse dia. Do mesmo modo, não fazemos inimigos, mas temos inimigos que nos espreitam e nos atacam. Warren Wiersbe destaca que Davi não invadia outras nações apenas para conquistar territórios: ele lutava somente as batalhas do Senhor (1Sm 17:47; 25:28; 2Cr 20:15). A aliança que Deus fez com Davi (2Sm 7:11) lhe garantia a vitória sobre seus inimigos, e, nesse sentido, Davi é um retrato de nosso Senhor Jesus Cristo, o Comandante dos Exércitos do Senhor (Js 5:14,15) que um dia colocará todos os seus inimigos debaixo dos pés (1Co 15:25).[6]

A guerra é um tempo de angústia tanto para o rei como para o povo, e, em face da iminência da guerra, é mister que o povo se levante para orar e implorar a ajuda de Deus. Allan Harman destaca que, antes das batalhas, era costumeiro em Israel e Judá orar ao Senhor e buscar uma resposta da parte dele. Assim, Josafá orou antes da batalha contra Moabe e Amom (2Cr 20:5-19).[7]

Derek Kidner diz que esse "dia de tribulação" é o de uma batalha que se aproxima (20:7). O rei se prepara para marchar: suas orações e seus sacrifícios se fazem, preparam-se seus planos, e seus homens se agrupam sob seus estandartes. Inicialmente, a congregação lhe deseja uma jornada abençoada (20:1-5) numa invocação coletiva de bênção. Como resposta, uma voz única, talvez a do próprio rei,

anuncia a certeza da resposta divina: "Agora sei..." (20:6). Então, o povo responde com uma oração final, breve e urgente em prol dele (20:9).[8]

Em segundo lugar, *na hora da tribulação podemos invocar a proteção segura do Deus da aliança* (20:1b). "[...] o nome do Deus de Jacó te eleve em segurança." O Deus de Jacó é o Deus da aliança, aquele que estende seu braço forte para dar vitória ao seu povo, a despeito das fraquezas e angústias desse povo (Gn 35:3). O nome do Senhor é uma defesa mais poderosa do que os carros e cavalos dos exércitos adversários (2Cr 14:11). Esse aspecto é transportado para o Novo Testamento (Jo 14:14; 17:6; At 3:6; Ap 3:12).

Em terceiro lugar, *a resposta à oração é encontrada onde a presença de Deus é manifestada* (20:2). "Do seu santuário te envie socorro e desde Sião te sustenha." Davi havia trazido a arca da aliança para Jerusalém (2Sm 6:17). Sobre o propiciatório, a glória de Deus se manifestava. A presença manifesta de Deus era visível, e onde Deus está, daí procede o livramento ao seu povo. A maior segurança do rei e do povo é a presença manifesta de Deus. O povo nunca está tão fraco como quando Deus está ausente. Concordo com Purkiser quando diz que o santuário de Sião é o símbolo visível da presença de Deus em favor do seu povo.[9]

Em quarto lugar, *a oração deveria vir acompanhada de sacrifícios* (20:3). "Lembre-se de todas as tuas ofertas de manjares e aceite os teus holocaustos." Era costume nos tempos antigos os guerreiros, antes de saírem à peleja no campo de batalha, oferecerem sacrifícios, pois isso demonstrava devoção a Deus e confiança de que a vitória procedia do Senhor. Allan Harman corrobora dizendo que os sacrifícios poderiam ser todos aqueles do passado, mas

provavelmente o que está em pauta sejam aqueles oferecidos na ocasião particular de sair à batalha (1Sm 7:9; 13:9).[10]

Em quinto lugar, *a oração deve ser específica em seus objetivos* (20:4). "Conceda-te segundo o teu coração e realize todos os teus desígnios." Davi havia feito mais do que adorar a Deus: ele havia buscado a vontade do Senhor com referência às estratégias para a batalha (1Sm 23). O povo ora para que Deus abençoe esses planos, pois os pedidos e os planos devem andar juntos.[11] O povo ora por Davi em suas campanhas militares sabendo que o coração do rei era sincero com Deus e que seus desígnios estavam alinhados à vontade de Deus.

Um povo que celebra com entusiasmo (20:5)

Há três verdades dignas de destaque no versículo 5.

Em primeiro lugar, *a confiança no Senhor enche o coração de alegria* (20:5). "Celebraremos com júbilo a tua vitória..." O louvor não é consequência da vitória, mas a sua causa, por isso não devemos louvar apenas depois que o inimigo é derrotado, mas sim para derrotá-lo (2Cr 20:21-23). É por esse motivo que o povo celebra a vitória pela fé antes de o rei sair para a batalha.

Em segundo lugar, *a confiança no Senhor inspira coragem para o conflito* (20:5b). "[...] e em nome do nosso Deus hastearemos pendões..." O povo celebra com júbilo e drapeja seus estandartes; eles cantam com alegria e hasteiam suas bandeiras. Spurgeon diz que uns proclamam guerra em nome de um rei, e outros em nome de outro rei, mas o crente entra para a guerra em nome de Jesus, o nome do Deus encarnado, Emanuel, Deus conosco.[12]

Em terceiro lugar, *a confiança no Senhor nos leva a nos apropriarmos da vitória* (20:5c). "[...] satisfaça o SENHOR todos os teus votos." Só Deus pode dar vitória ao rei e satisfazer todos os seus votos feitos antes da peleja para alcançar a vitória.

Um líder confiante na vitória (20:6-8)

A oração deixa de ser coletiva, ou seja, do povo em favor do rei e de seu exército, para mostrar a experiência do próprio rei que sai para a batalha com seu exército. Nessa passagem, é o rei quem fala e garante ao povo que está certo da vitória, pois o Senhor o escolheu como seu ungido e ouviu suas orações. O povo ora pedindo: "O SENHOR te responda" (20:1), e Davi declara: "ele lhe responderá" (20:6). O Senhor não apenas enviará ajuda de Sião (20:2), como também do trono do céu (20:6).[13]

Três verdades devem ser aqui observadas.

Em primeiro lugar, *a experiência pessoal do livramento de Deus em resposta às orações* (20:6). "Agora sei que o SENHOR salva o seu ungido; ele lhe responderá do seu santo céu com a vitoriosa força de sua destra." Os sacrifícios foram oferecidos, a oração foi pronunciada, e a fé toma como um fato consumado aqui o que foi pedido.[14] Davi tem plena convicção de que o Senhor o salvou diante da fúria do inimigo ao responder do céu com a vitoriosa força de seu braço onipotente. Muito embora o livramento seja futuro, Davi apropria-se dele pela fé, de modo que suas conquistas militares não eram tanto evidência de suas estratégias, mas das poderosas intervenções de Deus em seu favor. A vitória não vem do braço da carne, mas da destra do Todo-poderoso.

Em segundo lugar, *a constatação de que os mais poderosos recursos do homem não podem se comparar com a confiança no Senhor* (20:7). "Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus." O inimigo está vindo armado até os dentes, com forte aparato de guerra, com cavalos e carros de guerra, mas não há motivo para temer, porque Israel confia no Senhor. Charles Spurgeon diz que a máquina de guerra mais temida nos dias de Davi era o carro de guerra, armado com foices que cortavam os homens como grama. Essa era a ostentação e glória das nações vizinhas, mas os santos consideravam o nome do Senhor uma defesa muito melhor.[15]

Os carros e cavalos eram a maior expressão de força militar nos tempos antigos, mas Israel, nos tempos de Davi, não tinha essa formidável força militar. Aqueles, entretanto, que confiavam em carros e cavalos não podiam prevalecer sobre Davi e seus soldados, porque estes iam para a peleja em nome do Senhor dos Exércitos. Deus quebra o arco, despedaça a lança e queima os carros no fogo, provando que a arma da fé é mais poderosa do que a arma mais poderosa dos homens. Golias veio contra Davi com espada e escudo, mas Davi foi contra ele em nome do Senhor dos Exércitos (1Sm 17:45-47). Allan Harman destaca que havia uma constante tentação de o povo de Deus confiar na força ou nas agências humanas para trazer livramento, mas não podia haver qualquer confiança em honra, carros, arcos ou espada (44:5-7), mas somente no Senhor.[16]

Em terceiro lugar, *a evidência de que a confiança em Deus transforma aparentes derrotas em vitórias* (20:8). "Eles se encurvam e caem; nós, porém, nos levantamos e nos mantemos de pé." Os inimigos de Israel, que lutaram contra os exércitos de Davi com todo o seu poderio militar, confiando

em carros e cavalos, se curvaram e caíram. Mesmo que os soldados de Davi parecessem derrotados à primeira vista, eles se levantaram e se mantiveram de pé, pois aqueles que confiam nas coisas materiais e na ajuda humana fracassam, mas aqueles que esperam no Senhor renovam suas forças.

Spurgeon diz que, no princípio, os inimigos de Deus estão de pé, contudo logo são encurvados à força ou caem de comum acordo. A fundação está podre, por isso cede quando se firma sobre ela. Os carros são queimados no fogo, e os cavalos morrem de peste; e onde está a força que ostentavam? Quanto àqueles que confiam no Senhor, eles são derrubados já no primeiro ataque, mas o braço do Todo-poderoso os levanta, e eles alegremente ficam de pé. A vitória de Jesus é a herança do seu povo. O mundo, a morte, Satanás e o pecado serão pisoteados pelos defensores da fé, ao passo que os que confiam no braço da carne serão para sempre envergonhados e confundidos.[17]

Um clamor em favor do rei (20:9)

Uma vez mais, toda a congregação se une para cantar, quando repetem a intercessão inicial: "Ó SENHOR, dá vitória ao rei; responde-nos, quando clamarmos" (20:9). O desejo do povo é que Deus revele seu poder no livramento do rei em batalha. O salmo que começou com o clamor na forma de "resposta" termina com a nota de súplica.[18]

Purkiser, ao afirmar que esse era um salmo litúrgico, diz que o culto é concluído com uma oração final. É, portanto, apropriado que o rei e seu povo, juntos, reconheçam sua dependência do Rei dos céus, do qual o rei de Israel era o representante na terra.[19]

NOTAS

[1] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 393.
[2] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 127.
[3] Ibidem.
[4] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 146.
[5] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 119.
[6] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 127.
[7] HARMAN, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 124.
[8] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 119.
[9] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 147.
[10] HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 125.
[11] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 128.
[12] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 396.
[13] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 128.
[14] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 147.
[15] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 396.
[16] HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 126.
[17] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 397.
[18] HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 126.
[19] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 147.

Capítulo 21

A celebração da vitória

(Sl 21:1-13)

O SALMO 21 É uma sequência lógica do salmo 20 — são dois salmos gêmeos. O primeiro trata da súplica pela vitória, e o segundo, da celebração da vitória. Purkiser tem razão em dizer que a estrutura desse salmo é a mesma do salmo anterior, com duas estrofes principais seguidas de uma breve oração final, e o cenário provavelmente reflete também a liturgia do templo/tabernáculo.[1] Allan Harman diz que esse salmo tem fortes matizes pactuais, conforme se pode ver no versículo 7.[2]

Charles Spurgeon diz que esse salmo foi escrito por Davi, cantado por Davi, relativo a Davi e concebido por Davi

para aludir ao Deus de Davi no seu mais amplo alcance de significado [...]. O próximo salmo nos levará ao pé da cruz, mas o salmo 21 nos mostra os degraus do trono.[3]

Warren Wiersbe diz que esse salmo é o hino de louvor que Davi e seu povo cantaram depois das vitórias que pediram a Deus no salmo anterior. Haviam orado pedindo bênçãos específicas, e Deus as havia concedido. O hino começa e termina com louvores pela força que Deus deu a seu rei e ao seu exército (21:1,13), ensinando-nos que as orações respondidas devem ser reconhecidas com fervente louvor.[4]

Warren Wiersbe oferece-nos uma sugestiva divisão do texto: olhando para trás, comemorando as vitórias passadas com alegria; olhando para a frente, aguardando vitórias futuras com inabalável certeza; e olhando para o alto, exaltando o Senhor das vitórias com entusiasmo. Vamos adotar essa preciosa sugestão.

Olhando para trás: comemorando as vitórias passadas com alegria (21:1-7)

O povo de Israel e Davi se unem para agradecer a Deus a resposta às suas orações, pois oraram para irem à peleja e retornam do campo de batalha desfraldando as bandeiras da vitória. Sobre isso, destacamos aqui sete verdades preciosas.

Em primeiro lugar, *a alegria da vitória conquistada por poder sobrenatural* (21:1). "Na tua força, SENHOR, o rei se alegra! E como exulta com a tua salvação!" O povo está celebrando porque o rei saiu vitorioso de sua campanha militar, e o rei se alegra na força do Onipotente que lhe deu consagradora vitória sobre os inimigos, além de exultar no grande livramento que Deus deu a ele e ao seu povo

no campo de batalha. Warren Wiersbe está certo quando diz que o termo "salvação" (21:1,5) significa, nesse contexto, livramento e vitória.[5] Spurgeon está correto quando diz que tudo é atribuído a Deus: a fonte é a sua força, e o rio é a sua salvação.[6]

Em segundo lugar, *a alegria da vitória obtida em resposta às orações* (21:2). "Satisfizeste-lhe o desejo do coração e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios." O povo havia pedido a Deus para atender aos desejos do rei (20:4) e agora agradece a Deus porque a oração foi atendida. Davi havia pedido a Deus que lhe poupasse a vida (20:4), e Deus o ouviu e atendeu aos anseios de seu coração. Na verdade, essa bênção fazia parte da aliança que Deus havia firmado com ele (2Sm 7:16). Spurgeon, interpretando esse versículo, diz que o que há no poço do coração com certeza sai pelos baldes dos lábios. Essas são as únicas e verdadeiras orações, quando o desejo do coração vem em primeiro lugar e o pedido dos lábios vem em seguida.[7]

Em terceiro lugar, *a alegria da recepção de suas dádivas generosas* (21:3). "Pois o supres das bênçãos de bondade; pões-lhe na cabeça uma coroa de ouro puro." Purkiser diz que essa coroação sugere que a autoridade do rei era uma autoridade delegada, ou seja, ela vinha de Deus e dependia de sua soberania. A monarquia hebraica nunca foi absoluta no sentido de ser independente e autônoma,[8] pois Deus é a fonte de todas as bênçãos e foi Ele quem supriu o rei e seu povo com sua bondade. Depois de triunfar sobre seus inimigos, o rei é coroado com honras e glórias — coroaram-no com uma coroa de ouro puro. Para Davi, essa vitória havia sido como uma segunda coroação, uma vez que era o ungido de Deus.

Em quarto lugar, *a alegria consciente da longevidade do rei* (21:4). "Ele te pediu vida, e tu lha deste; sim, longevidade para todo o sempre." Muitos reis eram mortos em campo de batalha, mas Deus preservou Davi, que saiu ileso do campo de guerra; Deus lhe deu vida longa e, por meio de seu Descendente, longevidade para sempre, e isso era importante porque o rei era visto como aquele que continuava vivendo por meio dos seus descendentes. Warren Wiersbe está certo quando diz que, muito embora fosse costume atribuir vida eterna aos reis (Ne 2:3; Dn 2:4), longevidade para todo o sempre (21:4) e bênção para sempre (21:6) são expressões que nos fazem lembrar da aliança de Deus com Davi, que se cumpriu definitivamente em Cristo (2Sm 7:6,13,16,29; Lc 1:30-33).[9] Nessa mesma linha de pensamento, Purkiser diz que, no sentido mais restrito, essas palavras se aplicam ao Filho de Davi e nosso Salvador.[10]

Em quinto lugar, *a alegria de glorioso livramento e elevada posição* (21:5). "Grande lhe é a glória da tua salvação; de esplendor e majestade o sobrevestiste." Esta salvação aqui é a salvação dos perigos da guerra. Não apenas Davi saiu vitorioso do campo de batalha, mas isso lhe redundou em maior prestígio, maior reconhecimento, maior gloria.

Em sexto lugar, *a alegria de ser fonte de* bênção para os outros ao mesmo tempo que desfruta do gozo do Senhor (21:6). "Pois o puseste por bênção para sempre e o encheste de gozo com a tua presença." Davi era um canal de bênção para o seu povo e, por meio dele, o povo era protegido e recebia prosperidade. Por meio dele, fluíam benefícios materiais e espirituais para o povo, pois ele era mediador das bênçãos divinas, e, enquanto por meio dele procedia

bênçãos, ele mesmo desfrutava do gozo inefável da presença de Deus.

Em sétimo lugar, *a alegria da plena confiança no Senhor* (21:7). "O rei confia no SENHOR e pela misericórdia do Altíssimo jamais vacilará." Esse versículo é o eixo central desse salmo, é a dobradiça que liga o passado ao futuro. Porque o rei confia no Senhor, eles celebraram vitórias passadas; porque o rei confia no Senhor, os inimigos serão derrotados no futuro; e, enquanto os olhos do rei estão postos em Deus, ele jamais vacilará. Nas palavras de Spurgeon, "uma confiança santa no Senhor é a verdadeira mãe das vitórias".[11]

Nessa mesma linha de pensamento, Allan Harman diz que o versículo 7 é o versículo-chave do salmo e aquele que relaciona os versículos de 1 a 6 com os versículos de 8 a 13. Ele está na terceira pessoa, e não na segunda, como o restante do salmo, pois o amor pactual demonstrado pelo Altíssimo é o fundamento de toda a relação e, portanto, a resposta do povo tinha de ser a de confiança no Senhor.[12]

Olhando para a frente: aguardando vitórias futuras com absoluta certeza (21:8-12)

A ênfase agora é nas vitórias futuras que Deus dará a Davi e a Israel, pois é certo que seus inimigos serão vencidos. As vitórias de Israel não estavam apenas no passado, mas também, e sobretudo, no futuro. Deus deu muitas vitórias a Davi, e ele expandiu o seu reino. Purkiser tem razão em dizer que a vitória já conquistada é vista como a base de confiança na vitória ainda maior por vir.[13] Allan Harman acrescenta que justamente como os versículos de 2 a 7 descreveram as bênçãos de Deus outorgadas ao rei e,

agora, os versículos de 8 a 12 remontam às maldições com as quais o rei castiga seus inimigos.[14]

Concordo, entretanto, com Warren Wiersbe quando diz que somente o Messias pode conquistar as vitórias preditas nos versículos de 8 a 12, o que nos mostra que, sem dúvida, Davi aqui é apenas um tipo de Jesus Cristo.[15] Sobre isso, cinco verdades merecem destaque aqui.

Em primeiro lugar, *os inimigos serão apanhados* (21:8). "A tua mão alcançará todos os teus inimigos." Davi compreende que suas retumbantes vitórias não procediam de seu engenho administrativo nem de suas estratégias de guerra, embora fosse um forte líder e um guerreiro experimentado. Em vez disso, era o próprio Deus quem alcançava os inimigos e os desbaratava, indo procurá-los no seu esconderijo para destruí-los completamente.

Em segundo lugar, *os inimigos serão consumidos* (21:9). "Tu os tornarás como em fornalha ardente, quando te manifestares; o SENHOR, na sua indignação, os consumirá, o fogo os devorará." Davi deixa claro que aqueles que se levantam contra o povo de Deus são inimigos do próprio Deus, e aqueles que se insurgem contra o Todo-poderoso serão consumidos como palha na fornalha. Ali, no fogo do juízo, arde a indignação de Deus, e ali também os perversos serão consumidos e devorados, como Sodoma e Gomorra arderam com fogo e enxofre. Purkiser diz que a fornalha acesa é um dos símbolos bíblicos de julgamento e da ira de Deus (Ml 4:1; Lc 16:24; Ap 20:14), fazendo-nos entender que os ímpios serão destruídos como combustível numa fornalha.[16]

Em terceiro lugar, *os inimigos não terão sucessão na terra* (21:10). "Destruirás da terra a sua posteridade e a sua

descendência, de entre os filhos dos homens." Um dos maiores desastres que podia sobrevir no antigo Oriente era a destruição de sua posteridade, apagando o seu nome da terra. Os que se levantaram contra o povo de Deus tiveram sua memória apagada da história. Onde está o poderoso e impiedoso Império Assírio? Onde está o megalomaníaco Império Babilônico? Onde está o forte Império Medo-Persa? Onde está o engenho de guerra do Império Greco-Macedônio? Onde está a glória do opulento Império Romano? Todos caíram e viraram pó diante da vitória retumbante do reino do Senhor e do seu Cristo (Dn 2:44,45; 1Co 15:23-25).

Em quarto lugar, *os inimigos terão seus planos frustrados* (21:11). "Se contra ti intentarem o mal e urdirem intrigas, não conseguirão efetuá-los." Os inimigos serão tidos como culpados não apenas quando agem mal, mas também quando intentam o mal, mesmo não conseguindo colocá-lo em prática. Nas palavras de Spurgeon, "aquele que faria, mas não podia, é tão culpado quanto aquele que fez",[17] tendo em vista que Deus julga não apenas ação, mas também motivação, ou seja, quando alguém deseja o mal, é como se o tivesse de fato praticado, e este não será inocentado. São oportunas as palavras de Spurgeon: "Quando hoje lemos as ameaças arrogantes dos inimigos do evangelho, podemos ter a certeza de que eles não prevalecerão. A serpente pode sibilar, mas a cabeça será esmagada. O leão pode atacar, mas não abaterá".[18]

Em quinto lugar, *os inimigos terão que enfrentar o próprio Juiz divino* (21:12). "Porquanto lhes farás voltar as costas e mirarás o rosto deles com o teu arco." Os inimigos podem até ter algum sucesso na luta contra os justos, mas haverá um dia que terão que enfrentar o reto Juiz frente a frente

e, nesse dia, eles sofrerão uma derrota acachapante e final (Ap 6:12-17).

Olhando para o alto: exaltando o Senhor das vitórias com entusiasmo (21:13)

O versículo apresentado enseja-nos duas verdades.

Em primeiro lugar, *um pedido solene* (21:13a). "Exalta-te, SENHOR, na tua força..." O salmo 21 termina exatamente como terminou o salmo 20, isto é, o salmo 20 terminou com uma oração pela vitória do rei (20:9), e o salmo 21 termina com uma oração pela exaltação do próprio Deus que deu vitória ao rei. Davi não lutava as batalhas nem conquistava vitórias a fim de exaltar a si mesmo; em vez disso, seu propósito era engrandecer ao Senhor (1Sm 17:36,45-47).

Em segundo lugar, *uma doxologia sublime* (21:13b). "[...] Nós cantaremos e louvaremos o teu poder." Esse salmo termina como começou, com o Senhor. Ele começa dizendo: "Na tua força, SENHOR, o rei se alegra! E como exulta com a tua salvação!" e termina dizendo: "Exalta-te, SENHOR, na tua força! Nós cantaremos e louvaremos o teu poder". Esse é o resultado da vitória retumbante do Rei dos reis, o Senhor Jesus, cujo eterno poder nós cantaremos e louvaremos por toda a eternidade.

NOTAS

[1] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 147.

[2] HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 127.

[3] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 407.

[4] Wiersbe, Warren W. *Comentário* biblico e*xpositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 129.
[5] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 129.
[6] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 408.
[7] Ibidem.
[8] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 147.
[9] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 129.
[10] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 147.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 411.
[12] Harman, Allan. *Salmos*, p. 128.
[13] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 148.
[14] Harman, Allan. *Salmos*, p. 128.
[15] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 129.
[16] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 148.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 412.
[18] Ibidem.

Capítulo 22

A humilhação e a exaltação do Messias

(Sl 22:1-31)

O SALMO 22, ESCRITO por Davi, descreve uma realidade que transcende as experiências vividas por ele para lançar luz sobre o sofrimento vicário de Cristo, ao mesmo tempo que destaca sua exaltação. O salmo aborda tanto a humilhação quanto a exaltação do Filho de Deus. Leupold tem razão em dizer que esse salmo é uma profecia tanto do sofrimento como da vitória do Messias; na verdade, esse é o mais nobre dos salmos sobre a paixão do Messias,[1] tanto que Charles Spurgeon o denomina como "o salmo da cruz".[2]

Purkiser diz que o salmo 22 é o primeiro de uma trilogia fantástica, pois

apresenta Jesus como o Salvador, ao passo que o salmo 23 apresenta-o como o Pastor e o salmo 24, como o Soberano. Dessa forma, o autor identifica os três salmos respectivamente com a Cruz, o Cajado e a Coroa.[3] À guisa de introdução, destacamos três fatos sublimes.

Primeiro, *esse salmo, juntamente com os dois próximos, aponta Jesus como o bom, o grande e o supremo pastor.* Nesse salmo, Davi mostra que, como bom pastor, Jesus deu a sua vida pelas ovelhas; no salmo 23, o grande pastor vive para as ovelhas e, no salmo 24, o supremo pastor voltará para suas ovelhas. Essas três verdades benditas estão estampadas no Novo Testamento: Jesus é o bom pastor que deu sua vida pelas ovelhas (Jo 10:11); Jesus é o grande pastor que vive para as ovelhas (Hb 13:20); e Jesus é o supremo pastor que voltará para suas ovelhas (1Pe 5:4).

Segundo, *esse salmo é profético*, pois não há nenhuma circunstância vivida por Davi que possa se enquadrar na descrição aqui apresentada — por exemplo, Davi nunca passou por sofrimentos que incluíam a distribuição de suas vestes e o traspassar das suas mãos e de seus pés. Claramente, o salmista, como um profeta, aponta para Cristo (At 2:30,31), por isso o salmo é citado como nenhum outro texto das Escrituras no contexto da paixão de Cristo. Warren Wiersbe tem razão em dizer que o sofrimento intenso descrito aqui não corresponde a um homem enfermo em seu leito nem a um soldado na batalha, mas sim à descrição de um criminoso sendo executado. Além disso, várias citações do salmo nos quatro Evangelhos, bem como em Hebreus 2:10-12, indicam que se trata de um salmo messiânico.[4] Derek Kidner, nessa mesma linha de pensamento, diz que não se trata apenas de profecias que foram cumpridas até nas minúcias, mas da humildade do

sofredor, e também não é a descrição de uma doença, mas sim de uma execução.[5] Pearlman, corretamente, afirma que o salmo 22 descreve um santo que é temporariamente abandonado por Deus (22:1), zombado pelos inimigos (22:7,8), cercado pelos algozes que lançam sortes pelas vestes dele (22:12,13,17,18) e que traspassaram-lhe as mãos e os pés (22:16), mas que depois recebe a libertação (22:21,24-31). Davi, autor do salmo, nunca passou por semelhantes experiências; além disso, a crucificação nunca foi uma forma judaica de suplício.[6]

Terceiro, *esse salmo é messiânico*. O salmo trata não apenas de fatos que estavam mil anos à frente de Davi, mas apontava especificamente para o Messias, fazendo uma eloquente descrição tanto de sua humilhação quanto de sua exaltação. A primeira parte (22:1-21) concentra-se na oração e no sofrimento e nos remete à cruz, enquanto a segunda parte (22:22-31) anuncia a ressurreição e expressa louvores à glória de Deus. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que, a fim de compreender a mensagem da Bíblia, é essencial entender o sofrimento e a glória do Messias (Lc 24:25-27; 1Pe 1:11).[7]

A humilhação do Messias sofredor (22:1-21)

Davi escreve esse texto como que ao pé da cruz, tendo em vista que descreve com cores vivas o sofrimento vicário do Filho de Deus. Sobre isso, destacamos aqui três realidades solenes.

Em primeiro lugar, *o Messias foi abandonado pelo Senhor* (22:1-5). Ao descer do céu para ser nosso fiador, representante e substituto, Jesus levou sobre o seu corpo, no madeiro, os nossos pecados (1Pe 2:24). O próprio Pai

lançou sobre ele a iniquidade de todos nós (Is 53:6). Ele foi feito pecado por nós (2Co 5:21). Ele foi feito maldição (Gl 3:13). Quando Jesus estava na cruz, não apenas o sol escondeu o rosto dele, pois houve trevas ao meio-dia, mas também o Pai o desamparou, punindo seu Filho pelos nossos pecados. Como diz Isaías, "ao SENHOR agradou moê-lo" (Is 53:10). Neste ponto, destacamos três fatos.

Primeiro, *o desamparo da cruz* (22:1). Essa expressão do versículo 1 foi a quarta palavra proferida por Jesus na cruz (Mt 27:46) e é uma vívida descrição da separação punitiva que o Messias aceitou em nosso lugar, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar. Concordo com Derek Kidner quando diz que não se trata de um lapso de fé nem de um relacionamento rompido; é, na verdade, um clamor de desorientação enquanto se retira a presença familiar e protetora de Deus.[8] A expressão "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (22:1) nos leva ao Gólgota, onde o bom pastor deu sua vida pelas suas ovelhas. Por três horas, a terra foi envolvida por densas trevas, e esse grito do abandonado Emanuel ecoou por todo o universo.[9] Ele, sendo o Filho amado, em quem o Pai tinha todo o seu prazer e com quem desfrutava de eterna comunhão, sendo perfeito e não havendo nele qualquer pecado, experimentou a mais terrível desolação de ser abandonado por Deus. Por que ele foi abandonado por Deus? Porque Deus, sendo santo e justo, precisava punir o pecado, e, muito embora o Messias não tivesse pecado pessoal, ele levou sobre si os nossos pecados, ou seja, foi feito pecado por nós e voluntariamente assumiu a responsabilidade de sofrer a penalidade de nossas iniquidades. O próprio Deus, por amor de nós, lançou sobre ele a iniquidade de todos nós. E, quando lemos que agradou ao Pai moê-lo, isso é porque Deus derramou todas

as torrentes de seu julgamento sobre seu amado Filho, para nos livrar da morte eterna; em outras palavras, ele foi abandonado para que nós pudéssemos ser aceitos. Charles H. Spurgeon registra o seguinte: "É de todos os modos para o querido Filho de Deus um bom prazer a sua alma ser abandonada por Deus durante certo tempo, para que tal coisa pobre e sem importância como nós não sejamos rejeitados pela eternidade".[10]

Segundo, *as orações não atendidas* (22:1b,2). A maior dor sofrida pelo Messias não foi o desamparo dos homens, mas o desamparo divino, e uma das formas como esse desamparo foi notório é que sua oração não foi respondida por amor de nós; em suma, foi em nosso benefício que os céus ficaram em silêncio ao clamor do Messias.

Terceiro, *as orações dos pais foram atendidas* (22:3-5). Mesmo sob o mais cruel sofrimento, o Messias engrandece a Deus por sua santidade e o proclama como digno de louvor, e o Senhor é fiel, pois atendeu os pais em tempos de outrora, ouvindo o seu clamor. Fica evidente que o amor de Deus demandou que o salário do pecado fosse pago e, nesse sentido, providenciou o que a santidade de Deus exigiu, ou seja, Ele enviou seu Filho para morrer como um sacrifício substituto. Agora a lei de Deus foi cumprida, e a sua justiça foi plenamente satisfeita. O Salvador está ainda falando ao seu Pai, relembrando-o de que os patriarcas jamais foram desamparados e que todos os seus clamores foram atendidos; em outras palavras, nenhum deles clamou por livramento sem que Deus não os tivesse atendido, e, a despeito de seus pecados, Deus jamais os abandonou. Resumindo, essa sentença foi reservada apenas para o imaculado Cordeiro de Deus.[11]

Em segundo lugar, *o Messias foi abandonado pelos homens* (22:6-11). O texto em apreço retrata a agonia de Cristo na cruz, e, sobre isso, destacamos alguns pontos importantes.

Primeiro, *o Messias é alvo da humilhação extrema* (22:6), pois foi abandonado não apenas por Deus, mas também foi rejeitado pelos homens. E ele, mesmo sendo Deus, não julgou por usurpação o ser igual a Deus, e, sendo homem, foi considerado menos que homem, como um verme, um ser repugnante, e ainda conheceu a amargura de ser rejeitado pelo povo a quem veio salvar (Jo 1:11). E foi o seu próprio povo que o pregou na cruz e escarneceu dele. Allan Harman diz que há muitas similaridades aqui com a linguagem de Isaías, que denomina Israel de "vermezinho" (Is 41:14) e que afirma do Servo do Senhor que este ficou tão desfigurado que as pessoas mal podiam reconhecê-lo como homem (Is 52:14; 53:2,3).[12] Pearlman diz que "verme" é um objeto de desprezo em que se pisa sem consideração. Foi assim que Jesus foi tratado pelos líderes religiosos judaicos, que odiavam a verdade, e pelos governantes romanos, que eram indiferentes à verdade. Jesus foi tão humilhado que o povo expressou o desejo de que um assassino vil fosse libertado e que ele fosse levado à crucificação.[13]

Charles Spurgeon, ao escrever sobre a expressão "mas eu sou verme, e não homem" afirma:

> Este versículo é um milagre em linguagem. Como pôde o Senhor da glória ser levado a tal humilhação a ponto de ser mais baixo não só em relação aos anjos, mas também em relação aos homens? Que contraste entre "EU SOU" e "eu sou verme"! Contudo, essa natureza dupla se achava na pessoa de nosso Senhor Jesus ao sangrar na cruz. Ele se sentia comparável a um verme fraco, impotente e indefeso, passivo ao ser esmagado e

> despercebido e menosprezado por aqueles que pisam nele. Ele escolhe a mais fraca das criaturas, que é totalmente carne, e se torna, quando pisado, em carne deformada e tremente, completamente destituída de força, exceto para sofrer. Esta é uma verdadeira semelhança a ele quando o corpo e a alma se tornaram uma massa de miséria — a própria essência da agonia — nas dores lancinantes e agonizantes da crucificação. O homem por natureza não passa de verme, mas o nosso Senhor se põe até mesmo debaixo do homem, por causa do desprezo de que foi alvo e da fraqueza que sentiu, acrescentando: "e não homem".[14]

Segundo, *o Messias é alvo do desprezo extremo* (22:7). O Messias, cuspido, esbordoado, ensanguentado, carregando a cruz pesada e crucificado entre dois ladrões, recebe o maior de todos os desprezos. Tornou-se alvo de zombaria, de modo que as pessoas passavam por Ele e meneavam a cabeça, como se ele tivesse sido uma grande decepção. Concordo com Allan Harman quando diz que as pessoas meneavam a cabeça não de compaixão, mas de alegria maldosa por haver Jesus chegado a tal condição.[15]

Terceiro, *o Messias é alvo da zombaria extrema* (22:8), e, como se não bastasse os homens ferirem o seu corpo, também zombaram de sua confiança em Deus (Mt 27:39,43). Além de assacarem contra ele pesados libelos acusatórios, chamando-o de blasfemo e rebelde, agora dizem que sua confiança em Deus era apenas uma fachada religiosa, uma vez que estava completamente abandonado por Deus. Derek Kidner destaca que Jesus desviava a compaixão de si mesmo para outras pessoas, dizendo: "Chorai por vós mesmas e pelos vossos filhos". Nota-se a premissa falsa que é sempre a base do argumento dos descrentes, revelada no versículo 8: se Deus existe, é para a nossa conveniência:

"manda que estas pedras se transformem em pães"; "atira-te daqui abaixo"; "desce da cruz".

Quarto, *o Messias reafirma sua firmeza inabalável inobstante as dolorosas circunstâncias* (22:9-11). Ele se volta da zombaria dos homens para sua confiança em Deus e roga a Ele para não o desamparar, uma vez que não encontrava entre os homens ninguém que o acudisse. William MacDonald diz que, nesse momento, o Filho do Homem relembra Belém. Foi Deus quem o trouxe à vida, desde o ventre da virgem; foi Deus quem o preservou durante os frágeis dias de sua infância; e também foi Deus quem o sustentou nos dias de sua juventude. Sobre o fundamento desse relacionamento de amor experimentado no passado, Cristo agora apela a Deus por um relacionamento mais próximo nessa hora de sua solitária prova.[16]

Em terceiro lugar, *o Messias foi condenado à morte* (22:12-21). A cena descrita por Davi é ainda protagonizada pela crucificação do Messias, que se humilhou até a morte e morte de cruz. Sobre isso, destacamos aqui alguns pontos importantes.

Primeiro, *a conspiração de gentios e judeus para matá-lo* (22:12,13,16,20,21). A turba é retratada como sendo bestial. Davi comparou os inimigos do Messias como animais perigosos: touros (22:12), búfalos (22:21), leões (22:13,21), cães (22:16,20). Os touros selvagens de Basã, região onde andavam manadas de gado em estado semisselvagem, rodeavam sua presa e, então, atacavam para matá-la. Os cães eram animais selvagens carniceiros, que viviam nos depósitos de lixo e andavam em matilhas à procura de vítimas. Warren Wiersbe está correto quando diz que o povo que participou da prisão e condenação de Jesus não passava

de um bando de feras selvagens que o atacou violentamente para levá-lo à morte (At 4:23-28). William MacDonald diz que o Messias de Israel veio, e os homens avançaram sobre ele como um leão feroz ataca um manso cordeiro. Assim como ele havia se referido aos seus flageladores judeus como búfalos e leões, agora ele compara seus flageladores gentios com cães.[17]

Segundo, *as agruras sofridas na cruz* (22:14,15,17-19). Davi faz uma descrição profética da crucificação do Messias e das agruras que passou na cruz como ossos desconjuntados e coração derretido (22:14), vigor estiolado e sede atroz (22:15), ossos salientes como resultado da fadiga suportada na cruz (22:17), suas vestes repartidas pelos seus algozes, pelas quais lançaram sortes (22:18; Jo 19:23,24), e grito por socorro (22:19). O que se nota aqui, segundo Derek Kidner, é uma animosidade coletiva contra o Messias, e os sintomas poderiam ser aqueles da flagelação e crucificação de Cristo.[18] Myer Pearlman diz que, quando os algozes repartiram as vestes de Jesus e deitaram sortes, isso era o toque final no retrato da execução, significando que tudo estava acabado; a vítima estava morrendo, e nunca mais precisaria das suas roupas.[19]

A exaltação do Messias vencedor (22:22-31)

Davi passa da descrição da humilhação para a exaltação, do sofrimento para a glória, da oração para o louvor. Há aqui um profundo contraste entre o começo e o término do salmo. Nas palavras de Spurgeon, "o salmista sai de uma tempestade horrível para uma calmaria agradável".[20] Três verdades magnas são aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, *o louvor glorioso* (22:22-25). Nos versículos 1-21, Jesus suportou a cruz, mas aqui entra na alegria que lhe estava proposta (Hb 12:2). Havia orado para ser liberto da morte (Hb 5:7), e essa oração foi respondida. Jesus entoou um cântico de Páscoa antes de ir para a cruz (Mt 26:30; Mc 14:26) e, de acordo com Hebreus 2:12, o Cristo ressurreto louvou a Deus no meio de seu povo (Mt 18:20) e, em seu cântico, o Senhor fala do alcance cada vez maior da obra expiatória que ele completou na cruz.[21]

Em segundo lugar, *o reino glorioso* (22:26-29). Derek Kidner diz que a linguagem de Davi transborda todos os limites de ação de graças apropriados mesmo para um rei cujas próprias sortes afetam as de muitas outras pessoas. Os frutos desse livramento são transcendentes e agora se estendem pelo espaço e pelo tempo, até que o Senhor receba a homenagem dos gentios (22:27,28) e a adoração dos orgulhosos (22:29).[22]Allan Harman diz que as palavras que descrevem a submissão das nações gentílicas àquele que tem todo o domínio e toda a autoridade (72:8-11; 96:10-13) mostram a visão missionária do Antigo Testamento, quando os profetas e salmistas cantam o reino de Deus estendendo-se aos crentes gentílicos incorporados ao povo de Deus.[23]

Vemos aqui um banquete, uma imagem conhecida do povo de Israel que esperava o reino messiânico (Is 25:6-9; Mt 8:10-12; Lc 13:29; 14:15). Os gentios convertidos também farão parte dessa festa (22:27), e o Messias reinará sobre toda a terra. Deus prometeu a Abraão que nele seriam benditas todas as famílias da terra (Gn 12:1-3). Tanto os ricos quanto os pobres se sujeitarão a Ele (22:29), e naquele dia o Senhor reinará e um só será o seu nome (Zc 14:9).[24]

Em terceiro lugar, *o futuro glorioso* (22:30,31). As bênçãos da expiação e do reino não serão temporárias; serão eternas, de geração em geração. Na passagem citada, são apresentadas três gerações: uma semente (Is 53:10), uma segunda geração e um povo que surgirá, o que nos faz lembrar de 2Timóteo 2:2. Contudo, a ênfase não é sobre o que os filhos de Deus fizeram, mas sim sobre o fato de que o Senhor realizou todas as coisas. "Foi ele quem o fez" (22:31). "Está consumado" foi o que Jesus clamou na cruz (Jo 19:30).[25] Por fim, concordo com Derek Kidner, quando diz que o salmo que começou com um brado de abandono termina com a expressão "foi ele quem o fez", uma declaração não muito diferente do grande clamor de nosso Senhor: "Está consumado".[26]

Notas

1 Leupold, H. C. *Exposition of The Psalms.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 194.
2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 422.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 148.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 130.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 123.
6 Pearlman, Myer. *Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 1977, p. 50.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 130.
8 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 124.
9 MacDonald, William. *Believer's Bible commentary.* Westmont: IVP Academic, 1996, p. 576.
10 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 437.
11 MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary*, p. 577.
12 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 130.

[13] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 51.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 425.
[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 130.
[16] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary*, p. 577.
[17] Ibidem, p. 578.
[18] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 126.
[19] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 53.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 431.
[21] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 131.
[22] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 127.
[23] Harman, Allan. *Salmos*, p. 133.
[24] Wiersbe, *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 132.
[25] Ibidem.
[26] Kidner, *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 128.

Capítulo 23

O bom pastor e os privilégios de suas ovelhas

(Sl 23:1-6)

O SALMO 23 É O texto mais lido no mundo. Nas palavras de Allan Harman, "é bem provável que nenhum salmo seja mais conhecido ou mais universalmente amado do que este".[1] William MacDonald chega a dizer que o salmo 23 é, talvez, o mais amado poema de toda a literatura universal[2]. É um reservatório inesgotável de consolo para o povo de Deus, e dessa fonte jorra copiosamente refrigério para os cansados, força para os fracos e alegria para os tristes. É o primeiro que as crianças decoram e é também o texto mais lido à beira do leito da enfermidade e o predileto dos cultos fúnebres. Nesse salmo, marinheiros têm achado um porto, os

errantes têm encontrado o caminho, os tristes têm encontrado consolo e os doentes têm encontrado a cura. Esse salmo tem sido musicado em centenas de canções, traduzido em milhares de línguas e domiciliado em milhões de corações.

Willem A. VanGemeren, depois de examinar o salmo 23, escreveu: "Esse salmo expressa confiança na bondade de Deus — nesta vida e na vida por vir".[3] Já Derek Kidner afirmou que a simplicidade desse salmo tem profundidade e força por detrás dele. Sua paz não é uma fuga; seu contentamento não é complacência; há disposição para enfrentar as trevas e um ataque iminente; e seu clímax revela um amor que não acha satisfação em nenhum alvo material: somente no próprio Senhor.[4] Nas palavras de Charles Spurgeon, "a trombeta da guerra dá lugar à flauta da paz".[5]

Há uma estreita conexão entre os salmos 22, 23 e 24. O salmo 22 apresenta Jesus como o bom pastor que deu a vida pelas suas ovelhas, no salmo 23 Ele é o grande pastor que vive para suas ovelhas e, no salmo 24, é o supremo pastor que voltará para galardoar as suas ovelhas. Jesus é o bom, o grande e o supremo pastor. Ele ama suas ovelhas, cuida delas, deu sua vida por elas e as guiará à casa do Pai, à bem-aventurança eterna.

O teólogo e professor William MacDonald, citando o comentarista bíblico J. R. Littleproud, oferece uma magnífica sugestão de esboço desse salmo:

1) O segredo de uma vida feliz — todas as necessidades supridas (23:1-3).

2) O segredo de uma morte feliz — todos os temores removidos (23:4,5).

3) O segredo de uma eternidade feliz — todos os desejos satisfeitos (23:6).[6]

Por que o Senhor pode ser o nosso pastor (23:1)?

Davi apresenta as credenciais do Senhor e mostra com vívida eloquência por que o Senhor pode ser o nosso pastor. Vejamos.

Em primeiro lugar, *porque ele é o Deus autoexistente* (23:1). "O SENHOR é o meu pastor..."Charles Swindoll diz que este nome divino é derivado do verbo hebraico "ser" e procede da identificação do próprio Deus a Moisés. Ele disse: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3:14). A ideia aqui é que Yahweh é o ser autoexistente, o Deus que realmente existe, em oposição a todos aqueles que não existem.[7] Davi escolheu esse nome acima de El Shaddai (Deus todo-poderoso), El Elyon (Deus Altíssimo) e El Olam (Deus Eterno). Esses e muitos outros títulos estavam à disposição de Davi, mas o rei escolheu Yahweh, o Deus autoexistente, imenso, infinito, eterno, imutável, onipotente, onisciente, onipresente, transcendente, soberano. Leupold diz que o grande nome de Deus, Yahweh, é usado mais apropriadamente para conotar sua absoluta fidelidade ao seu povo.[8]

Em segundo lugar, *porque ele é o Deus pessoal* (23:1). "O SENHOR é o meu pastor..." O Senhor é o MEU pastor. Ele não é o Deus distante dos filósofos deístas nem o Deus fraco e caprichoso dos místicos, tampouco é como os deuses vingativos das mitologias. Ele é o Deus pessoal, presente, que se fez carne, que se tornou um de nós, que nos amou, que se manifestou, que nos buscou, que nos conquistou, que nos remiu, que entrou em nossa vida e reina em nosso

coração. Ele não é o Deus da experiência dos outros. Ele é o meu Deus. Ele é o Deus Emanuel.

Em terceiro lugar, *porque ele é o Deus da provisão* (23:1). "O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará." Na verdade, Yahweh é a nossa própria provisão. A nossa maior necessidade não é de coisas, mas do próprio Deus. Ele é a nossa provisão. Charles H. Spurgeon diz que, se o pecador está longe de ficar satisfeito, o espírito gracioso habita no palácio do contentamento.[9] Em suma, podemos dizer que:

- **Jesus é o Yahweh-Roí** — Meu pastor pessoal (Sl 23:1).
- **Jesus é o Yahweh-Jireh** — O pastor que provê às minhas necessidades (Gn 22:14).
- **Jesus é o Yahweh-Shalom** — O pastor que me faz descansar nas jornadas árduas da vida (Jz 6:24).
- **Jesus é o Yahweh-Rafah** — O pastor que nos sara das nossas doenças (Êx 15:26).
- **Jesus é o Yahweh-Tsidkenu** — O pastor que nos justifica e nos perdoa por amor dele mesmo (Jr 23:6).
- **Jesus é o Yahweh-Shammah** — O pastor que caminha conosco no vale da morte.
- **Jesus é o Yahweh-Nissi** — O pastor que nos dá a vitória diante dos inimigos (Êx 17:15).

Quando Jesus é o nosso pastor, nada nos falta: ele dá descanso ao cansado e renova as forças do exausto. O Senhor anima-nos nas horas mais trevosas da vida; honra-nos e coroa-nos de alegria no meio da aflição; nos toma no colo e depois nos recebe na glória. Quando Jesus é o nosso

pastor, não nos falta provisão completa, descanso, direção, justiça, paz no vale, vitória sobre os inimigos, alegria transbordante, companhia na jornada e certeza do céu na hora da morte.

Jesus, como bom pastor, oferece plena satisfação. A maior e mais congestionada prisão do mundo é a prisão do querer. Nenhuma prisão é tão populosa, nenhuma é tão opressiva e, além disso, nenhuma é tão permanente. A maioria dos ocupantes nunca sai, nunca escapa e nunca é solta, mas quer alguma coisa: quer algo maior, mais bonito, mais rápido. Quer um novo emprego, um novo carro, uma nova casa, um novo cônjuge. Mas a verdade é que só o Senhor satisfaz os anseios da nossa alma, de modo que podemos dizer: o que eu tenho em Deus é maior do que o que eu não tenho na vida.

Por que precisamos do Senhor como nosso pastor? (23:1)

Davi poderia ter pensado numa figura mais apropriada: "O Senhor é o meu comandante-chefe, e eu sou o seu soldado"; "O Senhor é a minha inspiração, e eu sou o seu cantor"; "O Senhor é o meu rei, e eu sou o seu embaixador". Mas por que Davi escolheu descrever-se como ovelha?

Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desvia pelo seu próprio caminho (Is 53:6). Max Lucado, no seu livro *Aliviando a bagagem*,[10] menciona sete razões pelas quais a ovelha é um animal vulnerável e precisa dos cuidados do pastor.

1. *A ovelha é um animal incapaz de cuidar de si mesma.* As ovelhas são ingênuas e tolas, e, se deixadas à sua própria sorte, são presas fáceis para os predadores.

2. *A ovelha é indefesa.* A ovelha não possui garras ou presas e, portanto, não pode morder nem correr celeremente para escapar do perigo.
3. *A ovelha não consegue limpar a si mesma.* Um gato pode limpar-se, um cachorro também; vemos pássaros no banho e ursos no rio, mas as ovelhas se sujam e não conseguem se limpar.
4. *A ovelha é míope.* As ovelhas não enxergam os perigos, não veem o abismo nem percebem a aproximação do predador, pois têm uma visão curta e não enxergam com clareza a distância.
5. *A ovelha é teimosa.* Muitas vezes, o pastor precisa usar a vara e até mesmo o cajado para tirar a ovelha do abismo, porque ela teima em se desgarrar do rebanho e andar longe do pastor.
6. *A ovellha não tem senso de direção.* Se deixadas sozinhas, as ovelhas podem cair em abismos e seguir trilhas perigosas. Sendo assim, o caminho da ovelha é o pastor, ou seja, o mapa de segurança na jornada da ovelha é o pastor.
7. *A ovelha tem dotes que podem ser a sua ruína.* A lã da ovelha pode ser um peso mortal, pois, quando ela cai na água, a sua lã a arrasta para o fundo, e ela pode morrer se não for resgatada.

Destacamos, a seguir, três privilégios desfrutados pelas ovelhas do bom pastor: suprimento para as necessidades, companhia nas adversidades e comunhão para a eternidade.

Vejamos em mais detalhes cada um deles.

No Senhor, o nosso pastor, temos pleno suprimento para as nossas necessidades (23:1-3)

Jesus é o nosso Pastor; inclusive, Ele chamou-se a si mesmo de o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. Hebreus diz que ele é o grande pastor das ovelhas, que as guia e vive por elas, e Pedro viu-o como o supremo pastor que voltará para as ovelhas para recompensá-las.

Embora, como ovelhas, sejamos frágeis, míopes, inseguros e inclinados a nos desviarmos do aprisco das ovelhas, em Jesus Cristo, o bom, o grande e o supremo pastor, temos alimento, água, repouso, refrigério e direção. Jesus não é apenas o nosso grande provedor; ele é também nossa melhor provisão. Ele não apenas nos concede sua paz nas tormentas da vida; ele é a nossa paz. Jesus não apenas nos guia pelas veredas da justiça; ele é a nossa justiça. Jesus não é apenas pastor; ele é o nosso pastor. Aquele que está assentado no trono e tem as rédeas da história em suas mãos pastoreia a nossa alma, alimenta-nos com sua graça e fortalece-nos com seu poder. Sendo assim, conhecê-lo é a própria essência da vida eterna, andar com ele é a maior de todas as venturas, glorificá-lo é a razão da nossa vida e fazer a sua vontade é a maior de todas as nossas metas. Portanto, como Davi, podemos alçar nossa voz e dizer que o Senhor é o nosso pastor, por isso nada nos faltará!

Há três provisões que a ovelha do bom pastor recebe.

Em primeiro lugar, *completa satisfação* (23:1,2). "[...] nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso." A ovelha do bom pastor tem todo suprimento, ou seja, não há nenhuma falta à ovelha do bom pastor, pois ela tem todos os suprimentos, bem como repouso e descanso, e, nas jornadas da

vida, o pastor a conduz a pastos verdes e águas tranquilas. Ovelhas se recusam a deitar quando estão famintas e não bebem água de riachos com correntezas fortes.[11] Então, o pastor vai à frente das ovelhas e acalma as águas para que elas possam dessedentar-se.

Em segundo lugar, *plena restauração* (23:3a). "Refrigera-me a alma..." Quando a ovelha se machuca ou cai num abismo, o pastor resgata a ovelha, toma-a nos braços, restaura-a, leva-a em segurança para o aprisco. As ovelhas do bom pastor encontram nele perdão, cura e restauração. Sobre isso, Charles Spurgeon escreveu o seguinte:

> Quando a alma fica triste, o Senhor a refrigera. Quando é pecadora, ele a santifica. Quando é fraca, ele a fortalece. É ele que faz. Os seus ministros não podem fazer se ele não fizer. As palavras dos ministros não têm eficácia por si sós. Só o Senhor pode refrigerar a alma.[12]

Em terceiro lugar, *firme instrução na justiça* (23:3b). "[...] Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome." As veredas da justiça são caminhos planos, retos e certos, e não vias sinuosas e perigosas. Deus não somente adverte contra o mal, mas também nos guia nos caminhos da justiça, e o faz por amor do seu nome, e não por merecimento nosso.

No Senhor, o nosso pastor, temos consoladora companhia nas adversidades (23:4,5)

A vida cristã não é uma jornada fácil. Cruzamos desertos tórridos e vales profundos, atravessamos mares revoltos e enfrentamos ventos contrários. Contudo, mesmo quando andamos pelos vale da sombra da morte, não precisamos

ter medo, não porque somos fortes ou os perigos são irreais, mas sim porque nossa confiança decorre do fato de Jesus estar conosco em todas as circunstâncias e em todo o tempo. Não precisamos ter medo dos adversários que nos ameaçam, pois o nosso pastor nos dá vitória sobre eles; não precisamos ter medo de vexame e fracasso, pois o nosso pastor nos honra, ungindo-nos a cabeça com óleo; não precisamos ter medo da tristeza que ronda a nossa alma, pois o nosso pastor oferece-nos robusta alegria, fazendo o nosso cálice transbordar.

Cinco promessas são feitas à ovelha do bom pastor.

Em primeiro lugar, *coragem diante dos perigos* (23:4a). "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum..." A ovelha recebe aqui a promessa de ajuda no momento mais difícil da vida. A morte traz em sua bagagem seus temores — na verdade, a morte é o rei dos terrores e o único inimigo a ser vencido; ela pode nos espreitar, e o mal pode nos encurralar, mas não precisamos ter medo. O salmista retrata a morte como uma sombra ou uma escuridão profunda. O pastor passava com suas ovelhas, não raro, por desfiladeiros estreitos e por grutas profundas, onde a escuridão era medonha, mas, mesmo nessa escuridão, as ovelhas não precisavam ter medo, pois o pastor estava com elas. Charles Spurgeon é oportuno quando escreve:

> É digno de destaque que não é "vale da morte", mas o "vale da sombra da morte", pois a morte, em sua essência, foi afastada, permanecendo só a sombra. Uns dizem que, quando há sombra, tem de haver luz em algum lugar, e eles estão certos. A morte fica ao lado do caminho no qual temos de viajar, e a luz do céu que brilha nela lança sombra em nosso caminho.

> Alegremo-nos porque há luz do outro lado. Ninguém tem medo de sombra, pois a sombra não pode deter o caminho do homem nem sequer por um momento. A sombra de um cachorro não pode nos morder; a sombra de uma espada não pode nos ferir; a sombra da morte não pode nos matar. Não tenhamos medo.[13]

Em segundo lugar, *presença divina no meio das aflições* (23:4b). "[...] porque tu estás comigo..." A ovelha passa pelos vales da sombra da morte, mas ela tem a presença do Senhor. O crente enfrenta tempestades, mas tem também a presença do anjo do Senhor (At 27:23); ele enfrenta fornalhas acesas, mas tem também o quarto homem para aplacar o poder do fogo; é jogado na cova dos leões, mas tem também o anjo do Senhor fechando a boca dos leões. Em outras palavras, Deus não nos livra dos problemas, mas nos problemas.

Em terceiro lugar, *consolo nas tristezas da vida* (23:4c). "[...] o teu bordão e o teu cajado me consolam." A vara e o cajado são os meios pelos quais o pastor protege e dirige as ovelhas — eles são as insígnias do soberano e bondoso pastor. Com a vara, o pastor afugenta os inimigos e, com o cajado, guia e resgata as ovelhas. O homem de dores sabe melhor do que ninguém como atender as necessidades do coração abatido. Pearlman, nessa mesma linha de pensamento, diz que a vara consola porque força os inimigos, como lobos e leões, a baterem em retirada, e o cajado consola porque é usado para guiar a ovelha no meio dos obstáculos e até para retirá-la de algum buraco ou despenhadeiro em que caiu. Em suma, a vara e o cajado do pastor garantem segurança e acalmam os temores da ovelha.[14]

Em quarto lugar, *provisão diante dos adversários* (23:5a). "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários..." Davi passa da figura do Pastor para a figura do Anfitrião, do campo para a casa. Nas palavras de Allan Harman, "a cena muda de alimento e água destinados a ovelhas para banquete farto para humanos".[15] Deus é muito mais do que um pastor que cuida das necessidades das ovelhas; é também um Rei anfitrião que prepara um banquete para seus hóspedes diante de seus adversários. A hospitalidade oriental garante a segurança de seus hóspedes, pois um hóspede não pode ser atacado pelos inimigos se está debaixo da tenda do anfitrião. William MacDonald diz que na mesa do anfitrião divino estão espalhadas todas as bênçãos espirituais que o Pastor comprou para nós com seu precioso sangue. Além disso, a mesa traz todas as bênçãos que temos em Cristo, e, embora rodeados por inimigos, nos alegramos com essas bênçãos em paz e segurança.[16] Spurgeon chama a atenção para o fato de que o homem bom tem inimigos e que não seria como o seu Senhor se não os tivesse. Se não tivéssemos inimigos, poderíamos temer não ser amigos de Deus, pois "a amizade do mundo é inimiga de Deus" (Tg 4:4).[17]

Em quinto lugar, *honra festiva diante dos inimigos* (23:5b). "[...] unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda." Esse não é o óleo da unção, que era usado para empossar o rei ou o sacerdote, mas sim um óleo perfumoso amplamente usado em banquetes do Oriente como marca de hospitalidade, favor e alegria (Sl 133:2). Essa honra festiva era traduzida também na expressão do transbordar do cálice, que simbolizava provisão abundante oferecida pelo generoso Anfitrião.[18] É digno de nota que todo crente é

ungido pelo Espírito Santo quando recebe o Salvador e que, em Cristo, temos vitória, honra e alegria.

No Senhor, o nosso pastor, temos bendita comunhão para a eternidade (23:6)

Está escrito: "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre" (23:6). Não apenas nosso pastor está conosco, mas também coloca ao nosso lado uma escolta celestial, bondade e misericórdia, e isso durante todos os dias da nossa vida.[19] Spurgeon chama bondade e misericórdia como duas irmãs gêmeas que nos escoltam, uma vez que a bondade atende às nossas necessidades e a misericórdia destrói os nossos pecados.[20]

Bondade é o que Deus nos dá e não merecemos — a sua graça —, ao passo que misericórdia é o que nós merecemos, mas Deus não nos dá — o seu juízo. Ladeados por bondade e misericórdia, avançamos neste mundo guardados e protegidos. Pearlman diz que o Hospedeiro Divino chama dois dos seus servos para atender às necessidades dos hóspedes. Seus nomes são Bondade e Misericórdia, que seguem os filhos de Deus por onde quer que andem.[21]

Derek Kidner diz que ser hóspede de Deus é mais do que ser um mero conhecido, convidado para o dia: é conviver com ele. Há a sugestão de peregrinação no quadro de um progresso que termina na casa do Senhor.[22]

Quando a carreira terminar, então habitaremos na casa do Senhor para todo o sempre. Aqui o Senhor está conosco; lá, nós estaremos com ele. Sua presença será nossa alegria e nossa maior recompensa. O céu é a Casa do Pai, é o nosso lar, e para lá caminhamos, pois lá está a nossa pátria,

nosso tesouro e também o nosso bom, grande e supremo pastor. Ele é o centro dos decretos divinos, o centro das Escrituras, o centro da história, o centro da eternidade e o centro do paraíso. Vivemos nele, com Ele e para Ele, pois Jesus é a nossa segurança, a nossa provisão, a nossa paz, a nossa justiça, a nossa alegria, a nossa recompensa. Com Ele estaremos para sempre e com Ele reinaremos pelos séculos eternos, onde não haverá mais pranto, nem dor, nem luto.

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 134.
2 MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 579.
3 VanGemeren, Willem A. *"Psalms".* In: *Zondervan NIV Bible Commentary*, vol. 1. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994, p. 823.
4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 128.
5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 458.
6 MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary*, p. 580.
7 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 85.
8 Leupold, H. C. *Exposition of The Psalms.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 210.
9 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 460.
10 Lucado, Max. *Aliviando a bagagem.* Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
11 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 133.
12 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 460.
13 Ibidem, p. 461.
14 Pearlman, Myer. Rio de Janeiro: CPAD, 1977, p. 58-59.
15 Harman, Allan. *Salmos*, p. 135.
16 MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary*, p. 581.
17 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 462.

[18] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 153.
[19] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 91.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 463.
[21] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 59.
[22] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 131.

Capítulo 24

O triunfo do Rei da Glória

(Sl 24:1-10)

Davi descreveu com cores fortes a cruz do Salvador, o bom pastor no salmo 22, o cuidado do grande pastor no salmo 23, e agora, no salmo 24, apresenta-nos a coroa do supremo pastor. Nessa belíssima trilogia, o salmista vai da agonia do Calvário à exultação da entrada triunfal do Cristo vitorioso nos páramos celestiais. Nas palavras de Charles Spurgeon, "no salmo 22 Davi tangeu notas tristes, no salmo 23 notas de paz, mas no salmo 24 emitiu melodias majestosas e triunfantes".[1]

O salmo 24 é uma bela peça litúrgica, e mui provavelmente esse hino sacro foi escrito para ser cantado quando

a arca da aliança foi tirada da casa de Obede-Edom para ser colocada atrás das cortinas no monte Sião (2Sm 6; 1Cr 15:1-16:3). As palavras são adequadas para a dança sagrada da alegria, na qual Davi conduziu o séquito naquela ocasião jubilosa. Os olhos do salmista olhavam, porém, mais além da subida típica da arca — olhavam para a ascensão sublime do Rei da Glória.[2]

Outros escritores relacionam esse cântico com a entrada do Senhor em Jerusalém no Domingo de Ramos.[3] Concordo, porém, com Purkiser, quando disse que esse salmo é uma expressão profética da ascensão de Cristo depois da sua vitória sobre a morte e o pecado (24:8; Cl 2:15; Hb 2:14,15) e sua soberania final sobre tudo (24:10; Tg 2:1; Ap 5:11-14; 17:14).[4]

Três verdades centrais são destacadas por Davi no salmo em apreço: os atributos daquele que é adorado (24:1,2), os atributos daqueles que são adoradores (24:3-6) e a entrada apoteótica do Senhor dos Exércitos, o vencedor invicto, na Jerusalém celeste (24:7-10).

Os atributos daquele que é adorado (24:1,2)

Davi, inspirado pelo Espírito Santo, declarou que esse Deus que é adorado não é apenas o Deus de Israel, isto é, Ele não é uma divindade tribal. Ele, sendo o Criador do universo e o sustentador do mundo, é o Deus de todos os povos e o dono de todas as coisas, em toda a terra. Nas palavras de Allan Harman, "o salmo se abre com uma afirmação da soberania do Senhor sobre todas as coisas".[5] Vejamos:

Em primeiro lugar, *o Senhor é o dono absoluto de toda as coisas* (24:1a). "Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém..." Deus é o proprietário titular de tudo o

que existe. A terra e suas riquezas minerais; a terra e todos os víveres; a terra e todas as plantas (Êx 19:5; Gn 14:19,22). Todo o ser volátil que enche os ares, os seres aquáticos que povoam os mares e rios, e todos os seres terrestres que pululam pelos campos e florestas pertencem ao Senhor.

Charles Spurgeon é oportuno quando escreve:

> A terra não é do homem. Ele é um locatário à vontade do locador, um arrendatário em precaríssimo direito de posse, sujeito ao despejo imediato. O grande Dono de terras e o verdadeiro Proprietário tem fórum acima das nuvens e ri da escritura de imóveis dos vermes do pó. O imposto ilimitado de transferência de propriedade não está com o dono das terras arrendadas, nem com o dono das propriedades livres, mas com o Criador. Os campos, os frutos, a terra e todas as suas maravilhas são dele. Em todos esses sentidos, o Senhor Altíssimo é o Possuidor de tudo.[6]

É digno de nota, ainda, que a terra é o teatro do universo, pois nela o Senhor demonstrou o seu amor por meio do maior drama de todos os tempos. O Senhor escolheu um planeta, um povo e uma terra para enviar seu Filho para morrer, ressuscitar e, assim, salvar o seu povo de seus pecados.[7]

Em segundo lugar, *o Senhor é o dono absoluto de todas os seres humanos* (24:1b). "[...] o mundo e os que nele habitam." O povo de Israel imaginava, equivocadamente, que apenas eles eram o povo escolhido de Deus, porémDavi é categórico em afirmar que todas as pessoas que habitam no mundo, em todos os lugares, de todos os tempos, pertencem ao Senhor. Ele não é Deus apenas dos hebreus, mas também dos gentios, e não só a terra é de Deus, mas

também as pessoas que habitam no mundo inteiro. Tudo pertence a Deus. Todos pertencem a Deus. Não somos de nós mesmos.

Spurgeon, nessa mesma linha de pensamento, diz que o termo "mundo" indica as regiões habitáveis, nas quais o Senhor será especialmente reconhecido como Soberano. O Senhor é o Rei do universo, e todas as nações estão sob o seu controle, pois Ele é o verdadeiro Autocrata de todas as nações. Os imperadores e czares não passam de seus escravos; nem os homens são de si mesmos. Não pertencemos ao mundo ou a Satanás, mas, pela criação e redenção, somos a porção peculiar do Senhor.[8]

Em terceiro lugar, *o Senhor reivindica o direito de posse da terra porque ele a criou e a sustenta* (24:2). "Fundou-a ele sobre os mares e sobre as correntes a estabeleceu." Charles Spurgeon diz, corretamente, que esse versículo apresenta por que o mundo pertence a Deus, ou seja, por que ele o criou. É Deus que ergue a terra do mar, de forma que a terra seca, que de um momento para o outro pode ser submersa, como aconteceu nos dias de Noé, seja guardada das inundações (Gn 1:9,10; 2Pe 3:5). As mandíbulas famintas do oceano devorariam a terra seca se não houvesse uma ordem constante do Onipotente para protegê-la. Além disso, a criação e a providência são os dois selos legais colocados nos títulos de propriedade do grande Dono de todas as coisas.[9]

Os atributos daqueles que adoram (24:3-6)

Davi faz uma transição daquele que é adorado para aqueles que adoram, e, depois de descrever os atributos do Senhor, passa a elencar as marcas dos adoradores. Vejamos.

Em primeiro lugar, *o adorador é aquele que se aproxima de Deus com reverência* (24:3). "Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar?" Adorar a Deus é o fim principal do homem (1Co 10:31). Adorar a Deus é subir à sua presença, permanecer no seu santo lugar, contemplar a face do Onipotente e deleitar-se nele. É desistir de todas as glórias do mundo para ser envolvido e tragado pela maior de todas as alegrias, a alegria de amá-lo, frui-lo e estar em sua presença, onde existe plenitude de alegria e delícias perpetuamente.

Em segundo lugar, *o adorador é aquele que orna sua vida com excelências morais* (24:4). "O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente." Pureza de ação e pureza de desejo são ambas requeridas no culto, diz Allan Harman.[10] As mãos representam aquilo que a pessoa faz, mas o coração apresenta aquilo que a pessoa é.[11] Sobre isso, há quatro coisas dignas de nota aqui.

Primeira, *o adorador deve ser limpo de mãos*, e mãos limpas referem-se a uma conduta íntegra (Is 1:15,16,18). Os que eram cerimonialmente impuros não podiam entrar na casa do Senhor. De igual modo, os moralmente imundos não podem ter comunhão com o Deus santo. As obras do adorador precisam ser avalistas de suas palavras, e suas obras devem ser um reflexo de seu coração. Mesmo o homem não sendo salvo pelas obras, evidencia sua salvação pelas suas obras, pois o que ele faz é uma evidência de quem ele é.

Segunda, *o adorador deve ter coração puro.* Coração puro refere-se a motivações e caráter piedosos (Mt 5:8), pois não basta fazer coisas boas; é preciso ter a motivação certa. As mãos podem esconder as motivações do coração, mas Deus

requer verdade no íntimo, tendo em vista que só os puros de coração verão Deus (Mt 5:8).

Terceira, *o adorador não entrega sua alma à falsidade.* A palavra "falsidade" é traduzida também por "vaidade", aquilo que é transitório, falso, irreal ou pecaminoso, e pode chegar a designar falsos deuses, ou seja, adoração de ídolos e coisas desprezíveis.[12] O adorador busca as coisas lá do alto, deleita-se nas coisas de Deus em vez de amar o mundo e conformar-se com ele. O adorador não se prostra diante dos ídolos do mundo, tampouco entrega sua alma à falsidade, porque antes entregou-a a Deus.

Quarta, *o adorador não jura dolosamente.* Jurar dolosamente significa todo tipo de dissimulação, especialmente o falso testemunho num tribunal.[13] O adorador não compactua com a mentira e também não aceita suborno para escamotear a verdade. Suas palavras são confiáveis, e ele jamais empenha sua palavra para enganar, trair e condenar o inocente ou inocentar o culpado. Spurgeon está certo quando diz que a palavra do cristão é o próprio juramento. As palavras falsas fecham o céu para o homem, pois o mentiroso não entrará na casa de Deus, sejam quais forem as suas confissões ou ações. Deus não terá nada a fazer com os mentirosos, exceto lançá-los no lago de fogo, pois todo mentiroso é filho do Diabo e será enviado à casa do seu pai. A declaração falsa, a expressão fraudulenta, a história forjada, a difamação, a mentira podem ser adequadas nas reuniões dos ímpios, mas são detestadas entre os verdadeiros santos.[14]

Em terceiro lugar, *o adorador é aquele que encontra o agrado de Deus* (24:5). "Este obterá do SENHOR a bênção e a justiça do Deus da sua salvação." O adorador busca a Deus

e o encontra, e, ao encontrá-lo, recebe dele sua bênção e sua salvação. O mesmo Deus que abençoa é o que justifica; o mesmo que nos cerca com suas benesses temporais e terrenas também nos declara justos diante de seu tribunal e nos veste com o linho finíssimo de sua justiça, dando-nos salvação eterna. Mais uma vez, Spurgeon é oportuno, ao dizer que não devemos supor que as pessoas que são descritas pela santidade interior e exterior sejam salvas pelo mérito das obras. Mas as obras são a evidência pelas quais conhecemos essas pessoas.[15]

Em quarto lugar, *o adorador é aquele que faz parte do povo escolhido de Deus* (24:6). "Tal é a geração dos que o buscam, dos que buscam a face do Deus de Jacó." O adorador antes de buscar a Deus foi atraído pelo próprio Deus com cordas de amor. Faz parte do povo escolhido. É ovelha do bom pastor. Enquanto uma geração volta as costas para Deus para rejeitá-lo, o adorador faz parte da geração que busca a Deus, o Deus da graça, o Deus de Jacó.

A marcha vitoriosa do Rei da Glória, digno de toda a adoração (24:7-10)

Destacamos três verdades sublimes sobre esse ponto.

Em primeiro lugar, *a marcha triunfal do Rei da Glória* (24:7,9). "Levantai-vos, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória." Depois de descrever o sofrimento do Messias (Sl 22), seu cuidado pelo seu rebanho (Sl 23), agora vemos a volta triunfal do Messias para o céu e sua aclamação arrebatadora como Rei da Glória. Ele desceu da glória e encarnou-se, esvaziou-se a si mesmo e assumiu a forma de servo, e também se humilhou até a morte, e morte de cruz. Mas

ele ressuscitou, ascendeu ao céu e foi aclamado como o Rei da Glória. Nas palavras de Spurgeon, "Aquele que, recém-saído da cruz e da sepultura, entra cavalgando pelas portas da nova Jerusalém é mais sublime que os céus. Grandes e eternas como são, essas portas de pérola são totalmente indignas daquele diante de quem os céus não são puros".[16] Derek Kidner diz que, se a terra é dele (24:1,2), e se ele é santo (24:3-6), a interpelação aos "portais eternos" não é um exercício cerimonial, mas um brado de guerra para a igreja.[17] Purkiser diz que as portas são aqui personificadas, e roga-se a elas que se abram em dignidade e reverência para a entrada do Rei da Glória.[18]

Em segundo lugar, *o título majestático do Rei da Glória* (24:8). "Quem é o Rei da Glória? O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas." O Rei da Glória não é encontrado entre os homens mais ricos e poderosos deste mundo. Nem mesmo é achado entre as mais exaltadas hostes angelicais. O Rei da Glória é o eterno Filho de Deus, o Criador do mundo, o dono da terra e tudo quanto nela há. O Rei da Glória é aquele que, para salvar o seu povo, deu sua vida, verteu seu sangue e ressuscitou. O Rei da Glória é aquele que venceu o mundo, o pecado e o Diabo e expôs os principados e potestades ao desprezo. O Rei da Glória é aquele que conquistou para nós eterna redenção e retornou para o céu, como o vencedor invicto em todas as batalhas.

Em terceiro lugar, *o séquito vitorioso do Rei da Glória* (24:10). "Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória." O Rei da Glória é também o Senhor dos Exércitos. Ele é maior do que qualquer inimigo que possa se levantar contra Ele: é o comandante-chefe de todas as hostes celestiais e também o supremo

comandante de todas as ordens angelicais. Nas palavras de Purkiser, "ele é o capitão tanto dos exércitos de Israel como de todos os exércitos celestiais, o supremo Governador do universo".[19] Ao entrar nos páramos celestiais, os anjos se prostram e o adoram com efusiva alegria e arrebatador entusiasmo. Spurgeon escreveu:

> A nota final desse salmo é inexprimivelmente forte. O Senhor dos Exércitos, o Senhor dos homens e dos anjos, o Senhor do universo, o Senhor dos mundos é o Rei da Glória. Toda verdadeira glória está concentrada no verdadeiro Deus, pois todas as outras glórias são apenas um desfile passageiro, a pompa maquilada de uma honra. O Salvador ascendido é a Cabeça e a Coroa do universo, o Rei da Glória. Hinos são entoados ao nosso Emanuel nas mais sublimes notas musicais. Jesus de Nazaré é o Senhor dos Exércitos.[20] Assim, o Senhor da criação (24:1,2) é também o exaltado Rei da salvação (24:7-10).[21]

Notas

1 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 484.
2 Ibidem.
3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 135.
4 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 153-154.
5 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 135.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 485.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 135.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 485.
9 Ibidem, p. 486.
10 Harman, Allan. *Salmos*, p. 136.
11 Pukiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 154.
12 Ibidem, p. 155.
13 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 136.

[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 487.
[15] Ibidem.
[16] Ibidem, p. 489.
[17] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 134.
[18] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 155.
[19] Ibidem.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 489.
[21] Harman, Allan. *Salmos*, p. 137.

Capítulo 25

Um alfabeto de súplica

(Sl 25:1-22)

Esse é um salmo acróstico, com cada versículo sucessivo grafando a letra seguinte do alfabeto hebraico.[1] O alfabeto hebraico, com alguma irregularidade ocasional, forma seu arcabouço. Allan Harman diz que a tela de fundo da instrução desse salmo é o amor pactual de Deus, o qual o salmista deseja tornar conhecido.[2] Derek Kidner diz que o salmo lida com a pressão dos inimigos, a necessidade de orientação e o fardo da culpa.[3] Já Charles Spurgeon destaca que podemos encontrar nesse salmo a santa confiança, os muitos conflitos, as grandes transgressões, o amargo arrependimento e as profundas angústias do homem segundo o coração de Deus.[4]

Buscando a Deus em oração (25:1-7)

Destacamos quatro verdades sublimes aqui.

Em primeiro lugar, *a oração deve ser endereçada ao Deus da aliança* (25:1). Elevar a alma a qualquer outro, exceto o Senhor, é um exercício vão. Toda oração deve ser dirigida a Deus, pois só Ele pode ouvir as súplicas e atender a elas e só nele há refúgio verdadeiro. Os deuses dos povos, os ídolos feitos por mãos humanas e o braço da carne não podem ser objeto da oração. Purkiser destaca que, contrastando com aquele que "não entrega a sua alma à falsidade" (24:4), Davi afirma: "A ti, SENHOR, elevo a minha alma" (25:1).[5] Spurgeon diz que a verdadeira oração ocorre quando a alma sobe à presença de Deus. É fazer uma viagem na escada de Jacó, deixando os nossos cuidados e medos ao pé e encontrando-nos com o Deus da aliança no topo.[6] "A ti, na plenitude dos teus méritos. A ti, nas riquezas da tua graça. A ti, nos abraços do teu amor e nas consolações do teu Espírito. A ti, para que os teus espinhos sejam a minha coroa, o teu sangue o meu bálsamo, a tua morte a minha vida, a tua cruz o meu triunfo."[7]

Em segundo lugar, *a oração deve ser resultado de nossa confiança em Deus* (25:2). Davi não se dirige apenas ao Deus todo-poderoso, mas ao Deus da aliança, o seu Deus pessoal. Harman diz que essa é a linguagem da fé.[8] A não ser que você possa dizer "Meu Deus", não há segurança nem deleite na oração. Destacamos duas verdades preciosas aqui.

Primeira, *uma súplica* (25:2). Davi pede ao Senhor para não ser envergonhado diante do ataque dos inimigos. Fracassar na oração é fortalecer os inimigos, e ter suas súplicas frustradas faria seus inimigos exultarem zombeteiramente.

Segunda, *uma constatação* (25:3). A súplica do versículo anterior é seguida de uma constatação firmada na fidelidade de Deus. De todos aqueles que confiam em Deus, ninguém será envergonhado. Envergonhados serão aqueles que, dolosamente, tramam contra o povo de Deus. A vergonha é a recompensa adequada para aqueles que se esquecem de Deus e tramam contra o próximo.

Em terceiro lugar, *a oração deve pleitear direção divina* (25:4,5). Nas lutas da vida, o homem de Deus precisa de direção e sabedoria para evitar o caminho errado e trilhar o caminho certo. Há os caminhos dos homens e os caminhos de Deus, os caminhos do pecado e os caminhos da justiça. Nesse sentido, Davi pede direção sob três aspectos.

Primeiro, *nos caminhos de Deus* (25:4). Conhecer os caminhos e as veredas de Deus é conhecer a boa, perfeita e agradável vontade do Mestre. É andar sintonizado com o propósito de Deus e caminhar junto com o Senhor sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda.

Segundo, *na verdade de Deus* (25:5a). Davi pede para ser guiado e ensinado na verdade de Deus, uma vez que tem em Deus a sua salvação. Há muitas vozes no mundo, mas devemos ser guiados pela verdade de Deus. Há muitos caminhos que parecem direito, mas conduzem à perdição. Só quando somos ensinados na verdade e conhecemos os caminhos de Deus é que trilhamos as veredas da vida.

Terceiro, *na perseverança* (25:5b). Davi tinha altos e baixos na vida, mas, mesmo em seus momentos de fraqueza, esperava em Deus. Ele esperava em Deus todo dia e o dia todo; esperava em Deus como o sedento pela água, como o faminto pelo pão, como o doente pela cura, como o guarda pelo romper da alva.

Em quarto lugar, *a oração deve ser fundamentada na misericórdia divina* (25:6,7). Todo aquele que se aproxima de Deus tem consciência de sua pecaminosidade, de modo que, diante da luz da santidade de Deus, vemos as nódoas do nosso pecado. Aqueles que mais confessam seus pecados e mais sofrem por causa deles não são os que mais pecam, mas aqueles que mais perto de Deus andam. As referências à culpa, portanto, são recorrentes nos salmos de Davi, e sua solução não é o tempo, mas sim a graça divina (25:7), prometida na aliança (25:6).[9] Davi queria que seus pecados fossem não apenas perdoados, mas também esquecidos, pois essa é a verdadeira anistia.

Cultivando um relacionamento íntimo com Deus (25:8-15)

Davi faz uma transição da oração para o louvor e a contemplação.[10] Nas palavras de Warren Wiersbe, Davi faz uma pausa a fim de meditar sobre o caráter do Senhor, seu Deus.[11] Sobre isso, destacamos alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *o caráter de Deus é a garantia da direção infalível* (25:8,10). Podemos ter garantia de segura direção porque Deus é bom, reto e misericordioso, e Ele trabalha por nós, e não contra nós. Além disso, Ele nos ama não por causa dos nossos méritos, mas apesar dos nossos deméritos.

Em segundo lugar, *os caminhos de Deus são feitos conhecidos aos que se reconhecem necessitados* (25:8,9). Os soberbos enfrentam a resistência do Deus todo-poderoso, mas os que se humilham sob sua mão poderosa são assistidos por sua graça e restaurados por sua misericórdia. Mas a quem Deus faz conhecidos os seus caminhos?

Primeiro, *aos pecadores* (25:8). Deus aponta o caminho aos pecadores. O caminho de Deus é vereda de justiça, ou

seja, não é um atalho criado pelo homem com o propósito de chegar ao céu pelo seu esforço, como tentaram fazer na torre de Babel; na verdade, o caminho de Deus foi aberto desde o céu e, além disso, é uma pessoa: Jesus. Ele é o caminho, é o novo e vivo caminho pelo qual os pecadores têm acesso a Deus.

Segundo, *aos humildes* (25:9a). Deus guia os humildes na justiça, pois os humildes esperam nele e confiam nele, ao passo que os arrogantes e jactanciosos percorrem as sendas escorregadias do engano e tornam-se prisioneiros de suas próprias paixões.

Terceiro, *aos mansos* (25:9b). Deus ensina aos mansos o seu caminho, pois os mansos são aqueles que desistem de confiar em seus esforços para depositar sua esperança em Deus. Purkiser diz que os mansos são os ensináveis, humildes — contrastando com os opressores orgulhosos e zombadores do bem.[12]

Quarto, *aos obedientes* (25:10). As veredas do Senhor são misericórdia e verdade para o povo da aliança, aqueles que vivem em obediência dentro do pacto divino.

Quinto, *aos arrependidos* (25:11). Deus faz conhecido os seus caminhos àqueles que se reconhecem pecadores e, arrependidos, confessam seus pecados.

Em terceiro lugar, *as bênçãos especiais reservadas para aqueles que temem ao Senhor* (25:12-15). Davi destaca quatro bênçãos extraordinárias destinadas àqueles que temem ao Senhor.

Primeira, *instrução espiritual* (25:12). O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, pois, em vez de sermos instruídos pelo nosso enganoso coração, somos instruídos pelo

próprio Deus, e, quando tememos a Deus, Ele mesmo nos instrui no caminho que devemos escolher.

Segunda, *prosperidade material* (25:13). O temor do Senhor abre-nos caminhos de prosperidade para nós e para nossa descendência, de modo que aqueles que andam com Deus são prósperos econômica, moral e espiritualmente e também têm uma descendência abençoada na terra. Spurgeon diz, corretamente, que Deus se lembra de Isaque por amor de Abraão, e de Jacó, por amor de Isaque. Os filhos dos homens bons têm uma porção considerável com que começar no mundo.[13]

Terceira, *relacionamento íntimo com Deus* (25:14). Aqueles que temem ao Senhor desfrutam de intimidade com Ele, e a esses Deus dá o privilégio de conhecerem, intimamente, as bênçãos de sua aliança. A intimidade do Senhor é sua amizade, e isso significa um relacionamento familiar, uma intimidade confidencial, um companheirismo seleto. Em outras palavras, os santos têm a chave dos hieróglifos do céu e podem decifrar os enigmas celestiais.[14]

Quarta, *livramento circunstancial* (25:15). O povo de Deus vive num terreno minado. São muitas as armadilhas que os inimigos colocam em nosso caminho, e nossos inimigos não se cansam de armar laços para nos apanhar. Deus, porém, vai à nossa frente, desarmando essas minas perigosas e desfazendo esses laços mortais.

Identificando os problemas que afligem o povo de Deus (25:16-20)

Davi retorna às suas petições e diz ao Senhor quais são os fardos que estão pesando sobre ele nessa ocasião, ou seja, os inimigos a seu redor e as aflições em seu coração.[15] Ele,

que começou o salmo com oração, retorna à oração para expor a Deus seus problemas. Vejamos.

Em primeiro lugar, *a solidão que aflige* (25:16). Davi suplica a misericórdia de Deus em virtude de sentir-se sozinho e aflito. A solidão é uma fonte de aflição, e, assim como o nosso Redentor, ao suar sangue no Getsêmani, estava só, também, em muitas situações adversas da vida, sentimo-nos sozinhos e, nessas horas, carecemos da misericórdia divina. Warren Wiersbe destaca que há ocasiões em que nossa obediência ao Senhor leva amigos e membros da família a se voltarem contra nós, causando-nos grande sofrimento. Três dos filhos de Davi — Amnon, Absalão e Adonias — voltaram-se contra ele, como também o fez seu amigo chegado e conselheiro Aitofel.[16]

Em segundo lugar, *as tribulações do coração* (25:17a). Davi pede alívio para as tribulações do coração, que é a sede da alma. Nessa cidadela é que batem os vendavais mais furiosos e as tempestades mais fortes, e é aí também que se encontra o campo de batalha onde as tribulações mais medonhas mostram a sua carranca.

Em terceiro lugar, *as angústias pessoais* (25:17b). Davi pede a Deus para tirá-lo de suas angústias. As angústias são uma espécie de cipoal que nos enleia, nos amarra, e, como parasita, tenta sugar nosso vigor. Davi pede para Deus tirá-lo dessas amarras.

Em quarto lugar, *os pecados geradores de toda sorte de sofrimento* (25:18). Nesse versículo, Davi faz um balanço de sua vida, relembra seu passado, recorda de seus muitos pecados e reconhece que suas aflições e seus sofrimentos são uma consequência de suas transgressões. O pecado é malignísimo, e o salário dele é a morte. O pecado é enganador, pois

promete prazer e dá desgosto, promete liberdade e escraviza, promete vida e mata. O pecado é o pior de todos os males e a fonte de todos os outros sofrimentos. Davi, então, ora: "[...] perdoa todos os meus pecados".

Em quinto lugar, *o ódio dos muitos inimigos* (25:19). Davi destaca duas coisas sobre seus inimigos: eles são muitos e também são movidos por um ódio cruel. Davi não pode lidar com eles vitoriosamente, a menos que Deus os considere para julgá-los. Concordo com Spurgeon quando diz que é característica da semente da serpente odiar. O seu progenitor era alguém que odiava, e, por conseguinte, seus filhos têm de imitá-lo.[17]

Em sexto lugar, *a vergonha* (25:20). O maior temor de Davi era ser envergonhado diante de seus inimigos pelo fato de confiar em Deus. Davi tem zelo pelo nome de Deus, por isso pede livramento de seus inimigos e roga a Deus para vindicar sua própria glória diante de seus adversários.

Manifestando uma esperança que não se desespera (25:21,22)

O salmo, que começou com oração, termina com oração, mas agora ele faz dois pedidos a Deus: um pessoal e outro pela nação de Israel. Vejamos.

Em primeiro lugar, *a esperança* (25:21). A esperança de Davi não está na sua riqueza, na sua posição, nem mesmo em sua força militar. Sua esperança está em Deus, por isso ele pede a Deus para lhe preservar a sinceridade e a retidão.

Em segundo lugar, *a redenção* (25:22). Davi não é apenas rei de Israel; é o maior rei da história de Israel, além de também ser um intercessor do seu povo. Seu reino foi marcado por muitas guerras e muitos enfrentamentos com

perigosos inimigos. Sabe que não somente ele, mas também seu povo, tem sido afligido por muitas tribulações. Por isso, esse rei intercessor pede a Deus para livrar Israel de todas as suas tribulações. Nas palavras de Allan Harman, "o que era o caso do salmista era também o caso de toda a nação. Se um indivíduo podia apelar por socorro em suas aflições pessoais, por que Israel não podia apelar também por livramento?".[18] Por fim, concordo com Spurgeon, quando diz: "Esta é uma oração para a igreja militante".[19]

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 137.
2 Ibidem.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 134.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 504.
5 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 156.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 505.
7 Ibidem, p. 514.
8 Harman, Allan. *Salmos*, p. 137.
9 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 135-136.
10 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 156.
11 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 137.
12 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 156.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 510.
14 Ibidem.
15 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 138.
16 Ibidem.
17 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 512.
18 Harman, Allan. *Salmos*, p. 140.
19 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 533.

Capítulo 26

O que fazer quando somos injustiçados?

(Sl 26:1-12)

Davi, o homem segundo o coração de Deus, travou muitas batalhas, teve muitos inimigos e enfrentou muitas acusações pesadas e levianas. Ele foi injustiçado pelo sogro, o rei Saul, e também por três de seus filhos: Amnom, Absalão e Adonias. Davi foi injustiçado por pessoas de dentro de sua casa e por pessoas de fora do seu convívio familiar.

Nesse carrossel de circunstâncias adversas, Davi renuncia qualquer relação com os ímpios (26:4,5,9,10) e aspira a estar na assembleia dos justos proclamando os maravilhosos feitos do Senhor (26:6-8,12). Seu amor está depositado no altar de Deus (26:6), na casa de Deus (26:8)

e no povo de Deus (26:12). O contexto, portanto, pressupõe o culto no tabernáculo.[1] Nessa mesma linha de pensamento, Derek Kidner diz que o âmago desse salmo é o deleite de se estar totalmente compenetrado pela presença de Deus e pelo prazer de estar na casa dele (26:6-8).[2]

Os salmos 26, 27 e 28 revelam o amor de Davi pelo santuário de Deus (26:6-8; 27:4-7; 28:2). No salmo 26, o adorador, ao se aproximar, é esquadrinhado pela exigência de Deus quanto à sua sinceridade. No 27, vê a casa de Deus como refúgio, onde é protegido dos seus inimigos e onde pode contemplar Deus face a face. No 28, traz sua petição, estendendo as mãos como suplicante em direção ao Santo dos Santos, e recebe a sua resposta.[3] Muitos, entrementes, iam à casa de Deus para adorar, mas não eram sinceros. Desobedeciam a Deus abertamente e espalhavam mentiras sobre o rei. Foi essa situação que levou Davi a escrever esse salmo.[4]

Ao longo do salmo, Davi faz quatro pedidos a Deus:

- Faze-me justiça (26:1).
- Examina-me (26:2).
- Não colhas a minha alma com a dos pecadores (26:9).
- Livra-me (26:11).

Como não se render à mágoa nem se afogar num atoleiro de revolta quando você é açoitado pelo azorrague da injustiça? Davi resolveu cuidar da sua piedade sabendo que Deus cuidaria de sua reputação. Ele recusou-se a ficar amargo e também não permitiu que essas injustiças afetassem o seu relacionamento com Deus. Como você tem

reagido quando sofre injustiça? Como isso afeta seu relacionamento com Deus?

Davi aponta-nos sete atitudes positivas que devemos adotar quando sofremos injustiça, as quais veremos a seguir.

Ele confia firmemente no Senhor e no seu justo julgamento (26:1)

Confiança em Deus e integridade pessoal eram a base do pedido de Davi: "Faze-me justiça, SENHOR, pois tenho andado na minha integridade e confio no SENHOR, sem vacilar" (26:1). Davi não estadeia de forma jactanciosa seus predicados morais, mas, em face das injustiças sofridas, roga a Deus que lhe faça justiça. Está seguro de que sua vida é avalista de suas palavras e tem certeza de que os ataques sofridos pelos seus inimigos não deslustram sua integridade. Mesmo sob uma saraivada de acusações levianas, Davi continua, inabalavelmente, confiando no Senhor. A consciência tranquila e o coração pacificado são a verdadeira independência do adorador (1Co 4:3-50).

Warren Wiersbe destaca que os inimigos que difamavam Davi (26:4,5,9,10) eram dissimuladores, hipócritas e perversos. Eles eram assassinos e corruptos. Eram joio no meio do trigo, lobos disfarçados de ovelhas no meio das ovelhas. Os perversos iam ao santuário para ocultar seus pecados; faziam daquele lugar um "covil de salteadores" (Mt 21:13). É nessa conjuntura que Davi roga a Deus para lhe fazer justiça.[5] Spurgeon comenta: "Que consolo é termos a aprovação da própria consciência! Se há paz na alma, as tempestades estrondosas da difamação que açoitam ao redor nos são de pouca monta".[6]

Ele está disposto a ser escrutinado pelo Senhor (26:2)

Davi faz uma transição de sua confissão de confiança no Senhor (26:1) a fim de apresentar sua súplica para que o Senhor o prove: "Examina-me, SENHOR, e prova-me; sonda-me o coração e os pensamentos" (26:2). Warren Wiersbe tem razão em dizer que não se trata aqui de uma expressão de superioridade hipócrita (Lc 18:9-14), mas sim do testemunho honesto de um verdadeiro homem de Deus.[7]

Nas palavras da Allan Harman, "Davi está tão confiante de sua situação que se dispõe a submeter-se aos olhos onividentes do Senhor".[8] São usados três sinônimos para descrever sua exposição ao teste. Charles Spurgeon diz que o texto propõe três modos de prova, os quais, no original, se referem à prova pelo toque, pelo cheiro e pelo fogo.[9] Charles Swindoll diz que, de três maneiras diferentes, Davi convida o Senhor a avaliar o seu ser interior. A palavra hebraica *bachan,* "examina-me", significa "examinar, provar, investigar". É claramente retratada em Salmos 139:23,24 pela palavra "sonda". Davi está pedindo para Deus fazer um exame meticuloso em seu interior e investigá-lo por completo. Já a palavra hebraica *nasah,* "prova-me", significa "testar, provar". Essa palavra é a mesma encontrada em Deuteronômio 8:2, quando Deus provou Israel no deserto para descobrir o que estava em seu coração, destampar suas motivações, a fim de levá-los ao arrependimento. A terceira palavra hebraica *tzahraf,* "sonda-me", significa "fundir, refinar, testar". Essa palavra é usada para a atividade de refinar ouro ou prata para remover impurezas.[10]

Charles Swindoll é oportuno ainda ao fazer a seguinte exortação:

> Quando a injustiça surgir em seu caminho, abra-se diante de Deus. Convide-o a fazer uma busca e um exame interno da sua vida com o propósito de determinar o seu caráter, a realizar um processo intensivo e profundo de revelar a você a condição real do seu coração e refinar você, e, no processo, remover quaisquer impurezas.[11]

Ele traz sempre à memória o amor de Deus para continuar obedecendo à sua Palavra (26:3)

Davi escreveu: "Pois a tua benignidade, tenho-a perante os olhos e tenho andado na tua verdade". Charles Swindoll diz que essa declaração sugere duas tentações muito sutis, embora comuns, que ocorrem quando a injustiça surge em nosso caminho: duvidar do amor de Deus e desviar-se em direção à desobediência. Davi decidiu olhar todas as circunstâncias injustas sofridas por ele pelo filtro da benignidade de Deus. Para não cair na tentação de retaliar, resolveu andar na verdade de Deus. Os olhos de Davi estão no amor do Senhor, e seu guia através do labirinto da injustiça é a verdade do Senhor.[12] Essas atitudes de Davi estão alinhadas com o que Jesus ensinou aos seus discípulos, no ocaso de seu ministério terreno (Jo 14:15,21,23), ou seja, a prova de nosso amor a Jesus é nossa obediência a Ele. Spurgeon tem razão em dizer que a bondade do Senhor por nós tem de estar diante dos nossos olhos como a força motriz que movimenta a nossa conduta.[13]

Ele se afasta dos homens maus para não ceder à tentação da vingança (26:4,5)

Davi escreve: "Não me tenho assentado com homens falsos e com os dissimuladores não me associo. Aborreço

a súcia de malfeitores e com os ímpios não me assento". Aqueles que sofrem injustiças são tentados a duvidar e se desviar. Como consequência, acabam se envolvendo com pessoas erradas. Homens falsos, dissimuladores, malfeitores e ímpios são péssimos conselheiros. Suas palavras são macias como veludo, mas afiadas como a navalha. Longe estão de seus conselhos o amor a Deus e a integridade. Se Davi tivesse se unido a essa laia, eles o teriam induzido a retaliar seus acusadores. Concordo com Derek Kidner quando diz que odiar o convívio deles não é questão de preferência social, mas de alinhamento espiritual.[14] Spurgeon tem razão em dizer: "O homem que não odeia o mal extremamente não ama o bem entusiasticamente".[15]

Não permita que as injustiças sofridas relativizem seus valores. Não ande nos conselhos dos ímpios. Não se detenha no caminho dos pecadores. Não se assente na roda dos escarnecedores (1:1). Saiba que as más conversações corrompem os bons costumes (1Co 15:33). Concordo com o adágio popular: "Dize-me com quem andas, e dir-te-ei quem és". Spurgeon diz que é melhor nos assentar com os cegos, coxos e paralíticos à mesa da misericórdia que com os ímpios nos banquetes da maldade. Melhor nos assentar no monturo de Jó que no trono do faraó.[16]

Ele não permite que as injustiças apaguem o fervor no seu coração; antes, dedica-se à adoração a Deus com mais entusiasmo (26:6,7)

Davi escreve: "Lavo as mãos na inocência e, assim, andarei, SENHOR, ao redor do teu altar, para entoar, com voz alta, os louvores e proclamar as tuas maravilhas todas". William MacDonald diz que Davi não apenas separou-se

dos homens maus, mas também, e sobretudo, separou-se para Deus.[17] O salmista agora fala da natureza do verdadeiro culto, e duas verdades são aqui enfatizadas.

Em primeiro lugar, *a purificação para a adoração.* Davi se declara publicamente inocente das acusações levantadas contra ele. As figuras de lavar as mãos e ficar ao redor do altar vêm de Êxodo 30:17-21. Havia no pátio do tabernáculo uma bacia de bronze, onde os sacerdotes precisavam lavar as mãos e os pés para poderem entrar no santuário para adorar. Sem essa purificação, eles eram impedidos de entrar para os exercícios sagrados. O que Davi está dizendo, portanto, é que não podemos estar no altar da adoração sem purificação. Antes de Deus aceitar a oferta, ele precisa aceitar o ofertante, pois a vida do adorador é a vida de sua adoração. Além disso, vale lembrar que Deus não procura adoração, mas adoradores que o adorem em espírito e em verdade.

Em segundo lugar, *a adoração deve ser fervorosa.* Depois de purificado de seus pecados, Davi oferece um culto a Deus cheio de entusiasmo e vigor. Ele canta louvores a Deus em alta voz e proclama todas as suas maravilhas. Mesmo cercado de inimigos, e mesmo sendo vítima de acusações pesadas, ele busca viver no altar para adorar a Deus com fervor e dar graças pelos seus gloriosos feitos. As injustiças sofridas não tiram o seu foco, e Davi compreende que o fim principal de sua vida é glorificar a Deus e fruir sua presença.

Ele se mantém apegado à casa de Deus porque anseia pela presença manifesta de Deus (26:8)

Davi escreve: "Eu amo, SENHOR, a habitação de tua casa e o lugar onde tua glória assiste". Davi ensina-nos aqui algumas lições.

Em primeiro lugar, *ele é um homem que ama a casa de Deus.* O templo ainda não havia sido erigido, o que significa que a tenda da arca era o lugar de adoração. Davi não ama suas riquezas, seu luxo, suas esplêndidas conquistas. Ele ama a casa de Deus.

Em segundo lugar, *ele é um homem assíduo na casa de Deus.* Ele ama a habitação da casa de Deus. Ele não é um turista na casa de Deus; antes, habita ali, onde é seu lugar de encontro diário com Deus. Além disso, é assíduo, e não esporádico na casa de Deus. Num tempo em que muitos cristãos têm abandonado a casa de Deus e outros são esporádicos; num tempo em que muitos crentes são negligentes com o culto público, Davi nos ensina a importância de nos congregarmos (Hb 10:25).

Em terceiro lugar, *ele é um homem que anseia pela presença manifesta de Deus.* Davi ama a casa de Deus, porque é ali que a presença manifesta do Senhor se torna realidade. Ele anseia por Deus. Quer Deus. A glória de Deus é seu anseio mais profundo. No deserto, essa presença manifesta de Deus estava sobre o tabernáculo (Êx 40:34), mas, no Novo Testamento, o Verbo de Deus armou seu tabernáculo entre nós, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai (Jo 1:14).

Ele roga a Deus para livrá-lo do destino dos homens maus e assume o compromisso de bendizer a Deus (26:9-12)

Davi não podia impedir os hipócritas de participar do culto com o restante da congregação, mas podia tomar providências para não se tornar como eles.[18] Portanto, ele encerra esse salmo oferecendo-nos oportunas lições.

Em primeiro lugar, *um pedido veemente* (26:9). "Não colhas a minha alma com a dos pecadores, nem a minha vida com a dos homens sanguinários." Os ímpios serão prematuramente cortados por intermédio da morte.[19] Davi não quer associação com os pecadores na morte nem com os sanguinários na vida, pois compreende que não há comunhão entre trevas e luz, entre os que vivem piedosamente e aqueles que se apressam para derramar sangue inocente. O próprio Davi já havia afirmado que qualquer malfeitor que tentasse aproximar-se de Deus seria destruído (5:6,7), daí sua súplica para que sua alma não seja colhida com a dos pecadores. Davi não quer ser morto pelo juízo divino juntamente com pessoas ímpias, por isso ora para que Deus não tire sua vida.[20]

Em segundo lugar, *uma justificativa convincente* (26:10). "Em cujas mãos há crimes e cuja destra está cheia de subornos." Davi justifica por que não deseja andar com os pecadores nem se associar com os homens sanguinários. As mãos deles estão manchadas de crimes, mas, apesar disso, estão protegidos por homens inescrupulosos que recebem suborno. Violência ao próximo e falta de integridade financeira são irmãs gêmeas e caminham sempre juntas. Spurgeon está correto em dizer que aquele que dá subornos é de todos os ângulos tão culpado quanto aquele que os recebe.[21]

Em terceiro lugar, *um testemunho comovente* (26:11). "Quanto a mim, porém, ando na minha integridade; livra-me e tem compaixão de mim." Davi tem consciência de que é diferente desses criminosos, pois, mesmo sofrendo injustiças, jamais cedeu à prática de crimes. Ao contrário, a integridade era sua defesa. Ancorado em sua integridade, roga a Deus para livrá-lo e para ter compaixão dele, a fim

de não ser atingido pelas setas venenosas de seus inimigos. É imperioso afirmar que entrar na presença de Deus não deve ser determinado por mérito, mas tão somente por graça. Daí Davi orar para que a misericórdia redentora se lhe manifestasse.[22]

Em quarto lugar, *um louvor permanente* (26:12). "O meu pé está firme em terreno plano; nas congregações, bendirei o SENHOR." Davi não está vacilando, colocando os pés em terreno movediço. Seu pé está firme em terreno plano, e ele anda na luz, nas veredas da justiça. Longe de capitular-se à amargura contra seus inimigos, busca o abrigo da casa de Deus, da companhia dos santos, para bendizer ao Senhor. Spurgeon diz que o cântico começou com o tom menor, mas agora alcança o tom maior. O caminho plano no qual os nossos pés são postos é a firme fidelidade à aliança, a promessa eterna e o juramento imutável do Senhor dos Exércitos. Firmados em Cristo Jesus, estando vitalmente unidos a ele, não temos nada mais a ocupar os nossos pensamentos senão os louvores do nosso Deus.[23]

NOTAS

1 HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 140.
2 KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 136.
3 Ibidem, p. 137.
4 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 139.
5 Ibidem.
6 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 535.
7 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 139.
8 HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 141.

[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 535.
[10] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 95-96.
[11] Ibidem, p. 96.
[12] Ibidem.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 536.
[14] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 137.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 537.
[16] Ibidem.
[17] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 584.
[18] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 140.
[19] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 159.
[20] Harman, Allan. *Salmos*, p. 142.
[21] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 539.
[22] Harman, Allan. *Salmos*, p. 142.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 539.

Capítulo 27

A vitória sobre o medo

(Sl 27:1-12)

Esse é um salmo de Davi, muito provavelmente escrito quando ele enfrentava as acusações levianas de Doegue e as perseguições cruéis de Saul. Davi está lidando com adversários perigosos. Os malfeitores são violentos (27:2), difamadores (27:12) e desejam matá-lo (27:2,12), mas ele tem plena consciência de que Deus está com ele para lhe dar livramento e retumbante vitória. Apesar da situação, Davi era confiante (27:3), corajoso (27:14) e destemido (27:1). Mesmo sabendo que é um homem pecador e carente da misericórdia de Deus, anseia por Deus e espera ver a bondade de Deus. Seu futuro não está

carimbado de desespero. Ao contrário, sua esperança está no Senhor, por isso pode triunfar sobre o medo e ter ânimo e um coração forte.

Concordo com Charles Swindoll quando diz que um dos problemas mais paralisantes na vida é o medo. Os nossos medos são direcionados a muitas áreas: medo do desconhecido, medo de calamidade, medo de enfermidades, medo da morte. Medo de pessoas, medo de perder o emprego, medo de inimigos, medo de ser mal compreendido, rejeitado, criticado ou esquecido.[1]

Veremos, agora, como triunfar sobre o medo. Três verdades sublimes são destacadas no salmo.

Triunfando sobre o medo das circunstâncias adversas por meio da fé em Deus (27:1-6)

Davi jamais permitiu que o brilho do mundo, a fascinação da riqueza ou mesmo o seu notório reconhecimento enganasse seu coração, pois Deus era seu maior tesouro e seu mais puro deleite. No texto apresentado, seis verdades podem ser destacadas:

Em primeiro lugar, *Davi vence o medo quando reconhece quem é Deus* (27:1). Deus é tudo de que Davi precisa: é a sua luz, a sua salvação e a fortaleza de sua vida. Esses conceitos de Deus são progressivos. Porque Deus é a sua luz, é também a sua salvação; e porque Deus é a sua salvação, é também a fortaleza de sua vida. Deus é retratado como luz em todas as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Ele é puro em si mesmo e nele não há treva nenhuma. Ele é santo em seu ser. Como luz, Deus é a fonte da vida e nos guia, nos esclarece e nos aquece. Derek Kidner diz que luz é uma figura de linguagem natural para representar quase

tudo quanto é positivo, desde a verdade e a bondade até a alegria e a vitalidade.[2] Purkiser destaca que luz é um dos grandes símbolos que descrevem Deus tanto no Antigo como no Novo Testamentos (Sl 4:6; Is 10:17; Mq 7:8; Jo 1:4,9; 8:12; 1Jo 1:5). O Senhor era para Davi como uma luz brilhando em um lugar escuro, dissipando as sombras, mostrando todas as coisas em suas verdadeiras cores, produzindo alegria e regozijo para o dia e afastando os medos que espreitam no escuro da noite.[3] Spurgeon diz que o Senhor é luz interior, luz ao redor e luz refletida em nós. Em resumo, o Senhor não apenas dá luz; Ele é luz.[4]

Deus não é apenas luz, mas a sua luz. Deus não é apenas salvação, mas a sua salvação. Deus não é apenas fortaleza, mas a fortaleza de sua vida. O que Davi destaca aqui não é apenas quem é Deus, mas quem é Deus para ele, e o que se ressalta é seu relacionamento pessoal com Deus. Como resultado disso, diz Spurgeon: "Não precisamos temer as potestades das trevas, pois o Senhor, a nossa luz, as destrói. Não há por que recear a danação do inferno, pois o Senhor é a nossa salvação. Se Deus se digna de nos fazer fortes, então nem todas as maquinações do adversário podem nos debilitar".[5]

Em segundo lugar, *Davi vence o medo quando sabe que Deus frustra os intentos dos inimigos* (27:2). Os malfeitores são como uma alcateia de lobos que atacam súbita e ferozmente. Spurgeon diz que, como canibais, eles não são deficientes em ferocidade, não mostram clemência e não dão nada em troca.[6] Contudo, seus intentos são frustrados porque Deus coloca pedras em seu caminho, e eles tropeçam e caem.

Em terceiro lugar, *Davi vence o medo, quando, pela fé, confia, mesmo sabendo que os inimigos parecem mais fortes do*

que ele (27:3). Os inimigos se unem para atacar Davi, exércitos o encurralam e a guerra é declarada; mas, mesmo nessas circunstâncias desfavoráveis, Davi confia e não teme. Concordo com Derek Kidner quando diz que o Senhor era não somente uma luz para iluminar o caminho, mas também uma barreira intangível contra o perseguidor.[7]

Em quarto lugar, *Davi vence o medo quando Deus é o maior prazer de sua vida* (27:4). Davi tem uma aspiração que sobrepuja as demais: estar na presença de Deus, ter comunhão com Ele e meditar na excelência de seus atributos. Davi investia tempo em seu relacionamento com Deus e o deseja mais do que a vitória. Ele quer Deus mais do que as riquezas e anseia por Deus como o seu prazer maior do que os melhores deleites desta vida. Concordo com Spurgeon quando diz que endereçar nossas orações ao Senhor é o alvo certo para os pedidos desejados, o poço no qual devemos lançar os nossos baldes, a porta na qual batermos, o banco onde sacarmos.[8]

Em quinto lugar, *Davi vence o medo quando sabe que Deus é o seu protetor* (27:5). Davi não é tão romântico a ponto de imaginar que a vida é uma jornada por jardins engrinaldados de flores. Ele sabe que o dia da adversidade chega e compreende que a jornada é uma luta renhida, mas, quando esse dia chegar, sabe que Deus o ocultará em seu pavilhão. Nas palavras de Spurgeon, "Deus lhe dará o melhor abrigo no pior perigo".[9] O pavilhão era o lugar mais protegido num acampamento de guerra, visto que, em torno dele, todos os homens valentes mantinham a guarda em todas as horas do dia e da noite. Davi tinha convicção de que o lugar santíssimo, o recôndito do tabernáculo, onde era vedado a um homem comum entrar, sob pena de morte, seria o lugar do seu refúgio. Ele estava plenamente

convicto de que sua vitória não era resultado de seu engenho de guerra, mas uma dádiva de Deus, pois Senhor é quem o colocava sobre uma rocha tão alta que o inimigo não podia alcançá-lo. Warren Wiersbe diz que, no antigo Oriente Médio, quando um convidado entrava na tenda de seu anfitrião, esse era pessoalmente responsável por sua proteção e provisão, de modo que a tenda frágil se transformava numa fortaleza.[10]

Em sexto lugar, *Davi vence o medo quando transforma a adversidade no prelúdio de seus louvores* (27:6). Por causa da retumbante vitória sobre os seus inimigos, Davi anseia fazer uma festa ao Senhor não no palácio real, mas no tabernáculo. Como expressão de sua gratidão, quer oferecer a Deus sacrifício de júbilo. Sua alma está em festa, e seu coração embandeirado. Seu desejo é cantar e salmodiar ao Senhor.

Triunfando sobre o medo do fracasso por meio de fervorosa oração (27:7-10)

Davi faz uma transição radical. Abruptamente, a atmosfera muda. Ele sai do pico dos montes, onde seus cânticos de alegria efusiva transbordaram, para entrar no vale escuro do sofrimento, onde vai abrir seus lábios em fervorosa oração acerca da necessidade do momento. Purkiser diz que a diferença é tão marcante entre os versículos 1-6 e 7-14 que alguns têm expressado sua convicção de que temos aqui a combinação de dois salmos escritos por dois autores diferentes ou escritos em períodos muito diferentes da vida do autor.[11] Entendemos, porém, que, na ordem litúrgica do culto, o louvor precedia a oração. Assim, o louvor se converteu em oração. Todo o salmo é chamado salmo de Davi;

então, quer na alegria quer na dor, quer na prosperidade quer na adversidade, é a certeza da presença de Deus e seu amor que domina todas as coisas.[12]

Cinco verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *a quem Davi dirige sua oração* (27:7a). Davi dirige sua oração ao Senhor, o Deus da aliança. Isso nos ensina que a parte mais importante da oração é a quem ela é dirigida. Muitos dirigem suas preces a deuses pagãos ou a ídolos mortos; assim como as profetas de Baal, muitos gritam, choram e retalham-se com facas, mas seus deuses não podem ouvi-los nem mesmo livrá-los. Mas Davi fala com o Deus autoexistente, soberano e onipotente.

Em segundo lugar, *o que Davi pede em sua oração* (27:7b). Davi aproxima-se do Senhor não para estadear seus direitos, mas para rogar compaixão. Ele tem urgência na sua voz, reconhece-se pecador e sabe que não pode ser tratado de acordo com seus pecados, por isso roga a misericórdia divina.

Em terceiro lugar, *o que Davi anseia em sua oração* (27:8). Davi não pede riqueza nem poder. Mais do que o triunfo sobre seus inimigos, ele anseia pela presença de Deus. Ele quer Deus, e nenhum substituto de Deus satisfaz sua alma. Deus é o seu bem maior: sua maior alegria, sua maior segurança, a razão da sua própria vida.

Em quarto lugar, *o que Davi tem medo em sua oração* (27:9). Se Davi anseia pela presença de Deus, o que mais ele teme é Deus ausentar-se dele e esconder dele o seu rosto. Concordo com Warren Wiersbe, quando diz que, quando o Senhor faz resplandecer seu rosto sobre nós (Nm 6:22-27), significa que está satisfeito conosco e que nos ajudará; quando esconde seu rosto de nós, revela seu desprazer

(69:16-18; 143:7), de modo que devemos sondar nosso coração e confessar nossos pecados.[13]

Em quinto lugar, *o que Davi tem como convicção inabalável em sua oração* (27:10). Os pais de Davi não o desampararam. A linguagem do versículo 10 é hipotética, pois não há qualquer sugestão de que os pais de Davi o repudiaram.[14] O que ele está destacando é que, mesmo que os pais viessem a desampará-lo, o Senhor jamais deixaria de acolhê-lo (Is 49:15; 63:16; Hb 13:5,6). Nas palavras de Spurgeon, "se o leite da bondade humana secar dos seios maternos, há um Pai que nunca esquece".[15]

Triunfando sobre o medo do futuro por meio de uma viva esperança (27:11-14)

Davi olha para a frente e entende que a vida com Deus é uma jornada, por isso destaca quatro verdades preciosas.

Em primeiro lugar, *Davi, um peregrino na caminhada da vida* (27:11). Davi é um peregrino que precisa ser ensinado acerca do caminho que deve seguir. Nas palavras de Derek Kidner, "ele não é apenas um adorador que busca a presença de Deus; é também um peregrino que se compromete a seguir o seu caminho".[16] As vitórias de ontem não são garantias de vitória hoje, o que significa que precisamos de permanente orientação. Davi compreende que não basta ter um mapa na mão; é preciso ter um guia que nos conduza por vereda plana. Sua necessidade decorre do fato de existir inimigos que o espreitam.

Em segundo lugar, *Davi, um homem vulnerável ante adversários cruéis* (27:12). Davi tem plena consciência de que seus adversários lidam desonestamente com ele. As armas dos inimigos são difamação, maledicência e crueldade;

além disso, falsas testemunhas se levantam para acusá-lo de crimes que não praticou, mostrando-nos que o oxigênio que alimenta seus inimigos é a crueldade. Allan Harman diz que o pedido específico que ele faz é por orientação no caminho de Deus (27:11,12). Ele quer ser conservado nas veredas de Deus, ainda que seus opressores o estejam atacando.[17] É preciso estar cônscio de que pouco importa quanto uma pessoa seja santa, sempre haverá quem a difame, por isso a honestidade é a melhor política.[18]

Em terceiro lugar, *Davi, um expectador por tempos de refrigério* (27:13). Apesar de variadas adversidades e de tantos inimigos, Davi não olha para o futuro com pessimismo e desesperança; em vez disso, ele expressa sua fé demonstrando que vê pela frente a bondade do Senhor na terra dos viventes.

Em quarto lugar, *Davi, um homem que alimenta o próprio coração de esperança* (27:14). Davi, num solilóquio, exorta a si mesmo a esperar no Senhor e chama a atenção de si mesmo para não se render ao desânimo, mas a ter bom ânimo, a fim de fortificar o coração e, assim, esperar no Senhor. Warren Wiersbe destaca que essa admoestação lembra as palavras de Moisés a Josué (Dt 31:7,23), as palavras de Deus a Josué (Js 1:6,7,9) e o estímulo que Josué recebeu dos líderes de Israel (Js 1:18).[19] Hipoteco pleno apoio ao que diz Purkiser: "A vinda do Senhor nunca é tarde demais para aqueles que esperam nele".[20]

Charles Swindoll diz que esperar no Senhor lhe trará força e coragem. Então, quando o medo tentar enfiar suas garras em você, faça como Davi:

1. Lembre-se daquilo que você sabe que é verdade a respeito de Deus.

2. Expresse o que você precisa com coragem e ousadia.
3. Permita que a circunstância assustadora torne-se uma oportunidade para Deus fortalecer você.[21]

Notas

1 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 106.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 139.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 160.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 553.
5 Ibidem.
6 Ibidem.
7 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 140.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 554.
9 Ibidem, p. 555.
10 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 141.
11 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 159.
12 Ibidem, p. 160.
13 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 141.
14 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 141.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 557.
16 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 141.
17 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 144.
18 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 557.
19 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 142.
20 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 161.
21 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 115.

Capítulo 28

Quando o clamor e o louvor dão as mãos

(Sl 28:1-9)

Nesse salmo, Davi expressa sua grande aflição de lidar com homens ímpios, iníquos e falsos, que ignoravam Deus e as suas obras. Muito provavelmente o texto tem como pano de fundo a conspiração que Davi sofreu nas mãos de Absalão e seus aliados, que bandearam para o lado do filho rebelde. Spurgeon diz que as aflições de Davi o fizeram eloquente na salmodia santa.[1] VanGemeren destaca que o salmista começa com uma urgente oração de lamento (28:1-5) e termina com uma expressão de confiança no Senhor (28:6-9).[2]

O salmo ocupa-se de quatro verdades: o clamor do aflito, o protesto contra

os ímpios, o louvor da gratidão e a intercessão pelo povo. Vejamos.

O clamor do aflito, a oração pessoal (28:1,2)

Davi começa esse salmo assim: "A ti clamo, ó SENHOR; rocha minha, não sejas surdo para comigo; para que não suceda, se te calares acerca de mim, seja eu semelhante aos que descem à cova. Ouve-me as vozes súplices, quando a ti clamar por socorro, quando erguer as mãos para o teu santuário". Purkiser diz, com razão, que a situação do salmista é desesperadora. A não ser que Deus responda, ele será semelhante aos que descem à cova.[3] Nas palavras de Derek Kidner, "o grande temor do salmista é ser contado com os ímpios e lançado fora, talvez pela morte prematura".[4]

Quatro verdades podem ser observadas aqui.

Em primeiro lugar, *a natureza do clamor* (28:1a). Um clamor é mais do que uma súplica ou um mero pedido. Trata-se de uma causa urgente, de um rogo emergencial, de uma necessidade gritante. Davi está clamando fervorosamente, como um homem que está sendo engolido pelas ondas bravias, mas ainda conserva suas mãos levantadas, para fora da água, esperando o resgate de Deus.[5]

Em segundo lugar, *o destinatário do clamor* (28:1b). Davi clama ao Senhor, o Deus da aliança, o qual é a rocha que não se abala e refúgio no dia da angústia. O Senhor não é apenas a rocha, mas a "minha rocha", diz Davi, e rocha fala de segurança, força e estabilidade, uma vez que ela suporta os vendavais sem se abalar, e nem a fúria dos ventos a coloca em risco. Sendo assim, se Deus é o nosso rochedo, não precisamos temer, pois nele temos eterna segurança. Spurgeon diz que o Senhor imutável é a nossa

rocha, a fundação imóvel de todas as nossas esperanças e o nosso refúgio em tempos de dificuldade. Estamos firmes em nossa determinação de correr para Ele como o nosso lugar seguro durante todas as horas de perigo.[6]

Em terceiro lugar, *o temor daquele que clama* (28:1c). Davi tem medo de que Deus não responda à sua oração; na verdade, ele tem medo até mesmo do menor silêncio de Deus, pois nada aflige mais um santo do que não ser ouvido por Deus ou de Deus calar a seu respeito (13:1; 35:22; 39:12; 40:17; 69:3; 83:1; 109:1; 119:82). Spurgeon está certo, porém, em dizer que, quando parece que Deus tampou os ouvidos, não devemos fechar a boca, mas clamar com mais intensidade e fervor.[7] Como diz Warren Wiersbe, "as demoras de Deus não são recusas".[8] Davi receia ser semelhante aos que descem à cova longe de Deus. Spurgeon descreve esse temor, assim:

> Receio que, sem perceber, me torne um covarde a ponto de envergonhar-me do teu nome, um pecador a ponto de resistir aos impulsos da tua graça, um traidor a ponto de calar o meu testemunho contra o pecado, um autoiludido a ponto de disfarçar a minha timidez criminosa em nome da prudência. Já sinto este veneno insinuando-se em meu coração, pois ainda que a minha conduta não se assemelhe à dos descrentes que me cercam, sou muito influenciado pelo medo de ofendê-los. Não me atrevo a imitá-los, mas estou quase dominado pelo terror de irritá-los. Sei que é impossível agradar ao mesmo tempo um mundo corrupto e um Deus santo, mas perco de vista esta verdade, a qual, em vez de sustentar-me na decisão, só serve para tornar a minha vacilação ainda mais indesculpável. O que me resta a fazer senão implorar a tua ajuda? Fortalece-me, Senhor, contra estas declinações tão prejudiciais à tua glória, tão fatais à

> fidelidade que te é devida. Faz-me ouvir a tua voz fortalecedora e encorajadora. Se a voz da tua graça não se levantar em meu espírito, reanimando-me a fé, sinto que há apenas um passo entre mim e o desespero. Estou à beira do precipício, estou prestes a cair em cumplicidade criminal com os que de bom grado me arrastariam com eles ao inferno.[9]

Em quarto lugar, *a humilde devoção daquele que clama* (28:2). Davi não ora com arrogância, como o fariseu, mas ergue vozes súplices e chega-se ao Senhor como um necessitado. Ele não se aproxima para reivindicar direitos, mas clama por socorro, tendo sua vida piedosa como avalista de suas palavras de súplica. Ele ora de mãos erguidas para o santuário. Spurgeon destaca que mãos levantadas sempre têm sido uma forma de postura devota, tendo o propósito significativo de alcançar Deus, demonstrando prontidão e avidez de receber a bênção. Estendemos as mãos vazias porque somos pedintes, porém as erguemos porque buscamos as provisões celestiais. Nós as levantamos ao propiciatório de Jesus, porque ali reside a nossa expectativa.[10]

O protesto contra os ímpios, a oração por justiça (28:3-5)

Davi roga a Deus para não ser arrastado com os ímpios (28:3) e para tratar os ímpios como eles merecem. Concordo, entretanto, com Warren Wiersbe quando diz que a oração de Davi não é essencialmente uma expressão de vingança pessoal, mas um clamor para que Deus cumpra sua aliança e traga justiça e paz à terra. Seu pedido é para que os ímpios ceifem o que semearam.[11] Derek Kidner lança luz sobre o assunto quando escreve:

> Ainda pior do que ser entregue à vontade dos ímpios (27:12) é ser entregue com eles à vergonha que mereceram. Foi este o erro judicial temido (26:9,10), e, enquanto a figura de linguagem ali retratava a remoção de lixo, aqui retrata o arrastar de prisioneiros para o lugar de castigo. A injustiça ferroa mais agudamente do que qualquer outra coisa, e é assim que devemos sentir; por isso, estes versículos não são vindicativos apenas, mas expressam em palavras o protesto de qualquer consciência sadia ao ver as injustiças da ordem atual das coisas e a convicção de que um dia de juízo é uma necessidade moral.[12]

Davi cita quatro razões para não ser arrastado com os ímpios.

Em primeiro lugar, *a iniquidade dos ímpios* (28:3a). Os ímpios são iníquos em seu caráter, perversos em suas ações e praticam iniquidades porque o que têm no coração é colocado em ação por suas mãos. Davi receia ser colocado no mesmo bando, beber do seu mesmo cálice e ser levado ao mesmo fim deles. Spurgeon tem razão em dizer que nós temos de evitá-los nos seus prazeres para que não sejamos confundidos com eles nas suas desgraças.[13]

Em segundo lugar, *a falsidade dos ímpios* (28:3b). Os ímpios falam de paz ao seu próximo, porém têm perversidades no coração. Eles são hipócritas e escondem a maldade do coração com palavras lisonjeiras. Seus lábios são pacíficos, mas no coração urdem o mal. Eles são mentirosos, e há um abismo intransponível entre o que desejam e o que falam. Spurgeon é contundente em suas palavras:

> Eles aprenderam os costumes do lugar para onde estão indo. A perdição é a porção dos mentirosos para sempre, e a mentira é a conversa entabulada durante a viagem para lá. Palavras

> mansas, untadas com amor fingido, são as armadilhas enganosas da rede infernal na qual Satanás captura a vida preciosa. Muitos dos seus filhos são peritos nessa arte abominável, e pescam com a rede do pai quase tão destramente quanto ele. É sinal seguro de baixeza quando a língua e o coração não tocam a mesma nota. Temos de temer mais os homens enganosos que os animais selvagens. Seria melhor ser fechado em uma cova de serpentes que ser compelido a viver com mentirosos. Aquele que grita "paz" muito estrondosamente, quer vendê-la por preço inflacionado.[14]

Em terceiro lugar, *a justa recompensa dos ímpios* (28:4). Os ímpios colherão o que semearam: eles semearam ventos e colherão tempestade; semearam engano e serão apanhados pelas cordas de seus próprios pecados.

Em quarto lugar, *a cegueira espiritual dos ímpios* (28:5). Os ímpios têm os olhos fechados e o coração entenebrecido para contemplar as obras da criação e da providência de Deus. Eles se recusam a ver as digitais de Deus na criação e a bondade de Deus em sua providência, por isso serão derrubados para não mais se levantarem. Spurgeon corrobora, dizendo o seguinte:

> Deus trabalha na criação — a natureza está repleta de provas da sabedoria e bondade divinas, contudo os ateus obtusos recusam vê-lo. Ele trabalha na providência, regendo e dominando, e as suas mãos são muito evidentes na história humana; contudo, os descrentes não o discernirão. Ele trabalha na graça — conversões notáveis ainda ocorrem em todas as mãos, contudo os descrentes não querem ver as operações do Senhor. O que os anjos desejam saber, os homens carnais

menosprezam. Deus condescende em ensinar, mas os homens repelem o ensino.[15]

O louvor do adorador, a confiança na justiça divina (28:6-8)

De repente, a cena se transforma, e Davi está cantando em vez de chorar.[16] Ele sai do beco estreito da aflição para o campo aberto do louvor. O salmo que até aqui foi uma oração agora torna-se um louvor. Concordo com Spurgeon quando diz que aqueles que oram bem também louvarão bem. A oração e o louvor são os dois lábios da alma; são dois sinos que tocam músicas suaves e aceitáveis aos ouvidos de Deus; são dois anjos para subir a escada de Jacó; e são também dois altares que queimam incenso.[17] Purkiser é oportuno quando diz que a fé se torna tão forte que já considera o futuro prometido um fato presente, e essa é a verdadeira natureza da fé (Mc 11:24; Hb 11:1).[18]

Três verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o louvor é fruto da gratidão* (28:6). O salmista bendiz ao Senhor porque suas orações foram ouvidas e seu louvor é movido pela gratidão. O louvor se fundamenta em razões plausíveis, ou seja, não é uma emoção irracional, mas sobe como fonte pura das profundezas da experiência. Orações respondidas devem ser agradecidas,[19] pois gratidão é a rainha das virtudes que deve ornar a vida de todos aqueles que são objetos do cuidadoso amor de Deus.

Em segundo lugar, *o louvor é resultado de quem é Deus* (28:7). Davi expressa seu louvor a Deus por seus grandes feitos em sua vida.

Primeiro, *Deus é a sua força* (28:7a). Temos muitas fraquezas, mas Deus é a nossa força, e isso significa que nossa vitória não procede da força do braço da carne, mas do braço poderoso do Onipotente. O Senhor emprega toda a sua força a nosso favor e também infunde força em nossas *mãos* — é ele que nos fortalece em nossas fraquezas.

Segundo, *Deus é o seu escudo* (28:7b). Somos vulneráveis, mas Deus é o nosso protetor. Ele nos cerca por trás, por diante, e sobre nós coloca a sua mão. Se ele é por nós, ninguém poderá prevalecer contra nós.

Em terceiro lugar, *o louvor é resultado do que Deus faz* (28:7c). "[...] nele fui socorrido; por isso, o meu coração exulta, e com o meu cântico o louvarei." Porque Deus é digno de confiança e não desampara os que nele esperam; porque em Deus o nosso coração pode confiar, podemos exultar nele e cantar louvores a Ele. Spurgeon tem razão em dizer que a fé tem de vir antes do socorro, mas o socorro jamais tardará em chegar.[20] Warren Wiersbe diz que as mãos do inimigo estavam ocupadas com o mal (28:4), mas, quando Davi creu em Deus e ergueu as mãos em oração (28:2), então as mãos do Senhor se puseram a trabalhar para suprir essa necessidade (28:5). A fé move as mãos de Deus, e as mãos de Deus controlam o universo.[21]

A confiança do crente (28:8)

Davi faz duas declarações importantes sobre o Senhor. Deus é tanto a força do seu povo como o refúgio salvador do seu ungido. Vejamos.

Em primeiro lugar, *ele é a força do seu povo* (28:8a). "O SENHOR é a força do seu povo..." Isso significa que o povo de Deus é forte porque tem no Senhor a sua força. Em

outras palavras, não somos vencedores porque somos fortes; somos vencedores apesar de nossas fraquezas.

Em segundo lugar, *ele é o refúgio salvador do seu ungido* (28:8b). "[...] o refúgio salvador do seu ungido..." Davi, como ungido de Deus, tinha experimentado o refúgio salvador do Senhor. Seus inimigos intentaram contra ele, mas tropeçaram e caíram.

A oração intercessória (28:9)

Davi conclui esse salmo como um intercessor, ensinando-nos que devemos orar por toda a igreja, e não apenas por nós mesmos, e ele faz quatro pedidos gerais ao Senhor.

Em primeiro lugar, *ele pede o salvamento do povo* (28:9a). "Salva o teu povo..." Salvamento dos perigos, dos inimigos, da opressão e da morte. Davi não é apenas um guerreiro; ele é também um intercessor. Ele não apenas fala de Deus para o povo, mas também fala do povo para Deus.

Em segundo lugar, *ele pede a bênção de Deus sobre o povo* (28:9b). "[...] e abençoa a tua herança." O povo de Deus é a herança de Deus e, como tal, carece da bênção de Deus. Somos o tesouro particular de Deus, em quem Ele tem todo o prazer. Somos a menina dos olhos do Altíssimo.

Em terceiro lugar, *ele pede que o povo seja apascentado pelo Senhor* (28:9c). "[...] apascenta-o..." Davi roga ao Senhor para exercer a sua função de pastor do povo. Davi não pensa apenas em seu bem-estar, mas anseia ver todo o povo que está debaixo de seu cetro estar de igual forma debaixo do cajado do divino Pastor.

Em quarto lugar, *ele pede que o Senhor exalte o seu povo para sempre* (28:9d). "[...] exalta-o, para sempre." Davi pede que o

povo de Deus seja honrado, e não envergonhado pelos seus inimigos, e também roga a Deus que o seu povo seja exaltado para sempre. A palavra hebraica usada aqui pode significar "sustenta-os", "apoia-os" ou "carrega-os". Traz a ideia do pastor carregando em seus braços as ovelhas fracas, as ovelhas doentes e os cordeirinhos do rebanho. Significa, ainda, que o pastor ergue as ovelhas quando elas não conseguem se levantar.[22]

Notas

1 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 576.
2 VanGemeren, Willem A. "Psalms". In: *Zondervan NIV Bible Commentary*, vol. 1. Grand Rapids: *Zondervan*, 1994, p. 829.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 161.
4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 142.
5 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 145.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 577.
7 Ibidem.
8 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 142.
9 Spurgeon, *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 582.
10 Ibidem, p. 577.
11 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 142.
12 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 142.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 578.
14 Ibidem.
15 Ibidem, p. 578-579.
16 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 142.
17 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 579.
18 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 162.
19 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 579.
20 Ibidem.
21 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 143.
22 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 586.

Capítulo 29

A glória de Deus reconhecida no céu e manifestada na terra

(Sl 29:1-11)

Esse salmo de Davi, em combinação com os salmos 8 e 19, retratam a natureza como o veículo da poderosa voz de Deus, o qual fala aos olhos e aos ouvidos. Sua voz ecoa da tempestade que surge do mar, percorre a terra de Israel desde o extremo norte ao extremo sul, desde o Líbano ao deserto de Cades. A voz de Deus percorre a terra produzindo seus efeitos majestosos e encerra-se no templo, quando tudo diz "Glória!".

O mesmo Senhor que recebe o reconhecimento de ser o detentor de toda a força também dá força ao seu povo. O texto começa com a descrição de uma grande tempestade, mas encerra com a

promessa divina de conceder paz ao seu povo. Nas palavras de Derek Kidner, "na mesma medida que o Senhor aparece entronizado em julgamento sobre seu mundo, ele também aparece entronizado para ser uma bênção entre seu povo".[1]

Spurgeon, citando James Hamilton, diz que o salmo 29 descreve uma tempestade que, subindo do Mediterrâneo e viajando pelo Líbano e ao longo das montanhas do interior, alcança Jerusalém e envia as pessoas aos pórticos do templo em busca de refúgio. Além dessas pitadas de terror, as quais descrevem o progresso geográfico da tempestade, há uma vitalidade e poder sacros que derivam da presença do Senhor em cada ribombo sucessivo.[2]

Nessa mesma toada, Purkiser escreve:

> Os versículos 3 a 9, a essência do poema, descrevem a passagem de uma tempestade que vem das águas do mar ocidental e atravessa os montes arborizados do norte da Palestina, indo até os lugares desertos de Cades, no sul da Palestina. Esse acontecimento é descrito não como uma demonstração de poder natural, mas como uma sinfonia de louvor ao Criador que, de fato, participa com uma voz de trovão.[3]

Warren Wiersbe diz que vemos nesse salmo a glória de Deus no templo celestial (29:1,2), a glória de Deus na tempestade aqui na terra (29:3-9) e a glória de Deus no trono celeste (29:10,11).[4] Quatro verdades podem ser destacadas desse salmo majestático, como veremos a seguir.

O Senhor é digno de ser adorado (29:1,2)

Os versículos 1 e 2 são uma chamada à adoração. O céu é lugar de adoração (Ap 4—5), e aqui os anjos são

conclamados a tributar a Deus a glória devida ao seu nome. Como diz Derek Kidner, "a gloriosa majestade do Senhor domina este poema, com o cenário inicial no céu, onde seres sobrenaturais lhe prestam homenagem".[5] A convocação inicial é para que a glória e a força do Senhor sejam reconhecidas. Nesse sentido, destacamos aqui quatro verdades.

Em primeiro lugar, *uma ordem expressa* (29:1a). "Tributai [...] filhos de Deus..." A expressão "filhos de Deus" literalmente significa "filhos dos poderosos". Os seres angelicais, bem como os grandes deste mundo — ou seja, os grandes do céu e da terra — são conclamados a tributar glória e força ao Senhor. Fica bem ao Senhor receber todo reconhecimento e toda adoração, porque não dar a glória devida a Deus é o primeiro degrau para um declínio vertiginoso (Rm 1:18-28). Concordo, entretanto, com Charles Spurgeon quando diz que nem os homens nem os anjos podem conferir qualquer coisa ao Senhor, senão reconhecer a sua glória e seu poder, atribuindo-os a Ele.[6]

Em segundo lugar, *um destinatário certo* (29:1b). "[...] tributai ao SENHOR glória e força." Nenhuma glória imanente nem qualquer força permanente podem ser atribuídas a qualquer criatura. Somente Deus pode ser adorado; portanto, toda glória que não é dada a Deus é vanglória, é glória vazia, é idolatria.

Em terceiro lugar, *um reconhecimento necessário* (29:2a). "Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome..." O nome de Deus é sobre todo nome. Ele é exaltado acima de toda a criação e toda criatura nos céus e na terra, e só Ele é digno de receber a glória, por isso o fim principal do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre.

Em quarto lugar, *uma forma adequada* (29:2b). "[...] adorai o SENHOR na beleza da santidade." Deus requer a forma pela qual deseja ser adorado. Anjos e homens devem adorá-lo na beleza de sua santidade, ou seja, o culto a Deus precisa estar alinhado com a natureza santa de Deus.

A voz do Senhor é poderosa (29:3-9)

Depois que Davi lida com o chamado à adoração, ele passa a descrever a poderosa voz de Deus, que pode ser ouvida na tempestade, no vento, no fogo, na sua presença manifesta. Charles Spurgeon diz que a chamada à adoração nos dois versículos anteriores concorda com o ribombo dos trovões, que é o sino da igreja do universo convocando reis, anjos e todos os filhos da terra às suas devoções.[7]

Purkiser descreve a passagem da tempestade como o centro do poema. Os versículos 3 e 4 tratam da aproximação da tempestade, ao passo que os versículos de 5 a 7 descrevem a ação da tempestade; já os versículos 8 e 9 detalham a passagem da tempestade. Os três sinais de uma nova dispensação que apareceram no dia de Pentecostes em Jerusalém (At 2:1-4) também são sugeridos: "a voz do SENHOR quebrando os cedros" (29:5) prefigura o som de um vento impetuoso; a separação das labaredas de fogo (29:7) sugere as línguas repartidas de fogo; e o falar universal da "Glória" (29:9) está relacionado com o dom de línguas não aprendidas por meio das quais se falou acerca das "grandezas de Deus" (At 2:11).[8]

A expressão "a voz do SENHOR" é repetida sete vezes nessa seção central do salmo, o que nos leva à certeza de que Deus reina supremamente acima de todas as poderosas

águas e que fala como se fosse o estampido de um trovão.[9] Nesse sentido, três verdades importantes são destacadas.

Em primeiro lugar, *a poderosa voz de Deus na tempestade* (29:3). "Ouve-se a voz do SENHOR sobre as águas; troveja o Deus da glória; o SENHOR está sobre as muitas águas." A tempestade que procede do mar Mediterrâneo invade a terra de Israel. Essa voz é como um trovão que ribomba nas alturas, mas esse trovão não é um rugido da natureza, e sim o rugido do Senhor. Não é a voz da criatura que se ouve, mas a voz do Criador. Não é a natureza agindo por si mesma, mas a natureza sendo instrumento do Criador para falar majestosamente ao homem.

Em segundo lugar, *a poderosa voz de Deus é irresistível* (29:4). "A voz do SENHOR é poderosa; a voz do SENHOR é cheia de majestade." Quando Deus troveja das alturas, anjos, homens, animais, demônios, a natureza, enfim, todos precisam tremer diante da sua voz, que é poderosa, e nada nem ninguém pode resistir a ela. Essa voz é tão majestosa que a própria natureza se torna o veículo de sua voz e na terra tudo a glorifica.

Em terceiro lugar, *a poderosa voz de Deus produz efeitos tremendos* (29:5-9). Davi descreverá vários efeitos fascinantes da voz de Deus, como passaremos a ver.

Primeiro, *a voz do Senhor quebra os cedros* (29:5). "A voz do SENHOR quebra os cedros; sim, o SENHOR despedaça os cedros do Líbano." A tempestade que veio do mar Mediterrâneo avança para o norte de Israel e chega às montanhas do Líbano, nas luxuriantes florestas infestadas de árvores frondosas, as mais robustas, as mais altas e as mais nobres daquele tempo. A voz de Deus é tão poderosa que as árvores mais solidamente plantadas são quebradas,

despedaçadas e moídas pela tempestade. Charles H. Spurgeon diz, acertadamente, que "Quando o Senhor envia a Palavra, ela quebra corações mais robustos que os cedros".[10]

Segundo, *a voz do Senhor faz saltar o que parece inabalável* (29:6). "Ele os faz saltar como um bezerro; o Líbano e o Siriom, como bois selvagens." Os cedros do Líbano, enraizados, solidamente plantados, saltam como bezerro, e o monte Hermom (Siriom) pula como bois selvagens como resultado da poderosa voz de Deus. Nas palavras de Spurgeon, "não só as árvores, mas as próprias montanhas se movem como se brincassem e saltassem como touros jovens ou antílopes".[11]

Terceiro, *a voz do Senhor despede chamas de fogo* (29:7). "A voz do SENHOR despede chamas de fogo." Os relâmpagos luzidios riscam os céus como um facho de luz, das alturas os trovões ribombam, o vento impetuoso sopra soberanamente e a voz poderosa de Deus despede chamas de fogo. Esse salmo é tradicionalmente usado na sinagoga no primeiro dia da festa dos Tabernáculos, que é o dia de Pentecostes,[12] o dia em que o Espírito Santo foi derramado. Ouve-se uma voz como de um vento impetuoso, e línguas como de fogo pousam sobre cada um dos 120 discípulos que estavam no cenáculo, de modo que todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas as grandezas de Deus. Oh, o fogo de Deus ilumina, purifica, aquece e alastra-se! Os metais mais duros derretem-se diante desse fogo, e os corações mais empedernidos viram cera diante do calor desse fogo. Spurgeon corrobora, dizendo:

> As labaredas de fogo acompanham a voz de Deus no evangelho, iluminando e derretendo o coração dos homens. Por meio destas, ele consome nossas concupiscências e acende em nós uma

labareda santa de amor e santidade que sempre nos inspiram. O Pentecostes é o comentário sugestivo para este versículo.[13]

Quarto, *a voz do Senhor faz tremer o deserto* (29:8). "A voz do SENHOR faz tremer o deserto; o SENHOR faz tremer o deserto de Cades." A tempestade vinda do mar, que percorreu o norte de Israel, agora desce para o sul de Israel, no deserto de Cades. Toda a terra está sendo invadida pela presença manifesta de Deus, e até mesmo o deserto de Cades com suas montanhas rochosas e seus vales profundos precisam estremecer diante da voz poderosa do Senhor.

Quinto, a voz do Senhor faz as corças darem cria (29:9). "A voz do SENHOR faz dar cria às corças..." Diante da manifestação da glória de Deus, manifestada na tempestade, que ecoa a voz de Deus, até esses animais tímidos entram prematuramente em trabalho de parto e dão cria.

Sexto, *a voz do Senhor desnuda os bosques* (29:9b). "[...] e desnuda os bosques..." A voz de Deus na tempestade é tão poderosa que os bosques luxuriantes, com seu arvoredo vistoso, são completamente desnudados, de modo que nada fica sem ser exposto.

Sétimo, *a voz do Senhor produz uma adoração cósmica* (29:9c). "[...] e no seu templo tudo diz: Glória!" Numa linguagem majestosa, Davi faz essa tempestade encerrar sua trajetória no templo, e ali toda a natureza e toda criatura se rendem e tributam a Deus a glória que lhe é devida. Allan Harman diz que o versículo 9 apresenta um contraste entre o que está acontecendo fora (trovão, relâmpago, terremoto) e o que está acontecendo no santuário de Deus.[14] Já Charles H. Spurgeon diz que o mundo inteiro também é um templo para Deus e que, quando Ele cavalga nas asas do vento, todas as coisas são vocais ao louvá-lo.

Nós também, os remidos do Senhor, que somos templos vivos para o seu Espírito, quando vemos as maravilhas do seu poder na criação e as sentimos na graça, unimo-nos a exaltar o seu nome. Nenhuma língua pode ficar muda no templo de Deus quando a glória divina é o tema.[15]

Warren Wiersbe, por sua vez, entende que, enquanto essa demonstração do poder extraordinário Deus se desenrolava, os anjos observavam com admiração e gritavam "Glória!". Os anjos aprenderam sobre a graça, a sabedoria e o poder de Deus observando o Filho de Deus quando Ele serviu aqui na terra (1Tm 3:16). Também aprenderam durante a semana da criação (Jó 38:7) e estão aprendendo nos dias de hoje ao contemplarem a igreja na terra (Ef 3:10; 1Pe 1:12). Depois que os anjos assistiram à tempestade descrita nesse salmo, exclamaram "Glória!".[16]

O Senhor está no seu trono e tem o controle das tempestades (29:10)

Warren Wiersbe diz que, ao ver a chuva e os riachos cada vez mais cheios, ao ouvir o trovão e ver os relâmpagos, Davi começa a meditar sobre o dilúvio ocorrido nos tempos de Noé (Gn 6—9) e declara: "O SENHOR preside aos dilúvios" (29:10). Era Deus quem estava no controle, e não Baal. Ele enviou a chuva, abriu as fontes das profundezas, fez a chuva parar e esperou a água escoar e a terra secar; depois tirou Noé e sua família da arca. Enquanto vê a tempestade se deslocar para Cades, Davi se regozija com o fato de que o Deus Criador do universo também está no controle das forças da natureza, não havendo, portanto, o que temer. Nesses onze versículos, Davi chama Deus dezoito vezes de "Senhor", o que significa que ele é Senhor dos céus e da

terra, é Senhor de tudo.[17] Derek Kidner acrescenta que a palavra traduzida por "dilúvios" tem significação especial, pois não se acha em outro trecho bíblico senão em Gênesis 6—9, e isso somente a respeito do dilúvio de Noé. Aqui temos o exemplo supremo das forças da natureza deliberadamente desencadeadas, demonstrando que o poder de Deus não é força bruta, mas o instrumento de julgamento e também da salvação.[18]

Será que a natureza age por si mesma? Será que é independente para manifestar-se? A resposta de Davi é um sonoro não. A tempestade é obra de Deus, e todo o seu ruído e todos os seus ouvidos são entendidos como a poderosa voz de Deus. Os céus, o mar e a terra estão sob o total controle de Deus.

Davi destaca duas verdades aqui.

Em primeiro lugar, *o Senhor preside hoje* (29:10a). "O SENHOR preside aos dilúvios..." Em outras palavras, os dilúvios não acontecem por acaso nem estão fora de controle, mas é Deus quem os preside para os seus soberanos propósitos.

Em segundo lugar, *o Senhor presidirá para sempre* (29:10b). "[...] como rei, o SENHOR presidirá para sempre." O Senhor é o mesmo ontem, hoje e para sempre (Hb 13:8). Ele nunca mudou nem mudará, e seu trono jamais será abalado, pois as rédeas do universo e da história estão em suas mãos.

As promessas do Senhor ao seu povo são consoladoras (29:11)

Davi encerra esse magnífico salmo falando de duas preciosas promessas do Senhor.

Em primeiro lugar, *o Senhor é a força do seu povo* (29:11a). "O SENHOR dá força ao seu povo..." O Senhor que recebe, como ato de adoração, glória e força, agora dá força a seu povo. O que Deus é em si mesmo (29:1), ele dá a seu povo (29:11); e, tendo conquistado vitória para eles, ele outorga sua paz. Somos fracos, mas Deus nos fortalece. Deus pode dar força a seu povo e atravessar as tempestades da vida com ele.

Em segundo lugar, *o Senhor abençoa com paz o seu povo* (29:11b). "[...] o SENHOR abençoa com paz ao seu povo." O Deus da tempestade é também o Deus da paz. O Senhor dá força na tempestade e abençoa com paz quando a tempestade se vai. Depois dos trovões, relâmpagos, vento e chuva, vem a calmaria que sempre segue a tempestade, quando o Senhor "abençoa com paz ao seu povo". Warren Wiersbe diz que Noé viu o arco-íris da aliança depois da tempestade (Gn 9:8-17), enquanto o apóstolo João o viu antes da tempestade (Ap 4:3), e Ezequiel o viu no meio da tempestade (Ez 1:26-28). Sempre temos as promessas de Deus para nos dar ânimo.[19] Há três tipos de paz: a externa, a interna e a eterna; paz temporal, espiritual e celestial. Há a paz externa, a bênção; há a paz interna, a graça; e há a paz eterna, a glória. A paz externa é a entrada aos alojamentos internos da doce paz de consciência e do descanso eterno no qual a nossa paz no céu será feliz, já que a paz externa nos oferece muitos alojamentos e ajudas para ganhar e obter um e o outro.[20]

Essa expressão final "com paz" é semelhante a um arco-íris sobre o salmo. O início do salmo nos mostra o céu aberto e o trono de Deus no meio dos cânticos de louvor angelicais, ao passo que o final mostra seu povo vitorioso sobre a terra, abençoado com paz no meio de um anúncio

terrível da sua ira. *Gloria in exelsis* é o início e *pax in terris* é o final.[21] Ou seja, o salmo que começa com "glória a Deus nas maiores alturas" termina com "paz sobre a terra".[22]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 143.
2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 593.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 163.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 143-144.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 143.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 588.
7 Ibidem.
8 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 163.
9 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 147-148.
10 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 590.
11 Ibidem.
12 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 162.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 591.
14 Harman, Allan. *Salmos*, p. 148.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 591.
16 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 144.
17 Ibidem.
18 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 147.
19 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 144.
20 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 602.
21 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 164.
22 Harman, Allan. *Salmos*, p. 148.

Capítulo 30

Quando o Senhor liberta os seus filhos

(Sl 30:1-12)

O SALMO 30 é uma expressão fervorosa de louvor a Deus por salvar Davi e seu reino de uma situação perigosa, a qual incluía enfermidade (30:2), proximidade da morte (30:3,9), a ira de Deus (30:5), choro (30:5,11) e grande agitação emocional (30:7). Fica evidente que essa tribulação afetou também Israel, pois, nos versículos 4 e 5, Davi se dirige ao povo. Ao que parece, tratou-se de uma crise nacional que Davi colaborou para desencadear por haver desobedecido à vontade de Deus e que ocorreu num tempo em que o rei estava desfrutando de tranquilidade e segurança, cheio de orgulho de si mesmo e de seu reino (30:6,7).[1]

O título declara que esse salmo é "cântico da dedicação da casa", que pode ser a casa de Deus, mas também pode ser entendida como a de Davi (2Sm 5:11) — ambas as interpretações são possíveis. Em qualquer dos casos, Davi finalmente emergiu das suas provações iniciais e entrou num período mais feliz. O prazer sincero de Davi por ter sido restaurado brilha em cada palavra, sem a passagem do tempo ser ofuscada.[2]

O comentarista bíblico Warren Wiersbe faz a seguinte análise dessas duas possibilidades:

> Se a primeira opção for a mais plausível, talvez 2Samuel 5 descreva o contexto histórico, quando Davi tomou o monte Sião e fez de Jerusalém sua capital (30:7). Todo Israel havia coroado Davi seu rei, e ele havia conquistado muitas vitórias sobre os filisteus e construído um palácio para si. Sabia que seu reino havia sido estabelecido e exaltado pelo Senhor. Esse contexto apresenta todos os elementos necessários para fazer aflorar o orgulho de Davi e, desse modo, chamar sobre ele a disciplina do Senhor. Porém, se a "casa" é uma referência ao Templo do Senhor, devemos buscar o contexto em 1Crônicas 21:1—22:1 e em 2Samuel 24. Essas passagens registram uma grande peste que feriu a nação toda quando, com um coração arrogante, Davi ordenou a realização de um censo; 70 mil pessoas morreram. Esse episódio foi motivo de grande aflição para o rei (2Sm 24:10,14), levando-o a se vestir de panos de saco e a implorar ao Senhor que tivesse misericórdia de seu povo (1Cr 22:16; 30:11). A segunda explicação parece abranger melhor os fatos envolvidos. De qualquer modo, a mensagem do salmo é clara: o Senhor perdoou Davi e o abençoou com um recomeço.[3]

Vamos, agora, examinar o texto em apreço.

Quando o Senhor livra dos inimigos (30:1)

Davi enfrentou muitos inimigos ao longo de sua vida, e seu reinado foi marcado por muitas guerras. Enfrentou traição e conspiração. Contudo, o Senhor não permitiu que seus adversários triunfassem sobre ele. Seu louvor ao Senhor é uma expressão de sua gratidão pelas retumbantes vitórias sobre seus inimigos.

Davi está exaltando o Senhor por quem Ele é e por aquilo que Ele faz. Exaltando-o por seus atributos e por suas obras. Exaltando-o porque Deus o livrou de seus inimigos. Este era o maior medo de Davi, cair nas mãos de seus inimigos. Disse ele: "Caia eu, pois, nas mãos do SENHOR, porque são muitíssimas as suas misericórdias; mas nas mãos dos homens não caia eu" (1Cr 21:13). O Diabo e todos os nossos inimigos não tiveram a permissão de alegrarem-se sobre nós, pois é o nosso defensor. Ele quebrou os nossos laços e nos libertou da fúria dos nossos inimigos.

Comentando este versículo, Spurgeon escreve:

> Davi fora resgatado como prisioneiro de um calabouço, como José fora da cova, sendo este o motivo de amar quem o resgatara. A graça nos levantou da cova do inferno, do fosso do pecado, do fundo da depressão, do leito de dor, da escravidão das dúvidas e dos medos. Não temos uma canção a oferecer por tudo isso? Até que altura o nosso Senhor nos levantou? Levantou-nos ao lugar de filhos, para sermos adotados na sua família. Levantou-nos à união com Cristo. Exaltemos bem alto o nosso Deus, porque ele nos exaltou acima das estrelas.[4]

Quando o Senhor cura a enfermidade (30:2,3)

O Senhor não apenas concedeu a Davi expressivas vitórias sobre seus inimigos, mas também o curou de suas enfermidades. Toda cura é divina. Às vezes, Deus cura pelos meios, sem os meios e apesar dos meios. Davi testemunha que, em resposta à sua oração por socorro, o Senhor o sarou, preservando-lhe a vida para que sua alma não descesse à sepultura. A expressão "da cova fizeste subir a minha alma" é bem precisa: é a expressão que se emprega a respeito de puxar um balde do fundo de um poço.[5] Nas palavras de Spurgeon, "o salmista descera à beira da sepultura, porém voltou para contar sobre a paciência de Deus".[6] Allan Harman diz que as "profundezas" das quais o salmista se ergue é, evidentemente, a enfermidade. Tivesse ele sucumbido a essa enfermidade e morrido, então seus inimigos teriam desfrutado de grande deleite.[7]

A cura divina se tornou bem mais proeminente no Novo Testamento, mas o Antigo Testamento apresenta diversos casos de cura (Êx 15:26; 23:25; Dt 7:15; 32:39; 2Rs 20:1-11; Jó 5:18; Sl 103:3; 107:20; Is 19:22; 30:26; 53:5; 57:18,19; Jr 20:17; 33:6; Os 6:1; 11:13). Purkiser diz que a igreja ainda precisa recuperar o forte sentido da relação íntima entre a saúde espiritual e física que permeia a Bíblia.[8]

Quando os santos são convocados à adoração (30:4,5)

Davi conclama o povo de Deus a adorar ao Senhor e a dar graças ao seu santo nome por sua cura e por sua restauração. A saúde restaurada do poeta era um monumento à bondade de Deus.[9] Davi sentia que sozinho não podia louvar a Deus o bastante, então recruta o coração dos outros.[10]

O salmista quer que toda a congregação partilhe com ele em louvor ao Senhor por seu livramento, demonstrando que alcançamos o propósito maior da nossa vida quando adoramos a Deus. Fomos criados para glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre, e duas são as razões mencionadas por Davi que o conduziram a conclamar o povo à adoração:

Em primeiro lugar, *porque o favor de Deus suplanta a sua ira* (30:5a). A ira de Deus é momentânea e causada somente pelo pecado; o favor de Deus é perene. Sua ira é temporária, e sua misericórdia dura para sempre. São os contrastes do versículo 5 que levam Davi a louvar: da ira para o favor de Deus; da disciplina por um momento para uma vida inteira de sua graça (Is 54:7,8).[11]

Em segundo lugar, *porque a alegria suplanta o choro* (30:5b). O choro não é permanente. Quando os tormentos da alma nos afligem nas noites escuras, a alegria brota com o raiar do novo dia. A cada manhã, as misericórdias se renovam (Lm 3:22,23). Concordo com Warren Wiersbe quando diz que o pranto é um visitante passageiro, mas o favor de Deus em sua graça permanece conosco por toda a vida. Deus não apenas substitui a tristeza pela alegria, mas também transforma esse pesar em regozijo (Jo 16:20-22).[12] Nessa mesma toada, Allan Harman diz que a tristeza é descrita como se fosse um hóspede que se introduziu em sua vida; esse hóspede logrou alojamento temporário, mas, eventualmente, é substituído pela alegria. A luz do amor de Deus expulsa a noite de tristeza e de sombras.[13]

Concordo com Spurgeon quando diz que as noites não são eternas. Quando a noite acaba, a escuridão desaparece, e noites curtas e dias alegres pedem o saltério e a harpa.[14] O choro dura só enquanto a manhã não chega. Deus tornará

as noites de inverno em dias de verão, o suspiro em sorriso, a tristeza em alegria, o lamento em música, o amargo em doce, o deserto em paraíso. A vida do cristão está cheia de alternâncias entre doença e saúde, fraqueza e força, necessidade e riqueza, desgraça e honra, cruz e consolação, miséria e misericórdia, luto e gozo.[15]

Quando a prosperidade leva à presunção (30:6)

Mais pessoas caem no pico dos montes do que nos vales profundos, e mais pessoas tropeçam na prosperidade do que na adversidade. A prosperidade pode ser um laço para os pés e também pode produzir a falsa segurança e dar à luz a presunção. Derek Kidner diz que as circunstâncias fáceis e o ponto de vista despreocupado não estão longe. A prosperidade produz descuido (Jr 22:21) e complacência fatal (Pv 1:32).[16] Spurgeon é enfático ao escrever: "Não são poucos os navios que afundam na calmaria. Não há tentação tão ruim quanto a tranquilidade".[17] O mesmo escritor alerta: "Cuidemos para que as emanações do sucesso intoxicante não nos subam à cabeça, além de nos ridicularizar".[18]

Deus precisou disciplinar Davi por causa de seu orgulho. Warren Wiersbe está certo quando escreve: "A prosperidade sem humildade pode levar à adversidade. A montanha de Davi (seu reino) parecia inabalável, mas o Senhor mostrou a Davi como ele era frágil".[19] Concordo com Purkiser quando diz que nada dissipa mais rapidamente a presunção do que o ataque de uma enfermidade, principalmente porque dinheiro e amigos podem fazer muito pouco por nós quando a enfermidade nos assola.[20]

Quando a presunção leva à disciplina (30:7)

Essa metáfora marcante que representa o reino de Davi ou suas venturas pessoais revela quanto a presunção pode nos levar ao fracasso. Deus resiste aos soberbos. Ele não só esconde o rosto dos soberbos, mas também luta contra eles. A presunção é a causa do afastamento de Deus, e o afastamento de Deus é a razão da alma conturbada. O termo hebraico traduzido por "conturbado" descreve "agonia intensa, terror, angústia" e é usado em 1Samuel 28:21 para descrever o que o rei Saul sentiu quando estava na casa da feiticeira.[21]

Spurgeon tem razão em dizer que morremos como flores murchas quando o Senhor olha com ira, todavia o seu doce sorriso nos reaviva como o orvalho refresca os campos.[22] Spurgeon prossegue dizendo que não houve necessidade de golpes: um rosto encoberto já bastou. Isso prova que Davi era um homem de Deus, porque não há encobrimento do rosto de Deus que aborreça o pecador. Fica claro que a alegria do servo de Deus depende da presença do seu Senhor, e não há montanha, por mais firme que seja, que nos faça descansar quando a nossa comunhão com Deus está interrompida e o seu rosto encoberto de nós.[23]

Davi enfrentou muitas perdas, mas nenhuma lhe deixou tão triste e lhe sacudiu tanto o espírito quanto a perda da face de Deus, a perda do favor de Deus. Nas palavras de Spurgeon, "as aflições externas causam apenas leves escoriações, mas esta fere profundamente, deixando em carne viva".[24]

Quando a disciplina leva à oração (30:8-10)

Ao ser disciplinado por Deus, Davi clama e implora ao Senhor. Concordo com Spurgeon quando diz que a oração

é o recurso infalível do povo de Deus. Se eles são levados a uma situação em que não sabem o que fazer, ainda podem ir à presença do Senhor em oração. Quando um terremoto faz a nossa montanha tremer, o trono da graça ainda permanece firme, e podemos ir a ele.[25]

Davi argumenta com Deus em sua oração. Arrazoa com o Altíssimo. Sua morte não terá qualquer benefício, por isso roga o auxílio divino, e sua argumentação é parecida com a de Ezequias em Isaías 38:18,19. Não haveria proveito para o Senhor na morte de seu servo. Davi lutou com o anjo da aliança, fazendo alegações veementes, e então prevaleceu. Cabeça e coração, juízo e sentimento, memória e intelecto estavam em ação para apresentar o caso corretamente perante o Deus de amor.[26]

Concordo com Derek Kidner quando escreve: "Davi não passa de um necessitado que não tem outro recurso senão apelar para a graça de Deus".[27]

Quando Deus escuta a oração e restaura aquele que foi disciplinado (30:11)

Davi testemunha a intervenção poderosa de Deus em sua vida, apresentando três evidências.

Em primeiro lugar, *o Senhor converteu seu pranto em folguedo.* O choro foi substituído pela dança da alegria. Oh, como são doces as consolações de Deus! Ele não só enxuga as lágrimas, mas transforma nossas circunstâncias adversas em fontes de consolo para muitos outros (2Co 1:3,4).

Em segundo lugar, *o Senhor tirou o seu pano de saco.* Davi deixa a humilhante prostração para celebrar com entusiasmo ao Senhor. Deus o tirou da cova para as alturas excelsas, o arrancou da prostração para a honra.

Em terceiro lugar, *o Senhor o vestiu de alegria.* A alegria do Senhor é a nossa força, pois Ele tira os nossos pés do pântano, firma-os sobre uma rocha, unge-nos com o óleo da alegria e coloca em nossos lábios um hino de louvor.

Quando a restauração desemboca em louvor ao Senhor (30:12)

As manifestações poderosas de Deus na vida de Davi produziram nele um louvor abundante, de modo que ele se pôs a cantar louvores ao Senhor sem se calar. Mas ele agora quer dar graças ao Senhor para sempre. Nas palavras de Derek Kidner, "neste final do salmo, Davi volta ao tom exuberante dos versículos 1-5, ressaltado pelas lembranças disciplinadoras dos versículos 6-11".[28]

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 144-145.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 147-148.
3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 145.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 605.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 148.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 606.
7 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 149.
8 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 165.
9 Ibidem.
10 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 606.
11 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 145.
12 Ibidem, p. 146.
13 Harman, Allan. *Salmos*, p. 150.

[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 607.
[15] Ibidem, p. 614.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 148.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 607.
[18] Ibidem, p. 608.
[19] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 146.
[20] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 165.
[21] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 146.
[22] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 607.
[23] Ibidem, p. 608.
[24] Ibidem, p. 617.
[25] Ibidem, p. 608.
[26] Ibidem, p. 609.
[27] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 149.
[28] Ibidem.

Capítulo 31

As quatro estações da alma

(Sl 31:1-24)

Esse salmo causou impressão em mais do que uma personagem bíblica de modo suficientemente profundo para vir à mente em momentos de crise suprema. Jonas faz uso dele em sua oração (Jn 2:6); Jeremias ficou impressionado com uma frase do versículo 13; o versículo 5 emprestou linguagem a Jesus para sua sétima palavra na cruz; e, na velhice, o escritor do salmo 71, possivelmente o próprio Davi, começou sua oração com a substância dos versículos 1-3. Esse fato ilustra o papel dos salmos, que satisfazem uma grande variedade de necessidades humanas além dos limites do culto formal e das experiências originais do autor.[1]

O contexto do salmo nos leva a encaixá-lo no período em que Absalão havia se rebelado para tomar o trono de Davi e tirar-lhe a vida. Nesse tempo, Davi foi vítima de conspiração, traição e maledicência. Bocas mentirosas espalharam boatos maldosos sobre ele.

O salmo 31, escrito por Davi, é uma alternância impressionante de lamento e louvor. É um grande cântico de confiança que, por meio de muita luta e lágrimas, alcança o triunfo. Esse salmo retrata as quatro estações da alma: o outono (31:1-8), com seus ventos e suas nuvens espessas, ainda desfrutando da luz do sol e de uma frutificação próspera, embora o cheiro da morte esteja por todo lado. O inverno (31:9-13), o abatimento e a insensibilidade, cheio de soluços e suspiros. A primavera (31:14-18), com sua esperança e expectativa, suas chuvas impetuosas e o irromper de lampejos do sol. O verão (31:19-24), alegre e dourado, trazendo em suas asas vitória e celebração. Precisamos dessas quatro estações para completar nosso ano.[2]

O outono da alma — a confiança em Deus (31:1-8)

O salmo descreve tempos tenebrosos na vida de Davi, o qual está enfrentando a fúria de seus inimigos, a traição dos seus amigos e a feiura de seus pecados. Apesar desse cenário cinzento, ele ousa confiar em Deus, e, nesse sentido, destacamos sete lições sobre a fase outonal da alma.

Em primeiro lugar, *um refúgio confiável* (31:1). Davi está encurralado pelos inimigos, mas ele declara sua confiança no Senhor como seu refúgio, tendo em vista que não tem outro abrigo para correr senão para os braços do Senhor. Ele roga ao Senhor para não ser envergonhado e, por isso, pede livramento não por causa de seus méritos, mas fiado

na justiça divina. Concordo com Spurgeon quando escreve: "Enquanto Deus for justo, a fé jamais se mostrará fútil e fanática".[3]

Em segundo lugar, *um pedido confiante* (31:2). Davi está em apuros, sua vida corre perigo, por isso roga ao Senhor para inclinar a ele seus ouvidos e livrá-lo depressa, colocando-o num castelo forte e numa cidadela fortíssima. Isso nos prova que o Senhor considera frequentemente os choros e gemidos mais fracos do seu povo mais pobre.

Em terceiro lugar, *uma confiança inabalável* (31:3). Davi confessa que o Senhor é a sua rocha e fortaleza, e ele está convencido de que o Senhor o conduzirá e o guiará não por seus méritos pessoais, mas por causa do próprio nome de Deus. Nas palavras de Spurgeon, "nosso apelo não é feito a alguma virtude imaginada em nosso nome, e sim à bondade gloriosa e generosidade que brilha magnificamente no caráter do Deus de Israel".[4]

Em quarto lugar, *um livramento certo* (31:4). Os inimigos de Davi eram espertos e também poderosos; portanto, se não pudessem vencê-lo pela força, eles o capturariam pela trapaça. Os inimigos lhe armaram laços ocultos, mas desses laços Deus o livrou, pois o próprio Deus era sua fortaleza. A vitória de Davi não foi resultado de sua estratégia militar, mas fruto do livramento divino. Spurgeon diz que os nossos inimigos espirituais são da mesma espécie dos inimigos de Davi — são da ninhada da serpente e buscam nos enlaçar com as suas fraudes.[5]

Em quinto lugar, *uma entrega confiante* (31:5). Davi entrega nas mãos de Deus o seu espírito, pois tem plena confiança de que foi remido pelo Senhor, o Deus da verdade. Ele entrega seu espírito nas mãos de Deus, pois dele

veio e dele é. O que confiamos ao Senhor está seguro, e isso significa viver com calma e morrer com glória. Essas palavras vivas de Davi foram as palavras expirantes do nosso Senhor: "Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou" (Lc 23:46). Pedro também toma essa ideia emprestada: "Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem" (1Pe 4:19). Warren Wiersbe diz que o termo "encomendar" significa "depositar, confiar à proteção, como quem coloca dinheiro num banco".[6] Essas palavras têm sido usadas frequentemente pelos santos na hora da morte[7] — foram as últimas palavras de Policarpo de Esmirna, Jan Huss, Jerônimo de Praga, Martinho Lutero, Filipe Melâncton e muitos outros.[8]

Em sexto lugar, *uma fé sincera* (31:6). Davi sabe que Deus aborrece aos que adoram deuses falsos e ídolos vãos. A frase "ídolos vãos" ocorre somente nesse versículo e em Jonas 2:8 e refere-se a deuses falsos que frustram seus adoradores.[9] A idolatria é abominável, pois muda a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis (Rm 1:23). Nesse panteão de deuses falsos, Davi reafirma sua confiança em Deus. Aquele que não cultua ao Deus vivo e verdadeiro está enganando a si mesmo, dando atenção supersticiosa a uma mentira e aguardando com ansiosa esperança uma ilusão desprezível.[10]

Em sétimo lugar, *uma alegria justificável* (31:7,8). Davi se alegra pelas benignidades passadas e agradece pelas benignidades futuras, as quais ele antecipa pela fé. Ele se regozija na benignidade de Deus, porque, mesmo vendo sua aflição e conhecendo as angústias de sua alma, não o entregou

nas mãos do inimigo; ao contrário, firmou seus pés num lugar espaçoso, dando-lhe ampla vitória. O Senhor não faz mal juízo do seu povo quando seu rosto está emagrecido pela doença ou seu coração pesado pelo desânimo, pois Ele conhece nossas angústias e nos assiste em nossas fraquezas. O crente não está nas mãos da morte ou do Diabo, muito menos está no poder do homem. O inimigo pode obter vantagem temporária sobre nós, mas somos como um homem na prisão com as portas abertas, por isso podemos nos alegrar. Concordo com Spurgeon quando diz que não precisamos nos conter em nossos triunfos santos; ou seja, podemos beber essa bebida em tigelas sem medo de ingerirmos em excesso.[11]

O inverno da alma — a tribulação esmagadora (31:9-13)

Existe uma mudança brusca no tom a partir do versículo 9, pois entramos no inverno da alma, "cheio de soluços e suspiros".[12] Davi descreve o inverno da alma ao tratar de suas angústias, suas tristezas, seus pecados, seu abandono e a conspiração dos inimigos, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *assolado por tribulação e tristeza* (31:9). A tribulação é um peso esmagador, é um rolo compressor, e, como resultado desse esmagamento, a tristeza cobriu-o como um manto. Davi está desolado física e emocionalmente, e sua alma e seu corpo estão afetados pela tristeza que consome seus olhos. Ele não reivindica direitos; pede clemência. Spurgeon tem razão em dizer que a miséria comove a misericórdia, não havendo mais necessidade de argumentações. "Compadece-te de mim" é a oração. O argumento é tão prevalecente quanto claro e pessoal: "[Sinto-me] atribulado".[13]

Em segundo lugar, *atormentado pelas iniquidades* (31:10). Davi confessa que sua vida é gasta em tristeza, e seus anos em gemidos. Suas próprias forças se esgotam, e seus ossos se consomem por causa de sua iniquidade. Esse é o único lugar no Salmo em que se faz menção do pecado pessoal do salmista — o pecado, na verdade, é o pior de todos os males. Nosso maior inimigo é o pecado, pois ele traz desgosto e fracasso, produz tristeza e doença, e gera fraqueza e morte.

Em terceiro lugar, *atordoado pelo desprezo* (31:11). Davi tornou-se opróbrio para todos os seus adversários, espanto para seus vizinhos e horror para seus conhecidos. Até mesmo os que o viam na rua fugiam dele. A desdita de Davi era como música aos ouvidos de seus inimigos, e assim aconteceu também com nosso glorioso Redentor. Na hora de sua angústia, no Getsêmani, seus discípulos o abandonaram: Judas o traiu, Pedro o negou, e ele foi esbordoado e cuspido pelos líderes religiosos.

Em quarto lugar, *esquecido como morto* (31:12). Os inimigos de Davi já o tinham na conta de um homem morto e olhavam para ele como um vaso quebrado, inútil e imprestável. Esse fato serve-nos de alerta, pois a popularidade de um homem pode evaporar-se do dia para a noite, tanto que até mesmo amigos íntimos de Davi viraram as costas para ele. Quando ele estava fugindo, humilhantemente, descalço, de noite, Simei amaldiçoava Davi, dizendo: "Fora daqui, fora, homem de sangue, homem de Belial" (2Sm 16:7).

Em quinto lugar, *trama de morte* (31:13). O que chegava aos ouvidos de Davi eram coisas apavorantes. Murmuração de muitos, terror por todos os lados, conspiração e trama para tirar sua vida. Davi estava encurralado por circunstâncias

medonhas, sitiado por inimigos perigosos, ameaçado por aqueles que desejavam tirar-lhe a vida.

A primavera da alma — a oração que prevalece (31:14-18)

Davi enfrenta os dramas da vida com oração e confiança em Deus. Destacamos três lições importantes:

Em primeiro lugar, *a fé em Deus, o antídoto contra o medo* (31:14,15). Davi confia em Deus, e não em seus recursos. Nas tempestades da vida, não há uma canção mais doce do que dizer: "Tu és o meu Deus". Davi reconhece que os seus dias estão nas mãos de Deus, e, em virtude desses fatos auspiciosos, ele roga a Deus para livrá-lo de seus inimigos e perseguidores. Nas palavras de Spurgeon, "contanto que a nossa fé, que é o nosso escudo, esteja segura, a batalha pode ficar renhida, mas o resultado final é nossa vitória garantida, pois não somos refugos boiando no oceano do destino. Somos guiados pela sabedoria infinita ao porto desejado. A providência é um travesseiro macio para a cabeça ansiosa, um analgésico para o cuidado, uma sepultura para o desespero".[14]

Em segundo lugar, *a misericórdia de Deus, a causa da vitória sobre os inimigos* (31:16,17). Davi roga a Deus a bênção araônica: "Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo" e emenda "salva-me por tua misericórdia". Se temos a luz do céu em nossa alma, desafiaremos as tempestades da terra. O salmista pede ao Senhor que suas orações sejam ouvidas para que não venha a ser envergonhado diante dos perversos, ou seja, que suas orações não sejam motivo de vergonha. Sua oração é que os perversos sejam cobertos de vergonha e baixem à sepultura emudecidos; e, como diz

a Escritura: "Amou a maldição; ela o apanhe; não quis a bênção; aparte-se dele" (Sl 109:17).

Em terceiro lugar, *a retribuição divina, a confiança do justo* (31:18). Davi pede para Deus emudecer os lábios mentirosos, que falam insolentemente contra o justo, ou seja, aqueles que, com arrogância, desdenham do justo. É um fato que aqueles que nutrem pensamentos soberbos acerca de si mesmos de igual modo alimentam estimativas humilhantes acerca dos outros.

O verão da alma — o triunfo dos que esperam no Senhor (31:19-24)

O ciclo das estações entra agora no verão "alegre e dourado". O salmista se manifesta em louvor puro, expressando o triunfo que surge da tribulação por meio da verdade.[15] Davi encerra esse salmo contando as poderosas intervenções de Deus em sua vida. Allan Harman diz que o salmo avança rumo a um belo reconhecimento das misericórdias do Senhor e da convocação de todos os santos de Deus a amá-lo.[16] Vejamos.

Em primeiro lugar, *a grande bondade de Deus reservada aos que o temem* (31:19). Deus tem um reservatório inesgotável de bondade destinado aos que o temem, e essa bondade é usada perante os filhos dos homens àqueles que temem o nome do Senhor. Spurgeon diz que o salmista em contemplação divide a bondade de Deus em duas partes: uma que está em estoque e outra que está à mostra. O Senhor estocou para o seu povo suprimentos muito além da conta. Nos cofres da aliança, nos campos da redenção, nos porta-joias das promessas, nos silos da providência, o Senhor abasteceu suprimentos para atender a todas as necessidades

que possam ocorrer com os seus eleitos. Sempre levemos em conta a bondade estocada de Deus que ainda não foi distribuída para os eleitos, mas já lhes foi provida.[17]

Em segundo lugar, *a preservação divina da trama dos homens maus* (31:20). Davi declara que aqueles que se refugiam em Deus são escondidos no recôndito de sua presença, contra as tramas dos homens e a língua contenciosa. A língua é um veneno incontido, uma fera indomável, um fogo destruidor. A língua dos homens é mais temível que as feras mais selvagens, é como uma matilha de lobos, como uma ninhada de serpentes, mas o Senhor nos guarda até dessa trama cruel.

Em terceiro lugar, *a gratidão a Deus pelo seu livramento* (31:21,22). Davi bendiz ao Senhor por sua imensa misericórdia, pois estava sitiado pelo inimigo. Chegou a pensar que estava excluído da presença do Senhor, mas, apesar de sua angustiante situação, Deus ouviu o seu clamor e o resgatou, revertendo a situação e lhe dando a vitória.

Em quarto lugar, *o imperativo de amar ao Senhor* (31:23). Davi não apenas expressa sua devoção a Deus, mas conclama todos os seus santos a amar ao Senhor. Nas palavras de Harman, "uma experiência da misericórdia de Deus leva a um desejo de ver outros participando dela".[18] O imperativo para amar a Deus é seguido de duas razões eloquentes: o Senhor preserva os fiéis e retribui com largueza ao soberbo. Concordo com Spurgeon quando diz: "O amor é a dívida universal de toda a família dos salvos".[19]

Em quinto lugar, *a ordem para ser forte e revigorar o coração* (31:24). Davi conclui esse magnífico Salmo conclamando os santos, todos os que esperam no Senhor, a serem fortes e a revigorarem o coração, pois, se o medo debilita,

a coragem fortalece. O coração é o castelo de onde a coragem comanda. A Bíblia descreve o homem valente como aquele cujo coração é como o coração de leão (2Sm 17:10). Derek Kidner diz que, seja como for, não se trata de uma promessa de pôr fim aos problemas, mas de dar forças para enfrentá-los (Lc 22:42,43).[20]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 149-150.
2 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 166.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 623
4 Ibidem, p. 624.
5 Ibidem.
6 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 147.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 625.
8 Ibidem, p. 634.
9 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 152.
10 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 625.
11 Ibidem, p. 626.
12 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 167.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 627.
14 Ibidem, p. 629.
15 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 168.
16 Harman, Allan. *Salmos*, p. 154.
17 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 631.
18 Harman, Allan. *Salmos*, p. 155.
19 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 632.
20 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 152.

Capítulo 32

A felicidade daquele que é perdoado por Deus

(Sl 32:1-11)

Esse é um salmo de Davi, que foi escrito para registrar sua experiência de pecado, sofrimento, confissão, perdão e restauração. É certo que Davi tem em vista o adultério que cometeu com Bate-Seba e seus maliciosos expedientes para se livrar das consequências de sua loucura (Pv 6:32). Como um abismo chama outro abismo, Davi mandou matar Urias, o marido de Bate-Seba, casou-se com ela e encobriu o seu pecado. Três foram os pecados de Davi: adultério, homicídio e dissimulação (2Sm 11—12).[1]

Seu silêncio, porém, fez ecoar todas as vozes de sua consciência, e, enquanto tentou esconder sua transgressão, a mão

de Deus foi pesando sobre ele dia e noite. Seus ossos secaram, e seu vigor tornou-se em sequidão de estio. Tornou-se embrutecido como um cavalo e teimoso como uma mula, até que Deus enviou a ele o profeta Natã, o qual o confrontou, destampou sua ferida e trouxe à luz o seu pecado. Davi arrependeu-se e reconheceu que havia pecado contra Deus. O Senhor o perdoou e restaurou sua sorte. O salmo é a narrativa dessa saga de Davi. Vejamos.

A felicidade do perdão (32:1,2)

Davi introduz o salmo falando da alegria do perdão. Inicia como nas bem-aventuranças, fazendo referência à grande felicidade dos salvos, pois o que pode produzir maior alegria do que o perdão de Deus? Que felicidade pode ser comparada àquela do homem que outrora, prisioneiro da culpa e esmagado pela mão de Deus, agora sente-se perdoado e restaurado por Deus?

Allan Harman diz que o tema central desse salmo é a graça soberana de Deus em perdoar o pecado. Paulo fala dela quando ilustra: "E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado" (Rm 4:6-8).[2] Charles Swindoll diz que o tema desse salmo é "a paz depois do perdão".[3] Há quatro realidades da alegria do perdão aqui, as quais veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *feliz é aquele cuja transgressão é perdoada* (32:1). A palavra *peshah,* traduzida por "transgressão", é o termo mais forte e sério do Antigo Testamento

para a maldade pessoal, e seu significado básico é rebelião, alta traição contra o soberano. Warren Wiersbe diz que essa palavra significa "passar dos limites ou se rebelar contra Deus".[4] Quando a rebelião é perdoada (*nasa*) ou retirada, o rebelde é restaurado ao seu lugar de direito como um subordinado obediente do seu Senhor celestial (Rm 5:1). Para retirar o pecado, o Salvador suou sangue e suportou o castigo da lei, o que lhe custou a vida. Nas palavras de Spurgeon, "o perdão total, instantâneo e irreversível da transgressão torna o inferno do pobre pecador em céu, fazendo do herdeiro da ira um participante da bem-aventurança".[5] Charles Swindoll diz que o perdão de Deus lavou não apenas os pecados de Davi, mas também silenciou a culpa que o atormentava.[6]

Em segundo lugar, *feliz é aquele cujo pecado é coberto* (32:1). A palavra *chattah,* traduzida por "pecado", significa sair do caminho, errar o alvo, não viver dentro dos padrões determinados por Deus.[7] Quando o pecado é coberto (*kacah*), apagar, ocultar ao preencher uma lacuna, o fracasso e o vazio são supridos pela plenitude do Senhor. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote aspergia o sangue do sacrifício sobre o propiciatório e, com isso, cobria os pecados que o povo havia cometido. Spurgeon diz que aquele que outrora viu o pecado na sua deformidade horrível apreciará a felicidade de não o ver mais para sempre. A expiação de Cristo é a propiciação, a cobertura, o encerramento do pecado, e, quando isso ocorre e é crido, a alma sabe que agora foi aceita no Amado e desfruta então de uma bem-aventurança consciente, a qual é o antegozo do céu.[8]

Em terceiro lugar, *feliz é aquele a quem o Senhor não atribui iniquidade* (32:2). A palavra *awon,* traduzida por "iniquidade", significa depravação ou distorção moral,[9]

bem como comportamento tortuoso e perversão.[10] Quando Deus "não imputa", significa que ele não atribui culpa ou absolve.[11] Warren Wiersbe diz que esse é um termo da contabilidade que significa "colocar na conta, acrescentar ao registro". Quando confessamos nossos pecados, Deus cancela a dívida e a remove de seus registros, ou seja, essas dívidas "não contam mais", pois Jesus, nosso substituto, pagou por elas na cruz, e seu sangue limpa todo o registro, bem como o coração do transgressor.[12]

Em quarto lugar, *feliz é aquele em cujo espírito não há dolo* (32:2). Isso sugere uma confissão completa que traz purificação de todo engano e hipocrisia. A maior hipocrisia de todas é a negação do pecado por parte daquele que não foi perdoado.[13] O dolo tem a ver com dissimulação, e Davi tentou encobrir seus pecados e fingir que nada havia acontecido, mas o Senhor o disciplinou até ele confessar que havia pecado. Concordo com Spurgeon quando diz que o perdão não é uma fraude, e a paz que traz não é causada ludibriando a consciência. A autoilusão e a hipocrisia não ocasionam a bem-aventurança, mas o perdão livra da culpa e do engano. A deslealdade, a falsidade, o engano, a trapaça e a dissimulação são características dos filhos do Diabo, mas aquele que é lavado do pecado é verdadeiro, honesto, simples e inocente.[14]

A infelicidade da impenitência (32:3,4)

Davi adulterou, assassinou, dissimulou e fingiu que nada tinha acontecido. Insensatamente tentou manter as aparências. Escondeu seu pecado, e isso por quase um ano. Mesmo sendo açoitado pela culpa, mesmo sendo esmagado sob a mão de Deus, não destrancou a câmara de horror de seu

coração, de modo que seu espírito foi ficando abatido, foi definhando, até que Deus enviou-lhe o profeta Natã para confrontá-lo. Vejamos quais foram as consequências de sua impenitência.

Em primeiro lugar, *seus ossos ficaram envelhecidos pelos seus constantes gemidos* (32:3). O pecado tem um efeito devastador no corpo. Allan Harman diz que o verbo usado em relação a seus ossos é usado normalmente para roupas usadas e rotas (Js 9:13).[15] Deus não permite que seus santos pequem impunemente, pois o pecado é um azorrague impiedoso; é um chicote implacável que atormenta o homem e o leva a adoecer física, emocional e espiritualmente. Davi sentiu seus ossos envelhecendo, e sua estrutura mais sólida, as colunas do seu corpo, estavam desmoronando, pois o pecado é uma doença devastadora, um fogo nos ossos. Warren Wiersbe, citando John Donne, escreve: "O pecado é uma serpente, e aqueles que o encobrem mantêm aquecido esse réptil venenoso para que possa picar com mais violência e espalhar seu veneno e malignidade de modo mais eficaz".[16]

Spurgeon destaca que Davi ficou calado quanto à confissão, mas não quanto à tristeza, de modo que o horror à sua grande culpa levou Davi a lamentos incessantes até que a voz já não era como a fala articulada do homem, mas cheia de suspiros e gemidos que se assemelhavam ao bramido de um animal ferido.[17]

Em segundo lugar, *a mão de Deus pesava dia e noite sobre ele* (32:4). A mão de Deus pode ser nossa fonte de maior consolo ou a vara da nossa disciplina mais severa, e Deus pode tanto nos amparar em seus braços como pesar sobre nós a sua mão. Deus não permite que tenhamos conforto

no pecado, porque não abre mão de nossa vida, não permite que o pecado nos seja prazeroso. O pecado é maligníssimo, pois promete prazer e paga com desgosto, oferece liberdade e escraviza, fala de vida e mata. O pecado levará você mais longe do que gostaria de ir, reterá você mais tempo do que gostaria de ficar e custará a você um preço mais alto do que gostaria de pagar. Concordo com Charles Swindoll quando diz: "O pecado oculto não pode coexistir com a paz interior".[18]

Em terceiro lugar, *o seu vigor tornou-se em sequidão de estio* (32:4). O pecado abate o espírito, entristece o coração e enfraquece o corpo, fazendo nosso vigor tornar-se como uma relva rala do deserto, crestada pelo sol. A culpa é para a consciência aquilo que a dor é para o corpo e traz não apenas sofrimento, mas também enfraquecimento.

A importância da confissão (32:5)

Duas verdades fundamentais são aqui destacadas: a confissão e o perdão.

Em primeiro lugar, *a confissão, o caminho do perdão* (32:5). Ao ser confrontado pelo profeta Natã, Davi não foge mais. Ele confessa a Deus o seu pecado e não oculta mais a sua iniquidade. Destampa as cavernas da alma, espreme o pus infecto que o debilitava e permite que a Palavra de Deus lancete os abscessos de seu coração. Nenhum expediente psicológico nem qualquer divã da psiquiatria podem aliviar a consciência da culpa do pecado; entretanto,quando o pecador se arrepende e confessa o seu pecado, o fardo da transgressão é removido, a dívida é cancelada, o que estava distorcido se endireita e o Senhor não registra os pecados

do transgressor. Nas palavras de Spurgeon, "o bisturi tem de agir na úlcera supurada antes de haver alívio".[19]

Em segundo lugar, *o perdão, o resultado da confissão* (32:5). A Escritura diz que aquele que encobre as suas transgressões jamais prosperará, mas aquele que as confessa e deixa alcançará misericórdia (Pv 28:13). Onde há arrependimento e confissão, aí há perdão. Warren Wiersbe diz que "perdoar" quer dizer "remover um fardo"; o perdão é retratado pelo "bode expiatório" no Dia da Expiação, pois esse animal simbolicamente "carregava" os pecados do povo para o deserto (Lv 16:20-22; Sl 103:12; Jo 1:29).[20]

O impacto da obediência (32:6,7)

Quando o cristão se submete à autoridade da Palavra, reconhecendo seus pecados, confessando-os e abandonando-os, isso encoraja outros cristãos a confiar na graça perdoadora de Deus, pois, como se diz, onde alguém acha uma pepita de ouro, outros se sentem inclinados a cavar. Nas palavras de Allan Harman, "tendo experimentado o perdão pessoal, o salmista agora quer que outros busquem também o Senhor".[21] Algumas verdades preciosas devem ser aqui enfatizadas.

Em primeiro lugar, *um cristão arrependido é um exemplo para outros cristãos* (32:6a). Quando escondemos nosso pecado, tornamo-nos pedra de tropeço para os outros e um flagelador de nós mesmos, mas, quando nos submetemos à autoridade das Escrituras e nos arrependemos e confessamos nosso pecado, isso estimula outras pessoas a buscarem a Deus e a fazerem súplicas a ele. Nas palavras de W. T. Purkiser, "a fidelidade passada de Deus justifica nossa

confiança em que Ele será encontrado quando o buscarmos de todo o coração".[22]

Em segundo lugar, *um crente perdoado é poupado das tempestades da vida* (32:6b). As águas transbordam, as tempestades açoitam, os ventos furiosos fuzilam, mas quem está em paz com Deus, pacificado pelo perdão divino, é poupado desse dilúvio.

Em terceiro lugar, *um crente perdoado tem Deus como seu esconderijo* (32:7a). Uma poderosa inversão aconteceu. Antes, Deus pesava sua mão sobre ele sem pausa, mas, agora, Deus é seu esconderijo, onde encontra abrigo de toda culpa e de todo temor. Davi não diz: "Tu és um esconderijo", como se fosse apenas um lugar entre muitos, ou: "Tu és o esconderijo", como se fosse o único, mas "Tu és o *meu* esconderijo". E é nesse ponto que está toda a excelência do texto. "Ele é meu. Eu aceito a oferta da sua salvação". Davi diz: "Eu recorro a ele pessoalmente. Eu, como pecador, me abrigo no seu amor e em sua compaixão. Eu me coloco debaixo das suas asas. Eu me cubro com as vestes da sua justiça".[23]

Em quarto lugar, *um cristão perdoado é poupado do sofrimento e cercado de cânticos de livramento* (32:7b). Deus não somente preserva da tribulação, mas também cerca o homem perdoado de alegres cantos de livramento. Deus tira os pés do homem perdoado do charco, firma seus pés sobre uma rocha e coloca em seus lábios alegres cânticos de vitória.

A instrução da graça (32:8,9)

Davi deixa de falar, e agora quem fala é o Senhor, dando-lhe instruções preciosas.

Em primeiro lugar, *um conselho positivo* (32:8). Quando o homem esconde seu pecado, automaticamente ele foge e tem medo de Deus, mas, quando se arrepende, confessa e abandona o pecado, e seus ouvidos tornam-se inclinados a ouvir a instrução divina. Em outras palavras, ele passa a ser ensinável.

Em segundo lugar, *um alerta necessário* (32:9). O pecado embrutece o homem e tira seu entendimento, tornando-o o homem teimoso. Por causa do pecado, o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, age como um animal irracional, comporta-se como um cavalo e uma mula que precisa de freios para governá-los.

O contraste profundo (32:10)

Davi volta a falar e traça um contraste profundo entre o ímpio e aquele que confia no Senhor.

Em primeiro lugar, *o ímpio terá que curtir muito sofrimento* (32:10a). O homem que não reconhece seus pecados nem se humilha sob a poderosa mão de Deus sofrerá as consequências amargas de suas transgressões. Para esses, *não há descanso*, pois eles serão atormentados no tempo e na eternidade. Spurgeon diz que, "como cavalos e mulas que recusam submeter-se, os ímpios têm muitas lacerações e contusões. As suas alegrias são evanescentes, e as suas tristezas se multiplicam e se aprimoram — em outras palavras, os ímpios têm uma colmeia de vespas ao redor — as muitas dores".[24]

Em segundo lugar, *o que confia no Senhor será assistido pela misericórdia* (32:10b). Oh, a misericórdia do Senhor não tem fim. Ela se renova a cada manhã, de modo que somos poupados, perdoados, justificados, restaurados ao

pleno favor divino. Só existem dois caminhos, duas escolhas, dois destinos. Então, faça a sua escolha! Mas faça isso com sabedoria.

A ordem expressa (32:11)

Davi conclui esse salmo conclamando o povo de Deus a se alegrar no Senhor. Os justos, aqueles cujos pecados foram cobertos e a quem não foi atribuída iniquidade, devem se regozijar. Os retos de coração devem exultar no Senhor. Nas palavras de Charles Swindoll, "abandone o mergulho para baixo, no pecado profundo, sombrio, retorcido e que faz loucuras, mantendo um andar reto, sendo honesto diante de Deus e dos homens".[25]

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 148.
2 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 155.
3 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 119.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 149.
5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 654.
6 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 123.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 149.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 654.
9 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 169.
10 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 121.
11 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 169.
12 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 149.
13 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 169.
14 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 655.

[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 156.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 149.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 655.
[18] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 124.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 656.
[20] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 149.
[21] Harman, Allan. *Salmos*, p. 157.
[22] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 170.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 673.
[24] Ibidem, p. 658.
[25] Swindoll, Charles R. *Vivendo os Salmos*, p. 126.

Capítulo 33

Adoração, a missão mais nobre dos salvos

(Sl 33:1-22)

Esse é um salmo de adoração. Ele não tem título nem autor mencionado, mas é dos mais belos poemas sacros, tratando de um dos temas mais sublimes das Escrituras, a adoração ao Deus Criador, ao Deus da providência e ao Deus da redenção. Derek Kidner diz que a parte principal do salmo se ocupa com o Senhor como Criador, Soberano, Juiz e Salvador, ao passo que o começo e o fim expressam dois elementos da adoração: o sacrifício do louvor, prestando honrarias ao Rei tão grandioso, e uma declaração de confiança, feita em expectativa humilde.[1]

Warren Wiersbe destaca o fato de que os verbos desse salmo estão no plural, o

que significa que o cântico envolvia a comunidade de adoradores no santuário. O líder os chamava para adorar (33:1-3), o coral dirigia a congregação no louvor ao Senhor, e todos terminavam com a declaração de fé nos versículos de 20 a 22. Exceto pela oração no versículo 22, o salmo todo é dedicado exclusivamente ao louvor e serve como excelente modelo para aqueles que desejam louvar ao Senhor.[2]

Quatro verdades magnas são tratadas nesse salmo: a identidade do adorador (33:1), o caráter da adoração (33:2,3), a razoabilidade da adoração (33:4-19) e a consequência da adoração (33:20-22).

A identidade do adorador (33:1)

Só aqueles que foram perdoados por Deus e declarados justos podem adorar a Deus, pois o Senhor não busca adoração, mas adoradores que o adorem em espírito e em verdade. Sobre isso, duas verdades são destacadas aqui.

Em primeiro lugar, *a adoração a Deus é a maior alegria dos justos* (33:1a). "Exultai, ó justos, no SENHOR!..." Os justos, aqueles que foram justificados pela fé, são conclamados a celebrar ao Senhor com uma alegria exuberante. A ideia aqui é de gritar de alegria. Spurgeon chegou a dizer que "a alegria é a alma do louvor".[3] E ainda alerta: "Alegrarmo-nos no bem-estar temporal é perigoso, alegrarmo-nos em nós mesmos é tolice, alegrarmo-nos no pecado é fatal, mas alegrarmo-nos em Deus é celestial".[4]

Em segundo lugar, *a adoração a Deus é o mais alto dever dos justos* (33:1b). "[...] Aos retos fica bem louvá-lo." Os ímpios não podem louvar a Deus. Aqueles que permanecem, rebeldemente, em seus pecados não podem louvar a Deus, mas aos retos fica bem louvá-lo. Louvar a Deus é um

privilégio exclusivo daqueles que foram justificados e vivem na retidão.

O caráter da adoração (33:2,3)

Esta é a primeira vez, no livro de Salmos, que aparece instrumentos musicais na adoração. Destacamos alguns pontos aqui.

Em primeiro lugar, *a adoração é ao Senhor, e não ao homem* (33:2). "Celebrai o SENHOR..." O objeto da adoração é o Senhor, e não o homem, pois Ele não divide sua glória com ninguém; nesse sentido, toda glória dada ao homem é vanglória, é glória vazia, é idolatria.

Em segundo lugar, *a adoração é apresentada com cânticos e acompanhamento musical* (33:2). "Celebrai o SENHOR com harpa, louvai-o com cânticos no saltério de dez cordas." A adoração no santuário incluía o uso de vozes e de instrumentos (1Cr 25). A harpa é um instrumento muito antigo, e Davi era um grande harpista. Os instrumentos musicais foram introduzidos no culto como forma de acompanhamento do cântico, pois Deus é digno de receber adoração; sendo assim, a verdadeira música vem de Deus e volta para Deus (Sl 40:3).

Em terceiro lugar, *a adoração é feita de música que sempre se renova* (33:3a). "Entoai-lhe novo cântico..." Cinco verdades podem ser ditas sobre a música: 1) Cantar é a música da natureza: as montanhas cantam (Is 55:12), os vales cantam (Sl 65:13), as árvores cantam (1Cr 16:33). Os ares são a sala de música dos pássaros, onde cantam suas notas musicais. 2) Cantar é a música das ordenanças: os judeus, depois da celebração da festa da Páscoa, cantavam os salmos 111—115; já o nosso Salvador e os apóstolos cantaram um hino

imediatamente depois da santa ceia (Mt 26:30). 3) Cantar á a música dos santos: cumpriam esse dever nas grandes multidões (Sl 149:1,2), nos grandes dilemas (Is 26:19), nas grandes fugas (Is 42:10,11), nos grandes livramentos e nas grandes abundâncias (Is 65:14) — em todas essas circunstâncias, cantar era para eles um dever expresso e um prazer declarado. 4) Cantar é a música dos anjos. Jó disse: "As estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam" (Jó 38:7). Os anjos cantaram quando Jesus nasceu em Belém (Lc 2:13) e ainda hoje cantam aleluias ao Altíssimo e ao Cordeiro que está assentado no trono (Ap 5:11). 5) Cantar é a música dos céus: os remidos e os anjos entoam louvores nos céus, e a música nunca vai cessar.[5]

O novo cântico não é apenas de edição, mas, mesmo velho de edição, torna-se sempre novo, na medida em que, nas diversas circunstâncias da vida, sempre traz uma nova inspiração. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que o Espírito de Deus pode transformar um cântico antigo para nós em um cântico novo à medida que crescemos no conhecimento de Deus e de sua Palavra, ou quando temos novas experiências; também pode abrir nosso coração para um cântico inteiramente novo.[6]

Em quarto lugar, *a adoração a Deus precisa ser feita com excelência* (33:3b). "[...] tangei com arte e com júbilo." A arte fala do preparo humano, o júbilo fala da devoção do adorador, e nada é mais desprezível do que apresentar a Deus um culto sem esmero, sem preparo, sem excelência. Em outras palavras, não podemos fazer a obra do Senhor desleixadamente, o que significa que os instrumentos devem ser tocados com habilidade e perícia, e os músicos devem dar o melhor de si para o Senhor, pois Ele merece o melhor que temos.

A razoabilidade da adoração (33:4-19)

Várias são as razões pelas quais devemos louvar a Deus, mas destacaremos aqui algumas.

Em primeiro lugar, *Deus é digno de ser louvado por causa da retidão de sua palavra* (33:4). "Porque a palavra do SENHOR é reta, e todo o seu proceder é fiel." A Palavra de Deus não possui dubiedade: ela é reta, clara como a luz, e nela não há enganos. Está estribada no próprio caráter de Deus, uma vez que todo o seu proceder é fiel. A Palavra de Deus é inspirada, inerrante, infalível e suficiente. Allan Harman diz que as coisas que salientam a Palavra de Deus são aquelas que, antes de tudo, o distinguem (retidão, verdade, justiça, equidade e amor pactual).[7] Spurgeon está correto quando diz que "a sua obra é a efusão da sua palavra, pois Deus escreve com caneta-tinteiro que nunca borra, fala com língua que nunca comete um lapso verbal, age com mãos que nunca falham".[8]

Em segundo lugar, *Deus é digno de ser louvado por causa da excelência de seu caráter* (33:5a). "Ele ama a justiça e o direito..." Não há em Deus qualquer injustiça, isto é, Ele é justo e reto, ama a justiça e o direito, e nele não há sombra nem variação alguma. Ele é imutavelmente o mesmo ontem, hoje e para sempre, e sempre age de uma maneira consistente com seu próprio caráter, pois não pode negar-se a si mesmo. Spurgeon diz que o caráter de Deus é um mar, e cada gota desse mar deve se tornar um manancial de louvor para o seu povo.[9]

Em terceiro lugar, *Deus é digno de ser louvado por causa da prodigalidade de sua bondade* (33:5b). "[...] a terra está cheia da bondade do SENHOR." Toda a criação de Deus expressa a glória de Deus, de modo que as digitais do

Criador podem ser vistas, entre outras coisas, nos mundos estelares e também nas pétalas de uma flor. A bondade de Deus está evidenciada pela variedade dos seres criados e pela provisão a esses seres criados. Como diz Warren Wiersbe, para os olhos da fé, a terra está repleta da bondade de Deus.[10] Spurgeon escreve: "Acheguem-se astrônomos, geólogos, naturalistas, botânicos, químicos, mineiros, sim, todos vocês que estudam as obras de Deus, pois tudo o que vocês verdadeiramente reportam confirma essa declaração de que a terra está cheia de sua bondade".[11] Spurgeon, citando Adam Clarke, diz que, nos versículos 4 e 5, encontramos quatro argumentos em prol do louvor:

1. Retidão de Deus: "Porque a palavra do SENHOR é reta" (33:4a);
2. Fidelidade de Deus: "e todo o seu proceder é fiel" (33:4b);
3. Justiça de Deus: "Ele ama a justiça e o direito" (33:5a);
4. Bondade de Deus: "[...] a terra está cheia da bondade do Senhor" (33:5b).[12]

Em quarto lugar, *Deus é digno de ser louvado por causa de sua vasta criação* (33:6-9). Esta é a verdade primeira e fundacional do cristianismo (Gn 1:1). Deus existe e Ele é o Criador dos céus e da terra. Allan Harman chega a dizer que esse salmo constitui primariamente um breve comentário de Gênesis 1.[13] Alguns pontos merecem destaque, como demonstramos a seguir.

Os céus e seus exércitos foram criados pelo poder da palavra de Deus (33:6,7). "Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles. Ele ajunta em

montão as águas do mar; e em reservatório encerra as grandes vagas." Os céus angelicais, os céus siderais e os céus terrestres, ou firmamento, foram feitos para entrar em existência pelo poder de sua palavra.[14] Pelo poder de sua palavra, Ele criou do nada tudo o que existe (33:6,9; 119:89-91; 147:15,18; 148:5; Hb 1:3; 2Pe 3:5-7). Deus disse: Haja luz, e houve luz (Gn 1:3). O Verbo divino é o agente de toda a criação, uma vez que "todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (Jo 1:3). As galáxias distantes, os astros luminosos e os anjos poderosos em poder foram criados pelo poder de sua palavra. De igual modo, pelo poder de sua palavra, Ele ajuntou em montão as águas do mar, mantendo sob a terra, grandes reservatórios de água. Allan Harman diz que a palavra "exército" ou "hoste" tem uma gama de significados no Antigo Testamento e pode ser usada para um exército, para seres angelicais ou, como aqui, para as estrelas.[15]

Porque Ele criou do nada todas as coisas, seu nome precisa ser temido (33:8,9). "Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir." Deus criou tudo do nada. Sem matéria preexistente, ele trouxe à existência as coisas que não existiam. Porque ele é onipotente em suas obras, precisa ser temido por todos os habitantes do mundo.

Em quinto lugar, *Ele é digno de ser louvado por causa de sua soberana providência na história* (33:10-15). Purkiser diz que o salmista passa do poder de Deus na criação para a sua soberania na história,[16] mostrando que Deus não é só grande em sua obra criativa, mas também na operação de sua providência na história. A Bíblia enfeixa de forma bem estreita as ideias de criação e providência. As nações podem tramar, mas Deus intervém para implantar seus próprios

propósitos — Israel haveria de assistir a vários reinos surgindo e sendo derrubados (Is 8:10).[17]

Alguns pontos devem ser destacados aqui. *Ele controla as nações* (33:10). "O SENHOR frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos." É o Senhor que coloca reis no trono e quem os tira de lá, bem como é Ele quem exalta e rebaixa. Quando as nações intentam destruir o povo de Deus, Ele sai em sua defesa e frustra os propósitos de seus inimigos, como fez com o Egito, com a Assíria, com a Babilônia e com tantos outros impérios do mundo. Isso nos prova que o Senhor pode frustrar planos de governos e projetos de uma nação (Is 8:10; 19:3).

Ele não pode ser controlado por ninguém (33:11). "O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações." Nações e reinos são levantados e derrubados, os conselhos dos poderosos podem ser frustrados, porém o conselho do Senhor é eterno e jamais poderá ser frustrado. Ele é onipotente, e ninguém pode frustrar os seus planos. Nas palavras de Spurgeon, "nenhum homem espera que a sua vontade, ou seu propósito, seja feita de geração em geração. A sabedoria de um período é a loucura de outro, mas a sabedoria do Senhor sempre é sábia, e os seus desígnios prosseguem de século em século".[18]

Ele escolhe, dentre todos os povos, um povo para sua herança (33:12). "Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR, e o povo que ele escolheu para sua herança." Israel era um nação bem-aventurada entre outras nações não porque era a maior ou a mais poderosa, mas porque Deus o havia escolhido para ser o povo da aliança. Deus escolheu Israel para sua herança (Dt 4:20; Êx 34:9), e quão ditoso Israel seria em

experimentar isso. Allan Harman escreve: "Era parte do propósito de Deus escolher Israel para ser seu povo e sua herança. A **verdade** iniciada aqui é reiterada em Salmos 135:4: 'Porque o **Senhor** escolheu a Jacó para ser seu povo, a Israel para ser sua possessão e tesouro'".[19] Deus tem os seus escolhidos entre todos os povos, qual seja, aqueles que foram comprados pelo sangue do Cordeiro (Ap 5:9). Spurgeon destaca que, enquanto as outras nações se prostravam diante dos ídolos, o povo escolhido era elevado por uma religião espiritual que o apresentava ao Deus invisível e o levava a confiar nele. Assim, todos os que confiam no Senhor são abençoados no maior e mais profundo sentido, e ninguém pode reverter a bênção.[20]

Ele conhece e observa doscéus todos os homens e suas obras (33:13-15). "O Senhor olha dos céus; vê todos os filhos dos homens; do lugar de sua morada, observa todos os moradores da terra, ele, que forma o coração de todos eles, que contempla toda as suas obras." O Senhor é onisciente, nada escapa ao seu conhecimento. Ele conhece todos os homens, todas as suas obras, pois Ele mesmo formou o coração de todos eles. Allan Harman diz: "O fato de que é do céu que Ele olha enfatiza o governo que Ele exerce sobre tudo e todos. O Senhor pode ver muito mais do que apenas frustrar os propósitos pecaminosos dos homens (33:10,11): Ele pode ver inclusive seu coração, pois é o Criador de todos os corações".[21]

Em sexto lugar, *ele é digno de ser louvado porque é o Deus da redenção* (33:16-19). O Deus da criação e Senhor da história é conhecido como o Redentor daqueles que lhe pertencem.[22] Sobre esse ponto, destacamos alguns pontos importantes.

Ele torna fraca a força dos poderosos (33:16,17). "Não há rei que se salve com o poder dos seus exércitos; nem por sua muita força se livra o valente. O cavalo não garante vitória; a despeito de sua grande força, a ninguém pode livrar." Purkiser diz, corretamente, que o belicismo desmedido recebe uma admoestação justa nesses versículos. Assim como no tempo do salmista, grandes exércitos, poderio militar, armamentos poderosos e grande força são insuficientes para garantir a segurança de uma nação hoje em dia.[23] Spurgeon acrescenta que o poder mortal é uma fábula, e os que confiam nisso são tolos. Fileiras cerradas de homens armados fracassam em guardar um império, ou até mesmo salvar a vida do monarca, quando um decreto da corte celestial determina a destruição do seu império. Senaqueribe, com toda a cavalaria, não foi páreo para um anjo do Senhor. Os cavalos e carros do faraó perseguiram em vão os escolhidos do Senhor. Todos os poderes confederados da terra e do inferno são plenamente derrotados quando se revoltam contra o Senhor e os seus escolhidos.[24] Spurgeon ainda prossegue: "Os batalhões mais fortes se derretem como flocos de neve quando Deus está contra eles".[25]

Outrora, a força de um exército dependia de seus valentes e cavalos, porém o Senhor torna fraca toda a força humana, torna impotente toda pujança humana e torna inócua toda tentativa humana de confiar nos seus próprios recursos. Deus é poderoso para afogar no mar os cavalarianos do faraó e torna nula toda a arrogância humana para salvar a si mesma. Allan Harman destaca que o cavalo era notável por sua força na batalha; Israel, porém, foi advertido de não confiar nele para vitórias militares (Sl 20:7,8; Is 30:15,16; 31:1). Os egípcios aprenderam no êxodo que o

cavalo e seu cavaleiro podem ser subjugados pelo Senhor, pois este lutava por seu povo (Êx 15:1-14).[26]

Ele salva extraordinariamente aqueles que nele esperam (33:18,19). "Eis que os olhos do SENHOR estão sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua misericórdia, para livrar-lhes a alma da morte, e, no tempo da fome, conservar-lhes a vida." O Senhor livra o fraco crente e abate o soberbo. Aqueles que nele esperam são distinguidos pelo Senhor, e neles o Senhor tem seus olhos colocados para livrá-los da morte e salvá-los das agruras da vida. Sendo assim, concluímos que os que esperam no Senhor têm livramento dos problemas do tempo e redenção para a eternidade.

A consequência da adoração (33:20-22)

Warren Wiersbe diz que é possível que essas palavras viessem da congregação e do coral no final do cântico e que servissem de confissão de fé no Deus vivo.[27] Corrobora com esse pensamento Allan Harman quando escreve: "Onde há confiança verdadeira no caráter de Deus, então pode haver cânticos de alegria que enalteçam o que ele é para seu povo".[28]

Três verdades sublimes são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *aqueles que adoram ao Senhor esperam nele* (33:20). "Nossa alma espera no SENHOR, nosso auxílio e escudo." Quanto mais conhecemos Deus, mais confiamos nele e, quanto mais adoramos ao Senhor, mais esperamos nele, como auxílio e escudo, pois Ele é o nosso protetor, provedor e redentor.

Em segundo lugar, *aqueles que adoram ao Senhor alegram-se nele* (33:21). "Nele, o nosso coração se alegra, pois

confiamos no seu santo nome." Quanto mais conhecemos o Senhor e o adoramos, mais deleite temos nele, e Ele em nós. O Senhor é melhor do que suas dádivas. O abençoador é melhor do que suas bênçãos. Nossa alegria não está em nós nem nas glórias deste mundo, mas no Senhor, fonte e origem de toda boa dádiva.

Em terceiro lugar, *aqueles que adoram ao Senhor oram a Ele* (33:22). "Seja sobre nós, SENHOR, a tua misericórdia, como de ti esperamos," Oração é um relacionamento de intimidade. O caráter de Deus é a primeira alavanca que move a oração, e quem conhece Deus espera nele, alegra-se nele e busca a sua face em oração. Dito isso, o salmista termina esse salmo reconhecendo a necessidade de receber a misericórdia divina.

NOTAS

1 KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 156.
2 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 151.
3 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 683.
4 Ibidem.
5 Ibidem, p. 693-694.
6 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 151.
7 HARMAN, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 159.
8 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 685.
9 Ibidem.
10 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 152.
11 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 685.
12 Ibidem, p. 705.

[13] Harman, Allan. *Gênesis.* São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 158.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 685.
[15] Harman, Allan. *Salmos*, p. 159.
[16] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 171.
[17] Harman, Allan. *Salmos*, p. 160.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 687.
[19] Harman, Allan. *Salmos*, p. 160.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 687.
[21] Harman, Allan. *Salmos*, p. 160.
[22] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 172.
[23] Ibidem.
[24] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 688-689.
[25] Ibidem, p. 700.
[26] Harman, Allan. *Salmos*, p. 160-161.
[27] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 153.
[28] Harman, Allan. *Salmos*, p. 161.

Capítulo 34

O louvor pelo livramento divino

(Sl 34:1-22)

Esse é um salmo de Davi. É o segundo salmo alfabético ou acróstico — o primeiro é o salmo 25. O contexto está ligado às perseguições de Saul e às fugas de Davi. Escapando da sanha assassina do sogro, Davi foge para Aquis, rei de Gate, mas os servos deste, porém, reconheceram-no como o homem que havia sido ungido rei de Israel e afamado em sua terra. Davi teve muito medo e fingiu-se de louco, expediente que o ajudou a escapar e fugir para a caverna de Adulão, onde os quatrocentos homens amargurados de espírito e endividados se uniram a ele. Pelo providencial livramento divino, Davi escreve esse salmo

de louvor. Purkiser diz que esse salmo é um canto de libertação do temor, do perigo, das angústias e das aflições (34:4,7,17,19).[1]

Sete verdades preciosas devem ser destacadas na exposição dessa joia do Saltério, como veremos a seguir.

Louvor ultracircunstancial (34:1-3)

Davi assume o compromisso de bendizer ao Senhor, o Deus da aliança, e sobre isso destacamos aqui quatro pontos.

Em primeiro lugar, *o louvor é endereçado ao Senhor* (34:1a). "Bendirei o SENHOR..." Só o Deus autoexistente, o Deus que entra em aliança com o seu povo, é digno de receber louvor e adoração. Davi não louva a homens, louva a Deus; ele não louva a si mesmo, mas o Deus da sua vida.

Em segundo lugar, *o louvor deve ser prestado a Deus em todo o tempo* (34:1b). "[...] em todo o tempo, o seu louvor estará sempre nos meus lábios." O que Davi propõe é belo na sua declaração, mas difícil na prática,[2] pois ele bendiz a Deus não apenas nos dias ensolarados das vitórias retumbantes, mas também nas noites escuras das provas mais amargas. O louvor ao Senhor deve ser entoado na saúde e na doença, na prosperidade e na adversidade, na popularidade e na perseguição, e esse conceito fica ainda mais claro no Novo Testamento, quando o apóstolo Paulo diz: "Em tudo, dai graças" (1Ts 5:18). Concordo com Spurgeon quando diz que a nossa gratidão nunca deve ficar calada, ou seja, ela tem de ser uma das filhas da música. A língua é a nossa glória, a qual deve revelar a glória de Deus. Os bons pensamentos no quarto precisam se transformar em boas palavras no mundo.[3]

Em terceiro lugar, *o louvor deve ser o nosso maior deleite* (34:2). "Gloriar-se-á no SENHOR a minha alma; os humildes o ouvirão e se alegrarão." O Senhor é o destinatário do nosso louvor e a razão da nossa alegria. Deleitamo-nos mais nele do que em suas dádivas, pois Ele é melhor do que suas bênçãos. Nas palavras de Spurgeon, "a sua pessoa, atributos, aliança, promessas, obras e mil outras coisas são incomparáveis, inigualáveis e singulares. Podemos glorificá-lo abertamente como quisermos, mas nunca seremos condenados de estarmos dizendo palavras vãs e vazias".[4]

Em quarto lugar, *o louvor deve ser comunitário* (34:3). "Engrandecei o SENHOR comigo, e todos, à uma lhe exaltemos o nome." Allan Harman tem razão em dizer que o louvor humano jamais poderá tornar Deus maior do que Ele é, mas o desejo de Davi é que seu louvor atraia outros para que enalteçam o nome de Deus em público como reconhecimento do que Ele tem feito.[5] Myer Pearlman diz que só depois de aprender o louvor que liberta no meio das aflições podemos convocar outros e transformar nosso solo num grande coral.[6] Davi não se contenta em apenas louvar a Deus, mas conclama outros a se juntarem a ele nesse ato de adoração. O louvor precisa transbordar do individual para o coletivo, do pessoal para o comunitário.

Oração fervorosa (34:4-7)

Davi passa do louvor para a causa do louvor e testemunha como Deus o livrou quando clamou por socorro. Davi diz: "Eu o busquei, e Ele me livrou; eu olhei para Ele, e Ele iluminou o meu rosto; Eu clamei, e Ele me livrou de todas as minhas tribulações; eu o reverenciei, e Ele mandou o seu anjo para me guardar".[7]

Sobre isso, três verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *busca e acolhimento* (34:4). "Busquei o SENHOR, e Ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores." A oração é o melhor antídoto contra o medo. Quando buscamos a Deus em oração, nós o encontramos e, quando o encontramos, nossos temores são dissipados. Quando olhamos para os nossos problemas, eles se tornam imensos e ficamos tomados de medo; quando olhamos para Deus, nossos problemas se apequenam e ficamos livres do medo.

Em segundo lugar, *contemplação e iluminação* (34:5). "Contemplai-o e sereis iluminados, e o vosso rosto jamais sofrerá vexame." Contemplar a Deus é buscar a sua face, é deleitar-se nele, é ficar extasiado diante da sua glória. Quando voltamos nossa face para Deus, nosso rosto é iluminado e não enfrenta mais vexame.

Em terceiro lugar, *clamor e livramento* (34:6,7). "Clamou este aflito, e o SENHOR o ouviu e o livrou de todas as suas tribulações. O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra." Onde há clamor ao Senhor, há livramento dele. Davi reconhece que o anjo do Senhor "é uma aparição pré-encarnada da Segunda Pessoa da Trindade", que se acampa ao redor dos que o temem, para livrá-los. Essa é a primeira vez que o termo "o anjo do SENHOR" aparece no livro de Salmos. Derek Kidner diz que esse anjo é o príncipe do exército do Senhor (Js 5:14) que cerca os filhos de Deus com as legiões angelicais sob seu comando.[8] Nessa mesma linha de pensamento, Spurgeon escreve: "O anjo da aliança, o Senhor Jesus, à frente de todas as hostes celestiais, cerca com o seu exército as habitações dos santos. Como tropas entrincheiradas, assim os espíritos

ministradores se acampam ao redor dos eleitos do Senhor para servir, socorrer, defender e consolar".[9]

Testemunho vigoroso (34:8-10)

Davi faz uma transição do clamor para o testemunho, e duas verdades devem ser aqui observadas.

Em primeiro lugar, *um convite à experiência* (34:8). "Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia." O melhor testemunho que alguém pode dar acerca de Deus é este: "Prove e veja", "vem e vê". Muitos esperam ver para depois provar, mas Davi deixa claro que primeiro precisamos provar para depois conseguir ver quão bom é o nosso Deus. Nas palavras de Purkiser, "provar vem antes de ver. A experiência espiritual leva ao conhecimento espiritual, e não o contrário".[10] Quando o homem reconhece que Deus é bom, então refugia-se nele e, nesse refúgio, encontra a verdadeira felicidade.

Em segundo lugar, *uma ordem oportuna* (34:9,10). "Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem. Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes faltará" Temer a Deus não é ter medo de Deus, mas honrá-lo e obedecer-lhe; além disso, temer a Deus é o princípio da sabedoria, a essência da própria vida cristã. Sendo assim, aqueles que temem a Deus não temem aos homens. Concordo com Purkiser quando escreve que "O temor do Senhor destrói todos os medos e as ansiedades".[11]

Os santos, aqueles que temem a Deus, não sentem falta de nada, e nada lhes falta. Os leõezinhos, crias dos predadores mais temidos, passam fome, mas os que buscam o Senhor, como ovelhas do bom pastor, podem dizer que

"nada me faltará". Allan Harman tem razão em dizer que os que confiam no Senhor descobrirão que Ele cumpre sua palavra a eles empenhada e não terão falta de nenhuma das coisas que Ele prometeu em sua aliança. Mesmo um animal poderoso como o leão pode passar fome, mas aos filhos de Deus nada faltará.[12]

Os leões, embora sejam chamados "reis da floresta", vivem famintos e, mesmo quando apanham suas presas, precisam brigar com outros predadores para se alimentarem. Myer Pearlman diz que Davi vê nos leões uma representação dos homens mundanos que lutam violentamente para obter as riquezas e os prazeres que tanto cobiçam, mas acabam fracassando e sofrendo necessidade. Muitos têm procurado chegar ao sucesso mediante meios desonestos e indignos, mas acabaram recuando em vergonhosa derrota e decepção.[13]

Instrução necessária (34:11-14)

Davi passa do convite à experiência para a instrução. Allan Harman diz que o estilo agora se torna muito semelhante ao de sabedoria do livro de Provérbios, e os filhos aqui em pauta são estudantes e alunos em vez de literalmente filhos (Pv 1:8, 4:1).[14] Vejamos.

Em primeiro lugar, *um convite ao aprendizado* (34:11). "Vinde, filhos, e escutai-me; eu vos ensinarei o temor do SENHOR." Davi conhece Deus não apenas de ouvir falar: ele tem experiências com Deus e não quer reter isso apenas para si; ou seja, quer transmitir aos outros essas verdades. Aquele que é chamado por Deus para a salvação é enviado por Ele para a instrução, e aqueles que conhecem Deus precisam torná-lo conhecido. Davi não é um alfaiate do

efêmero, mas um escultor do eterno, e também não ensina banalidades, mas o temor do Senhor, a natureza da verdadeira religião. Concordo com Myer Pearlman quando escreve: "Este temor a Deus é o piedoso temor de ofender a Deus, e não medo servil de receber castigos. É o respeito de um filho, e não o terror que um escravo sente".[15]

Em segundo lugar, *uma receita da verdadeira felicidade* (34:12-14). "Quem é o homem que ama a vida e quer longevidade para ver o bem? Refreia a tua língua do mal e os teus lábios de falarem dolosamente. Aparta-te do mal e pratica o que é bom; procura a paz e empenha-te por alcançá-la." Amar a vida e desejar uma vida longeva é uma aspiração legítima, mas Deus nos criou para a felicidade, para a maior de todas as felicidades, a felicidade de glorificá-lo e desfrutá-lo para sempre. E, nesse sentido, a verdadeira felicidade está na santidade. Warren Wiersbe diz que "amar a vida" significa ansiar pela vida plena, pela vida em abundância que Cristo veio oferecer. Esse tipo de vida não tem a ver com bens, posição social ou fama; antes, diz respeito ao caráter, à fé e a um desejo de honrar o Senhor.[16] Assim, a receita da felicidade tem quatro ingredientes.

Vigie a sua língua (34:13). A língua é indomável. É fogo e veneno. É uma fera perigosa que se esconde atrás dos dentes, mas pode arruinar uma carreira. Quem controla a língua controla todo o corpo, pois a felicidade não está em deixar a língua solta, mas refreá-la; não está nos comentários maldosos acerca do próximo, mas em refrear a língua de falar dolosamente.

Vigie os seus pés (34:14a). A felicidade não está no território dos prazeres da carne, das aventuras amorosas, na cama do adultério, no enriquecimento ilícito e na violência

contra o próximo. Na realidade, para o homem ser feliz, ele precisa apartar-se do mal, ou seja, seus pés precisam ser retirados desses caminhos escorregadios. Spurgeon escreve: "Afasta-te para bem longe do mal. Não mores perto da casa da peste. Evita a toca do leão. Abandone o ninho da víbora. Coloca distância entre ti e a tentação".[17]

Vigie as suas mãos (34:14b). A felicidade é alcançada por aquilo que evitamos e por aquilo que fazemos; ou seja, não basta apenas deixar de fazer o mal, é preciso também praticar o que é bom, pois nossa ética não pode ser apenas negativa, mas, sobretudo, positiva.

Vigie seu coração quanto aos seus relacionamentos (34:14c). Davi diz: "procura a paz e empenha-te por alcançá-la". A ordem é buscar a paz com Deus, com o seu coração e com o seu próximo, pois ninguém é feliz rebelado contra Deus, ninguém é feliz consigo mesmo vivendo em pecado, e ninguém é feliz também criando contendas com seu semelhante. A desavença é promotora de grandes tristezas. Se não podemos buscar a paz a qualquer preço, deixar de procurá-la quando é possível é uma tragédia. Relacionamentos saudáveis e pacificados é uma fonte de felicidade, por isso nosso coração não deve ser um laboratório de contendas, mas a fonte da paz.

Vigilância protetora (34:15,16)

Davi se volta da instrução para o cuidado vigilante de Deus para com seu povo. Duas verdades devem ser notadas aqui.

Em primeiro lugar, *o favor divino aos justos* (34:15). "Os olhos do SENHOR repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor." Oh, que consolo é saber

que, nas circunstâncias carrancudas da vida, os olhos do Senhor estão sobre nós e os seus ouvidos estão abertos ao nosso clamor!

Em segundo lugar, *o juízo divino aos malfeitores* (34:16). "O rosto do SENHOR está contra os que praticam o mal, para lhes extirpar da terra a memória." O homem pode ter exércitos poderosos contra ele, mas, se os olhos do Senhor repousam sobre ele e os ouvidos do Senhor estão abertos às suas orações, ele é vitorioso. Contudo, mesmo que o homem esteja guardado em fortalezas, protegido por exércitos fortemente armados, se o rosto do Senhor estiver contra ele, não há esperança para sua vida. Ainda que tenha alcançado o apogeu da fama, Deus mesmo extirpará da terra a sua memória. Warren Wiersbe diz que essa verdade é ilustrada em Atos 12, quando Pedro está na prisão, aguardando sua execução, enquanto a igreja ora por ele e o rei Herodes parece fazer o que bem entende. Deus viu a terrível situação em que Pedro estava, ouviu as orações dos santos e o livrou, mas destruiu Herodes.[18]

Contraste profundo (34:17-21)

Davi conclui esse Salmo fazendo um profundo contraste entre o justo e o ímpio.

Em primeiro lugar, *o livramento do justo* (34:17-20). Davi destaca quatro verdades benditas acerca desse assunto.

O justo tem suas orações respondidas (34:17). "Clamam os justos, e o SENHOR os escuta e os livra de todas as suas tribulações." Nas suas tribulações, os justos clamam ao Senhor, e Ele atende ao seu clamor e os livra não apenas de algumas de suas tribulações, mas de todas.

O justo desfruta de comunhão com Deus (34:18). "Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido." Mesmo enfrentando adversidades, perseguição e sendo assolado por temores, Deus não rejeita aqueles que têm o coração quebrantado (51:17; 147:3; Is 57:15; 66:2). Ao contrário, Deus está perto deles para salvá-los. Concordo com Myer Pearlman quando escreve: "Deus não quebra com a vara do juízo aqueles que já sentem as dores da vara da convicção. Julgando-nos a nós mesmos, não seremos julgados (1Co 11:31)".[19]

O justo, embora enfrente muitas aflições, tem o livramento de todas elas (34:19). "Muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR de todas o livra." O justo não é poupado das aflições, mas arrancado do meio delas. Em outras palavras, Deus não nos livra das fornalhas, mas nas fornalhas; ele não nos livra da cova dos leões, mas na cova. Concordo com Purkiser quando escreve: "Prefiro ter mil aflições e experimentar o livramento de todas elas a ter meia dúzia e ficar emperrado no meio delas".[20]

O justo é preservado da violência (34:20). "Preserva-lhe todos os ossos, nem um deles sequer será quebrado." A experiência de Davi também foi a de Cristo, de maneira muito mais maravilhosa e milagrosa, portanto esse é um texto messiânico e aponta para Jesus. O apóstolo João o usou para se referir a Cristo quando nenhum dos seus ossos foi quebrado (Jo 19:36). Spurgeon diz que, depois que as provações estiverem terminadas, seremos apresentados sem mancha ou ruga, ou algo semelhante, sendo preservados em Cristo Jesus e guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação.[21]

Em segundo lugar, *a condenação do ímpio* (34:21). "O infortúnio matará o ímpio, e os que odeiam o justo serão condenados." O ímpio pode prevalecer por um momento, mas sua derrota é certa; ele pode odiar e oprimir o justo por um instante, mas sua condenação já está lavrada.

Salvação garantida (34:22)

Davi conclui esse belíssimo salmo mostrando a salvação do justo: "O SENHOR resgata a alma dos seus servos, e dos que nele confiam nenhum será condenado". Está aqui, em semente, a gloriosa doutrina da perseverança dos santos. Mesmo que os servos de Deus sejam afligidos, perseguidos, torturados e até mortos, o Senhor resgata a sua alma e nenhum deles será condenado. A salvação é dádiva de Deus e garantida por Ele. E, como diz Warren Wiersbe, os perversos são condenados, mas para os justos não há condenação nenhuma, pois confiam no Senhor (Rm 8:1,33,34).[22]

NOTAS

1 PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 172.
2 PEARLMAN, Myer. *Salmos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1977, p. 65.
3 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 708.
4 Ibidem.
5 HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 162.
6 PEARLMAN, Myer. *Salmos*, p. 65.
7 Ibidem.
8 KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 160.
9 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 710.

[10] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 173.
[11] Ibidem.
[12] Harman, Allan. *Salmos*, p. 163.
[13] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 69.
[14] Harman, Allan. *Salmos*, p. 164.
[15] Pearlman, Myer. Salmos, p. 66.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 154.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 712.
[18] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 155.
[19] Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 67.
[20] Purkiser, W. T. "O Livro de Salmos", vol. 3, p. 174.
[21] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 714.
[22] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 155.

Capítulo 35

Enfrentando inimigos perigosos

(Sl 35:1-28)

Esse é um salmo de Davi. É um salmo imprecatório, pois Davi está lidando com traidores que o acusam levianamente, que o perseguem sem causa e que celebram quando veem a possibilidade de sua derrota. Warren Wiersbe é de opinião que, mais uma vez, Davi está sendo perseguido por Saul e difamado pelos homens do rei, muitos dos quais haviam sido amigos de Davi.[1] Spurgeon corrobora esse pensamento dizendo que as evidências internas indicam a data da composição nos tempos turbulentos quando Saul perseguia Davi pelos montes e vales e quando os que bajulavam o rei cruel caluniavam o objeto inocente da sua ira.[2]

Purkiser diz que encontramos agonia nesse cântico. O cantor está cercado de inimigos que estão brigando com ele, lutando contra ele. Eles estão tramando contra ele, estendendo traiçoeiramente uma rede para os seus pés.[3] Allan Harman diz que Davi apela a Deus que intervenha na situação em que algum parceiro pactual se revela falso em seus compromissos. O salmista quer que Deus lute suas batalhas legais e também o defenda contra os que o atacam.[4]

Derek Kidner diz que a libertação celebrada no salmo 34 agora é vista como nem sempre rápida ou sem dor, mas sujeita, se assim for da vontade de Deus, a atrasos agonizantes. Davi, no entanto, nunca tem dúvida de que seu dia virá, tanto que cada pedido de socorro já prevê aquele momento: todas as três divisões do salmo terminam com esperança.[5]

Como Davi reagiu a esse cerco do inimigo? Que atitudes tomou diante da traição daqueles que receberam o bem e o pagaram com o mal? Isso é o que veremos a seguir.

Uma súplica endereçada a Deus (35:1-10)

Esse salmo é dividido em três partes, e cada uma delas encerra com louvor (25:10,18,27,28). No meio das turbulências da vida, quando os inimigos nos atacam com fúria pertinaz, podemos tirar nossos olhos das circunstâncias, colocá-los no Senhor e cantar nas noites mais escuras da alma. Nessa primeira parte do salmo, Davi eleva sua súplica a Deus, e sobre isso destacamos aqui seis pontos importantes.

Em primeiro lugar, *que o inimigo seja vencido* (35:1-3). Davi lida com um inimigo mais forte do que ele. Seus inimigos usam armas carnais, lançando mão da mentira, da

traição e do ódio sem causa, por isso Davi pede ao Senhor para sair em sua defesa e lutar suas batalhas. Derek Kidner está correto quando diz que os termos militares dos versículos 1-3 são figurativos e que, na realidade, a metáfora inicial (contende) vem dos tribunais de justiça. Assim, o salmo se enquadra em qualquer situação de malevolência e intriga.[6] No texto apresentado, Davi pede que o inimigo seja vencido em duas frentes. A primeira delas é *no tribunal* (35:1a). A cena aqui é de um tribunal, no qual Davi roga ao Senhor para pleitear sua causa diante das acusações de seus inimigos e também para que seus inimigos sejam vencidos no tribunal, isto é, que a causa de seus inimigos seja fragorosamente derrotada em virtude da defesa do Senhor.

A segunda frente é *no campo de batalha* (35:1b-3). Davi faz uma transição do tribunal para o campo de guerra e pede a Deus para usar suas armas de defesa e ataque contra seus inimigos, a fim de que eles batam em retirada e ele possa proclamar o Senhor como o Deus de sua salvação. Escudo e broquel eram dois tipos diferentes de escudos usados em batalha: o escudo era um tipo retangular que protegia todo o corpo; enquanto o broquel era um escudo menor e redondo usado pela infantaria. O apelo é para que Deus entre na batalha em seu favor erguendo armas tanto em defesa quanto em ataque.[7] Spurgeon diz que as duas armas defensivas "escudo" e "broquel" representam as proteções maiores e menores da providência divina.[8]

Warren Wiersbe destaca que o inimigo odiava Davi (35:19), mentia a seu respeito (35:11), o perseguia (35:2) e desejava feri-lo e matá-lo (35:4,26), de modo que esse conflito era uma questão de vida ou morte. Contudo, não havia qualquer justificativa plausível para essa oposição (35:7,19).[9]

Em segundo lugar, *que o inimigo seja envergonhado* (35:4). A oração de Davi é para que seus inimigos, que conspiram contra ele para tirar-lhe a vida, sejam envergonhados e saiam dessa refrega completamente confundidos. Nas palavras de Derek Kidner, "ser confundido e envergonhado é da essência da condenação ao castigo eterno (Dn 12:2)".[10] Concordo com Allan Harman quando diz que maldições desse gênero não devem ser consideradas expressões de vingança pessoal, mas, sim, preferivelmente tomadas como expressões de um servo pactual desejando que Deus se entenda com seus inimigos.[11]

Em terceiro lugar, *que o inimigo seja disperso* (35:5). Aqueles que pareciam inabaláveis na perseguição a Davi, em resposta às suas orações seriam dispersos como a palha levada pelo vento. O próprio anjo do Senhor que acampa ao redor do justo para guardá-lo e livrá-lo afugenta os seus inimigos, como o anjo do Senhor que libertou Pedro da prisão e matou Herodes, seu opressor. Nas palavras de Allan Harman, "no salmo anterior, o anjo do Senhor era o guardião de seu povo (34:7). Aqui ele é aquele que traz destruição sobre seus inimigos".[12] Spurgeon acrescenta: "Os inimigos foram muito ligeiros no ataque, que sejam ligeiros também na fuga. Que os seus medos e alarmes de consciência os intimidem, de forma que a menor brisa de dificuldade os jogue para cá e para lá".[13] Spurgeon ainda acrescenta: "O furioso inimigo é mantido a distância; depois, forçado a retroceder; em seguida, posto em fuga impetuosa e perseguido por mensageiros ardentes, dos quais não há escapatória enquanto o caminho fica escuro e perigoso, e a destruição avassaladora".[14]

Em quarto lugar, *que o inimigo seja perseguido* (35:6,7). Davi ora para que o caminho de seus inimigos seja tenebroso

e escorregadio e que o anjo do Senhor os persiga e os derrote. Purkiser diz que, no versículo 7, a metáfora muda para caçador e caça — "rede, cova, cavaram". Sem serem provocados, os inimigos de Davi o caçam com toda a discrição e habilidade de um caçador de animais por meio de armadilhas; todavia, o mal é autodestruidor, e o caçador acabará caindo na sua própria rede (35:8).[15]

Em quinto lugar, *que o inimigo seja destruído* (35:8). Davi pede ao Senhor que seus inimigos caiam nas redes que armaram para ele, isto é, que eles sejam vítimas de suas próprias armadilhas.

Em sexto lugar, *que o meu coração exulte em Deus* (35:9,10). Davi exalta a Deus e alegra-se em sua salvação, de modo que, mesmo que seu corpo esteja atingido pela ação de seus inimigos, até seus ossos celebrarão ao Senhor.

Um perigo a ser enfrentado (35:11-18)

Davi volta a falar sobre a sanha de seus inimigos, que usam um arsenal perigoso contra ele para destruí-lo, sendo ele inocente das acusações sofridas. Davi apresenta as provas de sua inocência. O inimigo dependia de mentiras e testemunhas falsas, mas, na realidade, era Saul e seus oficiais que se tornaram traidores ao pagarem com o mal todo o bem que Davi lhes havia feito.[16] Sobre essa questão, vamos destacar aqui seis pontos.

Em primeiro lugar, *testemunhas falsas* (35:11). Muito provavelmente eram súditos bajuladores que, para agradarem ao rei Saul, testemunharam contra Davi, assacando contra ele acusações falsas. Acusaram Davi de transgressões que ele não sabia nem havia cometido, deixando claro que

a mentira era a arma deles e a leviandade era a marca do caráter de seus inimigos.

Em segundo lugar, *retribuição injusta* (35:12). Os inimigos roubaram a alma de Davi, retribuindo a ele o bem com o mal. As mesmas pessoas que foram objeto da bondade de Davi agora tramam contra ele para o destruir sem causa.

Em terceiro lugar, *intercessão misericordiosa* (35:13,14). Davi testemunha sua atitude com aqueles que agora o perseguem, mas, em vez de aproveitar a fraqueza deles para oprimi-los, Davi intercedeu por eles com jejum. Ele tratou-os como irmãos e chorou por eles como um filho chora a morte de sua mãe. Spurgeon escreve o seguinte sobre isso: "Davi orava pelos inimigos e tornava seu o caso dos doentes, pleiteando e confessando como se ele tivesse pecado e esse pecado tivesse ocasionado o mal. Isso mostrava que ele tinha um espírito nobre, fato que agravava grandemente a baixeza daqueles que agora tão cruelmente o perseguiam".[17]

Em quarto lugar, *crueldade desumana* (35:15,16). Os inimigos de Davi se reuniam e se alegravam com sua adversidade, e faziam isso às escondidas, sob o manto da escuridade, para atacarem Davi sem piedade. Eles soltavam fogos de alegria com a possibilidade de destruir o seu desafeto e contra ele rangiam os dentes. Derek Kidner diz que essa ideia de formar uma turba contra alguém que repentinamente ficou sendo vulnerável, cuja bondade fazia outras pessoas se envergonharem, foi posta em prática violenta no julgamento de Jesus.[18] Spurgeon ergue sua voz para alertar: "Um bando de cães despedaçando a presa não é nada comparado com algumas fofocas maliciosas espancando a reputação do homem justo".[19]

Em quinto lugar, *demora desesperadora* (35:17). Com o cerco desses inimigos insubordinados, Davi não vê outra saída senão recorrer a Deus em oração, porém aqui Davi se aflige com a demora de Deus. É como se Deus estivesse vendo a sua dolorosa situação sem nada fazer para defendê-lo — a demora de Deus pode nos afligir mais do que a própria circunstância carrancuda.

Em sexto lugar, *promessa firme* (35:18). Embora Davi esteja encurralado pelo inimigo, não sofre a mesma síndrome do profeta Elias, pois ele tem consciência de que não está sozinho. Além disso, ele promete louvar a Deus na grande congregação, promete louvar a Deus entre muitíssimo povo, pois não pode reter essa alegria apenas dentro do seu peito — ele quer expressar seu louvor de forma pública. Nas palavras de Spurgeon, "o louvor — o louvor pessoal, o louvor público, o louvor eterno — deve ser a renda diária do Rei dos céus".[20]

Uma exultação maligna (35:19-28)

Davi volta a falar de seus inimigos e de sua exultação maligna e mais uma vez recorre ao Senhor, rogando sua intervenção poderosa. Uma vez mais, a inocência do salmista é mantida por ele estar sendo perseguido "sem causa", isto é, sem razão (35:19). Destacamos aqui sete pontos.

Em primeiro lugar, *um ódio infundado* (35:19). Os inimigos de Davi estão se alegrando com gracejos zombeteiros, pressupondo que vão destruí-lo, mas esse ódio que sentem por ele é infundado e não tem justa causa; em outras palavras, Davi é vítima de clamorosa injustiça. Spurgeon é oportuno quando escreve: "Provar raiva é a característica dos ímpios; suportá-la sem causa é a sina dos jutos.

Deus é o protetor natural de todos os injustiçados, e Ele é o inimigo de todos os opressores".[21] Derek Kidner diz que o ódio sem causa é uma resposta tão básica do mal diante do bem (35:7) que Jesus via o versículo 19 não como um estranho infortúnio de Davi, mas como sua própria sorte predestinada.[22]

Em segundo lugar, *uma trama injusta* (35:20). Aqueles que se mancomunam para destruir Davi armam contra ele uma trama injusta. Eles não falam de paz e não lutam apenas contra Davi, mas se esforçam por enganar os quietos da terra.

Em terceiro lugar, *uma celebração precipitada* (35:21). Os inimigos de Davi escancaram a boca para celebrar sua acachapante derrota e dão Davi por vencido, comemorando antecipadamente sua fragorosa derrota. Contudo, essa era a celebração da presunção, porque Deus saiu em defesa do seu servo, e Davi prevaleceu.

Em quarto lugar, *um pedido de socorro* (35:22,23). Em face da soberba e arrogância de seus inimigos, Davi recorre ao Senhor, aquele que tudo vê e a todos sonda. Ele roga para que Deus não se cale diante das injustiças sofridas nem se aparte dele nessa crise medonha. Nas palavras de Spurgeon, "a doce presença de Deus é o tônico celestial dos perseguidos. A dolosa ausência divina seria a mais desmedida desgraça para eles".[23] Davi roga ao Senhor para se despertar, se levantar e tomar nas mãos a sua causa. A base de sua confiança está no fato de o Senhor ser seu Deus e seu Senhor.

Em quinto lugar, *um pedido de julgamento justo para ele* (35:24). Davi, sendo inocente das acusações sofridas, roga a Deus para julgá-lo com justiça e também para não permitir que seus inimigos se alegrem com sua desgraça.

Em sexto lugar, *um pedido de julgamento justo para os seus inimigos* (35:25,26). Davi, de igual forma, pede para o Senhor julgar seus inimigos também com justiça, uma vez que eles são levianos, o odeiam sem causa, o acusam sem provas e o perseguem impiedosamente.

Em sétimo lugar, *uma convocação ao louvor* (35:27,28). Como nas partes iniciais desse salmo, o louvor está aguardando sua vez de irromper (35:9,10; 35:18). Davi conclama aqueles que são testemunhas de sua lealdade a cantar e se alegrar. Conclama todos a serem gratos ao Senhor, que ama a prosperidade do seu servo. Davi conclui o salmo pessoalmente exaltando a justiça do Senhor e entoando o seu louvor todo o dia. Sobre isso, Allan Harman escreve: "É notável que o louvor de Deus esteja estreitamente associado aqui e em outros lugares com os atos de livramento provenientes de Deus (Êx 15:11; Sl 78:4; 106:47)".[24]

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 155.
2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 730.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 174-175.
4 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 165-166.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 162.
6 Ibidem.
7 Harman, Allan. *Salmos*, p. 166.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 731.
9 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 156.
10 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 163.
11 Harman, Allan. *Salmos*, p. 166.

[12] Ibidem.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 732.
[14] Ibidem.
[15] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 175.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 156.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 734.
[18] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 164.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 735.
[20] Ibidem, p. 734.
[21] Ibidem, p. 736.
[22] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 165.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 736.
[24] Harman, Allan. *Salmos*, p. 169.

Capítulo 36

A maldade humana e a benignidade divina

(Sl 36:1-12)

Esse é um salmo de Davi. Nesse belíssimo cântico do Saltério, Davi destaca a maldade humana, a benignidade divina e a confiança do justo, pois aqui os ímpios são contrastados com os justos. Ainda, nas palavras de Derek Kidner, "este é um salmo de contrastes poderosos, um relance da maldade humana na sua forma mais malévola e da bondade divina na sua plenitude multiforme".[1]

Os homens maus têm o coração corrompido, por isso sua boca é fonte de iniquidade, seus pés se apressam para o mal e suas mãos obram a violência. O homem justo, aquele que conhece Deus, experimenta sua fidelidade, confia a Ele

suas necessidades e vê a queda estrondosa dos obreiros da iniquidade, porque a benignidade, a justiça e os juízos de Deus ornam o seu ser.

Deus acolhe os homens à sombra de suas asas e dá-lhes a beber das torrentes de suas delícias. Na verdade, o próprio Deus é melhor do que suas melhores dádivas, e Davi proclama essa verdade magna: "Pois em ti está o manancial da vida; na tua luz, vemos a luz" (36:9). Warren Wiersbe, em resumo, diz que Davi reflete sobre a realidade do mal no mundo de Deus (36:1-4), louva o caráter de Deus (36:5-9) e, por fim, ora pedindo a Deus que o proteja do mal e que, a seu tempo, julgue os perversos.[2] Vamos examinar, então, a mensagem desse salmo.

A maldade humana (36:1-4)

Davi começa fazendo uma radiografia da maldade humana, dissecando a alma, perscrutando o coração e dando um diagnóstico sombrio, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *a depravação completa do ímpio* (36:1). O homem caiu em Adão e está de todo corrompido. A queda no pecado não foi apenas um arranhão. O pecado atingiu todo o seu ser: corpo, mente e espírito, e Davi destaca a depravação humana tanto interna como externa:

A depravação interna (36:1a). "Há no coração do ímpio a voz da transgressão..." Aqui está a fonte poluidora: é do coração que procedem os maus desígnios; dali saem todas as vozes da transgressão. O homem não é uma folha em branco nem uma tábula rasa, tampouco é produto do meio, e o mal não está fora, mas dentro dele. Derek Kidner diz que a palavra "voz" significa literalmente "oráculo". Assim, esse oráculo de transgressão faz um título assustador para

esse retrato de um pecador dedicado; é como se a transgressão fosse seu Deus ou profeta.[3]

A depravação externa (36:1b). "[...] não há temor de Deus diante de seus olhos." Os olhos são a lâmpada do corpo; sendo assim, o homem ímpio anda em escuridão e nem sabe em que tropeça, pois o vetor da sabedoria, que é o temor de Deus, está ausente de seus olhos. Spurgeon é contundente sobre isso ao dizer: "Os olhos que não têm o temor de Deus diante deles agora terão os terrores do inferno diante deles para sempre".[4]

Em segundo lugar, *a arrogância insensata do ímpio* (36:2a). "Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos..." O homem ímpio não só transgride a lei de Deus, avilta a santidade de Deus, corrompe tudo quanto põe a mão, mas também enche-se de orgulho por praticar a iniquidade. Ele vangloria-se de seus delitos, e não há nele nenhum arrependimento. Derek Kidner destaca que o oráculo ao qual prestou atenção no versículo anterior foi agradável àqueles olhos que se desviaram de Deus e que, assim, perderam qualquer ponto de referência veraz.[5] Warren Wiersbe alerta: "Quando não tememos a Deus, lisonjeamos a nós mesmos, o que, por sua vez, nos dá ainda mais segurança para pecar. Não nos vemos como os olhos de Deus e ficamos cegos para nossos próprios pecados e para aquilo que podem fazer conosco".[6]

Em terceiro lugar, *a presunção infundada do ímpio* (36:2b). O ímpio nutre a tola presunção de que seus pecados não serão descobertos nem detestados. O pecado parece-lhe inofensivo até destruí-lo. Ele vive uma ilusão, alimenta-se de uma mentira e tem no engano seu cálice diário. Allan Harman tem razão em dizer que a natureza do pecado consiste em que ele é autoilusório (36:2,3). Destituído do temor

do Senhor, o transgressor não se vê corretamente, por isso é incapaz de reconhecer ou de odiar o pecado.[7] Nessa mesma linha de pensamento, Warren Wiersbe diz que o pecado nos engana (Rm 7:11) e lisonjeia (10:3; Dt 29:18,19), dando-nos a falsa sensação de segurança de que escaparemos incólumes de nossa rebelião (Gn 3:1-5).[8] Purkiser, porém, diz que a complacência da pessoa ímpia será abalada quando os resultados dos seus pecados se voltarem contra ela.[9]

Em quarto lugar, *a boca suja do ímpio* (36:3a). O salmo, depois de tratar da atitude do pecador para com o pecado, consigo mesmo e para com Deus, agora se volta às atividades sociais dele.[10] O ímpio, além de viver enganado sobre seus pecados, tem uma boca suja, ou seja, suas palavras são torpes, sua língua é um veneno mortífero e suas palavras são maliciosas. Tudo o que sobe de seu coração e vaza pela sua boca é torpe e vil. Ele desanda a boca contra Deus e contra o próximo, e suas palavras matam como veneno e destroem como o fogo.

Em quinto lugar, *a insensatez do ímpio* (36:3b). O ímpio despreza o conhecimento e se aparta de tudo aquilo que é digno e louvável. Não apenas seu coração é um laboratório de enganos e sua língua uma fábrica de mentiras, mas seus pés se apressam para o mal e suas mãos obram aquilo que é vergonhoso. Derek Kidner, citando Alexander Pope, escreve: "O vício é um monstro de aspecto tão terrível que, para odiá-lo, basta vê-lo uma vez; mas, olhando-o demais, e conhecendo seu rosto, primeiro toleramos, depois compadecemos e, por fim, abraçamos".[11]

Em sexto lugar, *a degradação progressiva do ímpio* (36:4). O ímpio é açodado no pecado. Seu caminho é um caminho para baixo, e de abismo em abismo ele vai se corrompendo.

Começa maquinando a perversidade em seu leito — o lugar de seu descanso se torna lugar de suas maquinações —, continua se detendo no caminho que não é bom e acomoda-se na prática do mal. Celeremente ele avança para sua própria ruína e perdição. Derek Kidner escreve: "Os pecados de influência e de ação dos ímpios (36:3) são o transbordar do seu ser interior, que é corrupto quanto ao pensamento (36:4a), à vontade (36:4b) e ao sentimento (36:4c)".[12] Nas palavras de Warren Wiersbe, "o coração corrupto gerou uma consciência corrupta, uma mente confusa e uma vontade pervertida".[13]

A benignidade divina (36:5-9)

A inconstância humana forma um triste contraste com a qualidade altaneira do amor de Deus conforme sua aliança e fidelidade (36:5); padrões humanos, onde tudo é relativo, são um pântano comparado com as montanhas exigentes e emocionantes da sua justiça (36:6); as avaliações humanas são superficiais comparadas com seus juízos (36:6).[14] Vamos destacar quatro pontos importantes aqui.

Em primeiro lugar, *a excelência transcendente do ser divino* (36:5,6a). Davi apresenta quatro verdades para provar quanto Deus é um refúgio confiável para seu povo, como veremos a seguir.

Primeiro, *a benignidade de Deus chega até os céus* (36:5a). A palavra hebraica *chesed,* traduzida por "benignidade", significa misericórdia, amor duradouro e imutável, graça.[15] Deus sempre trabalha para o nosso bem e não nos trata conforme os nossos pecados, mas consoante à sua benignidade, que é elevada e preciosa (36:7). Por essa razão, podemos correr para debaixo de suas asas e encontrar perdão e

descanso. Os que têm comunhão com Ele e habitam em sua casa fartam-se da abundância que há ali (36:8), pois nele está o manancial da vida e só na presença dele podemos ver a luz (36:9).

Segundo, *a fidelidade de Deus chega até as nuvens* (36:5b). Deus é fiel a si mesmo, às suas promessas e ao seu povo. Sua palavra não falha, portanto Ele cumpre o que promete, e o que Ele faz ninguém desfaz. Nossa salvação está firmada na sua fidelidade, nossa segurança está ancorada em quem é Deus, no que Ele fez e no que promete em sua palavra. Deus é absolutamente confiável, pois seu caráter jamais sofreu variação, o que significa que Ele é fiel hoje e o será para sempre.

Terceiro, *a justiça de Deus é inabalável como as montanhas* (36:6a). Montanhas são estáveis e inabaláveis; do mesmo modo, Deus é inabalavelmente justo, e sua justiça é imperturbavelmente sólida. Ele é justo em seu ser, em seus decretos e em suas obras. Encontramos abrigo sob suas asas porque a tempestade que deveria cair sobre nós caiu sobre seu Filho, e Deus satisfaz toda a sua justiça em seu Filho, para nos fazer beber de suas delícias para sempre. Concordo com Spurgeon quando escreve: "Como os ventos e furacões não sacodem uma montanha alta, assim a justiça de Deus nunca é, de forma alguma, afetada pelas circunstâncias. Sempre é justa, pois quem pode subornar o Juiz de toda a terra?".[16]

Quarto, *os juízos de Deus são inescrutáveis como um abismo profundo* (36:6b). Nenhum homem jamais conseguiu penetrar nas profundezas dos juízos divinos, pois Deus é infinitamente maior do que o homem possa imaginar. Seus

juízos são inescrutáveis, e seus pensamentos, profundos. Todavia, Deus é incognoscível até revelar-se a nós.

Warren Wiersbe tem razão em dizer que a misericórdia e a fidelidade de Deus são ilimitadas como o céu, sua retidão é firme como as montanhas e seus juízos são inesgotáveis e misteriosos como as profundezas do oceano (Rm 11:33-36).[17]

Em segundo lugar, *a providência generosa de Deus* (36:6b). Deus não é apenas o Criador, mas também o preservador, e nele vivemos, nos movemos e existimos, visto que é Ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais (At 17:25,28). É ele quem preserva os homens e até mesmo os animais. Allan Harman diz que a alusão à preservação dos homens e dos animais é uma referência à aliança com Noé, na qual Deus se comprometeu em jamais eliminar a vida novamente por meio de um dilúvio (Gn 8:21,22; 9:9-17).[18] Spurgeon esclarece esse ponto quando diz que todas as miríades de criaturas racionais e irracionais são alimentadas pela mão do Senhor. Os incontáveis animais, os inumeráveis pássaros, as inconcebíveis quantidades de peixes, os infinitos exércitos de insetos devem a permanência na vida às emanações do poder divino. Que visão de Deus isso nos apresenta! Que ser aviltante é aquele que não vê rastros de tal Deus e não sente temor dele![19]

Em terceiro lugar, *a preciosidade da benignidade divina* (36:7). A benignidade de Deus é assaz preciosa, por isso os filhos dos homens se acolhem à sombra de suas asas. Ele é refúgio para o aflito e torre forte no dia da tempestade. Ele não escorraça aquele que está abatido pelos reveses da vida, mas recebe-o e ampara-o, tampouco despreza o coração quebrantado, mas é rico em perdoar e tem prazer na

misericórdia. Por esse motivo, não devemos correr dele, mas para Ele. Concordo com Warren Wiersbe quando escreve: "A sombra das asas de Deus dá mais proteção do que os exércitos do mundo".[20] Derek Kidner diz que a figura de se acolher à sombra das asas de Deus foi aplicada por Boaz à atitude de Rute (Rt 2:12), e a Jerusalém por Jesus (Mt 23:37). Mostra um aspecto da salvação que exige humildade, mas que oferece segurança.[21]

Em quarto lugar, *a provisão inesgotável de Deus* (36:8,9). Na casa de Deus há provisão abundante e dali fluem as torrentes das delícias divinas, pois o manancial da vida é o próprio Deus. Nas palavras de Spurgeon, "a vida está na criatura, mas a fonte da vida está no Criador".[22] Na presença dele há discernimento, pois Ele é a luz, e, na sua luz, vemos a luz. A luz é a glória da vida. Jesus é "a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (Jo 1:9). Derek Kidner tem razão em dizer que na frase "na torrente das tuas delícias" há, possivelmente, um eco do Éden, um nome que tem a mesma forma que a palavra hebraica traduzida por "delícias".[23]

A confiança do justo (36:10-12)

Davi passa a expressar sua confiança em Deus. O salmo conclui com uma oração em favor da continuação da benignidade e justiça para com aqueles que conhecem o Senhor e são retos de coração.[24] Nas palavras de Spurgeon, "pedimos nada mais que a continuação da misericórdia passada".[25] Sobre isso, três verdades são por ele destacadas.

Em primeiro lugar, *Deus é fiel aos que o conhecem* (36:10). A benignidade de Deus jamais falta aos que o conhecem na intimidade, pois a justiça divina é contínua aos retos de

coração. O Senhor é confiável e jamais decepciona aqueles que nele esperam. Os homens podem nos abandonar e até nos trair, mas o Senhor nos assistirá (2Tm 4:10,16,17).

Em segundo lugar, *o justo pode suplicar a Deus livramento* (36:11). Davi faz dois pedidos a Deus: o primeiro deles é que não seja pisoteado pelos insolentes, pois seus inimigos são muitos e perigosos, são ardilosos e traidores, e usam a maledicência e a mentira; e eles também são cruéis e agem sem trégua. Nas palavras de Spurgeon, "a semente da serpente nunca deixará de ferir o calcanhar dos piedosos".[26] O segundo pedido é que não seja massacrado pela mão do ímpio; em outras palavras, Davi quer estar nas mãos de Deus, e não nas mãos do homem mau.

Em terceiro lugar, *os obreiros da iniquidade sofrerão queda fatal* (36:12). Davi não faz aqui uma profecia, mas um registro histórico. Pela fé, ele olha para o futuro e vê os inimigos do Senhor completamente derrotados e constata que os obreiros da iniquidade já tombaram e estão destruídos, de modo que não podem mais se levantar. Para finalizar, Allan Harman é categórico em afirmar que "A pessoa que não vive no temor do Senhor finalmente perecerá".[27]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 165.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 157.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 166.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 753.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 166.
6 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 157-158.

[7] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 170.
[8] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 157.
[9] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 177.
[10] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 167.
[11] Ibidem.
[12] Ibidem.
[13] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 158.
[14] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 167.
[15] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 177.
[16] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 755.
[17] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 158.
[18] Harman, Allan. *Salmos*, p. 171.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 755-756.
[20] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 158.
[21] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 168.
[22] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 756.
[23] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 168.
[24] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 177.
[25] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 757.
[26] Ibidem.
[27] Harman, Allan. *Salmos*, p. 172.

Capítulo 37

A salvação do justo e a condenação do ímpio

(Sl 37:1-40)

O SALMO 37 FOI escrito quando o rei Davi já era um homem maduro (37:25). Nele ele discute um problema de longa data: por que os justos sofrem enquanto os perversos parecem prosperar?[1] Warren Wiersbe diz que, no original, o termo equivalente a "perverso" é usado nesse salmo catorze vezes, sendo traduzido também por "malfeitores" e "ímpios".[2]

O salmo 37 é um acróstico sapiencial e também um dos três salmos que tratam do difícil problema da prosperidade dos ímpios (37, 49, 73). Esse salmo foi escrito para falar da salvação do justo, apesar da perseguição do ímpio, bem como da condenação do ímpio, apesar

de sua aparente força. Derek Kidner diz que não há exposição melhor da terceira bem-aventurança (Mt 5:5) do que esse salmo, de onde foi tirada (37:11).[3]

Esse salmo é o estimulante do homem bom em tempos ruins, um poderoso curativo para a praga do descontentamento, um antídoto escolhido contra o veneno da impaciência.[4] Cinco verdades são destacadas nesse salmo, como veremos.

Os justos não devem invejar a prosperidade passageira dos ímpios (37:1,2)

Davi, rei de Israel, no texto apresentado, alerta sobre o perigo de não administrarmos bem os nossos sentimentos. Com isso, corremos o risco de ficar indignados com os malfeitores e hospedar inveja em nosso coração de pessoas que praticam a iniquidade (37:1). Todavia, devemos saber que a glória dessas pessoas é efêmera e que o vigor delas definhará como a relva (37:2). Spurgeon é enfático em dizer que "A destruição dos descrentes será veloz, súbita, segura, impressionante e irrecuperável".[5]

A palavra hebraica usada para "indignar" significa abrasar, arder, inflamar. Já a inveja é o ardor quente dos ciúmes.[6] O justo não pode perder o controle emocional a ponto de ficar irado por causa das injustiças sofridas nas mãos dos malfeitores nem ter inveja daqueles que praticam a iniquidade e mesmo assim prosperam. Nas palavras de Warren Wiersbe, "os justos precisam esfriar a cabeça e manter a calma".[7] Essa prosperidade deles é temporária e sua ruína é certa. Como bem assevera Allan Harman, "o salmista diz a seus leitores: não nutra inveja dos perversos, pois eles não passam de relva, a qual, quando parece estar florescendo,

na verdade já está murchando".[8] Myer Pearlman apresenta essa verdade da seguinte maneira:

> Não permita que a prosperidade dos maus seja motivo para você ter menos fé na soberania de Deus, nem deixe que tal coisa perturbe a sua paz de espírito, porque Deus ainda demonstrará a justiça de seus atos, no tempo por ele determinado. No ínterim, o povo de Deus tem que demonstrar fé e paciência.[9]

Os justos devem ter atitudes piedosas diante da maldade dos ímpios (37:3-11)

Longe de perder a calma com os malfeitores ou mesmo invejar os iníquos, o justo precisa ter atitudes piedosas, e Davi elenca seis atitudes que devem ornar a vida do justo.

Em primeiro lugar, *confiança* (37:3). Confiar em Deus num ambiente onde alguns praticam o mal e outros vivem à solta na iniquidade é o antídoto para não ficarmos irritados nem termos inveja do aparente sucesso dos pecadores. Aqueles que confiam em Deus praticam o bem. Os malfeitores iníquos serão varridos e terão sua memória apagada, mas os mansos que não pagam o mal com o mal, mas confiam no Senhor, habitam a terra, como afirma o próprio Jesus: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra" (Mt 5:5).

Em segundo lugar, *contentamento* (37:4). Em vez de fixarmos nossos olhos nos malfeitores para retaliar ou nos iníquos para os imitar, devemos nos agradar do Senhor. Os desejos do nosso coração não podem ser supridos com revide nem como inveja, pois só o Senhor é a fonte que pode saciar os anelos mais profundos de nossa alma e dar-nos uma vida maiúscula e superlativa. O Senhor é a nossa

alegria, e devemos ter nele todo o nosso prazer, mesmo porque glorificá-lo e desfrutá-lo para sempre é o fim principal da nossa vida.

Em terceiro lugar, *certeza* (37:5,6). Há aqui duas ordens e uma promessa. As ordens são entregar e confiar, e a promessa é que Deus fará sobressair nossa justiça como a luz e o nosso direito como o sol ao meio-dia. Precisamos entregar nas mãos do Senhor tudo o que somos e temos e confiar nele, na certeza de que o mais Ele fará (Pv 16:3; 1Pe 5:7). "Entregar" quer dizer, literalmente, "rolar sobre", é submeter ao Senhor nossa vontade e nossas decisões, fazendo tudo descansar sobre Ele.[10] É imperativo colocar nas mãos de Deus os nossos problemas, nossos planos, nossos sonhos e as nossas aspirações. Nas palavras de Spurgeon, "devemos depositar no Senhor o fardo da nossa vida".[11] Ele é poderoso e sábio, assaz bondoso e sabe o que é melhor para nós. Somos pequenos e limitados demais para cuidar de nós mesmos. Não administramos o futuro, tampouco podemos ficar de pé escorados no bordão da autoconfiança, por isso é sensato entregar nosso caminho ao Senhor, sabendo que Ele é suficientemente poderoso para nos conduzir pelas veredas da justiça, pelas sendas da santidade e levar-nos ao destino da plena felicidade.

Em quarto lugar, *descanso* (37:7). A ordem é confiar, entregar e descansar. É impossível confiar sem entregar, bem como entregar sem descansar. Esse verbo "descansar" quer dizer "calar, aquietar, ficar em silêncio" e descreve uma entrega tranquila de nosso ser ao Senhor.[12] Spurgeon é oportuno quando diz que silenciar o espírito, estar calado perante o Senhor, esperar com paciência santa o tempo para esclarecer as dificuldades da providência são atitudes que todo coração benevolente deve fazer, pois uma língua

silenciosa mostra, em muitos casos, não só uma cabeça sábia, mas também um coração santo.[13]

Não podemos colocar nossa vida nas mãos de Deus e tomá-la de volta, tampouco devemos depositar aos pés do Senhor nossa ansiedade e ao mesmo tempo trazer à baila nossos temores e continuar carregando o fardo pesado das preocupações. A fé descansa na promessa, apoia-se no caráter de Deus e confia na palavra do Senhor. O resultado dessa entrega confiante é o descanso. Não precisamos viver atormentados pelo ruído das tempestades que nos ameaçam. Podemos nos agasalhar nos braços do Pai. Deus é a nossa cidade-refúgio diante da fúria do inimigo, é nosso abrigo seguro no campo aceso da batalha e também nosso consolador quando as lágrimas quentes brotam, como torrentes, dos nossos olhos.

Em quinto lugar, *paciência* (37:8-10). A ira, o furor e a impaciência são marcas do ímpio, e não do justo, pois quem nutre sua alma de raiva e impaciência acaba mal. Os malfeitores podem ascender às alturas, mas cairão nos abismos profundos; eles podem parecer inexpugnáveis, mas acabam varridos pela tempestade do juízo divino. Sua glória é como uma vela que logo se apaga. O ímpio será desarraigado e desaparecerá e jamais poderá ser encontrado. Nas palavras de Allan Harman, "a aparente prosperidade dos perversos não passa de uma ilusão, pois se destinam a ser eliminados".[14] Contudo, o justo, aquele que espera no Senhor, possuirá a terra. Spurgeon tem razão em escrever: "A paixão tem primeiro as coisas boas, as quais logo terminam, mas a paciência tem as coisas boas por último, as quais duram para sempre".[15]

Em sexto lugar, *mansidão* (37:11). O manso não é um homem fraco, mas aquele que abre mão de seus direitos. O

manso é aquele que, podendo retaliar, não o faz, ou seja, não paga o mal com o mal, mas vence o mal com o bem. A mansidão é força sob o controle da fé. Moisés, mesmo sendo um líder forte, era manso (Nm 12:3). Jesus, tendo todo o poder no céu e na terra, era manso (Mt 11:29). É o manso, e não o violento, que herda a terra; não é o que esmaga o fraco que prevalece, e sim o manso, que se deleita na abundância de paz.

Os justos têm sua causa defendida por Deus diante das tramas dos ímpios (37:12-20)

Davi faz um profundo contraste entre o justo e o ímpio. Deus é o defensor do justo, mas implacável inimigo do ímpio; o Senhor toma a causa do justo para ampará-lo, mas destrói o ímpio por causa de sua iniquidade e violência. Vejamos como isso se dá.

Em primeiro lugar, *o ímpio range os dentes contra o justo, e Deus zomba dele* (37:12,13). O ímpio pensa que está no controle da situação e, com mente astuta, trama contra o justo, a ponto de, com ódio fanático, ranger os dentes contra ele como um animal feroz arreganha os dentes diante de uma presa indefesa. No entanto, o Senhor sabe qual é o fim do ímpio e ri dele. Sua ruína é certa, e sua derrota já está lavrada. Os justos são perseguidos pelos ímpios, mas não abandonados por Deus.

Em segundo lugar, *o ímpio aciona suas armas contra o justo, mas ele é destruído por suas próprias armas* (37:14,15). O ímpio é como Hamã, que fez uma forca para matar Mardoqueu, mas ele mesmo foi enforcado nela (Et 6—7). O ímpio com força arrebatadora usa sua espada e seu arco para atingir não o criminoso, mas o pobre e necessitado.

Ele se empenha para matar aquele que anda no reto caminho, mas sua espada lhe traspassa o próprio coração, e seu arco retesado que atirou setas venenosas contra os justos é despedaçado.

Em terceiro lugar, *o ímpio pode ter muito, mas o pouco do justo é melhor do que sua riqueza* (37:16). Davi é categórico em afirmar: "Mais vale o pouco do justo que a abundância de muitos ímpios". Ser rico não é pecado, mas a riqueza adquirida com violência e injustiça é combustível para a destruição daqueles que a acumulam. Em outras palavras, é melhor ser um pobre rico do que um rico pobre; é melhor um prato de hortaliça onde há paz do que lautos banquetes onde há contenda. Isso nos ensina que os justos, mesmo nada tendo, possuem tudo, ao passo que os ímpios, mesmo possuindo tudo, nada têm.

Em quarto lugar, *o ímpio perecerá, mas o justo é sustentado por Deus* (37:17-20). Os ímpios terão seus braços quebrados, enquanto os justos serão sustentados por Deus. O Senhor conhece os dias dos íntegros, e sua herança permanecerá para sempre; além disso, eles não serão envergonhados quando a calamidade chegar, e até mesmo nos tempos de fome serão fartos. Contudo, os ímpios, os inimigos do Senhor e do seu povo, perecerão, serão aniquilados e se desfarão como a fumaça dos sacrifícios.

Os justos terão sua descendência abençoada por Deus, enquanto a descendência dos ímpios será eliminada (37:21-31)

Davi enumera cinco bênçãos desfrutadas pelos justos e sua descendência.

Em primeiro lugar, *integridade generosa* (37:21,22). O ímpio é desonesto — pede emprestado e não paga —,

mas o justo usa a sua fortuna para doar compassivamente. Deus mesmo faz prosperar o justo e o abençoa para habitar a terra, porém os ímpios, amaldiçoados por Deus, serão exterminados. Os justos, mesmo tendo pouco, enriquecem a muitos.

Em segundo lugar, *proteção restauradora* (37:23,24). O homem bom tem seus passos firmados por Deus, de modo que o próprio Deus se agrada dele e do caminho que percorre. Mesmo que venha a tropeçar e cair, mesmo que chegue a ficar prostrado, o Senhor o segura pela mão e o levanta (Pv 24:16). A proteção divina é restauradora; então, os justos podem até cair, mas não ficam prostrados. Spurgeon esclarece esse ponto assim:

> Desastres e reveses podem derrubar o homem bom. Ele pode, como Jó, ser privado de tudo, ou, como José, ser posto na prisão, ou, como Jonas, ser lançado ao mar. Porém, nenhum santo cairá cabal e fatalmente. A tribulação pode nos levar à terra e a morte pode nos levar à sepultura, porém mais baixo que isso não podemos ir, e do patamar mais baixo de todos nos levantaremos para o mais alto de todos. No fim, Jó ganhou o dobro das riquezas que tinha inicialmente, José reinou sobre todo o Egito, e Jonas foi desembarcado em segurança. Não é que os santos sejam fortes, ou sábios, ou meritórios que, então, se levantam depois de cada queda. É porque é Deus quem os ajuda. Por isso, ninguém pode prevalecer contra eles.[16]

Em terceiro lugar, *provisão abundante* (37:25,26). Davi escreve esse salmo do topo de sua velhice. É um homem vivido e experimentado que dá seu testemunho de que o justo é sempre amparado por Deus e sua posteridade é sempre suprida por Deus. O justo tem não apenas o suficiente

para si, mas também o bastante para, compassivamente, emprestar. Em outras palavras, o justo não é próspero apenas financeiramente, mas, sobretudo, espiritualmente, pois a sua descendência é uma bênção.

Em quarto lugar, *instrução abençoadora* (37:27-29). O Senhor instrui o justo tanto negativa quanto positivamente. O justo deve apartar-se do mal e fazer o bem, guiando-se pela promessa de que sua morada será perpétua, porque o Senhor ama a justiça e não desampara os seus santos. Enquanto a descendência dos ímpios será exterminada, os justos serão preservados para sempre, pois herdarão a terra e nela habitarão. Concordo com Spurgeon quando diz que, como herdeiros com Jesus Cristo, a Canaã de cima, que é o antítipo da terra, será dos justos com todas as bênçãos da aliança. Por direito de herança, o paraíso é deles para sempre, e viverão para desfrutá-lo eternamente.[17]

Em quinto lugar, *devoção consagradora* (37:30,31). O justo é alguém que fala com sabedoria, e sua boca é uma fonte de onde jorra palavras de vida e justiça. Em seu coração está a lei de Deus, por seus lábios profere sabedoria e seus passos não vacilam. Nas palavras de Spurgeon, "vemos aqui a melhor coisa, no melhor lugar, com o melhor dos resultados".[18]

Os justos são salvos da condenação pelo Senhor, mas os ímpios serão condenados (37:32-40)

Purkiser diz, acertadamente, que o forte contraste entre as atitudes presentes e os destinos futuros do justo e do ímpio até aqui foi o tema desse salmo. O contraste chega ao ponto culminante nessa seção final,[19] e quatro verdades são destacadas aqui.

Em primeiro lugar, *Deus defende o justo do ataque mortal do ímpio* (37:32-34). O perverso espreita o justo como uma fera espreita a sua presa, pois seu propósito é tirar a vida do justo. O Senhor, porém, sai em defesa do justo e não o deixa nas mãos do perverso. Mesmo que o justo seja levado ao tribunal pelos perversos, Deus não o deixa ser condenado.

Em segundo lugar, *Deus desarraiga o ímpio mesmo que ele pareça inabalável* (37:35,36). O ímpio é prepotente. Parece altivo e inabalável como uma árvore frondosa — é semelhante ao cedro do Líbano. No entanto,Deus o desarraiga a ponto de desaparecer e não poder ser encontrado.

Em terceiro lugar, *Deus abençoa a descendência do justo, mas extermina a descendência do perverso* (37:37,38). O homem de paz é poupado das mãos do ímpio e feito próspero. Sua posteridade é abençoada, e ele habita na terra, porém os transgressores serão destruídos, e sua descendência será exterminada.

Em quarto lugar, *Deus salva e livra os justos* (37:39,40). Davi encerra esse salmo, depois de falar da alegria efêmera dos perversos e da felicidade permanente dos justos; da ruína completa dos ímpios e da vitória retumbante dos crentes. Ele conclui dizendo que "vem do SENHOR a salvação dos justos; ele é a sua fortaleza no dia da tribulação. O SENHOR os ajuda e os livra; livra-os dos ímpios e os salva, porque nele buscam refúgio". Deus livra das tramas da morte e salva do pecado, bem como fortalece o justo no dia da tribulação e o apruma em suas quedas. Deus salva e livra todos aqueles que buscam nele refúgio. Vemos aqui as doutrinas da graça condensadas, a experiência da graça

compendiada, as promessas da graça resumidas e a maior evidência da graça declarada.[20]

A salvação é obra de Deus, apropriada pela fé, e esta garante a salvação dos eleitos. Spurgeon é oportuno quando diz que o salmo termina com uma nota que é o toque fúnebre da ansiedade não santificada com que o salmo começou. Felizes aqueles que, nas más situações da vida, cantam as condições benevolentes.[21]

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 159.
2 Ibidem.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 169.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 783.
5 Ibidem, p. 770.
6 Pearlman, Myer. *Salmos.* Rio de Janeiro, CPAD, 1977, p. 74.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 159.
8 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 172.
9 Pearlman, Myer. *Salmos*, p. 74.
10 Ibidem, p. 75.
11 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 771.
12 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 160.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 772.
14 Harman, Allan. *Salmos*, p. 174.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 773.
16 Ibidem, p. 777.
17 Ibidem, p. 778.
18 Ibidem, p. 805.
19 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 179.
20 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 805.
21 Ibidem, p. 781.

Capítulo 38

Quando o pecador se arrepende

(Sl 38:1-22)

Esse é o terceiro salmo penitencial escrito por Davi (6, 32, 38, 51) e tem como tema o fardo insuportável de pecado e culpa.[1] Muito provavelmente, esses quatro salmos foram escritos para descrever os desdobramentos de seu pecado de adultério com Bate-Seba e como mandou matar Urias, o marido dela. Davi casou-se com Bate-Seba para esconder o seu pecado (38:3,18).

A ordem cronológica parece ser salmo 6, 38, 51 e 32, porém essa situação trouxe sobre ele a ira de Deus, e ele adoeceu física, emocional e espiritualmente. É bem verdade que nem toda doença é resultado imediato e direto de

algum pecado (Jó 2:7-10; Jo 9:1-3), mas alguns problemas físicos podem ser consequência direta de pecados (Jo 5:14; 1Co 11:30; Tg 5:15).

W. T. Purkiser diz que as circunstâncias do salmista eram extremamente desoladoras, uma vez que ele estava sofrendo de uma terrível enfermidade física, abandonado por seus amigos e perseguido pelos seus inimigos. A amargura mais profunda de sua alma era causada pelo sentimento esmagador de sua contaminação moral, de modo que ele reconhece que todo o seu sofrimento era consequência da repreensão e do castigo do Senhor por causa do seu pecado. Esse sentimento de pecado o esmagava, e em sua angústia ele clamou ao Senhor.[2]

Warren Wiersbe, ao expor esse salmo, diz que podemos nos concentrar em nós mesmos e experimentar a aflição do pecado (38:1-8), podemos nos concentrar nos outros e experimentar a solidão do pecado (38:9-14), mas também podemos nos concentrar no Senhor e experimentar o perdão dos pecados (38:15-22).[3] Derek Kidner ainda acrescenta que o sofrimento de Davi foi múltiplo. Há o fardo da culpa, que esmaga ainda mais sob o peso de uma doença horrível, e esta, por sua vez, alienou-o de seus amigos, dando também aos seus inimigos a oportunidade para tramar sua morte. Assim, a confissão a Deus se misturou com a consciência da injustiça humana de tal modo que Davi também é suplicante por justiça.[4]

Doenças hamartiagênicas, os efeitos devastadores do pecado (38:1-8)

Davi estava naufragando num mar de sofrimento; e não era apenas uma doença isolada, mas sim um conjunto

de problemas físicos que produziam dor ardente, febre e inflamações. Ele tinha feridas purulentas que cheiravam mal, sofria taquicardia, sua visão estava sendo turvada, seu corpo estava surrado pela enfermidade e sua mente estava sendo atormentada pela culpa. Chegava a ponto de gemer feito um animal selvagem, e tudo isso aconteceu em decorrência de seu pecado.[5] Destacamos aqui sete fatos.

Em primeiro lugar, *o pecado provoca a ira de Deus* (38:1,2). Davi inicia esse salmo com uma súplica: ele pede a Deus para tratá-lo com brandura, pois poderia até suportar a ira dos homens, mas não a ira divina, pois esta é a pior das amarguras. Davi deseja, como Habacuque, que Deus se lembre de ser misericordioso com ele (Hc 3:2). Concordo com Derek Kidner quando escreve: "Não é uma petição no sentido de ser isento da disciplina de Deus, mas somente que esta seja temperada com misericórdia".[6] Allan Harman corrobora dizendo que Davi sabe que Deus punirá o pecado, porém roga a Ele que não demonstre sua ira quando trouxer sua causa diante dele. Ele se aproxima de alguém que é "o Deus compassivo e gracioso, tardio em irar-se e rico em misericórdia" (Êx 34:6).[7] Sobre isso, Spurgeon escreve:

> Castigar-me se quiseres é uma prerrogativa do Pai. Suportar o castigo obedientemente é um dever do filho. Não transformes a vara em espada, não golpeies para matar. É verdade que meus pecados podem te inflamar, mas que a tua misericórdia e longanimidade apaguem as brasas ardentes da tua ira e poupa o teu servo.[8]

Davi sente-se cravejado pelas setas de Deus, de modo que seus sofrimentos espirituais são um tormento para sua consciência culpada. A convicção de pecado é algo que

penetra fundo como uma flecha, provocando dor e sofrimento. As flechas chegam rapidamente, inesperadamente, e são mortais. Sendo assim, se alguém recebe o bem delas, é em virtude da graça de Deus, e não pela natureza delas.[9] Warren Wiersbe tem razão em dizer que, se não dermos ouvidos às palavras do coração de Deus, teremos de sentir o peso de sua mão (32:4; 39:10,11).[10] Concordo com Spurgeon quando escreve: "Deus castiga severamente muitos de seus filhos. Mesmo assim, jamais os ama menos, nem lhes sonega em tempo oportuno a sua misericórdia".[11]

Em segundo lugar, *o pecado afeta a saúde física* (38:3). O pecado provoca a indignação de Deus, e a consciência dessa dolorosa realidade adoece o corpo. Nas palavras de Spurgeon, "a depressão mental se revela na constituição física, pois uma gota da ira divina faz todo o nosso sangue ferver no sofrimento".[12] Os hospitais estão lotados de pessoas com doenças psicossomáticas ou mesmo hamartiagênicas (doenças produzidas por pecados inconfessos).

Em terceiro lugar, *o pecado traz sobrecarga emocional* (38:4). O pecado, como uma inundação, eleva-se acima de nossa cabeça. Nas palavras de Spurgeon, "o pecado aos nossos olhos é agradável, ao nosso coração é decepcionante, aos nossos ossos é totalmente atormentador e sobre a nossa cabeça é esmagador".[13]

Em quarto lugar, *o pecado tira a lucidez mental e debilita o corpo* (38:5). Spurgeon é enfático quando diz que nem sequer as doenças mais imundas podem ser tão asquerosas quanto o pecado. Nem úlceras, cânceres ou feridas putrefatas se comparam com a vilania e a corrupção indescritíveis da iniquidade.[14] Essa "lepra" que ataca nosso corpo e nossa alma é consequência da loucura do pecado. Nas palavras de

Spurgeon, "tudo o que o homem tem a ver com o pecado mostra a sua loucura: flertando com ele, cometendo-o, permanecendo nele, escondendo-o e dissimulando-o".[15]

Em quinto lugar, *o pecado produz uma tristeza profunda* (38:6). O pecado deixa as emoções em frangalhos. Davi está totalmente prostrado, gravemente debilitado e horrivelmente deprimido, e seu sofrimento é semelhante à amarga dor do luto.

Em sexto lugar, *o pecado provoca profundo enfraquecimento físico* (38:7). Davi tem sensação de febre, e toda a sua carne sente-se enferma. O corpo reflete a alma, e, quando há turbulência na alma, há fraqueza no corpo; quando o pecado aciona o chicote da culpa, vergastando a consciência, o corpo treme e se debilita com esses açoites.

Em sétimo lugar, *o pecado produz grande aflição* (38:8). Davi é um homem ferido na consciência e na alma. Ele está aflito e desassossegado. O luxo de seu palácio não pode abrandar a sua dor; a cama macia e confortável de seu quarto não pode dar descanso ao seu corpo; e seu travesseiro, como uma moita de espinhos, acicata sua cabeça. Onde o pecado está, sempre haverá um coração desassossegado, pois o pecado sempre produz uma fragilidade física, um abatimento mental e um rugido vocal. Mas felizes são esses gemidos se são produzidos pela obra do Espírito Santo e se são frutos da graça de Deus.

Desabafo, a assepsia da alma (38:9-11)

Destacamos aqui três pontos importantes.

Em primeiro lugar, *não esconda nada de Deus* (38:9). Davi tem plena consciência de que não pode ficar escondido

daquele cujos olhos são como chama de fogo, ou seja, não há caverna escura que possa esconder nossos pecados daquele que é onisciente.

Em segundo lugar, *coração sobressaltado* (38:10). Davi está sofrendo de taquicardia. Seu coração sobressaltado está muito acelerado; sua pressão arterial está alterada; e suas emoções turbulentas, fruto de sua consciência culpada, afetam sua saúde física.

Em terceiro lugar, *amigos e parentes se afastam* (38:11). Davi sofre agora a dor do abandono, tendo em vista que aqueles que deveriam ser seus consoladores viram as costas para ele, e aqueles que deveriam lhe oferecer socorro são os primeiros a abandoná-lo.

Silêncio, a estratégia para lidar com os inimigos acusadores (38:12-14)

Destacamos dois pontos aqui.

Em primeiro lugar, *as ciladas e acusações dos inimigos* (38:12). Spurgeon tem razão em dizer que inquieta é a atividade da maldade. Os homens maus nunca se satisfazem com o mal, tanto que percorrem terra e mar só para prejudicar um santo. Não há trabalho severo demais nem custo grande demais se assim eles conseguem arruinar de vez os inocentes.[16]

Em segundo lugar, *o silêncio estratégico do acusado* (38:13,14). Spurgeon ressalta que Davi manteve-se bravamente calado, sendo, nesse tempo, eminentemente típico de nosso Senhor Jesus, cujo silêncio admirável na presença de Pilatos foi mais eloquente que palavras. Abster-se de autodefesa é mais difícil e, na maioria das vezes, mais sábio.[17] Não é sinal de fraqueza calar-se diante da injúria, porque há momentos

em que o silêncio é mais eloquente do que as palavras mais efusivas. Derek Kidner diz que o silêncio de Davi brotava parcialmente da sua fé (38:15) e parcialmente do reconhecimento da sua culpa (38:3-5).[18]

Confiança em Deus, a arma eficaz contra os inimigos (38:15,16)

A esperança na intervenção de Deus e a convicção no poder da oração são dois dos mais abençoados apoios para a alma em tempos de adversidade.[19] Derek Kidner diz que Davi se destaca de muitas outras pessoas pela sua capacidade de esperar por Deus (38:15). Seus anos como fugitivo, seu período em Hebrom e sua atitude para com a revolta de Absalão comprovam a sinceridade da sua oração (39:15,16).[20] Davi tem plena consciência de que sua melhor falha seria notada e seu mais simples passo em falso faria todos os cães do inferno latirem. Davi, então, não quer ser como Sansão, dar motivo para que seus inimigos escarneçam de Deus e zombem dele.

Confissão de pecados, a saída para o pecador (38:17-20)

O limite do homem é a oportunidade de Deus. Quando o homem chega ao fundo do poço, a única direção para onde se pode olhar é para cima; e foi exatamente o que Davi fez. Vejamos.

Em primeiro lugar, *um profundo senso de fraqueza* (38:17). Davi se sente como um homem manco, prestes a coxear, no fim de suas forças, cambaleando a ponto de cair. O apóstolo Paulo alerta: "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1Co 10:12). Uma pequena pedra em

nosso caminho pode nos fazer cair e nos levar ao chão. Do mesmo modo, o pecado produz muito sofrimento, e não há descanso para o coração do pecador até ser perdoado por Deus e lavado no sangue de Cristo.

Em segundo lugar, *espremendo o pus da ferida* (38:18). A confissão e a contrição são as filhas gêmeas da graça. A única maneira de ficar livre da tristeza do pecado é confessá-lo. Assim diz a Escritura: "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28:13). Em outras palavras, onde há arrependimento e confissão, aí perdão.

Em terceiro lugar, *a oposição ferrenha dos inimigos* (38:19,20). Os inimigos de Davi são muitos e também vigorosos e fortes; eles são cruéis porque o odeiam sem causa. São daqueles que pagam o bem com o mal; são adversários de Davi porque este segue o que é bom. Assim, Davi enfrenta seus dramas internos e os implacáveis ataques externos. Ele está encurralado pelos sentimentos e também pelas circunstâncias, e seu sofrimento emana de dentro dele e da oposição que está à sua volta.

Súplica a Deus, o clamor do necessitado (38:21,22)

O Salmo termina com uma oração por auxílio imediato. No centro da vida do salmista, há ainda fé genuína. Ele teme o abandono de Deus e roga que lhe seja concedido auxílio urgente.[21] Sem poder contar com a ajuda dos amigos ou mesmo da família, ele se volta para o Senhor de todo o coração. Nas palavras de Purkiser, "Davi tinha perdido o rumo, mas não havia esquecido o endereço".[22]

Destacamos cinco fatos acerca do clamor do salmista.

Em primeiro lugar, *a súplica pelo amparo divino* (38:21a). Mesmo tendo pecado contra Deus e sofrendo os resultados de sua loucura, mesmo sendo abandonado pelos amigos e familiares e odiado pelos seus adversários, Davi não perdeu seu relacionamento com Deus. Como o pródigo, ele lembrou-se da casa do pai e voltou para clamar a ele, reconhecendo que precisa de amparo divino. Nenhum recurso humano pode aliviar sua dor nem atenuar sua culpa, e nenhum expediente da psicologia humana pode aplacar sua consciência culpada. Só Deus pode aliviar seu fardo e perdoar seu pecado.

Em segundo lugar, *a súplica ao Deus da aliança* (38:21b). Davi clama ao Senhor, o Deus da aliança, o Deus que abençoa e disciplina, castiga e restaura, aflige e perdoa. No Senhor está sua esperança, e Deus continua sendo o seu refúgio.

Em terceiro lugar, *a súplica pela presença de Deus* (38:21c). O pecado é maligníssimo e o pior de todos os males, pois nos priva do maior de todos os benefícios, a presença de Deus. O pecado é pior do que a pobreza, do que a solidão, do que a enfermidade, do que a própria morte. Essas coisas, por mais dolorosas, não podem nos afastar de Deus, mas o pecado nos afasta de Deus no tempo e na eternidade (Is 59:2). Davi precisa da face sorridente de Deus mais do que da ausência carrancuda dos inimigos, pois é na presença de Deus que há plenitude de alegria (Sl 16:11).

Em quarto lugar, *a urgência da súplica* (38:22a). Davi está no limite de suas forças; ele se sente como um homem manco, inclinado a cair, por isso tem pressa. Seu pedido é urgente, sua causa não pode mais esperar. Por isso, ele clama ao Senhor para que tenha pressa em socorrê-lo.

Por fim, em quinto lugar, *a fé segura do suplicante* (38:22b). A fé suplicante é agora transformada em fé triunfante. Aqui Davi confessa que o Senhor não é apenas seu Salvador, mas também sua salvação.

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 180.
2 Ibidem.
3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 162,163.
4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 174.
5 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 1, p. 162.
6 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 174.
7 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 178.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 806,807.
9 Ibidem, p. 816.
10 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 162.
11 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 825.
12 Ibidem, p. 807.
13 Ibidem, p. 825.
14 Ibidem, p. 808.
15 Ibidem, p. 825.
16 Ibidem, p. 810.
17 Ibidem, p. 811.
18 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 176.
19 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 811.
20 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 176.
21 Harman, Allan. *Salmos,* p. 181.
22 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos" vol. 3, p. 180.

Capítulo 39

O fardo insuportável do pecado

(Sl 39:1-13)

Esse é um salmo de Davi. O autor continua com o mesmo tema do salmo anterior, muito embora não seja considerado tecnicamente um salmo de penitência, uma vez que o foco maior está na fragilidade e transitoriedade da vida humana. Nas palavras de Purkiser, "Davi reconhece o seu pecado, mas enxerga-o à luz da tragédia indescritível da vida humana".[1] Davi sofre em decorrência das consequências de suas transgressões, sabendo que a vara da disciplina o feriu; mas ele, que se calou diante dos homens perversos, agora abre seus lábios para confessar suas transgressões e dizer que tem o Senhor como sua esperança.

Nesse salmo, Davi trata do silêncio do crente, da fragilidade da vida, da convicção da fé, da oração do penitente, da disciplina do transgressor e da súplica do humilde, como veremos a seguir.

O silêncio do crente (39:1-3)

O salmo 39 é aberto com o salmista dizendo a seus leitores quais foram seus pensamentos. Ele quis falar, mas, por causa da presença dos perversos, determinou ficar em silêncio. Sobre isso, destacamos quatro pontos aqui.

Em primeiro lugar, *uma conversa no espelho* (39:1a). Davi é um servo do Senhor; ele tem consciência de que os perversos sabem tirar proveito de suas palavras para zombarem de Deus; então, para não tropeçar em suas próprias palavras e não dar motivo aos ímpios de escarnecerem de seu Deus e de sua fé, Davi conversa com sua própria alma e toma a decisão de guardar os seus caminhos do erro e os seus lábios da transgressão.

Em segundo lugar, *um silêncio autoimposto* (39:1b). Davi toma a decisão de colocar mordaça em sua boca. O original hebraico não significa tanto uma rédea para refrear a língua quanto uma focinheira para prendê-la completamente,[2] por isso Davi impõe a si mesmo um silêncio radical, pois sabe que se falar, sobretudo com o coração revoltoso, pode fazer muita gente tropeçar. Nas palavras de Warren Wiersbe, "Davi se cala a fim de não dizer algo que ofendesse aos justos nem dar munição aos ímpios".[3] Spurgeon ainda alerta: "Os pecados da língua são grandes pecados. São como faíscas de fogo que espalham e causam grande dano. Por isso, nossa língua sempre requer vigilância".[4]

Em terceiro lugar, *um silêncio doloroso* (39:2). Allan Harman diz que o silêncio de Davi criou para ele outros problemas, pois, como propusera guardar seus lábios, seus pensamentos íntimos o esmagaram. Ele era como Jeremias com fogo em seu coração, o qual não tinha como ser contido (Jr 20:9).[5] Davi calou-se até mesmo acerca do bem, e isso agravou sua dor, todavia há o tempo certo de ficar calado e o tempo necessário de falar. Spurgeon esclarece esse ponto da seguinte maneira: "Davi, ao tentar evitar um erro, caiu em outro. Usar a língua contra Deus e contra o próximo é pecado de comissão, mas não a usar de modo algum envolve claro pecado de omissão".[6]

Em quarto lugar, *um silêncio interrompido* (39:3). Quando Davi parou para meditar e avaliar a situação, reconheceu que ficar calado quando era necessário falar ateou um fogo em seu peito; então, ele interrompeu seu silêncio autoimposto. Concordo com Spurgeon quando diz que os fluxos retidos causam agitação. A expressão vocal é a vazão natural para a angústia do coração, e o silêncio é o agravamento do mal e um obstáculo à cura.[7] Davi, então, tirou a focinheira, jogou fora a mordaça e interrompeu o silêncio.

A fragilidade da vida (39:4-6)

Aqui Davi trata da brevidade e transitoriedade da vida — essa parte do salmo é muito parecida com Salmos 90:1-12. Concordo com Allan Harman quando diz que a visão de Deus de nossa vida terrena é muitíssimo diferente da nossa, pois a extensão de nossa vida é insignificante diante dele (39:5).[8] Vejamos alguns pontos interessantes sobre isso.

Em primeiro lugar, *um pedido sincero* (39:4). Davi passa a meditar na fragilidade e na brevidade da vida, lembrando que

o homem não apenas é frágil, mas também seus dias são breves. Certo dessa realidade, ele pede ao Senhor para lhe revelar o propósito de sua vida e a soma de seus dias a fim de que pudesse reconhecer, com mais clareza, a sua fragilidade.

Em segundo lugar, *uma constatação real* (39:5). Davi, ao comparar a brevidade de sua vida com a eternidade de Deus, descobriu que, aos olhos do Eterno, seus dias tinham apenas alguns palmos e que, na presença de Deus, o prazo de sua vida era nada. Nas palavras de Spurgeon, "diante do Eterno, todo o tempo do homem frágil é menos que um tique-taque de um relógio".[9] Não há qualquer razão para o homem ensoberbecer-se, pois, por mais firme que seja, o homem é pura vaidade. Seu brilho é passageiro, sua glória é desvanecente, sua vida é curta e sua morte é certa. Warren Wiersbe diz que o termo hebraico traduzido por "vaidade" quer dizer "sopro, vazio". Assim, vaidade é o que resta depois que estouramos uma bolha de sabão.[10]

Em terceiro lugar, *uma vida fugaz* (39:6a). O homem, por mais longeva que seja sua vida, passa rapidamente como uma sombra; ele é como a relva que viceja, floresce e murcha, é como um breve pensamento, como um corredor veloz. Transitoriedade é o apanágio de sua vida. Allan Harman destaca que a palavra "mera sombra" é também a palavra para "imagem" em Gênesis 1:26,27. O homem, porém, não é Deus; ele é apenas criado à sua imagem e portador da imagem, e, em virtude do pecado, ele teve a extensão de sua vida limitada antes de atingir a morte. Toda a sua atividade é caracterizada como futilidade, nulidade; inclusive, seus bens terrenos serão desfrutados por outros.[11]

Em quarto lugar, *uma ganância insensata* (39:6b). O homem, nos breves e corridos dias de sua vida, entrega-se

à inquietação para acumular bens, para ajuntar tesouros, para angariar riquezas. Ele faz dessa saga o sentido da vida, de modo que ama o dinheiro, mas dele nunca se satisfaz, atormenta a sua alma com muitos flagelos e afoga-se em ruína e perdição. E, ao ajuntar fortunas, não consegue levar consigo sequer um centavo, uma vez que não há caminhão de mudança em enterro nem gaveta em caixão; ou seja, os bens acumulados ficam, e aquele que viveu inquieto para ajuntá-los nem sabe quem os levará.

A convicção da fé (39:7)

Allan Harman diz que a palavra "agora" (39:7) é muito mais forte em hebraico do que nosso idioma, porque delimita um novo estágio no salmo (algumas versões em português não trazem a palavra "agora"). Começa com uma pergunta retórica, à qual dá a resposta: "Olho ansiosamente para ti". Tanto a pergunta quanto a resposta pressupõem o exato oposto de impotência e desespero. Para o salmista, a única esperança estava em Deus.[12] Nas palavras de Warren Wiersbe, "ao voltar-se para o Senhor pela fé, Davi passou do desespero para a esperança e da imobilidade para a ação".[13] Destacamos dois pontos aqui.

Em primeiro lugar, *uma esperança além deste mundo* (39:7a). Embora Davi fosse um homem rico, nunca colocou seu coração no dinheiro; em vez disso, ele esperava algo onde pudesse colocar o coração. Havia sede do transcendente em sua alma, cujo vazio não podia ser preenchido com as coisas deste mundo. A verdade é que seu coração anelava por Deus.

Em segundo lugar, *uma âncora segura para a alma* (39:7b). Davi afirma com segurança: "Tu és a minha

esperança". Aqui está o ponto central deste salmo: a esperança de Davi não estava nas riquezas nem nos homens, nem em si mesmo, mas em Deus.

A oração do penitente (39:8,9)

Davi agora ora pelo perdão de suas transgressões, inclusive aquelas mencionadas anteriormente no salmo, as quais incluíam seus pensamentos pecaminosos e também ideias errôneas concernentes ao significado da vida.[14] Três fatos são destacados aqui.

Em primeiro lugar, *livramento da iniquidade* (39:8a). Davi faz a oração de um homem penitente e pede a Deus para livrá-lo de todas as suas iniquidades. O pecado, sendo o pior de todos os males, é a causa de nossos maiores fracassos, a razão de nossas maiores tristezas e a fonte de nossas mais amargas lágrimas.

Em segundo lugar, *livramento do escândalo* (39:8b). Davi suplica a Deus para não ser o opróbrio do insensato, pois sabe que os ímpios estão de olho nele para apanhá-lo em algum ato falho, para flagrá-lo em alguma transgressão, a fim de zombar de sua fé e escarnecer do seu Deus.

Em terceiro lugar, *reconhecimento da culpa* (39:9). Davi está calado diante da consciência de seu pecado. Ele não tem como argumentar, não tem como se defender, por isso reconhece seu pecado e se cala (Rm 3:19).

A disciplina do transgressor (39:10,11)

Davi está cônscio da censura do Senhor (39:10) e usa a palavra "açoite" para descrevê-la. Derek Kidner diz: "O que

causa perturbação a Davi é o tratamento severo de um pecador tão efêmero e vulnerável".[15] Destacamos aqui quatro fatos.

Em primeiro lugar, *um pedido veemente* (39:10a). Davi faz um pedido e uma constatação. O pedido é para Deus tirar das suas costas o flagelo imposto como fardo do pecado, ao passo que a constatação é que ele está consumido pelo golpe da mão divina que o disciplinou — esse é o fato que veremos no próximo ponto.

Em segundo lugar, *um reconhecimento sincero* (39:10b). Davi está consumido pelo golpe de Deus. Ele sabe que o seu sofrimento é decorrente da vara da disciplina, mas Deus o feriu não para destruí-lo, e sim para levá-lo ao arrependimento e restaurá-lo. A disciplina no momento não é motivo de alegria, mas depois produz frutos pacíficos de justiça. A Escritura diz que Deus disciplina a quem ama (Pv 3:12; Hb 12:6; Ap 3:19). É bem conhecida a expressão: "Deus nos surra por meio de nossos prazeres, fala por meio de nossa consciência, mas grita por meio de nossas dores". Nas palavras de Warren Wiersbe, "as dores da disciplina são o megafone de Deus para despertar um mundo ensurdecido".[16]

Em terceiro lugar, *uma constatação dolorosa* (39:11a). A iniquidade é a causa, e o castigo com repreensões é a consequência. A iniquidade promete prazer e dá desgosto, promete liberdade e escraviza, promete vida e mata.

Em quarto lugar, *uma realidade insofismável* (39:11b). Tudo aquilo a que o homem se agarrou com unhas e dentes na prática da iniquidade, pensando que isso lhe traria prazer e realização, é retirado dele e consumido como a traça. A riqueza humana pode desvanecer-se rapidamente, exatamente como a traça pode comer a roupa.[17] Concordo,

portanto, com Purkiser quando ele escreve que "A luta para amontoar riquezas é pura insensatez".[18]

A súplica do humilde (39:12,13)

Quando o salmo termina, deparamos com outro clamor a Deus. Purkiser diz que os dois últimos versículos são uma forte súplica para que Deus ouça a oração e o clamor de Davi.[19] Este roga a Deus que receba a sua oração, dizendo: "Ouve... escuta... não seja surdo".[20] Destacamos aqui quatro verdades.

Em primeiro lugar, *lábios suplicantes* (39:12a). Davi abre os lábios e roga ao Senhor para ouvir sua oração. Ele clama ao Senhor para ouvir seu grito de socorro. Diante dos perversos, ele cala a sua voz, mas, diante do Senhor, ele ergue o seu clamor.

Em segundo lugar, *olhos chorosos* (39:12b). Davi pede para o Senhor não se emudecer à vista de suas lágrimas. De seus olhos brotam torrentes de lágrimas, que lavam sua face e limpam as máculas do seu coração; todavia, esse não é o choro do desespero, mas do arrependimento.

Em terceiro lugar, *pés peregrinos* (39:12c). Davi reconhece que é um peregrino e forasteiro, pois sua pátria não é aqui, sua casa permanente não é aqui e seu lar eterno não é aqui. Ele está aqui de passagem, como também estiveram os seus ancestrais. Derek Kidner diz que "forasteiro" e "peregrino" eram termos que descreviam os residentes estrangeiros em Israel, os quais deviam ser bem recebidos, mas não podiam possuir terras. Davi agora vê que essa condição, sem raízes, é a situação dele mesmo e de todas as pessoas.[21] Purkiser corrobora dizendo: "A ideia dá a entender que Davi e seus antepassados eram convidados de Deus e,

de acordo com o costume oriental, tinham o direito à sua proteção e provisão".[22]

Em quarto lugar, *vida transitória* (39:13). Allan Harman diz que, normalmente, os salmistas rogam a Deus que mantenha seus olhos sobre eles; entretanto, aqui a súplica é para que Deus desvie seus olhos dele. No contexto, seria uma súplica para que Deus desvie dele seu juízo, pois ele anela conhecer a alegria do Senhor antes que morra.[23] Warren Wiersbe acrescenta: "A oração final de Davi é para que Deus desvie dele seu rosto irado e lhe dê forças para voltar à vida com todos os seus deveres e fardos".[24]

Por fim, Davi reconhece, como Pedro, que não era digno de estar na presença de Deus e roga, então, ao Senhor para desviar os olhos dele, para que pudesse ter alento antes de morrer. Ele sabe que Deus é santo e que ele é um pecador; sabe que Deus é luz e que ainda há escuridão em seu coração; e também sabe que a vida passa rapidamente, como um corredor veloz, e que precisa do alento do perdão divino antes de fechar os olhos para este mundo e abri-los na eternidade. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que a expressão "deixar de existir" (39:13) não indica uma desmaterialização ou ausência de vida após a morte, mas sim que Davi deixaria para trás sua peregrinação aqui neste mundo para habitar para todo o sempre com o Senhor (23:6).[25]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 181.

2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 828.

[3] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 163.
[4] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 3, p. 828.
[5] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 182.
[6] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 3, p. 828.
[7] Ibidem, p. 829.
[8] Harman, Allan. *Salmos*, p. 182.
[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 830.
[10] Wiersbe, Warren W. *Comentário biblico expositivo*, vol. 3, p. 164.
[11] Harman, Allan. *Salmos*, p. 183.
[12] Ibidem.
[13] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 165.
[14] Harman, Allan. *Salmos*, p. 183.
[15] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 178.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 165.
[17] Harman, Allan. *Salmos*, p. 184.
[18] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos" vol. 3, p. 181.
[19] Ibidem.
[20] Harman, Allan. *Salmos*, p. 184.
[21] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 178.
[22] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 181.
[23] Harman, Allan. *Salmos*, p. 184.
[24] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 165.
[25] Ibidem.

Capítulo 40

Louvor e súplicas

(Sl 40:1-17)

Esse é um salmo de Davi que combina louvor e súplicas, invertendo, de forma incomum, a ordem dos outros salmos. Aqui primeiro Davi canta e depois faz súplicas, enquanto, na maioria dos outros salmos, primeiro se clama por socorro e depois entoam-se louvores a Deus. Allan Harman diz, corretamente, que o salmo se move de um cântico de alegria concernente a ações pregressas do Senhor para um sincero clamor que sai das profundezas do desespero.[1]

Derek Kidner diz que a libertação retratada de modo memorável nas primeiras linhas exige uma celebração condigna, e Davi consegue perceber que

nenhum mero ritual pode bastar para isso: seria necessário um ato de abnegação pessoal. Sendo assim, ele se prepara para essa entrega de si mesmo, com uma declaração que, na realidade, somente o Messias conseguirá cumprir.[2]

Está claro, portanto, que esse é um salmo messiânico, uma vez que os versículos 6-8 são usados pelo autor aos Hebreus e aplicados a Cristo. Embora o contexto imediato aponte para Davi, seu significado mais profundo é aplicado ao Filho de Davi, o Messias de Deus.

> Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados. Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade (Hb 10:3-7).

Destacamos nesse salmo quatro verdades preciosas: livramento, felicidade, devoção e petição, como veremos a seguir.

O poderoso livramento de Deus (40:1-3)

Davi abre esse belíssimo salmo mostrando sua abnegada paciência em esperar pelo Senhor e testemunha como Deus lhe respondeu, o livrou e colocou em seus lábios um hino de louvor. Nas palavras de Purkiser, "a primeira seção do salmo é um cântico de louvor a Deus pela oração respondida".[3] Quatro verdades devem ser aqui consideradas.

Em primeiro lugar, *uma espera paciente* (40:1a). Davi espera não pelos seus amigos, nem pelo seu exército, nem pela sua riqueza: ele espera pelo Senhor, de forma paciente

e abnegada, e esperou e continuou esperando. A palavra hebraica traduzida por "confiantemente" representa uma duplicação intensiva de "esperar", ou seja, esperei e esperei.[4]

Em segundo lugar, *uma resposta imediata* (40:1b). Aquele que está no trono e governa o universo inclina-se para o suplicante a fim de ouvir sua voz e prestar-lhe socorro em tempo oportuno. Deus se inclinou... ouviu... ergueu... pôs... firmou. Nas palavras de Spurgeon, "é como se o suplicante clamasse da mais baixa depressão, e o amor condescendente se inclinasse para ouvir os gemidos fracos".[5]

Em terceiro lugar, *um livramento milagroso* (40:2). Davi expressa seu livramento de duas maneiras, uma negativa e outra positiva. Na *forma negativa do livramento* (40:2a), Deus tirou Davi de um poço de perdição e de um tremedal de lama, como aconteceu mais tarde com o profeta Jeremias (Jr 38:7). Essas imagens apontam para o estado desesperador em que se encontrava o salmista, mostrando que não havia estabilidade para seus pés nem qualquer segurança para sua vida, e, a cada movimento que fazia, afundava-se ainda mais. Derek Kidner diz que essa metáfora coloca em duas palavras quase tudo quanto pode ser sugerido de horror e completo desamparo.[6] Deus tirou Davi desse charco, desse tremedal de lama. Na *forma positiva do livramento* (40:2b), Deus colocou seus pés sobre uma rocha e lhe firmou os passos, pois não basta tirar o homem do abismo: é preciso colocá-lo em lugar seguro.

Em quarto lugar, *um louvor extraordinário* (40:3). Assim que a angústia se foi, seus lábios entoaram louvores ao Senhor. Ainda fazendo parte do livramento divino, Deus colocou nos lábios de Davi um novo cântico, um hino de louvor ao Senhor, que impactou muitas pessoas. Nas

palavras de Spurgeon, nesse cântico podemos ver "a justiça engrandecida e a graça vitoriosa; o inferno derrotado e o céu glorificado; a morte aniquilada e a imortalidade estabelecida; o pecado destruído e a justiça resplandecente".[7] Vemos aqui quatro verdades.

Primeiro, *a origem do louvor.* "E me pôs nos lábios..." A origem dessa música é divina, ou seja, é Deus quem a coloca nos lábios. Essa música não é criada pela arte e imaginação humanas, mas é inspiração divina.

Segundo, *a natureza do louvor.* "[...] um novo cântico..." Essa música não é nova de edição, mas de natureza, e, mesmo sendo velha, é sempre nova e abençoadora.

Terceiro, *o propósito do louvor.* "[...] um hino de louvor ao nosso Deus..." Essa música vem de Deus e volta para Deus; em outras palavras, não é música para entreter nem para agradar o gosto dos ouvintes, mas sim para louvar a Deus.

Quarto, *o resultado do louvor.* "[...] muitos verão essas coisas, temerão e confiarão no SENHOR." Essa música que vem de Deus e volta para Deus impacta também as pessoas. Essa música é uma pista de mão dupla: louva a Deus e impacta os homens, isto é, tem um resultado vertical e horizontal. Derek Kidner diz que, no original hebraico, há um jogo de palavras entre "ver" e "temer" que ressalta a última, pois o interesse de Davi não é meramente atrair atenção, e sim despertar reverência e confiança no Senhor.[8]

A exultante felicidade dos que confiam no Senhor (40:4,5)

Depois de dar seu testemunho do livramento divino, Davi desabrocha sua alma para expressar sua alegria na presença de Deus, e duas verdades merecem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o fundamento da confiança* (40:4). A felicidade de Davi decorre do fato de ter posto sua confiança no Senhor, e não nos homens arrogantes e mentirosos. Maldito é o homem que confia no homem, mas feliz é aquele que põe no Senhor a sua confiança. Spurgeon alerta: "Jamais prestemos deferência a apóstatas, oportunistas e falsos mestres, pois eles são fermento velho, e, quanto mais nos purgarmos deles, melhor".[9]

Concordo ainda com Spurgeon quando diz que a fé obtém a promessa. A confiança simples e fiel em Deus é o sinal certo da bem-aventurança. O homem pode ser tão pobre quanto Lázaro, tão odiado quanto Mardoqueu, tão doente como Ezequias, tão só quanto Elias, mas, enquanto a sua mão de fé puder manter-se agarrada em Deus, não há aflição que o exclua de ser contado entre os bem-aventurados. Por outro lado, o homem mais rico e mais próspero que não tem fé é maldito, seja ele quem for.[10]

Em segundo lugar, *as bênçãos da confiança* (40:5). Davi não consegue contabilizar as bênçãos da providência divina, fruto de seus desígnios eternos. A criação, a providência e a redenção estão enxameadas de maravilhas assim como o mar é abundante de vida. As maravilhas da graça extrapolam toda numeração, alçando voo da cruz, e a adoção, o perdão, a justificação e uma longa sequência de milagres de amor divinos procedem dela.[11] Concordo com Derek Kidner quando diz que nosso passado está repleto das maravilhas divinas, e o nosso futuro está repleto de seus planos e desígnios.[12] Deus é incomparável em seu amor, em sua sabedoria e em seu cuidado. Seus feitos são majestosos, e sua bondade é inenarrável. Spurgeon tem razão em dizer que os desígnios e os pensamentos de Deus se multiplicam muito mais do que toda a aritmética humana, isto é, mais

que os pensamentos de toda a eternidade, os pensamentos da minha queda, da minha restauração, da minha redenção, da minha conversão, do meu perdão, do meu sustento, do meu aperfeiçoamento e da minha recompensa eterna. A lista é muito longa para escrever, e o valor das misericórdias, muito elevado para estimar.[13]

A completa devoção ao Senhor (40:6-10)

Depois de ir do poço à rocha, Davi passa agora para o santuário de Deus.[14] O que fazer para expressar gratidão a Deus pelos seus gloriosos feitos? Depois de semelhante libertação, qual é a oferta que se pode trazer a Deus senão um coração submisso e consagrado à sua vontade? Duas coisas são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *uma submissão sincera* (40:6-8). Davi compreende que Deus não quer ritos sagrados divorciados da vida, visto que não procura adoração, mas adoradores que o adorem em espírito e em verdade. Antes de aceitar a oferta, Deus precisa aceitar o ofertante, pois a vida precede a oferta (Is 1:11-15; Am 5:21-24; Mq 6:6-8). Davi cita três tipos de ofertas: sacrifícios, ofertas e holocaustos. É óbvio que Davi não está desprezando essas oferendas, porque todas foram instituídas pelo próprio Deus. Ele está ressaltando a necessidade de oferecer ofertas a Deus com o coração sincero. Nas palavras de Purkiser, "Deus está mais interessado em obediência e submissão à sua vontade do que com sacrifícios e ofertas prescritos no culto do Antigo Testamento. A objeção era contra o sacrifício sem sinceridade, um ritual sem a verdadeira retidão".[15] Sobre isso, corrobora Allan Harman:

> O versículo 6 não deve ser interpretado como se Davi estivesse negando a validade do sistema sacrificial veterotestamentário. Antes, deve ser entendido, como se dá em 1Samuel 15:22, como a enfatizar que a obediência era mais essencial do que qualquer sacrifício.[16]

O rei Saul, o antecessor de Davi, foi rejeitado porque tentou agradar a Deus com sacrifícios sem obediência (1Sm 15:22). A obediência é o que Deus requer, e Deus se agrada daqueles que se agradam dele. Ter a lei de Deus no coração é melhor do que oferecer a Deus milhares de carneiros e tonéis de azeite, visto que Deus requer de nós a prática da justiça, o amor à misericórdia e a humildade em sua presença (Mq 6:7,8).

Salmos 40:6-8 é um texto messiânico. É citado pelo autor aos Hebreus, aplicando-o a Cristo, o Filho de Davi (Hb 10:5-9). Somente Jesus, o Cristo, pode cumprir cabalmente o que nesse texto está prescrito. Foi o Messias que pôs fim aos sacrifícios e holocaustos ao oferecer a si mesmo como o sacrifício perfeito e cabal. Warren Wiersbe diz que há quem veja o nascimento de Cristo no versículo 7, sua vida sem nenhum pecado no versículo 8 e sua morte sacrificial no versículo 6.[17]

Declaro pleno apoio ao que diz Spurgeon: "Neste ponto, entramos numa das passagens mais maravilhosas de todo o Antigo Testamento, uma passagem na qual o Filho encarnado de Deus não é visto por espelho em enigma, mas, por assim dizer, face a face. Tipicamente, essas ofertas tinham valor, mas, quando Jesus, o Antítipo, veio ao mundo, elas deixaram de ser valorizadas, do mesmo modo que as velas que não têm utilidade quando o sol se levanta".[18]

O Senhor Jesus estava pronto para ouvir e fazer a vontade do Pai. Toda a história do Antigo Testamento foi uma preparação para a sua vinda, e, com sua morte vicária, ele varreu do altar todos os sacrifícios mortos. A desgraça do homem não podia ser remediada por sacrifícios e ofertas; e Jesus foi, então, o ofertante perfeito a oferecer a si mesmo como oferta perfeita. Seu sacrifício foi único, cabal e irrepetível, pois Ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação.

Em segundo lugar, *uma proclamação pública* (40:9,10). Um coração grato e devoto não pode ser apenas um receptáculo das bênçãos de Deus. Precisa ser também um instrumento e veículo dessa bênção para outrem. Por isso, Davi proclamou as boas-novas de justiça, a fidelidade e a salvação de Deus; em outras palavras, ele não escondeu da grande congregação a graça e a verdade de Deus. Spurgeon alerta:

> O pregador tem de entregar a mensagem toda. O pregador não deve esconder nada. Nada sobre a justiça da lei ou do evangelho. Nada sobre a benignidade da graça. Nada sobre a verdade. Pois omitir é esconder, embaralhar com raciocínios humanos, cobrir com floreios de retórica. Fazer uma apresentação parcial e dar a letra sem o espírito.[19]

Se aplicarmos esses versículos também ao Messias, podemos afirmar que Jesus pregou a mais pura moral e a mais sublime santidade. A justiça divina era o seu tema, e a vida inteira do nosso Senhor foi um sermão, incomparavelmente eloquente, sendo ouvido cada dia por milhões e milhões de pessoas. Além disso, ele jamais se absteve no seu ministério de declarar todo o conselho de Deus.[20]

A urgente petição por socorro divino (40:11-17)

Inobstante Davi ter experimentado o livramento poderoso de Deus no passado, não está isento de novas batalhas no presente, por isso a última parte desse salmo trata de uma pungente petição pelo socorro divino. Vejamos:

Em primeiro lugar, *o conteúdo da petição* (40:11). Davi roga a Deus para não reter dele suas misericórdias, ou seja, ele quer ser guardado continuamente pela graça e pela verdade. As vitórias de ontem não servem mais para hoje. Precisamos de novas intervenções de Deus em nosso favor.

Em segundo lugar, *a justificativa da petição* (40:12). Davi confessa que seus problemas são causados pelos seus próprios pecados. O salmista não se justifica nem tenta amenizar sua condição. Ele está cercado de inúmeros males, porque suas incontáveis iniquidades o alcançaram, e o resultado disso é um desfalecimento emocional e uma debilidade espiritual.

Em terceiro lugar, *a urgência da petição* (40:13). Davi pede clemência a Deus e roga ao Senhor para socorrê-lo com urgência, pois se sente esmagado pelos seus pecados e encurralado pelos males decorrentes de suas iniquidades.

Em quarto lugar, *a vindicação diante do escárnio dos inimigos* (40:14,15). Além de suas iniquidades que vêm de dentro, Davi enfrenta os inimigos à sua volta. Ele pede ao Senhor para desbaratar os planos malignos de seus inimigos, que buscam matá-lo. Davi pede a Deus para envergonhar e cobrir de vexame aqueles que vibram com o seu mal e roga ao Senhor que faça seus inimigos sofrerem perturbação, uma vez que esses estão espumando a boca de alegria ao verem Davi em dificuldade.

Em quinto lugar, *a* bênção para o povo de Deus (40:16). Ao mesmo tempo que Davi roga ao Senhor para confundir seus inimigos, pede também para o Senhor alegrar o seu povo, o povo que busca e ama a sua salvação e tem como alvo de vida magnificar ao Senhor.

Em sexto lugar, *o testemunho acerca da fidelidade de Deus* (40:17). Davi conclui esse salmo dando um testemunho pessoal e reconhecendo que é um homem pobre e necessitado. Isso não significa dizer que era um homem desprovido de bens materiais, mas tinha consciência de que pessoas e coisas não podiam socorrê-lo. Não obstante suas limitações, tinha plena convicção do cuidado divino. Deus era o seu amparo e libertador não só nas lutas do passado, mas também nos grandes enfrentamentos do presente. Por isso ele pede: "[...] não te detenhas, ó Deus meu!".

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 184-185.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 179.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 182.
4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 179.
5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 856.
6 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 180.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 857.
8 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 180.
9 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 858.
10 Ibidem, p. 857-858.
11 Ibidem, p. 858.
12 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 180.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 858.

[14] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 167.
[15] Purkiser, W. T. *"O livro de Salmos"*, vol. 1, p. 182.
[16] Harman, Allan. *Salmos*, p. 186.
[17] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 165.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 859.
[19] Ibidem, p. 879.
[20] Ibidem, p. 861.

Capítulo 41

As grandes experiências da vida

(Sl 41:1-13)

Esse é o terceiro salmo de Davi que começa com a expressão "bem-aventurado" (1, 32, 41). A primeira bem-aventurança é para aquele que medita na Palavra de Deus, a segunda é para o homem perdoado, e a terceira, para o homem perdoado que socorre o pobre em suas necessidades.

Purkiser destaca o fato de esse salmo não ter uma clara unidade. Davi trata aqui de uma variedade muito grande de assuntos, como o valor da caridade, a penitência pelo pecado, a opressão dos inimigos, a traição dos amigos e a oração por cura.[1]

Há três verdades vitais que destacamos nesse salmo: o crente generoso e o

pobre necessitado (41:1-3); o crente enfermo e os inimigos impiedosos (41:4-9); o crente suplicante e o Senhor misericordioso (43:10-13). Vejamos.

O crente generoso e o pobre necessitado (41:1-3)

Duas verdades preciosas são destacadas aqui.

Em primeiro lugar, *a generosidade é fonte de sublime felicidade* (43:1a). O salmo começa chamando a pessoa generosa de bem-aventurada, muito feliz — essa foi a mesma expressão usada por Jesus nas bem-aventuranças. A ideia, portanto, desse versículo acha sua mais plena expressão no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5:7).

Warren Wiersbe diz que o termo "necessitado" se refere aos desamparados, os que passam por dificuldades e dependiam da ajuda de outros.[2] Spurgeon acrescenta que os pobres são os pobres em bens materiais, fracos em força física, menosprezados em reputação e desanimados de espírito.[3] Acudir ao necessitado significa socorrer o pobre em suas aflições, suprir suas necessidades e assisti-lo em suas aflições. Deus tem um cuidado especial com os pobres; aliás, a preocupação com os pobres é um dos temas recorrentes no Antigo Testamento (Lv 19:9,10; 23:22; Dt 24:19).

Feliz é aquele que reparte com generosidade o que recebe em vez de reter com usura o que ganha. Nas palavras conhecidas de Jim Elliot, "não é tolo aquele que dá o que não pode reter, para ganhar o que não se pode perder". Spurgeon registra: "Como são tolos os que temem perder a riqueza dando-a, e não temem perderem-se a mantendo. Aquele que guarda ouro pode ser um bom carcereiro, mas aquele que o dispõe é um bom mordomo".[4] A alma generosa

prospera, mas reter mais do que é justo é pura perda, pois a semente que se multiplica não é a que comemos, mas a que semeamos. Quando damos ao pobre, emprestamos a Deus; quando semeamos com abundância, com fartura ceifamos; quando somos generosos em dar ao pobre, Deus multiplica a nossa sementeira. Em suma, a felicidade de quem dá é maior do que a alegria de quem recebe, pois, como o próprio Jesus diz: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20:35). Spurgeon escreve: "A alegria de fazer o bem, a doce reação da felicidade do outro, o sorriso aprovador dos céus ao coração generoso são coisas que a alma mesquinha não conhece".[5]

Em segundo lugar, *a generosidade é fonte de ricas recompensas* (41:1b-3). A generosidade não é apenas fonte de felicidade, mas também causa de muitas recompensas da parte do Senhor, como veremos a seguir.

1. Livramento no dia do mal (41:1b). O homem generoso não é poupado do dia do mal, mas livrado por Deus nesse dia. Assim como o generoso acode o pobre e necessitado, Deus acode o generoso no dia do mal. Nas palavras de Spurgeon, "o amante e compassivo dos pobres cuidou dos outros e, então, Deus cuidará dele. Deus nos mede com a nossa própria medida".[6]

2. Proteção divina (41:2a). Há muitos inimigos que espreitam e muitos males que encurralam o homem generoso, mas Deus o protege e não permite que seus inimigos vejam cumprido seu desejo contra ele.[7]

3. Preservação e felicidade (41:2b). São muitos os inimigos que tentam tirar-lhe a vida e fazer amargar sua

peregrinação na terra, mas o Senhor preserva-lhe a vida e o faz feliz na terra. Nas palavras de Spurgeon, "a prosperidade o atenderá. O jarro de óleo não se secará, porque ele alimentou o pobre profeta. Ele cortará o rolo de tecido e descobrirá que está mais comprido em ambas as pontas".[8]

4. Assistência na enfermidade (41:3a). O homem generoso também fica doente, mas o Senhor promete assisti-lo, dando-lhe alívio e conforto. Spurgeon é oportuno quando escreve: "Não há médico como o Senhor, não há tônico como a sua promessa, não há bálsamo como o seu amor".[9]

5. Cura da enfermidade (41:3b). Afofar a cama na enfermidade significa levantar-se do leito da enfermidade e ser curado. Nas palavras de Purkiser, "Deus transforma o leito da enfermidade em saúde e descanso restaurador".[10] Quando cuidamos dos outros, Deus cuida de nós, e, quando aliviamos os fardos dos outros, Deus alivia a nossa bagagem.

O crente enfermo e os inimigos impiedosos (41:4-9)

Davi mais uma vez trata da questão de seu pecado relacionado com sua doença e sofrimento. Onde o pecado está, a doença chega e o sofrimento é inevitável. Vamos destacar aqui cinco pontos.

Em primeiro lugar, *confissão honesta* (41:4). Davi confessa: "[Eu] pequei". Aqui está a raiz do problema. O pecado e o sofrimento são irmãos siameses. Davi diz que não só seu corpo está doente, mas também sua alma, e sua confissão implica um clamor profundo por compaixão e um urgente

pedido de cura. Deus havia prometido, por intermédio de Moisés, que seria o médico que cura (Êx 15:26), e aqui o salmista reivindica essa promessa.

Em segundo lugar, *maledicência impiedosa* (41:5,6). Davi tinha muitos inimigos e era objeto da maledicência deles. Esses inimigos torciam pela sua morte, queriam vê-lo sucumbir pela enfermidade e desejavam ver seu nome em completo ostracismo. Os inimigos de Davi eram tanto mais perigosos quanto mais se disfarçavam em amigos, uma vez que vinham visitá-lo no leito de enfermidade, fingiam-se interessados em sua cura, mas no coração acumulavam malícias. As visitas de solidariedade não passavam de armadilhas maliciosas, pois, logo que saíam de sua casa, já urdiam contra ele, espalhando más notícias a seu respeito. A língua de seus inimigos era veneno mortífero e fogo devastador. Spurgeon registra esse fato assim: "Os maledicentes confeccionam as mentiras e depois as vendem na feira livre. Tão logo saem da casa, a mentira já é de conhecimento público, e isso contra um doente a quem acabaram de visitar como amigo".[11]

Em terceiro lugar, *ódio animalesco* (41:7a). Os inimigos de Davi rosnavam contra ele como cães ferozes ou como bestas-feras. Odiavam Davi com ódio consumado, tanto que, se pudessem, o devorariam como uma presa indefesa.

Em quarto lugar, *desejo perverso* (41:7b,8). Os inimigos de Davi engendravam males contra ele, dizendo que ele havia caído de cama, enfermo, e que desse leito de morte ele não se levantaria. Apostavam na sua morte e entoavam antecipadamente as cantilenas fúnebres de seu funeral. Alimentam pensamentos perversos no coração e destilavam esse veneno com palavras sem piedade. Spurgeon diz

que, quando o Senhor por um breve momento fere o seu povo com a vara da aflição, os inimigos esperam vê-lo executado e já preparam logo os cânticos para a celebração do funeral.[12]

Em quinto lugar, *traição ingrata* (41:9). Além de inimigos declarados, Davi precisou lidar com a traição de seu amigo chegado. Muito provavelmente, está se referindo a Aitofel, que bandeou para o lado de Absalão para trair o enfermo rei Davi. Aitofel, conselheiro oficial de Davi, era avô de Bate-Seba (2Sm 11:3; 23:34) e muito provavelmente odiava Davi por aquilo que havia feito a ela e ao marido. Esse texto foi usado por Jesus para se referir a Judas Iscariotes, seu discípulo e tesoureiro do grupo apostólico, que o traiu e o vendeu pelo preço de um escravo. Jesus, no cenáculo, em Jerusalém, citou este versículo em relação a Judas Iscariotes: "[...] Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar" (Jo 13:18). Assim como Aitofel traiu Davi, Judas Iscariotes traiu Jesus. Concordo com Spurgeon quando escreveu: "O beijo do traidor feriu o coração do nosso Senhor tanto quanto os cravos as suas mãos".[13]

Allan Harman diz que a expressão "levantar o calcanhar" realça uma ação agressiva e traidora; portanto, o que era verdade com relação a Davi cumpriu-se num grau ainda mais profundo na traição de Judas a Jesus,[14] pois Judas não apenas deu as costas para Jesus, como também um coice violento como um cavalo selvagem.[15]

Spurgeon é enfático:

> A traição era uma das mais amargas gotas de fel. Estamos realmente na miséria quando o nosso amigo de outros tempos se torna o nosso inimigo implacável, quando a confiança é traída,

quando todos os ritos da hospitalidade são pervertidos e a ingratidão é o único troco para a bondade.[16]

O crente suplicante e o Senhor misericordioso (41:10-13)

Em vez de Davi sucumbir aos desejos, às palavras e às ações perversas de seus inimigos, clamou pela misericórdia do Senhor. Destacamos aqui quatro pontos importantes.

Em primeiro lugar, *pedido de restauração* (41:10). É enfático o "tu, porém" nesse versículo. Os inimigos tramaram, o amigo achegado traiu sem misericórdia, mas o Senhor se compadeceu. Os inimigos queriam vê-lo cair morto, mas o Senhor o levantou do leito da enfermidade. Os inimigos queriam prevalecer sobre ele e apagar seu nome da história, mas foi Davi quem venceu e impôs a seus inimigos acachapante derrota. Derek Kidner tem razão em dizer que Davi recebeu mais misericórdia de Deus, contra quem pecou, do que do amigo, a quem ajudou.[17]

Concordo com Warren Wiersbe quando diz que a expressão "para que eu lhes pague segundo merecem" (41:10) não se trata de uma vingança pessoal da parte de Davi, mas sim de uma preocupação com o futuro de Israel como nação e da dinastia davídica.[18]

Em segundo lugar, *tributo de gratidão* (41:11). Apesar de Davi ter pecado contra o Senhor, era um homem de coração quebrantado e arrependido que não hesita em pleitear sua integridade diante do Senhor e reconhecer que o Senhor se agradava dele. Por causa disso, o Senhor não permitiu que seu inimigo triunfasse sobre ele. Concordo com o que diz Allan Harman: "se o salmista é soerguido pelo Senhor, então os inimigos não terão como festejar em triunfo".[19]

Em terceiro lugar, *anelo por comunhão* (41:12). Davi reconhece que foi o Senhor quem o manteve de pé, conservando seu coração íntegro. Ele tem plena consciência de que foi o Senhor quem o manteve em sua presença para sempre.

Em quarto lugar, *cântico de adoração* (41:13). Davi conclui esse salmo e o primeiro livro do Saltério com uma doxologia. Ele bendiz ao Senhor, Deus de Israel, de eternidade a eternidade, e fecha com um duplo e sonoro "amém", como um selo de sua declaração. Sobre isso, Derek Kidner é oportuno quando escreve:

> Cada um dos cinco livros do Saltério termina com um irrompimento de louvor, cujo fecho é um Amém duplo (41:13; 72:19; 89:52), um Amém com Aleluia (106:48), ou, finalmente, com aquilo que é virtualmente um Aleluia duplo (150:6), ou, na realidade, um salmo inteiro de doxologia. Apesar de todas as suas flutuações de ânimo, o Saltério volta constantemente à sua tônica, que se identifica no seu título hebraico, "Louvores".[20]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 183.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 167.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 882.
4 Ibidem, p. 890-891.
5 Ibidem, p. 882.
6 Ibidem.
7 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 189.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 883.
9 Ibidem.
10 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 183.

[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 885.
[12] Ibidem, p. 886.
[13] Ibidem.
[14] Harman, Allan. *Salmos*, p. 190.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 886.
[16] Ibidem, p. 887.
[17] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 183.
[18] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 168.
[19] Harman, Allan. *Salmos*, p. 190.
[20] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 184.

LIVRO 2
(Salmos 42—72)

Capítulo 42

O anelo profundo da alma

(Sl 42:1-11; 43:1-5)

O segundo Livro de Salmos coleciona salmos de vários autores:

- dos filhos de Coré (42—49);
- de Asafe (50); de Davi (51—65, 68—70);
- de Salomão (72).

Há, ainda, três salmos anônimos (66, 67, 71).[1]

Esse Livro 2 faz parte do que é conhecido como "Saltério Eloístico", visto que o nome para a Divindade é *Elohim*, "Deus", em vez de *Yahweh*, "o Senhor".[2]

Entre os incontáveis comentaristas bíblicos, há quase unanimidade de que,

originariamente, os salmos 42 e 43 formam um único poema. Todavia, em muitos manuscritos hebraicos esses dois salmos são considerados um só, fato esse que é endossado pela observação de que o salmo 43 não tem título, ao passo que os demais desse livro, com exceção do salmo 71, são titulados. Há um título único que serve para ambos; além disso, o solilóquio repetido no salmo 42 (42:5,11) é repetido também em Salmos 43:5. Ideias similares ocorrem ao longo do poema, e a frase "Por que hei de andar lamentando sob a opressão dos meus inimigos?" (42:9) é repetida em 43:2. Por isso, vamos considerar esses dois salmos como uma única obra.

Os dois salmos foram escritos pelos filhos de Coré, músicos do templo, e retratam o anelo profundo da alma, de um adorador privado do santuário e do culto congregacional. O salmista enfrenta a adversidade circunstancial e o ataque impiedoso dos adversários, que colocam em dúvida a presença protetora de Deus em sua vida, enquanto vive amargo exílio. Concordo com Derek Kidner quando diz que é o lamento de um cantor do templo exilado no Norte, perto da nascente do Jordão, que anseia por estar de volta à casa de Deus e que transforma seus anseios em fé resoluta e esperança no próprio Deus.[3]

Muito embora alguns estudiosos, como Charles H. Spurgeon e Charles Swindoll, atribuam esses dois salmos a Davi, entendemos que eles são de autoria dos filhos de Coré, levitas que tinham responsabilidade especiais no templo (1Cr 6:22; 9:19; 26:1,19; 2Cr 20:19). Warren Wiersbe entende que o autor é um levita exilado no meio dos gentios (43:1), que o oprimiam e questionavam a sua fé (42:3,10; 43:2). Nesse sentido, destacamos várias lições preciosas aqui:

O profundo anseio por Deus (42:1-5)

O salmista, por motivo não esclarecido no texto, está exilado do templo, longe da casa do Senhor, de modo que intensa saudade enche o coração do cantor. Fica claro que esse é um cântico de exílio e, além disso, de um exílio entre inimigos que não têm empatia nenhuma com as convicções religiosas dos exilados. Aqui destacamos quatro fatos.

Em primeiro lugar, *o clamor da alma sedenta* (42:1,2). O salmista não tem condições de ir e desfrutar do culto comunitário e, assim, assemelha-se a uma corça que anela por água e, no ermo de seu isolamento, ele nutre um anelo semelhante por Deus.[4] O salmista se compara a uma gazela que, sofregamente, corre aos ribeiros para dessedentar-se, mas está com sede não de prosperidade e riqueza, não de saúde e sucesso, mas de Deus, a quem denomina Deus vivo (42:2), a fonte de águas vivas (Jr 2:13; 17:13). Essa referência ao Deus vivo é mencionada pela primeira vez aqui no livro de Salmos. É digno de nota que "sede" é uma necessidade vital e mais rigorosa do que a fome. O salmista está com sede de Deus, do Deus vivo, e anseia pelas moradas do Altíssimo, anela pela contemplação da face de Deus. A sede é mais forte do que a fome e é implacável, tanto que esmaga, estiola e mata. O salmista tem sede de Deus. Warren Wiersbe destaca que o salmista cita os elementos mais essenciais da vida física: ar (suspirar), água e alimento (42:1-3), mas, sem a adoração (42:4), a vida não faz sentido para ele.[5] Purkiser ressalta a importância desse ardente desejo do salmista, sobretudo em contraste com a negligência e apatia que muitos demonstram hoje com a adoração e com o culto público.[6] Spurgeon é oportuno quando escreve: "Quando nos for tão natural desejar Deus quanto

ter sede, a nossa alma vai bem, por mais dolorosos que sejam os nossos sentimentos".[7]

Em segundo lugar, *o sofrimento do exilado* (42:3). O salmista, exilado, enfrenta amargo sofrimento, uma vez que seus inimigos o estigmatizavam continuamente, pois era como se Deus houvesse se afastado dele.[8] O cantor sagrado priva-se do alimento nutritivo para se alimentar apenas de suas lágrimas, e seu choro tornou-se tão frequente quanto, outrora, haviam sido as refeições. O choro, agora, é seu companheiro diuturnamente, e sua dor é agravada pela insolência daqueles que questionam o cuidado de Deus em sua vida. Seus adversários ousam dizer que Deus o havia abandonado — era comum os gentios idólatras perguntarem ao povo de Israel: "O teu Deus, onde está?" (42:3,10; 79:10; 115:2; Jl 2:17; Mq 7:10).

Em terceiro lugar, *a recordação saudosa* (42:4). O salmista exilado da casa de Deus alimenta-se não apenas de suas lágrimas, mas também de suas lembranças, recordando-se de como liderava o povo de Deus nas festas religiosas da Páscoa, das Semanas e dos Tabernáculos, em procissões festivas rumo a Jerusalém, quando as tribos subiam para "renderem graças ao nome do SENHOR" (Sl 122:4). Mergulhado em grande tristeza e dor, ele se recorda dos tempos alegres que havia vivido com o povo de Deus, na casa de Deus. Oh, que privilégio pertencer à família de Deus! Que alegria poder ir à casa de Deus para adorá-lo — aliás, essa é a maior alegria do remido, é a festa da alma, o banquete do coração redimido pela graça. Derek Kidner esclarece que, para o salmista, não há dúvida de que o assunto central no culto público era a própria pessoa de Deus (42:1,2); no entanto, a camaradagem e o ritual comovente de uma grande ocasião eram um prazer adicional.[9]

Em quarto lugar, *a conversa diante do espelho* (42:5). Aqui o salmista se entrega a um solilóquio, uma conversa diante do espelho, exortando a si mesmo e admoestando-se a não ficar abatido. Ele confronta sua própria alma perturbada a esperar no Senhor, e, mesmo que agora o tempo seja de choro, a esperança o impulsiona a antecipar os dias de alegria, onde louvará a Deus, o seu auxílio e o seu Deus pessoal. Nas palavras de Allan Harman, "em meio à sua desolação espiritual e a seu anelo por Deus, o salmista se encoraja. Ele apela a si mesmo a esperar por Deus e expressa a convicção de que ele ainda o louvará".[10] Concordo com Spurgeon quando escreve: "Há duas graças que Cristo usa acima de qualquer outra para encher a alma de alegria — fé e esperança. A fé conta para a alma o que Jesus tem feito e, assim, a consola, ao passo que a esperança reaviva a alma com as notícias do que Jesus Cristo fará — ambas bebem da mesma fonte: Cristo e sua promessa".[11]

A nostálgica lembrança de Deus (42:6-11)

Derek Kidner diz que aqui temos uma figura de linguagem totalmente diferente. Os pensamentos do poeta são conturbados pelo cenário de natureza diferente no meio em que ele fica. Ali, no rio Jordão, não longe da sua nascente nas encostas do Hermom, ele vê torrentes descendo das encostas e cachoeiras caindo em forma de catadupas e ele sendo arrastado pela correnteza.[12]As águas da chuva, bem como a água do degelo, transformam os arroios em cascatas e torrentes perigosas, uma imagem do sofrimento intenso. Aqui seis fatos nos chamam a atenção.

Em primeiro lugar, *o abatimento do exilado* (42:6). O salmista está no extremo norte da Palestina, no sopé do

monte Hermom, a mais alta montanha de Israel, e perto de Mizar, um pequeno monte nas terras onde nasce o rio Jordão. Ali, longe do santuário, longe da congregação, privado do culto público, sente sua alma exilada e abatida. O cantor do santuário se vê engolfado pelos turbilhões, mas o que lhe dá alegria é a presença de Deus, o bem maior a que aspira é a glória de Deus, e aquilo por que mais anseia é a face de Deus. Oh, como seria bom se o povo de Deus sentisse novamente esse anseio pela presença do Altíssimo, esse apego à casa de Deus, esse anelo pelo culto público!

Em segundo lugar, *uma enxurrada de problemas* (42:7). O Hermom é a montanha mais alta de Israel, e seu cume está sempre coberto de neve. Com o degelo, descem dali torrentes de águas, como verdadeiras cachoeiras, em catadupas, ou seja, queda de grande volume de água corrente. As águas que vinham de cima se uniam às águas que brotavam debaixo, pois ali no sopé do monte é onde nasce o rio Jordão. Então, o salmista olha para esse cenário e imagina a sua alma sendo arrastada de abismo em abismo; ele perdeu o apoio para os pés e sente todas as ondas e vagas passando por cima dele, como sentiria mais tarde o profeta Jonas (Jn 2:3). O autor exilado é encurralado pelos inimigos e, amargando dolorosa circunstância, sente saudade da casa de Deus, de modo que tudo isso, como uma enxurrada de problemas, atormenta sua vida. Nas palavras de Spurgeon, "como uma catadupa, o abismo de cima e o de baixo apertam as mãos. Parecia ao salmista que o céu e a terra tinham se unido para criar uma tempestade ao redor dele. A tribulação exterior trovejou em harmonia terrível com a angústia interior".[13]

Em terceiro lugar, *o socorro divino* (42:8). Em meio à sua angústia, ainda é capaz de lembrar da graça de Deus para com ele, visto que, nas horas do dia, Deus põe em atividade seu amor; à noite, Ele dá um cântico, o qual se converte em oração.[14] É digno de nota que o salmista deixa de usar o termo *Elohim* para Deus para chamá-lo de *Yahweh*, o Deus da aliança. No salmo 42, o autor usa as designações *El* ou *Elohim* (Deus) vinte vezes e o nome *Yahweh* (Senhor) apenas uma vez (42:8). Mesmo cercado de problemas, ele ora ao Senhor e canta louvores ao seu nome, pois Ele é o Deus de sua vida. Mesmo que as circunstâncias pareçam carrancudas, ele tem plena consciência da assistência da misericórdia de Deus.

Em quarto lugar, *a oração do oprimido* (42:9). O salmista sente-se abandonado, contudo é capaz de chamar Deus de "minha rocha". O salmista dirige-se a Deus como sua rocha, mas lamenta que o Senhor tenha se esquecido dele e admite que seu andar cheio de lamentação, sob a opressão do inimigo, está diretamente relacionado ao fato de Deus o ter deixado.

Em quinto lugar, *o insulto do adversário* (42:10). O sofrimento do salmista é sobremodo agravado com as palavras ferinas de seus adversários. A língua corta mais fundo do que uma faca afiada e chega até os ossos. Mas em que consiste o insulto dos adversários? Consiste na repetição sem trégua da pergunta: "O teu Deus, onde está?". Seus inimigos sugerem que Deus é incapaz de socorrê-lo e estavam dizendo ao salmista que, se ele estava passando por circunstâncias amargas, se estava privado do culto público, se estava enfermo e exilado, então Deus havia virado as costas para ele e o rejeitado. Para seus adversários, os problemas do salmista evidenciavam a ausência de Deus em

sua vida, porém os inimigos estavam rotundamente enganados. Spurgeon esclarece:

> Deus não só está no céu, mas também em nós. Embora o salmista estivesse excluído do santuário, a sua alma era um santuário para Deus, pois Deus não está ligado a um santuário feito por mãos. Deus tem dois santuários, ele tem dois céus — o céu dos céus e um espírito quebrantado. Deus habitava no salmista e também no Templo. Deus estava com o salmista e no salmista. Deus nunca estava mais com ele, nem nunca estava mais nele do que nas suas maiores aflições. Os inimigos tinham falta de olhos, ele não tinha falta de Deus.[15]

Em sexto lugar, *o autoconfronto* (42:11). O salmista volta a confrontar a si mesmo (42:5) e exorta a sua própria alma para não ficar abatida nem perturbada. Ele mais uma vez alimenta sua alma de esperança, dizendo que voltaria a louvar o seu Deus, o Deus da sua esperança.

A restauração concedida por Deus (43:1-5)

Dos montes da Palestina ocidental, a cena agora se move para o monte Sião e a alegria do culto ali.[16] Nas palavras de Warren Wiersbe, "o salmista não exulta simplesmente em ser libertado de seus inimigos e em voltar à sua terra natal, mas também no privilégio de visitar o altar de Deus, em lhe oferecer sacrifícios e em louvar ao Senhor".[17] A restauração acontece aqui em cinco passos, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *a oração* (43:1). O salmista roga a Deus para tomar a sua causa em suas poderosas mãos, tanto contra a nação contenciosa como contra o homem fraudulento. Nas palavras de Derek Kidner, "há aqui um

começo mais animado do que as confissões de sequidão e confusão encontradas em 42:1,2,6,7".[18]

Em segundo lugar, *a declaração* (43:2). Esse versículo é uma espécie de repetição (42:9), uma vez que o salmista declara que Deus é a sua fortaleza e, por isso, não pode continuar lamentando nem vivendo debaixo da opressão de seus inimigos.

Em terceiro lugar, *o retorno* (43:3). O salmista, guiado pela luz divina e sua verdade, retorna ao santo monte de Deus, onde estava o tabernáculo do Senhor. Ele retorna do exílio, retorna ao santuário e também à assembleia solene, ao culto público. Nas palavras de Allan Harman, "o salmista deseja que esses dois anjos (luz e verdade) o guiem pelo deserto e o conduzam à presença de Deus".[19]

Em quarto lugar, *a promessa* (43:4). Ele promete retornar ao altar de Deus, a fonte de sua grande alegria. Ele promete, ao som da harpa, o melhor instrumento, entoar o melhor louvor, ao Deus da sua vida. Sua alegria não está apenas na geografia do santuário, mas no Deus adorado no santuário. Nas palavras de Allan Harman, "o salmista olha adiante e antecipa a alegria com que cultuará o seu Deus em Sião. No lugar da dor e tristeza, haverá uma nova compreensão sobre quem é Deus: Ele é a sua alegria e o deleite de seus filhos, digno do louvor daquele que pode dizer a seu respeito: "Deus, o meu Deus".[20]

Em quinto lugar, *a esperança* (43:5). Pela terceira vez, aparece nesses dois salmos esse estribilho (42:5,11; 43:5). Agora, a ênfase está não no abatimento e na perturbação da alma, mas na esperança de louvar ao seu Deus e auxílio. Nas palavras de Allan Harman, "o pensamento de culto jubiloso no santuário revitaliza o salmista".[21] Derek Kidner

tem razão em dizer que esse estribilho principal, ao aparecer pela terceira vez, pode retomar as palavras corajosas de 42:5,11, mas com um tom diferente, mais confiante do que excessivamente desafiador. A caminho de casa ou não, o poeta pode louvar a Deus como sua *grande alegria* e — não meramente seu *auxílio*, que é palavra por demais fraca aqui — sua "salvação". Externamente, nada mudou: mas ele já chegou até a vitória.[22] Warren Wiersbe arremeta: "O refrão em 43:5 não deve ser lido com a mesma voz abatida que em 42:5, 11, pois a fé no Senhor mudou tudo".[23]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 185.
2 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 185.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 185.
4 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 193.
5 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 170.
6 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 186.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 901.
8 Harman, Allan. *Salmos*, p. 193.
9 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 186.
10 Harman, Allan. *Salmos,* p. 194.
11 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 916.
12 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 187.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 905.
14 Harman, Allan. *Salmos*, p. 194.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 923.
16 Harman, Allan. *Salmos*, p. 195.
17 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 171.
18 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 188.
19 Harman, Allan. *Salmos,* p. 195.

[20] Ibidem.
[21] Ibidem.
[22] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 188.
[23] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 172.

Capítulo 43

Quando a fé conflita com os fatos

(Sl 44:1-26)

Esse é mais um dos salmos dos filhos de Coré. O salmista relembra um passado de glória, narra um presente desastroso, professa uma fidelidade inegociável e faz uma petição ousada.

Esse salmo é o lamento de alguém suspenso entre sua teologia e os fatos da vida[1] e relata um período de derrota nacional e grande aflição.

Nas palavras certeiras de Westlake Taylor Purkiser — pregador, estudioso e escritor americano na Igreja do Nazareno —, "o salmo relata as ponderações de uma alma aturdida com o paradoxo do povo escolhido de Deus afligido e disperso pelos poderes pagãos".[2]

Um passado glorioso (44:1-8)

O salmista começa este poema sacro voltando seus olhos para o passado, numa vívida retrospectiva, demonstrando que as façanhas dos antepassados não eram deles, mas de Deus. Derek Kidner diz que não se trata aqui de relembrar alguma raça de heróis que depois se degenerou.[3] Ao olhar para as lentes do retrovisor, o salmista destaca alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *os feitos de Deus foram contados de geração em geração* (44:1). A tradição oral foi um fator importante para manter viva a fé dos pais no coração dos filhos, uma vez que aqueles contaram para estes os gloriosos feitos de Deus no passado. Não podemos privar nossos filhos desse conhecimento nem sonegar a eles nossas experiências com Deus. Allan Harman destaca que era responsabilidade de uma geração passar para a próxima o conhecimento das ações de Deus em favor de seu povo. Tinham que "[contar] à vindoura geração os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez" (Sl 78:4). De modo semelhante, para a comunidade cristã, o que recebemos é passado adiante (1Co 15:1-11; 2Tm 2:2).[4]

Em segundo lugar, *as nações pagãs foram desapossadas e sua terra foi possuída por Israel pela mão de Deus* (44:2). A conquista da Terra Prometida por Josué não foi resultado de sua estratégia militar, mas uma ação sobrenatural de Deus. Concordo com Champlin quando diz que o autor sacro não forneceu um longo sumário de eventos históricos que provavam como Deus exibiu o seu poder em Israel. Antes, escolheu um único exemplo: como a Terra Prometida foi possuída nos tempos de Josué. Essa era uma tarefa tão gigantesca que não poderia ter sido realizada sem

a ajuda direta de Deus.[5] Nas palavras de Allan Harman, "Deus transplantou Israel como uma vinha (Sl 80:8-16) e fez com que seus ramos se desenvolvessem".[6] Spurgeon tem razão em dizer que a expulsão dos cananeus da terra prometida, um povo numeroso, bélico, gigantesco e corajoso, firmemente estabelecido e extremamente fortalecido, foi expulso por uma nação mais fraca, porque o Senhor era contra esse povo na briga.[7]

Em terceiro lugar, *as vitórias de Israel na conquista da terra prometida fora ações do braço divino, e não da espada humana* (44:3). Deus se agradou de Israel não porque era uma nação numerosa ou porque ostentava virtudes. Nas palavras de Spurgeon, "essa é a fonte de onde saem todos os rios da misericórdia. O prazer do Senhor no seu povo, o seu afeto peculiar, a sua consideração diferenciada – essa é a mola propulsora da roda de cada providência da graça. Israel era uma nação escolhida, daí as vitórias e a dispersão dos inimigos".[8] Porque Deus se agradou de Israel, a despeito de sua fraqueza, deu-lhe grandes vitórias (Dt 7:7-9). Concordo ainda com Spurgeon quando diz que Canaã não foi conquistada sem os exércitos de Israel, entretanto, é igualmente verdadeiro que ela não foi conquistada por eles. O Senhor foi o conquistador, e o povo não passou de instrumentos nas mãos dele.[9]

Champlin coloca esse fato assim.

> Os filhos de Israel tinham espadas, mas era a Espada do Senhor que lhes conferia vitória. Eles tinham a mão direita, mas era a Mão Direita de Deus que agia em favor deles. Eles tinham braços, mas era o Braço Divino que feria e abatia os pagãos, levantando os filhos de Israel como uma nova nação. Eles tinham alegrias naturais, mas era o Rosto do Senhor, que brilhava

> sobre eles, que lhes emprestava coragem e alegria para o que estavam fazendo.[10]

Em quarto lugar, *a vitória de Israel foi resultado de sua confiança em Deus* (44:4-7). Uma geração não pode viver para sempre com base nos benefícios herdados dos antepassados, até porque o heroísmo do passado dificilmente pode ganhar as vitórias de hoje. O dia de hoje clama por suas próprias vitórias. Sendo assim, o sucesso atual dependia da intervenção divina, tal e qual havia sido no passado.[11] A vitória, porém, não vem da espada humana nem na confiança no braço da carne: é Deus quem ordena a vitória, e foi em nome de Deus que Israel calcou aos pés os seus inimigos. A confiança do povo de Deus não está em seu arco, mas em seu Rei; do mesmo modo, não é a espada dos soldados que dá salvação ao povo: foi Deus quem salvou Israel de seus inimigos. Nas palavras de Allan Harman, "o manejo de armas humanas de guerra em si não traz salvação em batalha. Cavalos e carros, arcos e espadas nunca salvariam. A nação tinha que saber que devia olhar somente para o Senhor de Israel (Is 31:1)".[12]

Em quinto lugar, *a exultação em Deus é causa do louvor constante a Deus* (44:8). Aqueles que exultam em Deus podem louvá-lo continuamente; sendo assim, como o povo de Israel gloriou-se em Deus, e não neles mesmos, louvaram o seu nome para sempre.

Um presente desastroso (44:9-16)

O salmista faz uma transição dramática de um passado de glória para um presente desastroso, da celebração das vitórias do passado para um presente de queixas. A face

sorridente de Deus tornou-se carrancuda para Israel, de modo que as vitórias expressivas do passado foram substituídas por derrotas vergonhosas e humilhantes no presente. Em vez de conquistarem seus inimigos, eram esmagados por eles. Nas palavras de Russell N. Champlin, "Israel havia sofrido humilhante derrota às mãos de alguma nação estrangeira não designada, e todo o povo israelita gemeu junto sob a carga da desgraça e da perda".[13] O texto apresentado é um terrível cântico fúnebre, mostrando-nos que os israelitas estavam entoando o cântico sombrio da dor, e não do triunfo. Derek Kidner diz que esse salmo é talvez o exemplo mais claro de uma busca de alguma outra causa de um desastre nacional que não seja culpa e punição.[14]

Warren Wiersbe, corrobora com o entendimento desta passagem, assim:

> O povo estava confuso. Se Deus, em sua graça, havia lhes dado a terra e permitido que derrotassem seus inimigos, por que os havia desprezado nesse momento, deixando que as nações idólatras fossem vitoriosas sobre eles? Ao longo de muitos anos, o Senhor havia sido o "guerreiro invisível", que marchou adiante dos exércitos de Israel e que os havia conduzido à vitória (Js 5:13-15; 6:6; Nm 10:35; 2Sm 11:11), mas, então, parecia ter deixado seu povo e abandonado sua aliança. Quando não executados, os prisioneiros de guerra eram vendidos como escravos e espalhados no meio das nações vizinhas.[15]

Destacamos aqui alguns pontos.

Em primeiro lugar, *uma dolorosa constatação: a ausência de Deus e suas consequências* (44:9). O salmista tem convicção de que o exército de Israel se prepara para a batalha e empunha suas armas, mas Deus não vai mais com eles, e,

com isso, sofrem acachapante derrota, são lançados fora e expostos à vergonha. Spurgeon tem razão em dizer que, se o Senhor não for o líder, de que valerá fortes batalhões? São inúteis os esforços combinados dos mais zelosos trabalhadores se o braço de Deus não for revelado. Que nenhum de nós, em nossas igrejas, tenha de lamentar que o ministério, a obra missionária, a visitação e a pregação sejam feitos sem a ajuda divina. Se o nosso grande Aliado não estiver conosco, a derrota é inevitável.[16]

Em segundo lugar, *uma fuga vexatória e uma derrota humilhante* (44:10-12). Os soldados de Israel fogem diante de seus inimigos e o povo é apanhado como despojo e tratado como coisa. Na verdade, o povo é tratado como um rebanho de ovelhas que vai para o abate, e, sendo assim, Israel não mais conquista seus inimigos, mas é espalhado entre as nações e o povo torna-se escravo, sendo vendido como mercadoria barata, sem qualquer valor. Nas palavras de Champlin, "os sobreviventes fugiam para não serem derrotados até o último homem. Homens violentos e iníquos saqueavam o que restava do exército e faziam o mesmo com as cidades. Famílias inteiras eram varridas do mapa, e qualquer coisa de valor era levada pelos saqueadores, uma vez que os mercados de escravos eram supridos por meio dessa fonte".[17]

Em terceiro lugar, *um motivo de zombaria entre os povos* (44:13,14). Israel, que outrora foi temido por suas façanhas e conquistas, agora se torna motivo de riso zombeteiro e escárnio entre as nações. Seus vizinhos zombam deles, eles são alvos de piadas. Derek Kidner tem razão em dizer que os israelitas estão mais do que derrotados: estão desmoralizados.[18]

Em quarto lugar, *um motivo de humilhação aos seus próprios olhos* (44:15,16). O povo de Israel está humilhado aos seus próprios olhos e aos olhos de seus inimigos, de modo que, ao se olharem no espelho, veem sua ignomínia diante dos olhos. O seu rosto está coberto de vexame, enquanto seus inimigos gritam para afrontá-los, proferindo blasfêmias. Nas palavras de Champlin, "a desgraça regia os dias e as noites dos derrotados hebreus e a vergonha era o sol e a lua deles. A nação havia sofrido a vergonha da derrota e todas as suas consequências e tinham o estigma dos perdedores".[19]

Uma fidelidade inegociável (44:17-22)

A despeito da providência carrancuda, o povo de Israel permaneceu resoluto em sua fidelidade a Deus. O sofrimento, neste caso, não foi por causa de algum pecado específico do povo da Aliança, mas uma prova para refiná-lo. É o sofrimento do justo, como visto na história do patriarca Jó. É o sofrimento dos cristãos nas mãos de seus inimigos cruéis. É o sofrimento dos mártires nas mãos de seus algozes. Allan Harman diz que os versículos 17 e 18 nos conduzem ao coração do problema que o povo enfrentava, tendo em vista que sabiam que Deus haviam dito que, se o povo fosse desobediente, Ele traria juízo sobre eles, inclusive derrota diante de seus inimigos (Dt 28:15-68, especialmente os versículos 25,26 e 49-52). Aqui, porém, eles alegam que não tinham quebrado a aliança nem se desviado dos caminhos do Senhor.[20]

Alguns pontos aqui nos chamam a atenção.

Em primeiro lugar, *a fidelidade a Deus precisa ser inegociável* (44:17). Sobreveio ao povo inimigos cruéis, derrotas

amargas, fugas vergonhosas, saques injustos, comércio humano abominável, porém, o povo não se esqueceu de Deus nem foi infiel à aliança divina, mas permaneceram fiéis a despeito das aflições. Spurgeon diz que a verdadeira fidelidade suporta os tratamentos rudes, de modo que aqueles que seguem Deus pelo que recebem o deixarão quando a perseguição começar. Os santos não sofrem pelo pecado, mas pela justiça, não pela falsidade, mas pela verdade, e não por abandonar o Senhor, mas por segui-lo esforçadamente. Os sofrimentos desse tipo podem ser muito terríveis, mas são extremamente honrados, e as consolações do Senhor sustentarão aqueles que são considerados dignos de sofrer pela causa de Cristo.[21]

Em segundo lugar, *a perseverança nos caminhos de Deus precisa ser ultracircunstancial* (44:18,19). O povo foi esmagado e levado para os vales da sombra da morte, mas, apesar disso, não tornou atrás seu coração nem desviou seus pés das veredas de Deus.

Em terceiro lugar, *o pleno conhecimento de Deus é evocado como garantia da fidelidade do povo* (44:20,21). O salmista sabe que nada escapa ao conhecimento de Deus, sabe que, se o povo tivesse se esquecido de Deus, isso seria prontamente notado por aquele que tudo vê e a todos sonda; então, evoca esse pleno conhecimento de Deus para defender sua fidelidade.

Em quarto lugar, *a segurança em Deus apesar da morte* (44:22). Esse versículo foi citado pelo apóstolo Paulo em Romanos 8:36 para mostrar a segurança eterna do povo de Deus apesar do sofrimento atroz e da morte injusta nas mãos dos perseguidores. Warren Wiersbe diz que Paulo cita esse versículo como parte da argumentação magnífica

de que nada pode separar o povo de Deus de seu amor, nem mesmo a derrota depois de um histórico de vitórias. O princípio é o mesmo tanto para o povo de Deus em sua antiga aliança quanto para o seu povo na nova aliança: aqueles que dão a vida pela causa do Senhor são conquistadores, e não vítimas, e Deus pode ser glorificado mesmo em meio a aparentes derrotas.[22] Concordo com Allan Harman quando diz que as aflições correntes do povo não provêm de sua falta de conversão a Deus; antes, estão enfrentando opressão em decorrência de sua fidelidade a Ele. Por causa dele, eles enfrentam constante perseguição, e, na mente de seus inimigos, são considerados simplesmente ovelhas destinadas ao matadouro.[23]

Uma petição ousada (44:23-26)

O salmista conclui esse poema fazendo a Deus uma ousada petição. Vejamos.

Em primeiro lugar, *um pedido veemente* (44:23). Essa é uma figura de linguagem muito forte, pois o salmista dirige-se ao Deus da aliança como se ele estivesse dormindo diante das atrocidades que o povo sofreu. Ele roga ao Senhor para se despertar do sono e não rejeitar o seu povo.

Em segundo lugar, *uma pergunta ousada* (44:24). O salmista pergunta por que Deus estava escondendo o rosto e se esquecendo da miséria e da opressão do povo, visto que esconder o rosto e se esquecer são respectivamente atos de desprezo e descuido.

Em terceiro lugar, *uma confissão dolorosa* (44:25). O salmista diz que a alma do povo está abatida até o pó, e o seu corpo apegado ao chão, o que é a confissão de uma derrota acachapante.

Em quarto lugar, *um clamor urgente* (44:26). O cantor sacro clama por socorro, pedindo a Deus que se levante, socorra e resgate o seu povo, e esse rogo é feito não fiado na sua própria justiça, mas estribado na benignidade divina.

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 187.
2 Ibidem, p. 188.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 189.
4 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 196.
5 Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 2192.
6 Harman, Allan. *Salmos,* p. 196.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 939.
8 Ibidem, p. 940.
9 Ibidem.
10 Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4, p. 2193.
11 Ibidem.
12 Harman, Allan. *Salmos,* p. 197.
13 Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4, p. 2192.
14 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 188.
15 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 172.
16 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 943.
17 Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4, p. 2194.
18 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 190.
19 Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4, p. 2194.
20 Harman, Allan. *Salmos,* p. 198.
21 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 946.
22 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 173.
23 Harman, Allan. *Salmos,* p. 198.

Capítulo 44

O casamento do noivo celestial com sua noiva amada

(Sl 45:1-17)

Esse é um salmo régio com um forte significado messiânico,[1] o qual descreve, com cores vivas, o casamento de Jesus, o filho do Rei, com a igreja, a escrava resgatada. A noiva é a igreja bela como a alva do dia, formosa como a lua, pura como o sol, formidável como um exército com bandeiras (Ct 6:10). Champlin diz que, desde Calvino para cá, esse salmo tem sido reconhecido como uma ode que celebrava as cerimônias nupciais de um rei.[2] Spurgeon diz que certos expositores veem aqui somente Salomão e a filha do faraó — esses são os míopes; outros veem Salomão e Jesus — esses são os estrábicos. Os olhos espirituais nitidamente focados veem aqui só Jesus,

aquele que é maior do que Salomão (Mt 12:42). O Rei, o Deus cujo trono é para sempre e sempre, não é mero mortal.[3] Warren Wiersbe é oportuno quando escreve:

> Visitantes de lugares distantes iam a Israel para ouvir a sabedoria de Salomão (1Rs 4:29-34), mas o Pai ocultou todos os tesouros da sabedoria divina em Jesus Cristo (Cl 2:3). Salomão morreu, e, com exceção de seus textos que se encontram nas Escrituras, sua sabedoria morreu com ele, mas Jesus é abençoado para sempre (Sl 45:2), tem um trono para todo o sempre (Sl 45:6), e seu nome será louvado para sempre (Sl 45:17).[4]

Três verdades devem ser destacadas acerca da glória do noivo: sua beleza, sua conquista e sua majestade, como veremos a seguir.

O noivo e sua beleza (45:1,2)

Duas verdades são apresentadas aqui.

Em primeiro lugar, *um poema consagrado ao Rei* (45:1). O salmista abre seus lábios e deixa jorrar em torrentes caudalosas os louvores que emanam de seu coração fervente de amor ao Rei. A palavra hebraica traduzida nesse versículo por "transborda" traz a ideia de "ferver", e sua raiz se refere a um caldeirão que foi posto no fogo. Como um escritor de escol, habilidoso nas palavras, consagra seu poema à glória do Rei da glória — esse cântico foi composto para honra exclusiva do Rei Jesus. Derek Kidner diz que esse versículo fala sobre um tema que quase grita para ser ouvido; o coração do poeta está em agitação com ele, e as palavras chegam com fluência.[5]

Em segundo lugar, *um elogio singular ao Rei* (45:2). Esse elogio não pode ser adequadamente endereçado a nenhum

homem, exceto Jesus Cristo, o Rei dos reis. Nas palavras de Derek Kidner, "este Rei não é mera figura de proa; é a personificação de tudo quanto dá à realeza sua glória sem igual".[6] Esse Rei é formoso em seu caráter, em suas palavras e em suas obras. Ele é o Sol da Justiça e a brilhante Estrela da Manhã. Ele é o Pão da Vida e a Luz do Mundo. Ele é a Porta das Ovelhas e o Bom Pastor das ovelhas. Ele é a Ressurreição e a Vida. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ele é a Videira Verdadeira. Ele é perfeito em seu exemplo, irresistível em suas palavras e poderoso em suas obras, e sua divindade pode ser comprovada por seus atributos e por suas obras.

Esse Rei manifestou-se cheio de graça, e suas palavras são medicina para a alma, uma vez que transformam nossas tempestades em bonança, nossas noites escuras em manhãs radiosas e nosso inverno rigoroso em floridas primaveras. Jesus é o abençoado em grau superlativo: Ele é o bendito, o bendito de Deus, bendito para sempre. Concordo com Spurgeon quando diz que Jesus é formoso em todos os lugares e de todos os pontos de vista, porém não mais do que quando o vemos em união conjugal com a igreja. O amor dá um jato arrebatador de glória à sua beleza.[7]

O noivo e sua conquista (45:3-5)

O noivo formoso é agora apresentado como um guerreiro vencedor, um herói que triunfa sobre seus inimigos. Sobre isso, destacamos aqui alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *o guerreiro esplendoroso* (45:3). O noivo é o Rei dos reis, o guerreiro que, trajado com sua espada, é o herói conquistador, cingido de glória e majestade.

Em segundo lugar, *o guerreiro justo* (45:4). O guerreiro majestoso cavalga prosperamente, não derramando o sangue dos homens, mas derramando seu próprio sangue para justificar os pecadores, e sua luta é pela causa da verdade e da justiça.

Em terceiro lugar, *o guerreiro conquistador* (45:5). As setas desse herói não erram o alvo, pois são agudas e penetram o coração dos inimigos, os quais caem vencidos a seus pés. Essas setas ferem para juízo os que rejeitam sua verdade e justiça e ferem para salvação os que se rendem para adorá-lo.

O noivo e sua majestade (45:6-9)

Depois de tratar da beleza e da conquista do noivo, o salmista passa a falar da majestade do noivo, e seis verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o trono eterno do noivo* (45:6a). Esse versículo é citado pelo autor aos Hebreus para destacar a superioridade do Filho sobre os anjos. Jesus é superior aos profetas, aos anjos, a Moisés, a Josué, a Arão, e seu trono é eterno. Os reinos deste mundo se levantam e caem, reis são entronizados e destronados, mas o reino de Cristo é eterno (Hb 1:8,9; Lc 1:30-33; Ap 11:15). Spurgeon argumenta: "A quem essas palavras se referem senão ao nosso Senhor? Os olhos iluminados do salmista veem no Marido-Rei da igreja, Deus, o Deus a ser adorado, o Deus que reina, o Deus que reina para sempre".[8]

Em segundo lugar, *o trono justo do noivo* (45:6b,7a). Os reinos deste mundo são reinos de opressão, mas o cetro do Messias (símbolo de sua autoridade e poder) é cetro de equidade. O reino de Cristo está fundado sobre o alicerce da justiça, e o rei ama a justiça e odeia a iniquidade, de

modo que não é neutro na grande competição entre o certo e o errado. Spurgeon é esclarecedor nesse ponto: "O seu reinado está fundado no que é direito, a sua lei é certa, o seu resultado é certo. O nosso Rei não é usurpador e opressor, e até mesmo quando ele despedaça os inimigos com vara de ferro, não comete injustiça humana".[9]

Em terceiro lugar, *a unção singular do noivo* (45:7b). Jesus, como Mediador da nova aliança, aceitou Deus como o seu Deus, a quem, estando na forma de homem, prestou obediência. Por conta da vida perfeita de nosso Senhor, hoje Ele é recompensado com alegria superior.[10] A recompensa do noivo Rei é que, em virtude de sua postura, o Deus Pai ungiu o Deus Filho com o óleo da alegria como a nenhum outro. Jesus não apenas foi ungido com o óleo da alegria, mas Ele mesmo é a nossa alegria e veio trazer alegria aos que viviam com espírito angustiado.

Em quarto lugar, *as vestes do noivo* (45:8a). As roupas do noivo estão cobertas das melhores e mais seletas fragrâncias: mirra, aloés e cássia. Mirra era uma resina fragrante e podia ser usada como um presente valioso (Mt 2:11), ao passo que aloés e cássia são, ambas, resinas aromáticas da casca de árvores.[11]

Em quinto lugar, *as músicas para o noivo* (45:8b). De seu palácio de marfim ressoam instrumentos de corda para sua alegria, e a música festiva enche seu palácio não apenas adornado de marfim, mas todo feito de marfim, o que descreve a nobreza singular de seu palácio. Derek Kidner diz que palácios de marfim recebiam esse nome por causa dos engastes de marfim nos seus painéis e ornamentações.[12]

Em sexto lugar, *as companhias do noivo* (45:9). Sua noiva, a rainha, está acompanhada de filhas de reis, como damas

de honra desse casamento incomparável. A rainha está adornada de ouro finíssimo de Ofir, e o noivo a coloca no lugar de dignidade e veste-a com o melhor do melhor. O ouro é o mais rico dos metais, e o ouro de Ofir o metal mais puro conhecido. Spurgeon destaca: "Felizes aqueles que são membros de uma igreja tão honrada e tão amada. Infelizes aqueles que perseguem o povo amado, pois, como o esposo não suporta que a esposa seja insultada ou maltratada, assim faz o Esposo divino: Ele defende os seus eleitos sem demora".[13]

Tendo examinado as glórias do noivo celestial, veremos, agora, a beleza singular da noiva, a esposa do Cordeiro. Destacamos seis verdades sublimes: a obediência, a formosura, a honra, a glória íntima e o cortejo nupcial da noiva.

A submissão da noiva (45:10)

A noiva é chamada de "filha" e também é conclamada a ouvir e a dar atenção aos conselhos, além de ser convocada a obedecer. O que a noiva precisa fazer? Esquecer o seu passado. Ela foi exortada a deleitar-se no noivo sem saudosismo de seu passado. Ela é estrangeira, e foi tirada de um povo gentio para se relacionar de forma particular com o Filho do Altíssimo, como o Rei dos reis. No livro de Rute, Noemi fala do regresso de Orfa a seu povo e a seus deuses. Rute, em contrapartida, faz sua confissão: "[...] o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus" (Rt 1:16).

A formosura a noiva (45:11a)

Ao romper com o seu passado, a noiva é separada para um relacionamento de fidelidade ao seu noivo. Sua santidade

é sua formosura, e o Rei desejará a sua formosura. Ele se deleita nela como o noivo se alegra com a noiva (Is 62:1-6), que é a sua delícia, a menina dos seus olhos, em quem ele tem todo o seu prazer.

A reverência da noiva (45:11b)

A noiva precisa compreender que o seu noivo é o seu senhor e deve inclinar-se diante dele para reverenciá-lo. Cristo é o cabeça da igreja, é o Senhor da igreja, e esta foi chamada dentre os povos para honrar a Cristo, adorá-lo e confessá-lo como o Senhor.

A honra da noiva (45:12)

A noiva é formosa não apenas para seu noivo, mas também para os povos, e a ela virão os mais ricos do povo, não para desmerecê-la ou favorecê-la, mas para implorar o favor dela. A noiva é honrada e atrai para si os povos por sua santidade. Spurgeon corrobora esse pensamento dizendo:

> Quando a igreja abunda em santidade, não lhe faltará a homenagem dos povos circunvizinhos. A sua glória impressionará e atrairá os gentios, pois até eles também se unem em prestar honras ao Senhor. O poder das missões estrangeiras está em casa. Uma igreja santa será uma igreja poderosa. Não faltará tesouros nos seus cofres quando a graça está no coração.[14]

A glória íntima da noiva (45:13)

A formosura da noiva é notória não apenas para os povos, mas também para o seu amado. A escrava resgatada é agora a filha do Rei; ela é formosa longe dos holofotes, no

interior do palácio, no seu relacionamento pessoal e íntimo com seu noivo. Dentro das suas recâmaras secretas, a sua glória é grande, e, embora não seja vista pelos homens, o seu Senhor a vê e a louva. Ela traja vestes recamadas de ouro, e isso fala da justiça que lhe é imputada, da glória de Deus que nela está e dela resplandece.

O cortejo nupcial da noiva (45:14,15)

A noiva com roupagens bordadas, símbolo da justiça do noivo imputada a ela, é conduzida perante o Rei. Acompanhada das damas de honra, num lindo cortejo nupcial, ela é trazida à presença do seu amado. O clima desse cortejo é de plena alegria e regozijo, e é nessa celebração festiva que a noiva é introduzida no palácio do Rei. Derek Kidner tem razão em dizer que esse escoltar da noiva perante o Rei, nas suas roupagens mais finas, enquanto Ele espera por ela em toda a pompa real, não é formalidade supérflua: é o equivalente encenado da frase de Paulo: "[...] para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo" (2Co 11:2), e ressalta a ênfase do primeiro casamento, quando Deus "trouxe" a mulher ao homem, e do último, quando a igreja vem "preparada" como noiva "adornada" para seu marido.[15]

Spurgeon acrescenta o seguinte:

> Virá o dia em que o matrimônio celestial será celebrado publicamente. Vemos aqui a procissão nupcial, na qual a rainha é levada ao Marido-Rei atendida pelas criadas. Na glória dos últimos dias e na consumação de todas as coisas, a glória da noiva, a esposa do Cordeiro, será vista por todo o universo com admiração. Enquanto ela estava dentro do palácio e os

> santos escondidos, a igreja era gloriosa. Qual será o esplendor quando ela aparecer na semelhança do seu Senhor no dia em que ele se manifestar?[16]

Depois de descrever as glórias do noivo e sua noiva, veremos a conclusão do salmo, que trata dos herdeiros do trono e da glória eterna que o noivo receberá.

Os herdeiros do trono (45:16)

Allan Harman diz que tudo indica que o orador é o próprio salmista, quando pondera sobre a perene dinastia de que o rei desfrutará (2Sm 7).[17] Nunca faltou ao Senhor um remanescente fiel, um luzeiro a brilhar, uma descendência santa. Nas palavras de Spurgeon, "a linhagem da graça nunca se extingue. Enquanto o tempo durar, a verdadeira sucessão apostólica será mantida".[18] Essa linhagem é a semente da mulher, a descendência de Abraão, os filhos de Davi, os remidos do Senhor. Fomos constituídos reino e sacerdotes e adotados na família de Deus. Estamos assentados com Cristo acima de todo principado e potestade, e seremos conduzidos não apenas à glória, mas também ao trono (Ap 3:21).

A glória eterna do noivo (45:17)

O noivo que se esvaziou e assumiu a forma de servo. O noivo que se humilhou até a morte, e morte de cruz, foi exaltado sobremaneira, recebendo o nome que está acima de todo nome. Ele é o Senhor, e diante dele deve se dobrar todo joelho; do mesmo modo, toda língua deve confessar que Ele é o Senhor, para a glória de Deus Pai. Os reis deste mundo têm uma glória desvanecente, mas o nome de Cristo

será celebrado de geração em geração, e os povos o louvarão para todo o sempre. Concordo com o que Spurgeon diz: "A fama do Messias não é entregue à tutela humana. É o Eterno que a garante, pois a sua promessa nunca falha".[19]

Spurgeon, citando George Rogers, diz que Cristo é o prazer do Pai: "Eu farei lembrado o teu nome de geração em geração". Cristo é o tema da igreja: "o seu nome será lembrado". E, por fim, Cristo é a glória do céu: "os povos te louvarão eternamente".[20]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 189.
2 Champlin, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 2196.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 959.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 174.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 191.
6 Ibidem.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 960.
8 Ibidem, p. 962.
9 Ibidem.
10 Ibidem, p. 963.
11 Harman, Allan. *Salmos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011,* p. 201.
12 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 193.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 964.
14 Ibidem, p. 965.
15 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 194.
16 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 966.
17 Harman, Allan. *Salmos*, p. 202.
18 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 967.
19 Ibidem.
20 Ibidem, p. 987.

Capítulo 45

Deus, o refúgio verdadeiro

(Sl 46:1-11)

Esse salmo mostra, com eloquência ímpar, Deus como o refúgio do seu povo. Três verdades são aqui destacadas: a proteção de Deus (46:1-3), a presença de Deus (46:4-7) e o poder de Deus (46:8-11). Foi inspirado nesse salmo que Lutero escreveu a marselhesa da Reforma, o hino "Castelo Forte", tanto que Purkiser chega a chamar esse salmo de "o salmo de Lutero".[1]

Charles Swindoll, nessa mesma visão, destaca três situações nesse salmo:

- Situação 1: A natureza em desordem. Reação: Eu não temerei (46:1-3).

- Situação 2: Jerusalém sob ataque. Reação: Eu não serei abalado (46:4-7).
- Situação 3: Campo de batalha após a guerra. Reação: Não vou lutar (46:8-11).[2]

Derek Kidner ainda corrobora a ideia dizendo que o salmo proclama a ascendência de Deus numa esfera após outra: seu poder sobre a natureza (46:1-3), sobre os atacantes de sua cidade (46:4-7) e sobre o mundo inteiro, com suas guerras (46:8-11).[3]

Allan Harman diz que as circunstâncias históricas por trás dessa passagem não podem ser estabelecidas com precisão.[4] Já Derek Kidner diz que pouca coisa se pode lucrar com especulações históricas.[5] Jerusalém foi atacada algumas vezes, mas Deus defendeu o seu povo. Nos dias do rei Josafá, Jerusalém foi ameaçada pelo moabitas e amonitas, e os exércitos confederados foram desbaratados (2Cr 20:1-22). Nos dias do rei Ezequias, o exército assírio sitiou Jerusalém, e o Senhor, miraculosamente, poupou a cidade, enviando um anjo para matar 185 mil soldados (Is 37:36-38). Em todas as circunstâncias, a orientação divina ao povo de Jerusalém, foi: "Não temas".

A proteção de Deus (46:1-3)

Ao tratar da proteção divina, o salmista destaca dois pontos importantes.

Em primeiro lugar, *as qualificações de Deus para ser o protetor do seu povo* (46:1), e três afirmações são mencionadas.

Primeiro, *Deus é o nosso refúgio.* Somos frágeis e impotentes, mas Deus é o nosso refúgio, ou seja, temos fraquezas físicas, emocionais, morais e espirituais, mas Deus é o

nosso refúgio. Nas palavras de Spurgeon, "não os nossos exércitos ou as nossas fortalezas. Há aqueles que se vangloriam nos seus castelos inexpugnáveis, situados em rochedos inacessíveis e protegidos com portas de ferro. Mas Deus é um refúgio muitíssimo melhor na hora do sofrimento do que todos esses".[6]

Segundo, *Deus é a nossa fortaleza*. Quando somos acuados por circunstâncias adversas, varridos por sentimentos perturbadores, ameaçados por inimigos furiosos, encontramos em Deus o nosso castelo forte, a nossa fortaleza segura.

Terceiro, *Deus é o nosso socorro bem presente nas tribulações*. A palavra "tribulação" traz a ideia de um lugar de aperto, de um beco sem saída, quando somos entrincheirados pelo inimigo. Quando parece que o nosso inimigo vai prevalecer e que uma derrota fragorosa é imposta a nós, Deus sai em nossa defesa e nos socorre, pois Ele está sempre atento e pronto em estender seu braço onipotente para socorrer o seu povo.

Em segundo lugar, *o povo protegido por Deus não precisa ter medo apesar da fúria da natureza* (46:2,3). O salmista passa a descrever uma das cenas mais apavorantes e terríveis: a natureza está em convulsão, e a terra, estável e previsível, está transtornada por terremotos e inundações. Charles Swindoll tem razão em dizer que a paisagem da terra só muda sob as circunstâncias mais extremas e assustadoras, como terremotos, deslizamento de terra e erupções vulcânicas.[7]

Os montes firmes têm seus fundamentos solapados e se derretem no seio dos mares. Na literatura hebraica, nada é mais imóvel que um monte; para um hebreu, um monte que caísse no mar anunciaria o fim do mundo.[8] Nas

palavras de Spurgeon, "os Alpes e os Andes podem tremer, porém a fé descansa em uma base mais firme, que não se desloca pela força dos mares volumosos".[9]

As águas furiosas dos oceanos levantam ondas gigantescas, verdadeiros tsunamis, que invadem cidades, destroem campos e abalam os montes. Nesse sentido, um mundo em que os montes sólidos e inabaláveis correm o risco de serem tragados e engolidos pelos mares aponta um cenário tenebroso. Todavia, mesmo nessas circunstâncias medonhas o povo de Deus não precisa temer — em outras palavras, não precisa ter medo da maldade dos homens nem das catástrofes naturais.

Quando a natureza entra em convulsão, os homens se enchem de pavor. Nenhuma muralha pode cercar a força dos ventos, e nenhuma barragem pode deter o mar em seu bramido. Até mesmo os montes se derretem. O salmista, mesmo descrevendo um cenário tão assustador, diz: "Não temeremos" (46:2). Concordo, entretanto, com Charles Swindoll quando diz que o salmista decidiu rejeitar o medo diante das circunstâncias esmagadoras, não por pura força de vontade, mas pela confiança em Deus, nosso refúgio e fortaleza. Se Deus é maior do que os perigos que enfrentamos, não precisamos nos render ao medo.[10] Nas palavras de Warren Wiersbe, "as circunstâncias podem se alterar, mas a aliança de Deus com seu povo nunca muda (Is 54:10). Ele é nossa fortaleza e nosso refúgio em meio às incertezas da vida".[11]

A presença de Deus (46:4-7)

Derek Kidner diz que o salmo, depois de falar de transtornos na natureza, volta-se para a fúria dos homens e para

uma cidade sitiada. O salmista muda de cenário e passa a descrever Deus presente com seu povo, quando sua cidade está sob ataque dos povos. Mas, tendo Deus como seu refúgio e sabendo que Deus está presente, a cidade não é abalada. Charles Swindoll destaca que Jerusalém era uma cidade bem protegida, no alto de um monte, cercada por terrenos difíceis, salvaguardada por muros altos e largos. O rei Ezequias adicionou uma fonte de água fresca para ampliar a capacidade de Jerusalém de resistir a um cerco. Ainda assim, o compositor não considerou muralhas e estrutura como sua fonte de segurança: ele atribuiu sua segurança à presença onipotente de Deus.[12] Destacamos aqui alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *a cidade de Deus é regada pelo rio da graça* (46:4). Jerusalém não tem rio, porém o rei Ezequias, para proteger a cidade em tempos de cerco do inimigo, construiu um sistema que trouxe água para dentro dos muros de Jerusalém. Todavia, o salmista está falando do rio da graça, que é a expressão da própria presença de Deus entre seu povo. A cidade de Deus, Jerusalém, é um símbolo da igreja militante e aponta para a igreja triunfante. Spurgeon diz que esse é o rio da água da vida, da qual tanto a igreja de cima como a igreja de baixo participam eternamente. As correntes desse rio não são passageiras como o ribeiro de Querite, nem barrentas como o rio Nilo, nem furiosas como o ribeiro de Quisom, nem traiçoeiras como os ribeiros enganosos de Jó (Jó 6:15), tampouco as suas águas são más como as de Jericó (2Rs 2:19), pois são límpidas, novas, refrescantes, abundantes e agradáveis.[13] Spurgeon, citando Ralph Erskine, diz que o próprio Deus é o rio: 1) Deus Pai é o rio (Jr 2:13); 2) Deus Filho é o rio, a fonte da salvação (Zc 13:1); 3) Deus Espírito Santo é o rio (Jo 7:38; 4:14). As

correntes desse rio são as perfeições de Deus, a plenitude de Cristo e as operações do Espírito, as quais fluem pelo canal da aliança da promessa.[14]

Derek Kidner lança luz sobre esse tema. Ele diz:

> A cidade de Deus é um dos grandes temas do Antigo Testamento, e especialmente dos Salmos, dentro dos quais esse salmo e os dois seguintes formam um grupo inesquecível. A escolha que Deus fez de Sião, ou Jerusalém, foi tão marcante como foi sua escolha de Davi, e a maravilha dessa realidade frequentemente irrompe na superfície; pois é somente como habitação de Deus que é forte (46:5) ou de qualquer consequência; como tal, porém, será invejada pelo mundo (68:15,16), e será a cidade-mãe das nações (87). O Antigo Testamento, de fato, já aponta na direção da visão neotestamentária de Sião como comunidade celestial em vez de mera localidade na terra (48:2).[15]

Em segundo lugar, *a cidade de Deus é a habitação do Altíssimo* (46:4b). A cidade regada pelo rio é a própria habitação do Altíssimo. Deus habita na igreja, e cada cristão é um santuário de Deus, o templo do Espírito Santo.

Em terceiro lugar, *a cidade de Deus é onde Deus está presente* (46:5,7,11). Deus está no meio da cidade, no meio da igreja, por isso a cidade não é abalada. Sua segurança não está na sua localização nem em suas fortes muralhas, mas na presença de Deus, e isso nos ensina que, tendo Deus conosco, jamais seremos abalados. O salmista ainda diz que "o SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio" (46:7,11); em outras palavras, a segurança da igreja está na presença do Senhor em seu meio (Mt 28:18). Nas palavras de Charles Swindoll, "Deus não irá cambalear nem se abalar, e a sua morada também não".[16]

Em quarto lugar, *a cidade de Deus é ajudada pelo Altíssimo* (46:5b). Deus não apenas está presente com seu povo, mas é o seu ajudador, e Ele tem pressa em socorrer os seus amados. A igreja é a menina dos olhos de Deus, tanto que, quando a igreja clama, Deus sai em sua defesa, pois é o Deus que vê, ouve e age!

Em quinto lugar, *a cidade de Deus é protegida por Deus* (46:6,7). Enquanto Deus estava no meio de seu povo, a cidade de Jerusalém não foi abalada. Muitas vezes foi atacada, cercada, ameaçada, mas os inimigos foram fragorosamente derrotados. Reinos poderosos foram abalados e caíram, e nações opulentas sofreram derrotas acachapantes, mas Deus protegeu a cidade, assim como hoje o Senhor protege o seu povo. O protetor da igreja é o Senhor dos Exércitos, aquele que comanda as hostes celestiais. Spurgeon tem razão em dizer que esta é a razão para a segurança de Sião e para a derrota dos inimigos: o Senhor governa os anjos, as estrelas, os corpos celestes e todas as hostes celestiais, e o céu dos céus está debaixo de seu domínio. Esse Generalíssimo das forças terrestres e Almirantíssimo das forças navais está do nosso lado — Ele é o nosso aliado augusto. Ai daqueles que lutarem contra Deus, pois fugirão como fumaça diante do vento quando Ele der a palavra de ordem para desbaratá-los.[17]

O poder de Deus (46:8-11)

Mais uma vez, a cena muda. Agora, não mais estando sob um cerco dentro das muralhas da cidade, o compositor examina um campo de batalha e convida-nos a enxergar os lembretes mudos da guerra, um terreno coberto de corpos e escombros. Carros de guerra foram queimados

e estão caídos, enferrujando, e poeira e destroços cobrem arcos quebrados e lanças despedaçadas. A própria guerra foi dizimada. O cântico descreve uma cena não muito diferente do rescaldo da Segunda Guerra Mundial: as praias da Normandia; as cidades de Berlim e Hiroshima; seções de Londres; as ilhas de Iwo Jima, Guadalcanal e Okinawa. Tanques enferrujados. Barcos afundados cobertos de cracas. Bunkers de concreto. Um silêncio permeia a cena. É como se o Senhor, nosso Deus, dissesse: "Basta!"[18] Sobre isso, destacamos alguns pontos importantes.

Em primeiro lugar, *Deus abate a força dos poderosos deste mundo* (46:8). Os alegres cidadãos de Jerusalém são convidados a apresentar-se e ver os inimigos sobreviventes, para que observem a bravura do Senhor e o espólio que a sua mão direita ganhou para o povo.[19] O salmista convida os leitores a vir e contemplar as obras de Deus, suas extraordinárias assolações operadas na terra. Ele derrubou dos tronos os poderosos, impôs derrotas humilhantes aos soberbos, fez despencar das alturas de sua arrogância os ricos opressores e deixou os opressores com um gosto amargo de derrota na boca.

Em segundo lugar, *Deus põe um ponto final na guerra, destruindo suas armas de destruição* (46:9). Deus está assentado no trono, e é Ele quem dirige as nações; Ele é quem levanta reinos e abate reinos, e quem coloca príncipes no trono e de lá os derruba; Ele é quem determina quando uma guerra vai cessar, e age assim em toda a terra. Por sua mão onipotente, os instrumentos de morte, usados na guerra, viram sucata, pois Ele quebra o arco e despedaça a lança e também queima os carros no fogo.

Em terceiro lugar, *Deus exorta os homens a não se insurgirem contra Ele* (46:10). Esse versículo é, muitas vezes, usado

para consolar os abatidos, mas o contexto mostra que seu real significado é uma exortação divina aos homens para se recolherem e não se insurgirem contra Ele. Aqueles que servem a outros deuses ou colocam em dúvida o poder do Senhor Exércitos precisam saber que só Ele é Deus, exaltado em toda a terra. Charles Swindoll, nesta mesma linha de pensamento, escreve:

> A maioria das pessoas cita este versículo em um tom suave, reconfortante, como um convite sereno para desfrutar a comunhão com Deus. Na verdade, esta é uma repreensão. Alguns estudiosos dizem que a repreensão é dirigida às nações que estão atacando o povo da aliança de Deus. Outros dizem que Deus está repreendendo os hebreus por sua falta de confiança nele. É mais provável que a repreensão seja dirigida a ambos os casos.[20]

Deus vindica a glória do seu próprio nome, e é Ele mesmo quem torna o seu nome notório na terra. Derek Kidner diz que essa é uma visão de coisas que virão no fim, embora as vitórias do presente sejam um antegozo delas.[21]

Em quarto lugar, *Deus exorta o seu povo a descansar em sua presença e a confiar em seu poder* (46:11). Esse versículo é uma repetição exata do versículo 7, e essa ênfase é oportuna e necessária. Precisamos manter sempre em nosso coração a verdade gloriosa da presença de Deus entre nós e seu poder agindo em nosso favor, porque Ele é o Deus da aliança, o Deus das intervenções soberanas e misericordiosas, o Deus de Jacó.

Afirmamos, na introdução desse salmo, que Lutero escreveu o conhecido hino "Castelo Forte" com base nele,

e agora daremos o contexto. Para tanto, recorremos a Charles Swindoll:

> Em 1520, depois de mais de três anos de conflito com a Igreja de Roma, em uma carta pública o Papa advertiu Lutero dizendo que ele seria excomungado caso não abjurasse o seu ensinamento de que a salvação é concedida somente por meio da fé em Jesus Cristo. Lutero respondeu queimando a carta publicamente e publicando um panfleto intitulado *Por que o Papa e seu livro recente foram queimados, e afirmações sobre todos os artigos.* Em 1521, o Papa Leão X emitiu uma carta anunciando a sua excomunhão, o que levou o imperador do Sacro Império Romano, Carlos V, a emitir ordens de prisão. Carlos declarou: "Queremos que Lutero seja apreendido e punido como um herege infame, como ele merece", e estabeleceu um preço generoso por sua cabeça. Naturalmente, isso fez de Lutero um alvo primordial para qualquer soberano que desejasse favores do Papa e do poderoso rei Carlos V. Consequentemente, quase todos os reis e governantes mesquinhos do mundo fizeram da captura de Lutero uma prioridade.

No caminho para casa, após o anúncio oficial feito por Carlos V, Lutero foi parado por um cavaleiro mascarado e levado para um castelo na Alemanha central. Felizmente, não caiu nas mãos dos inimigos, mas foi levado para a proteção de Frederico III, o único homem poderoso o suficiente para se opor a Carlos V. Lutero passou o ano seguinte no castelo de Wartburg, uma fortaleza murada estabelecida no topo de um precipício de mais de 360 metros. A partir dali, Lutero traduziu o Novo Testamento grego para o alemão e lançou as bases da Reforma Protestante.

Pode ter sido a partir daí que Lutero tenha encontrado consolo no salmo 46. Em um poderoso castelo, protegido por um terreno acidentado e por uma posição bastante elevada, com apenas uma ponte levadiça de acesso, guardado por um dos homens mais poderosos do mundo, Lutero encontrou o conforto no Senhor seu Deus. Com praticamente o mundo inteiro contra ele, Lutero tinha a verdade do evangelho ao seu lado, e isso lhe deu absoluta confiança.[22]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 191.
2 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 144.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 195.
4 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 203.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 195.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 989.
7 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* 2018, p. 144-145.
8 Ibidem,p. 145.
9 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 990.
10 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos,* p. 145.
11 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica 2006, p. 176.
12 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 146.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 991.
14 Ibidem, p. 996.
15 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 196.
16 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 147.
17 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 992.
18 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 148.
19 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 993.
20 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 149.
21 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 197.
22 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 150-151.

Capítulo 46

Aclame ao Rei

(Sl 47:1-9)

A AUTORIA DESSE SALMO, atribuída aos filhos de Coré, é contestada por alguns estudiosos. Spurgeon, por exemplo, é de opinião que há indicações claras da autoria davídica.[1] É óbvio, porém, que a autoria do salmo não muda sua mensagem.

Esse salmo traz, de forma eloquente, o cumprimento da promessa feita em Salmos 46:10: "Sou exaltado entre as nações, sou exaltado na terra". Cinco vezes o povo é ordenado a louvar ao Senhor, que "reina sobre as nações" (47:8). O salmista, assim, aponta para o Messias, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores.

O rei conquistador (47:1-4)

Precisamos destacar quatro verdades sublimes aqui.

Em primeiro lugar, *a dignidade do Rei* (47:1). "Batei palmas, todos os povos; celebrai a Deus com vozes de júbilo." Bater palmas era sinal de alegria, e a convocação é expedida às nações gentílicas para que participem com Israel no louvor dedicado a Deus.[2] Há aqui uma convocação e uma ordem para que os povos reconheçam a dignidade do Rei, o aplaudam e o celebrem com vozes de júbilo. Derek Kidner diz que, desde a primeira palavra até a última, esse salmo comunica a emoção e o júbilo de uma entronização; e o rei é o próprio Deus.[3] Nas palavras de Purkiser, "o conceito principal é que Deus, tendo descido dos céus em poder e grande glória para livrar o seu povo, está agora retornando ao seu trono. O poema, portanto, tem dois temas intimamente interligados: o primeiro é um chamado para os povos da terra, como que reunidos para aclamar o Senhor como Rei, para bater palmas e gritar; já o segundo tema é uma descrição da majestade de Deus".[4]

A alegria é o verdadeiro espírito da adoração, e Spurgeon diz que a alegria tem de ser estendida a todas as nações. Israel pode ir na vanguarda, mas todos os gentios têm de segui-lo na marcha de triunfo, pois eles têm parte igual nesse Reino, onde não há grego nem judeu, mas Cristo é tudo em todos.[5] Spurgeon, citando Adam Clarke, diz que essa celebração deve ser feita alegremente (batei palmas), universalmente (todos os povos), vocalmente (com vozes de júbilo), frequentemente (cantai louvores a Deus, cantai louvores) e inteligentemente (com harmonioso cântico).[6]

Em segundo lugar, *a universalidade do seu reino* (47:2). "Pois o SENHOR Altíssimo é tremendo, é o grande rei de toda a terra." A dignidade do Rei deve-se a dois fatores singulares.

Primeiro, *Ele é tremendo em seus atributos e em suas obras*. Nas palavras de Spurgeon, "ele é maior em poder, mais sublime em domínio, mais eminente em sabedoria e mais elevado em glória".[7]

Segundo, *Ele não é um rei tribal, mas é o rei de toda a terra*, de modo que nenhuma nação, nenhum povo e nenhum território estão fora de seu domínio e controle. Em majestade infinita, Ele domina sobre os reinos mais poderosos como árbitro absoluto do destino, monarca único de todas as terras, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Nem um vilarejo ou uma ilhota ficam fora dos seus domínios.[8] Nas palavras de Allan Harman, "seu território não é restrito, como se dá com os governantes terrenos, mas, antes, abarca toda a terra".[9]

Em terceiro lugar, *a autoridade do Rei* (47:3). "Ele nos submeteu os povos e pôs sob os nossos pés as nações." O salmista está trazendo à memória a conquista da terra prometida, quando povos foram desinstalados e entregues nas mãos de Israel. As conquistas de Israel não foram resultado de sua destreza, mas da ação divina. Nas palavras de Allan Harman, "o cântico reflete a conquista de Canaã por Israel. Foi Deus quem agiu soberanamente para desapossar outras nações e para fazê-las submissas ao governo de Israel".[10] A sujeição dos povos a Israel foi em virtude da autoridade do Rei das nações, e esse fato histórico lança luz para uma realidade maior. Spurgeon escreve:

> A igreja de Deus será a maior das monarquias, a vitória será notável e decisiva. Cristo tomará para si o seu grande poder e Reino, e todas as tribos dos homens imediatamente reconhecerão a

> glória dele e a glória do seu povo nele. O povo de Deus tem estado sob os pés dos homens em perseguições longas e cruéis, e em desprezo diário. Entretanto, Deus inverterá a posição, e o de melhor caráter será o primeiro na honra.[11]

Em quarto lugar, *o amor gracioso do Rei* (47:4). "Escolheu-nos a nossa herança, a glória de Jacó, a quem ele ama." Allan Harman diz que o versículo 4 está explicando a conquista e a alocação da terra de Canaã em termos que ecoam a afirmação de Deuteronômio (Dt 4:37,38). O amor de Deus para com os patriarcas e para com Jacó em particular (Ml 1:2) resultou em dar-lhes, como sua herança, a terra de Canaã.[12] É notório que Deus escolheu Israel não por ser a maior e mais poderosa nação, mas apesar de ser a menor e a mais fraca. Deus escolheu Israel como sua herança por causa de seu acendrado e gracioso amor, que é abundante, imerecido e provado. Spurgeon diz que Deus está disposto a escolher a nossa herança para nós no tempo e na eternidade, pois sua escolha é melhor do que a nossa.[13]

O rei triunfante (47:5-7)

Dois fatos são aqui mencionados.

Em primeiro lugar, *a entronização do Rei* (47:5). "Subiu Deus por entre aclamações, o SENHOR, ao som de trombeta." A chave para o versículo é sua alusão a 2Samuel 6:15, quando a arca foi trazida para a cidade de Davi para fazer que esta fosse a habitação de Deus. Assim, retrata-se aqui a ascensão de Deus ao seu trono terrestre, independentemente de se isso era dramatizado de novo por uma procissão periódica com a arca.[14] O salmista tem uma visão aqui da ascensão de Cristo, depois de triunfar sobre o Diabo e

suas hostes na cruz, e depois de destruir o poder da morte por meio de sua ressurreição. Ele subiu levando cativo o cativeiro (Sl 68:18). Ao retornar ao céu como Rei vencedor, foi aclamado pelos remidos e pelos anjos. Nessa mesma linha de pensamento, Spurgeon diz que as palavras desse versículo são totalmente aplicáveis à ascensão do Redentor. Não duvidamos de que anjos e espíritos glorificados lhe tivessem dado as boas-vindas com aclamações, pois, se Ele não veio à terra sem cânticos, voltaria ao céu em silêncio? Não! A trombeta soou as boas-novas da volta vitoriosa do Emanuel.[15]

Em segundo lugar, *a aclamação do Rei* (47:6,7). "Salmodiai a Deus, cantai louvores; salmodiai ao nosso Rei, cantai louvores. Deus é o Rei de toda a terra; salmodiai com harmonioso cântico." Cinco vezes em apenas dois versículos recebe-se a ordem de cantar louvores a Deus e salmodiá-lo. Em outras palavras, a música não pode parar, pois Ele deve receber todo o louvor. A ideia de cantar louvores com harmonioso cântico é a de cantar com inteligência, ou seja, a cabeça e o coração precisam se unir com a voz a ponto de você entender o que canta e sentir o que entende. A razão dessa efusiva alegria é porque Ele é o Rei de toda a terra.

O rei universal (47:8,9)

Três verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o trono do Rei é universal* (47:8a). "Deus reina sobre as nações..." As nações estão debaixo do reinado de Deus, e é Ele quem constitui reis e destrona reis; é Ele quem levanta reinos e abate reinos. Em outras palavras, a história não está à deriva, pois Deus está no trono e tem as rédeas da história em suas mãos. O Senhor reina!

Em segundo lugar, *o trono do Rei é santo* (47:8b). "[...] Deus se assenta no seu santo trono." O trono de Deus não apenas é onipotente, mas também santo, pois onipotência sem santidade seria tirania, e tudo o que Deus faz está de acordo com seu caráter santo. Nas palavras de Spurgeon, "o trono de Deus nunca foi manchado com a injustiça ou contaminado pelo pecado".[16]

Em terceiro lugar, *o trono do Rei é gracioso* (47:9). "Os príncipes dos povos se reúnem, o povo do Deus de Abraão, porque a Deus pertence os escudos da terra; ele se exaltou gloriosamente." O contexto fornece um quadro dos príncipes das nações gentílicas vindo voluntariamente e unindo-se aos judeus como "o povo do Deus de Abraão". Isso é parte da visão universalista dos salmistas para o futuro final do reino de Deus (Sl 67:1-7; 72:8-11). Os governantes gentílicos "pertencem a Deus" no sentido de que se tornaram seus servos, e a conclusão é que Deus é deveras "exaltado".[17]

Os inúmeros príncipes e povos devem se tornar um só povo. Os príncipes dos povos se unem ao povo de Deus reconhecendo que todos os sistemas de proteção e todas as armas de guerra têm de prestar lealdade ao Rei de toda a terra. Todos os reis se prostrarão perante Ele, isto é, nenhum povo ficará sem representatividade.

Spurgeon diz, corretamente, que esse mesmo Deus, que só era conhecido por este e aquele patriarca como o Pai dos crentes, será adorado por uma descendência tão numerosa quanto as estrelas do céu. A promessa da aliança será cumprida: "Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra" (Gn 28:14). Siló virá, e "a ele obedecerão os povos" (Gn 49:10).[18]

Warren Wiersbe diz, acertadamente, que os profetas anunciaram que os gentios se voltariam para o Senhor e compartilhariam o reino com Israel (Is 2:1-5; 11:1-10; Mq 4:1-5), e o salmista olhou através das eras e viu o cumprimento dessa profecia. Os líderes representantes dos povos gentios demonstrarão sua sujeição e darão louvores a Jesus Cristo. "O SENHOR será Rei sobre toda a terra" (Zc 14:9), e os reis da terra pertencem ao Senhor, pois Ele é o Rei dos reis (Ap 19:16).[19] Em natureza, poder, caráter e glória não há nada que se compare ao Rei dos reis. Os homens e os anjos não poderiam exaltá-lo suficientemente; então, Ele mesmo se exaltou poderosamente.

NOTAS

1 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1005.
2 HARMAN, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 205.
3 KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 197.
4 PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 191,192.
5 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1006.
6 Ibidem, p. 1009, 1010.
7 Ibidem, p. 1006.
8 Ibidem.
9 HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 205.
10 Ibidem.
11 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1007.
12 HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 205,206.
13 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1014.
14 KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 198.
15 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1008.
16 Ibidem, p. 1009.
17 HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 206.
18 SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1009.
19 WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 179.

Capítulo 47

Igreja, a cidade de Deus

(Sl 48:1-14)

Esse é um salmo dos filhos de Coré, no qual o salmista descreve Jerusalém e o monte Sião como uma representação da igreja. Jerusalém é a cidade do grande Rei, e esse grande Rei não é Davi, mas o Senhor. Nas palavras de Purkiser, "Sião tipifica a Igreja, a cidade de Deus" (Hb 12:18-24). O que se afirma acerca de Sião como o local do templo de Israel é verdadeiro para o templo espiritual, a igreja (Ef 2:20-22; 1Pe 2:5-8).[1]

Derek Kidner diz que temos aqui a consciência de um pano de fundo maior do que as colinas de Judá. Sião é mais do que uma capital local; a luta envolve a terra inteira e o alcance total do tempo.

Os contornos da "Jerusalém lá de cima", com seus grandes muros e fundações que são "para sempre", já chegam dentro do campo da visão.[2]

Warren Wiersbe divide esse salmo da seguinte maneira: Deus e a cidade do seu povo, Deus e os inimigos do seu povo, Deus e a adoração do seu povo e Deus e o futuro do seu povo.[3] Vamos pegar carona em sua abordagem.

Deus e a cidade do seu povo (48:1-3)

O salmista descreve, com eloquência singular, a grandeza do Senhor e a magnificência de seu santo monte, onde está o santuário, símbolo da presença de Deus. Davi tomou o monte Sião dos jebuseus (2Sm 5:6-9; 2Cr 11:4-7) e transformou Jerusalém na capital do seu reino. Com localização ideal, a mais de 800 metros acima do nível do mar, a cidade era praticamente invencível. Davi levou a arca da aliança para Jerusalém, fazendo de Sião um Santo Monte, pois era lá que o Senhor habitava (Sl 2:6; 3:4; 15:11; 43:3; 99:9). Assim, Jerusalém tornou-se a "cidade do nosso Deus" (48:1,8) e a "cidade do grande Rei" (48:2; 47:2). Essa grandeza pertence ao Senhor, e não à cidade (47:9), pois, em sua graça, o Senhor escolheu Sião (78:68; 132:13).[4] Dito isso, quatro verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *a grandeza de Deus requer que ele receba o louvor da igreja* (48:1a). A ênfase inicial não é sobre Sião, mas sobre o Deus de Sião, porque o Senhor é incomparavelmente grande, Ele é indisputavelmente digno de ser louvado. Mas onde Ele é louvado? No seu santo monte, na sua cidade, a cidade do grande Rei. É na igreja e por meio da igreja que o Senhor é louvado. Spurgeon diz que os seus louvores jamais se tornam demasiadamente constantes,

demasiadamente laudatórios, demasiadamente sérios, demasiadamente reverentes, demasiadamente sublimes, pois não há ninguém como o Senhor nem há louvor como os seus louvores.[5]

Em segundo lugar, *a igreja, o lugar da morada de Deus, é santa* (48:1b). Assim como o monte Sião é santo, santa é a igreja, e só uma igreja santa pode louvar ao grande Senhor, o Rei de toda a terra. Nas palavras de Allan Harman, "Sião tornou-se o centro da teologia do Antigo Testamento; e, no quadro bíblico mais amplo, Sião tornou-se o modelo da igreja e da Nova Jerusalém".[6]

Em terceiro lugar, *a igreja, a cidade do grande Rei, é a alegria de toda a terra* (48:2). Jerusalém, para onde foi levada a arca, onde o templo foi erigido, é a cidade de Davi. Mas, muito mais do que isso, é a cidade do grande Rei, o Rei de toda a terra. Essa cidade é símbolo da igreja, onde o Senhor habita. O monte é alto e belo, como elevada e bela é a igreja, e esta, que hoje é perseguida pelo mundo, será a alegria de toda a terra, de modo que a glória do Senhor resplandecerá nela. Nas palavras de Spurgeon, "a igreja é formosa espiritualmente, sendo colocada perto do coração de Deus, nos montes do seu poder, sobre os montes da sua fidelidade, no centro das operações providenciais. A elevação da igreja é a sua formosura, e quanto mais ela está acima do mundo, mais bonita ela é".[7]

Warren Wiersbe tem razão em dizer que, em termos espirituais, a cidade de Jerusalém também trouxe alegria para toda a terra, pois foi do lado de fora de seus muros que Jesus morreu pelos nossos pecados, e foi em Jerusalém que o evangelho de Jesus Cristo foi proclamado pela primeira vez.[8]

Em quarto lugar, *a presença de Deus na igreja é sua verdadeira proteção* (48:3). A presença de Deus em Sião foi demonstrada pelo transporte da arca da aliança para lá e posteriormente pela construção do templo. Ele assumiu sua morada nos palácios dela e, assim, provou ser o seu defensor.[9] Deus está presente na igreja, e sua presença é como um muro de fogo ao seu redor. O alto refúgio de Jerusalém não eram suas muralhas nem suas torres, mas a presença de Deus. Assim é também com a igreja, ou seja, o Senhor é seu alto refúgio, bem como seu fundamento, dono, edificador e protetor (Mt 16:18). Nas palavras de Warren Wiersbe, "a segurança de Jerusalém não estava em sua localização nem em seus muros, mas sim em seu Deus, pois Ele era a sua fortaleza (46:1,7)".[10]

Deus e os inimigos do seu povo (48:4-7)

Até aqui, o povo de Jerusalém havia falado sobre o Senhor, mas agora fala ao Senhor sobre o que ele fez aos seus inimigos. Derek Kidner diz que os reis, no plural, e as naus de Társis, isto é, os grandes navios oceânicos, parecem indicar uma luta em escala maior do que qualquer dos assaltos contra Jerusalém no Antigo Testamento. A cena parece mais semelhante à conspiração em escala mundial aludida no salmo 2.[11] Sobre isso, destacamos quatro fatos importantes.

Em primeiro lugar, *os inimigos se unem contra a igreja* (48:4). Os inimigos confederados se unem para atacar o povo de Deus, como algumas vezes se juntaram para atacar Jerusalém. Essas aglomerações e coalizações se juntaram, mas não prevaleceram, pois Deus desbaratou os inimigos (2Cr 20:21). O anjo do Senhor matou 185 mil soldados

assírios de uma só vez; do mesmo modo, o Dragão, o Anticristo, o Falso Profeta e a Grande Babilônia cairão, e a igreja triunfará.

Em segundo lugar, *os inimigos são tomados de medo e fogem* (48:5). Os inimigos vieram e fugiram; vieram e foram tomados de pânico; vieram para atacar com pressa, mas fugiram com mais pressa ainda; vieram com fúria, mas fugiram com medo. Nas palavras de Spurgeon, "os atormentadores foram atormentados. A pressa em vir não era nada em relação à pressa de ir. O pânico tomou conta deles, e os cavalos não eram suficientemente velozes na fuga. Teriam pedido emprestado as asas do vento, se pudessem".[12]

Em terceiro lugar, *os inimigos terrificados são vencidos* (48:6). Os inimigos foram vencidos pelo terror que sobreveio a eles, de tal modo que sentiram dores como as de uma parturiente. Nas palavras de Spurgeon, "a consciência persegue aqueles que perseguem a igreja de Deus".[13]

Em quarto lugar, *os inimigos são completamente destroçados* (48:7). Os inimigos foram destroçados da mesma forma que uma frota naval é destroçada e afundada pela fúria da tempestade (Ez 27:26). Derek Kidner diz que a linguagem é suficientemente arrebatadora para celebrar as grandes vitórias nas "guerras do Senhor" e para profetizar o próprio tempo do fim. Sendo assim, a igreja pode cantar esse salmo tendo em mente os triunfos do evangelho e pensando na futura derrota total dos ímpios.[14]

Deus e a adoração do seu povo (48:8-11)

Essa seção é narrada por um grupo de peregrinos indo a Jerusalém depois da grande vitória sobre os inimigos,

mostrando que a adoração é a resposta humana apropriada diante das misericórdias de Deus.[15] Sobre isso, destacamos quatro verdades importantes aqui.

Em primeiro lugar, *o povo de Deus é testemunha de seu livramento* (48:8). Aqueles que já haviam ouvido sobre os grandes feitos de Deus em Jerusalém veem agora com seus próprios olhos que Deus estabeleceu essa cidade para sempre. O Deus que fez é o Deus que faz. Os feitos do passado são promessas de que podemos confiar no presente.

Em segundo lugar, *o povo de Deus se recorda das misericórdias divinas* (48:9). Oh, doces são as lembranças das misericórdias de Deus, e é por causa dessas misericórdias que não somos consumidos pelos nossos pecados nem pelos nossos inimigos.

Em terceiro lugar, *o nome de Deus é notório até os confins da terra* (48:10). O nome de Deus é notório não só entre o seu povo, mas até os confins da terra, e a destra de Deus é o braço da justiça.

Em quarto lugar, *o povo de Deus é convocado a alegrar-se nos juízos divinos* (48:11). Tanto Jerusalém como as vilas de Israel são conclamadas a exultar por causa dos juízos divinos.

Deus e o futuro do seu povo (48:12-14)

Emite-se um convite para que Jerusalém seja vistoriada e suas fortificações sejam contempladas. Para o cristão, há uma exortação correspondente no sentido de passar em revista as torres e baluartes da igreja, uma comunidade que é, essencialmente, tão indestrutível como uma fortaleza (Ef

2:20-22; Ap 21:10-27).[16] Nesse sentido, destacamos aqui três mensagens.

Em primeiro lugar, *faça um levantamento fiel das fortalezas da cidade de Deus* (48:12,13a). Há um chamado para se fazer uma revista na cidade, rodeá-la e observar seus palácios, suas torres e suas muralhas, e esse levantamento, liderado por uma espécie de guia turístico, tinha como propósito demonstrar que a segurança de Jerusalém não estava em sua geografia nem em seus palácios, tampouco em torres e muralhas, mas no Senhor. Concordo com Derek Kidner quando escreve o seguinte: "Esse salmo, apesar de tudo, não é para louvor a Sião, a não ser na sua capacidade de habitação de Deus".[17]

Em segundo lugar, *faça um relato fiel do cuidado de Deus às gerações vindouras* (48:13b). Esse levantamento deve ser feito com acurácia, a fim de que as gerações vindouras saibam desses fatos. O povo não devia confiar em Jerusalém e em suas estruturas (Jr 7:7), mas no Senhor que escolheu Jerusalém. Nas palavras de Allan Harman, "os feitos louváveis de Deus não poderiam ficar ocultos à geração seguinte (Sl 78:4), pois cada geração de crentes tem a responsabilidade de ensinar à seguinte".[18] Nessa mesma linha de pensamento, Spurgeon escreve: "Se recebemos, temos de transmitir. Temos de ser alunos para podermos ser professores. Temos de nos esforçar para pagar a dívida do passado transmitindo a verdade para o futuro".[19]

Em terceiro lugar, *faça um compromisso de fé para o futuro* (48:14). As gerações vindouras precisam saber que a segurança de Jerusalém não decorre de seus palácios, de suas torres, nem de muralhas, mas sua segurança vem de Deus, que é o nosso Deus para todo o sempre, de geração

em geração. Ele será nosso guia desde o nascimento até a morte, e também é o nosso Deus por toda a eternidade. Nas palavras de Spurgeon, "ao longo da vida e até a hora da morte, Deus graciosamente nos guiará, e mesmo depois da morte Ele nos guiará às fontes das águas da vida".[20]

O povo faz confissão de que esse Deus que os salvou é de fato o seu Deus. O povo toma posse dele como seu libertador pessoal e sabe que Ele os apascentará até o fim (23:1; 77:20; 80:1; Is 40:11; 49:9,10; Ez 34:11,12).[21] Por fim, concordo com Warren Wiersbe quando diz que "A maior ameaça para uma nação não é o inimigo invasor, mas sim o inimigo interior — um povo que aos poucos vai se afastando da fé de seus pais e corrompendo os alicerces de sua nação. Cada geração deve transmitir à geração seguinte o conhecimento de quem é o Senhor e do que Ele tem feito pelo seu povo".[22] O nosso relacionamento com Deus deve ser permanente porque a aliança que o estabeleceu foi feita pelo próprio Deus, que não muda nem pode falhar (Gn 17:2,8).

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 192.

2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 200.

3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 179-180.

4 Ibidem, p. 179.

5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1016.

6 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 207.

7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1016.

8 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 179.

[9] Harman, Allan. *Salmos*, p. 207.
[10] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 179.
[11] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 200.
[12] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1017.
[13] Ibidem, p. 1025.
[14] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 201.
[15] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 180.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 202.
[17] Ibidem.
[18] Harman, Allan. *Salmos,* p. 209.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1020.
[20] Ibidem.
[21] Harman, Allan. *Salmos,* p. 209.
[22] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 180.

Capítulo 48

A brevidade da vida, a instabilidade da riqueza e a inevitabilidade da morte

(Sl 49:1-20)

Esse é um salmo sapiencial, dando instrução aos homens mais do que adorando a Deus.[1] O salmista, como cantor inspirado, ao som da harpa, vai chamar os povos para prestar atenção ao seu ensino. Sua mensagem está endereçada a todas as etnias da terra e a todas as classes sociais. Por meio de parábola, o cantor-escritor demonstra, com cores vivas, que o dinheiro é fugaz e a morte é certa e que confiar no dinheiro como se a morte nunca fosse chegar é uma tolice consumada.

Purkiser diz que o poema é um salmo de sabedoria preocupado com o problema dos ímpios que prosperam e dos justos que

são pobres e aflitos. O salmo está intimamente relacionado, quanto ao tema, com os salmos 37 e 73. O autor do salmo 37 encontrou uma solução para esse antigo enigma, convencido de que a prosperidade dos ímpios é apenas temporária. O autor do salmo 49 leva esse tema um passo adiante, demonstrando que as injustiças da vida podem nunca ser corrigidas aqui neste mundo. Entretanto, a morte equipara tudo, uma vez que rico e pobre, alto e baixo, príncipe e indigente, todos têm o mesmo fim. Quando os homens compreendem o fato de que as riquezas não têm valor nenhum para a eternidade, grande parte do problema desaparece.[2]

Quatro verdades essenciais são ensinadas nesse salmo: um chamado à reflexão, a insensatez de confiar na riqueza, a sabedoria de confiar em Deus e a ilusão da riqueza sem Deus. Vejamos:

Um chamado à reflexão (49:1-4).

O salmista fala da parte de Deus, por isso é prudente prestar atenção à sua mensagem. Destacamos aqui quatro pontos nesse chamado à reflexão.

Em primeiro lugar, *dirigido a todos os povos* (49:1). Ele ordena a todos os povos e a todos os moradores da terra que escutem e deem ouvidos à sua mensagem. Nenhuma etnia, por mais remota, deve ficar fora do alcance de sua palavra. Nas palavras de Derek Kidner, "esse salmo se dirige aos homens na sua humanidade em comum, e não somente aos israelitas no seu vínculo especial com Deus por meio da aliança".[3]

Em segundo lugar, *dirigido a todas as classes sociais* (49:2). A exortação do salmista não é apenas dirigida a todos os povos, mas também a todos os estratos sociais: homens

plebeus e de fina estipe, ricos e pobres. Sua mensagem interessa a todos e é pertinente a todos, sem exceção; além disso, sua mensagem tem a ver com a brevidade da vida, a instabilidade da riqueza e a inevitabilidade da morte. Spurgeon destaca que homens de muitas propriedades e homens que definham na pobreza são convidados a ouvir o trovador inspirado enquanto dedilha a harpa em um poema instrutivo. Os humildes serão encorajados, os grandes serão advertidos, os ricos serão moderados, os pobres serão consolados, pois há uma lição útil para cada um se estiverem dispostos a aprender.[4]

Em terceiro lugar, *procedente da sabedoria* (49:3). Lábios e coração estão aliançados para proferir palavras de sabedoria, e a mensagem que tem para todos os povos não procede de engano, mas é fruto da sabedoria.

Em quarto lugar, *comunicado com uma canção* (49:4). Sua mensagem é como um provérbio, um enigma, que será decifrado e entregue ao som da harpa. Purkiser é oportuno quando trata do assunto:

> A prosperidade dos ímpios era um dos grandes enigmas da vida para os israelitas piedosos, demandando uma solução que apenas podia ser dada parcialmente antes que a revelação mais completa de Cristo trouxesse vida e imortalidade à luz. O que o escritor aprendeu a respeito dessa questão perplexa ele anuncia por intermédio de um poema acompanhado de música.[5]

A insensatez de confiar na riqueza (49:5-14)

O que poderia haver de mais solene do que a brevidade da vida, a instabilidade da riqueza e a inevitabilidade da morte? Sete verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *os justos não devem temer aqueles que confiam e se gloriam nas riquezas* (49:5,6). O salmista está falando não apenas de pessoas ricas, mas também de pessoas ricas e opressoras. Não há pecado em ser rico; aliás, a riqueza é uma bênção quando procede da bênção de Deus e do trabalho honesto. Nas palavras de Warren Wiersbe, "não é pecado ter riquezas, desde que sejam obtidas honestamente, empregadas sabiamente e investidas fielmente naquilo que agrada ao Senhor".[6] Contudo, os homens endinheirados, que se julgam poderosos a ponto de confiar na riqueza para oprimir os fracos e esmagar os pobres e piedosos, estão lavrando sua própria sentença de morte. Essas pessoas não precisam ser temidas pelos justos (Is 51:12), pois sua riqueza se dissipará como a neblina, e sua morte virá tão rápida como uma flecha aguda a transpor seu coração.

Em segundo lugar, *o dinheiro não pode livrar ninguém da morte* (49:7-9). O dinheiro pode comprar muita coisa: pode oferecer conforto, luxo e poder, mas o dinheiro, por mais abundante, não pode remir ninguém do poder da morte, pois esta chega para o homem mais rico, de modo que nem toda a sua fortuna pode mantê-la do lado de fora de sua tenda. O dinheiro não pode comprar a imortalidade, tampouco pode pagar para a morte cessar o seu trabalho. Allan Harman tem razão em dizer que nenhuma quantia de dinheiro pode subornar a morte.[7] Spurgeon escreve: "Nem todas as riquezas reunidas de todos eles podem salvá-los das garras frias da morte. [...] Por mais que amem um amigo tão afetuosamente, não podem dar a Deus o resgate dele. O resgate de um rei seria inútil, um monte de rosas de rubis, uma América de prata, um mundo de ouro e um sol de diamantes serão totalmente desdenhados".[8]

Nas palavras de Purkiser,

> o rico não pode comprar, com todo seu ouro, a isenção da morte. O dinheiro dos ricos, diante de quem os homens ficam atemorizados, pode comprar tudo o que o mundo tem para oferecer, mas não pode comprar o livramento da morte. Eles não podem oferecer um preço de resgate alto o suficiente para livrá-los do destino comum de todas as pessoas.[9]

Derek Kidner deixa claro que o assunto em foco é apenas a incapacidade de a pessoa pagar um preço para ela mesma ou outra pessoa escapar da morte. A questão de redenção como expiação (Mt 20:28) não surgirá senão no versículo 15.[10]

Numa parábola imortal, Jesus chamou de louco o homem que arrazoava consigo mesmo, dizendo:

> [...] destruirei os meus celeiros, reconstrui-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus (Lc 12:18-21).

Faz-se necessário afirmar que dinheiro não salva ninguém deste lado da sepultura nem do outro, pois é impossível levá-lo (49:10-12,17; Ec 2:18,21; 7:2; 9:5). É como diz Spurgeon: "a morte chega, e as riquezas não podem subornálo. O inferno vem em seguida, e não há chave de ouro que destranque os calabouços".[11]

Em terceiro lugar, *a morte é democrática, chega a todos* (49:10a). A morte é democrática, é o sinal de igualdade

na equação da vida, e chega a todos: sábios e tolos, doutores e analfabetos, ricos e pobres, religiosos e ateus, jovens e velhos.

Em quarto lugar, *o rico não pode levar consigo suas riquezas, não tem gaveta em caixão* (49:10b). Quando o rico morre, deixa a outros a sua riqueza, pois não tem bolso em mortalha, gaveta em caixão, nem caminhão de mudança em enterro. O homem entrou no mundo nu e voltará nu (Jó 1:21). O apóstolo Paulo é enfático: "Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele" (1Tm 6:7). Em outras palavras, as riquezas que o homem granjear aqui também aqui permanecerão.

Em quinto lugar, *o homem é apenas inquilino, e não proprietário permanente* (49:11,12). Quão tolo é o homem que dá azas ao seu pensamento para imaginar que suas casas serão perpétuas e as suas moradas serão para todas as gerações! Quão insensatos são aqueles que dão seu próprio nome às suas terras! Como diz Allan Harman, "a pessoa rica pode construir mansões luxuosas, dando-lhes seu próprio nome. Tais edifícios podem permanecer, mas tais pessoas perecerão".[12]

O homem não permanece em sua ostentação, e a morte um dia chegará e ele será despejado como um inquilino. Nas palavras de Spurgeon, "ele é apenas um visitante por uma hora, um hóspede que não vai passar a noite. Mesmo quando ele mora em ambientes revestidos com mármore, o aviso para sair já está escrito. A eminência está sempre em iminência de perigo. O herói da hora dura só uma hora. Cetros caem de mãos paralisadas que outrora os empunhavam, e coroas escorregam de crânios quando a vida se despede".[13] Seus bens passarão para outras mãos, eles

não levarão sequer um centavo. Morrerão como morrem os animais; aliás, a sepultura receberá tanto os homens quanto os animais. Concordo com Warren Wiersbe quando diz que isso não sugere que os seres humanos estejam no mesmo nível que os animais irracionais, mas apenas que, no final, os dois estão sujeitos à morte e à decomposição física.[14]

Em sexto lugar, *o homem rico tem seguidores e bajuladores* (49:13). Imaginar que os bens materiais são permanentes e que a morte possa ser driblada é completa estultícia. Mesmo sendo tolos, os ricos têm seus seguidores e seus bajuladores, que os imitam e adotam sua instrução como seu próprio método de vida. Em outras palavras, mesmo vivendo nessa ilusão, há muitos que os têm como mestres de banalidades e bebem a largos sorvos os seus treslouca-dos ensinamentos, aplaudindo ruidosamente seus discursos — essa triste realidade pode ser constatada em Salmos 73:6-12.

Em sétimo lugar, *a altivez humana se apaga diante do poder da morte* (49:14). Permanecer nessa ostentação é ser apanhado de súbito pelos dedos gelados da morte e morrer sem reflexão, como um animal. Aqueles que eram valentes como leões na vida tornam-se indefesos como ovelhas na hora da morte, uma vez que não podem resistir à morte mais do que uma ovelha resiste a um leão. A enfermidade e a morte quebram toda a arrogância humana e transformam toda a sua glória em pó. Na sepultura, toda a riqueza do rico se dissipa, e sua beleza se torna repulsiva. Aqueles que se refestelavam em lautos banquetes, com vestes de púrpura, em suas casas ricamente adornadas, agora habitam na sepultura, cheia de sombras e vermes (Lc 16:19-31). Nas palavras de Allan Harman, "imensa será a distância entre

sua sepultura e suas mansões anteriores".[15] Warren Wiersbe diz que o salmista retrata os ricos perdidos como ovelhas simplórias sendo levadas para o matadouro pela Morte — pastor que pretendia devorá-las.[16]

A sabedoria de confiar em Deus (49:15)

O salmista usa, no versículo 15, uma poderosa conjunção adversativa para contrastar aqueles que confiam na instabilidade das riquezas e perecem com aqueles que confiam em Deus e triunfam sobre a morte. Nas palavras de Purkiser,

> o que o salmista está dizendo é que as desigualdades desta vida serão corrigidas na próxima. O ímpio pode ter sucesso aqui, mas tudo o que o espera são as misérias da sepultura e a condenação eterna; por outro lado, o reto pode ter sofrido aqui, mas na vida futura ele será bem-aventurado, porque Deus o tomará para si.[17]

Concordo com Derek Kidner quando diz que esse versículo é um dos pináculos mais altos da esperança no Antigo Testamento.[18] Duas verdades solenes são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *a promessa da ressurreição* (49:15a). "Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte..." Um homem não pode remir outro, mas Deus é capaz de realizar tal façanha, e somente Deus pode nos levar para a glória (73:24). Spurgeon, com razão, diz que daquele lugar de descanso temporário, ao qual iremos no devido tempo, sairemos ressuscitados pelo poder divino. Como Jesus, a cabeça, ressuscitou, não podemos ser detidos pelas faixas da sepultura, uma vez que a redenção nos emancipou da escravidão da morte. Nenhuma redenção o

homem encontra nas riquezas, mas Deus a encontrou no sangue de seu amado Filho (1Pe 1:18,19). O nosso irmão mais velho deu a Deus um resgate, e somos os redimidos do Senhor. Em virtude dessa redenção por preço, seremos seguramente remidos por poder e tirados da mão do último inimigo.[19]

Aqueles que confiam em Deus e creem no seu Filho já passaram da morte para a vida, já tomaram posse da vida eterna e têm plena convicção de que morrer não é um desastre; na realidade, é deixar o corpo e habitar com o Senhor (2Co 5:8), é partir para estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor (Fp 1:23). Quando Jesus vier em sua glória, os mortos ouvirão a sua voz e sairão dos túmulos, uns para a ressurreição da vida e outros para a ressurreição do juízo (Jo 5:28,29). Os salvos terão um corpo imortal, incorruptível e glorificado, semelhante ao corpo da glória do Senhor Jesus (16:10,11; Is 26:19; Dn 12:3; Fp 3:21; 1Co 15:42-58; 1Ts 4:13-18).

Em segundo lugar, *a promessa do arrebatamento* (49:15b). "[...] pois ele me tomará para si." Assim como o Senhor tomou Enoque e Elias para si, quando Jesus voltar em majestade e glória, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, seremos transformados e arrebatados para encontrar o Senhor Jesus nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor (1Ts 4:13-18).

A ilusão da riqueza sem Deus (49:16-20)

Mais uma vez, o salmista exorta os justos a não terem medo daqueles que se vangloriam na riqueza, e cinco verdades solenes são aqui ensinadas.

Em primeiro lugar, *a glória da riqueza é passageira* (49:16). A riqueza de um homem e a glória de sua casa não duram para sempre, pois esses alicerces são frágeis demais. A glória da riqueza é passageira e fugaz. A Palavra de Deus é enfática: "Porventura, fitarás os olhos naquilo que não é nada? Pois, certamente, a riqueza fará para si asas, como a águia que voa pelos céus" (Pv 23:5).

Em segundo lugar, *a riqueza não é permanente* (49:17a). Quando o homem rico morre, ele nada levará consigo (Jó 1:21; Ec 5:14; 1Tm 6:7), ou seja, toda a sua fortuna fica aqui mesmo. Quando morreu o primeiro bilionário do mundo, John Rockefeller, um curioso foi ao cemitério e perguntou ao seu contador: "Quanto o dr. John Rockefeller deixou?" O contador respondeu: "Ele deixou tudo, não levou nenhum centavo". Nas palavras de Spurgeon, "o rico tem apenas o aluguel dos acres, pois a morte encerra o título de posse. Pelo rio da morte, o homem tem de passar desnudo. Nem um trapo de suas roupas, nem uma moeda do seu tesouro, nem um pouquinho da sua honra pode o mundano agonizante levar consigo".[20]

Em terceiro lugar, *a glória da riqueza se apagará* (49:17b, 18). As glórias, as medalhas, os troféus, as condecorações ficam do lado de fora da sepultura; nada disso o homem levará consigo. Nas palavras de Spurgeon, "o inferno não reconhece aristocracia".[21] Mesmo que durante sua vida esse homem rico tenha aplaudido a si mesmo, enaltecido a si próprio, e ainda que tenha recebido aplausos dos homens pelo bem que fez a si mesmo, na hora da morte todas essas reverências, esses elogios e reconhecimentos cessarão. Allan Harman destaca que esse homem rico e injusto tem duas características distintas: a primeira é que, em vez de louvar a Deus, ele bendiz a si mesmo; a segunda é que ele desfruta

das bajulações de outras pessoas. Essas experiências, todavia, não lhe granjearão nenhum benefício duradouro.[22]

Em quarto lugar, *a riqueza não pode evitar a morte* (49:19). Para o homem mais rico e mais poderoso, para o mais famoso e o mais culto, para o mais popular e o mais aplaudido pela opinião pública, a morte também chegará, e esse indivíduo vai para o mesmo cemitério onde foram sepultados seus ancestrais.

Em quinto lugar, *a riqueza sem entendimento torna o homem embrutecido* (49:20). O homem laureado de honrarias, que amou a riqueza e serviu a si mesmo, que confiou no dinheiro e na sua beleza, que viveu como se não fosse morrer e pensou perpetuar sua fortuna enquanto oprimia os fracos, perdeu sua humanidade e tornou-se tão brutal como um animal. Nas palavras de Purkiser, "esse homem não deixa de existir após a morte, mas para ele não há esperança. O Antigo Testamento nunca pensa na morte como o término da existência humana, no entanto ela é um fim de tudo que torna a existência tolerável para o incrédulo".[23] Os homens são como animais no que tange à deterioração ocasionada pela morte, mas não nas demais coisas, das quais os animais estão livres, pois acerca dos homens ímpios está escrito: "E irão estes para o castigo eterno" (Mt 25:46).

Por fim, não é demais, portanto, enfatizar que o escritor redigiu esse salmo para que tivéssemos claro em nossa mente que a riqueza não pode evitar a morte nem determinar o destino eterno. Derek Kidner tem razão em dizer: "O convite inicial deixa claro o propósito do salmista: que todos os povos escutem e achem o entendimento e a sabedoria, que é o único caminho que conduz à vida".[24]

NOTAS

[1] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 203.
[2] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 193.
[3] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 203.
[4] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1027.
[5] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 194.
[6] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 182.
[7] HARMAN, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 210.
[8] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1028,1029.
[9] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 193,194.
[10] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 204.
[11] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1029.
[12] HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 210.
[13] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1030.
[14] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 181.
[15] HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 211.
[16] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 181.
[17] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 194.
[18] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 203.
[19] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1031.
[20] Ibidem, p. 1032.
[21] Ibidem.
[22] HARMAN, Allan. *Salmos*, p. 211.
[23] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 195.
[24] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 206.

Capítulo 49

O culto que agrada a Deus

(Sl 50:1-23)

Esse é um salmo de Asafe, o primeiro de doze salmos que recebem o título "salmo de Asafe" ou "para Asafe". Os outros onze estão agrupados (Sl 73—83). Trata do culto que Deus requer do seu povo. Faz solenes advertências sobre o culto associado ao formalismo por um lado e à frontal desobediência por outro. Nas palavras de Purkiser, "esse salmo trata da natureza interna da verdadeira religião e da futilidade de sacrifícios sem obediência e fé".[1]

Concordo com Derek Kidner quando diz que o salmo inteiro se dirige ao povo da aliança, falando em primeiro lugar às pessoas que são religiosas sem pensarem muito nisso, e depois às endurecidas e hipócritas, trazendo para elas um forte bafo de realidade. É a mensagem que os

profetas e, por fim, Jesus tinham que anunciar a uma igreja que havia se esquecido de como tinha de tratar com o Deus vivo.[2]

Warren Wiersbe é meridianamente claro ao dizer que Deus, o Juiz, convoca o tribunal (50:1-6) e confronta dois transgressores: o formalista, para o qual a adoração é um ritual a ser seguido (50:7-15), e o hipócrita, para o qual a adoração é um disfarce para encobrir os pecados (50:16-21).[3]

O cenário desse tribunal é semelhante à outorga da lei no Sinai, ou seja, assim como Deus se manifestou no meio do fogo quando a lei foi dada, também se manifesta no meio do fogo quando a lei é violada sob o manto da religiosidade. Como o Senhor deu a lei em fogo, assim em fogo ele a exigirá.[4] Quatro verdades são aqui apresentadas, como veremos a seguir.

O juiz convoca o tribunal para se reunir, a fim de julgar os adoradores (50:1-6)

O juiz se apresenta com toda a sua pompa e glória. Apresenta-se como *El, Elohim* e *Javé*. Ele é o Todo-poderoso e também o Deus da aliança, é o Deus autoexistente que criou o universo e sustenta todas as coisas. É também o Deus da aliança, o Deus da salvação. A sua apresentação é majestosa, e a sua glória, excelsa. Derek Kidner diz que o grupo de títulos *El, Elohim* e *Javé* — duas palavras gerais para "Deus" seguidas por uma que é o nome especial revelado a Israel — forma uma abertura majestosa e apropriada a uma passagem que junta o mundo em geral e o pequeno círculo do povo escolhido.[5] Destacamos aqui quatro verdades solenes.

Em primeiro lugar, *o Juiz se apresenta* (50:1a). "Fala o Poderoso, o SENHOR Deus..." O grande Juiz é o próprio Deus, o Todo-poderoso, o Criador, o Senhor, o Deus da aliança.

Em segundo lugar, *as testemunhas são convocadas* (50:1b-4). O Juiz convoca toda a terra não para o julgamento, mas como testemunha do julgamento divino contra o povo da aliança. Nas palavras de Allan Harman, "Ele intima a terra não para o juízo, mas como testemunha de suas acusações contra seu próprio povo".[6] O julgamento começa pela casa de Deus. Spurgeon diz que o Juiz discernirá entre o povo nominal e o povo verdadeiro, e o fará em pleno tribunal, sob as vistas do universo inteiro.[7]

Warren Wiersbe diz, com razão, que, quando um juiz entra no tribunal, todos se levantam em sinal de respeito; mas a entrada de Deus nesse tribunal é acompanhada do resplendor de sua glória e de uma tempestade de fogo.[8] O juiz que convoca as testemunhas apresenta-se em glória majestática e intima os anjos de cima e os homens de baixo para se apresentarem como testemunhas no grande júri. Os céus e a terra são intimados a prestar atenção ao que Deus tem a dizer ao seu povo, e Deus, que é fogo consumidor (Dt 4:24; 9:3), revelou-se por meio do fogo no Sinai, onde falou "no monte, do meio do fogo" (Dt 5:4). O povo ouviu sua voz "enquanto ardia o monte em fogo" (Dt 5:22,23).

Em terceiro lugar, *o réu é apresentado* (50:5). "Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios." Deus julga o seu próprio povo, o povo da aliança, que firmou com ele um pacto por meio de sacrifícios.

Em quarto lugar, *o critério do julgamento é esclarecido* (50:6). O Juiz julgador e os critérios do julgamento estão

pautados pela justiça, de modo que não há qualquer possibilidade de injustiça nos critérios do julgamento.

O juiz denuncia os adoradores morais, mas formalistas (50:7-15)

Depois de instalado o tribunal, o Juiz passa a exercer o papel de Promotor e começa, então, a detalhar a denúncia. O denunciante aponta para a quebra dos mandamentos da primeira tábua da Lei: o culto divino, em espírito e em verdade, estava sendo desprezado. Quatro fatos devem ser aqui acentuados.

Em primeiro lugar, *o réu é advertido a escutar a denúncia* (50:7). Quem apresenta a denúncia não é um inimigo cruel, mas o próprio Deus do seu povo. É o próprio Senhor quem se apresenta como o denunciante, tendo em vista que o réu é chamado por Deus de "meu povo". O réu precisa, portanto, estar com os ouvidos atentos ao teor da denúncia, pois as evidências apresentadas pelo denunciante contra o denunciado são contundentes e irrefutáveis.

Em segundo lugar, *a denúncia é apresentada* (50:8,9). Não há, na acusação do Senhor, rejeição intencional do sacrifício em si. O povo estava observando a lei relativa ao oferecimento de sacrifícios, mas o que estava errado era a motivação deles.[9] O denunciante não traz à baila a ausência de sacrifícios no culto, mas o formalismo do culto. O povo da aliança mantinha todos os elementos externos do culto com grande zelo, mas todos aqueles rituais de sacrifícios tinham um formalismo mecânico. Eram feitos sem devoção. Nas palavras de Warren Wiersbe, "à semelhança da igreja de Éfeso, o povo havia abandonado o seu primeiro amor (Ap 2:4). Eles estavam adorando ao Senhor por hábito, não de coração".[10]

Em terceiro lugar, *a denúncia é justificada* (50:10-13). Deus não queria animais e aves no altar; queria o coração do povo. Deus não se contentava com a quantidade de sacrifícios, pois Ele mesmo é o dono de todos os animais selváticos e domésticos, bem como de todas as aves. E mais: Deus não precisava daqueles sacrifícios como se tivesse fome de carne de touros e sede de sangue de cabritos. Deus não se assemelha aos ídolos pagãos que exigem rituais sangrentos como se deles precisasse; na verdade, os sacrifícios requeridos por Deus apontavam para o sacrifício perfeito de seu Filho e tinham que ser oferecidos com entendimento e gratidão, e não de forma mecânica. Concordo com Spurgeon quando escreve: "Os sacrifícios da Lei eram símbolos de coisas mais altas e espirituais, e não agradavam a Deus, exceto sob o aspecto da tipologia. O adorador crente que olhasse além do aspecto externo dos sacrifícios era aceito, ao passo que o adorador não espiritual que desconsiderasse o significado estava desperdiçando os bens e blasfemando do Deus do céu".[11]

Em quarto lugar, *a orientação acerca do verdadeiro culto é dada* (50:14,15). Deus não quer sacrifícios; quer corações rendidos. Ele não quer formalismo, mas gratidão de seu povo. A ordem divina é: "Oferece a Deus sacrifícios de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo". Deus quer o louvor do seu povo, e não rituais mecânicos; quer a gratidão do seu povo, e não legalismo sem devoção; tampouco quer rituais cheios de pomba, mas sim lábios suplicantes.

O versículo 15 oferece-nos quatro verdades importantes: "Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás". Há aqui uma circunstância definida: o dia da angústia. Há também uma ordem expressa: invoca-me. Há

uma promessa clara: eu te livrarei. Por fim, há um resultado garantido: e tu me glorificarás.

O juiz desmascara os adoradores imorais e hipócritas (50:16-21)

O próprio Deus faz uma transição, como denunciante do culto formalista, prestado por pessoas moralistas, para o culto hipócrita prestado por pessoas imorais. Nas palavras de Allan Harman, "a primeira parte do discurso de Deus foi dirigida contra os que estavam confiando no oferecimento formal de sacrifícios. Agora, a atenção se volta para aqueles que, embora oferecendo sacrifícios, os ofereciam contra os padrões divinos".[12] Se no primeiro caso a ênfase está na quebra dos mandamentos da primeira tábua da Lei, agora o foco é na quebra dos mandamentos da segunda tábua da Lei. Concordo com a opinião de Derek Kidner de que esses homens denunciados não são os pagãos; são os nominalmente ortodoxos, aqueles que combinam a iniquidade com os atos de culto (Is 1:13).[13] Warren Wiersbe é enfático quando diz que essa mensagem é dirigida aos israelitas "ímpios", dentro da comunidade da aliança, que recitavam o credo em seus lábios, mas, deliberadamente, desobedeciam à lei do Senhor. Dirigiam-se para o santuário e agiam de modo extremamente religioso, a fim de encobrir seus pecados.[14] Destacamos aqui quatro fatos solenes.

Em primeiro lugar, *o perigo da inconsistência do adorador* (50:16,17). Deus não aceita o culto de uma pessoa que profere os preceitos da Palavra de Deus com os lábios e, ao mesmo tempo, quebra-os com sua prática de vida. Spurgeon alerta: "Precisamos da graça das doutrinas tanto quanto das doutrinas da graça. Sem isso, um apóstolo não

passa de um Judas, e um mestre agradável e cortês, ao falar, é um inimigo notório da cruz de Cristo".[15]

O Senhor está denunciando o abismo entre a doutrina e a ética, a teologia e a vida, o credo e a conduta, o ritual e a prática. Nas palavras de Allan Harman, "havia aqueles do seio da comunidade pactual cuja vida era uma farsa. Eram transgressores, contudo exteriormente professavam sua obediência aos mandamentos de Deus — inclusive, recitavam as regulamentações pactuais, mas, na realidade, odiavam a disciplina divina".[16] Eram sábios demais aos seus próprios olhos para aprender e soberbos demais para serem ensinados por Deus. Nessa mesma linha de pensamento, Purkiser diz que essa piedade que eles fingiam professar era somente da boca para fora, não em obediência à instrução de Deus e suas palavras.[17]

Em segundo lugar, *o perigo da desonestidade e da imora-lidade na vida do adorador* (50:18). Muitas pessoas iam ao altar oferecer culto a Deus, mas acoitavam os ladrões e os adúlteros. O latrocínio e o adultério eram estimulados. Spurgeon tem razão em dizer que a honestidade moral não pode estar ausente onde a graça verdadeira está presente, uma vez que as cerimônias religiosas não são suficientes para cobrir a fornicação.[18]

Purkiser está certo ao dizer: "Essas pessoas são condenadas não somente pelas transgressões que cometem, mas também pela atitude permissiva com relação aos outros que praticam o mal".[19] É imperativo, porém, afirmar que aqueles que concordam com os transgressores tornam-se semelhantes a eles (Rm 1:32). O oitavo e o sétimo mandamentos da Lei de Deus estão sendo quebrados por aqueles que chegam a Deus, e, como a relação horizontal, com os

homens, estava errada, a relação vertical, com Deus, não podia estar certa.

Em terceiro lugar, *o perigo da maledicência na vida do adorador* (50:19,20). Prestar culto a Deus sem domesticar a língua é insultá-lo, pois não podemos agradar a Deus se ferimos com a língua aqueles que foram criados à imagem e semelhança de Deus. Falar mal, tramar enganos, falar contra um irmão e difamar os próprios membros da família não combinam com a vida de um adorador. Antes de o Senhor aceitar nosso culto, precisa aceitar nossa vida. Primeiro o Senhor se agradou de Abel e depois aceitou o seu culto; primeiro o Senhor rejeitou Caim e depois rejeitou sua oferta.

Em quarto lugar, *o perigo do adorador medir Deus pela régua da corrupção humana* (50:21). O fato de Deus não punir o pecado no exato momento de sua prática não significa que Deus é conivente com o pecado nem que Ele é frouxo no julgamento. Allan Harman tem razão em dizer que o silêncio de Deus não significa aquiescência ao pecado.

O juiz encerra a sessão do tribunal fazendo ameaça e promessa aos adoradores (50:22,23)

O tribunal tem sua sessão encerrada com uma palavra de advertência e com uma promessa de salvação, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *uma ameaça aos adoradores desobedientes* (50:22). Aqueles que se esquecem de Deus e tapam os ouvidos às suas advertências serão despedaçados como uma presa que cai nas garras de um leão. Deus os desafia, pois ainda há tempo para obedecer ao que lemos em Apocalipse 2:5: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te".

Em segundo lugar, *uma promessa aos adoradores obedientes* (50:23). Aqueles que oferecem a oferta certa, com a motivação certa, esses glorificam a Deus. O louvor é melhor do que os sacrifícios, e ação de graças é uma obra de exaltação a Deus. Ninguém pode acrescentar um côvado à glória essencial de Deus, mas o louvor o exalta aos olhos dos outros. O louvor é a demonstração da honra de Deus, a exaltação do seu nome, a exibição do troféu da sua bondade, a proclamação da sua excelência, a propagação da sua fama, o rompimento da caixa de unguento, por meio do qual o agradável aroma e perfume do nome de Deus se espalha pelo mundo.[20]

Por fim, aqueles que andam na verdade e em santidade, a esses é prometida a salvação de Deus. Faz-se necessário afirmar que a salvação é obra de Deus, a evidência dela é a santidade de coração, o efeito dessa evidência é o louvor e a tendência desse louvor é glorificar ao Senhor. Em suma, Deus não é glorificado pelas dúvidas, pelos temores e por queixumes do seu povo, mas sim pelo seu louvor.[21]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 195.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 207.
3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 182.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1056.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 207.
6 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 212.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1048.
8 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 182.

[9] Harman, Allan. *Salmos,* p. 213.
[10] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 182.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1049,1050.
[12] Harman, Allan. *Salmos*, p. 214.
[13] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 208.
[14] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 183.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1052.
[16] Harman, Allan. *Salmos,* p. 214.
[17] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 196.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1052.
[19] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 196.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1065,1066.
[21] Ibidem, p. 1067.

Capítulo 50

Arrependimento, a porta de entrada da restauração

(Sl 51:1-19)

Esse é o quarto e o maior dos sete salmos penitenciais. Não existe outro salmo no Saltério com a mesma compreensão do sentido do pecado, apresentado com tamanha transparência e integridade.[1] Esse salmo é o registro da agonia da alma de Davi após o seu terrível crime de adultério e assassinato — essa triste página na história de Davi está registrada em 2Samuel 11 e 12. Davi viu Bate-Seba, mulher do seu soldado Urias, banhando-se, a cobiçou e adulterou com ela. Ela ficou grávida, e, então, ele mandou matar o marido dela e, em seguida, tentou esconder o seu pecado.

Davi usou quatro planos para encobrir o seu pecado:

- Plano 1 – Dar férias ao marido de Bate-Seba.
- Plano 2 – Dar um banquete ao marido de Bate-Seba.
- Plano ANO 3 – Encomendar a morte do marido de Bate-Seba.
- Plano 4 – Casar-se com Bate-Seba para esconder a gravidez.

Tudo parecia perfeito, e todas as provas do pecado foram aparentemente destruídas. Ele só não contava com uma coisa: que Deus estava vendo: "[...] Porém isto que Davi fizera foi mau aos olhos do SENHOR" (2Sm 11:27).

Deus envia a Davi o profeta Natã, o qual conta ao rei uma parábola com um enredo de clamorosa injustiça. Davi lhe diz: "O homem que fez isso deve ser morto". Natã lhe responde: "Tu és o homem". Davi, então, é tomado por um sentimento de culpa e horror, e foi nessa condição que ele escreveu o salmo 51, no qual Davi reconheceu o seu pecado, arrependeu-se, jogou o veneno fora e espremeu toda a ferida.

Fica evidente que esse salmo é uma oração primeiramente por perdão, com uma confissão humilde de atos pecaminosos provenientes de uma natureza pecaminosa como sua raiz amarga; e, depois, por renovação e santificação por meio do Espírito Santo.[2] Vejamos como esse salmo trabalha o arrependimento de Davi como a porta de entrada de sua restauração.

Clamor por compaixão (51:1,2)

Enquanto Davi calou o seu pecado, a sua vida murchou, os seus ossos secaram e a alegria da salvação foi embora. Então, do fundo do poço, ele clamou por compaixão: "Compadece-te de mim, ó Deus" (51:1). Davi estava desesperado, encurralado, preso pelas cordas do seu pecado. Ele era um rei poderoso, mas, agora, nada lhe satisfaz. Está quebrado, doente, aflito e definhando. Seus ossos estão secando, e seu vigor, murchando. Seu choro é abundante, e sua alma está de luto, pois a mão de Deus pesa sobre ele. Davi precisa de paz e de perdão e clama a Deus, lançando sobre Ele a miséria de seu coração. Três verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o clamor está fundamentado na infinita misericórdia divina* (51:1). Davi não estadeia diante de Deus seus méritos nem reivindica direitos. Ele clama por misericórdia. Sabe que seu pecado é malignissimo, por isso precisa contar com a multidão das misericórdias divinas. A petição inicial, "compadece-te de mim", é a linguagem de quem não faz jus nenhum ao favor que implora.[3] Warren Wiersbe destaca que Davi havia se rebelado intencionalmente contra Deus, e, de acordo com a lei, não existiam sacrifícios de expiação para esses pecados deliberados (Lv 20:10; Nm 35:31,32). Só restava a Davi apelar para a misericórdia, a graça e o amor de Deus.[4]

Concordo com Allan Harman quando diz que a base para o clamor de Davi é o amor infalível de Deus, *chesed*, uma palavra que traz em si a ideia de compromisso absoluto. Deus se revelou a Moisés como: "Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade" (Êx 34:6).[5]

Em segundo lugar, *o clamor é provocado pela sua triste situação* (51:1,2). Davi tem uma clara compreensão de sua situação diante de Deus e acentua isso ao fazer um diagnóstico de sua culpa. Ele usa três palavras para descrever aquilo que havia feito: transgressões, iniquidade e pecado. *Transgressão* é uma rebelião, uma revolta da vontade contra a autoridade. Davi admite que foi rebelde, que sua própria vontade prevaleceu e que ele foi governado por um desejo lascivo. Fez o que a sua consciência reprovava e cometeu um ato deliberado de desobediência, uma violação da autoridade divina. Nas palavras de Purkiser, "Davi sentiu uma culpa profunda por sua conivência, mentira, adultério e, por fim, assassinato".[6] *Iniquidade* é uma perversão, algo sujo, indigno e vergonhoso. *Pecado* é errar o alvo e não viver de acordo com os preceitos divinos, andar fora da linha.

Em terceiro lugar, *o clamor é evidenciado pelo seu veemente pedido de perdão* (51:1,2). Davi tem consciência da sua culpa, mas não para aí, pois só sentir o peso do pecado pode levar ao remorso e à autodestruição. Davi não engoliu o veneno nem fugiu de Deus, mas correu para Deus. Davi deseja ser perdoado e purificado e usa, de igual modo, três palavras para descrever o seu pedido: apaga, lava-me e purifica-me. Spurgeon tem plena razão em dizer que não é contra o castigo que Davi clama, mas contra o pecado, uma vez que seus mais altos clamores são contra o mal da transgressão, e não contra suas dolorosas consequências.[7]

A petição "apaga" significa, literalmente, uma ação como apagar o que está escrito num livro ou lousa (Êx 32:32; Nm 5:23). Derek Kidner diz, com razão, que somente o evangelho poderia nos revelar a que preço seria possível apagar "o escrito de dívida, que era contra nós" (Cl 2:14).[8] Já

a expressão "lava-me" emprega um verbo que se vincula com a lavagem de roupas, como se Davi se comparasse a uma peça imunda de roupa que precisava passar por lavagem intensiva.[9] É meridianamente claro nas Escrituras que somente Deus pode declarar que o pecador está limpo e perdoado.

Sincera confissão (51:3-6)

Ao clamar pela compaixão divina, Davi abre as cavernas escuras de seu coração para uma sincera confissão, e seis verdades devem ser aqui observadas.

Em primeiro lugar, *uma profunda convicção de seu pecado* (51:3). Davi, por um tempo, escondeu o número imenso de seus pecados, mas isso estava arruinando a sua vida. Ele, então, olhou de uma maneira séria o que havia feito. Convicção de pecado é o primeiro passo para a restauração, pois não há esperança de perdão e restauração enquanto a pessoa não reconhecer o seu pecado. Não olhe para os outros e também não julgue nem culpe os outros. Seja honesto com você mesmo e pare de argumentar e se justificar. Faça como Davi: "Eu conheço as minhas transgressões" (51:3). Faça como o pródigo: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti" (Lc 15:21). Allan Harman, citando Lutero, expressa essa verdade nestes termos: "Meu pecado me atormenta, não me dá descanso nem paz; se como ou bebo, se durmo ou acordo, sou sempre aterrorizado pela ira e juízo divinos".[10] O mundo fará qualquer coisa para impedir que você encare a si mesmo: as pessoas estão lotando os cinemas, entupindo as passarelas do carnaval, lendo novelas, divertindo-se porque não querem olhar para dentro de si mesmas.

Em segundo lugar, *uma consciência clara da natureza do seu pecado* (51:4a). Davi compreendeu que o pecado é cometido contra Deus e diante de Deus. Ele pecou contra Bate-Seba, contra Urias, contra sua família, contra a nação, contra os homens que foram mortos na batalha, mas ele confessa: "Pequei contra ti, contra ti somente". Por que contra Deus? Porque sempre que pecamos contra alguém, estamos pecando contra Deus, que criou esse alguém, estamos ferindo um ser amado por Deus e também nos intrometendo na obra da criação e da providência divina. Davi violou sua consciência, desobedeceu à Palavra, ultrajou a santidade de Deus, escarneceu do seu amor, pisou na sua graça e cuspiu em sua bondade — resumindo, sempre que pecamos, nos insurgimos contra Deus. Derek Kidner tem razão em dizer que o pecado pode ser contra a própria pessoa (1Co 6:18) e contra o próximo; a ofensa contra Deus, porém, é sempre o verdadeiro alcance dele, como José havia percebido muito tempo antes (Gn 39:9). Nosso corpo não pertence a nós mesmos; e nossos vizinhos são feitos à imagem e semelhança de Deus.[11]

Em terceiro lugar, *uma consciência clara de que ele não tem nenhuma desculpa para pecar* (51:4b). Davi está dizendo que não tem desculpa nenhuma. Nenhuma defesa, nenhum direito a reivindicar. Davi está admitindo que o seu pecado foi resultado da sua teimosia; ele reconhece que está totalmente errado e que nada tem a pleitear a seu favor, pois sabe que Deus é justo tanto na acusação como na sentença. Enquanto você tentar se justificar, não terá dado provas de arrependimento, pois esse é o reconhecimento de que você não merece nada senão o juízo. É como o publicano que bate no peito e diz: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18:13).

Em quarto lugar, *uma consciência clara de que sua natureza é essencialmente má* (Sl 51:5). Davi confessou que não era apenas um pecador por opção, mas também por natureza.[12] Ele reconhece que a razão de ter pecado não é o mundo fora dele nem a beleza do corpo de Bate-Seba, mas o seu coração sujo. Não é o mundo fora de mim, mas algo dentro de mim que está corrompido. Não é simplesmente uma questão do que eu faço, mas de quem eu sou. O meu maior problema sou eu: sou corrompido, e o meu coração é uma fábrica de iniquidade. É do meu interior que procedem os maus desígnios. Não é o mundo; é o meu coração. Não é simplesmente a pornografia; é o meu coração lascivo. Não é a guerra; é o meu coração perverso. Não é a injustiça social; é o meu coração avarento. Quando você percebe essa verdade a seu respeito, a única coisa que pode fazer é clamar como Davi: "Compadece-te de mim, ó Deus".

Em quinto lugar, *uma consciência clara de que o pecado não pode ser escondido de Deus* (51:6a). Deus não se compraz com a verdade dos lábios divorciada do coração. Deus não se contenta com aparência de piedade, pois Ele tudo conhece e a todos sonda, mas se compraz com a verdade no íntimo.

Em sexto lugar, *uma consciência clara de nossa falta de sabedoria* (51:6b). O nosso problema fundamental é nossa falta de sabedoria. Somos maus terapeutas de nós mesmos, por isso precisamos do discernimento que vem de Deus para não errar, não tomar decisões no poder da paixão carnal.

Pedido de purificação (51:7-9)

Davi tem clara percepção de que o pecado contamina e nos deixa sujos, mas também sabe que não podemos limpar

a nós mesmos, pois não temos poder para isso. Nas palavras de Warren Wiersbe, os pecados de Davi afetaram-no como um todo, atingindo seus olhos (51:3), sua mente (51:6), seus ouvidos e seus ossos (51:8), seu coração e espírito (51:10), suas mãos (51:14) e seus lábios (51:13-15).[13] Duas verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *só Deus pode limpar-nos do pecado* (51:7). "Purifica-me com hiposso" é uma alusão à purificação do leproso, aspergido sete vezes com o sangue sacrificial no qual foi molhado um ramo de hissopo, um arbusto do deserto, como borrifador (Lv 14:6,7; Hb 9:13,14; 1Jo 1:7); ou pode se referir ao ritual para a purificação daqueles que tiveram algum contato com um defunto (Nm 19:16-19). Em ambos os casos, terminava com o pronunciamento "e [ele] será limpo" — promessa que Davi toma para si.[14]

Purkiser destaca que a língua hebraica emprega duas palavras para se referir a "lavar": a primeira é aplicada para lavar o corpo, a louça ou qualquer objeto que possa ser mergulhado em água; já a segunda é usada para lavar vestimentas sujas, ao batê-las com uma vara ou ao batê-las enquanto estão estendidas sobre uma pedra plana submersa em água. O salmista escolhe deliberadamente a segunda palavra para mostrar que o pecado estava tão profundamente arraigado em sua natureza que Deus literalmente precisa tirá-lo com batidas e varadas.[15] Essa metáfora aponta para o sangue de Cristo, que nos purifica de todo pecado (1Jo 1:7). Davi admite que, se Deus o purificar, ele ficará verdadeiramente limpo, e que, se Deus o lavar, ele ficará mais alvo que a neve (Is 1:18).

Em segundo lugar, *o pecado é malignissimo em seus efeitos* (51:8,9). Praticar o pecado e escondê-lo é tão doloroso e desconfortável como ossos quebrados, uma vez que onde o

pecado chega a alegria se despede. Só por meio da purificação do pecado podemos desfrutar da verdadeira alegria, que só existe na presença de Deus, e, como sabemos, o pecado nos priva do rosto favorável de Deus.

Anseio por renovação (51:10-12)

Três verdades solenes são aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, *a necessidade de um novo coração* (51:10). O problema de Davi não é Bate-Seba, mas o seu coração; não é o mundo, mas o seu coração. Ele sabe que um coração puro não se alcança com sugestionamento, pois é Deus quem cria — ou seja, só Deus pode dar um novo coração (2Co 5:17). Este é o nosso real problema: o nosso coração está errado. O que você precisa não é apenas de mais conhecimento, tampouco precisa acrescentar algo ao que já tem. Você precisa não de adição, mas de um novo coração, pois não pode corrigir a si mesmo. Não tem poder para mudar a si mesmo, e justamente por isso não deve se considerar melhor do que Davi; além disso, você não deve se avaliar comparando-se com outros. O padrão de Deus é: "verdade no íntimo" (51:6), e, desse modo, podemos dizer que o evangelho dá um soco mortal em nossa presunção.

Ao usar o verbo "criar", Davi pede nada menos que um milagre. Ele emprega o verbo hebraico *bara,* um termo que representa aquilo que somente Deus pode fazer.[16] Purkiser acrescenta que esse verbo é usado na operação criativa de Deus, trazendo à existência o que não existia (Gn 1:1). Assim, o salmista não deseja uma restauração do que existia antes, mas uma mudança radical do coração e do espírito.[17] O que se requer é um novo ato criativo de Deus, pois a purificação de pecado é uma obra exclusiva de Deus.

Em segundo lugar, *a necessidade da comunhão com Deus* (51:11). O pecado é maligníssimo. Ele é o pior de todos os males, pois nos priva do maior bem; em outras palavras, a plenitude da alegria só é desfrutada na presença de Deus (16:11), e o pecado faz separação entre Deus e nós (Is 59:2). Davi reconhece que, se Deus o privar de sua presença, a vida perde o sabor; se Deus retirar dele o seu santo Espírito, fica apenas um vazio perturbador. De acordo com Spurgeon, o que Davi pede é que Deus não o jogue fora como algo inútil, que não o lance fora de sua face como fez com Caim e também que não o deixe, como ocorreu com Saul, quando nem por Urim, nem por profeta, nem por sonho lhe respondia.[18]

Warren Wiersbe é oportuno quando escreve:

> O Senhor concedeu seu Espírito Santo a Davi quando ele foi ungido por Samuel (1Sm 16:13), e Davi não desejava perder essa bênção do Espírito, nem sua ajuda, como havia acontecido com Saul quando ele pecou (1Sm 16:1,14; 2Sm 7:15). Hoje, o Espírito habita nos cristãos para sempre (Jo 14:15-18), mas os filhos de Deus podem perder a eficácia de seu ministério ao entristecer o Espírito (Ef 4:30-32), mentir para ele (At 5:1-3) e apagá-lo pela desobediência deliberada (1Ts 5:19).[19]

Em terceiro lugar, *a necessidade da alegria da salvação* (51:12). Essa alegria não é algo que tem a ver com o temperamento; é a alegria de Deus. É a alegria da salvação, a alegria do céu. O pecado de Davi roubou dele temporariamente essa alegria. O pecado é um ladrão de alegria. Davi deixa claro que ele não perdeu a salvação, mas foi privado da alegria da salvação.

Desejo de proclamação (51:13-17)

Davi expressa, agora, o desejo de viver para a glória de Deus, testemunhando para os demais as maravilhas divinas. Davi quer agora viver para agradar a Deus, e não aos seus próprios desejos, e, em vez de ser pedra de tropeço, quer ser instrumento de bênção para os outros. Ele não quer mais viver nas trevas quer revelar aos outros a luz de Deus. Isso nos ensina que o perdoado é aquele que não se contenta em apenas ter a bênção para si, mas que quer ser portador dessa bênção para os outros. Há quatro verdades que devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *a mudez produzida pelo pecado transforma-se em uma voz altissonante de testemunho* (51:13). Davi, de posse do perdão, anseia ser um mestre a ensinar aos transgressores os caminhos de Deus, ou seja, em vez de ser uma pedra de tropeço, ele quer ser um instrumento nas mãos de Deus para a conversão dos pecadores. Derek Kidner destaca a conexão estreita entre uma fé alegre e uma fé que se transmite, e entre a experiência da restauração e o ato de levar outros àquele conhecimento.[20] A graça de Deus pode transformar o mais vil pecador no mais ardoroso pregador.

Em segundo lugar, *a libertação do pecado abre portas para o louvor* (51:14). Davi tramou a morte de Urias, de modo que suas mãos estavam manchadas de sangue. Mas agora, purificado e liberto de seu pecado, quer destravar seus lábios silenciados pela culpa para exaltar a justiça de Deus.

Em terceiro lugar, *os lábios silenciados pelo pecado são abertos por Deus para adoração* (51:15). A expressão "abre [...] os meus lábios" é o grito de alguém cuja consciência o

levou a calar-se, envergonhado. Anseia adorar com liberdade e gratidão, como antes, e crê que, pela graça de Deus, assim será. Essa petição humilde levou Davi da confissão ao louvor.[21] Davi não ousa abrir seus lábios. Pede para Deus abri-los e então promete que sua boca manifestará os seus louvores. Na verdade, só Deus pode abrir nossos lábios para o louvarmos como Ele requer.

Em quarto lugar, *o culto que Deus deve proceder de um coração quebrantado* (51:16,17). Deus não está rejeitando os próprios sacrifícios que Ele ordenou, muito menos declara que podemos fazer nossa própria expiação. O que Ele ressalta aqui é que o melhor dos sacrifícios é odioso a Ele sem um coração contrito.[22] Antes de Deus aceitar a oferta, Ele precisa aceitar o ofertante e, antes de aceitar o culto, Ele precisa aceitar o adorador, pois o sacrifício agradável a Deus é um espírito quebrantado e um coração compungido e contrito. Nas palavras de Spurgeon, "a profunda necessidade de sua alma fez Davi olhar do tipo para o antítipo, do rito exterior para a graça interior".[23]

Fica claro que Davi não pode tranquilizar sua própria consciência com rituais religiosos, pois sabe que nenhum ritual religioso pode lavar a alma do pecador. Quando a consciência acorda, é uma coisa tremenda, e mais cedo ou mais tarde a consciência de todo homem despertará. Às vezes, ela só desperta no leito de morte; outras vezes, só depois da morte (Lc 16:19-31) — por exemplo, a consciência do homem rico só despertou no inferno (Lc 16:22,23). Davi está aqui tentando acalmar a sua consciência, pois ele é rei, está no trono e tomando decisões, mas ele não tem paz. Ele tenta pegar no sono, mas o sono foge; ele tenta fugir do seu pecado, mas seu pecado está sempre diante

dos seus olhos; ele não consegue ter paz, não consegue dormir, não consegue comer — em resumo, ele não pode fazer nada!

É preciso ter uma nova atitude para com Deus. A pessoa contra quem Davi pecou é Deus, mas a pessoa que ele deseja acima de tudo é Deus, e é isso que faz diferença entre arrependimento e remorso. Quando Adão pecou, ele fugiu de Deus; quando Judas pecou, ele abandonou a Cristo; e muitos, ao pecarem, deixam Deus, a igreja, a Bíblia, a oração, ou seja, fogem de Deus — esse é o caminho oposto do arrependimento. Mas Davi quer Deus, quer aquele a quem ofendeu, porque sabe que só o Senhor pode restaurá-lo. Ele sabe que Deus é benigno, misericordioso e perdoador; sabe também que Deus não rejeita quem tem o coração quebrantado. E nós sabemos mais ainda: a cruz foi onde Jesus morreu pelos nossos pecados; então, quando nos voltamos para a cruz, encontramos uma fonte de cura, restauração e perdão. Se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para perdoar-nos os pecados e nos purificar de toda injustiça (1Jo 1:9).

Súplica por restauração nacional (51:18,19)

O pecado de Davi atingiu não apenas ele e sua família, mas também toda a nação. Nas palavras de Allan Harman, "tudo indica que Davi sentia que seu pecado podia trazer sérias consequências a toda a nação, por isso ele ora por Sião e Jerusalém".[24] Por outro lado, Derek Kidner diz que esses dois versículos finais mostram que a nação, na sua própria hora mais sombria, achou aqui palavras para a sua própria confissão e para acender de novo a sua esperança.[25] Agora perdoado, Davi clama ao Senhor por restauração nacional,

porque, depois do seu bem-estar, ele busca o bem-estar de Sião e faz duas solenes súplicas.

Em primeiro lugar, *proteção do povo de Deus* (51:18). Nesse versículo 18, o interesse se amplia para incluir Sião e Jerusalém. O pecado é o opróbrio das nações, e a maior fraqueza de um povo é o pecado; mas, onde há restauração, aí há proteção. Davi ora para Deus edificar os muros de Jerusalém e agir com bondade para com Sião, ou seja, ora por sua proteção para que o povo possa continuar com seus sacrifícios agradáveis a Deus.

Em segundo lugar, *retorno ao culto súplico* (51:19). Esse versículo deixa claro que o ritual em si não era ofensivo a Deus; antes, o ritual sem justiça. Deus se agrada com holocaustos e sacrifícios de novilhos quando o ritual vem da motivação correta e é a expressão de um coração amoroso e obediente.[26] Quando a vida está certa com Deus, o culto prestado pelo povo é agradável a Deus; ou seja, o Senhor não havia rejeitado os sacrifícios que Ele mesmo havia instituído, mas rejeitado os sacrifícios sem integridade de coração.

Por fim, três perguntas diagnósticas são oportunas aqui: Você já é uma pessoa salva pelo Senhor? Você se afastou de Deus e perdeu a alegria da salvação? Você quer, agora, voltar-se para Deus, confessar seu pecado e tomar posse da restauração do Senhor?

Notas

[1] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 197.

[2] Ibidem.

[3] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 211.
[4] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 183-184.
[5] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 215.
[6] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 197.
[7] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1070.
[8] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 211.
[9] Ibidem.
[10] Harman, Allan. *Salmos*, p. 216.
[11] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 211.
[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 184.
[13] Ibidem.
[14] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 213.
[15] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos, *vol.* 3, p. 198.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 213.
[17] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 198.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1073-1074.
[19] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 184,185.
[20] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 214.
[21] Ibidem, p. 215.
[22] Ibidem.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1076.
[24] Harman, Allan. *Salmos,* p. 220.
[25] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 210.
[26] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 198,199.

Capítulo 51

O juízo de Deus sobre o ímpio

(Sl 52:1-9)

Esse é um salmo de Davi que retrata o terrível episódio da matança dos sacerdotes de Nobe por causa da língua venenosa de Doegue, o fofoqueiro. Doegue, um edomita, descendente de Esaú, inimigo de Jacó (Hb 12:16,17),[1] era um dos vários homens que cercavam Saul, satisfaziam seus caprichos e alimentavam seu ego a fim de obter poder e riqueza. Outrora, ele havia sido chefe dos pastores de Saul (1Sm 21:7), mas, por essa matança injustificada dos sacerdotes de Deus, por ordem de Saul e pela execução da sentença cruel, ele obteve o principal lugar perto do rei (1Sm 22:9).[2] Doegue, o delator, tornou-se o

executor dos sacerdotes (2Sm 22:6-19). Derek Kidner destaca que Doegue, o edomita, fez carreira à força, mediante calúnias e intrigas, porém esse sucesso foi passageiro.[3] Purkiser enfatiza que o tema desse salmo se associa com o relatório desastroso de Doegue a Saul quando Davi fugiu para o santuário temporário de Aimeleque, em Nobe (1Sm 21:1—22-19).[4]

Era evidente que o alvo do ódio insano do rei Saul era Davi e que o propósito de Doegue era agradar ao rei, ainda que usando sua língua destruidora para falsear a verdade, porém Deus condenou o ímpio e trouxe pleno livramento ao seu servo. Destacamos aqui três verdades solenes: a crueldade do ímpio (52:1-4), o juízo de Deus sobre o ímpio (52:5-7) e a confiança do justo (52:8,9), como veremos a seguir.

A crueldade do ímpio (52:1-4)

O ímpio é aquele que não leva Deus em conta quando abre a boca para ferir com sua língua nem teme a Deus quando estende a mão para praticar o mal. Davi faz quatro descrições do homem ímpio.

Em primeiro lugar, *ele gloria-se na maldade* (52:1). "Por que te glorias na maldade, ó homem poderoso? Pois a bondade de Deus dura para sempre."Allan Harman diz que é bem incomum encontrar um salmo que não comece falando a Deus, mas esse é o primeiro que se dirige a um homem mau, que se considera poderoso.[5] Spurgeon está certo ao afirmar que "Títulos honoríficos não passam de ironia quando o detentor é mau e cruel".[6] Gloriar-se na maldade é como escorar-se num bordão podre, e estribar-se no poder político ou na pujança da riqueza é consumada tolice, pois

essas escoras são frágeis demais e têm prazo de validade. Em vez de confiar no seu poder efêmero, o homem deveria confiar na bondade de Deus, que dura para sempre. Uno minha voz à de Spurgeon quando diz que a fúria do tirano não consegue secar o fluxo perene da bondade de Deus.[7]

Em segundo lugar, *ele tem uma língua destruidora* (52:2). "A tua língua urde planos de destruição; é qual navalha afiada, ó praticadora de enganos!" Doegue denunciou maliciosamente o sacerdote Aimeleque de ter acolhido Davi em oposição a Saul, passando a ideia de que havia um complô contra o rei. Esse ato maledicente desembocou numa chacina sangrenta, com a morte de 85 sacerdotes e homens, mulheres e crianças inocentes. Myer Pearlman diz que Doegue era um delator, e com os motivos mais baixos e indignos. Ele prestou sua informação debaixo da capa do falso motivo de ajudar a Saul, mas, em seu coração, odiava os sacerdotes de Nobe.[8] A Bíblia diz que a língua é como um fogo destruidor e como um veneno mortífero.

Em terceiro lugar, *ele tem valores morais invertidos* (52:3). "Amas o mal antes que o bem; preferes mentir a falar retamente." O ímpio se corrompe a tal ponto que chega a inverter os valores morais. Ele ama o mal em vez do bem e prefere a mentira à verdade. Nas palavras de Spurgeon, "ele se sentia mais à vontade mentindo do que dizendo a verdade".[9] Não se trata apenas de uma tolerância ao erro, mas de uma total inversão de valores.

Em quarto lugar, *ele ama o que deveria repudiar* (52:4). "Amas todas as palavras devoradoras, ó língua fraudulenta!" Uma coisa é proferir palavras devoradoras; outra coisa é amá-las. Uma coisa é tropeçar no falar; outra coisa

é ter uma língua fraudulenta a serviço da dosonestidade e da violência.

O juízo de Deus sobre o ímpio (52:5-7)

O pecado deliberado atrai, inevitavelmente, o juízo divino, e quatro realidades são descritas aqui acerca do juízo de Deus sobre o ímpio.

Em primeiro lugar, *sua destruição será total* (52:5). "Também Deus te destruirá para sempre; há de arrebatar-te e arrancar-te da tua tenda e te extirpará da terra dos viventes." A destruição do ímpio será total: ele será arrebatado e arrancado de sua morada. Como uma árvore arrancada pela raiz, sua vida será extirpada da terra dos viventes. Sua morte será certa, e sua memória será apagada. Três metáforas foram unidas para descrever a destruição total do ímpio: a primeira foi tirada de uma construção, a segunda de uma tenda e a terceira de uma árvore.

Em segundo lugar, *sua destruição será pública* (52:6a). "Os justos hão de ver tudo isso..." O ímpio será destruído não secretamente, mas publicamente, diante dos olhos daqueles que ele oprimiu. Sua ruína será notória, indisfarçável e irremediável. Warren Wiersbe diz que Deus faria com Saul e Doegue o que eles haviam feito à comunidade sacerdotal de Nobe, pois os pecadores acabam caindo nas covas que eles próprios cavam para outros (9:15; Pv 26:24-28; 29:6).[10] Deus permitiu que Mardoqueu visse Hamã ser enforcado na mesma forca que havia preparado para o desafeto dele.

Em terceiro lugar, *sua destruição causará temor nos justos* (52:6b). "Os justos [...] temerão e se rirão dele..." Aqueles que se julgavam poderosos serão destruídos, e aqueles que

choraram, oprimidos, se rirão. Aqueles que eram autoconfiantes serão desarraigados, mas aqueles que suportaram injustiças temerão a Deus ao verem sua causa julgada pelas mãos do Onipotente. Concordo com Allan Harman quando diz que o riso do justo não é tanto de zombaria quanto de jubiloso reconhecimento da natureza justa das ações de Deus.[11]

Em quarto lugar, *sua confiança no dinheiro não o salvará* (52:7). "Eis o homem que não fazia de Deus a sua fortaleza; antes, confiava na abundância dos seus próprios bens e na sua perversidade se fortalecia." O dinheiro aliado à perversidade torna-se um monstro perigoso. Nas palavras de Spurgeon, "riqueza e maldade são companheiras terríveis. Quando se combinam formam um monstro. Quando o Diabo é o responsável pelas bolsas de dinheiro, é realmente maligno. Belzebu e Mamom juntos aquecem a fornalha sete vezes mais para o filho de Deus, mas, no fim, estarão trabalhando para a sua própria destruição".[12] Os ricos acreditam que o poder do dinheiro possa blindá-los de todo o mal, por isso deixam de confiar em Deus para pôr sua confiança na abundância de seus bens, mas, mesmo tendo a oportunidade de fazer o bem, usam o dinheiro para se fortalecerem na prática do mal.

As marcas do justo (52:8,9)

Davi contrasta o homem justo com o ímpio, e o contraste é claro: os perversos são como árvores desarraigadas, enquanto os justos são como oliveiras verdejantes, belas e cheias de frutos. Saul e Doegue seriam rejeitados pelo Senhor e pereceriam, mas Davi e sua dinastia permaneceriam em segurança na casa do Senhor.[13]

Vamos destacar quatro qualidades que ornam a vida do justo.

Em primeiro lugar, *o justo floresce na casa de Deus em tempos de calamidade* (52:8a). "Quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na Casa de Deus..." A mesma sorte de contraste é traçada entre os justos e os ímpios, como se dá no salmo 1. Enquanto os perversos se assemelham a árvores que são desarraigadas, os justos se assemelham a uma oliveira florescente.[14] A oliveira é uma das plantas mais longevas e tem a capacidade de se renovar — é como se ela constantemente morresse e ressuscitasse. Mesmo quando parece que seu toco está morto, ela volta a brotar cheia de viço e verdor. Assim é o justo: mesmo cercado por crises medonhas, ele floresce na casa de Deus.

Em segundo lugar, *o justo confia na misericórdia de Deus* (52:8b). "[...] confio na misericórdia de Deus para todo o sempre." A misericórdia de Deus leva-o a inclinar seu coração em nossa miséria, e, mesmo quando o inimigo rico, forte e arrogante ameaça nos destruir, podemos confiar na misericórdia de Deus para nos livrar e julgar os nossos inimigos.

Em terceiro lugar, *o justo rende graças a Deus por suas obras* (52:9a). "Dar-te-ei graças para sempre, porque assim o fizeste..." As ações de graças do justo são motivadas por seu livramento e pelo juízo que recai sobre os ímpios opressores.

Em quarto lugar, *o justo espera na bondade de Deus* (52:9b). "[...] na presença dos teus fiéis, esperarei no teu nome, porque é bom." O justo vive pela fé. Ele espera ainda que contra a esperança, espera com os outros fiéis e na presença deles, e espera não na força do seu braço, mas no nome de Deus, pois ele é bom. A âncora do salmista não é

o dinheiro, mas o caráter de Deus. Por fim, concordo com Warren Wiersbe quando escreve: "Apesar de o mal parecer triunfar, devemos continuar obedecendo e servindo ao Senhor sem desanimar, pois é o povo de Deus que vai rir por último".[15]

Notas

1 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 185.
2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1104.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 216.
4 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 199.
5 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 220.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1101.
7 Ibidem.
8 Pearlman, Myer. *Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 1977, p. 82-83.
9 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1101.
10 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo, vol. 3,* p. 186.
11 Harman, Allan. *Salmos,* p. 221.
12 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1, p. 1102.
13 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 186.
14 Harman, Allan. *Salmos,* p. 221.
15 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 186.

Capítulo 52

A insensatez do ateísmo

(Sl 53:1-6)

O SALMO 53 É uma revisão do salmo 14[1] com algumas poucas alterações. Allan Harman diz que os salmos 14 e 53, embora não sejam exatamente idênticos, assemelham-se tanto que um é basicamente a réplica do outro.[2]

Entendemos não ser necessário uma nova exposição. Remetemos, portanto, os leitores ao salmo 14 para uma análise da exposição. Aqui nos deteremos a destacar os pontos distintos desses dois salmos.

A maior e mais destacada diferença entre os dois salmos é o uso do nome de Deus. O salmo 14 usa o termo *Yahweh* (Senhor), e o salmo 53, o termo *Elohim*

(Deus). O salmo 14 usa o nome *Yahweh* (Senhor) quatro vezes e o nome *Elohim* (Deus) três vezes, enquanto o salmo 53 usa *Elohim* (Deus) consistentemente sete vezes. Allan Harman é de opinião que o salmo 14 seja a primeira versão, mas a importância de seu ensino teria sido reconhecida e veio a ser uma versão alternativa usada no culto. Por fim, ambas as formas foram incorporadas no presente Saltério.[3]

A segunda diferença que merece destaque é que, em Salmos 53:5,6, há um desdobramento de Salmos 14:5, uma espécie de adequação para se referir a um momento histórico específico. Warren Wiersbe diz que um dos músicos do santuário revisou o salmo original de modo a adequá-lo a uma nova ocasião, talvez a derrota do exército assírio no tempo do rei Ezequias (Is 37). É salutar adaptar cânticos mais antigos para celebrar novas experiências com o Senhor.[4] Salmos 53:5, portanto, descreve os corpos espalhados de um exército aniquilado depois de uma vitória esmagadora de Deus. Assim, Deus despreza a arrogância dos assírios e os envergonha publicamente, deixando seus mortos insepultos.

Purkiser, nessa mesma linha de pensamento, diz que a linguagem de Salmos 53:5 é bem mais concreta e específica do que Salmos 14:5, e pode-se ter em mente um ataque contra o justo, mas os opressores acabaram sofrendo uma grande derrota.[5] Allan Harman corroba com esse pensamento ao escrever o seguinte:

> Tudo indica que o Salmo 53:5 foi alterado para essa forma a fim de tornar específica a referência a uma grande ocasião histórica. O mais provável é que foi a destruição do exército de Senaqueribe pelo anjo do Senhor (2Rs 19:35). O significado

> seria que o povo de Deus ficou grandemente amedrontado quando nada havia para temer. Os ossos do exército assírio foram espalhados no campo, e Deus demonstrou o quanto desprezava os que foram classificados com os tolos e com os que não o conheciam.[6]

Spurgeon, citando Matthew Henry, destaca, no salmo apresentado, a hediondez do pecado: 1) o fato do pecado (53:2); 2) o crime do pecado (53:1-3); 3) a fonte do pecado (53:1); 4) a loucura do pecado (53:4); 5) a podridão do pecado (53:1); 6) o fruto do pecado (53:4); 7) o medo e a vergonha do pecado (53:5); 8) a fé dos santos apesar do pecado do insensato (53:6).[7]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 199.
2 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 104.
3 Ibidem, p. 105.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 186.
5 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", *v*ol. 3, p. 200.
6 Harman, Allan. *Salmos*, p. 222.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1114-1115.

Capítulo 53

Do desespero à libertação

(Sl 54:1-7)

Allan Harman diz, acertadamente, que o título desse salmo é semelhante ao do salmo 52, em que um incidente da vida de Davi, que fugia de Saul, forma sua base.[1] Se o salmo 52 descreve a traição de Doegue, o edomita, esse salmo trata da traição dos zifeus (1Sm 23:19-29; 26:1-16). Aqui Davi se vê rejeitado por homens da sua própria tribo. Os zifeus viviam cerca de 25 quilômetros a sudeste de Hebrom. Eles entregaram Davi a Saul duas vezes, e, nas duas ocasiões, o Senhor livrou o seu servo.[2] Spurgeon esclarece esse ponto assim:

> Para bajularem as boas graças de Saul, os zifeus se tornaram culpados de grave

> inospitalidade. Não se importaram que sangue inocente fosse derramado, contanto que ganhassem o sorriso desairoso do monarca! Davi chegou quietamente entre eles, esperando ter descanso das suas muitas fugas, mas eles o espreitaram de longe na sua moradia solitária e o traíram.[3]

O mesmo Spurgeon ainda alerta que os poderosos terão facilmente mais amigos numa causa má do que os piedosos numa causa boa, como Saul teve os zifeus, que lhe prestaram um serviço à crueldade quando Davi estava em apuros.[4] Vamos destacar as lições preciosas do texto apresentado.

Um clamor (54:1-3)

Os traidores de Davi eram pessoas oportunistas que queriam agradar ao rei Saul, mesmo à custa de trair um inocente. É digno de nota que Davi era o rei de Israel por direito, e nele estava o futuro nacional e dinástico, inclusive a promessa da vinda do Messias pela linhagem de Davi (2Sm 7).[5] Essa amarga traição ensejou a Davi clamar a Deus, e quatro verdades devem ser aqui observadas.

Em primeiro lugar, *a quem pede* (54:1). "Ó Deus..." Davi clama a Deus. Ele não pede o livramento do braço da carne, mas recorre ao Deus Todo-poderoso. Warren Wiersbe destaca que, nesse salmo curto, Davi usa três designações para Deus: *Elohim* (54:1-4); *Adonai* (54:4) e *Yahweh* (54:6).[6]

Em segundo lugar, *o que pede* (54:1). "[...] salva-me, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder." Davi precisa de salvamento das mãos do inimigo. Roga, então, a Deus por esse livramento, ao mesmo tempo que pede a ele para lhe fazer justiça pelo seu poder. Derek Kidner diz que a expressão "faze-me justiça" é um termo judicial, embora o

veredito tenha de ser pronunciado com atos salvadores, e não em palavras.[7]

Em terceiro lugar, *como pede* (54:2). "Escuta, ó Deus, a minha oração, dá ouvidos às palavras da minha boca." Davi recorre à oração com um senso de urgência.

Em quarto lugar, *por que pede* (54:3). "Pois contra mim se levantam os insolentes, e os violentos procuram tirar-me a vida; não têm Deus diante de si." Davi está enfrentando a dor da traição, e seus inimigos buscam ocasião favorável para tirarem sua vida. Seus intentos contra Davi são homicidas, e ele sabe que seus inimigos não temem a Deus, não lhe dão preeminência na vida nem vivem de conformidade com seus mandamentos, por isso não têm freio moral para lhes impedir o ímpeto assassino.

Uma confissão (54:4,5)

Em face da traição sofrida por onde anda, Davi confessa, com firmeza inabalável, a sua confiança em Deus. Três verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *um ajudador onipotente* (54:4a). "Eis que Deus é o meu ajudador..." O mesmo Deus todo-poderoso que criou os céus e a terra é o seu ajudador, ou seja, o braço que o defende é o braço do Onipotente. Warren Wiersbe destaca que o termo traduzido por "ajudador" é *ezer,* relacionado a "Ebenézer [...]: Até aqui nos ajudou o SENHOR" (1Sm 7:12). Foi nessa época que Jônatas, filho de Saul, visitou Davi e que o Senhor o usou para dar novo ânimo a seu servo (1Sm 23:16-18). Nem sempre o Senhor envia anjos para nos animar; por vezes, usa outros cristãos para ministrar ao nosso coração (At 9:26-28; 11:19-26).[8] Charles Swindoll diz que a palavra hebraica *ezer* transmite

a ideia de resgate. Uma pessoa que é *ezer* fornece uma ajuda indispensável, sem a qual outra pessoa estaria irremediavelmente perdida. Para Davi, o Senhor é quem fornece o que lhe falta para sobreviver aos ataques de seus inimigos.[9] Nessa mesma linha de pensamento, Spurgeon escreve:

> Davi via inimigos em todos os lugares. Agora, para a sua alegria, quando olha para o grupo dos que o defendiam, ele vê alguém cuja ajuda é melhor do que toda a ajuda dos homens. Ele é tomado de grande alegria ao reconhecer o divino defensor e brada: "Eis". Não é este um tema para exultação piedosa em todo tempo: o grande Deus protege a nós, o seu povo? Que importa a quantidade ou a violência dos nossos inimigos, quando ele tomar o escudo da sua onipotência para nos proteger e a espada do seu poder para nos ajudar? Pouco nos preocupamos com o ataque do inimigo quando temos a defesa de Deus.[10]

Em segundo lugar, *um sustentador fiel* (54:4b). "[...] o SENHOR é quem me sustenta a vida." Davi agora usa o termo *Yahweh*, (Senhor), o Deus da aliança, para dizer que é Ele quem o mantém vivo e lhe dá escape das armadilhas. O Senhor é quem lhe sustenta a vida.

Em terceiro lugar, *um vingador justo* (54:5). "Ele retribuirá o mal aos meus opressores; por tua fidelidade dá cabo deles." Quem semeia vento colhe tempestade, ou seja, quem pratica o mal colhe como recompensa o mal. Os opressores recebem a merecida punição de seu erro, pois aqueles que se empenham para exterminar serão exterminados. Nas palavras de Spurgeon, "os que atiram as flechas da maldade para cima verão essas flechas caindo em cima deles. Muitas vezes, o coice da arma dos opressores os mata".[11]

Nas palavras de Charles Swindoll, "a injustiça dos ímpios está fadada a sair pela culatra".[12]

Uma oferta (54:6,7)

Pela fé, Davi promete a Deus sacrifícios e louvor. Suas mãos e seus lábios estão dispostos a exaltar a Deus. Destacamos aqui quatro verdades.

Em primeiro lugar, *o que oferece* (54:6). Davi é um adorador, e, mesmo sob circunstâncias medonhas e diante de traidores cruéis, seu coração se volta para Deus para adorá-lo, oferecendo-lhe sacrifícios e cantando-lhe louvores: "Oferecer-te-ei voluntariamente sacrifícios; louvarei o teu nome, ó SENHOR..." Esses sacrifícios podiam ser feitos em qualquer ocasião, por quaisquer israelitas agradecidos (Lv 22:17-30; Nm 15:1-12).

Em segundo lugar, *como oferece* (54:6). Davi promete oferecer sacrifícios de modo voluntário. Derek Kidner diz que o essencial do aspecto voluntário dos sacrifícios é que nenhum voto foi incluído na oração pedindo socorro; não se tratara de dizer, com efeito: "Se tu fizeres isto, eu te darei aquilo".[13]

Em terceiro lugar, *a quem oferece* (54:6). Davi oferece sacrifícios não aos deuses dos filisteus nem aos ídolos dos povos, mas a Deus, o Senhor.

Em quarto lugar, *por que oferece* (54:6,7). Duas são as motivações de Davi em oferecer voluntariamente sacrifícios ao Senhor.

Primeira, *o caráter de Deus* (54:6). "[...] porque é bom." Davi encara a crueldade dos traidores e a maldade dos que, de forma injusta, queriam tirar-lhe a vida, porém quer

adorar a Deus por causa de sua bondade e atribui à bondade de Deus o fato de escapar de todas as tramas que armaram contra ele.

Segunda, *as obras de Deus* (54:7). "Pois me livrou de todas as tribulações; e os meus olhos se enchem com a ruína dos meus inimigos." Davi adora a Deus por meio de sacrifícios voluntários e louvores, não apenas por causa da bondade de Deus, que lhe deu livramento de suas tribulações, mas também pela justiça de Deus que trouxe a ruína de seus inimigos. Warren Wiersbe ressalta que em duas ocasiões Davi teve oportunidade de matar Saul, mas não o fez, pois sabia que, um dia, Deus trataria com seu rei rebelde (1Sm 26:8-11).[14] Concluo com as palavras de Charles Swindoll, quando diz:

> Os primeiros versículos desse salmo descrevem uma situação medonha, que incita Davi a implorar a ajuda de Deus. Porém, neste último versículo, o seu desânimo converteu-se em triunfo. Muito embora Davi não saiba como nem quando Deus agirá em seu socorro, ainda assim, escreve com completa confiança.[15]

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 222.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 186.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1119.
4 Ibidem, p. 1121.
5 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 187.
6 Ibidem.
7 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 219.

[8] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 187.
[9] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 158.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1120.
[11] Ibidem.
[12] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos,* p. 159.
[13] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 220.
[14] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 187.
[15] Swindoll, Charles R. *Vivendo salmos*, p. 161.

Capítulo 54

A dor da traição

(Sl 55:1-23)

Esse é um salmo de Davi sobre traição, no qual a dor da adversidade é aumentada exponencialmente pelo fato de um amigo íntimo ter se voltado contra ele. Embora não possamos circunstanciar o tempo exato quando os fatos aqui registrados ocorreram, os indícios nos apontam para a conspiração de Absalão e a traição de Aitofel. A culminância dessa passagem, entretanto, aponta para o sofrimento de Cristo, que foi traído pelo seu discípulo Judas Iscariotes. Allan Harman é oportuno quando escreve:

> Os intérpretes judeus mais antigos conectavam esse salmo à traição que Davi sofreu de seu conselheiro Aitofel (2Sm

> 26:15-22; 1Cr 27:33). Escritores modernos com frequência têm traçado uma comparação entre a experiência do salmista e a do profeta Jeremias. Ele, que tanto desejava estar num deserto bem remoto (Jr 2:9), sofreu nas mãos de sua própria família (Jr 12:6); e um colega sacerdote, Pasur, o ferira e o colocou no tronco (Jr 20:2). Há uma antiga tradição na igreja latina de que a experiência do salmista aponta para a traição que Jesus sofreu de Judas. Certamente que a traição de nosso Senhor nos dá o exemplo mais elevado do padrão de sofrimento descrito aqui pelo salmista. É de grande estímulo porque, uma vez que Jesus "sofreu quando foi tentado, tornou-se capaz de socorrer os que estão sendo tentados" (Hb 2:18).[1]

Purkiser, citando Morgan, encontra três movimentos nesse salmo: Medo (55:1-8), Fúria (55:9-15) e Fé (55:16-23). O medo provoca o desejo de fugir, a fúria ressalta a percepção do erro, no entanto a fé cria coragem.[2] Destacamos sete fatos solenes abordados pelo salmista.

A alma atormentada (55:1-3)

O rei Davi está sendo vítima de uma conspiração. A cidade de Jerusalém está sendo tomada pelos rebeldes, seu trono está ameaçado, sua vida está em perigo e o futuro está nebuloso. É nesse momento de grande tormento que ele vai buscar a Deus em oração. Sobre isso, três fatos devem ser aqui destacados

Em primeiro lugar, *uma oração agonizante* (55:1). Davi sente-se desamparado. Parece que ele escuta o eco de sua própria oração em seus ouvidos, mas não vê nenhuma resposta divina. Roga, então, para Deus não se esconder de sua súplica. Spurgeon diz que os filhos de Deus correm

tão naturalmente para o trono da misericórdia em tempos de dificuldade como os pintinhos para a galinha na hora do perigo.[3]

Em segundo lugar, *uma perturbação constante* (55:2). O senso de urgência na sua súplica é porque está perplexo em sua queixa e anda perturbado. Não só o exterior está turbulento, mas seu interior está confuso e abalado, pois a crise vem de fora e ressoa dentro dele. Derek Kidner diz que a palavra "perturbado" aplica-se à confusão de um exército desmoralizado (Dt 7:23).[4]

Em terceiro lugar, *uma opressão inclemente* (55:3). Sua perturbação decorre do clamor do inimigo e da opressão do ímpio. Davi estava sendo cravejado por todas as setas da calamidade e também estava sendo hostilizado como um homem sem qualquer dignidade e valor por um grupo que se sentia firmemente na ascendência. Spurgeon destaca que nem Davi, nem nosso Senhor, nem os santos tiveram permissão de escapar dos ataques das línguas venenosas, e em todo os casos esse mal era a causa da angústia extrema.[5]

O anseio de escape (55:4-8)

O sentimento natural do homem ao ser encurralado pelos inimigos é fugir e fugir para longe da calamidade. Nas palavras de Warren Wiersbe, "o coração humano anseia por um refúgio seguro e tranquilo, longe de problemas e de fardos da vida. Elias fugiu do lugar onde deveria exercer seu ministério e se escondeu numa caverna (1Rs 19); Jeremias desejou uma estalagem sossegada onde pudesse se abrigar dos perversos a seu redor (Jr 9:2-6), mas, quando teve a oportunidade de sair de Judá, permaneceu com o seu povo (Jr 40:1-6)".[6] Destacamos aqui quatro pontos importantes.

Em primeiro lugar, *os terrores da morte* (55:4,5). Davi está cara a cara com a morte, pois os terrores do rei dos terrores fazem estremecer seu peito e o assaltam como escorpiões do deserto, de modo que ele se sente aterrado a ponto de o horror apoderar-se dele.

Em segundo lugar, *o desejo de escapar* (55:6). Em circunstâncias tão aterradoras, o desejo de Davi é de escapar do perigo, tanto que, se pudesse, voaria com asas como de pombo, celeremente, para buscar pouso num lugar seguro. As pombas podem voar para lugares distantes e buscar refúgio nas rochas mais altas (Jr 48:28). Derek Kidner diz que é consolador para nós saber que existem gigantes espirituais que tiveram esse anseio, quer sucumbissem a ele, como Elias (1Rs 19:3-18), quer resistissem a ele como Jeremias (Jr 9:2; 10:19).[7]

Em terceiro lugar, *o desejo de fugir para longe* (55:7). Ao sentir-se encurralado pelos inimigos, Davi quer fugir para longe, e, ainda que esse lugar longínquo seja o deserto, é melhor viver na solidão do deserto do que em Jerusalém, transformada num território de conspiração e traição.

Em quarto lugar, *o desejo de um abrigo seguro* (55:8). O que Davi está vivenciando é descrito por ele como uma tempestade devastadora, uma procela destruidora que está desabando sobre sua cabeça, sobre a cidade de Jerusalém e sobre o seu reino; então, ele anseia por abrigo!

As forças do mal (55:9-11)

Quando somos atacados na terra pelos homens, precisamos nos voltar para o céu, para clamarmos a Deus em oração, e foi o que Davi fez, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *um clamor veemente* (55:9). Davi pede a destruição de seus inimigos e roga a Deus para confundir sua linguagem, como fez em Babel, desmantelando seus conselhos e seus planos, uma vez que a cidade estava tomada por perversidade e malícia. Deus atendeu à oração de Davi, pois usou Husai para influenciar Absalão a rejeitar o conselho de Aitofel, o que, por fim, levou à derrota do exército rebelde (2Sm 16:15—17:31).

Em segundo lugar, *uma perversidade gritante* (55:10). Os inimigos já giravam, dia e noite, nas muralhas de Jerusalém, e a perversidade e a malícia já campeavam dentro dos muros. A cidade havia sido tomada de assalto pelos conspiradores e estava sob o domínio deles. Nas palavras de Spurgeon, "a cidade santa havia se tornado um covil da maldade".[8] Derek Kidner destaca que as muralhas de Jerusalém deviam dar segurança ao seu povo (48:12-14) em vez de ser o lugar de rebeldes e terroristas desfilarem.[9]

Em terceiro lugar, *uma destruição evidente* (55:11). Onde o inimigo prevalece, o cenário é de destruição. A destruição está dentro da cidade. As praças da cidade estão cheias de opressão e engano, e as forças do mal estão em curso. Spurgeon descreveu essa cena assim: "A virtude era insultada, e o vício reinava. As assembleias solenes acabaram, os sacerdotes fugiram, o rei se deportou e tropas de vilões desfilavam pelas ruas, assomavam aos muros e vomitavam blasfêmias nos recintos sagrados".[10]

O amigo falso (55:12-15)

Se esse salmo está descrevendo a revolta de Absalão e a traição de Aitofel, então Davi está lidando com aqueles que deveriam estar do seu lado. O fogo amigo é pior que

a fornalha do inimigo declarado. Aitofel, conselheiro de Davi, traiu Davi e ficou sendo o conselheiro de Absalão na rebelião promovida para matar Davi e tomar-lhe o trono (2Sm 15:31). Três fatos devem ser aqui destacados.

Em primeiro lugar, *o pior inimigo é o amigo falso* (55:12,13). Davi era um guerreiro experiente e já havia lutado muitas vezes com adversários perigosos. Contudo,sua tristeza agora é porque seus inimigos estão disfarçados. Não se trata de inimigos declarados, mas de amigos fingidos, que são lobos vestidos em pele de ovelha, ou seja, falsos amigos. O mal está vindo de alguém que Davi considerava seu igual, a quem ele chamava "meu companheiro e meu íntimo amigo". Concordo com Purkiser quando diz que não existe dor maior do que a dor da traição de um amigo de confiança ou de um ente querido.[11]

Em segundo lugar, *a maior decepção é a espiritual* (55:14). A grande decepção de Davi é que o falso amigo, o traidor, era alguém que se alegrava com ele e ia junto com ele à casa de Deus. Trata-se de um homem religioso e espiritual, alguém acima de toda suspeita e detentor de plena confiança.

Em terceiro lugar, *a vindicação da justiça* (55:15). Davi roga a vindicação da justiça divina e pede para Deus fazer com eles o que aconteceu com os rebeldes Corá, Datã e Abirão, que desafiaram a autoridade de Moisés e, por conseguinte, resistiram à autoridade do próprio Deus (Nm 16:28-33). Davi reivindica o juízo de Deus sobre eles, porque tanto o coração deles como a casa deles estão tomados de violência.

O Deus que ouve as orações (55:16-19)

Se os inimigos apelam à violência e a traição, Davi apela para o Senhor em oração. Nas palavras de Warren Wiersbe,

"Davi não podia mais comandar um exército na batalha, mas podia orar para que Deus derrotasse as forças rebeldes, uma oração a que o Senhor respondeu".[12] Quatro verdades são aqui descritas.

Em primeiro lugar, *uma decisão segura* (55:16). Davi não vai usar as mesmas armas carnais de seus inimigos, mas sim invocar Deus, na certeza de que o Senhor o salvará.

Em segundo lugar, *uma oração constante* (55:17). Ao buscar a Deus em oração, o faz com intensidade, perseverança e constância, de modo que sua oração à tarde, pela manhã e ao meio-dia é endereçada a Deus em tom de queixa. Davi tem plena certeza de que Deus ouvirá a sua voz. Concordo com Spurgeon quando escreve: "Tempos de grande necessidade requerem tempos de fraquentes práticas devocionais. Começar, permanecer e terminar o dia com Deus é sabedoria suprema".[13]

Em terceiro lugar, *um pedido confiante* (55:18). Davi reconhece que são muitos que estão contra ele, e a conspiração vai crescendo e se intensificando, por isso ele pede não só livramento de sua alma, mas livramento em paz de seus perseguidores. Ele quer paz no vale e anseia pelo descanso no meio da guerra. Nas palavras de Allan Harman, "Davi sabe que Deus é capaz de introduzir seu povo numa situação pacífica mesmo quando seus oponentes sejam tantos e seus ataques tão hostis".[14]

Em quarto lugar, *uma justificativa eloquente* (55:19). Davi ancora sua convicção de que sua oração será respondida na rocha inabalável da soberania de Deus. O Senhor preside desde a eternidade e também dirige a história; sendo assim, o futuro de Jerusalém está nas mãos de Deus, e não nas mãos dos traidores. Os conspiradores, por sua vez, não

tinham temor a Deus nem qualquer vestígio de arrependimento, por isso Deus ouve e livra o seu povo, ouve e destrói os ímpios. Nas palavras de Spurgeon, "Os gracejos cruéis, as falsidades vis, os insultos covardes e as blasfêmias atrevidas são ouvidas e lhes serão retribuídas pelo Juiz eterno".[15]

O bajulador traiçoeiro (55:20,21)

Davi volta a falar do traidor para descrever outro aspecto de sua vilania. Aqui chamo a atenção para dois pontos.

Em primeiro lugar, *uma aliança quebrada* (55:20). Davi denuncia o traidor como alguém que corrompeu a aliança e estendeu a mão para matar e destruir aqueles com quem tinha uma aliança de paz, visto que romper uma aliança e apunhalar um amigo pelas costas é uma atitude cruel. Nas palavras de Allan Harman, "ao apunhalar nas costas os seus aliados pactuais, ele viola um vínculo sagrado do qual Deus é testemunha".[16] Derek Kidner ainda lança luz sobre esse ponto falando o seguinte:

> A profundidade desta perfídia é que rompia compromissos específicos: esfaqueava aliados declarados, e não meramente companheiros, pelas costas. O aspecto sagrado de uma aliança se revela na palavra traduzida *corrompeu,* que significa profanar algo sagrado. Para um laço de amizade tal como este, Deus teria sido invocado como testemunha.[17]

Em segundo lugar, *uma boca enganosa* (55:21). O falso amigo bajulador quebra a aliança e apunhala o amigo pelas costas, ao mesmo tempo que lhe dirige palavras macias como manteiga. Sua boca é uma arapuca, e seus lábios, uma armadilha de morte, pois fala uma coisa e faz

outra, e bajula a vítima porque quer devorá-la. Sobre isso, Spurgeon escreve:

> O amigo fingido é como o crocodilo que, quando sorri, envenena, e, quando chora, devora. É como a hiena que, tendo voz de homem e mente de lobo, fala como amigo e devora como inimigo. É como a sereia lisonjeira que canta docemente a perdição do marinheiro. É como o apito do caçador de aves que toca agradavelmente a morte do pássaro. É como a abelha que carrega mel na boca e ferrão na cauda. É como o álamo, cujas folhas sempre são verdes, mas as sementes são veneno. O rosto do amigo fingido é amigável e as palavras são agradáveis, mas a intenção é perigosa e as ações, prejudiciais.[18]

A convicção do crente (55:22,23)

Davi encerra esse salmo com duas convicções inabaláveis. A primeira delas tem a ver com sua fé em Deus, e a segunda, com a sua convicção de que Deus julgará os rebeldes. Vejamos.

Em primeiro lugar, *um conselho sensato* (55:22). Davi tira os olhos de si mesmo para dar conselhos aos que estão vivendo nas mesmas circunstâncias. Há momentos em que não podemos cuidar, de forma segura, de nós mesmos, por isso precisamos confiar nossos cuidados ao Senhor, certos de que Ele nos susterá e jamais permitirá que sejamos abalados. Nossos galhos podem até ser açoitados pelos ventos da adversidade, mas nossas raízes continuam firmemente plantadas em Deus. Derek Kidner destaca o fato de que a promessa não é que Deus carregará esse fardo, mas sim que Ele pessoalmente nos sustentará — o verbo "suster" é

aquele que se aplicou a José, o providenciador e sustentador (Gn 45:11).[19]

Em segundo lugar, *um juízo inevitável* (55:23). Davi tem plena certeza de que aqueles que não temem a Deus e se arremetem com fúria sobre o povo de Deus serão precipitados em cova profunda. O destino deles é precário. Aqueles que atentam contra a vida e os bens do próximo, para os destruir, terão seus dias encurtados na terra. Os homens podem até escapar da justiça humana, mas jamais escaparão do juízo divino. Por fim, a decisão de Davi no meio da conspiração em andamento contra ele já está tomada: "eu, todavia, confiarei em ti". É digno de nota que tanto Aitofel, o traidor de Davi, como Judas, o traidor de Jesus, o filho de Davi, cometeram suicídio: ambos se enforcaram (2Sm 17:23; Mt 27:5). Já Absalão ficou pendurado num carvalho (onde foi morto), e os rebeldes pereceram no bosque em grande quantidade.

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* Cultura Cristã, 2011, p. 224.
2 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 201.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1126.
4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova,* 2006, p. 221.
5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. p. 1126.
6 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 188.
7 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 221.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1129.
9 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 222.
10 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1129.
11 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 201.

[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 189.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1132.
[14] Harman, Allan. *Salmos*, p. 226.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1132.
[16] Harman, Allan. *Salmos*, p. 227.
[17] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 223.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1144.
[19] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 223.

Capítulo 55

A vitória sobre o medo

(Sl 56:1-13)

O SALMO 56 TEM como pano de fundo os temores sentidos por Davi quando fugiu para a terra de Gate, terra natal do gigante Golias, em sua fuga do insano rei Saul. Ali, precisou fingir-se de louco para poupar sua vida, pois se sentiu-se encurralado pela morte e viu os terrores mais assombrosos rodeando sua alma, para ceifar sua vida.

Os filisteus vieram de Caftor e se estabeleceram no litoral da Palestina; suas cidades maiores eram Asdode, Asquelom, Ecrom, Gate e Gaza — é exatamente para Gate que Davi foge em busca de alívio, porém encontra mais opressão.

Derek Kidner diz que, para Davi fugir de Saul em Israel para Gate, entre os filisteus, justamente a cidade natal de Golias, foi necessário a coragem que nasce do desespero.[1] Allan Harman diz que o salmo se move do apelo na abertura, por meio do lamento na parte central, para a jubilosa ação de graças na conclusão.[2] Analisando esse poema de Davi, destacamos seis realidades.

O clamor do oprimido (56:1,2)

Em virtude de Davi estar ameaçado pelo inimigo, ele se volta para o Senhor, em oração. Destacamos aqui dois pontos importantes.

Em primeiro lugar, *o socorro divino é a única porta de escape diante da fúria humana* (56:1). Davi clama pela misericórdia divina porque foge de um rei insano em Israel e cai nas mãos dos filisteus em Gate, os quais estão resfolegando em seu pescoço e cuja intenção é feri-lo. Derek Kidner diz que, literalmente, isso significa que os homens ofegam atrás dele como quem está correndo atrás dele numa caçada.[3] Davi não tem descanso nem pausa, pois eles pelejam contra ele todo o dia e o dia todo. Spurgeon diz, porém, que é agradável ver como o amoroso espírito do salmista voa, como pomba, para os mais amorosos atributos em busca de socorro na hora do perigo.[4] A misericórdia de Deus é a única fonte de todas as nossas esperanças e a única fonte de todas as suas promessas.

Em segundo lugar, *os inimigos são muitos e agem traiçoeiramente* (56:2). Davi sente-se como uma caça acuada, cujo predador está à espreita para lhe dar o bote fatal. Essa procura por Davi pelos seus muitos inimigos é implacável e contínua, pois não havia trégua nos ataques contra

ele. Com atrevimento, querem feri-lo a qualquer custo. Spurgeon destaca que os pecadores são seres gregários. Os perseguidores caçam em bandos, ou seja, esses lobos da igreja raramente nos atacam isoladamente.[5]

A confiança do crente (56:3,4)

O crente não vive numa estufa espiritual, ou seja, não está blindado das vicissitudes da vida, não pisa em tapetes aveludados, nem percorre caminhos margeados de flores. Três verdades podem ser vistas aqui.

Em primeiro lugar, *há momentos em que o medo e a fé coexistem* (56:3). Davi era um homem sujeito aos mesmos sentimentos de temor que nos assaltam e, diante da perseguição atroz, sentiu medo, porém esse medo não congelou seu coração, mas impulsiou-o a buscar a Deus, como faria mais tarde o rei Josafá (2Cr 20:3). O medo pecaminoso nos faz tramar e buscar refúgio nos homens; o medo piedoso nos leva a colocar nossa confiança em Deus.

Davi não era um fanfarrão nem um estoico e também não se envergonhou de admitir medo. Concordo com Spurgeon quando escreve: "Somos homens, portanto sujeitos à derrota. Somos fracos, portanto incapazes de evitá-la. Somos pecadores, portanto merecedores dela. E por todas essas razões temos medo".[6] Nunca é demais enfatizar que o medo pecaminoso nos afasta de Deus, mas o medo gracioso nos impulsiona a Ele. A fé dissipa os nossos medos como o sol afugenta a névoa. Nas palavras de Purkiser, "o medo encontra o seu antídoto na fé".[7]

Em segundo lugar, *a fé não pode ser mística, mas deve ser fundamentada em Deus* (56:4). Davi não confia em si mesmo, nem nos recursos que vêm do braço da carne,

tampouco nos ídolos pagãos. Ele confia em Deus, cuja palavra ele exalta, e é nesse Deus que ele põe a sua confiança. Nas palavras de Spurgeon, "A fé produz louvor. Quem confia logo canta".

Em terceiro lugar, *a fé não se intimida com as ameaças humanas* (56:4b). Davi não é prepotente quando afirma: "nada temerei". Ele não é inconsequente quando pergunta: "Que me pode fazer um mortal?" Ele podia dizer como Paulo: "Se Deus é por nós, quem será contra nós" (Rm 8:31). Ou podia dizer como Ezequias: "Com ele está o braço da carne, mas conosco, o SENHOR, nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras" (2Cr 32:8).

A malignidade do opressor (56:5-7)

Davi passa a descrever a vilania de seus inimigos. Destacamos aqui quatro pontos importantes.

Em primeiro lugar, *os inimigos usam a arma da mentira* (56:5a). A pressão sem alívio era a parte pior da provação. Eles torcem as palavras de Davi todos os dias e não sabem lidar com a verdade — na realidade, não toleram a verdade. Para eles, não contam os fatos, pois eles arruínam a reputação, torcendo suas palavras, e denigrem sua honra, transformando-o num monstro, ao colocarem em sua boca o que ele jamais falou. Spurgeon está certo ao dizer que essa é uma prática comum de guerra entre os ímpios: eles colocam o nosso discurso no tronco para extorquir dele significados absolutamente inexistentes. Isso pode ser visto na profecia de Jesus sobre o templo do seu corpo, quando torceram suas palavras e teceram-lhe pesadas e levianas acusações.[8] Essa foi uma provação que Jesus sofreu ao longo de seu ministério (Lc 11:53,54).

Em segundo lugar, *os inimigos fazem de seus pensamentos maus uma arma mortífera* (56:5b). Os inimigos de Davi passam tempo lucubrando sobre como destruí-lo, e seus pensamentos são todos maus, com o propósito de levar Davi à ruína. Eles transformam seus desejos em ação, e seus pensamentos em armadilhas, para ferirem o salmista.

Em terceiro lugar, *os inimigos usam táticas ardilosas* (56:6). "Ajuntam-se, escondem-se, espionam os meus passos, como aguardando a hora de me darem cabo da vida." Eles estão mancomunados, são covardes e camuflados, o espionam e espreitam, tocaiando, para atacar Davi como uma fera selvagem ataca de súbito a sua presa. Concordo com Spurgeon quando diz que a reputação dos homens bons é constantemente atacada por maquinações cuidadosamente planejadas e enredos extremamente diabólicos, nos quais inimigos anônimos apunhalam na escuridão.[9]

Em quarto lugar, *os inimigos receberão o castigo de sua iniquidade* (56:7). Tomado por um senso de justiça, Davi roga a Deus para retribuir a esses inimigos o seu malfeito, dando-lhes o que sua iniquidade merece. Em outras palavras, ele pede para Deus passar uma rasteira nas trapaças de seus inimigos.

O cuidado do divino protetor (56:8-11)

Davi faz uma transição de sua oração imprecatória, rogando a Deus para fazer justiça aos iníquos, para o cuidado de Deus demonstrado a ele. Sobre isso, destacamos quatro pontos importantes.

Em primeiro lugar, *Deus está atento aos que nele confiam quando estes são perseguidos* (56:8a). "Contaste os

meus passos quando sofri perseguições..." Deus não estava longe nem indiferente, mas sim contando cada passo de Davi ao fugir de seus inimigos. O olhar de Deus estava sobre ele, e a mão do Senhor o estava protegendo de cada investida do inimigo; além disso, os passos do fugitivo, perseguido pelos inimigos, estão sendo contados e computados.

Em segundo lugar, *Deus recolhe cada lágrima dos que nele esperam* (56:8b). "[...] recolheste as minhas lágrimas no teu odre; não estão elas inscritas no teu livro?" A perseguição implacável, injusta e sem pausa trouxe muita dor e sofrimento a Davi, que extravasou sua dor por meio de lágrimas copiosas. Cada gota dessas lágrimas foi recolhida por Deus e depositada no odre do Senhor, como um vinho de boa qualidade. Deus fez registro dessas lágrimas no seu livro, pois se importa com a nossa dor e recolhe e registra nossas lágrimas. Em outras palavras, Ele engarrafa as nossas lágrimas e faz registro delas!

Em terceiro lugar, *Deus se coloca do lado dos que nele confiam e faz seus inimigos bater em retirada* (56:9). Muitas vezes, Deus deu livramento a Davi. Ao invocar o nome do Senhor, os inimigos eram desbaratados, evidenciando que a vitória não procedia do engenho militar de Davi, mas da presença de Deus com ele e por ele.

Em quarto lugar, *Deus dá-nos sua palavra e remove de nós todo medo* (56:10,11). Davi conhece e louva a Palavra de Deus e nele deposita a sua confiança, por isso nada teme. Por ter consciência de que Deus está ao seu lado, não teme o que pode fazer-lhe o homem, pois quem teme a Deus não tem medo de mais ninguém.

O cumprimento dos votos (56:12,13)

Derek Kidner diz que chegamos, agora, à finalidade explícita do salmo: canta-se para celebrar a resposta à oração e para cumprir a promessa feita na adversidade.[10] Davi se lembra dos votos que fez a Deus e tem o firme propósito de cumpri-los. Temos aqui a dedicação passada, a consagração presente e a glorificação futura. Aqui vale destacar três pontos.

Em primeiro lugar, *o compromisso dos votos* (56:12). "Os votos que fiz, eu os manterei, ó Deus; render-te-ei ações de graças."Os votos feitos durante as dificuldades não foram levianamente esquecidos, pois votos feitos devem ser votos cumpridos. Deus não gosta de votos de tolos, por isso é melhor não votar do que votar e não pagar. O que Davi prometeu a Deus, isto é, o voto de render graças ao Senhor, ele quer cumprir.

Em segundo lugar, *os benefícios dos votos* (56:13a). "Pois da morte me livraste a alma, sim, livraste da queda os meus pés..." Davi reconhece o que Deus fez por ele em virtude de seus votos: Deus o livrou espiritual e moralmente, ou seja, livrou sua alma da morte e seus pés da queda (116:8).

Em terceiro lugar, *o propósito dos votos* (56:13b). "[...] para que eu ande na presença de Deus, na luz da vida."Davi tinha o propósito de andar na presença de Deus, na luz da vida. Ele não quer viver nas trevas do pecado, tampouco com o coração cheio de ódio e rancor como seus inimigos: ele quer andar na luz, quer viver sob a luz do rosto de Deus, onde há santidade e paz. Spurgeon tem razão em dizer que o que Davi busca é andar em liberdade, em santidade, em serviço santo, em comunhão sagrada, em progresso constante, gozando do sorriso dos céus. Este é o ápice da

ambição do homem bom: morar com Deus, andar em justiça na sua presença, alegrar-se na sua presença e na luz e glória que dela emanam.[11] Warren Wiersbe diz, com razão, que Deus respondeu às orações de Davi, pois o livrou da morte, guardou-o de tropeçar e permitiu que ele andasse em retidão e louvasse ao Senhor.[12]

Concordo com Allan Harman quando diz que as expressões veterotestamentárias relativas a Deus como luz chegam ao cumprimento na vinda de Jesus, pois Ele é a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem (Jo 1:4-9). Jesus declarou: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida" (Jo 8:12).[13]

Não poderia encerrar este texto de forma melhor do que recorrendo às palavras de Spurgeon: "Neste breve salmo, saímos das mandíbulas vorazes do inimigo para entrar na luz da presença do Senhor, um caminho que só a fé pode trilhar".[14]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 224.
2 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 228.
3 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 224.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1149.
5 Ibidem.
6 Ibidem, p. 1150.
7 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 202.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1150.
9 Ibidem, p. 1151.
10 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 226.

[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1153.
[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 190.
[13] Harman, Allan. *Salmos,* p. 230.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 1, p. 1153.

Capítulo 56

Como cantar na tempestade

(Sl 57:1-11)

Esse salmo de Davi é uma continuação do salmo 56; trata-se de um salmo de lamento, pois afirma que Deus ouve as orações, castiga os ímpios e livra os retos.[1] Davi foge de Gate e se esconde na caverna de Adulão, e Saul e seus asseclas perseguem Davi como feras sedentas de sangue. A tempestade ruge lá fora enquanto sua alma sente-se abatida dentro dele — é como se Davi estivesse apenas a um passo da morte. Nas palavras de Purkiser, "a fé não nos livra das provas, mas nos capacita a triunfar sobre elas".[2]

Allan Harman corrobora dizendo que há ligações estreitas entre os salmos 56 e 57, e os títulos situam ambos os

salmos no período em que Davi foge de Saul. São semelhantes nos títulos, cada um começando com um clamor por misericórdia e terminando com uma forte nota de ação de graças, e ambos contêm um estribilho repetido. Salmos 57:7-11 é repetido em Salmos 108:1-5.[3]

O refúgio na tempestade (57:1-3)

Davi já tinha sido ungido rei em lugar de Saul, mas ainda não havia assumido o trono. Saul está louco e quer matar Davi, mas Deus o está usando para quebrantar Davi. Não há mais lugar para fugir da fúria insana do rei louco, pois Davi está dentro da caverna de Adulão. Algumas verdades devem ser aqui observadas.

Em primeiro lugar, *o clamor por misericórdia* (57:1a). "Tem misericórdia de mim, ó Deus, tem misericórdia..." A petição repetida "tem misericórdia de mim" é idêntica à abertura do salmo 56 e também à do 51. Enquanto a maioria das pessoas teria considerado a caverna como um refúgio, Davi viu além dela, uma vez que a rocha sólida poderia facilmente ser tanto uma arapuca como uma fortaleza.[4] Spurgeon diz que Deus é o Deus da misericórdia e o Pai das misericórdias, portanto nada é mais adequado do que, na angústia, buscarmos a misericórdia daquele em quem ela habita.[5] É digno de nota que Davi não pleiteia direitos, mas clama por misericórdia; não faz exigências, mas suplica compaixão.

Em segundo lugar, *a justificativa da fé* (57:1b). "[...] pois em ti a minha alma se refugia..." Este é o argumento mais eloquente da oração, visto que aquele que apresenta seu pedido também afirma a sua fé. Davi não se refugia na sua

força nem em sua destreza militar; sua alma se refugia em Deus, a quem busca em oração.

Em terceiro lugar, *o abrigo seguro* (57:1c). "[...] à sombra das tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades." Como os pintinhos, ao verem a chegada da tempestade, correm para debaixo das asas da galinha, Davi se abriga debaixo das asas do Onipotente ao ser atingido pela fúria de seus inimigos. As calamidades são variadas, mas também passageiras; são muitas, mas não são permanentes. O abrigo dos homens é vulnerável demais, por isso precisamos nos refugiar debaixo das asas de Deus até que as calamidades passem. Concordo com Spurgeon quando diz que o mal passará, e as asas eternas permanecerão sobre nós até que isso ocorra. Bendito seja Deus, pois as calamidades são questão de tempo, mas a segurança é questão de eternidade.[6]

Allan Harman destaca que, em Êxodo 25:20, as asas dos querubins faziam sombra sobre a tampa da arca da aliança (o propiciatório), daí ser possível que "suas asas" sejam um modo de dizer que o salmista irá ao tabernáculo encontrar-se com seu Deus e achar refúgio ali até que passe a presente angústia.[7]

Em quarto lugar, *o Deus que ouve e age* (57:2). "Clamarei ao Deus Altíssimo, ao Deus que por mim tudo executa." Nossos inimigos podem ser grandes e poderosos, mas o nosso Deus é mais alto: Ele é o Altíssimo! Nós podemos ser fracos, mas o nosso Deus tudo executa por nós. Devemos continuar clamando ao Deus Altíssimo até cruzarmos as portas de pérola, pois, enquanto estivermos aqui, ainda haverá a necessidade de clamarmos. Há poder por meio da oração; mas é preciso deixar claro que não é a oração

que é poderosa, e sim aquele que responde a ela. Sendo assim, quando oramos, conectamos o altar da terra com o trono do céu e ligamos a fraqueza humana com a onipotência divina. Quando oramos, o braço do Onipotente entra em ação.

Em quinto lugar, *o Deus que faz maravilhas em resposta à oração* (57:3). "Ele dos céus me envia o seu auxílio e me livra; cobre de vergonha os que me ferem. Envia a sua misericórdia e a sua fidelidade." Quando os recursos da terra se esgotam, o nosso auxílio vem dos céus; quando os inimigos se vangloriam de nos ter entrincheirado, Deus nos livra de suas mãos; e, quando nossos inimigos pensam que estão prevalecendo contra nós, Deus os envergonha, enviando-nos não apenas sua misericórdia, como pedimos, mas mostrando-nos também sua fidelidade.

O cerco do inimigo (57:4-6)

Davi passa a descrever o cerco do inimigo. Eles se reúnem como bestas-feras para atacar sem piedade. Seus intentos são perversos, e suas armas são mortíferas. Vejamos.

Em primeiro lugar, *homens-fera* (57:4a). "Acha-se a minha alma entre leões, ávidos de devorar os filhos dos homens..." Davi se sente como Daniel na cova dos leões, sendo estes os predadores mais temidos, tendo em vista que são imbatíveis em sua força e mortais em seu ataque. Davi descreve seus inimigos como se fossem animais selvagens.

Em segundo lugar, *armas perigosas* (57:4b). "[...] lanças e flechas são os seus dentes, espada afiada, a sua língua." Os dentes desses leões são flechas, e sua língua é como espada afiada. Seu propósito é destruir; além disso, eles têm sede de sangue e usam a língua para destruir a

reputação dos homens bons e suas armas para matar seus desafetos, sem contar que são cruéis e peçonhentos. Spurgeon diz que não há arma tão terrível quanto a língua afiada no esmeril do Diabo, mas mesmo esta não precisamos temer, pois "toda arma forjada contra [nós] não prosperará" (Is 54:17).[8]

Em terceiro lugar, *o louvor no campo de guerra* (57:5). "Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; e em toda a terra esplenda a tua glória." Davi desvia os olhos do inimigo, os fixa em Deus e, mesmo na caverna da fuga ou no miolo da tempestade, não pode fazer outra coisa senão exaltar a Deus. Não há limites para exaltar a grandeza de Deus, e não há um centímetro em toda a terra onde a glória de Deus não irradie seu fulgor. Derek Kidner destaca o maravilhoso fato de Davi ter deixado de se apegar aos seus interesses urgentes para pensar na sua preocupação suprema: a exaltação do nome de Deus.[9]

Em quarto lugar, *as armadilhas dos inimigos* (57:6a). "Armaram rede aos meus passos, a minha alma está abatida..." Os inimigos de Davi colocavam armadilhas para apanhá-lo como um caçador faz para pegar uma caça ou uma ave. Resumindo, Davi andava por terrenos minados, e seus inimigos usavam truques para apanhá-lo.

Em quinto lugar, *a derrota dos inimigos* (57:6b). "[...] abriram cova diante de mim, mas eles mesmos caíram nela." Os inimigos caíram na armadilha que fizeram para apanhar Davi, ou seja, caíram na cova que abriram para matá-lo. Nas palavras de Derek Kidner, "houve uma reviravolta da situação, e o mal, de modo característico, traz consigo seu próprio julgamento".[10] Allan Harman é oportuno quando escreve:

> Este versículo serve de ponte entre a primeira seção do Salmo, com seu clamor ao Deus fiel, e a última seção, com seu confiante louvor a ele. A verdade é que os perversos amiúde caem presa de suas próprias tramas. Preparam uma armadilha para os justos, porém Deus administra sua providência de tal modo que eles mesmos caem nela. O cântico que segue se regozija neste fato, o qual não é consumado simplesmente pela loucura dos perversos, mas pela direta intervenção divina.[11]

O louvor ultracircunstancial (57:7-10)

Davi sai do cerco do inimigo para as alturas excelsas do louvor. Destacamos algumas verdades importantes.

Em primeiro lugar, *coração firme* (57:7a). "Firme está o meu coração, ó Deus, o meu coração está firme..." A alma de Davi estava abatida entre leões, mas seu coração, mesmo nessas circunstâncias, estava firme para louvar a Deus. Esse é o louvor ultracircunstancial. É o louvor que brota de olhos molhados de lágrimas, o louvor daqueles que, com os pés no tronco, exaltam a Deus nas noites escuras, como Paulo e Silas em Filipos. Warren Wiersbe diz, com razão, que um coração firme é aquele que se apega às promessas do Senhor e não vacila entre a dúvida e a fé.[12]

Em segundo lugar, *lábios abertos* (57:7b). "[...] cantarei e entoarei louvores." Jó adorou a Deus depois do luto, e Paulo e Silas cantaram louvores à meia-noite na prisão. Davi abre os lábios para cantar e entoar louvores a Deus apesar da perseguição atroz.

Em terceiro lugar, *alma desperta* (57:8a). "Desperta, ó minha alma!..." Davi exorta sua própria alma a não ficar

abatida ou indolente. Quer sua alma viva, acesa, vibrante, pronta para a adoração e o louvor.

Em quarto lugar, *instrumentos preparados* (57:8b). "[...] Despertai, lira e harpa! Quero acordar a alva." Davi quer usar os melhores instrumentos para adorar a Deus. Harpas e liras se referem a instrumentos de cordas que eram usados, respectivamente, em situações de culto formal e informal. Ele não quer ser despertado pela alva: ele próprio quer acordar a alva, quer antecipar o raiar do dia para louvar a Deus com toda a sua alma e com os melhores de seus instrumentos. Nas palavras de Warren Wiersbe, "em vez de ser acordado pelo novo dia, era ele que, com sua voz, despertava o alvorecer".[13]

Em quinto lugar, *louvor universal* (57:9). "Render-te-ei graças entre os povos; cantar-te-ei louvores entre as nações." Derek Kidner diz que o abrigo de uma caverna e o afastamento do inimigo teriam bastado para a maioria dos homens na situação oprimida de Davi. Os pensamentos dele, no entanto, já tinham saído voando "acima dos céus" (57:5), compreendendo que a glória do Senhor deve refulgir em toda a terra.[14] Davi é um poeta movido pelo sentimento missionário e reivindica a bênção de Abraão. Ele não vê os povos e as nações como um território a ser desprezado, mas como um campo missionário a ser alcançado com seu testemunho.

Em sexto lugar, *motivação certa* (57:10). "Pois a tua misericórdia se eleva até aos céus, e a tua fidelidade, até às nuvens." Davi quer que sua alma, seus lábios e seus instrumentos exaltem a Deus, pois quer agradecer a Deus pelos seus feitos entre os povos. A motivação de tudo isso é a

misericórdia de Deus, que se eleva até os céus, e também sua fidelidade, que chega até as nuvens.

A exaltação a Deus (57:11)

Davi conclui esse belo poema recitando o estribilho já mencionado no versículo 5. Nas palavras de Derek Kidner, "este estribilho dá o toque para completar o salmo, cantando agora não com a fé desafiadora do versículo 5, mas com grato amor".[15] Duas verdades sobre a exaltação a Deus são mencionadas aqui.

Em primeiro lugar, *transcende todos os limites* (57:11a). "Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus..." Agora, Davi não está mais exaltando a Deus entre leões, sendo alvo das flechas e da espada afiada dos inimigos. Davi agora não está no fundo de uma cova, vitimado pela sanha dos inimigos, pois a vitória já sorriu para ele, e seus inimigos caíram na cova que abriram para ele. Davi anseia que Deus seja exaltado acima dos céus, lembrando-nos de que não existe limites para a exaltação daquele que é o Altíssimo.

Em segundo lugar, *deve ser vista em toda a terra* (57:11b). "[...] e em toda a terra esplenda a tua glória." Davi anseia que em toda a terra a glória de Deus seja vista, para que todos os povos o conheçam e o adorem. Concluo com as palavras de Warren Wiersbe: "A oração, o louvor e o desejo de que Deus seja exaltado são elementos que transformam qualquer caverna no Santo dos Santos para a glória de Deus".[16]

Notas

[1] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 203.

[2] Ibidem,
[3] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 230.
[4] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 227.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 12.
[6] Ibidem,
[7] Harman, Allan. *Salmos*, p. 230-231.
[8] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 13.
[9] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 228.
[10] Ibidem.
[11] Harman, Allan. *Salmos*, p. 231.
[12] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 191.
[13] Ibidem.
[14] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 228.
[15] Ibidem, p. 229.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 192.

Capítulo 57

Homens maduros para o juízo

(Sl 58:1-11)

Esse é um salmo de Davi, um salmo imprecatório. O salmista identifica uma liderança corrupta, oficiais proeminentes que desempenhavam mal o seu ofício, uma elite peçonhenta como víboras e violenta como leõezinhos. Homens corruptos por natureza e açodados no pecado por não darem ouvidos à voz de Deus. Depois de fazer um retrato falado desses criminosos togados, traz sobre eles uma sétupla palavra de juízo, concluindo com a cena do juízo divino, onde os ímpios serão condenados repentinamente e os justos serão recompensados.

Derek Kidner diz que o Saltério, com sua paixão pela justiça, não permite que

nos acostumemos ao escândalo da iniquidade nos escalões mais graúdos.[1] Purkiser diz que esse salmo é um pedido pela vindicação pública do julgamento justo de Deus, pois o Deus justo não pode tolerar o mal.[2] O salmo ensina-nos verdades sonelíssimas, as quais passaremos a descrever.

Homens acusados de corrupção (58:1,2)

Davi se dirige a homens investidos de autoridade que estão no topo do poder, mas vivem no subterrâneo da corrupção, manchando a toga. Três fatos são aqui descritos.

Em primeiro lugar, *juízes injustos* (58:1). "Falais verdadeiramente justiça, ó juízes? Julgais com retidão os filhos dos homens?" A pergunta de Davi é retórica, pois esses juízes falavam e julgavam não pautados na justiça, como também não promoviam o bem nem coibiam o mal; na verdade, eram a expressão nua e crua da própria injustiça, uma vez que eles não eram promotores da justiça, mas protagonistas do crime.

Davi dirige-se aos líderes que não praticam as leis e lhes pergunta se suas palavras são imparciais, se suas decisões são legais, se suas sentenças são justas e seus silêncios são honestos. Estavam guardando a lei e defendendo os justos ou distorcendo a lei e beneficiando os perversos? Davi sabia a resposta, como nós sabemos também. Quando deviam falar, permaneciam calados e, quando falavam, ignoravam a lei de Deus. Tinham um coração maligno.[3] Concordo com Spurgeon quando escreve: "Quem se abstém de defender o direito é cúmplice no erro".[4]

Em segundo lugar, *corações iníquos* (58:2a). "Longe disso; antes, no íntimo engendrais iniquidades..." O coração desses juízes era um laboratório onde os crimes mais

hediondos eram concebidos e processados. Eles não usavam a lei para promover a justiça, mas cogitavam no coração os desejos mais perversos, para oprimir os justos, e, em vez de serem os defensores da justiça, eram os agentes da iniquidade. Concordo com Derek Kidner quando diz que aqui temos a desumanidade calculada, pensada e distribuída com a eficiência de um negócio (Mq 2:1,2).[5]

Em terceiro lugar, *mãos violentas* (58:2b). "[...] e distribuís na terra a violência de vossas mãos." Esses juízes não só concebiam o mal no coração, mas o colocavam em prática com suas próprias mãos. Allan Harman diz que a sequência de "coração" e "mãos" é importante, pois essa é a forma como o pecado elabora (Mt 15:16-20).[6] A violência praticada por eles tinha capilaridade, pois atingia toda a terra. Spurgeon diz que assim eram também os inimigos do nosso Senhor, uma geração de víboras, uma geração má e adúltera. Procuravam matá-lo porque ele era a justiça em pessoa, mas mascaravam o ódio com bondade, acusando-o de pecado.[7]

Homens rendidos ao pecado (58:3-5)

Davi passa a fazer um diagnóstico da vida desses líderes corruptos. Nas palavras de Derek Kidner, "já não se fala com os tiranos; aqui, faz-se um retrato deles".[8] Três fatos são dignos de nota.

Em primeiro lugar, *os ímpios são corruptos por natureza* (58:3). "Desviam-se os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras." Aqui está um exemplo clássico da depravação total do homem, que é concebido em pecado (51:5) e desvia-se desde a sua concepção (58:3). A fonte do mal não está fora do homem,

mas dentro dele, pois toda a sua vida foi afetada pelo pecado. A Queda não foi apenas um arranhão, ou seja, ela atingiu mente, emoção e vontade; em outras palavras, o corpo e a alma foram atingidos pela Queda. Não é o meio que influencia o homem, mas o homem caído em pecado é que influencia o meio. Concordo com Allan Harman quando diz que os juízes só estavam exibindo o seu verdadeiro caráter, pois, desde o nascimento, tinham sido estranhos de Deus e de seus caminhos.[9] Isso está de acordo com o que Paulo escreveu: "Obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração" (Ef 4:18). Purkiser está certo em afirmar que o versículo 3 apresenta uma declaração vívida da corrupção inata da alma, tendo em vista que a maldade não é aprendida, mas vem como uma expressão natural do estado caído do homem.[10]

Ao sermos confrontados por esse texto, não devemos pensar que estamos olhando o retrato alheio; estamos, na verdade, olhando no espelho e contemplando a nós mesmos (Rm 3:10-23). Esse é o nosso diagnóstico até que Deus nos dê o arrependimento para a vida (At 11:18).

Em segundo lugar, *os ímpios são tão venenosos como as serpentes* (58:4a). "Têm peçonha semelhante à peçonha da serpente..." Os ímpios são comparados a serpentes venenosas que nem mesmo obedecem ao seu treinador. Eles têm veneno debaixo da língua e peçonha em seus dentes, pois são a descendência da antiga serpente, e tudo que concebem no coração e praticam com suas mãos traz o perigo da morte.

Em terceiro lugar, *os ímpios são surdos como as serpentes que não ouvem a voz dos encantadores* (58:4b,5). "[...] são

como a víbora surda, que tapa os ouvidos, para não ouvir a voz dos encantadores, do mais fascinante em encantamentos." As serpentes não possuem ouvidos visíveis nem tímpanos internos, mas têm pequenos ossos na cabeça que servem para conduzir as vibrações sonoras. Sendo assim, a víbora reage mais ao movimento do encantador do que à música que ele toca.[11]

Os ímpios são como a serpente, que se voltará contra a pessoa que cuidadosamente a treina e não se importará;[12] eles tapam os ouvidos para dar atenção ao que lhes convém saber. Assim como as serpentes são surdas ou deficientes auditivas, os ímpios são surdos seletivos. Nas palavras de Spurgeon, "as causas do fracasso não estão na música do encantador, mas nos ouvidos do pecador",[13] uma vez que eles tapam os ouvidos para não ouvir a voz da justiça, para não ouvir o clamor dos aflitos, para não ouvir a voz de Deus. Concordo com Allan Harman que o ponto aqui é que os governantes perversos são igualmente insensíveis e não ouvem o clamor por justiça por parte dos pobres e necessitados.[14]

Homens debaixo da maldição (58:6-9)

O salmista, numa oração imprecatória, ergue a Deus um clamor, para que Deus intervenha e traga um sétuplo juízo sobre os ímpios; essa sétupla maldição, procedente de uma oração por juízo, aumenta em intensidade até que atinge seu clímax no versículo 9. Vejamos:

Em primeiro lugar, *que os ímpios sejam como serpentes desdentadas* (58:6a). "Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca..." As serpentes carregam a morte nos dentes, isto é,

uma serpente de dentes quebrados significa que ela é inofensiva, pois perde o seu poder destruidor.

Em segundo lugar, *que os ímpios sejam como leõzinhos de mandíbulas quebradas* (58:6b). "[...] arranca, SENHOR, os queixais aos leõezinhos." Os leõezinhos são ferozes como os leões adultos, e todos eles se prontificam a atacar suas presas, a menos que Deus intervenha. Um leão com os queixais arrancados perde sua força, torna-se inofensivo e perde seu poder de atacar a presa.

Em terceiro lugar, *que os ímpios sejam como águas derramadas* (58:7a). "Desapareçam como águas que se escoam..." Quando uma água é derramada e absorvida pela terra, não pode mais ser recuperada (2Sm 14:14). Esse é um símbolo para a própria morte. Assim, Davi pede que os ímpios pereçam sem chance de se levantarem.

Em quarto lugar, *que os ímpios sejam como flechas embotadas* (58:7b). "[...] ao dispararem flechas, fiquem elas embotadas." Uma flecha embotada não atinge o alvo, é completamente inútil. Que os ímpios sejam assim!

Em quinto lugar, *que os ímpios sejam como lesmas diluídas* (58:8a). "Sejam como a lesma, que passa diluindo-se..." A lesma, ao arrastar-se sobre a terra ou sobre a penha, deixa uma gosma que se dissipa com o calor do sol — é como se a lesma fosse diluindo a si mesma conforme se arrasta. Os ímpios destroem a si mesmos à medida que caminham. Nesse sentido, Spurgeon escreve:

> Como a lesma pavimenta o próprio caminho com o próprio muco, dissolvendo-se enquanto se locomove, ou como a concha é encontrada vazia, como se o morador tivesse se liquefeito, assim

> os maldosos comem as próprias forças enquanto procedem nos desígnios malévolos, vindo a desaparecerem.[15]

Em sexto lugar, *que os ímpios sejam como abortos não nascidos* (58:8b). "[...] como o aborto de mulher, não vejam nunca o sol." Assim como um aborto é um ser humano que não chegou a nascer, que os ímpios sejam cortados da terra, que tenham seus planos frustrados e não prosperem na vida. O filho abortado não vê a luz do sol; portanto, o salmista roga a Deus para que seus perversos inimigos se tornem como se nunca tivessem existido.[16] Spurgeon corrobora com este entendimento:

> Para os ímpios, a vida nunca chega à maturidade, e os objetivos são abortados. A única realização é terem trazido sofrimento para as pessoas e horror para si mesmos. Não teria sido melhor se homens como Pôncio Pilatos, Herodes e Judas Iscariotes nunca tivessem nascido? Não teria sido melhor para as mães que os deram à luz? Melhor para as terras que eles amaldiçoaram? Melhor para a terra na qual as suas carcaças pútridas foram escondidas do sol?[17]

Em sétimo lugar, *que os ímpios sejam como espinheiros arrebatados* (58:9). "Como espinheiros, antes que vossas panelas sintam deles o calor, tanto os verdes como os que estão em brasa serão arrebatados como por um redemoinho." Um espinheiro queima rápido e produz um fogo alto, mas, antes mesmo que a panela ao fogo se aqueça, o redemoinho passa varrendo tudo. O ímpio é como um espinheiro que vai ser varrido, e seu propósito não vai se cumprir. Spurgeon conclui: "O cozinheiro, a fogueira, a panela, o alimento e tudo o mais

desaparecem imediatamente, levados em um remoinho para a destruição".[18]

Homens levados ao justo juízo divino (58:10,11)

O pecado é um embuste e leva o homem mais longe do que gostaria de ir, reterá o homem mais tempo do que gostaria de ficar e lhe custará um preço mais caro do que gostaria de pagar. O pecado parece inofensivo, mas seu salário é a morte; ele parece prazeroso, mas seu fruto é venenoso; e, pior, aqueles que torceram o direito, praticaram a violência e escaparam do juízo dos homens terão que enfrentar o juízo divino. Nesse dia, o justo se alegrará, pois esse será o dia da vingança do reto Juiz. Nesse dia, os ímpios serão consumidos por uma derrota total, mas os justos receberão sua recompensa.

Duas verdades solenes são aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, *a condenação dos ímpios é certa* (58:10). "Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; banhará os pés no sangue do ímpio." A vingança não é acionada pelo braço do justo, mas por Deus, o justo Juiz. O ímpio sofrerá derrota total e não escapará, e sua ruína será definitiva e eterna. Banhar os pés em sangue é uma imagem bíblica para vitória (Is 63:1-6; Ap 14:19,20; 19:13,14). Concordo com Purkiser que o regozijo se dá mais pela vindicação pública da justiça divina do que pela sorte das pessoas envolvidas e condenadas.[19] Nesse sentido, é de bom tom ouvirmos o que o apóstolo João escreveu:

> E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! Salvação e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus, porque

> verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. E outra vez disseram: Aleluia! E a fumaça dela sobe para todo o sempre (Ap 19:1-3).

Em segundo lugar, *a recompensa dos justos é garantida* (58:11a). "Então, se dirá: Na verdade, há recompensa para o justo..." Ao mesmo tempo que o céu se regozija com a queda da Babilônia (Ap 18:20—19:6), também se alegra com a aparição gloriosa da noiva do Cordeiro (Ap 21:9-11).

Em terceiro lugar, *o justo juízo de Deus é inevitável* (58:11b). "[...] há um Deus, com efeito, que julga na terra."Os homens podem escapar dos tribunais da terra, mas jamais escaparão do juízo divino. Concluo com as palavras de Spurgeon: "Com a visão do Juízo Final, todos os homens serão forçados a ver que há um Deus e que Ele é o justo Juiz do universo. O tempo removerá as dúvidas, resolverá as dificuldades e revelará os segredos".[20]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 229.
2 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 204.
3 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 192.
4 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 28.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 229.
6 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 233.
7 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 28.
8 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 230.
9 Harman, Allan. *Salmos*, p. 233.

[10] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 204.
[11] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 192.
[12] Harman, Allan. *Salmos*, p. 233.
[13] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 29.
[14] Harman, Allan. *Salmos,* p. 233.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 30.
[16] Harman, Allan. *Salmos*, p. 234.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 30.
[18] Ibidem.
[19] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 204.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 31.

Capítulo 58

Cães uivantes e raivosos

(Sl 59:1-17)

Esse salmo de lamento retrata o drama vivido por Davi quando o rei Saul, seu sogro, mandou cercar a sua casa para capturá-lo e matá-lo, mas Mical, sua mulher, ajudou-o a escapar das garras de seu pai. Nas palavras de Derek Kidner, "a fuga de Davi, por uma janela superior de sua casa (1Sm 19:11ss), dá a esse salmo sua urgência e seu senso de ultraje".[1] Warren Wiersbe descreve o ódio de Saul por Davi do seguinte modo:

> O medo e o ódio que o rei Saul alimentava contra Davi tornaram-se tão compulsivos que, por fim, ele ordenou que seu genro fosse morto. Em duas ocasiões, o próprio Saul tentou dar cabo de

> Davi (1Sm 19:1-10). Em seguida, tramou para que Davi fosse morto na cama em sua casa (1Sm 19:11-18), mas a esposa de Davi ajudou-o a escapar por uma janela. Antes dessa tentativa, Saul mandou homens para vigiar seu inimigo (59:6,14), e Davi escreveu esse salmo como um pedido de socorro a Deus, vendo-o como o libertador (59:1-9) e o Juiz (59:10-17).[2]

Os sofrimentos da vida tornam-se fonte de consolo para outras pessoas. Por exemplo, se Davi não tivesse sofrido, não teríamos seus salmos de lamento; se Paulo não tivesse sido preso, não teríamos suas cartas da prisão; se a prisão de John Bunyan não tivesse ocorrido, não teríamos o livro *O peregrino*. Na verdade, Deus inspira canções de louvor nas noites escuras. Spurgeon é oportuno quando escreve:

> De um solo ácido e pouco generoso brotam as flores carregadas de mel da salmodia. Tivesse Davi nunca sido perseguido cruelmente por Saul, Israel e a Igreja de Deus em épocas posteriores teriam ficado sem esse cântico. A música do santuário tem não pequena dívida para com as provações dos santos. A aflição é o afinador das harpas dos cantores santificados.[3]

Purkiser diz que uma espécie de refrão nos versículos 6 e 14 dá a entender os perigos que espreitavam na escuridão. Um segundo refrão: "Deus é a minha defesa" nos versículos 9 e 17 resume a fé positiva que vence o medo.[4] O salmo 59 enseja-nos algumas importantes lições.

O cerco do inimigo (59:1-5)

Os homens de Saul estão cercando a casa de Davi. São lacaios do rei Saul, que querem prender e matar Davi, e é

nesse cerco do inimigo que Davi ora. Cinco fatos devem ser destacados nessa oração.

Em primeiro lugar, *coloca-me acima dos perigos* (59:1). Davi pede a Deus, o seu Deus, para livrá-lo e colocá-lo num lugar alto, acima do alcance de seus adversários. Só Deus pode nos colocar em segurança diante do encurralamento do inimigo.

Em segundo lugar, *livra-me da morte* (59:2). Os inimigos de Davi são homens sanguinários que vivem na prática da iniquidade; eles seguem cegamente as ordens de um rei tirano e, para agradá-lo, estão prontos a praticar toda sorte de crimes e crueldade. Spurgeon diz que os inimigos de Davi estavam em torno de sua casa para capturá-lo morto ou vivo, com saúde ou doente, para ser levado ao massacre.[5]

Em terceiro lugar, *sou inocente* (59:3). Davi pleiteia diante de Deus sua inocência no caso dessa insana perseguição de Saul. Ele é um súdito fiel, mas o ciúme e o ódio do poderoso rei Saul fizeram que esse rei insano armasse todo tipo de cilada para matar Davi. Enquanto, porém, os inimigos esperam para dar o bote fatal, Davi espera na presença de Deus numa postura de oração.

Em quarto lugar, *sou livre de culpa* (59:4). Davi pede para Deus vir ao seu encontro, pois, sem qualquer culpa sua, seus inimigos se apressam para se arremeter contra ele, a fim de destruí-lo. Concordo com Spurgeon quando escreve: "Se a nossa inocência não nos for favorável perante os tribunais terrenos, sempre será o melhor argumento no tribunal da consciência e uma consolação constante quando estivermos sob perseguição".[6]

Em quinto lugar, *livra-me dos inimigos estrangeiros* (59:5). Davi se volta para Yahweh, o Senhor dos Exércitos, o Deus

de Israel, para pedir intervenção em face dos perigos que vêm de fora, das nações estrangeiras que estão sempre prontas a atacar Israel. Nas palavras de Spurgeon, "Davi está orando por todos os crentes para que sejam guardados da confraria dos pérfidos".[7]

A matilha que espreita (59:6,7)

Davi descreve seus inimigos que rondam os muros da cidade e cercam sua casa para matá-lo como uma matilha de cães, que uivam ao anoitecer. Destacamos aqui dois pontos:

Em primeiro lugar, *vira-latas que espreitam à noite* (59:6). Os cães do Oriente eram animais esquálidos, repugnantes, magros, famintos, que reviravam lixo e uivavam à noite, buscando uma presa para atacar. Davi olha para aqueles que querem tirar-lhe a vida como vira-latas que uivam à noite de decepção porque não acham a comida que buscam. Spurgeon destaca que os guardas do rei Saul, o rei tirano, devem ter delirado e ficado violentamente enfurecidos quando, em vez de Davi, acharam na cama uma estátua coberta e um travesseiro de pele de cabra (1Sm 19:13).[8]

Em segundo lugar, *trazem a morte em suas palavras* (59:7). Os inimigos mordem e trazem a espada assassina nos lábios. Eles tanto atacam homens inocentes como blasfemam contra Deus, afrontando-o com perguntas insolentes: "Quem há que nos escute?"

A confiança triunfante (59:8-10)

No meio de tanta perversidade, Davi demonstra sua confiança em Deus, e, nesse mar de violência e iniquidade, ele é uma ilha de piedade. Três verdades são aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, *nossos inimigos não podem ameaçar Deus* (59:8). Esse versículo aponta para o salmo 2. Quando as nações zombam de Deus, este ri de seus inimigos, pois ninguém pode afrontar Deus e escapar, ninguém pode desafiar o Todo-poderoso e prevalecer.

Em segundo lugar, *uma confissão de fé segura* (59:9). Davi considera Deus como sua força, por isso sua esperança está nele. Uns confiam em carros, outros em cavalos, mas Davi espera no Senhor. Os homens maus confiam em sua maldade ou no poder de suas armas, mas Davi espera em Deus, seu alto refúgio. Concordo com Purkiser quando diz que talvez não exista uma descrição mais bonita de quem é Deus para o seu povo provado como esta: "alto refúgio". A expressão sugere ao mesmo tempo força e paz. Uma torre contra a qual todo o poder do inimigo se torna inútil. Numa torre alta, a alma encontra refúgio e é levada muito acima do tumulto e da briga, sendo capacitada a ver, de uma posição privilegiada de perfeita segurança, a violência que é vã e a vitória de Deus.[9]

Em terceiro lugar, *um socorro oportuno* (59:10). Se Deus vai de encontro aos ímpios, Ele vem ao encontro de Davi. Vem com sua benignidade ao seu servo enquanto manifesta seu juízo aos perversos.

O lento declínio (59:11-13)

Três verdades são destacadas aqui.

Em primeiro lugar, *o aspecto pedagógico do juízo* (59:11). Davi roga a Deus para não aplicar seu juízo de forma súbita aos ímpios, a fim de que o povo possa assimilar a lição e aprender com sua ruína lenta e progressiva. A oração é para que o povo vagueie a esmo e, assim, seja contemplado como

objeto de um exercício vivo dos juízos divinos, pois até no castigo do ímpio existe um efeito pedagógico. Nas palavras de Allan Harman, "Davi ora para que os juízos divinos se façam conhecidos, não imediatamente, mas progressivamente, e ele deseja que isso seja um testemunho às nações vizinhas".[10]

Em segundo lugar, *morrendo pela boca* (59:12). Antes da violência dos ímpios chegar às suas mãos, passa primeiro pelo coração e depois pela boca. Os perversos usam suas palavras para desonrar e destruir; além disso, perseguem com palavras, queimam e esfaqueiam com a língua. Nesse cenário, Davi roga a Deus para que seus inimigos sejam enredados pelas suas próprias mentiras.

Em terceiro lugar, *a justiça de Deus vindicada* (59:13). A derrota plena e final dos ímpios que se insurgem contra Deus e contra o seu ungido manifesta o fato de que Deus tem zelo pela sua glória e cuidado com o seu povo.

A matilha faminta (59:14,15)

Davi já havia descrito seus inimigos como cães (59:6,7) e, agora, volta a falar deles como cães famintos que uivam e rosnam. Vejamos.

Em primeiro lugar, *os cães uivam* (59:14). Davi retoma a linguagem dos cães para descrever os seus inimigos. A matilha está de volta, agora rodeando a cidade e uivando como lobos ferozes. "Cães semis selvagens, se não saciados, uivam", diz Purkiser.[11]

Em segundo lugar, *os cães rosnam* (59:15). Os cães vagueiam famintos e, por não conseguirem atingir o justo, eles rosnam raivosos.

O louvor triunfante (59:16,17)

Em contraste com os perversos que intentam o mal, falam o mal e praticam o mal, Davi abre seus lábios não apenas para orar, mas também para louvar a Deus. Cinco verdades são aqui descritas.

Em primeiro lugar, *o que cantar* (59:16a). "Eu, porém, cantarei a tua força..." Davi não exalta a si mesmo, mas canta para exaltar a força do Senhor, o Deus dos Exércitos, o Deus de Israel.

Em segundo lugar, *quando cantar* (59:16b). "[...] pela manhã louvarei..." Davi começa seu dia não cheio de medo e ansiedade, mas abrindo seus lábios para cantar louvores a Deus.

Em terceiro lugar, *como cantar* (59:16c). "[...] com alegria a tua misericórdia..." Davi está cercado por uma matilha de cães famintos e raivosos, mas o cerco do inimigo não retira sua paz nem cerra seus lábios de cantar louvores a Deus, com alegria.

Em quarto lugar, *por que cantar* (59:16d,17b). "[...] pois tu me tens sido alto refúgio e proteção no dia da minha angústia [...] porque Deus é meu alto refúgio, é o Deus da minha misericórdia." O motivo do louvor é o livramento recebido. Os inimigos cercaram a casa de Davi, mas o Senhor colocou-o num refúgio elevado e o protegeu no dia de sua angústia; e o Senhor, sendo seu alto refúgio, é também o Deus da sua misericórdia.

Em quinto lugar, a quem cantar (59:17a). "A ti, força minha, cantarei louvores..." O alvo dos louvores é o Senhor, sua força, e ele canta não suas próprias virtudes como experiente guerreiro, mas canta ao Senhor, que é a

sua força. Concluo com as palavras de Allan Harman: "A despeito de todas as suas circunstâncias, o salmista termina com uma nota de louvor, justamente com a palavra final em hebraico *chesed*, que significa "misericórdia ou amor pactual".[12]

Notas

1 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 232.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 193.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 42.
4 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon,* vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 205.
5 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2, p. 43.
6 Ibidem, p. 44.
7 Ibidem, p. 45.
8 Ibidem.
9 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 205.
10 Harman, Allan. *Salmos. São Paulo: Cultura Cristã, 2011,* p. 236.
11 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 207.
12 Harman, Allan. *Salmos,* p. 237.

Capítulo 59

Orando a Deus em tempo de guerra

(Sl 60:1-12)

Esse salmo de Davi é mais um salmo de lamento. Foi composto após a derrota de Israel em batalha[1] e retrata os reveses na guerra contra os sírios, os moabitas e os edomitas (2Sm 8:3-5; 10:16-19; 1Cr 18:3-12). A causa da derrota não está na fraqueza do exército, mas na ausência de Deus, pois a derrota não vem como resultado da ira dos inimigos contra Israel, mas da ira de Deus sobre o seu povo.

Cinco verdades solenes nos são apresentadas nesse salmo. Vejamos.

Uma queixa dolorosa (60:1-3)

Davi faz de sua oração uma queixa em virtude da derrota sofrida no campo

de batalha em decorrência da retirada da ajuda de Deus. Spurgeon destaca que, nos dias de Saul, Israel estava em péssima situação política. Durante o seu governo, sofreu abalos internos e terminou o reinado no desastre tirânico em Gilboa. Davi recebeu um trono instável, perturbado pelo duplo mal da facção domiciliar e da invasão estrangeira.[2] Nessa queixa, quatro fatos são destacados.

Em primeiro lugar, *a ira de Deus contra o seu povo* (60:1). "Ó Deus, tu nos rejeitaste e nos dispersaste; tens estado indignado; oh! Restabelece-nos!" Porque Deus, na sua ira, rejeitou o seu povo, ele foi disperso pelos inimigos. A rejeição de Deus resultou no prevalecimento dos inimigos no campo de batalha. Sem Deus, somos fracos, e sob a ira de Deus tornamo-nos vulneráveis e covardes. Concordo com Spurgeon quando diz que ser rejeitado por Deus é a pior calamidade que pode acontecer a uma pessoa ou nação.[3]

Davi vê também a dispersão como outro fruto amargo da ira de Deus. As nações inimigas eram a causa secundária dessa dispersão, mas a mão do Senhor era a causa primária, por isso Davi pleiteia com Deus, sabendo que a única postura adequada nesse cenário é clamar aos céus para que Deus restabeleça a nação. Concordo com Spurgeon quando diz que havia mais necessidade da volta de Deus para o seu povo do que as tropas de Judá serem valorosas ou Joabe e os comandantes serem sábios. Deus conosco é melhor do que batalhões. Deus desgostoso conosco é mais terrível do que todos os edomitas marchando contra nós no vale do Sal ou todos os demônios opondo-se à igreja.[4]

Em segundo lugar, *o terremoto de Deus sobre a sua terra* (60:2). "Abalaste a terra, fendeste-a; repara-lhe as brechas, pois ela ameaça ruir." Davi olha para o cenário da guerra e

compara-o com um terremoto que sacode a terra, abrindo-lhe rachaduras e fendas. Na verdade, Deus estava abalando a segurança de Israel. No governo de Saul, os sacerdotes foram assassinados, os piores homens foram colocados em cargos de liderança e o poder militar foi esmagado pelos filisteus. É digno de nota que, assim como nenhuma força humana é capaz de deter a natureza em fúria, nenhum expediente humano pode evitar que esses abalos sísmicos na vida política façam tremer as estruturas mais sólidas da nação. Sem a intervenção divina, tudo entra em colapso e começa a ruir; todavia, no caos, Davi ora mais uma vez e roga: "Repara-lhe as brechas".

Em terceiro lugar, *os reveses do povo de Deus na batalha* (60:3a). "Fizeste o teu povo experimentar reveses..." As derrotas no campo de batalha não foram causadas pela superioridade das forças inimigas, mas pela ação da disciplina de Deus ao seu povo; em outras palavras, o próprio Deus os fez experimentar derrotas.

Em quarto lugar, *o vinho estonteante de Deus* (60:3b). "[...] e nos deste a beber vinho que atordoa." Deus os fez beber um vinho estonteante, que os deixou trôpegos, fracos e vacilantes. Nas palavras de Allan Harman, "o povo tem caminhado em meio a amargas experiências, as quais os têm deixado aturdidos como se fossem bêbados".[5]

Uma oferta generosa (60:4,5)

Davi volta a sua atenção para a oferta generosa de Deus, apesar das lutas que travam no campo aceso da batalha. Concordo com Allan Harman quando diz que a bandeira mencionada aqui não é aquela que uma campanha militar demanda; antes, aquela que demarca onde se deve achar

proteção. Contra os exércitos que atacam (chamados aqui "o arco"), Deus está providenciando um lugar de refúgio para aqueles que o temem (Jr 4:6).[6] Ao redor do estandarte de Deus, o povo deveria se agrupar em defesa de sua verdade. Duas verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *um estandarte para os inimigos fugirem* (60:4). "Deste um estandarte aos que te temem, para fugirem de diante do arco." Na sua ira, Deus se lembra de sua misericórdia e não rejeita para sempre o seu povo. O Senhor é a nossa bandeira, e sua presença conosco é um estandarte tremulante, diante do qual os inimigos batem em retirada.

Em segundo lugar, *um estandarte para livrar o povo de Deus* (60:5). "Para que os teus amados sejam livres, salva com a tua destra e responde-nos." A despeito de todas as tribulações, o salmista ainda vê a nação como o povo de Deus. Os inimigos não prevalecem permanentemente sobre o povo de Deus, e, diante do estandarte dado pelo Senhor, os amados de Deus ficam livres. Davi mais uma vez ora reivindicando salvamento e resposta às suas orações. A questão era tão urgente que ele pede a Deus para salvar primeiro e ouvir depois.

Uma resposta consoladora (60:6-8)

Purkiser diz que esses versículos são um oráculo divino, proclamando o propósito de Deus com relação às nações envolvidas no conflito.[7] Em resposta às orações de Davi, o Senhor demonstra sua soberania na preservação do território prometido desde priscas eras e na conquista de novos territórios, de inimigos que devem ser vencidos. Dois fatos são aqui destacados.

Em primeiro lugar, *as fronteiras preservadas, na consolidação interna* (60:6,7). "Falou Deus na sua santidade: Exultarei; dividirei Siquém e medirei o vale de Sucote. Meu é Gileade, meu é Manassés; Efraim é a defesa de minha cabeça; Judá é o meu cetro." Em poucas palavras, Davi relembra a história primitiva e as áreas distintivas de Israel. Derek Kidner diz que os versículos 6 e 7 proclamam a herança de Israel, ao passo que o versículo 8 coloca os vizinhos no seu lugar. Deus domina a cena de modo colossal. Já não se trata de rivais lutando pelas terras; trata-se do senhorio que divide as terras e as tarefas exatamente como lhe apraz.[8] Allan Harman corrobora dizendo que a declaração se refere a todas as áreas maiores do reino de Davi, quer na margem ocidental do Jordão quer na Transjordânia. A ocupação dessas áreas é pela soberana determinação de Deus.[9]

Siquém era a principal cidade de Efraim, localizada a oeste do Jordão, e o vale de Sucote, no lado ocidental do Jordão. Siquém era uma região importante do país que ainda não havia se rendido ao governo de Davi. Gileade e Manassés ficavam na margem do lado oriental do mesmo rio. Efraim era uma tribo forte chamada para defender Israel, e Judá era a tribo real, que carregava o cetro. Spurgeon está correto em afirmar que os crentes não possuem outra lei senão a que vem de Cristo.[10]

Em segundo lugar, *as fronteiras ampliadas nas conquistas externas* (60:8). "Moabe, porém, é a minha bacia de lavar; sobre Edom atirarei a minha sandália; sobre a Filístia jubilarei." A soberania de Deus abarca todo o território ocupado por Israel, mas também aquele das nações adjacentes: Moabe, Edom e Filistia.[11] Derek Kidner diz que, depois das posições de honra, vêm os criados; continuam sendo de

Deus para distribuir, e também têm suas utilidades mesmo assim. Ambas as nações eram notadas pelo seu orgulho (Is 16:6; Ob 3).[12] Quando o texto diz que "Moabe [...] é a minha bacia de lavar", está indicando que Moabe será reduzida à escravidão, pois era trabalho de escravo apresentar a bacia de lavar ao seu senhor. Quando o texto diz que "sobre Edom atirarei a minha sandália", está indicando que essa era a posição de um escravo de mais baixa qualidade. Warren Wiersbe diz que, quanto aos filisteus, eternos inimigos de Israel, sobre eles Deus "jubilará", o que significa que sobre eles Deus daria seu grito de vitória.[13] Assim, Moabe a leste, Edom ao sul e Filistia a oeste são derrotados pelo braço onipotente do Senhor.

Uma oração confiante (60:9-11)

Depois da batalha contra os sírios, era hora de Davi enfrentar os inimigos adjacentes: os moabitas e edomitas, bem como os filisteus. Allan Harman diz que, a despeito das derrotas que tiveram de suportar, o povo reconhece que, se a vitória está por vir, isso só se dará pela liderança divina na batalha.[14] Vejamos três fatos importantes.

Em primeiro lugar, *uma cidade inexpugnável* (60:9). "Quem me conduzirá à cidade fortificada? Quem me guiará até Edom?" Derek Kidner diz, corretamente, que a cidade fortificada está além dos recursos de Davi, a não ser que Deus vá com ele e adiante dele.[15] Warren Wiersbe é da opinião de que essa cidade fortificada fosse Petra, a capital de Edom.[16] A entrada de Petra é feita por uma passagem estreita entre penhascos altos, formada pelo canal de um regato. Esse desfiladeiro mede três quilômetros de extensão, e, em alguns pontos, as pedras salientes aproximam-se tanto umas

das outras que só dois cavaleiros podem passar lado a lado.[17] A cidade de Petra era considerada quase inacessível e inexpugnável, e seus edifícios eram esculpidos nas pedras. Davi, porém, deseja avançar suas conquistas até Petra, mesmo que ela estivesse nas alturas, entre as estrelas (Ob 3,4).

Em segundo lugar, *uma constatação inegável* (60:10). "Não nos rejeitaste, ó Deus? Tu não sais, ó Deus, com os nossos exércitos!" Spurgeon tem razão em dizer que o Deus castigador é a nossa única esperança, porque Ele ainda nos ama. Por um breve momento, Ele nos deixa, mas com grande misericórdia Ele recolhe o seu povo (Is 54:7). O Senhor é forte para ferir, mas também forte para salvar.[18]

Em terceiro lugar, *um clamor indispens*ável (60:11). "Presta-nos auxílio na angústia, pois vão é o socorro do homem." Davi enfrenta problemas internos e externos, e esse terremoto que abala a nação produz angústia. Spurgeon esclarece esse ponto do seguinte modo:

> Ajuda-nos a vencer os desastres da guerra civil e da invasão estrangeira. Salva-nos de mais incursões de fora e de mais divisões de dentro. Tu, Senhor, opera esses livramentos, porque vão é o socorro do homem. Aprendemos a duras penas a absoluta impotência de exércitos, reis e nações sem a tua ajuda. Os nossos estandartes arrastados na lama mostram comprovadamente a nossa fraqueza sem ti, mas o estandarte mantido no alto, à nossa frente, testemunhará a nossa bravura agora que vieste para o nosso salvamento.[19]

Uma fé vitoriosa (60:12)

Davi inicia esse salmo com oração e, ao longo dele, permanece em oração, porém o conclui com uma fé vigorosa,

manifestando uma convicção inabalável. Allan Harman diz que o salmo começa com a rejeição de Deus a seu povo e termina com uma nota de segurança. A força para a batalha vem do Senhor, e Ele é capaz de subjugar seus inimigos, os quais são igualmente inimigos de seu povo. O mesmo Deus que tomou posse da terra de Israel (60:6,7) e que controlava os destinos das nações adjacentes (60:8) é capaz de trazer livramento a seu povo.[20]

Derek Kidner diz que a oração se transforma em afirmação, e a aventura individual torna-se um empreendimento em conjunto. Da nossa parte, haverá proezas corajosas; da parte de Deus, não somente haverá a sua mão sobre a nossa (60:12a), como também o seu pé sobre o inimigo (60:12b).[21] Dois fatos são aqui expostos.

Em primeiro lugar, *a soberania de Deus não isenta o esforço humano* (60:12a). "Em Deus faremos proezas..." Embora só Deus possa fazer proezas, nele somos parte dessas proezas; todavia, o fato de Deus fazer proezas não nos isenta de entrar no campo de batalha, e o fato de a vitória vir das mãos de Deus não nos isenta da luta. Quem faz é Deus, mas somos os seus instrumentos. Spurgeon tem razão em dizer que a operação divina não é argumento para a inação humana; antes, é o melhor incentivo para o esforço corajoso.[22]

Em segundo lugar, *a vitória sobre os inimigos é uma ação monocrática de Deus* (60:12b). "[...] porque ele mesmo calca aos pés os nossos adversários." Para concluir, precisamos ter plena consciência de que a ausência de Deus nos torna vulneráveis no campo de batalha, mas a derrota de nossos inimigos é uma ação monocrática de Deus, pois dele procede o poder e a Ele é dada a glória.

Notas

[1] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 206.
[2] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 61.
[3] Ibidem.
[4] Ibidem, p. 62.
[5] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 238.
[6] Ibidem.
[7] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 206.
[8] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 238.
[9] Harman, Allan. *Salmos*, p. 239.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 75.
[11] Harman, Allan. *Salmos,* p. 239.
[12] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 239.
[13] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Vol 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 195.
[14] Harman, Allan. *Salmos,* p. 239.
[15] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 239.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 195.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 73.
[18] Ibidem, p. 66.
[19] Ibidem.
[20] Harman, Allan. *Salmos*, p. 239.
[21] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 239-240.
[22] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2, p. 66.

Capítulo 60

O clamor do exilado

(Sl 61:1-8)

Esse é um salmo de lamento. É mais um salmo de Davi, o qual descreve seu exílio e sua consequente privação de estar no tabernáculo, onde a presença de Deus é sua maior alegria. Não há consenso se esse exílio tem a ver com as perseguições de Saul ou com a conspiração de Absalão. É certo, porém, que o rei está com o coração angustiado, como que naufragando num mar revolto, precisando de ser elevado a uma rocha mais alta do que ele. Purkiser diz que temos aqui o modelo padrão dos salmos de lamentação: o clamor, a situação difícil, a petição e a promessa.[1] Warren Wiersbe diz que o rei Davi ora acerca

de um inimigo (61:3), pede proteção para sua vida (61:6) e segurança para seu trono (61:7). O salmo começa com Davi clamando em meio a sua aflição, mas encerra com ele cantando louvores ao Senhor.[2] Lições preciosas nos são ensinadas nesse salmo, chamado por Spurgeon de uma pérola do Saltério.[3]

Uma oração por livramento (61:1,2)

Os filhos de Deus não são poupados das aflições, mas nas aflições. Os sofrimentos da vida quebram nosso orgulho, amolecem nosso coração e nos levam para mais perto de Deus. Aqui Davi está exilado, angustiado, clamando ao Senhor. Spurgeon está certo ao dizer que a tribulação nos leva a Deus e traz Deus para nós; sendo assim, podemos entender que os maiores triunfos da fé são alcançados nas mais ferrenhas provações.[4] Cinco verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *um clamor urgente* (61:1a). "Ouve, ó Deus, a minha súplica..." Davi não apenas ora, mas pede a Deus para inclinar os ouvidos aos seus rogos, pois sabe que não está orando a um ídolo mudo, mas ao Deus Todo-poderoso.

Em segundo lugar, *uma necessidade de resposta* (61:1b). "[...] atende à minha oração." Davi não se contenta em orar: ele anseia pela resposta e pede a Deus para atender à sua oração. Nas palavras de Spurgeon, "Dar vazão às tristezas não lhe foi suficiente: ele quer a audiência dos céus e o socorro manifesto. Os fariseus descansam nas orações; mas os verdadeiros crentes ficam ávidos pela resposta às orações".[5]

Em terceiro lugar, *um exílio doloroso* (61:2a). "Desde os confins da terra clamo por ti..." É claro que Davi não está

nos confins da terra, mas, para ele, estar fora do tabernáculo é como estar no fim do mundo. Spurgeon explica: "Estar ausente do lugar de culto a Deus era antigamente motivo de tristeza dolorida para os santos, que olhavam para o tabernáculo como o centro do universo e consideravam-se estar no fim do mundo quando não podiam mais frequentar o santuário sagrado".[6] Davi está descrevendo, portanto, não a geografia geopolítica, mas a geografia espiritual.

Em quarto lugar, *um abatimento profundo* (61:2b). "[...] no abatimento do meu coração..." Seu exílio, fruto de perseguição e conspiração, causou-lhe profundo abatimento. Derek Kidner chega a sugerir que aqui Davi passa pela provação da depressão ou exaustão.[7] A angústia dele não é tanto pela presença ameaçadora do inimigo, mas pela ausência do santuário, onde a glória de Deus assiste. Concordo com Spurgeon quando diz que não existe lugar triste demais nem situação deplorável demais para buscar a face de Deus; em outras palavras, quer seja no fim do mundo quer no fim da vida, a oração é igualmente acessível.[8]

Em quinto lugar, *uma necessidade de segurança real* (61:2c). "[...] Leva-me para a rocha que é alta demais para mim." Davi está mergulhado numa dor profunda, e seu coração está abatido. As ondas revoltas ameaçam engoli-lo, e ele então clama para ser levado a um alto rochedo, pois não tem forças para escalar essa rocha mais alta do que ele. Está em uma situação que ou é levado ou perece. Jesus é essa Rocha, Ele é esse lugar mais alto, mais alto do que os céus e também a escada de Jacó. Nas palavras de Spurgeon, "Jesus é maior do que os nossos mais elevados esforços, nossas realizações, nossos desejos, nossas expectativas e nossas concepções".[9] Concordo com o comentarista bíblico Purkiser quando

escreve: "Deus tem recursos muito acima do insignificante poder humano".[10]

Uma lembrança esperançosa (61:3)

Ao mesmo tempo que ora, Davi traz à sua memória o que pode lhe dar esperança. Suas experiências do passado, com Deus, servem de tônico para sua fé com relação ao futuro. Vejamos.

Em primeiro lugar, *as experiências do passado são garantias para a confiança no presente e no futuro* (61:3a). "Pois tu me tens sido..." Davi já havia passado por muitos apertos. Muitas vezes, estivera em perigo de morte, mas o Senhor o livrou. Sabe que, agora, Deus pode mais uma vez tirar o abatimento de seu coração e colocar em seus lábios um cântico de louvor; sabe que mais uma vez Deus pode tirá-lo de um aparente naufrágio para uma rocha alta; e sabe também que Deus mais uma vez pode derrotar os inimigos e colocá-lo de volta no seu trono e consolidar o seu reino. Quem não tem memória não tem passado, e quem não tem passado não tem esperança de futuro. Spurgeon tem razão em dizer que a experiência é o pajem da fé, ou seja, reunimos argumentos do passado para a confiança do presente.[11]

Em segundo lugar, *nossa segurança decorre de quem Deus é, e não de quem nós somos* (61:3b). "[...] refúgio e torre forte contra o inimigo." As vitórias e conquistas de Davi jamais procederam de seu engenho militar, mas das intervenções soberanas de Deus, ou seja, Davi venceu porque Deus é refúgio e torre forte contra o inimigo. Spurgeon diz que Davi habitava como em um forte inconquistável, porque estava envolto pela onipotência.[12] O mesmo autor declara:

> O Senhor é o meu refúgio da chuva da dificuldade, da tempestade da perseguição, da enchente da tentação satânica, do ardor da ira divina, do ataque da morte. A arca de Noé, o monte de Ló, a porta marcada pelo sangue do cordeiro no Egito, a cidade de refúgio, a caverna de Adulão. Uma torre forte é permanente em si mesma, inconquistável para os inimigos e segura para os ocupantes.[13]

Um anseio profundo (61:4)

Davi faz uma transição das memórias para os desejos e agora anseia voltar a Jerusalém, entrar no santuário e esconder-se debaixo das asas do Deus onipotente. Destacamos duas verdades aqui.

Em primeiro lugar, *seu anseio por comunhão é declarado* (61:4a). "Assista eu no teu tabernáculo, para sempre..." O deleite de Davi não era o palácio real, mas o tabernáculo, símbolo da presença de Deus no meio do povo, e seu anseio não é pela glória humana nem pela riqueza terrena, mas pela presença de Deus. Além disso, ele não anseia por Deus apenas nos momentos de aperto, mas para sempre.

Em segundo lugar, *seu anseio por proteção é real* (61:4b). "[...] no esconderijo das tuas asas, eu me abrigo." Essa figura aparece em outros salmos. Como diz Allan Harman, ela pode significar tanto as asas dos querubins sobre a tampa da arca como as asas de uma galinha que acolhe os pintinhos na hora do perigo.[14] Spurgeon afirma: "Os pintinhos embaixo da galinha estão seguros, confortáveis e felizes! Como estão quentinhos pelo aconchego da mãe! Como são macias as suas plumagens!".[15] Quando a tempestade chega, o lugar mais seguro onde estar é debaixo das asas de Deus, até que passem as calamidades (57:1).

Um reconhecimento sincero (61:5-7)

Davi vai dos desejos ao reconhecimento e ensina-nos quatro verdades importantes.

Em primeiro lugar, *Deus ouve e atende* (61:5a). "Pois ouviste, ó Deus, os meus votos..." A oração feita por Davi (61:1) é respondida por Deus (61:5), que ouve e atende, ouve e socorre, ouve e liberta, ouve e tira o espírito angustiado e cobre com vestes de louvor.

Em segundo lugar, *Deus dá a melhor herança* (61:5b). "[...] e me deste a herança dos que temem o teu nome." A herança prometida ao povo de Israel era a terra da promessa, porém o próprio Deus era a herança do povo. Para nós, essa herança é a própria vida eterna (Mt 25:34; Ef 1:14; Cl 1:12). Essa herança é dada, e não comprada; ou seja, é oferta, e não merecimento. Ela é concedida a todos aqueles que temem ao Senhor. Spurgeon é oportuno quando escreve:

> Somos feitos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, com todos os santos, participantes da mesma porção. Alegremo-nos e deleitemo-nos com isso. Se sofremos, é a herança dos santos. Se somos perseguidos, estamos na pobreza ou em tentação são situações contidas nos títulos de propriedade da herança dos eleitos. Temos a mesma herança que o Primogênito, o que mais podemos querer?[16]

Em terceiro lugar, *Deus garante governo perene* (61:6). "Dias sobre dias acrescentas ao rei; durante os seus anos gerações após gerações." Deus promete não apenas vida longa ao rei, mas a permanência perpétua de sua dinastia, geração após geração, profecia essa que se cumpriu em Cristo, o descendente de Davi, o filho de Davi, cujo reino

é eterno e cujo governo jamais terá fim. Warren Wiersbe corrobora dizendo que Deus prometeu a Davi um trono para sempre e uma dinastia eterna (89:36), promessa que se cumpriu em Jesus Cristo (Lc 1:30-37; At 2:22-36). A preocupação de Davi, portanto, não era apenas com seu nome ou com sua família, mas, sobretudo, com o futuro de Israel e o plano maravilhoso de redenção que Deus estava realizando.[17]

Em quarto lugar, *Deus concede permanência eterna* (61:7). "Permaneça para sempre diante de Deus; concede-lhe que a bondade e a fidelidade o preservem." Spurgeon está correto em dizer que Jesus está entronizado diante de Deus na eternidade. Esta é a nossa segurança, dignidade e delícia. Reinamos nele; com ele estamos assentados nas regiões celestiais. A reivindicação pessoal de Davi para assentar-se no trono para sempre é apenas um presságio do privilégio revelado a todos os verdadeiros crentes. A bondade eterna e a fidelidade imutável são os guarda-costas do trono de Jesus. São os provedores e guardadores de todos os que nele são feitos reis e sacerdotes para Deus.[18]

Um compromisso solene (61:8)

Do reconhecimento, Davi passa para o compromisso e, em virtude do que Deus fez, Davi promete louvar a Deus e cumprir os seus votos a Deus. Vejamos.

Em primeiro lugar, *louvor perene* (61:8a). "Assim, salmodiarei o teu nome para sempre..." Deus nos criou para o louvor de sua glória e formou um povo para o seu louvor. O fim principal do homem é glorificar a Deus e desfrutá-lo para sempre. É isso que Davi deseja fazer por todos os dias

de sua vida, enquanto aqui viver, e continuar fazendo por toda a eternidade.

Em segundo lugar, *votos cumpridos* (61:8b). "[...] para cumprir, dia após dia, os meus votos." Votos feitos devem ser votos cumpridos, todavia Deus não gosta de votos de tolos. Davi votou e quer cumprir, quer ser fiel ao Deus fiel que o tirou do fim do mundo da amargura para a intimidade do santuário. Derek Kidner diz que votos usualmente se cumprem numa só cerimônia, mas Davi tem consciência de uma dívida que nunca poderá ser paga.[19] Por fim, conforme diz Spurgeon: "A Deus que acrescenta dias aos nossos dias dedicaremos todos os nossos dias. Não pediremos férias desta missão divina. Não fazemos pausa nesta atividade sagrada".[20]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 207.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 196.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 76.
4 Ibidem, p. 77.
5 Ibidem.
6 Ibidem.
7 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 240.
8 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 77.
9 Ibidem, p. 85.
10 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 207.
11 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 78.
12 Ibidem.
13 Ibidem, p. 85.
14 Harman, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 241.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 79.

[16] Ibidem.
[17] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 196.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 80.
[19] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 241.
[20] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 80.

Capítulo 61

O poder da argumentação

(Sl 62:1-12)

Esse é mais um salmo de Davi. Alguns estudiosos situam-no no tempo da perseguição de Saul; outros, colocam-no no tempo da conspiração de Absalão. É indubitável que Davi enfrenta inimigos fingidos, mentirosos, que agem com arrogância, aproveitando uma situação de fraqueza para destruir sua reputação e arruinar sua vida. Esses inimigos confiavam em suas riquezas, porém a vaidade tinha atingido também os plebeus. É nesse cenário que Davi exorta sua própria alma a esperar em Deus e exorta o povo a derramar o coração na presença de Deus em vez de confiar nos homens ou nas riquezas. Durante todo o salmo,

Davi está argumentando, por isso vamos considerar o poder da argumentação.

Argumentando com sua própria alma acerca da salvação (62:1,2)

Antes de Davi argumentar com os seus inimigos, com o seu povo e com Deus, ele argumenta com sua própria alma. O solilóquio é o mais difícil discurso, e o autoconfronto é o mais difícil de ser feito. Quatro verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *a única fonte da esperança* (62:1a). "Somente em Deus, ó minha alma..." Davi não devia ter uma alma dobre, um coração dividido, pois confiança parcial é desconfiança total, e Deus deve ser o único objeto de nossa esperança. Nas palavras de Spurgeon, "a confiança que confia parcialmente no Senhor é confiança vã".[1] Warren Wiersbe destaca que o termo traduzido por "somente" (v. 1,2,4,5,6,9) é um advérbio hebraico que significa "de fato, verdadeiramente".[2]

Em segundo lugar, *a única forma de esperar* (62:1b). "[...] espera silenciosa..." Davi diz à sua própria alma para esperar em Deus, com uma esperança serena e confiante. Há aqueles que se desesperam, enquanto outros esperam de forma desassossegada. Devemos esperar de forma silenciosa, descansando nos cuidados de Deus. Purkiser está correto em dizer que esse silêncio na presença de Deus às vezes é a forma mais eloquente de oração.[3] Spurgeon tem razão em dizer que não há eloquência no mundo que chegue à metade do que significa o silêncio paciente dos filhos de Deus.[4]

Em terceiro lugar, *o único autor da salvação* (62:1c). "[...] dele vem a minha salvação." Só de Deus vem a nossa salvação

dos perigos da vida, do ataque dos inimigos, da sordidez dos nossos pecados e da fúria de Satanás. Concordo, portanto, com Spurgeon quando diz que, se esperar em Deus é adoração, esperar na criatura é idolatria. Se esperar somente em Deus é verdadeira fé, então associar-se com o braço de carne é incredulidade petulante.[5]

Em quarto lugar, *a única maneira de não ser muito abalado* (62:2). "Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio; não serei muito abalado." Davi usa três definições para descrever Deus: rocha, salvação e alto refúgio. A apropriação dessas três verdades, pela fé, é que lhe dava garantia de não ser muito abalado. Seus joelhos podiam até ficar bambos, e suas mãos descaídas, mas, confiante, reconhece que não será muito abalado.

Argumentando com seus inimigos acerca de sua crueldade (62:3,4)

Depois de argumentar com sua própria alma, Davi passa a argumentar com os seus inimigos. Destacamos aqui quatro fatos.

Em primeiro lugar, *uma crueldade sem pausa* (62:3a). "Até quando acometereis vós a um homem..." Os inimigos de Davi eram homens que não lhe davam trégua e não desistiam de persegui-lo, pois a ira deles contra Davi era um fogo que não se extinguia. Alimentavam-se de ódio, e perseguir Davi era o combustível que os mantinha vivos. Davi repreende os inimigos insensatos e diz a eles que o intento deles não passa de fantasia e que suas maquinações perversas e sagazes não prosperarão.

Em segundo lugar, *uma crueldade unânime* (62:3b). "[...] todos vós, para o derribardes..." Os inimigos se unem,

se mancomunam e urdem tramas de morte contra Davi. Assim como os judeus e gentios deram as mãos para matar Jesus, assim também os adversários de Davi agiam em bloco contra ele.

Em terceiro lugar, *uma crueldade opressora* (62:3c,4a). "[...] como se fosse uma parede pendida, ou um muro prestes a cair? Só pensam em derribá-lo da sua dignidade..." Davi estava fragilizado, e seus inimigos olhavam para ele como uma parede que estava caindo e como um muro prestes a ruir. A intenção deles era acabar com a reputação de Davi e depois levá-lo à morte. Derek Kidner diz que essa atitude cruel dos inimigos de Davi está em um contraste total com a bondade que poupa a cana quebrada.[6]

Em quarto lugar, *uma crueldade fingida* (62:4b). "[...] na mentira se comprazem; de boca bendizem, porém no interior maldizem." Os inimigos de Davi fazem parte da descendência da serpente; têm o Diabo, o pai da mentira, como seu instrutor; são hipócritas que falam uma coisa e fazem outra; e têm palavras macias como manteiga e um coração ardiloso como uma víbora.

Argumentando com a sua própria alma acerca da esperança (62:5-7)

Davi volta a ter uma conversa no espelho. Volta a confrontar a si mesmo e a argumentar com sua alma. Três verdades são aqui mencionadas.

Em primeiro lugar, *Deus é nossa única fonte de esperança* (62:5). "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança." Este versículo 5 é uma repetição do versículo 1, com a troca da palavra

"salvação" pela palavra "esperança". Diante do ataque dos inimigos fingidos, sua única esperança de escapar era o Senhor, por isso ele exorta a sua alma a esperar silenciosamente em Deus. Spurgeon é pertinente quando escreve: "Fé genuína é fé impávida. A fé que tem olhos simples vê-se segura, mas, se os olhos estiverem escurecidos por duas confianças, ela é cega e inútil".[7] Resta afirmar, portanto, que não confia em Deus de modo algum quem não confia somente nele.

Em segundo lugar, *Deus é nossa única segurança* (62:6). "Só ele é a minha rocha, e a minha salvação, e o meu alto refúgio; não serei jamais abalado." Esse versículo 6, em parte, é uma repetição do versículo 2. Há aqui, entrementes, um progresso da confiança do salmista. No versículo 2, ele falou de não ser muito abalado, mas aqui ele diz: "não serei jamais abalado". Nas palavras de Derek Kidner, "ele reforça a confiança parcial do versículo 2 para uma certeza absoluta no versículo 6".[8] Spurgeon tem razão em dizer que a fé viva aumenta. A experiência desenvolve os músculos espirituais dos santos e dá força varonil que a nossa infância religiosa ainda não alcançou.[9]

Em terceiro lugar, *Deus é nossa única fonte de salvação* (62:7). "De Deus dependem a minha salvação e a minha glória; estão em Deus a minha forte rocha e o meu refúgio." A vida, o trono e a salvação de Davi dependiam não de seu exército nem de sua destreza militar, mas de Deus.

Argumentando com o povo de Deus acerca da confiança (5:8-10)

Tendo confrontado a si mesmo por duas vezes e os seus inimigos, agora Davi volta suas baterias para o povo,

para argumentar e encorajá-los. Quatro verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *confiança em Deus em todo tempo* (62:8a). "Confiai nele, ó povo, em todo tempo..." A confiança em Deus precisa ser em todo tempo: tempos de prosperidade e escassez; tempos de guerra e de paz; tempos de saúde e doença; tempos de quietude e calamidades. Não confia em Deus quem não confia nele em todo tempo.

Em segundo lugar, *confiança em Deus de todo o coração* (62:8b). "[...] derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio." Allan Harman diz que a experiência de salvação para si o impele a convocar outros para partilharem da mesma experiência com Deus.[10] Nessa mesma linha de pensamento, Derek Kidner escreve: "A experiência de Davi é algo para repartir. Aquilo que descobriu no meio de uma crise terá validade em todo o tempo; o que Deus fez para Davi, pode fazer para outros".[11] Derramar perante Ele o coração é orar com intensidade; é depositar aos seus pés nossa ansiedade; é colocar em suas mãos a nossa causa; e é também colocar os nossos olhos nele e esperar dele o socorro.

Em terceiro lugar, *a inutilidade da confiança nos homens* (62:9). "Somente vaidade são os homens plebeus; falsidade, os de fina estirpe; pesados em balança, eles juntos são mais leves que a vaidade." A vida fútil tinha atingido todas as classes sociais. Pobres e ricos, grandes e pequenos, plebeus e de fina estirpe, todos estavam na mesma feira das vaidades. Não tinham densidade e eram como fumaça ou neblina. Nem faziam cócegas nos ponteiros da balança. Eram mais leves do que uma bolha de sabão ou mais leves do que um sopro de vento, por isso é expressa futilidade confiar nos

homens, quer ricos quer pobres. Nada devemos temer da parte do homem, como também nada temos a esperar da parte dele. Spurgeon tem razão em dizer que, se julgarmos os pobres e os ricos não pela sua quantidade nem pela sua aparência, mas pelo seu peso, eles jamais nos enganarão.[12]

Em quarto lugar, *a falsa confiança nas riquezas* (62:10). "Não confieis naquilo que extorquis, nem vos vanglorieis na rapina; se as vossas riquezas prosperam, não ponhais nelas o coração." Confiar em dinheiro roubado e vangloriar-se em riquezas tomadas com violência é a mais completa insensatez. Nas palavras de Purkiser, "a riqueza obtida à custa da honestidade é comprada por um preço alto demais".[13] Colocar o coração nas riquezas mal adquiridas ou confiar no dinheiro é uma consumada loucura. Nas palavras de Spurgeon, "riquezas adquiridas de forma ilícita são a confiança dos tolos, pois a peste da morte está nelas. Estão cheias de cancro e fedem por causa da maldição de Deus".[14] Concordo com Allan Harman quando diz que 1Timóteo 6:17 poderia ser o comentário dessa seção do salmo: "Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento".

Argumentando com Deus acerca de seu poder, graça e justiça (62:11,12)

Davi deixa sua última argumentação para o ponto mais alto de seu discurso: agora, ele argumenta com Deus. Allan Harman está certo ao dizer que os versículos 11 e 12 proveem a base para a depreciação da confiança nos homens

dada nos versículos precedentes.[15] Três são as declarações do salmista aqui.

Em primeiro lugar, *ao Senhor pertence o poder* (62:11). "Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus." Warren Wiersbe diz que a expressão "Uma vez [...] duas vezes" é a maneira de dizer "várias vezes, repetidamente" (Am 1:3,6,9,13).[16] Davi ouviu essa verdade de forma tão exaustiva que ela ficou impregnada em seu coração, isto é, a verdade de que o poder pertence a Deus. O poder dos homens é limitado e temporário, mas Deus derruba dos tronos os poderosos. Ele levanta reinos e abate reinos; e Deus não tem apenas algum poder; ele é Todo-poderoso.

Em segundo lugar, *ao Senhor pertence a graça* (62:12a). "E a ti, Senhor, pertence a graça..." A graça é o dom imerecido de Deus, seu favor a quem nada merece, mas precisa. Tudo o que temos e recebemos não é fruto de mérito, mas oferta da graça. Como o poder e a graça pertencem a Deus, a força divina não nos esmagará, mas será usada para o nosso bem.

Em terceiro lugar, *ao Senhor pertence a justiça* (62:12b). "[...] pois a cada um retribuis segundo as suas obras." Os homens são injustos, os tribunais da terra são passíveis de injustiça; palácios, parlamentos e cortes não raro cometem injustiças. Mas o trono de Deus é trono de justiça, e Ele retribui a cada um segundo as suas obras.

Notas

[1] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 87.

[2] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 197.

[3] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 208.
[4] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 87.
[5] Ibidem.
[6] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 243.
[7] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 89.
[8] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 243.
[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 89.
[10] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 243.
[11] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 244.
[12] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 91.
[13] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 208.
[14] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 91.
[15] Harman, Allan. *Salmos,* p. 243.
[16] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 197.

Capítulo 62

Deus, o centro de nossos anseios

(Sl 63:1-11)

Esse é um salmo de Davi e retrata a fuga dele pelo deserto de Judá enquanto era rei de Israel. Esse fato aponta para o período da conspiração de Absalão, para lhe tirar a vida e tomar-lhe o trono. O deserto de Judá é o deserto todo a leste da tribo de Judá. Limita-se ao norte com a tribo de Benjamim, estendendo-se ao sul até a extremidade sudoeste do mar Morto; a oeste, o limite é o mar Morto e o rio Jordão.[1]

Warren Wiersbe diz que Davi, inobstante essa amarga situação, não olhou para o passado com remorso pelos erros que cometeu como pai, como também não olhou ao redor com medo e

lamentação diante dos desconfortos e perigos do deserto. Antes, olhou para o alto, para o Senhor, e reafirmou sua fé e seu amor.[2]

Davi, mesmo no deserto, busca a face de Deus pela manhã e medita em Deus nas vigílias da noite. Nas palavras de Spurgeon, "não havia deserto no coração, embora houvesse deserto ao redor".[3] Seu maior anseio não é pela coroa, mas por Deus; seu maior desejo não é pelo conforto do palácio, mas pela comunhão com Deus; e seu maior bem não é a vida, mas a graça de Deus. Concordo com Derek Kidner quando diz que a pior situação trouxe o melhor que Davi pôde produzir, tanto em palavras como em atos [...]. Talvez haja outros salmos que se igualem a esse na expressão de profunda devoção; poucos, ou talvez nenhum, o ultrapassam.[4]

Charles Swindoll enriquece nossa compreensão desse salmo ao escrever:

> O Salmo 63 é o cântico de Davi sobre o que significa sentir um anseio desesperado por Deus e o que significa sentir-se completamente satisfeito apenas nele. Não é um cântico de atividade, mas de quietude. Davi não escreveu uma marcha para impelir pés agitados, mas um soneto para atrair almas sedentas.[5]

Três verdades eloquentes são destacadas pelo salmista: Deus é o nosso maior desejo, nossa maior aspiração e nossa maior defesa.

Deus, nosso maior desejo (63:1-4)

Davi já é um homem velho e está fugindo de seu próprio filho Absalão para o deserto de Judá. Está deixando para

trás o palácio e o templo, a coroa e os confortos da casa real, e está habitando em tendas no deserto, sendo alvo de uma dolorosa conspiração. Mesmo nesse cenário cinzento, Davi expressa seu anseio por Deus. Nas palavras de Derek Kidner, "o anseio que se expressa nestes versículos não é o tatear de um estranho que procura achar Deus; é a impaciência de um amigo, de alguém que ama, para estar em contato com aquele que tanto preza".[6] Destacamos aqui cinco verdades sublimes.

Em primeiro lugar, *Deus, nossa fortaleza pessoal* (63:1a). "Ó Deus, tu és o meu Deus forte..." O relacionamento de Davi com Deus não era mero formalismo, de modo que ele podia dizer que Deus era o seu Deus, o seu Deus forte; por isso, nenhum exército poderia intimidá-lo. Derek Kidner está certo em dizer que esse relacionamento é o âmago da aliança, desde o tempo dos patriarcas até ao dia de hoje (Gn 17:8; Hb 8:10).[7] Warren Wiersbe diz que ser capaz de dizer, pela fé, "Tu és o meu Deus forte" transformou a experiência de Davi no deserto num ato de adoração.[8] Spurgeon é oportuno quando diz que, enquanto os ateus dizem "Não há Deus", e os pagãos cultuam muitos deuses, os verdadeiros crentes dizem: "Ó Deus, tu és o meu Deus". Ele é Deus por escolha, por aliança e por confissão.[9]

Em segundo lugar, *Deus, nossa maior aspiração* (63:1b). "[...] eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água". Allan Harman diz que o verbo traduzido aqui por "buscar", em hebraico, vem de um substantivo que significa "aurora", e, por causa dessa conexão, muitas versões o têm traduzido por "buscar cedo".[10] Davi busca a Deus desde a manhã, busca-o com todas as forças, com todo o seu ser, corpo e alma. Sua alma tem sede não de saúde ou riqueza,

mas de Deus; tem sede não da coroa ou do poder, mas de Deus, até mesmo seu corpo almeja Deus, como uma terra árida, exausta e sem água anseia pela chuva. Spurgeon adverte: "A nossa miséria é que temos tão pouca sede destas coisas sublimes [...]. É de admirar que os crentes não tenham cada vez mais sede da porção que está além do rio, onde não terão mais fome, nem sede, mas verão a face do seu Deus".[11] Concordo com Charles Swindoll quando diz que a "terra seca e cansada" é um retrato vívido do ambiente em que ele estava, no deserto de Judá, bem como do nosso mundo atual. Poucos cristãos estão vivendo acima da opressão diária da atividade, e muitos, hoje, estão cativados por coletar "coisas", armazenar suas "coisas" e, então, procurar mais "coisas". O resultado é que a casa deles fica entulhada, ao passo que a alma fica cada vez mais vazia.[12]

Em terceiro lugar, *Deus, nossa maior contemplação* (63:2). "Assim, eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória." Davi, mesmo no deserto, sofrendo uma conspiração implacável de seu próprio filho, não se rende ao abatimento, porém entrega-se à contemplação. O conteúdo da visão é sumariado nas palavras: "tua força, tua glória e tua graça". Imagina-se no santuário, contemplando a força, a glória e a graça de Deus. Derek Kidner diz, corretamente, que Deus não é prisioneiro de seu santuário,[13] por isso podemos contemplá-lo e adorá-lo em todo lugar, sob quaisquer circunstâncias. Warren Wiersbe diz que, ao contrário do povo supersticioso de Judá no tempo de Jeremias (Jr 3:16; 7:7), Davi olhou além do que era material e viu as realidades espirituais.[14]

Em quarto lugar, *a graça de Deus, nosso maior bem* (63:3). "Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam." Davi está em perigo real: ele sofreu baixa

em seu exército, líderes importantes da nação bandearam para o lado de Absalão, e o filho rebelde está coabitando com suas concubinas no terraço do palácio real, em plena luz do sol. Precisou fugir às pressas, de noite, descalço, de Jerusalém e está dormindo em tendas improvisadas; além disso, seu exército está travando uma batalha sangrenta no campo. Mas, diante de tantos perigos, Davi diz: "A tua graça é melhor do que a vida". Oh, esse homem deseja de tal maneira Deus que seu prazer não está na vida, mas na graça de Deus, e, mesmo sob circunstâncias tão medonhas, abre seus lábios não para murmurar, mas para louvar a Deus. A verdadeira estimativa de Davi é testificada por um exército inteiro de mártires e declarada em palavras semelhantes por Paulo: "Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (At 20:24).[15] Spurgeon diz, com razão, que habitar com Deus é melhor do que a vida no que tem de melhor. Viver em paz, em um palácio, com saúde, com honra, com riqueza, com prazer, sim, mil vidas como esta não são iguais à vida eterna que há no sorriso do Senhor, em quem verdadeiramente vivemos, nos movemos e existimos, tendo certeza de que a vida é passageira, mas a graça é eterna.[16]

Em quinto lugar, *Deus, objeto do nosso constante louvor* (63:4). "Assim, cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver; em teu nome, levanto as mãos." Por causa da graça, o dom imerecido de Deus, Davi compreende que seu dever é bendizer a Deus durante todos os dias de sua vida. Sua estabilidade no trono pode ser interrompida, mas não o seu louvor, e é nessa conjuntura de aperto que Davi levanta as mãos, em nome de Deus, num sinal de rendição e adoração. Allan

Harman diz que o ato de erguer as mãos era uma expressão externa do coração soerguido (Sl 28:2; 1Tm 2:8).[17]

Deus, nosso maior deleite (63:5-8)

Davi faz uma transição da sua maior aspiração por Deus, para o seu maior deleite em Deus. Cinco verdades preciosas são aqui descritas.

Em primeiro lugar, *Deus, objeto de nosso maior prazer* (63:5a). "Como de banha e de gordura farta-se a minha alma..." A banha e a gordura eram as partes mais nobres e mais excelentes da carne e representavam as comidas mais finas (81:16; 147:14; Dt 32:14; Is 25:6). A ideia é que a presença de Deus é como as comidas mais ricas.[18] Ao contemplar a Deus no santuário e ao alegrar-se em sua força e em seu poder; ao reconhecer que a graça de Deus é melhor do que a própria vida, proclama que, mesmo no deserto, sua alma está desfrutando de um rico banquete, como aquele que Jesus promete à sua igreja: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo" (Ap 3:20).

Em segundo lugar, *Deus, objeto de nosso maior júbilo* (63:5b). "[...] e, com júbilo nos lábios, a minha boca te louva." Davi vive acima das circunstâncias, porque seus olhos estão postos em Deus, suas mãos são levantadas para Deus, seu corpo anseia por Deus e sua alma está banqueteando com as ricas iguarias da mesa de Deus. Mesmo no deserto, ele abre sua boca num louvor exuberante a Deus, e, mesmo debaixo de perseguição, seus lábios estão perfumados por um jubiloso cântico que soa de plenos pulmões.

Nas palavras de Spurgeon, "a comunhão com Deus em secreto é o céu na terra".[19]

Em terceiro lugar, *Deus, objeto de nossas mais doces recordações* (63:6). "No meu leito, quando de ti me recordo e em ti medito, durante a vigília da noite." O Davi que busca a Deus desde o romper da alva também se recorda dele e medita nele nas vigílias da noite. Nas palavras de Purkiser, "de madrugada (63:1) e de noite (63:6) o salmista centraliza seus pensamentos e desejos no Senhor".[20] A alma do salmista está impregnada pela presença de Deus, e sua memória é um baú cheio de ricas recordações. A ajuda no passado gera confiança e alegria no presente, e sua meditação é uma fonte de onde prorrompe abundante louvor de seus lábios. Nas palavras de Derek Kidner, "as adversidades de Davi produziram-lhe rios no deserto e mel da rocha".[21]

Em quarto lugar, *Deus, objeto de nossa maior segurança* (63:7). "Porque tu me tens sido auxílio; à sombra das tuas asas, eu canto jubiloso." Ao recordar de Deus e meditar na excelência de sua pessoa, na perfeição de seus atributos e na grandeza de suas obras, Davi reconhece que Deus tem sido fiel e constante em seu auxílio. Sendo assim, o melhor lugar do mundo é debaixo das asas de Deus, mesmo que isso ocorra num deserto hostil, como o deserto de Judá. Mesmo forçado a fugir da casa real, deixando para trás o trono e o povo, ele encontra motivos para um cântico jubiloso.

Em quinto lugar, *Deus, objeto do nosso maior apego* (63:8). "A minha alma apega-se a ti; a tua destra me ampara." Davi não se apega ao trono, à coroa, à casa real, ao conforto do palácio, às riquezas do seu reino, nem mesmo à sua vida: a alma de Davi se apega a Deus, e ele tem plena consciência

de que é a mão direita de Deus que o ampara e lhe dá a vitória.

Deus, nossa maior defesa (63:9-11)

Do seu deleite em Deus, Davi passa a descrever a ruína total de seus inimigos, os quais não estão afrontando apenas o rei, mas o seu Deus. Eles não enfrentam apenas um exército humano, mas o braço onipotente do Deus todo-poderoso. Vejamos.

Em primeiro lugar, *nossos inimigos cairão inexoravelmente* (63:9). "Porém os que me procuram a vida para a destruir abismar-se-ão nas profundezas da terra." O poder dos inimigos de Deus e do seu povo é como uma sombra passageira, porém sua derrota é rápida e seu endereço é o *Sheol,* o lugar dos mortos. Assim como Davi procurava avidamente Deus, seus inimigos procuravam avidamente sua morte. Os inimigos de Davi querem destruí-lo e o caçam para o matar, pois querem não apenas tomar-lhe o trono numa abominável conspiração, mas também querem ceifar sua vida. Contudo, como Deus é o auxílio e o amparador de Davi, esses inimigos cairão na cova que abriram para ele, ou seja, o destino deles é a sepultura. Nas palavras de Spurgeon: "Todo ataque objetivado contra os tementes a Deus recairá nos perseguidores. Quem ataca o crente coloca um prego no próprio caixão".[22]

Em segundo lugar, *nossos inimigos serão entregues à morte* (63:10). "Serão entregues ao poder da espada e virão a ser pasto dos chacais." Os conspiradores caíram à espada e foram fragorosamente derrotados. Spurgeon escreve: "Aqueles que se servem da espada pela espada perecerão. Os homens de sangue sentirão a própria vida esguichando

deles, quando para eles o dia mau chegar e eles forem dados a sentir em pessoa os horrores da morte".[23] Seus corpos insepultos tornaram-se carcaças e serviram de refeição aos chacais (animais da carniça residual — comem os restos da caça que os animais maiores rejeitam).

Em terceiro lugar, *nossos inimigos terão sua boca mentirosa tapada, mas o rei alegrar-se-á em Deus* (63:11). "O rei, porém, se alegra em Deus; quem por ele jura gloriar-se-á, pois se tapará a boca dos que proferem mentira." Allan Harman diz que o salmo termina com uma nota de jubilosa confiança. Davi faz referência a si mesmo como "o rei", pois, mesmo enquanto fugia de Jerusalém, ainda sabe que ele é o rei divinamente designado.[24] Enquanto a boca dos mentirosos é tapada e silenciada, a boca dos fiéis é aberta para se alegrarem em Deus. Davi não se alegra por ver os inimigos mortos e seus corpos insepultos semeados no deserto. Ele se alegra em Deus. Em outras palavras, Davi se alegra por ver a justiça de Deus vindicada e o juízo de Deus aplicado.

Notas

1 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 111.
2 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica:, 2006, p. 198.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2, p. 106.
4 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 245.
5 Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 167.
6 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 246.
7 Ibidem.
8 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3, p. 198.

[9] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 124.
[10] Harman, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 244.
[11] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 108.
[12] Swindoll, Charles R. *Vivendo Salmos*, p. 168.
[13] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 247.
[14] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 198.
[15] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 247.
[16] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 108.
[17] Harman, Allan. *Salmos*, p. 245.
[18] Ibidem.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 119.
[20] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 209.
[21] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 248.
[22] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 110.
[23] Ibidem.
[24] Harman, Allan. *Salmos*, p. 246.

Capítulo 63

Lidando com o inimigo camuflado

(Sl 64:1-10)

Esse é um salmo de lamento, escrito por Davi, nos tempos em que o rei Saul e seus asseclas o perseguiam para arruinar sua reputação e para, assim, destruir sua vida. Purkiser corrobora dizendo que esse salmo é um típico salmo de lamentação, seguindo o padrão costumeiro de clamor, situação difícil, petição e promessa.[1]

Derek Kidner destaca que, no salmo 63, Davi focalizava sua atenção em Deus, e o inimigo ficava quase fora do quadro, enquanto nesse salmo a posição é invertida.[2] Allan Harman diz que há, nesse salmo, um agudo contraste entre dois tipos de ataque. De um lado,

os inimigos atacam com suas flechas mortíferas (64:3); por outro lado, Deus os ataca com suas flechas (64:7).[3] O salmo é composto de quatro partes: o clamor do justo, a trama do inimigo, o julgamento do inimigo e a alegria do justo.

O clamor a Deus (64:1,2)

Há algumas lições importantes a serem destacadas acerca desse clamor feito por Davi.

Em primeiro lugar, *quem clama* (64:1). É o próprio Davi quem clama. Ele é o ungido de Deus, mas ainda não assumira o trono. Está sendo encurralado por inimigos, sendo alvo de conspiração dos malfeitores e atacado em sua honra por adversários que se escondem nas sombras do anonimato.

Em segundo lugar, *a quem clama* (64:1). Davi clama a Deus. Ele não busca aliados políticos para enfrentar Saul, não forma um exército paralelo para derrotar seu adversário, tampouco usa armas carnais nessa batalha: ele busca a Deus em oração.

Em terceiro lugar, *como clama* (64:1). Davi ergue sua voz a Deus no meio de suas perplexidades. É como se ele estivesse atordoado num campo minado pelo perigo da espada afiada e das flechas encharcadas de veneno que visam matá-lo.

Em quarto lugar, *o que pede em seu clamor* (64:1,2). Davi pede a preservação de sua vida. Pede para Deus escondê-lo da conspiração dos malfeitores e do tumulto dos que praticam a iniquidade. Seus inimigos querem assassinar sua reputação antes de tirar-lhe a vida, e ele sabe que é vítima de um complô, sabe que há uma conspiração em curso para

evitar que ele suba ao trono, e sabe também que há um tumulto criado no laboratório da perversidade para tirar sua vida. Warren Wiersbe destaca que Davi enfrenta dois problemas: a conspiração secreta de Saul e seus oficiais e o "tumulto" aberto daqueles que desejam agradar a Saul.[4]

A trama do inimigo (64:3-6)

Davi chama seus adversários de "inimigo" (64:10), malfeitores (64:2) e praticantes da iniquidade (64:2). Derek Kidner diz que tudo nesses versículos ressalta a astúcia e a perfídia da oposição, que luta a partir de esconderijos.[5] Algumas lições solenes são aprendidas aqui.

Em primeiro lugar, *a arma do inimigo* (64:3). "Os quais afiam a língua como espada e apontam, quais flechas, palavras amargas." O ataque não é com armas físicas, mas com a língua. Allan Harman corrobora dizendo que a batalha não é deflagrada com armas físicas, mas com palavras afiadas que ferem como se fossem espadas ou flechas. Essas palavras amargas vêm depois de os perversos se reunirem e tomarem conselho, e dessa ruidosa multidão vêm os ataques contra os quais o salmista necessita da proteção divina.[6] Trata-se de um assassinato de reputação. É um atentado contra a honra, uma desconstrução do caráter. Há menção aqui de duas armas: espada afiada e flecha apontada. A espada fere quem está perto, a flecha atinge quem está longe, ou seja, os inimigos querem atacar os de perto e os de longe.

Em segundo lugar, *a forma do ataque* (64:4a). "Para, às ocultas..." O inimigo gosta de lutar nas trevas, na escuridão, e prefere o anonimato. Sua causa é injusta, seus propósitos são nefastos, por isso seu ataque é às ocultas. Vive

de tocaia e é especialista em armadilhas. Nas palavras de Derek Kidner, "ele não se arrisca à oposição aberta".[7]

Em terceiro lugar, *o alvo do ataque* (64:4b). "[...] atingirem o íntegro..."O que incomoda os inimigos de Davi não são seus defeitos, mas suas virtudes, e eles querem destruí-lo não por causa de seus pecados, mas por causa de sua integridade. Isso nos ensina que a prática da santidade não nos poupa da fúria dos inimigos.

Em quarto lugar, *a estratégia do ataque* (64:4c). "[...] contra ele disparam repentinamente e não temem." O inimigo não só age na surdina, mas ataca também com subitaneidade, isto é, ataca repentinamente sem que o íntegro consiga escapar, pois toda a estratégia é cuidadosamente planejada.

Em quinto lugar, *a contumácia do inimigo* (64:5a). "Teimam no mau propósito; falam em secretamente armar ciladas..." Os inimigos de Davi não lhe dão descanso. Eles atacam sem trégua, são contumazes em seus ardis e alimentam-se da traição.

Em sexto lugar, *a insolência do inimigo* (64:5b). "[...] dizem: Quem nos verá?" Os inimigos de Davi estavam tão confiantes na eficácia de suas estratégias para o derrubarem que achavam que jamais suas ciladas seriam descobertas. Insolentemente, imaginavam que nem Deus poderia apanhá-los em sua conspiração. Mas os inimigos se esquecem dos olhos que tudo veem e a todos sondam.

Em sétimo lugar, *o complô dos inimigos* (65:6a). "Projetam iniquidade, inquirem tudo o que se pode excogitar..." Os inimigos estão mancomunados e agem em bloco, formando um complô. Têm tudo planejado, de forma bem detalhada, para arruinar a carreira de Davi e tirar sua vida.

Em oitavo lugar, *a corrupção inata dos inimigos* (64:6b). "[...] é um abismo o pensamento e o coração de cada um deles." Davi destampa aqui o fosso da corrupção de seus inimigos e faz um comentário agudo acerca da natureza humana. Cada um de seus inimigos era um poço de escuridão, de modo que o pensamento e o coração de cada um não passavam de um abismo — é isso que chamamos de depravação total.

O julgamento divino (64:7-9)

Davi faz uma transição da trama do inimigo para o julgamento divino. Três verdades solenes podem ser extraídas do texto.

Em primeiro lugar, *a derrota dos inimigos é justa* (64:7,8a). "Mas Deus desfere contra eles uma seta; de súbito, se acharão feridos. Dessarte serão levados a tropeçar; a própria língua se voltará contra eles..." Os inimigos lançaram flechas contra Davi, e Deus trabalhou para que essas flechas voltassem contra eles mesmos para feri-los. Eles atacaram Davi com a língua e eles mesmos tropeçaram em sua língua. Nas palavras de Warren Wiersbe, "Deus derrota nossos inimigos com as mesmas armas que usam contra nós".[8] Derek Kidner diz que os conspiradores são rapidamente aniquilados com suas próprias armas.[9] Allan Harman diz, corretamente, que Deus trará juízo sobre essas pessoas perversas, e isso será saudado com reconhecimento por outros de que essa é deveras uma pena justa para eles.[10] Esse salmo pode ser muito bem aplicado a Hamã e Mardoqueu. O inimigo é Hamã; o homem reto em quem Hamã atira é Mardoqueu. Hamã entrou em conluio com seus amigos para tecer armadilhas para Mardoqueu e o seu povo,

porém sua artimanha resultou na sua própria destruição. Também esse salmo pode ser aplicado a Daniel, quando foi lançado na cova dos leões. Daniel é o homem reto em quem atiraram suas flechas, e o inimigo são os príncipes da corte de Dario, que fizeram indagações maliciosas contra ele, entraram em acordo para armar ciladas contra ele e ganhar vantagem sobre ele, o que, por fim, lhes causou a própria ruína.[11]

Spurgeon elucida esse ponto da seguinte maneira:

> Já que dispararam, então serão alvos de disparo. Um arqueiro melhor do que eles fixará o alvo certo no coração deles. Basta uma das setas, porque ele nunca erra o alvo. O Senhor vira o jogo em relação aos adversários e os derrota com as próprias armas deles. Estavam procurando pegar o santo de surpresa, mas são eles que são apanhados de repente. Desejaram infligir feridas mortais, mas são eles que são atingidos com feridas que ninguém pode curar. Enquanto estavam entesando o arco, o grande Deus já tinha o seu preparado.[12]

Em segundo lugar, *a derrota dos inimigos é notória* (64:8b). "[...] todos os que veem meneiam a cabeça." A derrota dos inimigos de Davi tornou-se notória e pública, e o que fizeram na surdina, na escuridão, colheram à plena luz do sol. O que só eles imaginavam que sabiam agora é contemplado por todos. Derek Kidner diz que, no Antigo Testamento, a expressão "menear a cabeça" pode indicar escárnio (Jr 48:27) ou preocupação chocada (Jr 31:18). Aqui pode-se tratar de qualquer dos dois, sendo a segunda alternativa a mais provável.[13]

Em terceiro lugar, *a derrota dos inimigos é pedagógica* (64:9). "E todos os homens temerão, e anunciarão o que ele

faz." Tanto o livramento do íntegro como a destruição dos malfeitores servem de lição para os homens. Tanto a graça como a justiça de Deus levam os homens a temer a Deus e proclamar suas obras. Spurgeon diz que a derrota que Deus infligirá aos maus será tão notável, tão contundente e tão terrível que será falada por todos os grupos de pessoas. Pecaram secretamente, mas o castigo será dado sob a face do sol. Os juízos de Deus são tão claros e manifestos que não há como os homens interpretá-los erroneamente. Basta pensarem um pouco para deles extrair o verdadeiro ensino.[14]

A alegria do justo (64:10)

O salmo começa com o clamor aflito de Davi (64:1,2), mas termina com todos os justos se gloriando no Senhor (64:10). Duas lições são aqui aprendidas.

Em primeiro lugar, *o justo confia no Senhor, por isso se alegra nele* (64:10a). "O justo se alegra no SENHOR e nele confia..." Davi não enfrentou seus adversários usando as mesmas armas deles, mas recorreu ao Senhor, sabendo que a Ele pertence a vingança. Agora, diante do livramento divino, deixa transbordar sua alegria, fruto de uma confiança inabalável no Senhor. Spurgeon tem razão em dizer que essa alegria não será egoísta ou apenas no âmbito dos sentidos, mas totalmente em referência ao Senhor, pois o mesmo Deus que cumpre as ameaças não se esquecerá das promessas.[15]

Em segundo lugar, *os retos de coração não se alegram com o fracasso dos inimigos, mas com a vindicação da glória de Deus* (64:10b). "[...] os de coração reto, todos se gloriam." Davi e o povo de Deus não estão exultando porque os inimigos foram derrotados, mas porque a graça e a justiça de

Deus foram realizadas. Termino com o que diz Spurgeon: "enquanto os estranhos têm medo, os filhos estão alegres por causa do poder e da justiça do Pai. Aquilo que alarma o mal, alegra o bem".[16]

Notas

1 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 209.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 249.
3 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 246.
4 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 200.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 249.
6 Harman, Allan. *Salmos,* p. 246,247.
7 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 250.
8 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 201.
9 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 250.
10 Harman, Allan. *Salmos*, p. 247.
11 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 129.
12 Ibidem, p. 128.
13 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 250,251.
14 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 129.
15 Ibidem.
16 Ibidem.

Capítulo 64

A excelsa generosidade de Deus

(Sl 65:1-13)

Esse é um salmo de Davi que não anuncia a data em que foi composto. Trata-se de um salmo de gratidão pela generosa graça de Deus, pela excelência do poder de Deus e pela abundante provisão do Senhor. Derek Kidner diz que aqui quase ouvimos o tamborilar das chuvas e sentimos a irrupção do crescimento das plantas ao nosso redor. O texto nos fala de Deus nos átrios do seu templo (65:1-4), no seu vasto domínio (65:5-8) e entre as colinas e vales (65:9-13).[1] Purkiser resume, com clareza, esse belíssimo poema quando diz que o salmo 65 é um salmo de adoração, talvez para o festival da colheita ou na ocasião

de uma colheita especialmente abundante. Ele se concentra no dever e no privilégio da adoração e ressalta a glória de Deus em seu templo, entre as nações e na fertilidade da natureza.[2]

O Deus da graça, que salva os pecadores (65:1-4)

Davi abre esse belo poema dizendo que Deus é digno de receber confiança e louvor por causa de sua graça perdoadora. Nas palavras de Derek Kidner, "esta abertura sugere uma multidão de adoradores no templo, celebrando uma renovação da misericórdia de Deus e a resposta às suas orações".[3] Destacamos aqui sete verdades sublimes.

Em primeiro lugar, *Ele merece nosso louvor* (65:1a). "A ti, ó Deus, confiança e louvor em Sião!..." Confiar no homem é assaz arriscado, mas confiar em Deus é totalmente seguro. Qualquer louvor dado ao homem é exaltar o barro, é enaltecer o pó, é privar Deus de receber a glória devida ao seu nome, pois só Deus é digno de confiança e louvor. É digno de destaque que a palavra traduzida por "confiança" no hebraico é traduzida também por "silêncio". Concordo com Derek Kidner quando diz que às vezes quedar-se em silêncio diante de Deus pode ser um ponto alto do louvor, reverenciando a sua presença e ficando submisso à sua vontade.[4]

Em segundo lugar, *Ele merece nossa lealdade* (65:1b). "[...] E a ti se pagará o voto." O voto é uma promessa feita voluntária e deliberadamente a Deus em ocasiões extraordinárias. É uma promessa santa pela qual nos prendemos a oferecer algo a Deus.[5] Porque Deus é fiel em cumprir suas promessas e poderoso para mudar os cenários mais

sombrios de nossa vida, devemos cumprir com lealdade nossos votos feitos a Ele.

Em terceiro lugar, *Ele escuta nossas orações* (65:2,3a). "Ó tu que escutas a oração, a ti virão todos os homens, por causa de suas iniquidades..." Ouvir as orações e atender a elas é prerrogativa do Senhor, prática habitual do Senhor, prazer do Senhor, natureza do Senhor, glória do Senhor.[6] De igual modo, só Deus pode perdoar pecados, é prerrogativa exclusiva dele. Como todos os homens são pecadores, só Deus é o porto seguro para eles, pois não há perdão em nenhum outro e só nele temos copiosa redenção.

Em quarto lugar, *Ele perdoa nossos pecados* (65:3b). "[...] Se prevalecem as nossas transgressões, tu no-las perdoas." Mesmo que as nossas transgressões sejam inumeráveis e mesmo que a nossa dívida seja impagável, Deus, por sua misericórdia, nos perdoa, apagando nossas transgressões e afastando de nós nossos pecados, como o Oriente se afasta do Ocidente (103:12). Spurgeon está certo em dizer que os nossos pecados, não fosse pela graça, prevaleceriam contra nós no tribunal da justiça divina, no tribunal da consciência e na batalha da vida.[7]

Em quinto lugar, *Ele nos escolhe soberanamente* (65:4a). "Bem-aventurado aquele a quem escolhes..." Não somos nós quem escolhemos Deus, mas é Ele quem nos escolhe, e o faz livre e soberanamente. A eleição divina é incondicional, ou seja, Ele escolheu-nos não porque cremos, mas para crermos (At 13:49); escolheu-nos não porque éramos santos, mas para sermos santos (Ef 1:4); escolheu-nos não por causa de nossas obras, mas para as boas obras (Ef 2:10); e escolheu-nos não por causa dos nossos méritos, mas apesar dos nossos deméritos (Rm 5:8).

Em sexto lugar, *Ele nos chama eficazmente* (65:4b). "[...] e aproximas de ti, para que assista nos teus átrios..." O mesmo Deus que predestina, também chama (Rm 8:30), e ninguém pode chegar até Cristo se o Pai não o trouxer (Jo 6:37,38). Sendo assim, as ovelhas de Cristo ouvem a sua voz e o seguem (Jo 10:27-30).

Em sétimo lugar, *Ele nos satisfaz plenamente* (65:4c). "[...] ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa." Aqueles que são escolhidos soberanamente e chamados eficazmente têm comunhão com Deus e nele se deleitam.

O Deus de poder, que reina sobre as nações (65:5-8)

Davi faz uma transição da graça de Deus destinada aos pecadores para o poder de Deus demonstrado às nações, e aqui a soberania universal de Deus é proclamada com vívida eloquência. Warren Wiersbe diz que passamos do povo de Israel para todas as nações do mundo e da graça de Deus oferecida a seu povo para seu domínio sobre os gentios.[8]

Derek Kidner diz que a ênfase recai sobre a revelação de Deus como Senhor da natureza e do homem, cujo poder para colocar os turbulentos no seu lugar certo é tão bem-vindo como é temível.[9] Nessa mesma linha de pensamento, Allan Harman diz que o grande Deus Criador responde às orações de seu povo por meio de feitos que inspiram reverência (65:5). Ele é o objeto da esperança do mundo inteiro, é o Criador dos montes poderosos, e é o controlador de seu mundo, apaziguando tanto o estrugir dos oceanos poderosos como os tumultos da sociedade humana.[10] Vejamos.

Em primeiro lugar, *Ele é a esperança dos povos* (65:5). "Com tremendos feitos nos respondes em tua justiça, ó Deus, Salvador nosso, esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos". As nações têm muitos deuses, concebidos por sua imaginação e fabricados por suas mãos. Contudo,há um só Deus, vivo e verdadeiro, o qual é o Criador e o sustentador de toda a criação. Ele tem feito notório o seu nome em suas soberanas incursões no universo na história dos homens. É importante ressaltar, como diz Derek Kidner, que a justiça de Deus é dinâmica, retificando aquilo que está errado ou fora de ordem e trazendo salvação, e o motivo de ela fazer assim é moral, e são justos seus fins e seus meios.[11]

Em segundo lugar, *Ele firma os montes altaneiros* (65:6). "Que por tua força consolidas os montes, cingido de poder." A estabilidade dos montes não é atribuída a certas leis geológicas, mas ao poder de Deus. Os montes são as estruturas mais sólidas e permanentes da terra, e as tempestades não os tiram de seu lugar. Davi, porém, entende que é a força de Deus que consolida os montes, ou seja, até mesmo as estruturas mais sólidas do mundo dependem de Deus para existir. Nas palavras de Spurgeon, "Davi vê a mão de Deus fiar os Alpes e os Andes nas suas respectivas bases, e por isso canta em louvor a Ele".[12]

Em terceiro lugar, *Ele acalma os mares revoltos* (65:7a). "Que aplacas o rugir dos mares, o ruído das suas ondas..." Os mares com suas ondas revoltas estão também debaixo do governo de Deus, que faz sossegar o vento e aquietar os vagalhões em fúria, de modo que o mar se acalma ante o poder de sua voz (Mc 4:39).

Em quarto lugar, *Ele acalma o tumulto dos povos* (65:7b). "[...] e o tumulto das gentes." As nações vivem alvoroçadas e tumultuadas. Guerras, revoltas, motins, levantes sacodem as gentes. Só o Senhor põe termo à guerra, pois só Ele tem o poder de quebrar os carros e despedaçar as lanças. Spurgeon está correto ao dizer que as nações são tão difíceis de governar quanto o próprio mar; são muito espasmódicas, traiçoeiras, inquietas e furiosas, e não toleram restrições nem são contidas por leis.[13]

Em quinto lugar, *Ele é temido em todo o mundo* (65:8a). "Os que habitam nos confins da terra temem os teus sinais..." Não há povo por mais remoto e não há nação por mais poderosa que não temam os poderosos sinais de Deus. Sua voz se ouve na tempestade, e Ele faz o seu caminho na tormenta. Quando Ele estende a mão, o dilúvio chega, o fogo desce, o mar se abre e os homens são tomados de pavor — Ele é Deus tremendo!

Em sexto lugar, *Ele é a alegria dos povos* (65:8b). "[...] os que vêm do Oriente e do Ocidente, tu os fazes exultar de júbilo." O mesmo Deus que exerce o seu juízo para produzir temor nos homens também demonstra a sua bondade, a fim de que todos os povos, de todos os lugares, de todos os tempos, exultem de júbilo por sua graça perdoadora e por seu poder incomparável.

O Deus da providência, que supre as necessidades (65:9-13)

O salmo inicia-se com a minúscula nação de Israel (a graça de Deus), passando, então, para todas as nações da terra (o governo de Deus). Agora, o universo todo entra em cena, pois o Criador do universo é quem provê a chuva no

devido tempo e na devida estação, de modo que as pessoas possam arar a terra, semear e, por fim, colher o alimento.[14]

Davi faz uma transição do poder de Deus entre as nações para sua providência generosa, tanto que poderíamos chamar esse poema de "o cântico da colheita" ou "o salmo do agricultor". O clímax de todo o processo é que Deus propicia a colheita (65:11). Concordo com Derek Kidner quando diz que dificilmente se poderia superar a beleza dessa descrição evocativa da terra fértil, que num momento se faz com precisão amorosa e, no momento seguinte, se faz com liberdade poética, culminando tudo com o quadro imaginativo dos campos e das colinas que se vestem com suas melhores roupas para juntos festejarem.[15] Vejamos.

Em primeiro lugar, *a chuva para o plantio* (65:9). "Tu visitas a terra e a regas; tu a enriqueces copiosamente; os ribeiros de Deus são abundantes de água; preparas o cereal, porque para isso a dispões." Deus havia prometido ao seu povo: "Mas a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas; terra de que cuida o SENHOR, vosso Deus; os olhos do SENHOR, vosso Deus, estão sobre ela continuamente, desde o princípio até ao fim do ano" (Dt 11:11,12). Esse versículo está cheio de verdades benditas.

Primeira, *Deus visita a terra para regá-la.* A Palestina dependia inteiramente das chuvas para a sua fertilidade, e a água era um presente de Deus e um símbolo de sua presença.[16] Por onde Deus passa, deixa rastros de bênçãos, traduzidas em chuvas benditas para regar a terra e prepará-la para o plantio. Allan Harman diz que as primeiras chuvas preparam o solo para a semeadura, enquanto as chuvas posteriores, em pleno inverno, a amolecem e permitem que

as lavouras se desenvolvam.[17] Derek Kidner tem razão em dizer que "tu visitas" expressa um pensamento tipicamente bíblico, que Deus, apesar de sempre estar presente e ativo, tem seus momentos decisivos de se aproximar para abençoar e julgar (Gn 50:24,25).[18]

Segunda, *Deus enriquece a terra copiosamente.* Quando a chuva cai, amolecendo a terra para receber a semente em seu útero, a terra explode com plantas e flores. A provisão, o suprimento das necessidades, portanto, vem de Deus, e não do esforço humano.

Terceira, *os rios de Deus jamais secam, pois são abundantes.* Esses ribeiros são as águas de cima, retidas nas nuvens. Os rios da terra podem secar, mas os ribeiros de Deus são abundantes e inesgotáveis. Nas palavras de Spurgeon, "a provisão de Deus para o fornecimento de chuva é inesgotável".[19]

Quarta, *Deus dispõe a terra para o cereal.* O pão que abastece nossa mesa é preparado por Deus, quando Ele dispõe a terra para produzir com fartura.

Em segundo lugar, *a terra preparada para a produção dos frutos* (65:10). "Regando-lhe os sulcos, aplanando-lhe as leivas. Tu a amoleces com chuviscos e lhe abençoas a produção." Davi vê com os olhos da fé a terra sendo preparada para a produção dos frutos como uma ação da providência divina.

Em terceiro lugar, *a colheita farturosa* (65:11-13a). "Coroas o ano da tua bondade; as tuas pegadas destilam fartura, destilam sobre as pastagens do deserto, e de júbilo se revestem os outeiros. Os campos cobrem-se de rebanhos, e os vales vestem-se de espigas..." A colheita é Deus coroando o ano com sua bondade. Nas palavras de Spurgeon, "o próprio Senhor conduz a cerimônia de coroação, e põe a coroa de

ouro na cabeça do ano".[20] Na verdade, o ano inteiro é fruto da bondade de Deus, e por onde Ele passa suas pegadas destilam fartura. Nas palavras de Derek Kidner, "trata-se de uma figura poética para representar a ação de Deus em derramar as chuvas serôdias enquanto passa, deixando a abundância pelo caminho".[21] Os desertos nus são cobertos de pastagens, e os montes secos cantam de júbilo pela vegetação que irrompe para alimentar os rebanhos. As pradarias verdejantes são semeadas de rebanhos bem alimentados, e os vales férteis vestem-se de espigas. Nos desertos, nos montes e nos vales, a chuva benfazeja muda o cenário da pecuária e da agricultura, resultando em uma colheita farturosa. Nas palavras de Derek Kidner, "a paisagem inteira está presente nas suas melhores vestimentas, como se fosse cantar e celebrar num festival".[22]

Em quarto lugar, *o cântico alegre da natureza* (65:13b). "[...] exultam de alegria e cantam." Davi olha para a natureza e contempla um coral exultando e cantando de alegria ao Deus da providência. Nas palavras de Allan Harman, "pastagens, montes, outeiros e vales, todos experimentaram sua profunda provisão, e juntos se regozijaram ante essa evidência de seu amor e cuidado".[23] Concluo com as palavras de Spurgeon:

> A generosidade de Deus faz a terra vocalizar louvores e com ouvidos abertos eleva um brado de alegria. O gado expressa os louvores divinos mugindo e as farfalhantes espigas de grãos cantam uma doce e suave melodia ao Senhor [...]. A voz da natureza é articulada para Deus. Tudo é para o Senhor. O mundo é um hino para o Eterno, e bem-aventurado é aquele que, ouvindo-o, junta-se à canção e torna-se componente no grandioso coral.[24]

Notas

[1] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 251.
[2] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 210.
[3] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 251.
[4] Ibidem, p. 252.
[5] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 143.
[6] Ibidem,p. 156.
[7] Ibidem, p. 136.
[8] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 201.
[9] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 253.
[10] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 249.
[11] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 253.
[12] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 138.
[13] Ibidem.
[14] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 201.
[15] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 254.
[16] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 211.
[17] Harman, Allan. *Salmos*, p. 250.
[18] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 254.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 140.
[20] Ibidem.
[21] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 254.
[22] Ibidem.
[23] Ibidem, p. 250.
[24] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 141.

Capítulo 65

Que todos os povos louvem ao Senhor

(Sl 66:1-20)

Esse salmo não menciona o nome de seu autor, por isso não sabemos ao certo quem o escreveu nem quando o escreveu. Warren Wiersbe destaca que alguns estudiosos acreditam que o salmista está se reportando à derrota miraculosa da Assíria pelas mãos do Senhor (Is 36—37) e que o indivíduo que fala nos versículos 13-20 é o rei Ezequias, a cuja oração o Senhor respondeu (Is 37:14-20).[1]

O salmo caminha do geral para o particular, de modo que toda a terra é ordenada a exaltar a Deus. Israel é convidado a reconhecer as grandes obras redentoras de Deus, e o autor convida outros a se

unirem a ele no louvor ao Deus que abençoa e perdoa pecados. Nas palavras de Warren Wiersbe, "a exortação para louvar ao Senhor começa com as nações gentílicas, passa a Israel e encerra com cada indivíduo que teme ao Senhor".[2] Ele é Deus de todos, de muitos e de um.

Uma aclamação global (66:1-4)

O Deus apresentado pelo salmista não é uma divindade tribal, um ídolo feito por mãos, adorado por esta ou aquela nação pagã. Trata-se do Deus vivo e verdadeiro, Criador, libertador e redentor, que é o Deus de todos os povos, de todas as nações, em todas as geografias ao longo de toda a história. Nas palavras de Spurgeon, "todos os louvores de todas as nações devem ser dados ao Senhor".[3] Derek Kidner, nessa mesma linha de pensamento, diz que a soberania universal de Deus, que deve ser reconhecida, e ainda o será, não é tema excepcional no Saltério; basta, só de início, ver os salmos antes e depois desse.[4] Purkiser corrobora dizendo que "Há vínculos óbvios entre os salmos 65 e 66: ambos têm a visão de toda a terra louvando ao Senhor".[5] Vejamos.

Em primeiro lugar, *um louvor universal* (66:1,2). Há uma ordem expressa para aclamar a Deus em toda a terra e salmodiar a glória do seu nome, que é excelso. Sua glória enche a terra, e não há um centímetro sequer deste mundo onde a glória de Deus não resplandeça. O salmo é missionário e deixa claro que o propósito do autor é que todas as nações louvem a Deus (98:4; 100:1), pois tanto o nome quanto a natureza de Deus são dignos de nossos maiores encômios e louvores.

Em segundo lugar, *um temor reverente* (66:3). As obras de Deus na criação, providência, redenção, disciplina e castigo são tão tremendas que até os inimigos de Deus precisam se curvar e se submeter a Ele. Ninguém pode resistir a Deus e prevalecer, e nenhuma nação pode afrontar Deus e triunfar. Deus se ri lá dos altos céus quando vê as nações furiosas tentando destroná-lo (Sl 2:4). Spurgeon destaca que o poder faz o homem ajoelhar-se, mas só o amor ganha o coração. O faraó disse que deixaria Israel ir, mas mentiu para Deus, ou seja, submeteu-se em palavras, mas não em atos.[6]

Em terceiro lugar, *uma adoração global* (66:4). Toda a terra se prostra diante de Deus para cantar salmos a Ele e salmodiar o seu nome, pois só Ele é digno, só Ele merece o louvor. Toda glória dada ao homem ou aos deuses que ele esculpe é glória vazia, é vanglória, é idolatria. Purkiser é de opinião de que, no versículo 4, o pensamento provavelmente seja que no futuro toda a terra adorará ao Senhor, e não que ela está agindo assim agora. É um quadro de adoração e louvor universais quando as nações se curvarem em adoração diante dele. Por fim, todos os inimigos de Deus se curvarão em sujeição a Ele (Fp 2:10,11; 1Co 15:25).[7]

Uma conclamação nacional (66:5-12)

O salmista conclama os povos a observar o que Deus fez na vida do povo da aliança. Concordo com Warren Wiersbe quando escreve:

> Se existe uma nação que tem motivos para louvar ao Senhor, é Israel, pois Ele os salvou da escravidão, guiou pelo deserto, conduziu a sua terra e deu forças para que derrotassem seus

> inimigos e se apropriassem de sua herança. Ele lhes deu sua lei, seu santuário, seus sacerdotes e profetas, e os abençoou com tudo de que precisavam. Quando desobedeceram, Ele os disciplinou. Como um artesão cuidadoso, Ele os fez passar pelo fogo e removeu suas impurezas. Quando se voltaram para o Senhor, transformou seu sofrimento em bênçãos e os engrandeceu. O mesmo se aplica à igreja.[8]

Vejamos.

Em primeiro lugar, *um convite veemente* (66:5). Aqui há um convite majestoso. Todos são convidados a vir e contemplar as obras de Deus, os seus tremendos feitos na vida dos homens, na defesa de seu povo e na derrota de seus inimigos. Ele exalta e rebaixa e também dá a vida e tira a vida. Como discursou o apóstolo Paulo em Atenas, é Deus quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais, por isso nele vivemos, nos movemos e existimos.

Em segundo lugar, *uma libertação milagrosa* (66:6). O poeta sagrado relembra o grande feito de Deus quando abriu o mar Vermelho e fez o povo de Israel passar a pé enxuto e também traz à memória de seus leitores como Deus abriu o rio Jordão para o povo de Israel entrar na terra prometida, mostrando que tanto na saída do Egito como na entrada de Canaã Deus fez coisas extraordinárias. Essa libertação gloriosa de Israel da amarga escravidão no Egito deve nos ensinar que não há obstáculo na viagem rumo ao céu que nos impeça de chegar à casa do pai. Os feitos maravilhosos de Deus devem nos motivar a alegrarmo-nos nele. Concordo com Purkiser quando diz que o Êxodo se tornou para Israel o evento central da fé.[9]

Em terceiro lugar, *uma advertência solene* (66:7). Porque o governo de Deus é eterno e porque seus olhos vigiam as

nações, é consumada tolice qualquer exaltação dos rebeldes. Insurgir-se contra Deus é laborar em causa perdida, rebelar-se contra Ele é impor a si mesmo consumada derrota, pois Ele derruba dos tronos os poderosos. Ainda que os homens, na sua empáfia, coloquem o seu ninho entre as estrelas, de lá o Senhor os derrubará.

Em quarto lugar, *uma ordenança justa* (66:8,9). Fica evidente que os povos precisam reconhecer que não há outro Deus senão o Deus de Israel, o qual é digno de louvor, pois é Ele quem preserva com vida a nossa alma e não permite que nossos pés resvalem. Deus nos preserva a vida e nos guarda do mal; ele também nos mantém vivos e seguros (116:8).

Em quinto lugar, *uma provação necessária* (66:10). Deus provou seu povo no deserto. A peregrinação de quarenta anos no deserto foi o cadinho por meio do qual Deus provou e acrisolou o povo como o ourives tira as escórias da prata. Deus prova para aprovar. O fogo de Deus só queima as impurezas e as amarras e também nos torna mais puros, mais nobres, mais úteis. Spurgeon destaca que todos os santos têm de ir à casa da provação. Deus teve um Filho sem pecado, mas nunca teve um filho sem provação.[10] O mesmo autor também escreve:

> As provas são minuciosas, repetidas, severas e completas. O mesmo resultado ocorre como no caso do metal precioso, pois a escória e o estanho são consumidos, e o mineral puro é revelado. Levando em conta que a provação é santificadora, algo que nos é desejável, por que não nos submeter às provações com total resignação?[11]

Em sexto lugar, *uma permissão dolorosa* (66:11,12a). A disciplina de Deus é, muitas vezes, dolorosa. A incredulidade de Israel trouxe-lhe muito sofrimento. Deus permitiu que eles caíssem em armadilhas e também que os inimigos oprimissem suas costas e que os homens cavalgassem sobre a cabeça do povo. Na verdade, o povo de Israel nesse processo disciplinar passou pelo fogo e pela água (Is 43:1-3) — o fogo dos fornos de olaria e as águas do rio Nilo fizeram o pior para destruir a raça eleita. O tirano os atormentou com trabalho duro e infanticídio, mas Israel passou por ambas as provações incólume.[12] Spurgeon está correto quando diz que o povo de Deus e a aflição são companheiros chegados. Como no Egito todo israelita era um carregador de cargas, assim é todo crente enquanto estiver nesta terra estrangeira. Porém, virá o tempo em que, por cada grama do presente fardo, receberemos um peso eterno de glória incomparável.[13]

Em sétimo lugar, *um livramento providencial* (66:12b). A disciplina de Deus sempre tem um fim proveitoso, ou seja: o mesmo Deus que abre a ferida, a fecha; o mesmo Deus que castiga, ama; o mesmo Deus que acrisola, aperfeiçoa; e o mesmo Deus que usa a vara da disciplina dá o abraço do perdão. A disciplina de Deus visa sempre à restauração. Assim, o povo que foi oprimido é agora trazido a um lugar espaçoso, de bonança e paz; um lugar de abundância, livre de penúria; um lugar agradável, isento de tristeza; um lugar seguro, desprovido de perigos e angústias.

Nas palavras de Spurgeon:

> O caminho para o céu passa pela tribulação [...]. A profundidade das aflições não é proporcional à altura das alegrias. Como José, subiremos da prisão para o palácio. Como Mardoqueu, escaparemos da forca e cavalgaremos no cavalo branco, trajando

> vestes reais. Em vez de rede, receberemos libertação. Em vez de fardo nos lombos, teremos uma coroa na cabeça. Em vez de homens cavalgando sobre nós, regeremos sobre as nações.[14]

Uma declaração pessoal (66:13-20)

O salmista faz uma transição da história da Israel para sua própria experiência e, a partir desse momento, deixa de usar a primeira pessoa do plural para usar a primeira pessoa do singular. Vejamos.

Em primeiro lugar, *a dívida de um homem* (66:13-15). O autor sagrado fez votos a Deus em tempos de aflição e agora, depois da restauração, se propõe a entrar na casa do Senhor com o melhor de suas ofertas, com o fim de pagar a Deus os seus votos. Tudo o que prometeu, quer cumprir. Nas palavras de Spurgeon, "a dificuldade sugeriu o voto. Deus, em resposta ao voto, removeu a dificuldade. Agora, o devoto deseja pagar a promessa".[15] Resta afirmar que não somos obrigados a fazer votos a Deus, mas, se o fizermos, devemos cumpri-los, porque Deus não se agrada de votos de tolos (Ec 5:4,5).

Em segundo lugar, *a história de um homem* (66:16-20). O salmista faz uma convocação para que todos venham ouvir seu testemunho, pois ele quer repartir com todos o que Deus fez pela sua alma. Duas coisas preciosas sobre Deus são destacadas pelo poeta sacro.

Primeiro, *Ele é o Deus que abençoa* (66:16). Deus é abençoador e tem feito muito bem à nossa alma. Tudo o que somos e temos vem dele, toda a boa dádiva procede dele. Sendo assim, não devemos nos calar acerca dos gloriosos feitos de Deus por nós, em nós e por intermédio de nós.

Segundo, *Ele é o Deus que responde às orações* (66:17-20). O salmista é um homem de oração: ele clamou e exaltou; pediu e agradeceu. No entanto, está consciente de que oração e pecado não coabitam o mesmo coração, ou seja, onde o pecado é acariciado, o fogo do incenso é apagado no altar da oração. Se no secreto do coração o pecado é tolerado, Deus tapa seus ouvidos e não escuta a oração. Spurgeon é oportuno quando escreve:

> Se, tendo visto a iniquidade no meu coração, eu continuo olhando para ela sem sentir aversão. Se eu a aprecio, tendo um olhar direto de amor por ela, a desculpo e a disfarço, o Senhor não me ouvirá. Não há nada que mais impeça a oração do que a iniquidade ancorada no peito. Como aconteceu com Caim, assim acontece conosco, o pecado jaz à porta e bloqueia a passagem. Se você ouvir o Diabo, Deus não ouvirá você. Se você recusar ouvir os mandamentos de Deus, Ele recusará ouvir as suas orações. À petição imperfeita Deus ouvirá por amor a Cristo, mas não a que for intencionalmente [mal] escrita pela mão do traidor.[16]

O comentarista bíblico Warren Wiersbe alerta: "Quando reconhecemos o pecado em nosso coração, devemos julgá-lo, confessá-lo e abandoná-lo imediatamente (1Jo 1:5-10); de outro modo, o Senhor não pode trabalhar para nosso bem (Is 59:1,2). Além disso, encobrir o pecado é chamar sobre si dificuldades e disciplina (Pv 28:13)".[17]

O salmista, porém, preferiu romper com o pecado para se manter em comunhão com Deus e ser ouvido por Ele, por isso conclui esse belo poema exaltando a Deus, porque Ele não rejeita sua oração nem aparta dele a sua graça.

Notas

[1] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 202.
[2] Ibidem.
[3] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 159.
[4] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 255.
[5] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 250.
[6] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 159.
[7] Harman, Allan. *Salmos*, p. 251.
[8] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 202-203.
[9] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 211.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 162.
[11] Ibidem.
[12] Ibidem.
[13] Ibidem.
[14] Ibidem, p. 163.
[15] Ibidem, p. 164.
[16] Ibidem, p. 165.
[17] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 203.

Capítulo 66

Abençoados e abençoadores

(Sl 67:1-7)

Esse é um dos mais belos salmos do Saltério, e, muito embora seu autor não seja mencionado, a maioria dos estudiosos o atribui a Davi. Ele vem na mesma toada dos salmos 65 e 66, mostrando como o propósito de Deus é que todas as nações, em toda a terra, o adorem. Certamente esse é um salmo missionário, com uma canção missionária, pois o povo de Deus almeja ver todas as nações participando das mesmas bênçãos — a bênção de Abraão deve estender-se a todas as famílias da terra.

Allan Harman corrobora com essa perspectiva quando diz que os salmos 65—67 estão todos enfeixados em razão

de seu universalismo. A expressão "todos os confins da terra" ocorre em cada um deles (65:5; 66:4; 67:7). O salmo 67 inclui uma oração por dupla bênção — a primeira sobre Israel, e então sobre os gentios. A repetição do estribilho nos versículos 3 e 5 realça a visão dos gentios participando da misericórdia salvífica de Deus.[1]

Uma bênção que satisfaz (67:1)

O salmo começa com um pedido por bênçãos espirituais. O versículo de abertura constitui um eco da bênção sacerdotal de Números 6:24-26.

Três são as bênçãos desejadas: o primeiro grupo busca o perdão, o segundo busca a paz justificadora e o terceiro busca a edificação e a graça da contemplação.[2] Vejamos.

Em primeiro lugar, *um pedido de misericórdia* (67:1a). "Seja Deus gracioso para conosco..." Esse é um pedido de misericórdia. Não é um pedido pessoal, mas coletivo: o povo da aliança está reconhecendo seus pecados e pedindo graça, pois entende que ninguém pode achegar-se a Deus sem antes reconhecer seus pecados e pedir misericórdia. Spurgeon tem razão em dizer que o clamor por misericórdia e por perdão de pecados é sempre o primeiro elo na cadeia de misericórdias que experimentamos — aliás, misericórdia é um atributo fundamental em nossa salvação. Os melhores santos e os piores pecadores podem unir-se nessa petição, a qual é dirigida ao Deus da misericórdia, por aqueles que sentem a necessidade de misericórdia, e indica a morte de todas as esperanças ou reivindicações legítimas de mérito.[3]

Em segundo lugar, *um pedido de bênção* (67:1b). "[...] e nos abençoe..." Quando Deus nos abençoa, Ele nos

enriquece realmente, porque as suas bênçãos são dádivas e ações.[4] O povo de Deus pede bênção não para retê-la para si, mas para compartilhá-la entre as nações. Somos como o mar da Galileia, que, ao receber as águas do Jordão, as distribui para irrigar os campos; nesse sentido, quem só recebe e não dá torna-se sem vida como o mar Morto.

Em terceiro lugar, *um pedido pela presença manifesta de Deus* (67:1c). "[...] e faça resplandecer sobre nós o rosto." A bênção não é tudo o que o povo de Deus almeja: ele quer mais, anseia pelo próprio abençoador, por isso ora pelo próprio sorriso de Deus. Derek Kidner diz que, se o espírito do salmo é o da esperança abraâmica (Gn 12:1-3), seu texto é a bênção araônica (Nm 24:24,25).[5] Aqui há uma invocação da bênção araônica. O salmista, em nome do povo da aliança, roga a presença manifesta de Deus, que é a maior necessidade da igreja e sua maior glória. Purkiser diz que "fazer resplandecer o seu rosto sobre nós" significa: "olhe sobre nós com o seu favor e aprovação".[6] Warren Wiersbe diz que ter o rosto de Deus resplandecendo sobre eles (sorrindo para eles) era a bênção suprema de Israel, e perder essa glória significava julgamento (1Sm 4:21,22). Por isso, o profeta Ezequiel viu a glória partir antes de o templo ser destruído (Ez 8:4; 9:3; 10:4,18; 11:22,23).[7]

Uma bênção que não pode ser retida (67:2)

As bênçãos solicitadas no versículo 1 têm um propósito bem claro, ou seja, que o conhecimento da salvação que Israel tem de Deus e de seus caminhos se manifeste a todas as nações. Israel é a testemunha entre as nações de que o Senhor é Deus e não há outro salvador além dele (Is 43:10-13). Nas palavras de Allan Harman, "Depois

de ser abençoado, Israel se torna uma bênção às nações".[8] Spurgeon diz que, assim como as chuvas que primeiro caem nas montanhas para depois descer para os vales, assim a bênção do Altíssimo desce para o mundo por meio da igreja.[9] Duas súplicas são aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, *que o caminho de Deus seja conhecido na terra* (67:2a). "Para que se conheça na terra o teu caminho..." O caminho de Deus é sua lei, seus preceitos, sua Palavra. Somos abençoados para sermos abençoadores e também somos canais por onde devem fluir as bênçãos de Deus em toda a terra. Que o espírito missionário nos leve até os confins da terra, a fim de que os povos conheçam os caminhos de Deus!

Em segundo lugar, *que a salvação de Deus seja conhecida em todas as nações* (67:2b). "[...] e, em todas as nações, a tua salvação." A salvação de Deus precisa ser proclamada em todas as nações. A bênção de Deus deve ser estendida a todas as famílias da terra, pois Deus ama não apenas Israel, mas todas as nações da terra. Na visão neotestamentária, o Cordeiro de Deus morreu para comprar com o seu sangue aqueles que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9). Concordo com Spurgeon quando escreve:

> Todas as nações precisam de salvação, mas muitas não a conhecem, desejam ou buscam. A nossa oração e labuta devem ser que o conhecimento da salvação fique tão universal quanto a luz do sol. Apesar das noções deprimentes de alguns, apegamo-nos à convicção de que o reino de Cristo abrangerá o globo habitável inteiro, e que toda carne verá a salvação de Deus. É por esta meta gloriosa que agonizamos em oração.[10]

Uma convocação universal (67:3-5)

Warren Wiersbe diz que esses três versículos constituem o núcleo do salmo e se concentram na adoração e no louvor das nações gentias ao Deus de Israel.[11] Porque Israel abençoa as nações, os povos são convocados a dar louvor a Deus. Mas qual é o teor dessa convocação universal? Qual é a pauta dessa convocação?

Em primeiro lugar, *para as nações louvarem a Deus* (67:3,5). "Louvem-te os povos, ó Deus; louvem-te os povos todos." Esse estribilho, repetido no versículo 5, que se refere aos povos, é uma oração de grande visão e coragem, na qual a segunda linha, acrescentando a palavra "todos", confirma sua ênfase em Deus como Senhor a quem todas as línguas devem confessar.[12] Spurgeon, sobre esse assunto, faz sua súplica a Deus:

> Leve todo homem a música, todo cidadão o cântico, todo camponês o louvor, todo príncipe o Salmo. Todos devem favores a ti. Agradecer-te trará benefícios a todos, e o louvor de todos te glorificará grandemente. Portanto, ó Senhor, dá a todos os homens a graça para adorar a tua graça, a bondade para ver a tua bondade.[13]

Os povos devem ser convertidos de seus ídolos vãos ao Deus vivo, ou seja, devem abandonar seus deuses impotentes e voltarem-se para o Deus onipotente. Nenhum povo, nenhuma nação, nenhuma etnia deve estar fora dessa convocação.

Allan Harman diz que o uso que o versículo faz do estribilho recorrente serve para chamar a atenção para o tema da oração universal que domina todo esse salmo. A visão é

de um mundo que se prostra em louvor a Deus, o Salvador. Por fim, o Senhor será objeto de louvor como descrito em Apocalipse 5:12: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor".[14]

Spurgeon, citando Thomas Manton, diz que, quanto mais evaporação sobe, mais chuva desce. O que os rios recebem, despejam, e tudo deságua no mar. Há um constante e circular curso do mar ao mar, e o mesmo há entre Deus e nós, de modo que, quanto mais o louvamos, mais as bênçãos descem sobre nós, e quanto mais bênçãos descem, mais o louvamos, de forma que não bendizemos a Deus tanto quanto nos abençoamos.[15]

Em segundo lugar, *para as nações alegrarem-se em Deus* (67:4a). "Alegrem-se e exultem as gentes..." Deus deve ser a alegria dos homens, e os povos devem se alegrar e exultar em Deus. Quando os homens conhecem o caminho de Deus e veem a salvação divina, recebem no coração muita felicidade. As nações jamais estarão alegres até que sigam a liderança do grande Pastor; elas podem mudar o sistema de governo — de monarquia para república, de república para comuna — que ainda reterão a infelicidade até que se curvem diante do Senhor de todos.[16]

Em terceiro lugar, *para as nações reconhecerem o reinado de Deus* (67:4b). "[...] pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações." Mas qual é o motivo da alegria dos povos em Deus?

Primeiro, *porque Ele julga como reto juiz*, ou seja, Deus julga com justiça. Nas palavras de Purkiser, "a providência justa de Deus é a base da adoração expressa no salmo".[17] A justiça no trono é motivo justo para a exultação nacional. Onde o Senhor

reina, a justiça é suprema — Ele não faz mal a ninguém. A suas leis são a própria justiça, por isso Ele corrige todas as injustiças e liberta todos os que estão oprimidos.[18]

Segundo, *porque Ele guia como pastor*. Deus guia com segurança. Spurgeon escreve: "Deus conduzirá as nações como um pastor conduz o seu rebanho, e pela sua graça elas o seguirão de boa vontade, e então haverá paz, abundância e prosperidade. É grande a condescendência da parte de Deus tornar-se o Pastor das nações e governá-las para serem beneficiadas".[19]

Uma provisão abençoadora (67:6,7)

Esse é um salmo das colheitas, que era lido na festa de Pentecostes ou dos Tabernáculos. A questão aqui é encontrar uma conexão entre a colheita farta e a conversão das nações gentílicas. Warren Wiersbe esclarece esse ponto assim:

> A expressão "a terra deu o seu fruto" (67:6) é uma citação de Levítico 26:4, e Levítico 26 é um resumo da aliança de Deus com Israel (Dt 28—30). Deus deixou claro que sua bênção sobre a terra dependia da obediência de Israel à lei (Lv 26:1-13). As bênçãos que Ele derramaria sobre Israel serviriam de testemunho para as nações pagãs, mostrando que somente Jeová é o verdadeiro Deus vivo, e isso daria aos israelitas a oportunidade de compartilhar com esses povos a Palavra de Deus (Dt 28:1-14). Porém, se Israel desobedecesse ao Senhor, Ele reteria a chuva e não haveria colheita nos campos (Lv 26:14-39), o que, por sua vez, envergonharia Israel diante das nações gentias (Jr 33:1-9; Jl 2:17-19; Dt 9:26-29). Por que "todos os confins da

> terra" temeriam a um Deus que não provia o alimento para seu próprio povo?[20]

Nos versículos apresentados, três bênçãos são mencionadas e um impacto ocorre.

Em primeiro lugar, *uma provisão material* (67:6a). "A terra deu o seu fruto..." O único verbo no tempo passado que há no poema inteiro é este: "a terra *deu* o seu fruto". O pecado pôs uma maldição na terra que só a graça pode removê-la. Está escrito: "O SENHOR, teu Deus, te dará abundância em toda obra das tuas mãos, no fruto do teu ventre, no fruto dos teus animais e no fruto da tua terra e te beneficiará; porquanto o SENHOR tornará a exultar em ti, para te fazer bem, como exultou em teus pais" (Dt 30:9). A obediência resultava em prosperidade, de modo que as colheitas abundantes eram bênçãos da aliança. Concordo com Spurgeon quando escreve: "É claro que há relação íntima entre o mal moral e o mal físico, e entre o bem espiritual e o bem físico".[21]

Em segundo lugar, *uma bênção espiritual* (67:6b). "[...] e Deus, o nosso Deus, nos abençoa." As bênçãos não se limitavam à fartura dos campos. Não eram apenas bênçãos materiais e temporais, mas, sobretudo, bênçãos espirituais. Deus abençoa vezes sem conta, e as beatitudes divinas são seletas e inumeráveis.

Em terceiro lugar, *uma profecia missionária* (67:7). O salmo termina como começou: roga-se a bênção para abençoar — "Abençoe-nos Deus, e todos os confins da terra o temerão". Quando Deus abençoa o seu povo, essa bênção reverbera para além dos muros e atinge todas as nações, a ponto de todos os confins da terra temerem ao Senhor (Rm 11:11,12). Encerro com as palavras de Spurgeon:

As regiões distantes o temerão. Os confins da terra acabarão com a idolatria e cultuarão a Deus. Todas as tribos, sem exceção, terão temor reverente do Deus de Israel. O desconhecimento será retirado, a insolência derrotada, a injustiça banida, a idolatria detestada e o amor, a luz, a vida e a liberdade do Senhor, o Rei dos reis, estarão sobre todos.[22]

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 254.
2 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 186.
3 Ibidem, p. 183.
4 Ibidem.
5 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 258.
6 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 212.
7 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 203.
8 Harman, Allan, *Salmos*, p. 254.
9 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 183.
10 Ibidem.
11 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 204.
12 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 259.
13 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2, p. 183.
14 Harman, Allan. *Salmos,* p. 255.
15 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 187.
16 Ibidem, p. 184.
17 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 212.
18 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 184.
19 Ibidem.
20 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 204.
21 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 184.
22 Ibidem, p. 185.

Capítulo 67

A marcha vitoriosa de Deus

(Sl 68:1-35)

Allan Harman diz que não há um cântico mais triunfante em todo o Saltério do que o salmo 68. Ele começa com um eco da oração de Moisés quando a arca da aliança guiava o povo no deserto (Nm 10:35) e então passa a uma descrição da viagem do Sinai à terra prometida, com a procissão da arca rumo a Jerusalém nos dias de Davi — isso era visto como a vinda de Deus para lá. Ele termina com um cântico de louvor ao Senhor que governa sobre todos os reinos da terra.[1]

William MacDonald, nessa mesma linha de pensamento, diz que essa é a procissão nacional de Israel, em que a jornada da arca da aliança do monte Sinai

ao monte Sião é vista como simbolizando a marcha de Deus para consumar sua vitória. A arca representa a presença de Deus, de tal maneira que, quando ela se move, o próprio Deus se move.[2]

Esse salmo apresenta também um estreito paralelo com o cântico de Débora (Jz 5:1-32), uma vez que a ênfase é sobre os feitos poderosos de Deus em favor de Israel e sua decisão de habitar no monte Sião. Purkiser, citando Taylor, diz que esse salmo é um hino de procissão usado pelos sacerdotes e adoradores no caminho para o santuário.[3]

Allan Harman destaca que a ênfase sobre Deus é mantida por todo o salmo e emprega-se uma grande variedade de nomes para Deus (*Elohim,* 23 vezes; *Adonai,* 6 vezes; *El,* 2 vezes, e *Shaddai, Yahweh, Yah, Yahweh Adonai e Yahweh Elohim* 1 vez).[4]

Preciso concordar com Spurgeon quando escreve: "O salmo é, ao mesmo tempo, excelente e difícil. Em alguns versículos, sua escuridão é totalmente impenetrável. O salmo é como um Titã difícil de domar".[5] Esse salmo tem sido considerado a cruz dos críticos e a repreensão dos intérpretes.

Warren Wiersbe diz que o salmo é um hino jubiloso de louvor ao Senhor Deus, no qual a nação de Israel apresenta quatro expressões de triunfo por meio de Deus: nosso Deus está vindo ao nosso encontro, nosso Deus está marchando diante de nós, nosso Deus está habitando conosco e nosso Deus recebe tributos universais.[6] Vamos tomar emprestado esse esboço para expor esse magnífico poema.

Nosso Deus está vindo ao nosso encontro (68:1-6)

Quando Deus se levanta, seus inimigos se dispersam e viram fumaça. Quando Ele se manifesta, os iníquos perecem

da mesma forma que a cera se derrete ao fogo. Nas palavras de Purkiser, "ninguém que aborrece a Deus poderá ficar de pé, pois sua presença é intolerável para o ímpio".[7] Concordo com Derek Kidner quando escreve: "O inimigo nada tem de sólido; e o Deus invisível nada tem de ausente".[8]

Duas verdades são mencionadas aqui acerca de Deus.

Em primeiro lugar, *Ele é aquele que vem para derrotar nossos inimigos* (68:1,2). Antes de nos movermos, sempre temos de ver o Senhor liderar o caminho.[9] Deus se levanta para dispersar e fazer fugir os inimigos, ou seja, quando Deus se levanta, os inimigos se dispersam como fumaça e perecem como cera exposta ao fogo, pois ninguém pode lutar contra Deus e prevalecer, ninguém pode perseguir o povo de Deus e escapar ileso. Deus é o defensor do seu povo e o terror de seus inimigos, que são débeis demais para se interpor contra o poder de Deus.

Em segundo lugar, *Ele é aquele que vem para ajudar o seu povo* (68:3-6). Na mesma medida em que a presença de Deus é o tormento dos inimigos, é também o deleite dos justos. Deus é a alegria do seu povo, e na presença dele o povo exulta de alegria, canta louvores e salmodia àquele que cavalga sobre as nuvens para sua ajuda. Mas que tipo de ajuda temos em Deus?

Primeiro, *Deus ampara os desamparados* (68:5). Deus é onipotente, mas se importa com os necessitados. Ele é o pai dos órfãos e o juiz das viúvas, cuida daqueles que são desassistidos e vela por aqueles que estão desamparados. Purkiser destaca que, nos tempos bíblicos, uma proteção especial era dada a essas pessoas que, de outra forma, ficavam sem

proteção.[10] Nessa mesma linha de pensamento, Derek Kidner diz que a proteção dos indefesos e o julgamento dos malfeitores são sinais de um verdadeiro rei, seja humano, seja divino.[11]

Segundo, *Deus acolhe os inacolhíveis* (68:6a). Deus faz que o solitário more em família, bem como abre as portas da hospitalidade para aquele que não tem teto e provê pai, mãe e irmãos aos que vivem no reduto da solidão.

Terceiro, *Deus liberta os oprimidos* (68:6b). Deus tira os cativos da prisão e da escassez para a liberdade e a prosperidade. Na mesma medida em que Deus abençoa seu povo, Ele também aplica seu juízo aos rebeldes.

Nosso Deus está marchando adiante de nós (68:7-18)

Depois de Davi falar que Deus se levanta para afugentar os inimigos e amparar o seu povo, agora afirma que Deus marcha à frente do seu povo para manifestar seu grande poder. Derek Kidner pondera que, se esse salmo foi escrito para escoltar a arca à cidade recém-conquistada de Jerusalém, celebrava a última etapa de uma viagem que começou havia séculos no monte Sinai. A arca foi feita ali e, então, ia adiante de Israel, em nome de Deus, para entrar na terra prometida e, finalmente, chegar até o cume do monte Sião.[12]

Derek Kidner ainda escreve:

> Agora o louvor se dirige diretamente a Deus. Repete-se diante dele, com gratidão, a lembrança dos milagres dele, numa estrofe na qual cada cena se vai fundindo com a que se segue: a marcha do êxodo; a teofania no Sinai; a poderosa saraivada que

> derrotou Sísera; finalmente, as bênçãos mais suaves da chuva, ano após ano, que exibem sua bondade contínua.[13]

Vejamos.

Em primeiro lugar, *Deus guiou seu povo através do deserto* (68:7-10). Deus foi à frente de seu povo na sua longa jornada pelo deserto, manifestando seu poder. Deus abriu o mar para o povo passar. Fez brotar água da rocha. Dia após dia, durante quarenta anos, Deus fez gotejar o maná do céu. A roupa não envelheceu no corpo nem a sandália nos pés. Deus os guiou de dia com uma coluna de nuvem e de noite com uma coluna de fogo. Ele também guerreou as guerras do seu povo e lhes deu vitória. Deus lhes deu a sua lei do meio de um Sinai fumegante, que se curvou diante da sua presença manifesta, e habitou entre o povo para lhe dar sua provisão e mostrar-lhe sua bondade.

Em segundo lugar, *Deus deu ao seu povo a terra de Canaã* (68:11-14). Israel entrou na terra prometida não pela força de seu exército nem pelo engenho estratégico de sua liderança. Deus mesmo desapossou as nações pagãs e entregou nas mãos de Israel os reis daquela terra. A conquista de Canaã foi obra de Deus, e não uma vitória conquistada pelo braço da carne. Embora os hebreus tenham lutado, foi Deus quem lhes garantiu a vitória. Derek Kidner diz que a expressão "asas de pomba, com prata e ouro" tem sido interpretada como referência a Israel desfrutando de prosperidade, despreocupado, ao inimigo que foge, à glória do Senhor manifestada na batalha.[14]

Em terceiro lugar, *Deus escolheu Sião para sua habitação* (68:15-17). Deus escolheu o monte Sião para ali habitar. A arca da aliança foi levada para lá, e a presença manifesta

de Deus ali estava. Não que esse fosse o maior monte ou mesmo o mais importante. Os montes mais robustos e altaneiros, como o monte Basã, na região montanhosa a nordeste da Galileia, e o monte Hermom, mais ao norte, não deveriam ficar com inveja, pois a escolha divina é livre e soberana. Olhando do ponto de vista da geografia, o monte Sião é uma mera colina em comparação a esses montes altaneiros e farturosos. Mas esse é o tipo de paradoxo no qual Deus se deleita. Deus escolhe aquilo que nada é para envergonhar os que pensam que são: Deus escolheu Davi, e não seu irmão Eliabe; escolheu Belém, e não Roma, para o Messias nascer. Sua escolha é soberana, e sua graça, irresistível. Matthew Henry interpreta corretamente quando escreve:

> Sião recebia uma honra especial por ser uma tipificação da igreja descrita nos Evangelhos, que também foi, por isso, chamada de Monte Sião (Hb 12:22), e isto nos é revelado, quando Davi nos declara: "O Senhor habitará nele eternamente" (68:16), o que será cumprido no Sião do Evangelho. Não há reino neste mundo que possa ser comparável ao reino do Redentor, tampouco cidade que possa ser comparável à que é descrita nos Evangelhos, pois ali Deus vive e habitará para sempre.[15]

Charles Spurgeon diz que as outras nações, as quais no versículo anterior foram simbolicamente chamadas de "montes elevados", gloriavam-se nos carros de guerra. Mas Sião, embora muito mais modesto, era mais forte do que todas elas, pois a onipotência de Deus estava com Sião como vinte mil carros (68:17). O Senhor dos Exércitos poderia convocar mais força militar para o campo de batalha do

que todos os senhores insignificantes que se vangloriavam nos seus exércitos. Os cavalos de fogo e os carros de fogo de Deus seriam superiores aos corcéis fogosos e carros flamejantes das nações.[16]

Nosso Deus habita conosco (68:18-27)

Depois de falar que Deus marchou à frente do seu povo para introduzi-los na terra prometida, agora Davi fala da habitação de Deus no meio do seu povo. Vejamos.

Em primeiro lugar, *Deus subjuga todos os seus inimigos* (68:18-23). Destacamos alguns pontos importantes aqui.

Primeiro, *a vitória retumbante de Deus* (68:18). Esse é um texto messiânico — o apóstolo Paulo aplicou-o a Cristo (Ef 4:8). Jesus triunfou sobre os principados e potestades na cruz e levou cativo o cativeiro. Allan Harman tem razão em dizer que a ênfase do apóstolo Paulo está na ascensão de Cristo e sua concessão de dons a seu povo, justamente como o salmo passa a falar das bênçãos que Deus outorga.[17] Spurgeon lança luz sobre o tema:

> Multidões dos filhos dos homens são os cativos voluntários do poder do Messias. Antigamente, os grandes conquistadores levavam nações inteiras em cativeiro. Semelhantemente, Jesus tomou do território do inimigo enorme grupo de pessoas como troféu da sua graça poderosa. De acordo com o caráter gracioso do seu reinado, sucede que ser levado em cativeiro por Ele é cessar o nosso cativeiro, ou o próprio cativeiro ser levado cativo. É deveras um glorioso resultado. O Senhor Jesus destrói os inimigos com as próprias armas deles. Mata a morte com a morte. Sepulta a sepultura. Leva cativo o cativeiro.[18]

Segundo, *o cuidado permanente de Deus* (68:19a). Deus deve ser exaltado porque dia a dia leva o nosso fardo, alivia nossa bagagem e nos dá descanso. Derek Kidner diz que a chave dessa estrofe é a palavra "dia a dia", que vincula a história da redenção firmemente com o presente e o futuro. Essa metáfora se aplica de modo bem eficaz em Isaías 46:1-4 e 63:9, onde seu amor incansável contrasta com a fraqueza desajeitada do paganismo.[19] O Novo Testamento nos encoraja a lançar toda a nossa ansiedade sobre Cristo, pois Ele tem cuidado de nós (1Pe 5:7). Jesus convida: "Vinte a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11:28).

Terceiro, *a salvação completa de Deus* (68:19b). Deus não apenas dá salvação ao seu povo, mas Ele mesmo é a salvação do seu povo. O Deus das bênçãos é melhor do que suas próprias bênçãos.

Quarto, *a libertação providente de Deus* (68:20). Só Deus pode livrar-nos do ataque feroz dos inimigos, quebrar as amarras que nos prendem e nos dar escape da morte. Derek Kidner tem razão em dizer que, embora a morte pareça ser um domínio com muitas entradas e nenhuma saída, Deus fez dela um lugar de saída para um lugar espaçoso (18:19,20).[20] Para o crente, morrer é lucro (Fp 1:21), é bem-aventurança (Ap 14:13), é partir para estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor (Fp 1:23), é deixar o corpo e habitar com o Senhor (1Co 5:8). A morte já foi vencida (1Co 15:54,55).

Quinto, *o triunfo final de Deus sobre os inimigos* (68:21-23). Deus destrói nossos inimigos a tal ponto que nossos pés são banhados de sangue e os cães se alimentam do quinhão deles. São oportunas as palavras de Derek Kidner: "A

passagem cheira a sangue, mas não tanto de sede de sangue, isto é, a matança como finalidade em si mesma. Não se disfarça a alegria da vitória, e não se finge que vitórias se fazem sem sangue. Trata-se aqui de julgamento, não de imperialismo (Gn 15:16)".[21] Allan Harman ainda esclarece que a imagem gráfica da batalha pode ser forte demais para os ocidentais modernos, mas certamente está em harmonia com outras descrições do Antigo Testamento, inclusive o relato da morte de Acabe e Jezabel (1Rs 21:19; 22:38; 2Rs 9:36).[22]

Em segundo lugar, *Deus é honrado pela solene adoração em seu santuário* (68:24-27). Davi passa do triunfo de Deus sobre os inimigos para a celebração a Deus em fervente adoração no santuário. Cantores iam à frente, tocadores de instrumentos iam atrás e donzelas iam no meio numa procissão festiva de adoração. Deus deve ser exaltado pelas congregações. Quatro tribos, representando o povo, se apresentam: Benjamim, Judá, Zebulom e Naftali. Duas tribos do Sul e duas tribos do Norte, representando todo o Israel. Allan Harman corrobora dizendo: "As quatro tribos mencionadas parecem representar Israel como um todo. Inclusive no Novo Testamento essas tribos eram importantes, porquanto nosso Redentor e alguns de seus apóstolos procederam de Judá, enquanto Paulo procedeu de Benjamim. O restante dos apóstolos era procedente do território de Zebulom e Naftali".[23]

Nosso Deus recebe tributos universais (68:28-35)

Davi encerra esse salmo falando dos tributos universais que Deus recebe. Vejamos.

Em primeiro lugar, *Deus traz os poderosos a seus pés em adoração* (68:28-31). O poder de Deus é tão notório que os reis, ao reconhecerem sua majestade, lhe oferecem presentes, mostrando-nos que seu poder atinge os poderosos monarcas da terra. A manada de touros provavelmente é uma referência aos líderes ou reis, ao passo que os novilhos são uma referência às nações menos poderosas. Além disso, Deus prevalece sobre aqueles que vivem da cobiça e da rapinagem. Os príncipes vêm do Egito, e a Etiópia, um povo remoto, corre a estender mãos cheias de dádivas para Deus. Allan Harman diz que mesmo os antigos adversários de Israel, como, por exemplo, o Egito, virão em submissão, enquanto seu tributário Cuxe (Etiópia) também exibirá sua aliança (Is 45:14).[24]

Em segundo lugar, *Deus é grande e digno de receber o louvor de toda a terra* (68:32-35). Os reinos da terra são ordenados a cantar e a salmodiar ao Senhor, o Deus que reina supremo nos céus e cuja voz é poderosa. Ele é digno de glória, pois sua majestade não apenas está sobre Israel, o seu povo, mas também sua fortaleza é vista nos espaços siderais. Davi termina esse salmo declarando que Deus é tremendo não apenas no santuário de Jerusalém, mas também nos santuários, pois Deus está em toda parte. Ele é o Deus de Israel, que dá força e poder ao seu povo, além de ser o Deus único e verdadeiro, bendito para sempre!

Matthew Henry diz que o salmista, depois de orar e profetizar acerca da conversão dos gentios, aqui os convida a virem e se unirem aos israelitas piedosos no louvor a Deus, revelando que a sua admissão à igreja seria motivo de alegria e louvor. Deus aqui é proposto como o legítimo merecedor desse louvor por causa de seu domínio supremo e soberano (68:33a), por causa de sua terrível e temível majestade

(68:33b), por causa de seu magnífico poder (68:4), por causa da glória de seu santuário (68:35a) e por causa da graça derramada sobre o seu povo (68:35b).[25]

Encerro essa exposição concordando com Derek Kidner quando diz que o coral de abertura foi o de Israel somente (68:1-6), mas o de encerramento é universal, o que condiz com a cena de tributo que acaba de ser visualizada. Mesmo assim, enquanto reafirma o poder cósmico de Deus (68:33,34), ainda lhe dá o nome de "o Deus de Israel", não se tratando de qualquer divindade difusa e desprovida de personalidade específica.[26] O Novo Testamento aponta para o dia quando os reinos deste mundo se converterão em reinos de nosso Senhor e de seu Cristo (Ap 11:15).

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 255-256.
2 MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 649.
3 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 213.
4 Harman, Allan. *Salmos*, p. 256.
5 Spurgeon, Charles H. *Esboços bíblicos de Salmos.* São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 166.
6 Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 204.
7 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 213.
8 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 260.
9 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 193.
10 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 213.
11 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 261.
12 Ibidem.
13 Ibidem.

[14] Ibidem, p. 262.
[15] Henry, Matthew. *Matthew Henry comentário bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 444.
[16] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 199.
[17] Harman, Allan. *Salmos*, p. 258.
[18] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 200.
[19] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 264.
[20] Ibidem, p. 265.
[21] Ibidem.
[22] Harman, Allan. *Salmos*, p. 259.
[23] Ibidem, p. 260.
[24] Ibidem.
[25] Henry, Matthew. *Matthew Henry comentário bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão*, p. 448.
[26] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 266.

Capítulo 68

Os lamentos do Messias

(Sl 69:1-36)

Esse salmo de Davi, ao lado dos salmos 22 e 110, é um dos mais citados no Novo Testamento. Podemos constatar esse fato assim: versículo 4 (Jo 15:25); versículo 9 (Jo 2:17); versículo 21 (Mt 27:34,48); versículos 22 e 23 (Rm 11:9,10); versículo 24 (Ap 16:1); versículo 25 (At 1:20).[1]

Embora o salmo descreva primariamente os lamentos de Davi, sua mensagem aponta, com diáfana clareza, para os lamentos do Filho de Davi, o Messias. Nas palavras de Allan Harman, "originalmente o salmo se referia às amargas experiências de Davi, e então, tipicamente, ele é aplicado a Cristo".[2] Derek

Kidner acrescenta que o Novo Testamento vê a prefiguração de Cristo no zelo que o cantor demonstra para com a casa de Deus e nos seus sofrimentos (69:9,21). Mesmo assim, a própria justaposição entre Davi, que amaldiçoava seus perseguidores, e Jesus, que orava em prol dos seus, ressalta a grande diferença entre o tipo e o antítipo.[3]

Purkiser, citando Morgan, afirma: "Talvez em nenhum outro salmo do Saltério o sentimento de tristeza seja tão profundo ou mais intenso do que nesse. A alma do cantor manifesta um desamparo incontido e uma tristeza que a consome".[4] O salmo enseja-nos várias lições importantes.

Um clamor por livramento (69:1-4)

O salmo começa com um veemente clamor do salmista. Warren Wiersbe destaca que o clamor do salmista é desesperador: "Salva-me" (69:1), "Livra-me" (69:14), "Responde-me" (69:16,17), "Resgata-me" (69:18), "Ponha-me [...] alto refúgio" (69:29).[5] Destacamos aqui três fatos.

Em primeiro lugar, *uma inundação devastadora* (69:1,2). Há aqui um grito por salvação. O salmista sente-se tragado por águas que inundam sua própria alma, sente-se atolado em lamaçal. Nas palavras de Allan Harman, "ele se compara a um homem náufrago, que desesperadamente tenta manter sua cabeça fora da água".[6] Russell Champlin diz que a figura simbólica é a de um homem prestes a morrer afogado.[7] A oração de Davi é a mesma daquele que foi chamado Filho de Davi. As nossas provações são como águas: devem ser mantidas do lado de fora do coração.

Esse versículo, portanto, aponta para o clamor do Messias: "Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia

livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hb 5:7,8). O evangelista Mateus registra como o nosso Senhor angustiou-se muito no jardim de Getsêmani (Mt 27:37), onde travou uma batalha de sangrento suor. Spurgeon, comentando sobre o sofrimento do nosso Redentor, escreve:

> Sofrimento extremo, abundante e mortal penetrara a sua natureza interior. A angústia física não é a primeira queixa. Ele não começa com o fel que lhe amargou os lábios, mas com as fortes aflições que lhe arrombaram o coração. Todas as águas do mar em volta do navio são menos temíveis do que aquelas que conseguem entrar no porão da carga [...]. O sofrimento reúne mais força ainda. Ele é como alguém lançado ao mar, onde as águas encobrem sua cabeça. Primeiro, os sofrimentos foram interiores, depois, ao redor e, agora, acima dele.[8]

Em segundo lugar, *uma demora angustiante* (69:3). No epicentro da tempestade, o salmista clama, sem cessar, a ponto de ficar cansado; ele está desfalecendo de tanto esperar uma resposta que não chega. A Escritura diz que Jesus orou no Getsêmani com tanta agonia que, além de molhar a terra com suas lágrimas, também a molhou com o seu próprio sangue. Mesmo numa noite gelada, ele suou sangue, enquanto seus discípulos dormiram.

Em terceiro lugar, *um conluio perigoso* (69:4). Seus inimigos são tantos que não podem ser enumerados. São poderosos e o odeiam sem causa, inventando falsos motivos para o destruir. Matthew Henry diz que esses inimigos são implacáveis tanto pelo seu número quanto pelo seu poder.[9] Nas palavras de Spurgeon, "o nosso glorioso Redentor não

blasfemou contra Deus nem ofendeu os homens. Inobstante, os civis e os militares, os laicos e os clérigos, os doutores e os bêbados, os príncipes e as pessoas comuns se indispuseram com o ungido do Senhor".[10] O evangelista Mateus registra: "Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança" (Mt 21:38). Spurgeon ainda esclarece:

> Os exércitos da terra e do inferno, coligados, formaram enormes legiões de antagonistas, nenhum dos quais tinha o menor motivo para odiá-lo [...]. Já era ruim o fato de serem muitos, mas o pior é que eles eram poderosos. Todas as forças eclesiásticas e militares do país puseram-se em ordem de batalha contra ele. O poder do sinédrio, a turba e as legiões romanas se combinaram em uníssono para esta destruição absoluta. O Messias, embora inocente, foi tratado como culpado.[11]

O Diabo furtou arrogando no céu o que não era dele quando ostentou que era como o Altíssimo, por isso ele paga uma pena justa. Adão também furtou o que não era dele quando, pela tentação do Diabo: "E, como Deus, sereis (Gn 3:5), ele buscou ser semelhante a Deus, aproveitando-se do engano sofrido pela mulher. Mas o Senhor Jesus "não julgou como usurpação o ser igual a Deus" (Fp 2:6). Mesmo assim, os seus inimigos disseram: "Deve morrer porque se fez Filho de Deus (Jo 19:7)".[12]

Uma descrição dos múltiplos sofrimentos (69:5-12)

Depois de erguer a Deus o seu clamor, o salmista passa a descrever seus múltiplos sofrimentos. Vejamos.

Em primeiro lugar, *uma culpa patente* (69:5). Embora o salmo seja eminentemente messiânico, aqui a narrativa se

volta para Davi, o autor do salmo, pois o salmista admite sua estultícia e sua culpa como fonte de seus sofrimentos. Concordo com Spurgeon quando diz que Davi poderia ter dito isso, mas não o Senhor de Davi.[13]

Em segundo lugar, *um pedido veemente* (69:6). Davi pede a Deus para não ser motivo de escândalo. Sabe que seus inimigos o atacam sem causa, mas, se ele der motivo, então muitos seriam envergonhados e sofreriam vexame. Aplicando esse versículo ao Messias, Spurgeon escreve: "O Senhor dos mártires deu o testemunho de boa confissão. Ele foi fortalecido na hora do perigo e saiu mais do que vencedor, como também sairemos nós, se conservarmos firme a confiança até ao fim".[14]

Em terceiro lugar, *as afrontas injustas* (69:7). As afrontas que Davi suportou foram motivadas pelo seu amor a Deus. Seus inimigos queriam destruí-lo, não por causa de seus erros, mas porque ele amava a Deus. De igual modo, porque Jesus se dispôs a fazer a vontade do Pai e a ensinar a sua verdade, o povo ficou furioso; e, porque declarou ser o Filho de Deus, o sacerdócio enfureceu-se. Não podendo achar nenhum erro nele, foram forçados a inventar uma acusação mentirosa antes de começarem o simulacro do julgamento.[15] Jesus sofreu zombarias cruéis: cuspiram em seu rosto, esbordoaram sua cabeça, cravaram-lhe uma coroa de espinhos na cabeça e desnudaram-no na cruz.

Em quarto lugar, *a rejeição dentro da família* (69:8). Os primeiros inimigos de Davi foram os de sua própria casa. Eliabe, seu irmão mais velho, irou-se contra ele e tentou desmoralizá-lo diante dos soldados de Saul (1Sm 17:28-30). Spurgeon, aplicando essa passagem a Jesus, escreve: "Os judeus, os seus irmãos de raça, o rejeitaram; a sua família,

os seus irmãos de sangue, ficaram ofendidos com ele; e os seus discípulos, os seus irmãos de espírito, o abandonaram e fugiram. Um deles o vendeu, e um dos outros o negou com juramentos e praguejamentos".[16]

Em quinto lugar, *o zelo que consome* (69:9). Davi foi um homem que amou a casa de Deus. Ele trouxe para o monte Sião a arca da aliança e fez todos os preparativos para a construção do templo. Vendo nessa passagem o Messias, Spurgeon escreve: "Há homens que são consumidos pela depravação, outros pela cobiça, e uma terceira classe pelo orgulho, mas a paixão mestre do nosso grande líder era a glória de Deus, o ciúme pelo seu nome e o amor pela família divina".[17]

Em sexto lugar, *o choro amargo* (69:10). Davi foi um homem de muitas lágrimas. Sua alma estava constantemente em jejum, tanto que até mesmo seu choro amargo era razão para as afrontas que suportava. O mesmo aconteceu com o Senhor de Davi. Tendo decidido odiá-lo, tudo o que Ele fazia constituía mais outro motivo para o povo afrontá-lo: se comia e bebia como os outros, era, então, glutão e beberrão; se chorava e se castigava com jejuns, estava então endemoninhado e era louco. Nada é mais cruel do que o preconceito, cujos olhos alteram tudo pelo instrumento com o qual olha e cuja língua faz crítica a tudo indiscriminadamente.[18]

Em sétimo lugar, *o pano de saco* (69:11). O pano de saco é trajado quando a pessoa está debaixo de grande tristeza e severo sofrimento. No auge de sua dor, Davi tornou-se objeto de escárnio para seus inimigos — Jesus também foi chamado de homem de dores e experimentado no sofrimento (Is 53:3).

Em oitavo lugar, *o alvo da maledicência* (69:12). Ele foi alvo de maledicência e tema de canções zombeteiras. Jesus, de igual modo, foi alvo de ácida maledicência e comentários os mais picantes: chamaram-no de beberrão, glutão, blasfemo e endemoninhado.

Uma oração pelo auxílio divino (69:13-18)

Depois de descrever seus múltiplos sofrimentos, Davi passa a pedir o auxílio divino, como veremos a seguir.

Em primeiro lugar, *o objeto, a estação e a esperança da oração* (69:13). Deus é o objeto da oração. O tempo favorável de Deus é a estação da oração, e a riqueza da graça e da fidelidade de Deus são a esperança da oração. Jesus, como homem perfeito, foi um homem de oração: Ele orou no começo, ao longo e no fim de seu ministério terreno e agora exerce o papel de Sumo Sacerdote e vive para interceder pelo seu povo no céu.

Em segundo lugar, *o grito por socorro* (69:14,15). Davi pede a Deus para não naufragar num tremedal nem ser arrastado pela corrente das águas, bem como para não ser trancado num poço de onde não haja escape. Nas palavras de Spurgeon, "o salmista transformou em oração as mesmas palavras de queixa [...]. Ele continua recapitulando os termos do lamento e está disposto a suportar o sofrimento, mas pede graça para não ser vencido por ele; além disso, ele foi ouvido quanto ao que temia [...]. Com respeito a Jesus, a sepultura o encerrou, mas, antes que ela pudesse fechar a boca sobre Ele, Ele arrebentou a prisão. Em outras palavras, o nosso grande Substituto no poço da aflição e da morte ainda era o Conquistador da morte e do inferno".[19]

Em terceiro lugar, *o pedido confiante* (69:16). Davi está fiado na graça compassiva de Deus e na riqueza de suas misericórdias; além disso, ele não pode viver sem o sorriso consolador de Deus.

Em quarto lugar, *a pressa da oração* (69:17). Davi reconhece que a dor mais aguda que pode sentir é ser privado da face de Deus. Ele está angustiado, por isso tem pressa em receber a resposta de sua oração.

Em quinto lugar, *a necessidade daquele que ora* (69:18). O pedido mais veemente é para que Deus se aproxime, uma vez que a redenção das mãos do inimigo vem como resultado da presença manifesta de Deus. Concordo com Spurgeon quando diz que a maior aproximação de Deus é tudo de que o sofredor precisa, pois um sorriso do céu acalmará a raiva do inferno.[20]

O cálice do sofrimento (69:19-21)

Depois de clamar pelo socorro divino, o salmista passa a falar sobre o cálice de seu sofrimento — o texto aponta para os sofrimentos do Messias na cruz do Calvário. William MacDonald diz que o sofrimento e a morte do nosso bendito Redentor foram uma imersão no oceano da ira de Deus (Lc 12:50).[21] Ele bebeu o amargo cálice da ira de Deus sozinho e assumiu o nosso lugar, como nosso representante. Deus lançou sobre Ele a iniquidade de todos nós, de modo que Ele foi feito pecado e maldição, enquanto nós fomos sarados pelas suas pisaduras. Destacamos três verdades no texto.

Em primeiro lugar, *Deus conhece nossos adversários* (69:19). Deus conhece a afronta, a vergonha e o vexame a que seu Filho está sendo submetido. Concordo com Derek Kidner

quando diz que há poucas feridas tão profundas como as que se expressam com as palavras "afronta", "vergonha" e "vexame".[22] Deus conhece todos os nossos inimigos. Spurgeon é oportuno quando coloca essa oração nos lábios de Jesus: "Todos os grupos perversos e ruidosos estão agora presentes aos teus olhos: Judas e a sua traição; Herodes e a sua astúcia; Caifás e a sua deliberação; Pilatos e a sua vacilação, bem como os judeus, os sacerdotes, o povo, os regentes — a todos tu vês e julgarás".[23]

Em segundo lugar, *o abandono dos homens* (69:20). O sofrimento do Messias levou-o ao desfalecimento. Cuspiram em seu rosto, esbordoaram sua cabeça, cravaram-lhe na fronte uma coroa de espinhos e fizeram-no carregar uma pesada cruz pelas apinhadas ruas de Jerusalém. Até aqueles que lhe juraram fidelidade irrestrita o abandonaram. Jesus foi abandonado por aqueles que experimentaram sua bondade: Judas o traiu, e Pedro o negou; os demais discípulos fugiram acovardados, e ele bebeu sozinho o cálice amargo da ira de Deus, porque aquela era a hora do poder das trevas (Lc 22:53).

Em terceiro lugar, *as agruras da cruz* (69:21). O Messias foi estendido no leito vertical da morte, expulso da terra e rejeitado pelo céu; até o sol escondeu o rosto dele — houve trevas ao meio-dia. Por alimento lhe deram fel e ainda em sua sede atroz lhe deram de beber vinagre, agravando ainda mais sua sede. Allan Harman destaca que o "fel" era um derivado de uma erva venenosa. A ideia é que os consoladores chegaram a ponto de o traírem, por implicação, pondo veneno em seu alimento. Em sua agonia, oferecem a Jesus vinho misturado com fel, porém ele recusou bebê-lo (Mt 27:34), tendo em vista que isso poderia ter afetado seu autocontrole nesse crucial estágio de seu sofrimento.[24]

O clamor pelo juízo divino (69:22-28)

O salmista passa do cálice do sofrimento para um clamor pelo juízo divino sobre seus inimigos. Spurgeon está certo em dizer que, desse ponto em diante, Davi e o nosso Senhor separam-se por algum tempo, pois o espírito severo da lei respira imprecações, enquanto o coração terno de Jesus oferece orações pelos assassinos.[25] Encontramos aqui uma sétupla maldição sobre o ímpio.

Em primeiro lugar, *que sua mesa se torne laço* (69:22). O salmista roga a manifestação do juízo divino sobre seus inimigos, a fim de que sua mesa se torne em laço; sua prosperidade, em armadilha.

Em segundo lugar, *que seus olhos se tornem cegos* (69:23a). Roga também que os olhos de seus adversários sejam obscurecidos para que vacilem na jornada. Spurgeon alerta: "Os olhos que não veem beleza no Senhor Jesus, mas flamejam ira contra ele, ficam cada vez mais cegos até que a morte espiritual leva à morte eterna".[26]

Em terceiro lugar, *que os seus corpos sejam vacilantes* (69:23b). "[...] e faze que sempre lhes vacile o dorso". A debilidade física deveria ser uma maldição imposta em resposta à oração imprecatória.

Em quarto lugar, *que a ira divina alcance seus inimigos* (69:24). O pedido é para que Deus derrame sobre seus inimigos sua indignação, e o ardor de sua ira alcance todos eles. Aqueles que rejeitam a graça atraem a ira; portanto, aqueles que rejeitam o Salvador colocam-se debaixo de condenação. Se aqueles que menosprezavam a lei de Moisés morriam sem misericórdia, quanto maior castigo está reservado para aqueles que calcam aos pés o Filho de Deus (Hb 10:28,29)?

Em quinto lugar, *que sua morada se torne deserta* (69:25,26). Ainda roga para que a sua morada fique deserta, sem habitantes em suas tendas, pois perseguem aquele a quem Deus feriu. A proclamação de Nabucodonosor se cumpre aqui: "Portanto, faço um decreto pelo qual todo povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas em monturo; porque não há outro Deus que possa livrar como este" (Dn 3:29).

Em sexto lugar, *que suas iniquidades não sejam perdoadas* (69:27). Davi roga que seus inimigos não sejam absolvidos por Deus. Nesse ponto, mais uma vez o Messias teve postura diametralmente oposta, pois, ao ser crucificado por mãos de iníquos, sua primeira palavra na cruz foi: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34).

Em sétimo lugar, *que sua memória seja apagada* (69:28). Davi roga a morte de seus inimigos e que não haja registro deles entre os justos. Champlin diz que os criminosos e os traidores eram riscados da lista dos cidadãos das cidades-estado, perdendo, assim, os direitos como cidadãos; alguns deles eram até exilados.[27] Concordo com Spurgeon quando diz que aqueles que foram alistados com honra serão apagados com vergonha, pois a morte obliterará toda a lembrança deles, e não serão mais estimados. Judas, primeiro, e Pilatos, Herodes e Caifás, todos no devido tempo, foram rapidamente exterminados da existência. Os nomes só permanecem como exemplo proverbial, mas não são registrados entre os honrados que vivem depois da partida.[28] Allan Harman diz que a ideia do livro dos vivos vem de Êxodo 32:32, onde Moisés ora a Deus: se ele não perdoasse a seu povo, então que seu nome fosse apagado do livro de Deus. Para os perversos, o pedido do salmista é para que pereçam

e que seus nomes não sejam escritos lado a lado com os dos justos.[29]

O cântico de louvor (69:29-33)

O salmo encerra com Davi voltando-se para Deus para lhe fazer súplicas e dar-lhe louvores. Terminam as imprecações, as profecias e as queixas, e agora começa um tipo de oração mais suave, intercalada com arroubos de cânticos de gratidão e previsões de encorajamento do bem promissor.[30] Nas palavras de Purkiser, "o poeta se ergue do meio das trevas para um vislumbre de esperança".[31] Vejamos.

Em primeiro lugar, *a certeza do socorro de Deus* (69:29). O salmista admite sua amargura e aflição, mas roga a Deus para colocar seu socorro em alto refúgio, ensinando-nos que a oração é o poderoso recurso para mudar nossos sentimentos e nossas circunstâncias. Matthew Henry diz, acertadamente, que é melhor ser aflito e triste debaixo da bênção de Deus do que ser rico e jovial, mas viver debaixo da maldição divina, pois aqueles que tiverem parte na justiça de Deus em breve verão o fim de sua tristeza e da sua aflição, e a sua salvação os colocará num lugar alto, que é o grande motivo da oração de Davi nessa passagem. Isso pode ser aplicado a Cristo, que foi, na sua humilhação, aflito e triste, homem de dores, e que não tinha onde reclinar a cabeça, mas Deus o exaltou sobremaneira; a salvação operada nele e por Ele fez que ele fosse elevado muito acima dos poderes e principados.[32]

Em segundo lugar, *a disposição de louvar a Deus* (69:30). A disposição agora é para o louvor. O salmista quer louvar e dar graças a Deus pelo seu livramento. Com respeito a Jesus, pode-se dizer que aquele que cantou depois da

Páscoa ainda canta com mais alegria depois da ressurreição e ascensão; além disso, Ele rege as melodias eternas, e todos os seus santos se unem no coral.[33]

Em terceiro lugar, *o culto que agrada a Deus* (69:31). O salmista reconhece que o sacrifício de louvor é a liturgia que agrada a Deus. A oferta de sacrifícios não tem valor para Deus quando o coração não vem junto em fervente adoração e louvor.

Em quarto lugar, *a alegria dos que buscam a Deus* (69:32, 33). O salmista diz que chegou a hora de substituir a aflição pela alegria. Aqueles que buscam a Deus têm o coração reavivado, isso porque o Senhor responde aos necessitados e não menospreza os seus prisioneiros.

A adoração universal (69:34-36)

Depois do louvor pessoal, o salmista faz uma convocação para um louvor universal. Mesmo a natureza inanimada deve louvar ao Senhor, pois Ele se faz conhecido como o Salvador do seu povo. Duas verdades se destacam.

Em primeiro lugar, *uma ordem universal* (69:34). A ordem é para que os céus e a terra, os mares e tudo quanto neles se move louvem a Deus.

Em segundo lugar, *um motivo exponencial* (69:35,36). O motivo para esse louvor cósmico é porque Deus salvará o seu povo e lhe dará segurança. Derek Kidner tem razão em dizer que esse salmo é mais uma lembrança de que mesmo as orações mais desesperadas podem, com toda a razão, terminar com doxologia.[34] Corrobora com esse pensamento Allan Harman quando escreve: "A lição desse salmo é clara, isto é, que, mesmo em tempos de grande angústia, os olhos

da fé têm de buscar a plena demonstração da misericórdia restauradora de Deus. Há "um lar de justiça" à espera do povo de Deus (1Pe 3:13).[35]

Notas

[1] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 261.
[2] Ibidem.
[3] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 267.
[4] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 215.
[5] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 206.
[6] Harman, Allan. *Salmos*, p. 261.
[7] Champlin, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 2261.
[8] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 240,241.
[9] Henry, Matthew. *Matthew Henry comentário bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão* Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 450.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2, p. 242.
[11] Ibidem.
[12] Ibidem, p. 269.
[13] Ibidem, p. 242.
[14] Ibidem, p. 243.
[15] Ibidem.
[16] Ibidem, p. 243-244
[17] Ibidem, p. 244.
[18] Ibidem.
[19] Ibidem, p. 246.
[20] Ibidem, p. 247.
[21] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 652.
[22] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 269.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 247.
[24] Harman, Allan. *Salmos,* p. 263.
[25] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 248.

[26] Ibidem, p. 249.
[27] Champlin, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 2265.
[28] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 250.
[29] Harman, Allan. *Salmos,* p. 264.
[30] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 250.
[31] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 217.
[32] Henry, Matthew. *Matthew Henry comentário bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão,* p. 454.
[33] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 251.
[34] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 271.
[35] Harman, Allan. *Salmos*, p. 265.

Capítulo 69

Oração em tempos de angústia

(Sl 70:1-5)

Esse salmo é a repetição, com algumas variantes, de Salmos 40:13-17. Esse é o segundo salmo que é repetição de outro. O primeiro foi o salmo 53, que é uma reprise do salmo 14. Os cinco versículos do salmo 70 formam os cinco últimos versículos do salmo 40. Allan Harman sugere que esses versículos do salmo 70 foram tirados do salmo 40 e usados em algum momento de grande aflição.[1]

Derek Kidner acredita que essa duplicação surgiu por meio da compilação que se fez de coleções separadas de salmos.[2] Concordo, entretanto, com Spurgeon quando diz que esse salmo memorial age como elo entre os dois salmos de

expostulação suplicatória e forma com eles uma preciosa tríade de cânticos. É um anexo congruente ao salmo 69 e um prefácio apropriado ao salmo 71.[3]

Purkiser, citando Morgan, diz que esse breve salmo é o soluço impetuoso de uma solicitude ansiosa, pois encontramos pouca quietude nele. Os inimigos estão engajados em perseguição cruel e em escárnio cheio de motejo. Parece que o cantor sente que a pressão está se tornando insuportável e, com medo de ser vencido, clama para que Deus apresse o seu livramento. A confiança do cantor é evidente; por isso, ele clama a Deus e, evidentemente, não há espaço em seu coração para questionar a capacidade de Deus em guardá-lo. A única pergunta é se o socorro chegará em tempo.[4]

Matthew Henry diz que Davi ora para que Deus envie: 1) auxílio para si mesmo (70:1,5); 2) vergonha sobre os seus inimigos (70:2,3); 3) alegria para os seus amigos (70:4).[5] Vamos seguir as diretrizes desse esboço.

Davi pede auxílio para si mesmo (70:1,5)

Davi pede auxílio para si mesmo em decorrência das circunstâncias e das condições em que estava. O salmista enfrenta três perigos reais. Vejamos.

Em primeiro lugar, *perseguição* (70:1,2). Spurgeon tem razão em dizer que não nos é proibido, nas horas de angústia medonha, pedir que Deus se apresse em nos salvar: "Praza-te, ó Deus, em livrar-me; dá-te pressa, ó SENHOR, em socorrer-me" (70:1).[6] A perseguição chega ao salmista sob três aspectos.

Primeiro, *hostilidade mortal* (70:2a). "Sejam envergonhados e cobertos de vexame os que me demandam a vida..." Os inimigos de Davi querem matá-lo. Spurgeon diz que, nesse versículo, as palavras "à uma" e "para destruí-la", que ocorrem em Salmos 40:14, são omitidas. Quem está com pressa não usa mais palavras do que seja realmente necessário. Os inimigos desejaram envergonhar sua fé e destruí-lo, e ele pede, com fervor, que eles sejam desapontados e cobertos de confusão.[7]

Segundo, *maldade indisfarçada* (70:2b). "[...] tornem atrás e cubram-se de ignomínia os que se comprazem no meu mal." Os inimigos de Davi se comprazem no seu mal. Concordo com Spurgeon quando diz que a expressão "tornar atrás" pode significar a mesma coisa que ser confundido. A maldade desapontada é muito mais semelhante a desolação do que se pode imaginar.[8]

Terceiro, *escárnio escancarado* (70:3). "Retrocedam por causa da sua ignomínia os que dizem: Bem feito! Bem feito!" Seus inimigos escarnecem de Davi ao vê-lo enfrentar tribulações e angústias. Tentaram envergonhá-lo, mas eles é que saíram envergonhados e confundidos. A arma forjada contra os filhos de Deus não prosperará, e aqueles que zombam dos filhos de Deus serão motivo de zombaria para sempre.

Em segundo lugar, *aflição* (70:5a). "Eu sou pobre..." A pobreza traz em sua esteira muitas aflições; contudo, é quando nos sentimos fracos que recorremos a Deus, a nossa fortaleza, e isso está de acordo com o que disse o apóstolo Paulo: "Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte"

(2Co 12:10). Nas palavras de Spurgeon, "a nossa pobreza é a nossa riqueza, ao mesmo tempo que a nossa fraqueza é a nossa força".[9]

Em terceiro lugar, *necessidades* (70:5b). "[...] e necessitado..." Davi é um homem que está carente em vários aspectos da vida. Ele é uma vítima da trama de seus inimigos, os quais se alegram com sua desdita e fazem planos para tirar sua vida. Quando, porém, os recursos da terra se esgotam e o auxílio do homem se torna ineficaz, recorre à oração e encontra em Deus socorro e salvação.

Davi pede vergonha sobre seus inimigos (70:2,3)

Duas coisas nos chamam a atenção.

Em primeiro lugar, *a descrição que Davi faz de seus inimigos* (70:2,3). O salmista descreve os seus inimigos de três maneiras:

Primeiro, *eles são violentos* (70:2b). Eles são como caçadores que queriam capturá-lo e destruí-lo.

Segundo, *eles têm prazer na maldade* (70:2b). Os inimigos de Davi se comprazem no mal, ou seja, todo o pensamento e proceder deles é inclinado para o mal. Eles fazem provisão para o mal, de tal modo que não cogitam o bem, não praticam o bem nem o experimentam.

Terceiro, *eles eram escarnecedores* (70:3). Eles zombam dele, diante de suas desventuras, dizendo-lhe com mórbido prazer: Bem feito! Bem feito! Essas exclamações são ebulições de insolência exultante.

Em segundo lugar, *a oração que Davi faz contra seus inimigos* (70:2). A oração de Davi contra seus inimigos tem dois componentes. Primeiro, Davi ora para que os

maus intentos de seus inimigos sejam frustrados e que eles sejam envergonhados nessa sanha cruel. Segundo, ele ora para que eles retrocedam por causa de sua ignomínia (70:3). Retroceder é bater em retirada, é pegar a mesma estrada de onde vieram com más intenções e sofrer acachapante derrota.

Davi pede alegria para seus amigos (70:4).

Davi ora para que os que buscam a Deus e amam a sua salvação folguem e se alegrem nele e também que vivam para adorá-lo e exaltá-lo. Spurgeon tem razão em dizer que a ira contra os inimigos não deve nos fazer esquecer dos amigos, pois é melhor salvar um único amigo do que matar mil inimigos.[10] Duas verdades sublimes são destacadas aqui.

Em primeiro lugar, *a alegria é o cálice daqueles que buscam a Deus* (70:4a). "Folguem e em ti se rejubilem todos os que te buscam..." Todos os verdadeiros adoradores, mesmo que estejam nas fileiras dos buscadores mais humildes, terão motivos para se alegrar, pois, ainda que a busca tenha começado na escuridão, ela trará luz consigo.[11] Quem busca a Deus encontra-o, e quem pede socorro a Deus encontra nele amparo e libertação.

Em segundo lugar, *o culto a Deus é a razão maior da nossa vida* (70:4b). "[...] e os que amam a tua salvação digam sempre: Deus seja magnificado!" Enquanto uns amam o dinheiro, os prazeres e o sucesso acima da salvação de Deus, os piedosos podem se deleitar na adoração e viver para exaltar a Deus constantemente por causa de sua salvação graciosa, pois só aqueles que foram libertos por Deus podem exaltá-lo. Fomos criados para o louvor da glória de

Deus, portanto adorá-lo e desfrutá-lo para sempre é a razão de nossa própria vida. Por fim, concordo com Spurgeon quando diz que a doxologia "Deus seja magnificado" é infinitamente mais valorosa e enobrecedora do que o latido dos cães: Bem feito! Bem feito![12]

Notas

1 Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 266.
2 Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 271.
3 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 273.
4 Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon.* Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 217.
5 Henry, Matthew. *Matthew Henry comentário bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão.* Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 455.
6 Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2, p. 274.
7 Ibidem.
8 Ibidem.
9 Ibidem.
10 Ibidem.
11 Ibidem,
12 Ibidem.

Capítulo 70

Deus, verdadeiro refúgio na velhice

(Sl 71:1-24)

Billy Graham, o maior evangelista do século 20, em seu livro *A caminho de casa*, diz que "a velhice não é para os fracos". É tempo de fraqueza física, os olhos ficam embaçados, os ouvidos moucos, os joelhos trôpegos, as mãos descaídas, e dizem os entendidos que cada fio de cabelo branco que brota em nossa cabeça é a morte nos chamando para um duelo.

O salmo 71 é uma oração e o testemunho de um idoso (71:9,18), e há uma brandura e serenidade nesse salmo que é característico de uma vida longa vivida na dependência de Deus.[1]

Esse é um salmo anônimo e sem título — esse é o único salmo no Livro 2 sem um título. Muito embora estudiosos como Allan Harman, Derek Kidner e Warren Wiersbe afirmem que não é possível identificar o autor do salmo 71 nem mesmo suas circunstâncias, outros estudiosos, como Calvino, Matthew Henry e Charles Spurgeon, afirmam que ele foi escrito por Davi e que as circunstâncias são consoantes à mais dolorosa crise vivida por ele no final de sua vida, quando seu próprio filho Absalão conspirou contra ele para matá-lo e usurpar o trono. Esse foi o maior problema enfrentado por Davi no final de sua vida, por isso estamos inclinados a admitir que esse salmo é, de fato, de autoria davídica.

Derek Kidner ressalta que o salmista é velho, ou está envelhecendo, e que tem sofrido problemas excepcionais (71:7), que não mostram sinais de diminuírem. Para compensar a diminuição das suas forças, agora levanta suas lembranças, já de longo alcance, da fidelidade de Deus, e sua crescente esperança no seu poder para renovar a vida.[2] Vemos nesse salmo a doce compreensão exalada em Isaías 46:3,4: "[...] vós, a quem desde o nascimento carrego e levo nos braços desde o ventre materno. Até à vossa velhice, eu serei o mesmo e, ainda até às cãs, eu vos carregarei; já o tenho feito; levar-vos-ei, pois, carregar-vos-ei e vos salvarei".

Quatro verdades podem ser destacadas nesse salmo: o Senhor é o nosso libertador no presente (71:1-4); é o nosso apoio desde o passado (71:5-13); é a nossa esperança no futuro (71:14-21); e é também o motivo do nosso louvor dia após dia (71:22-24).

O Senhor é o nosso libertador no presente (71:1-4)

Davi está encurralado pelo inimigo, e o ímpio, o homem cruel, está prestes a colocar suas mãos nele para destruí-lo. Nesse cenário cinzento de perseguição, Davi recorre a Deus em oração. Os versículos de 1 a 4 são muito parecidos com Salmos 31:1-3; além disso, o salmista toma emprestado dos salmos 22, 31, 35 e 40, deixando claro que ele é um homem impregnado da Palavra de Deus, versículos esses que expressam a confiança dele em Deus desde a sua infância.

Allan Harman tem razão em dizer que perseguição é um fato da vida de crentes comprometidos (2Tm 3:12), e não há nenhum estágio da vida em que se sentem isentos dela.[3] Destacamos aqui algumas lições.

Em primeiro lugar, *a oração é a arma poderosa dos fracos* (71:1). "Em ti, SENHOR, me refugio; não seja eu jamais envergonhado." A oração é a arma mais poderosa do mundo, pois é endereçada pelos crentes fracos ao Deus onipotente.. Ela une a fraqueza humana à onipotência divina e conecta o altar da terra com o trono do céu, de modo que aqueles que são atacados por poderosos e cruéis inimigos de todos os lados encontram em Deus refúgio e jamais ficam envergonhados.

Em segundo lugar, *a oração é baseada não em méritos humanos, mas na justiça divina* (71:2). "Livra-me por tua justiça e resgata-me; inclina-me os teus ouvidos e salva-me." Davi, muito embora fosse um homem piedoso, não lançava aos céus sua oração, fiado em sua justiça própria. Ele clama por livramento e resgate, confiado na justiça divina. Também não se apresenta a Deus reivindicando direitos,

mas roga ao Senhor para inclinar os seus ouvidos para ele, a fim de salvá-lo.

Em terceiro lugar, *Deus é a nossa morada mais segura* (71:3). "Sê tu para mim uma rocha habitável em que sempre me acolha; ordenaste que eu me salve." Quando os inimigos vêm com fúria indômita para nos atacar, devemos buscar o refúgio *de* Deus e o refúgio *em* Deus, pois, estando e habitando nele, estamos seguros e salvos, pois o Senhor é a nossa rocha e a nossa fortaleza, onde o inimigo não pode nos alcançar. Spurgeon apresenta essa oração de Davi assim:

> Permite-me entrar em ti e sentir-me em casa como alguém no próprio lar. Depois, deixa-me ficar em ti como minha casa permanente. Tendo em vista que os inimigos me perturbam, preciso de uma habitação estruturada e protegida para sustentar o assédio e resistir aos ataques dos exércitos. Defenda-me a tua onipotência e seja como uma fortaleza para mim.[4]

Na verdade, os crentes têm em Deus a sua habitação e nele estão seguros; estando protegidos nele e por Ele, nenhum inimigo poderá feri-los.

Em quarto lugar, *Deus é o nosso libertador onipotente* (71:4). "Livra-me, Deus meu, das mãos do ímpio, das garras do homem injusto e cruel." Todo aquele que é ímpio para com Deus é injusto para com os homens. Davi estava sendo atacado por todos os flancos, e aqueles que conspiravam contra Ele eram injustos e cruéis; então, clama a Deus para livrá-lo de suas garras. Mesmo em sua velhice, Davi se vê cercado por homens injustos e cruéis, de cujas garras ele pede a Deus para livrá-lo. Spurgeon diz que quem faz uma

oração assim a Deus causa mais dano aos inimigos do que se tivesse usado uma bateria de canhões.[5]

O Senhor é o nosso apoio desde o passado (71:5-13)

Davi passa a relatar sua experiência com Deus desde os primórdios de sua vida. Derek Kidner diz que aqui o salmista olha para trás, para os limites de suas memórias (71:5) e para além delas (71:6), a fim de renovar a sua confiança na corda tríplice de um relacionamento que perdurava durante a vida inteira e que sempre bastou em outros tempos de fraqueza.[6]

Warren Wiersbe diz que, quando nos sentimos desanimados e preocupados, faz bem olhar para trás e contar nossas bênçãos, lembrando-nos da fidelidade do Senhor. Assim como Samuel, podemos erigir o nosso próprio "Ebenézer" e dizer: "Até aqui nos ajudou o SENHOR" (1Sm 7:12). Desde a concepção até o nascimento, e desde o nascimento até a idade adulta, o Senhor tem acompanhado o salmista e não estava prestes a abandoná-lo agora nem em sua velhice, pois a esperança não termina quando chega a aposentadoria.[7] Algumas lições são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *Deus é a nossa esperança e confiança desde a mocidade* (71:5). "Pois tu és a minha esperança, SENHOR Deus, a minha confiança desde a minha mocidade." Davi não era um neófito. Ele andou com Deus desde a sua tenra idade, e as experiências do passado o sustentaram nas provas do presente. Sendo assim, podemos dizer que é um sublime privilégio nascer num lar crente e beber o leite da piedade desde a mais tenra idade. Spurgeon diz que lembrar e confessar a Deus na juventude serão a grande

satisfação na velhice, pois a juventude bem vivida é o maior consolo da velhice.[8]

Em segundo lugar, *Deus é o nosso apoio desde o nascimento* (71:6). "Em ti me tenho apoiado desde o meu nascimento; do ventre materno tu me tiraste, tu és motivo para os meus louvores constantemente." Davi compreende que Deus esteve presente em sua vida antes mesmo de ele nascer, e sua vinda ao mundo é atribuída a uma ação divina. Deus tem sido o seu apoio desde que nasceu, bem como o motivo de seus louvores ao longo da vida. William MacDonald tem razão em dizer que feliz é o homem que pode dizer que Deus tem sido seu apoio desde o nascimento, pois, se ele tem se apoiado em Deus desde a infância, não lhe faltará suporte na velhice, e, se o Senhor tem sido o motivo de seus louvores desde o nascimento, não lhe faltará material para louvar a Deus nos últimos anos da vida.[9]

Em terceiro lugar, *Deus é o nosso refúgio apesar dos nossos dramas pessoais* (71:7). "Para muitos sou como um portento, mas tu és o meu forte refúgio." A palavra "portento" significa um sinal ou maravilha, uma demonstração especial do poder de Deus.[10] Nesse contexto, porém, a palavra é usada no sentido negativo. Davi era uma espécie de espetáculo para seus inimigos, uma vez que seus adversários o viam como alguém desprezível, fraco e desamparado. Quando, porém, os homens apostavam em sua derrota fragorosa, o Senhor ergueu-se como o seu refúgio. Allan Harman diz que a palavra "portento" é usada na seção de Deuteronômio que trata das maldições que sobrevirão a Israel em decorrência da desobediência (Dt 28:46). Aqui ela parece indicar que o salmista se sente como se fosse objeto do castigo divino, contudo não hesita em entregar-se ao sólido refúgio.

A glória de Deus era o que ele queria proclamar constantemente (71:8).[11] Nessa mesma linha de pensamento, Derek Kidner escreve:

> Parece melhor entender "portento" aqui no seu mau sentido de "uma advertência solene", de modo semelhante a Deuteronômio 28:46, onde os desobedientes sofrem um fim que serve de exemplo. Este salmista, embora as pessoas tirem as piores conclusões dos sofrimentos dele, conclusões estas que são as mais agradáveis para elas, continua resolutamente o tema que começou nos versículos 5 e 6, esperando em Deus, que concluirá a boa obra que começou havia tempo. Nota-se, também, o efeito crucial da frase "mas tu" (71:7b) que desvia a sua atenção dele mesmo e do inimigo em derredor (71:8); trata-se do escape para a realidade, e não uma fuga dela.[12]

Em quarto lugar, *Deus é a razão e o alvo de nosso louvor* (71:8). "Os meus lábios estão cheios do teu louvor e da tua glória continuamente." Os livramentos pretéritos são a melodia do hoje, uma vez que aquilo que Deus fez por nós no passado inspira-nos a cantar hoje.

Em quinto lugar, *Deus é o nosso amparo na velhice* (71:9). "Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares." Da reflexão sobre a confiante entrega de sua juventude ao Senhor, o salmista agora se volve à sua presente velhice e, em sua crescente fraqueza, ele roga que Deus não o lance fora (Sl 51:11).[13] A velhice é a estação outonal da vida; é quando o vigor da juventude evapora como névoa, e os cabelos brancos são como um telhado coberto de neve. Nesse momento, Davi pede a Deus para não o rejeitar nem o desamparar.

Em sexto lugar, *Deus é o nosso defensor contra os inimigos* (71:10,11). Os inimigos atacam com a língua e com as mãos, ferindo com palavras e com ações violentas. Vejamos.

Primeiro, *os inimigos atacam com palavras* (71:10,11a). "Pois falam contra mim os meus inimigos; e os que me espreitam a alma consultam reunidos, dizendo: Deus o desamparou..." Homens maus juntos combinam o melhor plano de seus ataques contra os crentes (83:3), e, nesse ataque, a maledicência é a arma dos ímpios. Sua língua é mais afiada do que espada, e eles estocam veneno mortal em sua língua. Os inimigos de Davi, ao verem sua velhice e ainda suas aflições, deram logo o diagnóstico, afirmando que Deus o havia desamparado. Allan Harman diz que uma das ironias mais difíceis que os crentes têm que enfrentar é aquela que, em sua aflição, é como se Deus os abandonasse. Mas a realidade é que Deus jamais abandona os seus fiéis (Sl 37:28).[14] Spurgeon diz que os cães uivam ao redor do leão agonizante. Quando o braço de Davi podia castigar os inimigos, eles ainda eram suficientemente descarados para caluniá-lo, mas, agora que está fraco, ele teme que venham a tomar demasiada liberdade com ele.[15] Ao dizerem que Deus havia desamparado Davi, os inimigos usam um insulto amargo para feri-lo, pois não há flecha pior em todas as aljavas do inferno. O nosso Senhor foi alvo dessa seta farpada, e não é de admirar se os discípulos também fossem atacados do mesmo modo. Fosse a exclamação verdadeira, teria sido realmente o pior dia para nós, mas, glória seja dada a Deus, é uma mentira descarada.[16]

Segundo, *os inimigos atacam com ações violentas* (71:11b). "[...] persegui-o e prendei-o, pois não há quem o livre." Depois de falar mal, os inimigos se lançam contra Davi

para persegui-lo e prendê-lo. Arrogantemente, diziam que ninguém podia livrá-lo de suas mãos.

Em sétimo lugar, *Deus é nosso socorro bem presente nas tribulações* (71:12,13). "Não te ausentes de mim, ó Deus; Deus meu, apressa-te em socorrer-me. Sejam envergonhados e consumidos os que são adversários de minha alma; cubram-se de opróbrio e de vexame os que procuram o mal contra mim." Davi teme mais a ausência de Deus do que a presença dos inimigos e, em face do ataque que está sofrendo, pede a Deus que se apresse em livrá-lo e confundir e consumir o inimigo.

O Senhor é a nossa esperança no futuro (71:14-21)

Davi volta a sua atenção para o futuro e passa de "tu és a minha esperança" (71:5) para "esperarei sempre" (71:14), mostrando que aquilo que Deus fez e faz, Ele também fará; em outras palavras, o passado é o alicerce do presente e a garantia do futuro. Davi agora lança seus olhos no futuro para afirmar que aquele que foi seu apoio desde o nascimento e a sua esperança e confiança desde a mocidade será sua esperança no futuro e o motivo de seus louvores. Concordo com Warren Wiersbe quando escreve: "Quando confiamos em Deus, as tribulações da vida trabalham a nosso favor, não contra nós, e nos conduzem à glória (2Co 4:16-18; Rm 5:3-5)".[17] Destacamos aqui algumas lições.

Em primeiro lugar, *uma esperança exultante* (71:14,15). "Quanto a mim, esperarei sempre e te louvarei mais e mais. A minha boca relatará a tua justiça e de contínuo os feitos da tua salvação, ainda que eu não saiba o seu número." Os livramentos de Deus do passado são motivo para o renovo

da esperança quanto ao futuro e o compromisso da adoração fervorosa. Davi quer louvar a Deus mais e mais, e relatar os feitos benditos de sua salvação, mesmo consciente de que não pode enumerá-los todos. Spurgeon é oportuno quando diz que devemos dar testemunho à medida que a experiência nos habilita, e não reter dos outros o que provamos e lidamos. A fidelidade de Deus em nos salvar, nos livrar das mãos dos inimigos e cumprir as promessas tem de ser proclamada em todos os lugares por quem experimentou na própria história.[18]

Em segundo lugar, *uma confissão empolgante* (71:16,17). "Sinto-me na força do SENHOR Deus; e rememoro a tua justiça, a tua somente. Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas maravilhas." Davi, mesmo velho, sente-se fortalecido na força do Senhor. Sua memória está lúcida para rememorar a justiça de Deus, e ele está plenamente consciente de que Deus o tem ensinado desde sua juventude e que, mesmo na velhice, continua anunciando as maravilhas divinas.

Em terceiro lugar, *uma súplica confiante* (71:18). "Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força e às vindouras o teu poder." Davi roga a Deus para não o desamparar na velhice, pois tem uma importante missão a cumprir: declarar à presente geração a força de Deus e às gerações vindouras o poder do Senhor. Ele era um homem que investia nas futuras gerações e não queria despedir-se desta vida antes de passar o bastão da fé para a nova geração. Spurgeon pergunta: "Será que há melhores pregadores das obras de Deus do que pais grisalhos no círculo dos filhos ou avós no círculo dos netos?"[19]

Em quarto lugar, *um testemunho vibrante* (71:19,20). "Ora, a tua justiça, ó Deus, se eleva até aos céus. Grandes coisas tens feito, ó Deus; quem é semelhante a ti? Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida e de novo me tirarás dos abismos da terra." O salmo se move rumo à conclusão com uma forte nota de confiança. Davi enaltece a justiça divina, pois ela se eleva até os céus e está além da compreensão humana; confessa os grandes feitos de Deus em sua vida; reconhece que Deus é incomparável em seu ser e em suas obras; e também atribui a Deus as providências carrancudas de sua disciplina, bem como sua doce restauração. Spurgeon esclarece esse ponto do seguinte modo:

> O Senhor mostrou-nos muitas provações pesadas e severas; também me mostrará muitas e preciosas misericórdias. Quase me matou; também me reavivará. Embora eu estivesse quase morto e enterrado, ele me dará uma ressurreição "e me tirará dos abismos da terra". Por mais fundo que o Senhor nos permita descer, ele fixa um limite para a descida e, no devido tempo, nos leva para cima outra vez. Mesmo quando formos baixados à sepultura, a misericórdia é que não desceremos mais do que isso, mas voltaremos pelo mesmo caminho e subiremos a regiões melhores. Tudo isso porque o Senhor é sempre poderoso para salvar.[20]

Em quinto lugar, *um pedido veemente* (71:21). "Aumenta a minha grandeza, conforta-me novamente." Davi está sendo ameaçado de morte e está em vias de perder o trono, porém roga a Deus para reconduzi-lo ao trono e fortalecer ainda mais o seu poder. Também pede a Deus para confortá-lo novamente, como fez tantas vezes no passado. Como

fomos rodeados por aflições, assim seremos rodeados por consolações, e de cima e de todos os lados a luz virá para dispersar a nossa antiga escuridão. A mudança será realmente grande quando o Senhor voltar para nos consolar.[21]

O Senhor, o motivo do nosso louvor continuamente (71:22-24)

Davi encerra esse salmo com louvor. O escritor era um poeta, um cantor e um instrumentista e usou todos os seus dons para louvar ao Senhor. Assim, tange seus instrumentos e abre seus lábios para exaltar o Santo de Israel. Essa é a primeira vez que este nome de Deus, "Santo de Israel", aparece em Salmos, e só vai aparecer mais duas vezes (78:41; 89:18). Warren Wiersbe diz que o poeta começou pedindo que jamais fosse humilhado ou confundido e, agora, termina com a certeza de que a humilhação e a confusão sobrevirão a seus inimigos. Fez uma retrospectiva de sua vida de tribulações e de bênçãos do Senhor, olhou ao redor e viu seus inimigos; olhou adiante e viu a velhice e seus problemas; chegou até mesmo a olhar para as profundezas da terra (71:20). No entanto, quando olhou para o alto e percebeu que a justiça de Deus "se eleva até aos céus" (71:19), encheu-se de confiança e deixou as preocupações com o Senhor. Um ótimo exemplo a ser seguido.[22]

J. A. Motyer diz que o salmo iniciou-se com oração (71:1-3), depois a oração fundiu-se com louvor (71:12-16), mas agora somente o louvor permanece por causa da fidelidade, da santidade e dos atos redentores de Deus (71:2,15), bem como em resposta às orações (71:22-24). Para esse exercício de louvor, Davi traz seus dedos para tocar, seus lábios para cantar e sua língua para proclamar.[23] Três verdades são aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *Deus deve ser louvado pela sua verdade* (71:22). "Eu também te louvo com a lira, celebro a tua verdade, ó meu Deus; cantar-te-ei salmos na harpa, ó Santo de Israel." A harpa, a lira e a língua se unem em altos louvores; o culto do templo é assim animado.[24] A designação divina "Santo de Israel" é usada trinta vezes em Isaías, mas apenas três vezes em Salmos (71:22; 78:41; 89:18). Davi abre os lábios e tange a lira e a harpa para louvar a Deus, celebrando a verdade do Senhor. Num mundo de enganos e mentiras, de falsos deuses e falsas crenças, de falsas doutrinas e falsos mestres, de falsos homens e falsas palavras, Davi celebra a verdade do Deus verdadeiro — na verdade, ele está em um êxtase de jubiloso louvor.

Em segundo lugar, *Deus deve ser louvado pela sua redenção* (71:23). "Os meus lábios exultarão quando eu te salmodiar; também exultará a minha alma, que remiste." Davi abre seus lábios cheio de exultação para salmodiar a Deus, e sua alma está em festa porque foi liberta da morte e remida pelo Senhor.

Em terceiro lugar, *Deus deve ser louvado pela sua justiça* (71:24). "Igualmente a minha língua celebrará a tua justiça todo o dia; pois estão envergonhados e confundidos os que procuram o mal contra mim." Davi encerra esse poema celebrando diariamente a justiça de Deus, que lhe deu vitória, envergonhando e confundindo seus inimigos que tramaram o mal contra ele. Tomo emprestado as palavras de Derek Kidner para encerrar essa exposição: "Este veterano, com seu bom nome preservado e com a confirmação da sua fé, pode ficar com a mente sossegada e dedicar os dedos, os lábios e o coração ao louvor de Deus, ao contar a sua história".[25]

NOTAS

[1] PURKISER, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 217.
[2] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 272.
[3] HARMAN, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 266.
[4] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 279.
[5] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 280.
[6] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 273.
[7] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo,* vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 208.
[8] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 289.
[9] MACDONALD, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 657.
[10] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 208.
[11] HARMAN, Allan. *Salmos,* p. 267.
[12] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário,* p. 273.
[13] HARMAN, Allan. *Salmos,* p. 267.
[14] Ibidem.
[15] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 281.
[16] Ibidem, p. 282.
[17] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 209.
[18] SPURGEON, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 283.
[19] Ibidem, p. 297.
[20] Ibidem, p. 285.
[21] Ibidem.
[22] WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3, p. 209.
[23] MOTYER, J. A. "Psalms". In: *New Bible Commentary* Leiscester, England: Inter-Varsity Press, 1998, p. 531.
[24] CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo,* vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 2271.
[25] KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 275.

Capítulo 71

O reinado do Messias

(Sl 72:1-20)

O TÍTULO DESSE SALMO o atribui a Salomão, porém a expressão "de Salomão" é traduzida na Septuaginta por "para Salomão".[1] Nesse caso, Davi seria o autor do salmo e o teria escrito no final de sua vida, dedicando-o a Salomão, seu filho e sucessor. A maioria dos estudiosos, entrementes, aceita a autoria de Salomão e até traça um paralelo entre Salomão e Jesus. A sabedoria de Salomão (1Rs 4:29,30) é apenas uma sombra diante da luz aurifulgente da sabedoria de Jesus, pois a Escritura diz: "em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2:3). A paz e a prosperidade do reino de Salomão apontam

para a verdadeira paz trazida por aquele que é o Príncipe da Paz (Is 9:6), o grande pacificador (Ef 2:14), aquele que é maior do que Salomão (Mt 12:42).

William MacDonald diz que esse salmo começa com uma oração por um monarca terreno, possivelmente Salomão, mas muito cedo concluímos que o escritor está olhando além de Salomão, para as glórias do reino do Senhor Jesus Cristo.[2] Purkiser corrobora dizendo: "Esta é, na verdade, a descrição do reino perpétuo do nosso Senhor Jesus Cristo. [...] As condições de justiça social, estabilidade, prosperidade e paz que o salmo descreve não são meramente ideais; seu cumprimento atual e final está plenamente subentendido por causa da esperança messiânica".[3]

Spurgeon, citando Joseph Caryl, diz que esse salmo foi escrito por um rei, é dedicado a um rei e tem em vista principalmente aquele que é o Rei dos reis.[4] Muito embora esse salmo não seja citado no Novo Testamento, ele é claramente messiânico, pois o rei descrito nesse salmo não é Davi, mas o Messias, conhecido como o Filho de Davi. O rei aqui mencionado não é propriamente Salomão, mas aquele que é maior do que Salomão (Mt 12:42); na verdade, muito pouco desse salmo é aplicável a Salomão, ou seja, quase todo ele pertence exclusivamente ao Messias. Salomão e seu reino pacífico são um tipo da pessoa e do reino de Cristo. Spurgeon, citando William Bennie, diz que o salmo, do princípio ao fim, não só pode ser aplicado a Cristo, mas grande parte dele é impossível de ser devidamente aplicado a qualquer outra pessoa.[5]

Allan Harman está coberto de razão em afirmar que as promessas feitas nesse salmo concernentes ao rei vão além de tudo quanto pudesse ser prometido a um descendente

comum de Davi. Todos os reis um dia se curvarão diante dele (72:11), e a extensão de seu reino é descrita em termos idênticos à passagem messiânica em Zacarias 9:9-13. A tela de fundo do salmo é a aliança com Davi em 2Samuel 7, mas a visão é do último governante davídico, Jesus Cristo.[6]

Esse salmo fala sobre o reinado do Messias. O comentarista bíblico Matthew Henry menciona dez características desse reino messiânico:

1. terá um governo justo (72:2; Is 11:4; At 17:31);
2. terá um governo pacífico (72:3,7);
3. protegerá os pobres e necessitados (72:2,4);
4. ajustará contas com os opressores soberbos (72:4);
5. concederá toda sorte de bênçãos aos seus súditos (72:5-7);
6. trará consolo aos seus súditos (72:6,7);
7. será universal (72:8-11);
8. será amado e honrado por todos os seus súditos (72:15-17);
9. será de completa abundância (72:16);
10. será perpétuo (72:17).[7]

Ditas essas coisas à guisa de introdução, vamos, agora, expor o salmo.

A justiça do reino (72:1-4)

Vemos aqui uma oração pelo rei. Muito embora primariamente o salmista possa estar se referindo ao seu próprio reinado, os atributos desse rei e as marcas do seu reino só

podem ser adequadamente atribuídas ao Messias e ao seu reino. Purkiser escreve: "A justiça do rei e sua equidade resultante são o tema da estrofe de abertura do cântico".[8] Nessa mesma linha de pensamento, Derek Kidner diz que a justiça domina essa abertura do salmo, e, segundo as Escrituras, é a primeira virtude de governo, ainda antes da compaixão.[9] Vejamos.

Em primeiro lugar, *o pedido em favor do rei* (72:1). "Concede ao rei, ó Deus, os teus juízos e a tua justiça, ao filho do rei." Salomão era rei e filho de rei, assim como Jesus, o nosso Redentor e Rei dos reis. Como homem, ele é filho de Davi; como Deus, é Filho do Altíssimo. A marca de seu reino é a aplicação dos juízos de Deus e o exercício da justiça divina. O Senhor lhe confiou todo o julgamento (Jo 5:27; At 17:31), e Ele é justo em todas as suas obras, por isso julga retamente. Sendo assim, Ele é a nossa própria justiça (Jr 23:6).

Em segundo lugar, *o padrão de justiça do reino* (72:2). "Julgue [...] com justiça o teu povo e os teus aflitos, com equidade." Os reinos deste mundo são manchados pela injustiça e feridos pela violência, mas o reino de Cristo é o reino onde a justiça assenta-se no trono. Os aflitos e fracos não são preteridos nem injustiçados, pois o reino do Messias é reino de equidade. Corrupção, conspiração e opressão não encontram espaço no reino de Cristo. Spurgeon é oportuno quando escreve: "Que consolação é sentir que ninguém sofrerá injustiça no reino de Cristo. Ele se assenta no grande trono branco, sem a mancha de uma única ação injusta ou até mesmo de engano de julgamento".[10]

Em terceiro lugar, *a paz do reino é fruto da justiça* (72:3). "Os montes trarão paz ao povo, também as colinas a trarão,

com justiça." William MacDonald diz que "montanhas" são geralmente usadas nas Escrituras para representar autoridades governamentais. Assim, os súditos do reino de Cristo podem esperar equidade e justiça em todas as suas cortes.[11] A paz é filha da justiça, e onde impera a injustiça a paz bate em retirada. Os reinos deste mundo vivem em guerra e não experimentam a verdadeira paz, porque a injustiça traja-se de toga e os injustos sobem aos tronos. Spurgeon escreve: "Onde Jesus está, há paz duradoura, intensa e eterna, e até as coisas que outrora eram o nosso medo perdem todo o terror quando Jesus é reconhecido como o monarca do coração. A própria morte, esse monte de trevas, perde toda escuridão. As provações e aflições, quando o Senhor está conosco, produzem em nós um aumento em vez de diminuição de paz".[12]

Em quarto lugar, *a compaixão e o rigor do rei* (72:4). "Julgue ele os aflitos do povo, salve os filhos dos necessitados e esmague ao opressor." William MacDonald diz que, ao longo dos séculos, os pobres e necessitados têm sido oprimidos, explorados, perseguidos e até mesmo mortos. Contudo, no reino do Messias, eles serão libertos, e seus opressores, julgados. O rei de justiça e de paz julga com justiça os aflitos e salva os filhos dos necessitados. Como burros de carga, eram oprimidos, mas agora são salvos da tirania do pecado, do poder de Satanás e do ódio do mundo. Pelo seu sacrifício vicário na cruz, fomos justificados e agora temos paz com Deus.[13] No entanto, o mesmo rei que redime o seu povo é implacável com o opressor e Ele os esmagará com a sua vara de ferro. No entanto, vale ressaltar que compaixão e rigor são as marcas do seu governo.

A eternidade do reino (72:5-7)

Allan Harman diz que, em contraste com outras dinastias, a promessa a Davi era que seu reino se destinava a ser perene, expresso aqui em comparação com o sol e a lua (72:5). A promessa foi reiterada várias vezes no Antigo Testamento (Sl 89:28,29; 132:11,12; Is 9:7) e foi renovada nas palavras do anjo Gabriel a Maria, quando anunciou o nascimento iminente de Jesus: "Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim" (Lc 1:31-33).[14] Destacamos três verdades solenes aqui.

Em primeiro lugar, *seu reino nunca terá fim* (72:5). "Ele permanecerá enquanto existir o sol e enquanto durar a lua, através das gerações." Os reinos deste mundo ascendem ao poder e apeiam do poder. Reis sobem ao trono e são despejados do trono, mas o reino de Cristo nunca terá fim, pois é tão duradouro quanto as luzes do céu. Não há qualquer decrepitude no reino de Jesus. Spurgeon destaca: "Os mais poderosos impérios passaram como os sonhos da noite. Contemplamos a destruição dos Césares, os restos mortais dos mongóis e os últimos remanescentes dos otomanos. Carlos Magno, Maximiliano, Napoleão passaram tão rapidamente quanto sombras diante de nós. Foram e já não são; entretanto, Jesus é para sempre".[15]

Em segundo lugar, *seu reino será restaurador* (72:6). "Seja ele como chuva que desce sobre a campina ceifada, como aguaceiros que regam a terra." O rei é a fonte da restauração, e o seu reino é o território da restauração; além disso, a presença do rei é sua maior dádiva ao seu povo. Ah,

que contraste com os grandes conquistadores do passado e do presente! Eles foram, via de regra, os açoites que caíram sobre a humanidade, como chuva de enxofre, transformando terras férteis em desertos inóspitos. Como a chuva traz restauração para as pradarias, dando vigor à semente para nascer, crescer, florescer e frutificar, do mesmo modo a presença de Jesus no meio do seu povo é a razão de sua vida frutífera e bem-aventurada. Derek Kidner destaca que o rei justo é como o sol e a chuva para seus súditos, criando as condições dentro das quais tudo quanto é precioso e bom pode florescer.[16]

Em terceiro lugar, *seu reino será próspero* (72:7). "Floresça em seus dias o justo, e haja abundância de paz até que cesse de haver lua." O justo floresce no reino do Messias e desfruta de abundância de paz. No reino dos déspotas, só os monstros como eles prosperam. Como diz Spurgeon, "Os iguais gostam e atraem os iguais".[17] Jesus como rei-sacerdote, da ordem de Melquisedeque, é rei de justiça e de paz. Ele é a nossa justiça e a nossa paz, e seu reino é reino de justiça e paz; por isso, aonde chega o seu governo, aí predomina a prosperidade.

A universalidade do reino (72:8-11)

Allan Harman diz que a extensão do reino do governante messiânico é expressa em termos da promessa a Abraão (72:8), entretanto há uma notável mudança. A fronteira não se estende até o rio Eufrates, mas para além dele, e ele nunca mais será um território limitado à terra prometida, mas constituirá um reino universal. Desde os lugares mais remotos, o povo reconhecerá o governo do Messias,

e seus inimigos se sujeitarão à autoridade dele (72:9,10).[18] Destacamos aqui quatro verdades sublimes.

Em primeiro lugar, *seu domínio é universal* (72:8). "Domine ele de mar a mar e desde o rio até aos confins da terra." Nenhum reino deste mundo pode encaixar-se nessa descrição. Somente o reino de Cristo domina de mar a mar, de uma extremidade a outra da terra. Seus súditos procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9). Concordo com Spurgeon quando diz que só os confins da terra servirão de fronteiras para o seu território, uma vez que todos os outros governos estarão subordinados a Ele. E Ele não tomará conhecimento de rival ou antagonista, pois será o regente de toda a humanidade;[19] além disso, seu reino não é apenas eterno, mas também universal.

Em segundo lugar, *seu domínio exige submissão universal* (72:9). "Curvem-se diante dele os habitantes do deserto, e os seus inimigos lambam o pó." Os habitantes do deserto são nômades ingovernáveis, temidos por causa de suas armas mortíferas. Até mesmo os povos mais hostis e beligerantes precisam se curvar diante do Rei dos reis. Spurgeon diz que, invencíveis pelas armas, eles serão vencidos pelo amor; e, selvagens sem lei como foram, com alegria usarão o suave jugo dele. Então, os desertos se alegrarão, se regozijarão e florescerão como a rosa.[20] Aqueles, porém, que permanecerem resistindo ao reino de Deus serão fragorosamente derrotados e subjugados, e lamberão pó, pois são descendentes da serpente (Gn 3:14).

Em terceiro lugar, *seu domínio exige reconhecimento universal* (72:10). "Paguem-lhe tributos os reis de Társis e das ilhas; os reis do Sabá e de Sebá lhe ofereçam presentes." Os reis de perto e de longe, os mais remotos e os de maior

projeção reconhecerão o senhorio de Cristo e lhe pagarão tributos como reconhecimento de seu governo universal. A descrição de Deserto, Társis, Sabá e Sebá aponta para as nações mais incivilizadas, as mais distantes e as mais opulentas prestando homenagem ao Messias.[21]

Em quarto lugar, *seu domínio exige rendição universal* (72:11). "E todos os reis se prostrem perante ele; todas as nações o sirvam." Nenhum rei jamais recebeu reverência universal nem foi servido por todas as nações, e essa é uma peculiaridade do reino de Cristo. A Escritura diz que Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2:9-11). O apóstolo Paulo descreve esse cenário do seguinte modo: "E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés" (1Co 15:24,25). O profeta Daniel falou desse reino: "[...] o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre" (Dn 2:44).

A redenção do reino (72:12-14)

No reino de Cristo, a pobreza será dissipada, a injustiça social será uma coisa do passado e a redenção será uma realidade, de modo que o fraco e o necessitado terão livre acesso à sala do trono. Nas palavras de Purkiser, "o Rei é um Rei-Redentor, porque ele livrará o necessitado, o aflito

e o que não tem quem o ajude (72:12). Ele libertará a sua alma do engano e da violência (72:14), e precioso será o seu sangue aos olhos dele (72:14), evidenciando o grande valor que eles têm a ponto de não permitir que sejam oprimidos".[22] Três verdades devem ser aqui destacadas.

Em primeiro lugar, *o rei acolhe e acode os inacolhíveis* (72:12). "Porque ele acode ao necessitado que clama e também ao aflito e ao desvalido." O rei messiânico é justo e compassivo e acode o necessitado que clama, bem como ao aflito e desvalido. Aqueles que são tratados como massa de manobra pelos poderosos deste século são acolhidos pelo Rei dos reis. Concordo com Spurgeon quando diz que essa é uma excelente razão para os homens submeterem-se ao Senhor Jesus, não porque têm medo do poder avassalador, mas porque foram conquistados pelo seu governo justo e condescendente. Quem não temeria um Príncipe tão bom, que faz do necessitado o seu cuidado peculiar e empenha-se em dar-lhe livramento em tempos de necessidade? Jesus ajuda quem não pode se ajudar nem encontra ajuda em outras pessoas; assim, todos os desamparados estão sob os cuidados especiais do compassivo Rei de Sião.[23]

Em segundo lugar, *o rei salva os que nada têm para retribuir* (72:13). "Ele tem piedade do fraco e do necessitado e salva a alma aos indigentes." O Messias não salva os que ostentam pretensos méritos, mas salva os indigentes e se apieda dos fracos que nada têm para retribuir ou a reivindicar. Sua salvação é gratuita, ou seja, somos salvos pela graça, e pela graça somente (Ef 2:8,9).

Em terceiro lugar, *o rei redime a alma dos oprimidos* (72:14). "Redime a sua alma da opressão e da violência, e precioso lhe é o sangue deles." O Rei dos reis não esmaga

seus súditos, derramando seu sangue com brutal violência e injustiça. Ao contrário, ele mesmo derramou seu sangue pelo seu povo (Ef 1:7), e também redime a alma do seu povo da opressão do Diabo, do mundo e do pecado.

A bênção universal do reino (72:15-17)

O Rei será reconhecido e honrado por todos e também bendito para sempre. Suas bênçãos são generosas e abundantes, e a colheita será tão abundante que a brisa que sopra pelos campos maduros agitará o trigo assim como os cedros do Líbano se movem com o vento do mar. O versículo 17 é claramente messiânico na sua aplicação mais plena. O nome do Rei é eterno; homens serão abençoados nele; e todas as nações lhe chamarão bem-aventurado.[24] Warren Wiersbe diz que a prosperidade trazida pelo Messias não será apenas política (o rei), mas também econômica (ouro), espiritual (oração) e comercial (colheitas abundantes).[25] Destacamos aqui quatro verdades.

Em primeiro lugar, *o rei merece a riqueza das nações* (72:15a). "Viverá, e se lhe dará do ouro de Sabá..." O Rei dos reis vive para sempre. Ele esteve morto, mas está vivo pelos séculos dos séculos (Ap 1:18); além disso, Ele triunfou sobre a morte, matou a morte e arrancou o seu aguilhão, por isso a ele será trazido o ouro mais fino da terra de Sabá, pois dele é o ouro e a prata (Ag 2:8).

Em segundo lugar, *o rei é bendito continuamente* (72:15b). "[...] e continuamente se fará por ele oração, e o bendirão todos os dias." Ele será bendito eternamente. Os santos glorificados e os anjos nunca cessarão de exaltá-lo, e mesmo assim ele jamais será exaltado suficientemente. O apóstolo João escreveu: "Digno é o Cordeiro que foi morto

de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. [...] Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos" (Ap 5:12,13).

Em terceiro lugar, *o rei tem rica provisão* (72:16). "Haja na terra abundância de cereais, que ondulem até aos cumes dos montes; seja a sua messe como o Líbano, e das cidades floresçam os habitantes como a erva da terra." Seu reino é reino de rica provisão e fartura. A fertilidade da terra é indescritível, de tal modo que mesmo os lugares não cultivados, como o cume dos montes, serão produtivos; além disso, as cidades se encherão de pessoas de forma colossal, e jamais haverá falta de provisão. Essa descrição aponta para a igreja, o trigal de Deus. A igreja é o trigal de Deus que cresce e se multiplica para alimentar as nações com a verdade. Nas palavras de Spurgeon, "os súditos de Cristo serão tão abundantes quanto as folhas da grama, que brotam de repente como o verdor oriental depois de uma chuva benfazeja. Não precisamos ter receio pela causa da verdade na terra. O Senhor Jesus disse: "Não temas, ó pequeno rebanho, porque o vosso Pai agradou dar-vos o Reino" (Lc 12:32).[26]

Em quarto lugar, *o rei é a fonte de bênção inesgotável* (72:17). "Subsista para sempre o seu nome e prospere enquanto resplandecer o sol; nele sejam abençoados todos os homens, e as nações lhe chamem bem-aventurado." O rei tem o nome que está acima de todo nome, e, enquanto o sol brilhar, seu nome prosperará. Além disso, Ele é a fonte abençoadora de todos os homens, por isso as nações reconhecem que Ele é bem-aventurado.

A doxologia do reino (72:18,19)

Esse salmo encerra o Livro 2 do Saltério (42—72). A doxologia completa o segundo livro de Salmos, e não somente esse salmo. Temos visto que, ao final de cada um dos cinco livros do Saltério, há uma doxologia de exaltação a Deus (41:13; 72:18,19; 89:52; 106:48; 150:1-6). Portanto, depois de descrever as bênçãos do reino do Messias, o salmista encerra não só esse salmo, mas o segundo livro de Salmos, com essa magnífica doxologia. Destaco aqui três verdades.

Em primeiro lugar, *Deus deve ser bendito por seus atos prodigiosos* (72:18). "Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel, que só ele opera prodígios." Vemos aqui o objeto e o assunto do louvor. O Deus de Israel é louvado, porque só ele opera maravilhas. Os deuses dos povos são fabricados pelas mãos humanas, portanto impotentes. Contudo, o Deus de Israel é o Todo-poderoso Deus criador dos céus e da terra. Ele tem feito notório o seu nome por seus grandes feitos.

Em segundo lugar, *Deus deve ser bendito pelo seu glorioso nome* (72:19a). "Bendito para sempre o seu glorioso nome..." Vemos aqui a duração do louvor, tendo em vista que o nome glorioso de Deus deve ser bendito para sempre.

Em terceiro lugar, *Deus deve ser bendito por sua glória que enche a terra* (72:19b). "[...] e da sua glória se encha toda a terra. Amém e amém!" Vemos aqui a extensão e o eco do louvor. Deus deve ser exaltado porque sua glória enche toda a terra. Diante de afirmações tão sublimes, o salmista encerra seu registro com um duplo amém! Spurgeon, citando Richard Sibbes, diz que "amém" é uma palavra curta, mas maravilhosamente prenhe, repleta de significados e cheia de espírito. É uma palavra que sela

todas as verdades de Deus e sela toda promessa particular de Deus.[27]

Um pós-escrito (72:20)

A conclusão desse salmo é um pós-escrito: "Findam as orações de Davi, filho de Jessé" (72:20). Purkiser tem razão em dizer que esse versículo é uma das indicações de que o Livro de Salmos é composto de coleções menores. Obviamente, isso não quer dizer que todos os salmos de Davi estão incluídos nos dois livros precedentes, visto que os salmos 86, 101, 103, 108-110, 122, 124, 131, 133, 139-145 são identificados pelo título como sendo do maior rei-salmista de Israel. Essa nota indicaria naturalmente o final de uma coleção anterior dos salmos de Davi, que hoje, é claro, faz parte de um todo maior.[28]

Esse versículo não afirma que Davi foi o autor desse salmo, mas ele está inserido aqui porque esse salmo encerra o segundo livro de Salmos (42—72), onde a maioria deles foi de autoria de outros escritores, como Asafe e os filhos de Coré.

Quando Davi, no final de sua vida, enxerga, pelos olhos da fé, o reinado do Messias, afirma como Simeão: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação" (Lc 2:29,30).

Notas

[1] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário.* São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 276.

[2] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary.* Westmont: IVP Academic, 1995, p. 658.
[3] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos". In: *Comentário bíblico Beacon*, vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 218,219.
[4] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi,* vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 309.
[5] Ibidem.
[6] Harman, Allan. *Salmos.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 269.
[7] Henry, Matthew. *Matthew Henry comentário bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão.* Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 461-464.
[8] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 219.
[9] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 277.
[10] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 302.
[11] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary,* p. 658.
[12] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 302.
[13] MacDonald, William. *Believer's Bible Commentary,* p. 659.
[14] Harman, Allan. *Salmos,* p. 270.
[15] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 303.
[16] Kidner, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*, p. 278.
[17] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 304.
[18] Harman, Allan. *Salmos,* p. 270.
[19] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 304.
[20] Ibidem, p. 305.
[21] Ibidem, p. 314.
[22] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 219.
[23] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 306.
[24] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 219.
[25] Wiersbe, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*, vol. 3. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 211.
[26] Spurgeon, Charles H. *Os tesouros de Davi*, vol. 2, p. 307.
[27] Ibidem, p. 319.
[28] Purkiser, W. T. "O livro de Salmos", vol. 3, p. 220.